JOHN VERDON

autor de **Eu sei o que você está pensando**

FECHE OS BEM OLHOS

Se você pensa que existe redenção para os erros do passado, o presente pode mostrar que você está fatalmente enganado.



ARQUEIRO

JOHN VERDON

FECHE BEM OS OLHOS

ARQUEIRO



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Título original: *Shut Your Eyes Tight*
Copyright © 2011 por John Verdon
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Ana Grillo e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

capa: Superfantastic

adaptação de capa: Raul Fernandes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

V595f

Verdon, John

Feche bem os olhos [recurso eletrônico] / John Verdon [tradução de Alves Calado]. São Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: Shut your eyes tight
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-094-5 (recurso eletrônico)

1. Detetives - Ficção. 2. Ficção americana 3. Livros eletrônicos. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953-. II. Título.

12-5543

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Prólogo

A solução perfeita

Parou na frente do espelho e sorriu com profunda satisfação para seu próprio reflexo sorridente. Naquele momento, não podia estar mais contente consigo mesmo, com sua vida, com sua inteligência. Não, era mais do que isso, mais do que a mera inteligência. Seu estado mental podia ser descrito mais precisamente como uma profunda compreensão de tudo, uma compreensão que ia muito além do alcance normal da sabedoria humana. Viu o sorriso em seu rosto no espelho se alargar mais diante da adequação da expressão, que ele havia sublinhado na mente enquanto pensava nisso. Por dentro podia sentir – literalmente – o poder de sua percepção de todas as coisas humanas. Por fora, o curso dos acontecimentos era prova disso.

Em primeiro lugar, falando da forma mais simples possível, ele não fora descoberto. Cerca de 24 horas haviam se passado – faltavam apenas alguns minutos –, e nesse giro quase completo da Terra ele apenas ficara mais seguro. Mas isso era previsível: havia cuidado para garantir que não existisse pista a ser seguida nem lógica que levasse alguém até ele. E de fato ninguém aparecera. Ninguém o descobrira. Portanto, era razoável concluir que eliminar aquela vaca presunçosa fora um sucesso em todos os sentidos.

Tudo havia corrido de acordo com o plano: tranquilamente, conclusivamente. Conclusivamente *era uma definição ótima. Tudo acontecera conforme o previsto, sem tropeços, sem surpresas. A não ser por aquele som. Cartilagem? Devia ser. O que mais?*

Era uma coisa tão minúscula que não fazia sentido que houvesse criado uma impressão sensorial tão duradoura. Mas talvez a força, a durabilidade da impressão, tivesse sido simplesmente o

resultado natural de sua sensibilidade fora do comum. Aquele nível de percepção tinha seu preço.

Sem dúvida aquele sonzinho, como um estalido, algum dia seria tão fraco em sua memória quanto a imagem de todo aquele sangue, que já começava a se desbotar. Era importante manter as coisas em perspectiva, lembrar-se de que tudo passa. Cada ondulação no lago acaba sumindo.

FECHE BEM OS OLHOS

Agradecimentos

Quando terminei meu primeiro romance, *Eu sei o que você está pensando*, tive a sorte extraordinária de ser representado por uma agente notável, Molly Friedrich, junto com seus maravilhosos sócios, Paul Cirone e Lucy Carson.

Minha sorte foi confirmada quando o livro foi comprado por Rick Horgan, da Crown, um editor incrível.

Hoje, continuo a ser abençoado pela orientação e pelo apoio dessas pessoas honestas, inteligentes e talentosas. Sua combinação ideal de crítica compreensiva e entusiasmo caloroso tornou meu novo livro, *Feche bem os olhos*, melhor em todos os sentidos.

Rick, Molly, Paul, Lucy: obrigado!

Capítulo 1

A vida no campo

Havia uma imobilidade no ar matinal de setembro que parecia a imobilidade de um submarino que desliza com os motores desligados para escapar dos equipamentos de escuta do inimigo. Toda a paisagem era mantida imóvel pela força invisível de uma calma gigantesca, a calma que precede uma tempestade, uma calma tão profunda e imprevisível quanto o oceano.

Fora um verão estranhamente quieto, com a seca exaurindo devagar a vida da grama e das árvores. Agora o verde das folhas estava se desbotando e ficando marrom e elas já haviam começado a cair silenciosamente dos galhos dos bordos e das bétulas, diminuindo a perspectiva de um outono colorido.

Dave Gurney estava de pé na cozinha, olhando pela porta envidraçada para o jardim e o gramado aparado que separava a casa do pasto que descia em direção ao lago e ao velho celeiro vermelho. Sentia-se um pouco desconfortável e desconcentrado, a atenção pairando entre o canteiro de aspargos no fim da horta e o pequeno trator de terraplenagem amarelo, ao lado do celeiro. Bebericou lentamente o café matinal, que esfriava no ar seco.

Adubar ou não – essa era a questão dos aspargos. Ou, ao menos, a primeira questão. Se a resposta fosse sim, haveria uma segunda questão: usar adubo a granel ou em sacos? O fertilizante, segundo fora informado por vários sites que Madeleine lhe indicara, era a chave para o sucesso com os aspargos, mas não estava totalmente claro se ele precisava complementar a aplicação feita na última primavera.

Nos dois anos em que estavam nas Catskills viera tentando, na medida do possível, mergulhar naqueles assuntos de casa e jardim a que Madeleine se dedicara com entusiasmo instantâneo, mas os

incômodos cupins do arrependimento viviam roendo seus esforços – remorso não tanto pela compra dessa casa específica, com seus 20 hectares pitorescos, que ele continuava a considerar um bom investimento, mas pela decisão de mudar completamente de vida que estava ligada a ela: deixar o Departamento de Polícia de Nova York e se aposentar aos 46 anos. A pergunta incômoda era: será que havia trocado cedo demais seu distintivo de detetive de primeira classe pelas tarefas horticultoras de um futuro fidalgo rural?

Certos acontecimentos premonitórios sugeriam que sim. Desde que se mudara para aquele paraíso pastoral, ele havia desenvolvido um tique na pálpebra esquerda. Para sua consternação e a inquietação de Madeleine, ele começara a fumar de novo, esporadicamente, depois de 15 anos de abstinência. E, claro, havia o elefante branco na sala: sua decisão de se envolver no outono anterior, um ano depois de sua suposta aposentadoria, no horrível caso de assassinato Mellery.

Quase não sobrevivera à experiência e até colocara Madeleine em perigo durante o processo, e naquele momento de clareza que um contato próximo com a morte costuma proporcionar se sentira motivado durante um tempo a se dedicar por completo aos simples prazeres da nova vida rural. Mas há algo estranho na imagem cristalina de como a pessoa deveria viver. Se você não se agarra a ela todo dia, a visão se desbota rápido. Um momento de graça é apenas um momento de graça. Logo se torna uma espécie de fantasma, uma imagem pálida na retina, recuando para fora do alcance como a lembrança de um sonho, até se tornar nada mais do que uma nota dissonante na harmonia da vida.

Entender esse processo, como descobriu Gurney, não oferece uma chave mágica para revertê-lo. Logo, uma espécie de indiferença era a melhor atitude que ele conseguia assumir com relação à vida no campo. Era uma postura que o colocava fora de sintonia com sua mulher. Também o fazia pensar se alguém poderia mudar de verdade ou, de forma mais objetiva, se *ele* poderia mudar algum dia. Em seus momentos mais sombrios, ficava desanimado com a intransigência de seu modo de pensar, de seu modo de *ser*.

A situação do trator de terraplenagem era um bom exemplo. Ele havia comprado um velho trator usado pequeno, seis meses antes,

descrevendo-o a Madeleine como uma ferramenta prática para a propriedade de 20 hectares de floresta e campina e os 400 metros de estradinha de terra. Ele o via como um meio de fazer os reparos necessários de paisagismo e outras melhorias – algo bom e útil. Mas ela pareceu enxergar a aquisição como o que de fato era: não um veículo que prometia seu envolvimento maior com a vida nova, mas um símbolo barulhento e fedendo a óleo diesel de seu descontentamento, de sua insatisfação com o ambiente dos dois, de sua infelicidade pela troca da cidade pelas montanhas, de sua mania controladora de tentar modificar um mundo novo e indesejável, deixando-o com a forma de seu próprio desejo. Ela só havia articulado a objeção uma vez, com esta simplicidade: "Por que você não pode aceitar tudo o que está à nossa volta como um presente, um presente lindo, e parar de tentar *consertá-lo*?"

Enquanto estava parado junto à porta de vidro, lembrando-se com desconforto do comentário, ouvindo em sua cabeça seu tom gentilmente exasperado, a voz real de Madeleine se intrometeu em seus pensamentos vindo de algum lugar atrás dele.

– Existe alguma chance de você olhar os freios da minha bicicleta até amanhã?

– Eu disse que ia olhar.

Ele tomou outro gole de café e se encolheu. Fazia um frio desagradável. Olhou para o velho relógio de pêndulo acima do aparador de pinho. Tinha quase uma hora livre antes de sair para dar uma das suas aulas ocasionais como professor visitante na Academia Estadual de Polícia em Albany.

– Você devia vir comigo um dia desses – convidou ela, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer.

– Vou, sim – falou ele, a resposta usual às sugestões periódicas de se juntar a ela num passeio de bicicleta pela paisagem ondulante de pastos e florestas que constituíam boa parte da região ocidental das Catskills.

Virou-se para ela. Madeleine estava parada junto à porta da sala de jantar e usava uma calça de malha gasta, um suéter largo e um boné de beisebol manchado de tinta. De repente ele não pôde deixar de sorrir.

– Que foi? – perguntou ela, inclinando a cabeça.

– Nada. – Às vezes a presença dela era tão encantadora que esvaziava sua mente de qualquer pensamento confuso, negativo. Madeleine era aquele tipo raro de criatura: uma mulher linda que parecia se importar muito pouco com a própria aparência. Ela se aproximou e parou junto dele, examinando a paisagem.

– Os cervos estiveram no comedor de pássaros – informou, parecendo mais entretida do que irritada.

Do outro lado do gramado, três alimentadores de pássaros presos em pedaços de pau estavam totalmente fora do lugar. Olhando para eles, Gurney percebeu que compartilhava, até certo ponto, da atitude benevolente de Madeleine com relação aos cervos e aos pequenos danos que eles provocavam – o que parecia curioso, já que seus sentimentos eram bem diferentes dos dela com relação à destruição causada pelos esquilos, que agora mesmo estavam consumindo as sementes que os cervos não tinham conseguido extrair do fundo dos alimentadores. Agitados, rápidos, de movimentos agressivos, eles pareciam motivados por uma fome obsessiva comum aos roedores, um desejo avarento e focado de consumir cada migalha de comida disponível.

Enquanto seu sorriso evaporava, Gurney olhou-os com uma espécie de irritabilidade que, avaliando objetivamente, ele suspeitava estar se tornando sua reação automática a muitas coisas – uma irritabilidade que decorria das falhas de seu casamento, e as evidenciava. Madeleine descrevia os esquilos como fascinantes, inteligentes, ágeis, de uma energia e uma determinação espantosas. Ela parecia amá-los como amava a maioria das coisas na vida. Gurney, por outro lado, queria matá-los.

Bom, não *matá-los* literalmente, mas talvez acertá-los com uma pistola de ar comprimido capaz de arrancá-los dos alimentadores de pássaros e mandá-los voando para a floresta, onde era seu lugar. Matar era uma solução que jamais lhe atraía. Em todo o seu tempo no Departamento de Polícia de Nova York, em todos os anos como detetive de homicídios, nos 25 anos lidando com homens violentos numa cidade violenta, ele jamais havia sacado a arma em vão, mal a havia disparado fora de um estande de tiros, e não queria começar agora. O que quer que o tivesse atraído no trabalho policial, que o fizera se dedicar ao serviço durante tantos anos, com

certeza não fora o apelo de uma arma ou a solução enganosamente simples que ela oferece.

Percebeu que Madeleine o olhava com aquela sua expressão curiosa, avaliadora – provavelmente adivinhando, pela tensão no queixo dele, seus pensamentos sobre os esquilos. Em resposta à aparente clarividência dela, Gurney queria dizer algo que justificasse sua hostilidade contra os ratos de cauda fofa, mas o toque do telefone o interrompeu – de fato, os toques de dois telefones soaram ao mesmo tempo: o telefone fixo no escritório e seu celular no aparador da cozinha. Madeleine foi para o escritório. Gurney pegou o celular.

Capítulo 2

A noiva trucidada

Jack Hardwick era um cínico detestável, irritante, de olhos lacrimosos, que bebia demais e achava quase tudo na vida uma piada. Tinha poucos admiradores entusiasmados e à primeira vista não inspirava confiança. Gurney estava convencido de que, se todas as motivações questionáveis de Hardwick acabassem, não lhe restaria nenhuma motivação.

Mas Gurney também o considerava um dos detetives mais inteligentes e perspicazes com quem já trabalhara. Assim, quando encostou o telefone no ouvido, aquela inconfundível voz áspera gerou sentimentos confusos.

– Davey, meu garoto!

Gurney se retraiu. Não era um cara que gostasse dessas intimidades, nunca seria, e presumiu que tinha sido justamente por isso que Hardwick escolhera essa maneira especial de falar.

– O que posso fazer por você, Jack?

A gargalhada do sujeito era irritante e impertinente, como sempre.

– Quando trabalhamos no caso Mellery você costumava se gabar de acordar junto com as galinhas. Então resolvi ligar para ver se era verdade.

Havia uma certa quantidade de bobagens que a pessoa sempre precisava suportar antes que Hardwick se dignasse a entrar no assunto.

– O que você quer, Jack?

– Você tem alguma galinha de verdade nessa sua fazenda, correndo por aí, cacarejando e cagando, ou esse negócio de “acordar com as galinhas” é só força de expressão?

– O que você quer, Jack?

– Por que diabo eu haveria de querer alguma coisa? Um velho amigo não pode ligar em nome dos velhos tempos?

– Não venha com essa babaquice de “velho amigo”, Jack. Diga logo por que ligou.

De novo a gargalhada.

– Que frieza, Gurney, que frieza...

– Olhe, eu ainda não tomei minha segunda xícara de café. Se não for direto ao assunto nos próximos cinco segundos, vou desligar. Cinco... quatro... três... dois... um...

– Noiva trucidada no próprio casamento. Achei que você poderia se interessar.

– Por que eu me interessaria por isso?

– Porra, como um detetive ás dos homicídios não se interessaria? Eu disse que ela foi “trucidada”? Deveria ter dito “retalhada”. A arma do crime foi um facão.

– O ás está aposentado.

Seguiu-se uma longa e alta gargalhada.

– Sem brincadeira, Jack. Estou aposentado mesmo.

– Assim como estava quando pulou em cima do caso Mellery?

– Aquele foi um desvio temporário.

– Tem certeza?

– Olhe, Jack... – Gurney estava perdendo a paciência.

– Tudo bem. Você está aposentado. Saquei. Agora me dê dois minutos para explicar a oportunidade aqui.

– Jack, pelo amor de Deus...

– Dois minutinhos. Dois. Porra, você está tão ocupado massageando as bolas de golfe da aposentadoria que não pode conceder dois minutos ao seu velho parceiro?

A imagem provocou o pequeno espasmo na pálpebra de Gurney.

– Nunca fomos parceiros.

– Como você pode ser capaz de dizer isso?

– Nós trabalhamos juntos em dois casos. Não fomos *parceiros*.

Se fosse totalmente honesto, Gurney teria de admitir que ele e Hardwick tinham, ao menos num aspecto, um relacionamento especial. Dez anos antes, atuando em jurisdições separadas por 160 quilômetros e em diferentes aspectos do mesmo caso de

homicídio, cada um havia descoberto uma metade do corpo decepado da vítima. Esse tipo de acaso feliz no trabalho de detetive pode criar um elo forte, ainda que bizarro.

Hardwick baixou a voz para o tom sincero-patético.

– Eu tenho os dois minutos ou não?

Gurney desistiu.

– Desembucha.

Hardwick voltou a seu característico estilo oratório de apresentador de circo com câncer de garganta.

– É óbvio que você é um cara ocupado, então vou direto ao ponto. Quero lhe fazer um favor gigantesco. – Ele fez uma pausa. – Ainda está aí?

– Fale mais rápido.

– Filho da puta ingrato! Certo, o que eu tenho para você é o seguinte: assassinato fenomenal cometido há quatro meses. Mocinha rica e mimada se casa com psiquiatra famoso. Uma hora depois, na festa do casamento na mansão do noivo, o jardineiro louco que trabalhava para ele decapita a moça com um facão e foge.

Gurney tinha uma leve lembrança de ter visto algumas manchetes de tabloides na ocasião, provavelmente relacionadas com o caso: da felicidade ao banho de sangue e noiva trucidada. Esperou que Hardwick prosseguisse. Em vez disso, o sujeito tossiu de modo tão nojento que Gurney afastou o fone do ouvido.

Por fim Hardwick perguntou de novo:

– Ainda está aí?

– Estou.

– Silencioso feito um cadáver. Você deveria emitir pequenos bipes a cada 10 segundos, para as pessoas saberem que ainda está vivo.

– Jack, por que diabo está me ligando?

– Estou lhe entregando o caso mais importante da sua vida.

– Não sou mais policial. Não estou entendendo aonde você quer chegar.

– Acho que sua audição está falhando por causa da velhice. Quantos anos você tem, 48 ou 88? Escute, aqui vai o resumo da história: a filha de um dos neurocirurgiões mais ricos do mundo se

casa com um controvertido psiquiatra figurão, que apareceu em programas de entrevistas e tudo... Uma hora depois, no meio de 200 convidados, ela entra no chalé do jardineiro. Tomou alguns drinques, quer que o cara participe do brinde nupcial. Ao perceber que ela está demorando a voltar, o marido manda alguém procurá-la, mas a porta do chalé está fechada e ninguém atende. Então o marido, o renomado Dr. Scott Ashton, bate à porta e a chama. Ninguém responde. Ele pega uma chave, abre a porta e a encontra sentada ali, vestida de noiva, com a cabeça decepada. A janela dos fundos do chalé está aberta, sem o jardineiro à vista. Logo todos os policiais das redondezas estão no lugar. Caso você ainda não tenha entendido, essas pessoas são muito importantes. O caso cai no nosso colo, no Bureau de Investigação Criminal. Mais especificamente, no meu colo. O negócio começa de modo simples: encontrar o jardineiro maluco. Então passa a ficar complicado: ele não era um jardineiro comum. O renomado Dr. Ashton meio que o havia posto sob suas asas. Hector Flores, o jardineiro, era um trabalhador mexicano ilegal. Ashton o contratou e logo percebeu que o sujeito era inteligente, muito inteligente, por isso começou a testá-lo, estimulá-lo, educá-lo. Num período de dois a três anos Hector se tornou mais um protegido do doutor do que seu varredor de folhas. Era quase membro da família. Parece que, com a nova posição, ele até teve um caso com a mulher de um vizinho de Ashton. Personagem interessante, o *señor* Flores. Depois do assassinato ele desapareceu da face da Terra, junto com a mulher do vizinho. O último traço concreto de Hector é o facão sangrento que ele largou a 150 metros do chalé, na floresta.

– E onde tudo isso vai dar?

– Em lugar nenhum.

– Como assim?

– Meu brilhante capitão tinha uma certa visão sobre o caso. Talvez você se lembre de Rod Rodriguez.

Gurney se lembrou dele com um tremor. Havia 10 meses – seis meses antes do assassinato que Hardwick descrevia –, Gurney se envolvera extraoficialmente numa investigação controlada por uma unidade do Bureau de Investigação Criminal da polícia do estado comandada pelo rígido e ambicioso Rodriguez.

– A ordem dele era interrogarmos cada mexicano que estivesse a menos de 30 quilômetros do crime e ameaçá-lo com todo tipo de merda até que um deles nos levasse a Hector Flores. E, se isso não funcionasse, deveríamos estender o raio para 80 quilômetros. Ele queria todos os recursos direcionados para isso.

– E você não concordou com ele.

– Havia outras opções que valia a pena explorar. É possível que Hector não fosse o que aparentava. O negócio todo tinha um ar estranho.

– E o que aconteceu?

– Eu disse ao Rodriguez que ele estava fazendo merda.

– Sério? – Gurney sorriu pela primeira vez.

– Sério. Por isso fui tirado do caso. E ele foi dado ao Blatt.

– Blatt? – O nome tinha gosto de comida estragada. Gurney se lembrava do investigador Arlo Blatt como o único detetive do Bureau de Investigação Criminal que era mais irritante do que Rodriguez. Blatt personificava uma atitude que o professor predileto de Gurney na faculdade havia descrito como “ignorância armada e pronta para a batalha”.

Hardwick prosseguiu.

– Blatt fez exatamente o que Rodriguez mandou e não chegou a lugar algum. Quatro meses se passaram e hoje sabemos menos do que quando começamos. Mas dá para ver que você está pensando: o que isso tudo tem a ver com Dave Gurney?

– De fato a pergunta me passou pela cabeça.

– A mãe da noiva não está satisfeita. Ela suspeita que a investigação foi malfeita. Não confia em Rodriguez, pensa que Blatt é um idiota. Mas acha você um gênio.

– Acha o quê?

– Ela veio me procurar na semana passada, quatro meses depois do assassinato, imaginando se eu poderia voltar ao caso ou ao menos continuar trabalhando nele sem que ninguém soubesse. Eu lhe disse que isso era impossível, que minhas mãos estavam atadas, que eu já estava pisando em ovos no departamento, mas que por acaso tinha contato pessoal com o detetive mais condecorado da história do Departamento de Polícia de Nova York, aposentado mas ainda cheio de energia e vigor, um homem que

ficaria felicíssimo em lhe dar uma alternativa para a abordagem de Rodriguez e Blatt. Agora a cereja do bolo: por acaso eu tenho uma cópia daquela materiazinha linda que a revista *New York* fez sobre você depois que resolveu o caso do Papai Noel Satânico. Como foi que o chamaram? Supertira? Ela ficou impressionada.

Gurney fez uma careta. Várias reações possíveis colidiam em sua cabeça, uma anulando a outra.

Hardwick pareceu encorajado por seu silêncio.

– Ela adoraria conhecer você. Ah, ainda não mencionei? Ela é lindíssima: tem 40 e poucos anos mas aparenta uns 30. E deixou claro que dinheiro não é problema. Você pode cobrar o que quiser. Sério, 200 dólares por hora não seriam um problema. Não que você seja motivado por uma coisa tão baixa quanto dinheiro.

– Por falar em motivação, qual é a sua?

O esforço de Hardwick para parecer inocente foi cômico.

– Ver a justiça ser feita. Ajudar uma família que comeu o pão que o diabo amassou. Perder um filho deve ser a pior coisa do mundo, não é?

Gurney ficou paralisado. A menção à perda de um filho ainda tinha o poder de provocar um tremor em seu peito. Fazia mais de 15 anos que Denny, com apenas 4 anos na época, correra para a rua quando Gurney não estava olhando, mas ele descobrira que o luto não é uma experiência que se vivencia uma vez e depois se segue em frente. A verdade é que o luto passa por uma pessoa em diferentes ondas separadas por períodos de entorpecimento, de esquecimento, de vida cotidiana.

– Ainda está aí?

Gurney resmungou e Hardwick prosseguiu.

– Quero fazer o que puder por essas pessoas. Além disso...

– Além disso – interrompeu Gurney, falando rápido, colocando sua emoção debilitante de lado –, se eu me envolvesse, o que não tenho a intenção de fazer, Rodriguez ficaria furioso, não é? E se eu conseguisse descobrir alguma coisa, algo novo, algo significativo, ele e Blatt estariam em maus lençóis, não é? Será que esse poderia ser um dos seus motivos?

Hardwick pigarreou de novo.

– Esse é um modo bem sacana de ver a coisa. O fato é que temos uma mãe desolada que não está satisfeita com o progresso da investigação policial, coisa que posso entender, já que o incompetente do Arlo Blatt e sua turma arrocharam cada mexicano neste país e não chegaram a lugar algum. Ela está desesperada por um detetive de verdade. Por isso estou pondo essa galinha dos ovos de ouro no seu colo.

– Ótimo, Jack, mas não estou no ramo da investigação particular.

– Pelo amor de Deus, Davey, só converse com ela. É só isso que estou pedindo: apenas fale com ela. Ela está solitária, vulnerável, é linda de morrer e tem uma grana preta para torrar. E bem no fundo, Danny, meu garoto, bem no fundo há algo de selvagem naquela mulher. Isso eu posso garantir. Juro por Deus!

– Jack, a última coisa que eu preciso agora...

– É, eu sei, você tem um casamento feliz, é apaixonado por sua mulher, blá-blá-blá. Certo. Tudo bem. E talvez você não se importe com a chance de enfim revelar Rod Rodriguez como o completo babaca que ele é de fato. Certo. Mas esse caso é *complexo*. – Ele deu um significado profundo à palavra, fazendo com que esta parecesse a característica mais preciosa de todas. – Ele tem *camadas*, Davey. É uma porra de uma cebola.

– E?

– Você é um descascador de cebola nato. O melhor que existe.

Capítulo 3

Órbitas elípticas

Quando Gurney enfim notou Madeleine junto à porta do escritório, não soube dizer há quanto tempo ela estava ali parada nem há quanto tempo ele próprio se encontrava junto à janela olhando o pasto dos fundos, que subia em direção à montanha coberta de árvores. Nem se sua vida dependesse disso ele conseguiria descrever o padrão atual do pasto, com arnicas resplandecentes, grama ficando marrom e cardos azuis para os quais parecia olhar. Mas poderia praticamente recitar a narrativa de Hardwick ao telefone, palavra por palavra.

– E? – indagou Madeleine.

– E? – repetiu ele, como se não tivesse entendido a pergunta.

Ela deu um sorriso impaciente.

– Era Jack Hardwick. – Gurney já ia perguntar se ela se lembrava de Jack Hardwick, investigador-chefe do caso Mellery, quando a expressão de Madeleine deixou claro que não precisava. Era a fisionomia que ela mostrava sempre que ouvia um nome associado àquela terrível cadeia de assassinatos.

Ela o encarou, aguardando, sem piscar.

– Ele quer a minha opinião.

Madeleine continuou esperando.

– Pediu que eu fale com a mãe de uma jovem morta no dia de seu casamento. – Estava prestes a dizer como ela fora assassinada, descrever os detalhes peculiares, mas percebeu que seria um erro.

Madeleine assentiu de forma quase imperceptível.

– Você está bem? – quis saber ele.

– Estava pensando em quanto tempo demoraria.

– Quanto tempo...?

– Até você encontrar outra... situação que exigisse sua atenção.

– Só vou conversar com ela.

– Certo. E então, depois de uma longa e agradável conversa, vai concluir que não há nada de especialmente interessante no fato de uma mulher ter sido morta no dia de seu casamento, vai bocejar e ir embora. É isso que você acha que vai acontecer?

A voz dele ficou tensa, por reflexo.

– Não tenho informações suficientes para saber o que vai acontecer.

Ela lhe ofereceu o sorriso cético que era sua marca registrada.

– Preciso ir – informou. Depois, parecendo notar a pergunta nos olhos dele, acrescentou: – A clínica, lembra? Vejo você à noite. – E saiu.

A princípio ele ficou apenas olhando a passagem da porta vazia. Depois pensou que deveria ir atrás dela, então começou a fazer isso, chegou até o meio da cozinha, parou e imaginou o que diria. Não fazia ideia, mas achou que deveria ir assim mesmo e saiu pela porta lateral junto ao jardim. No entanto, quando deu a volta até a frente da casa o carro dela já estava na metade da estradinha irregular que dividia o pasto baixo em dois. Imaginou se ela o via pelo retrovisor e se fazia diferença ter saído atrás dela.

Nos últimos meses achara que as coisas estavam correndo muito bem. A emoção crua no fim do pesadelo do caso Mellery havia se transformado em uma espécie de paz. Ele e Madeleine tinham aos poucos assumido, de forma suave e quase inconsciente, padrões de comportamento afetuosos ou ao menos tolerantes que pareciam órbitas elípticas isoladas. Enquanto Gurney dava suas aulas ocasionais na Academia Estadual de Polícia, ela atuava em regime de meio expediente na clínica de saúde mental da região, fazendo internações e avaliações. Sua experiência como assistente social a tornava obviamente qualificada demais para o cargo, mas o trabalho parecia dar uma sensação de equilíbrio em relação ao casamento deles, um alívio da pressão exercida pelas expectativas pouco realistas de um com relação ao outro. Ou isso era apenas uma ilusão?

Ilusão, o calmante universal.

Gurney ficou parado na grama e viu o carro dela desaparecer atrás do celeiro em direção à estradinha que levava à cidade. Seus

pés estavam frios. Olhou para baixo e descobriu que saíra calçando apenas meias, que agora absorviam o orvalho da manhã. Quando se virou para entrar de novo em casa, um movimento junto ao celeiro atraiu seu olhar.

Um coiote solitário havia emergido da floresta e andava pela clareira entre o celeiro e o laguinho. Na metade da travessia o animal parou, virou a cabeça na direção de Gurney e o estudou por longos 10 segundos. Era um olhar inteligente, pensou Gurney. Um olhar de pura avaliação, desprovido de emoção.

Capítulo 4

A arte de enganar

– Qual é o objetivo de todo trabalho policial sob disfarce?

A pergunta de Gurney foi recebida com várias expressões de interesse e dúvida pelas 39 pessoas na sala de aula. A maioria dos professores convidados começava as palestras se apresentando e relacionando os pontos altos de seu currículo, depois fazia um resumo dos assuntos a serem abordados, o conteúdo do curso e seus objetivos, blá-blá-blá – uma visão geral à qual ninguém prestava muita atenção. Gurney preferia ir direto ao ponto, em particular num grupo de discussão como aquele, composto por policiais experientes. E, de qualquer modo, eles sabiam quem ele era. Era famoso nos círculos policiais. Em termos profissionais, sua reputação era praticamente a melhor possível, e desde a aposentadoria do Departamento de Polícia de Nova York, dois anos antes, ela só havia crescido – se é que ser visto com níveis cada vez maiores de respeito e admiração, mas também inveja e ressentimento, podia ser considerado algo positivo. Pessoalmente, ele preferiria não ter reputação nenhuma, não precisar estar à altura de nenhuma expectativa. Ou abaixo dela.

– Pensem bem – disse com suavidade, fazendo contato visual com o máximo de pessoas possível. – Qual é a única coisa que vocês precisam conseguir em qualquer situação sob disfarce? Esta é uma pergunta muito importante.

Alguém levantou a mão na primeira fila, um homem com um corpo enorme de jogador de futebol americano e o rosto jovem e confuso.

– O objetivo não seria diferente em cada caso?

– A *situação* seria diferente – explicou Gurney, assentindo de modo afável. – As pessoas seriam diferentes. Os riscos e as

recompensas seriam diferentes. A profundidade e a duração de sua imersão no ambiente seriam diferentes. O personagem que você projeta e sua história poderiam ser bem diferentes. A natureza das informações ou das provas a serem obtidas variaria de caso a caso. Sem dúvida há um monte de diferenças. Mas – ele fez uma pausa, de novo com o máximo de contato visual possível, antes de continuar com ênfase crescente – há um objetivo comum em cada tarefa. É o seu alvo principal como policial infiltrado. Todos os outros objetivos de uma operação dependem de alcançar esse objetivo primário. Sua vida depende dele. Digam o que acham que seja.

Durante quase meio minuto a sala ficou em silêncio absoluto e o único movimento era o de testas se franzindo. Esperando as respostas que ele sabia que acabariam surgindo, Gurney olhou o ambiente ao redor – as paredes de blocos de concreto com sua pintura bege fosca; o piso de placas de vinil com padrões marrons que se confundiam com os arranhões em sua superfície; as fileiras de longas mesas de fórmica cinza com pintas, gastas pelo tempo, que serviam como carteiras compartilhadas; as cadeiras duras de plástico laranja com pés de tubo cromado que tinham um brilho estranhamente deprimente eram pequenas demais para os ocupantes grandes e musculosos. Como uma cápsula do tempo da feiura arquitetônica dos anos 1970, a sala era uma triste cópia da última delegacia em que ele trabalhara na cidade.

– Juntar informações exatas? – tentou alguém com uma expressão interrogativa na segunda fila.

– É uma sugestão razoável – disse Gurney, de forma encorajadora. – Mais alguma ideia?

Meia dúzia de respostas se seguiu rapidamente, a maioria vinda da frente da sala, quase todas variações do tema da informação exata.

– Mais alguém? – instigou Gurney.

– O objetivo é tirar os bandidos da rua – foi o comentário em forma de um rosnado exausto vindo da última fila.

– Impedir o crime – afirmou outro.

– Obter a verdade, toda a verdade, os fatos, os nomes, descobrir o que está acontecendo, quem está fazendo o quê, com quem, qual é o plano, quem é o cara, quem fica no topo da cadeia

alimentar, descobrir onde está o dinheiro, merdas desse tipo. Basicamente, você quer descobrir tudo o que há para ser descoberto. Simples assim. – O sujeito moreno e magro que soltou essa ladainha de objetivos com os braços cruzados no peito se encontrava sentado bem na direção de Gurney. Seu risinho anunciava que não havia mais nada a ser dito sobre o assunto. O nome informado em sua plaquinha de identificação no tampo da mesa comprida era “Detetive Falcone”.

– Mais alguma ideia? – perguntou Gurney afavelmente, examinando os cantos mais distantes da sala. O magricelo pareceu entediado.

Depois de uma longa pausa, uma das três mulheres presentes falou em voz baixa mas confiante, com sotaque hispânico:

– Estabelecer e manter a confiança.

– O quê? – A pergunta veio de três direções diferentes ao mesmo tempo.

– Estabelecer e manter a confiança – repetiu ela, um pouco mais alto.

– Interessante – afirmou Gurney. – Por que esse é o objetivo mais importante?

Ela deu de ombros, como se a resposta fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Porque se você não tiver a confiança das pessoas, não terá nada.

Gurney sorriu.

– “Se você não tiver a confiança das pessoas, não terá nada.” Muito bem. Alguém discorda disso?

Ninguém discordava.

– É claro que queremos a verdade – falou Gurney. – Toda a verdade, com todos os detalhes incriminadores, como observou o detetive Falcone.

O sujeito olhou-o friamente.

– Mas, como disse esta outra policial, sem confiança o que nos sobra? – continuou Gurney. – Nada. Então, em primeiro lugar sempre vem a confiança. Coloque a confiança em primeiro lugar e você terá uma boa chance de obter a verdade. Coloque obter a

verdade em primeiro lugar e você terá uma boa chance de levar uma bala na nuca.

Algumas pessoas balançaram a cabeça assentindo e a atenção geral aumentou um pouco.

– Isso nos leva à segunda grande questão de hoje: *como podemos conseguir isso?* De que maneira vocês tentarão estabelecer o nível de confiança que não somente irá mantê-los vivos como também fará com que o trabalho sob disfarce dê resultado? – Gurney estava gostando do assunto. À medida que sua energia aumentava, podia vê-la começando a se espalhar pela plateia. – Lembrem-se: nesse jogo vocês lidarão com pessoas naturalmente desconfiadas. Alguns desses caras são muito impulsivos. Não somente podem atirar em vocês no ato como também sentirão orgulho disso. Eles gostam de parecer maus. Gostam de parecer espertos, rápidos, decididos. Como conquistar a confiança deles? Como sobreviver por tempo suficiente para fazer com que a operação valha a pena?

Desta vez as respostas vieram mais depressa.

– Agindo e se comportando como eles.

– Agindo como a pessoa que você supostamente é.

– Mantendo a coerência. Agarrando-se à sua identidade falsa, custe o que custar.

– Acreditando na identidade. Acreditando que você é de fato quem diz ser.

– Ficando frio sempre. Sem suar, sem demonstrar medo.

– Sendo corajoso.

– Tendo colhões.

– Acreditando em sua própria verdade, neném. Eu sou quem eu sou. Sou invencível. Intocável. Não me sacaneie.

– É, fazendo-os acreditar que você é o Al Pacino em *O poderoso chefão* – disse Falcone, tentando em vão ser engraçadinho e conseguindo apenas interromper o ímpeto do grupo.

Gurney ignorou-o e olhou de forma interrogativa para a mulher de origem hispânica.

Ela hesitou.

– Você precisa provar a eles a sua verdade.

Isso provocou alguns risinhos pela sala e um riso de desprezo de Falcone.

– Cresçam, seus babacas – falou ela calmamente. – O que eu quero dizer é que você tem de fazer com que eles vejam alguma coisa *verdadeira* em você. Alguma coisa que eles possam sentir, que saibam, no fundo, que é real. Não pode ser tudo papo furado.

Gurney sentiu uma agradável onda de empolgação, o que acontecia sempre que reconhecia um aluno excelente numa das turmas. Era uma experiência que reforçava sua decisão de participar como professor convidado naqueles seminários.

– "Não pode ser tudo papo furado" – repetiu ele, em voz alta o suficiente para todo mundo escutar. – Isso é absolutamente verdadeiro. *A emoção autêntica, a emoção verossímil, é essencial para o disfarce funcionar*. Seu personagem deve se basear numa parte emocional sua que seja real. Não pode ser tudo falso, tudo papo furado, porque isso raramente funciona. O papo furado faz com que pessoas infiltradas sejam mortas.

Ele fez um exame rápido dos 39 rostos e descobriu que agora tinha a atenção completa de pelo menos 35.

– Então, está tudo ligado à confiança. À credibilidade. Quanto mais o alvo acreditar em você, mais você vai obter dele. E grande parte da confiança dele em você depende de sua capacidade de atribuir emoções verdadeiras ao seu papel artificial, de usar uma parte real de você mesmo para dar vida à sua personalidade falsa: raiva, fúria, cobiça, luxúria, nojo. Qualquer coisa que o momento pedir.

Deu as costas para eles de forma ostensiva, a fim de colocar uma velha fita de vídeo num aparelho embaixo de um grande monitor encostado na parede da frente. Depois que verificou que estava tudo conectado, virou-se de volta. Mas nesse momento sua expressão – na verdade todo o seu corpo, o modo como se movia, que dava a impressão de que ele estava lutando para conter um vulcão de fúria – provocou uma onda de perplexidade e tensão por toda a turma.

– Se quiserem que algum filho da puta engula sua história, é melhor acharem um lugar sombrio dentro de vocês, e então falem com ele a partir desse lugar. Deixem o filho da puta saber que bem

no fundo de vocês existe um desgraçado ainda mais maluco do que ele, que algum dia vai arrancar o coração de outro filho da puta, mastigá-lo e cuspi-lo na porra da cara dele. Mas que por enquanto, só por enquanto, você está mantendo sob controle o cachorro raivoso que mora dentro de você. Está mantendo sob controle por pouco.

Ele deu um passo súbito na direção da primeira fila e notou com satisfação que todo mundo, inclusive Falcone – especialmente Falcone –, se inclinou para trás de forma brusca, numa posição defensiva.

– Muito bem – disse Gurney com um sorriso tranquilizador, retomando a postura normal. – Este foi apenas um rápido exemplo do lado emocional. Emoção verossímil. A maioria de vocês teve uma reação vinda do âmago a essa raiva, a essa loucura. Seu primeiro pensamento foi que era real, que esse tal de Gurney tem um parafuso frouxo, certo?

Houve alguns gestos de assentimento, alguns risos nervosos, enquanto as pessoas na sala iam relaxando.

– Então o que você quer dizer? – perguntou Falcone, tenso. – Que em algum lugar dentro de você existe uma porra de um lunático?

– Por enquanto vou deixar essa pergunta em aberto.

Houve outros risos, mais amigáveis dessa vez.

– Mas o fato é que existe mais maldade dentro de cada um de nós, de todos nós, do que imaginamos. Não deixem que ela se desperdice. Encontrem-na e usem-na. Na vida sob disfarce, esse lado negro que você normalmente não quer encarar pode ser seu bem mais valioso, o tesouro enterrado que salva sua vida.

Havia exemplos pessoais que ele poderia ter dado, situações em que havia tirado um ladrilho negro do mosaico de sua infância e o ampliado até formar um mural infernal que enganara alguns adversários muito perspicazes. Na verdade, o exemplo mais convincente desse processo ocorrera no fim do caso Mellery, menos de um ano antes. Mas ele não entraria nesse assunto agora. A questão estava ligada a alguns problemas não resolvidos de sua vida, coisas em que ele não queria pensar nesse momento, principalmente numa palestra. Além disso, não era necessário.

Tinha a sensação de que já conquistara os alunos. As mentes encontravam-se mais abertas. Eles tinham parado de resistir. Estavam receptivos, pensando, imaginando.

– Certo, como eu disse, essa era a parte emocional. Agora quero levá-los ao próximo nível, aquele em que o cérebro e as emoções se juntam e tornam você o melhor agente infiltrado possível, e não somente um cara com roupas esfarrapadas e a bunda de fora tentando parecer um viciado em crack.

Alguns sorrisos, ombros encolhidos, uma testa franzida aqui e outra ali.

– Agora quero que vocês perguntem a si mesmos algo estranho. Quero que se perguntem por que acreditam nas coisas em que acreditam. *Por que eu acredito no que acredito?*

Antes que tivessem tempo de se perder nas profundezas abstratas dessa linha de pensamento ou ficassem estacados nela, ele apertou o play no aparelho de videocassete. Quando a primeira imagem apareceu, Gurney disse:

– Enquanto assistem a esse vídeo, pensem nesta pergunta: *Por que eu acredito no que acredito?*

Capítulo 5

A ilusão do eureca

Era uma cena famosa de um filme conhecido, mas, enquanto examinava os rostos na sala, Gurney não viu qualquer sinal de reconhecimento. Na tela, um homem mais velho interroga um mais novo.

O mais novo está ansioso para trabalhar para a Irgun, uma organização radical que luta para estabelecer uma pátria judia na Palestina no fim da Segunda Guerra Mundial. Ele se apresenta alardeando que é especialista em demolições com experiência de combate e diz que adquiriu seus conhecimentos sobre dinamite lutando contra os nazistas no gueto de Varsóvia. Afirma que, depois de matar muitos nazistas, foi capturado e aprisionado no campo de concentração de Auschwitz, onde recebeu um serviço de rotina fazendo limpeza.

O homem mais velho quer saber mais. Faz várias perguntas específicas sobre sua história, sobre o campo, sobre suas tarefas.

A versão do jovem para os acontecimentos começa a desmoronar quando o interrogador revela que não havia dinamite disponível no gueto de Varsóvia. À medida que sua narrativa heroica cai por terra, ele é obrigado a admitir que aprendeu o que sabe sobre dinamite por causa de sua verdadeira função no campo, que era explodir buracos no chão grandes o suficiente para receber os milhares de corpos de seus colegas prisioneiros que eram mortos todos os dias nas câmaras de gás. Além disso, o mais velho o faz admitir, de modo ainda mais degradante, que sua outra tarefa era tirar as obturações de ouro da boca dos cadáveres. E finalmente, desmoronando em lágrimas de raiva e vergonha, o rapaz admite que seus captores o estupravam uma vez atrás da outra.

A verdade crua é exposta – junto com o desespero de se redimir. A cena é concluída com sua introdução à Irgun.

Gurney desligou o aparelho.

– Então – começou ele, virando-se para os 39 rostos –, de que se trata isso?

– Toda entrevista deveria ser simples assim – disse Falcone, sem dar importância à questão.

– E rápida também – completou alguém da última fila.

Gurney assentiu.

– Tudo nos filmes sempre parece mais simples e mais rápido do que na vida real. Mas nessa cena acontece uma coisa muito interessante. Quando vocês se lembrarem dela daqui a uma semana ou um mês, que aspecto acham que permanecerá na memória?

– O cara sendo estuprado – respondeu um cara de ombros largos perto de Falcone.

Murmúrios de concordância se espalharam pela sala, encorajando outras pessoas a falar.

– O desmoronamento dele durante o interrogatório.

– É, o papo de machão se evaporando.

– O engraçado – afirmou a única mulher negra – é que ele começa contando mentiras sobre si mesmo para conseguir o que deseja, mas acaba alcançando seu objetivo justamente quando enfim diz a verdade. Aliás, que diabo é Irgun?

Isso provocou a maior gargalhada de todas.

– Certo – falou Gurney. – Vamos fazer uma análise mais profunda. O rapaz ingênuo quer entrar na organização. Conta um monte de mentiras para parecer apropriado. O sujeito mais velho e mais esperto vê além, desmascara o papo furado, arranca a verdade dele. E, por acaso, o horror da verdade torna o garoto um candidato psicológico ideal para a fanática Irgun. Então deixam que ele entre. Isso resume bem o que acabamos de ver?

Houve vários assentimentos e grunhidos de concordância, alguns mais cautelosos do que outros.

– Alguém acha que não foi isso que vimos?

A estrela hispânica de Gurney pareceu incomodada. Ele riu, dando a ela o empurrão de que necessitava.

– Não estou dizendo que não foi o que eu vi. É um filme, eu sei, e no filme o que você disse provavelmente é verdade. Mas se fosse a vida real, um vídeo de entrevista real, poderia não ser verdade.

– Que diabo isso quer dizer? – sussurrou alguém, em uma voz não muito baixa.

– Vou lhe contar que diabo isso quer dizer – respondeu ela, eriçando-se diante do desafio. – Quer dizer que não existe nenhuma prova de que o velho conseguiu mesmo a verdade. Então o cara novo desmorona e diz que levou na bunda, com o perdão da expressão. “Buá, buá, no fim das contas não sou nenhum herói, sou só uma bichinha patética que pagava boquete pros nazistas.” E como a gente pode saber se *essa* história *também* não é papo furado? Talvez a bichinha seja mais inteligente do que parece.

Meu Deus, pensou Gurney, *ela conseguiu de novo*. Ele decidiu aproveitar o silêncio especulativo que se seguiu à exposição impressionante que ela fizera.

– O que nos leva à pergunta com a qual começamos. *Por que acreditamos no que acreditamos?* Como esta policial muito perspicaz acabou de observar, o interrogador na cena pode não ter obtido a verdade. A questão é: o que o fez achar que obteve?

Essa nova reviravolta produziu várias reações.

– Às vezes a intuição da gente diz o que é verdade e o que é mentira, sacou?

– Talvez o desmoronamento do garoto tenha parecido legítimo para ele. Talvez a gente tivesse de estar lá para captar a atitude.

– No mundo real o interrogador teria mais informações do que está colocando na mesa. Pode ser que a confissão do garoto corresponda a uma dessas informações, confirme alguma coisa.

Outros policiais ofereceram variações desses temas. Alguns não disseram nada e se limitaram a ouvir atentamente cada palavra. Outros ainda, como Falcone, pareciam estar com a cuca fundida por causa da pergunta.

Quando pareceu que o fluxo de respostas ia parar, Gurney apresentou outra questão:

– Vocês acham que um interrogador determinado poderia ser enganado alguma vez por sua própria ilusão?

Houve alguns gestos de concordância, alguns grunhidos afirmativos, algumas expressões de indecisão dolorida ou talvez de simples indigestão.

Um cara no final da segunda fila, com o pescoço grosso como uma tora emergindo de uma camiseta preta, braços de Popeye cheios de tatuagens, cabeça raspada e olhos minúsculos – olhos que pareciam estar sendo forçados a se fechar pelos músculos das bochechas –, levantou a mão. Os dedos estavam dobrados, quase formando um punho fechado. Sua voz era lenta, ponderada, solícita.

– Você está perguntando se às vezes a gente acredita no que quer acreditar?

– É exatamente isso que estou perguntando. O que você acha?

Os olhos franzidos se abriram um pouco.

– Acho que sim. É da natureza humana. – Ele pigarreou. – Vou falar por mim. Já cometi erros por causa disso. Não porque quero acreditar em coisas boas sobre as pessoas. Estou na ativa há um bom tempo, não tenho muitas ilusões sobre os motivos delas, sobre o que estão dispostas a fazer. – Ele mostrou os dentes numa repulsa aparente por alguma imagem passageira. – Já vi minha cota de brabeiras. Um monte de gente nesta sala já viu a mesma merda. Mas o que estou dizendo é que às vezes eu tenho uma ideia sobre alguma coisa e posso nem saber quanto quero que essa ideia esteja certa. Tipo: *eu sei o que aconteceu*, ou *eu sei* exatamente como algum escroto pensa. *Eu sei* por que ele fez o que fez. Só que às vezes... não com frequência, só às vezes... não sei merda nenhuma, só acho que sei. Na verdade tenho certeza de que sei. É como um risco ocupacional. – Ele ficou em silêncio, dando a impressão de que estava pensando nas implicações sinistras do que havia dito.

De novo, talvez pela milésima vez na vida, Gurney lembrou-se de que suas primeiras impressões não eram especialmente confiáveis.

– Obrigado, detetive Beltzer – disse ao grandalhão, olhando o crachá dele. – Foi muito bom. – Em seguida examinou os rostos à sua frente e não viu qualquer sinal de discordância. Até Falcone pareceu humilde.

Gurney aproveitou um minuto para tirar uma pastilha de hortelã de uma caixinha e colocar na boca. Estava embromando para deixar

que os comentários de Beltzer penetrassem nas mentes antes de continuar.

– Na cena à qual assistimos – falou ele com um novo ânimo – o interrogador podia *querer* acreditar que o colapso do rapaz era verdadeiro por vários motivos. Cite um. – Ele apontou para um policial ao acaso, que ainda não havia falado.

O sujeito piscou, parecendo sem graça. Gurney esperou.

– Acho... acho que ele poderia gostar da ideia de que conseguiu fazer o garoto revelar a história... você sabe, de que teve sucesso com o interrogatório.

– Sem dúvida – concordou Gurney. Em seguida atraiu o olhar de outro aluno que até então estava em silêncio. – Diga mais um.

O rosto irlandês por baixo de um cabelo laranja cortado à escovinha riu.

– Talvez ele tenha achado que havia ganhado alguns pontos. Talvez devesse prestar contas a alguém. Talvez gostasse da ideia de entrar na sala do chefe dizendo: “Olhe o que eu fiz.” Conseguir alguma vantagem. Talvez um estímulo para uma promoção.

– Claro, dá para ver isso – assentiu Gurney. – Alguém pode citar outro motivo para ele querer acreditar na história do garoto?

– Poder – disse a jovem hispânica, com desdém.

– Como assim?

– Ele poderia gostar da ideia de que forçou o sujeito a contar a verdade, a admitir coisas dolorosas, a entregar o que ele estava tentando esconder, a expor a vergonha, que o fez se arrastar, até chorar. – Ela parecia sentir algum fedor. – Ele poderia ter um barato com isso, se sentir o próprio super-homem, o próprio gênio superpoderoso. Tipo Deus.

– Uma grande vantagem emocional – disse Gurney. – Isso poderia distorcer a visão do sujeito.

– Ah, sim – afirmou ela. – Bastante.

Gurney viu a mão de alguém se levantar no fundo da sala. Era um homem moreno com cabelo curto e ondulado que ainda não havia se pronunciado.

– Com licença, senhor, estou confuso. Hoje há um seminário sobre técnicas de interrogatório e outro sobre trabalho sob disfarce neste prédio. Dois seminários separados, certo? Eu me inscrevi no

de trabalho sob disfarce. Estou no lugar certo? Isso que estou ouvindo tem tudo a ver com interrogatório.

– Você está no lugar certo – informou Gurney. – Estamos aqui para falar de trabalho sob disfarce, mas há uma ligação entre as duas atividades. Se você entender como um interrogador está sujeito ao erro por causa daquilo em que ele quer acreditar, pode usar o mesmo princípio para que o alvo de sua operação sob disfarce acredite em você. Basta agir de modo que o alvo "descubra" os fatos em que você quer que ele acredite a seu respeito. É só dar a ele um motivo poderoso para engolir seu papo furado e fazer com que ele *queira* acreditar em você, assim como o cara do filme *quer* acreditar na confissão. Os fatos que uma pessoa acha que descobriu têm uma credibilidade enorme. Quando seu alvo acredita que sabe coisas a seu respeito *que você não quer que ele saiba*, essas coisas vão parecer duplamente verdadeiras para ele. Quando ele achar que chegou além da sua camada superficial, o que ele descobrir nessa camada mais funda será visto como a verdade *verdadeira*. É o que eu chamo de ilusão do eureca. É esse truque específico da mente que dá total credibilidade ao que você acha que descobriu sozinho.

– A ilusão do *quê*? – A pergunta veio de várias direções.

– A ilusão do *eureca*. É uma palavra grega que pode ser traduzida mais ou menos como "eu descobri" ou, no contexto em que a estou usando, "eu descobri a verdade". O fato é que – Gurney começou a falar mais devagar para enfatizar a nova afirmação – *as histórias que as pessoas contam sobre si mesmas podem ser falsas. Mas o que você descobre sozinho sobre elas parece ser a verdade*. Portanto, o que estou dizendo é o seguinte: deixe o seu alvo achar que está descobrindo algo a seu respeito e ele sentirá que realmente conhece você. É nesse ponto que vocês terão estabelecido a Confiança, com *C* maiúsculo, que faz com que tudo seja possível. Vamos passar o restante do dia mostrando como fazer com que seu alvo ache que está descobrindo sozinho aquilo em que você quer que ele acredite a seu respeito. Mas antes vamos fazer uma pausa.

Ao dizer isso, Gurney percebeu que havia crescido numa era em que "uma pausa" significava automaticamente um intervalo para

o cigarro. Agora, para quase todo mundo, queria dizer um tempo para falar ao celular ou enviar uma mensagem de texto. Como para ilustrar essa ideia, a maioria dos policiais que se levantaram e foram para a porta estava pegando seus smartphones.

Gurney respirou fundo e se espreguiçou devagar, alongando-se de um lado para o outro. A introdução da palestra havia criado mais tensão muscular do que ele imaginara.

A policial hispânica esperou que a multidão de pessoas com celulares passasse e se aproximou de Gurney enquanto ele tirava a fita de vídeo do aparelho. Seu cabelo era grosso e emoldurava o rosto numa massa de mechas macias e encaracoladas. O corpo cheio estava enfiado em jeans pretos apertados e em um suéter cinza justo e decotado. Os lábios brilhavam.

– Só queria agradecer a você – disse ela com o rosto concentrado e a testa franzida. – Foi muito bom.

– O quê? A fita?

– Não, você. Quero dizer... Bem... – Seu rosto estava sendo tomado por um rubor que não combinava com sua postura séria. – Sua apresentação toda, a explicação sobre por que as pessoas acreditam nas coisas, por que acreditam mais em determinadas coisas que em outras, tudo isso, como o negócio da *ilusão do eureca*. Isso me fez pensar de verdade. Toda a apresentação foi muito boa.

– Suas contribuições ajudaram a torná-la boa.

Ela sorriu.

– Acho que nós só estamos na mesma vibração.

Capítulo 6

Em casa

Quando Gurney estava chegando ao fim das duas horas de viagem de carro desde a Academia Estadual de Polícia em Albany até sua casa, em Walnut Crossing, o crepúsculo se assentava firmemente nos vales sinuosos ocidentais das montanhas Catskills.

Quando saiu da rodovia para a estradinha de terra e cascalho que levava à sua propriedade, no topo do morro, o efeito da animada ilusão de energia que tivera ao beber dois copos grandes de café forte durante o segundo intervalo no seminário já estava passando. O fim do dia gerava uma imagem fatigada que ele achava ser consequência da ausência de cafeína: o verão saindo de cena como um velho ator enquanto o outono, o coveiro, esperava na coxia.

Meu Deus, meu cérebro está pifando.

Parou o carro, como sempre, no trecho de grama coberta de ervas daninhas no topo do pasto paralelo à casa, de frente para uma linha profunda de nuvens crepusculares rosa e púrpura localizada para além dos morros.

Entrou na casa pela porta lateral, chutou os sapatos na área de serviço e seguiu para a cozinha. Madeleine estava ajoelhada na frente da pia, recolhendo com uma pá de lixo os cacos de uma taça de vinho quebrada. Ele ficou parado olhando-a por vários segundos antes de falar.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

– O que você acha?

Ele ficou em silêncio por mais alguns instantes.

– Como estão as coisas na clínica?

– Bem, acho. – Ela se levantou, deu um sorriso corajoso, foi até a despensa e esvaziou a pá ruidosamente no recipiente plástico de

lixo. Ele foi até a porta dupla de vidro e olhou para a paisagem monocromática, para a grande pilha de toras perto do galpão esperando para ser cortada e empilhada, para a grama que precisava ser aparada pela última vez na estação, para os aspargos folhosos esperando para ser podados para o inverno e depois queimados, a fim de evitar a proliferação dos besouros.

Madeleine voltou à cozinha, acendeu as luzes embutidas no teto acima do aparador e guardou a pá de lixo embaixo da pia. O aumento na iluminação do cômodo deixou o exterior da casa ainda mais escuro, transformando as portas de vidro em espelhos.

– Deixei um pouco de salmão no fogão – informou ela. – E arroz também.

– Obrigado. – Gurney olhou-a pelo painel de vidro. Ela parecia estar olhando atentamente a água suja na pia. Ele se lembrou de Madeleine ter dito algo sobre sair naquela noite e decidiu que se arriscaria a adivinhar. – Noite do clube de leitura?

Ela sorriu. Ele não teve certeza se era porque havia acertado ou errado.

– Como foi o seminário? – perguntou ela.

– Nada mau. Uma mistura de pessoas, todos os tipos básicos. Tem sempre o grupo de alunos cautelosos, que só esperam e observam, falando o mínimo possível; o dos práticos, que querem saber exatamente como podem *usar* cada fato apresentado; o dos minimalistas, que querem saber o mínimo possível, se envolver o mínimo possível, fazer o mínimo possível; o dos cínicos, que querem provar que qualquer ideia que não ocorreu primeiro a eles é besteira; e, claro, o dos “positivos”, que querem aprender o máximo possível, ver com mais clareza, tornar-se policiais melhores... – Ele sentia-se confortável falando e gostaria de continuar, mas ela estava encarando de novo a água suja. – Então, sim, foi um dia legal – concluiu ele. – Os “positivos” tornaram a discussão... interessante.

– Homens ou mulheres?

– O quê?

Ela tirou a espátula de dentro da água, franzindo a testa como se notasse pela primeira vez como estava opaca e arranhada.

– Os “positivos”. Eram homens ou mulheres?

Era curioso como ele podia se sentir culpado quando não havia motivo algum para isso.

– Homens *e* mulheres – respondeu.

Ela segurou a espátula mais perto da luz, franziu o nariz em desaprovação e a jogou no cesto de lixo embaixo da pia.

– Olhe – disse ele. – Sobre hoje de manhã. O negócio com o Jack Hardwick. Acho que precisamos retomar aquele assunto.

– Você vai se encontrar com a mãe da vítima. O que há para dizer?

– Existem bons motivos para que eu me encontre com ela – insistiu ele. – E podem existir bons motivos para não ir.

– É um modo muito inteligente de ver a coisa. – Ela parecia achar o argumento dele divertido, mas de uma maneira fria. Ou, ao menos, irônica. – Mas não posso falar disso agora. Não quero me atrasar. Para o clube de leitura.

Ele ouviu uma ênfase sutil na última frase – talvez apenas o suficiente para deixar claro que ela sabia que ele tinha chutado. Era uma mulher notável, pensou ele. E, apesar de sua ansiedade e seu cansaço, Gurney não pôde deixar de sorrir.

Capítulo 7

Val Perry

Como sempre, Madeleine foi a primeira a se levantar de manhã.

Gurney acordou com os barulhos da cafeteira – junto com a percepção desanimadora de que se esquecera de consertar o freio da bicicleta dela.

Logo após essa descoberta, experimentou uma forte sensação de incômodo com o seu plano de se encontrar com Val Perry naquela manhã. Apesar de ter deixado claro para Jack Hardwick que ter aceitado falar com ela não implicava qualquer compromisso – que o encontro não era mais que um gesto de cortesia e condolências para com alguém que sofrera uma perda pavorosa –, uma nuvem de dúvidas baixou sobre ele. Ignorando-as da melhor forma possível, tomou banho, vestiu-se e atravessou a cozinha decididamente até a despensa, murmurando bom-dia para Madeleine, que estava sentada em sua posição habitual à mesa do café com uma fatia de torrada na mão e um livro aberto à sua frente. Vestindo a jaqueta de lona que tirou do gancho na copa, saiu pela porta lateral e foi até o barracão do trator, onde ficavam as bicicletas e os caiaques. O sol ainda não havia aparecido e a manhã estava surpreendentemente fria para aquela época do ano.

Tirou a bicicleta de Madeleine de trás do trator e a levou para a frente do galpão aberto. O quadro de alumínio estava incomodamente frio. As duas pequenas chaves de boca que ele escolheu na parede do celeiro também estavam geladas.

Praguejando o tempo todo, bateu duas vezes com os nós dos dedos nas pontas afiadas do garfo, tirando sangue na segunda vez, e ajustou a posição das sapatas dos freios. Criar a folga adequada – ou seja, um espaço que permita que a roda se mova livremente quando o freio está solto e forneça a pressão certa contra a borda

quando ele é acionado – era um processo de tentativa e erro que ele precisou repetir quatro vezes até acertar. Por fim, com mais alívio do que satisfação, declarou que o serviço estava feito, guardou as chaves e voltou para casa com as duas mãos doendo.

Ao passar pelo galpão de lenha e a pilha de toras ao lado dele pensou pela décima vez em 10 dias: será que deveria alugar ou comprar uma máquina para cortar lenha? Havia desvantagens nas duas opções. O sol ainda não havia subido, mas os esquilos já estavam engajados em seu ataque matinal aos alimentadores dos pássaros, levantando outra questão que não parecia ter uma resposta feliz. E, é claro, havia a dúvida sobre o adubo dos aspargos.

Entrou na cozinha e deixou a água quente correr sobre as mãos.

Enquanto a ardência diminuía, anunciou:

– Seu freio está consertado.

– Obrigada – respondeu Madeleine com animação, sem levantar o olhar do livro.

Meia hora depois – parecendo uma aquarela com uma calça de moletom lilás, um casaco rosa, luvas vermelhas e um gorro de lã laranja puxado por cima das orelhas –, ela foi até o galpão, montou na bicicleta, saiu pedalando devagar e chacoalhando pelo caminho do pasto e desapareceu na estrada para a cidade, atrás do celeiro.

Gurney passou a hora seguinte pensando nos fatos do crime que haviam sido relatados por Hardwick. Cada vez que examinava o quadro geral, ficava mais perturbado com seu aspecto teatral, com seu exagero dramático.

Exatamente às nove da manhã, a hora marcada para o encontro com Val Perry, foi à janela para ver se ela estava vindo pela estrada.

Como se diz, é só pensar no diabo que ele aparece. Nesse caso, ao volante de um Porsche Turbo verde – modelo que Gurney achava que deveria valer uns 160 mil dólares. O veículo esguio passou devagar pelo celeiro e pelo laguinho, depois subiu no mesmo ritmo a encosta do pasto até chegar à pequena área de estacionamento perto da casa, com o motor poderosíssimo ronronando suavemente. Com uma mistura de curiosidade

cautelosa e um pouco mais de empolgação do que gostaria de admitir, Gurney saiu para receber a visita.

A mulher que desceu do carro era alta e de uma magreza curvilínea. Usava uma blusa creme acetinada e uma calça preta de cetim. O cabelo preto, que ia até os ombros, tinha uma franja reta e bem definida. Como Hardwick havia prometido, era “linda de morrer”. Porém havia algo mais: uma tensão tão marcante quanto sua aparência.

Ela lançou ao ambiente a seu redor alguns olhares avaliadores que pareciam absorver tudo e não revelar nada. *Uma pessoa prudente*, pensou Gurney.

Andou na direção dele com uma leve sugestão de careta – ou será que sua boca era sempre assim?

– Sr. Gurney, Val Perry. Obrigada por me receber – disse ela, estendendo a mão. – Ou será que devo chamá-lo de detetive Gurney?

– Quando me aposentei, aposentei também o título. Pode me chamar de Dave. – Os dois trocaram um aperto de mãos. A intensidade do olhar dela e a força do cumprimento surpreenderam-no. – Vamos entrar?

Ela hesitou, olhando o jardim ao redor e o pequeno pátio de arenito.

– Podemos nos sentar aqui fora?

A pergunta surpreendeu-o. Ainda que agora o sol já estivesse alto e o céu, sem nuvens, e que o orvalho da grama já tivesse secado, a manhã ainda era gélida.

– Transtorno afetivo sazonal – explicou ela com um sorriso. – Conhece?

– Conheço, é uma espécie de depressão causada pelo clima frio, não é? – Ele retribuiu o sorriso. – Acho que também sofro um pouco disso.

– Meu caso é um pouco mais grave. A partir desta época do ano preciso do máximo de luz possível, de preferência do sol. Ou então realmente tenho vontade de me matar. Portanto, se você não se importar, Dave, poderíamos nos sentar aqui fora?

Na verdade, não era uma pergunta.

Sua mente de detetive, cujo funcionamento não tinha sido afetado pelo fato de ele estar aposentado, pensou na história de transtorno sazonal dela e imaginou se haveria outro motivo para que ela preferisse não entrar na casa. *Uma excêntrica necessidade de controle? A vontade de fazer com que os outros cedam aos seus caprichos? Um desejo, por alguma razão, de me desequilibrar? Claustrofobia? Preocupação com o risco de a conversa ser gravada? E, em caso afirmativo, será que esse receio é devido à experiência ou à paranoia?*

Ele levou-a ao pátio que ficava entre a porta de vidro da casa e o canteiro. Indicou duas cadeiras dobráveis em uma mesinha que Madeleine comprara num leilão.

– Aqui está bom?

– Está ótimo – respondeu ela, puxando uma das cadeiras de baixo da mesa e sentando-se direto, sem espanar o assento antes.

Nenhuma preocupação com a possibilidade de arruinar a calça obviamente cara. O mesmo com relação à bolsa de couro cru, que jogou na mesa ainda úmida.

Ela examinou o rosto dele com atenção.

– Que informações o investigador Hardwick já lhe deu?

Tensão na voz, dureza nos olhos amendoados.

– Ele me apresentou os fatos básicos relativos aos acontecimentos anteriores e posteriores ao... ao assassinato de sua filha. Sra. Perry, se me permite, antes de continuar preciso dizer que lamento terrivelmente a sua perda.

A princípio ela não reagiu. Depois assentiu com a cabeça, mas o movimento foi tão discreto que poderia não passar de um tremor.

– Obrigada – disse abruptamente. – Aprecio sua preocupação.

Obviamente não aprecia.

– Mas a questão aqui não é a minha perda. A questão é Hector Flores. – Ela articulou o nome com os lábios apertados, como se estivesse com dor de dente e tentando morder algo. – O que Hardwick lhe contou sobre ele?

– Falou que havia provas claras e convincentes de que ele é o culpado... que ele era um sujeito estranho, controvertido... que o passado dele ainda não está claro e sua motivação também não. Não se sabe onde ele está agora.

– Não se sabe onde ele está agora! – Ela repetiu a frase com uma espécie de ferocidade, inclinando-se por cima da mesinha, pondo as palmas das mãos na superfície de metal úmida. A aliança de casamento era um aro simples de platina, mas o anel de noivado era coroado com o maior diamante que ele já vira. – Você resumiu perfeitamente – continuou ela, com um brilho selvagem nos olhos. – "Não se sabe onde ele está agora." Isso não é aceitável. Não é suportável. Estou contratando-o para pôr um fim nisso.

Ele deu um suspiro baixo.

– Acho que talvez estejamos nos precipitando um pouco.

– Como assim? – A pressão das mãos dela no tampo da mesa havia embranquecido os nós de seus dedos.

Ele respondeu de modo quase sonolento, uma reação inversa que sempre tinha diante de demonstrações exacerbadas de emoção.

– Ainda não sei se faz sentido me envolver em um caso que já está sendo investigado ativamente pela polícia.

Os lábios dela se retorceram num sorriso feio.

– Quanto você quer?

Ele balançou a cabeça devagar.

– A senhora não ouviu o que eu disse?

– O que você quer? É só dizer.

– Não faço ideia do que eu quero, Sra. Perry. Há muitas coisas que não sei.

Ela tirou as mãos da mesa e as colocou no colo, cruzando os dedos como se fosse uma técnica para manter o autocontrole.

– Vou ser direta. Você encontra Hector Flores. Prende-o ou o mata. Independentemente do que faça, eu lhe dou o que você quiser. *O que você quiser.*

Gurney afastou-se da mesa e se recostou na cadeira. Seu olhar se dirigiu ao canteiro, onde havia um alimentador de beija-flores pendurado em um pedaço de pau. Ele podia ouvir o zumbido das asas batendo enquanto dois desses minúsculos pássaros lutavam violentamente pelo direito exclusivo à água com açúcar, ou ao menos era o que parecia. Mas também poderia ser alguma estranha espécie de dança do acasalamento primaveril, e nesse caso o que

aparentava ser um instinto assassino seria outro instinto totalmente diferente.

Fez um esforço para se concentrar nos olhos de Val Perry, tentando ver além de sua beleza: o conteúdo verdadeiro daquele vaso perfeito. Havia fúria dentro dela, sem dúvida. Desespero. Um passado difícil, ele poderia apostar. Arrependimento. Solidão, mas ela não admitiria a vulnerabilidade que essa palavra implica. Inteligência. Impulsividade e teimosia – a impulsividade de agarrar algo sem pensar, a teimosia de jamais soltá-lo. E algo mais sombrio. Um ódio contra a própria vida?

Chega, disse ele a si mesmo. Era fácil demais confundir especulação com percepção. Era fácil demais se apaixonar por uma suposição louca e saltar de um penhasco para segui-la.

– Me fale sobre sua filha – pediu ele.

Algo na expressão dela mudou, como se também estivesse pondo de lado seus pensamentos.

– Jillian era difícil. – Sua declaração tinha um tom dramático. Gurney suspeitou que o que viria em seguida seria algo que ela dissera muitas vezes antes. – Mais do que difícil. Ela dependia de medicamentos para permanecer apenas *difícil* e não absolutamente impossível. Era rebelde, narcisista, promíscua, conivente, maligna. Viciada em analgésicos, anfetamina, ecstasy e crack. Uma mentirosa de primeira classe. Perigosamente precoce. Sempre atenta à fraqueza dos outros. Violenta de uma maneira imprevisível. Com uma paixão doentia por homens doentios. E tudo isso fazendo a melhor terapia que o dinheiro podia pagar. – Estranhamente empolgada com essa ladainha de insultos, a mulher parecia mais uma sádica retalhando uma estranha com uma navalha do que uma mãe descrevendo os distúrbios emocionais da filha. – Hardwick lhe contou essas coisas sobre ela?

– Não me lembro desses detalhes específicos.

– O *que* ele contou?

– Mencionou que a família dela tinha muito dinheiro.

A mulher emitiu um som alto e áspero, que ele ficou surpreso em ouvir saindo de uma boca tão delicada. Ficou mais surpreso ainda ao perceber que era uma gargalhada.

– Ah, sim! – gritou ela, com a aspereza do riso ainda na voz. – Somos definitivamente uma família com muito dinheiro. Pode-se dizer que temos dinheiro *pra caralho*. – Ela articulou o palavrão com um prazer cheio de desprezo. – Você está chocado por eu não falar como uma mãe desolada?

O espectro gélido da perda do próprio Gurney limitou sua reação, tornando difícil responder. Finalmente ele disse:

– Já vi reações mais estranhas à morte do que a sua, Sra. Perry. Não sei bem como nós... como alguém em sua posição... deveria falar.

Ela pareceu pensar nisso.

– Você disse que já viu *reações* mais estranhas à morte, mas já viu uma morte mais estranha do que a de Jillian?

Ele não respondeu. A pergunta parecia forçada. Quanto mais Gurney encarava aqueles olhos intensos, mais difícil era juntar tudo o que via numa única personalidade. Será que ela sempre fora tão fragmentada ou teria havido algo no assassinato da filha que a partira naqueles pedaços incompatíveis entre si?

– Me fale mais sobre ela – pediu.

– O quê, por exemplo?

– Tirando as características pessoais que a senhora mencionou, sabe de alguma coisa sobre a vida de sua filha que poderia ter dado ao tal Flores um motivo para matá-la?

– Está perguntando por que Hector Flores fez o que fez? Não tenho ideia. Nem a polícia. Os detetives passaram os últimos quatro meses perdidos entre duas teorias, ambas ridículas. Uma é que Hector era gay e estava secretamente apaixonado por Scott Ashton, então o ciúme o levou a matá-la. E a oportunidade de assassiná-la vestida de noiva seria irresistível para sua personalidade de bicha dramática. É uma bela história. A outra teoria contradiz a primeira. Um engenheiro naval morava com a esposa ao lado da casa de Scott e estava sempre viajando. Como a mulher dele desapareceu na mesma época que Hector, os gênios da polícia concluíram que eles estavam tendo um caso, que Jillian descobriu e ameaçou revelar tudo para se vingar de Hector, com quem ela também tinha um caso, aí uma coisa levou à outra e...

– E ele decepou a cabeça dela na festa do casamento para que ela não falasse nada? – interveio Gurney, incrédulo. Ouvindo o próprio comentário em voz alta, ele lamentou imediatamente sua brutalidade e já ia se desculpar.

Mas Val Perry não demonstrou qualquer reação.

– Eu disse que eles são uns imbecis. Segundo eles, Hector Flores era ou um homossexual enrustido enlouquecido de amor por seu patrão ou um macho latino trepando com tudo o que era mulher e silenciando com seu facão qualquer um que se opusesse a isso. Talvez eles joguem cara ou coroa para ver em que conto de fadas devem acreditar.

– A senhora tinha algum contato com Flores?

– Nenhum. Não tive o prazer de conhecê-lo. Infelizmente, tenho uma imagem muito nítida dele na mente. Ele mora aqui na minha cabeça. Você disse que “não se sabe onde ele está agora”, mas tenho a sensação de que ele vai morar aqui dentro até ser preso ou morto. Não vejo a hora de resolver esse problema com sua ajuda.

– Sra. Perry, a senhora usou a palavra “morto” algumas vezes, portanto preciso deixar uma coisa clara, para que não haja equívocos. Não sou matador de aluguel. Se isso faz parte da tarefa, explicitamente ou não, a senhora deve procurar outra pessoa. A partir de agora.

Ela examinou o rosto dele.

– A tarefa é encontrar Hector Flores... e levá-lo à justiça. É isso. Essa é a tarefa.

– Então tenho que perguntar... – começou Gurney, e parou quando um vulto marrom-acinzentado no pasto atraiu sua atenção. Um coiote, provavelmente o que ele vira no dia anterior, atravessava o campo. Seguiu o animal com o olhar até que ele desapareceu no bosque de bordos, do lado oposto do laguinho.

– O que foi? – perguntou ela, virando-se na cadeira.

– Acho que era um cachorro perdido. Desculpe a distração. O que quero saber é: por que eu? Se a senhora tem tanto dinheiro quanto diz, poderia contratar um pequeno exército. Ou alguém que, digamos, seria menos cuidadoso com a integridade física do fugitivo. Então, por que eu?

– Jack Hardwick o recomendou. Disse que você era o melhor. Que, se existe alguém que pode desvendar esse mistério, resolvê-lo de uma vez por todas, é você.

– E a senhora acreditou?

– Não deveria?

– Por que acreditou?

Ela considerou a questão por algum tempo, como se muita coisa dependesse da resposta.

– Ele foi o policial que trabalhou inicialmente no caso. O investigador-chefe. Eu o achei grosseiro, obsceno, cínico, implicante com as pessoas em todas as oportunidades. Horrível. Mas quase sempre estava certo. Isso pode não fazer muito sentido para você, mas eu entendo pessoas pavorosas como Jack Hardwick. Até confio nelas. Então aqui estamos, detetive Gurney.

Ele olhou para os pés de aspargos, avaliando-os. Val Perry parecia satisfeita com o silêncio dele. Gurney ainda podia ouvir o zumbido das asas dos beija-flores, que continuavam seu combate – se é que era disso que se tratava. Às vezes as lutas desses animais duravam uma hora ou mais. Era difícil entender como uma confrontação – ou uma técnica de sedução – tão prolongada poderia ser um uso eficiente de energia.

– Agora há pouco a senhora mencionou que Jillian tinha um interesse doentio por homens doentios. Estava incluindo Scott Ashton nessa descrição?

– Meu Deus, não, claro que não. Scott foi a melhor coisa que aconteceu a Jillian.

– A senhora aprovou a decisão de eles se casarem?

– Se *aprovei*? Que coisa antiquada!

– Vou colocar de outro modo: a senhora ficou satisfeita?

Ela sorriu enquanto seus olhos o encaravam com frieza.

– Jillian tinha alguns... *déficits* significativos, digamos assim. Déficits que exigiam intervenção profissional por toda a vida. Casar-se com um psiquiatra, um dos melhores do ramo, certamente poderia ser vantajoso. Sei que isso parece... errado, talvez. Uma exploração, quem sabe. Mas Jillian era especial em muitos sentidos. E tinha uma necessidade especial de ajuda.

Gurney levantou uma sobrancelha interrogativamente.

Ela suspirou.

– Você sabe que o Dr. Ashton é o diretor da escola especial de ensino médio que Jillian frequentou?

– Isso não criaria um conflito de...

– Não – interrompeu ela, parecendo habituada a discutir essa questão. – Ele é psiquiatra, mas quando Jillian estudava lá ele nunca foi psiquiatra *dela*. De modo que não havia questão ética, nenhuma relação entre médico e paciente. Naturalmente, as pessoas comentavam. Milhões de fofocas. “Ele é médico, ela era paciente, blá-blá-blá.” Mas em termos legais, éticos, era só uma ex-aluna se casando com o diretor da escola. Ela saiu daquele lugar quando tinha 17 anos. Ela e Scott só se envolveram um ano e meio depois. Fim da história. Claro, não foi o fim das fofocas. – O desafio relampejou em seus olhos.

– Parece que eles estavam brincando com fogo – comentou Gurney, tanto para si mesmo quanto para Val Perry.

De novo ela explodiu em sua gargalhada escandalosa.

– Se Jillian acreditasse que eles estavam brincando com fogo, acharia isso o melhor de tudo. Ela adorava viver no limite.

Interessante, pensou Gurney. Assim como o brilho nos olhos de Val Perry. Talvez Jillian não fosse a única que adorava viver no limite.

– E o Dr. Ashton? – perguntou ele, afável.

– Scott não se importa com o que os outros pensam. – Era um traço que ela obviamente admirava.

– Então, quando Jillian estava com 18, talvez 19 anos, ele a pediu em casamento?

– Dezenove. Ela fez o pedido, ele aceitou.

Enquanto pensava nisso, Gurney viu que a estranha empolgação dela estava diminuindo.

– Então ele aceitou o pedido. Como a senhora se sentiu a respeito disso?

A princípio Gurney achou que ela não tivesse ouvido. Então, numa voz baixa e rouca, desviando o olhar, ela disse:

– Aliviada. – Em seguida olhou para os pés de aspargos de Gurney como se, em algum lugar no meio deles, pudesse encontrar uma explicação adequada para sua rápida mudança de

sentimentos. Uma brisa amena havia se materializado enquanto eles conversavam e os topos das árvores balançavam suavemente.

Ele esperou, em silêncio.

Ela piscou, o maxilar se retesando e relaxando. Quando falou, foi com esforço aparente, obrigando cada uma das palavras a sair.

– Fiquei aliviada porque a responsabilidade não estaria mais nas minhas mãos. – Ela abriu a boca como se fosse continuar falando, então a fechou e apenas balançou a cabeça. *Um gesto de desaprovação*, pensou Gurney. Desaprovação a si mesma. Seria essa a raiz de seu desejo de ver Hector Flores morto? Pagar sua dívida de culpa com relação à filha?

Opa! Mais devagar. Atenha-se aos fatos.

– Eu não pretendia... – Val parou no meio da frase e ele ficou sem saber o que ela não pretendia.

– O que a senhora acha de Scott Ashton? – indagou Gurney num tom despreocupado, o mais distante possível do humor sombrio e complexo dela.

Val respondeu de imediato, como se a pergunta fosse uma válvula de escape.

– Scott Ashton é brilhante, ambicioso, decidido... – Parou.

– E?

– E frio.

– Por que a senhora acha que ele se casaria com uma...

– Uma mulher louca como Jillian? – Ela deu de ombros, de maneira pouco convincente. – Talvez porque ela tivesse uma beleza de tirar o fôlego.

Ele assentiu, sem acreditar muito.

– Sei que isso parece um grande clichê, mas Jillian era especial, *especial* mesmo. – Ela deu uma profundidade e um caráter quase sinistros à palavra. – Sabia que o QI dela era 168?

– Isso é admirável.

– É. Foi o maior índice que o laboratório que fez o teste já mediu. Eles repetiram o teste três vezes, só para garantir.

– Então, além de tudo, Jillian era um gênio?

– Ah, sim, um gênio – concordou ela, com uma animação hesitante retornando à voz. – E, claro, ninfomaníaca. Já mencionei isso?

Val Perry examinou o rosto de Gurney à procura de alguma reação.

Ele olhou a distância, por cima das árvores depois do celeiro.

– E a senhora só quer que eu procure Hector Flores.

– Procure, não. Quero que o *encontre.*

Gurney gostava de charadas, mas esta estava começando a parecer mais um pesadelo. Além disso, Madeleine jamais...

Meu Deus, é só pensar no nome dela e...

Inacreditavelmente, ali estava ela, em sua explosão de roupas vermelhas e laranja, subindo devagar pelo pasto, empurrando a bicicleta pela trilha íngreme e esburacada.

Val Perry se virou ansiosamente na cadeira para acompanhar o olhar dele.

– Você está esperando alguém?

– Minha esposa.

Não disseram mais nada até Madeleine alcançar o pátio a caminho do galpão. As mulheres trocaram olhares educados. Gurney apresentou-as, dizendo apenas – para manter o aspecto sigiloso – que Val era “amiga de um amigo” que estava ali em busca de seu conselho profissional.

– É tão *tranquilo* aqui! – comentou Val Perry, com a ênfase fazendo “tranquilo” parecer uma palavra estrangeira cuja pronúncia ela estivesse treinando. – Vocês devem *adorar*.

– Eu adoro – respondeu Madeleine. Em seguida ofereceu um breve sorriso à mulher e empurrou a bicicleta até o galpão.

– Bom – disse Val Perry, sem graça, depois que Madeleine sumiu de vista atrás das azaleias nos fundos do jardim. – Há mais alguma informação que eu possa lhe dar?

– A senhora sentiu algum incômodo com a diferença de 19 anos entre sua filha e o marido?

– Não – reagiu ela com rispidez, confirmando a suspeita dele de que havia, sim, sentido.

– O que seu marido acha de sua intenção de contratar um detetive particular?

– Ele me apoia.

– E isso quer dizer o quê, exatamente?

– Ele apoia o que eu quero fazer.

Gurney esperou.

– Você está perguntando quanto ele está disposto a pagar? – A raiva eliminou parte da beleza de seu rosto.

Gurney balançou a cabeça.

– Não é isso.

Ela pareceu não ouvir.

– Eu *disse* que dinheiro não era problema. Eu disse que temos dinheiro pra caralho, pra *caralho*, Sr. Gurney, pra *CARALHO*, e vou gastar o que for necessário para que minha vontade seja feita!

Manchas vermelhas começaram a aparecer em sua pele clara, as palavras jorrando com desprezo.

– Meu marido é a porra do neurocirurgião mais bem pago na porra do mundo! Ganha mais de 40 milhões por ano! Nós moramos numa porra de uma casa de 12 milhões de dólares! Está vendo esta porra no meu dedo? – Ela olhou furiosamente para o anel, como se houvesse um tumor em sua mão. – Esta merda brilhante aqui vale 2 milhões de dólares! Pelo amor de Deus, não me pergunte sobre dinheiro!

Gurney estava recostado na cadeira, os dedos das duas mãos unidos embaixo do queixo. Madeleine havia retornado e estava parada em silêncio na beira do pátio. Ela se dirigiu até onde eles estavam.

– A senhora está bem? – perguntou, como se o ataque que acabara de testemunhar não tivesse mais importância do que uma crise de espirros.

– Desculpe – disse Val Perry vagamente.

– Quer um pouco d'água?

– Não, estou bem. Estou perfeitamente... Estou... Não, na verdade um copo d'água seria ótimo. Obrigada.

Madeleine sorriu, assentiu com simpatia e entrou na casa pela porta de vidro.

– O que quero dizer – continuou Val Perry, ajeitando a blusa com nervosismo. – O que quero dizer, o que eu... enfatizei em excesso... é simplesmente que dinheiro não é problema. O importante é o objetivo. Qualquer recurso necessário para alcançar o objetivo está disponível. É só isso que eu estava tentando dizer. –

Ela apertou os lábios como se quisesse garantir que não haveria outra explosão.

Madeleine voltou com um copo d'água e o pôs na mesa. A mulher pegou-o, bebeu metade do líquido e o pousou cuidadosamente de volta.

– Obrigada.

– Bem – disse Madeleine enquanto voltava para a casa, com um brilho malicioso no olhar –, se precisar de mais alguma coisa, é só gritar.

Val Perry sentou-se ereta e imóvel. Parecia estar se esforçando para recuperar a compostura. Depois de um minuto, respirou fundo.

– Não sei mais o que dizer. Talvez não haja nada a dizer, além de pedir sua ajuda. – Ela engoliu em seco. – Você vai me ajudar?

Interessante. Ela poderia ter dito: "Você vai aceitar o caso?" Será que pensou que pedindo desse jeito seria mais difícil que eu dissesse não?

Independentemente de como ela perguntasse, ele sabia que seria louco se respondesse sim.

– Desculpe. Acho que não posso – decretou ele.

Val Perry não reagiu. Ficou só sentada, segurando-se à borda da mesa, encarando-o. Gurney imaginou se ela o teria ouvido.

– Por quê? – perguntou ela numa voz quase inaudível.

Gurney pensou no que dizer.

Para começar, Sra. Perry, a senhora se parece muito com a descrição que fez de sua filha. Minha inevitável colisão com a agência de investigação oficial poderia se transformar num tremendo choque de trens. E a provável reação de Madeleine ao meu envolvimento em outro caso de assassinato poderia dar outro sentido à expressão "problema conjugal".

Mas o que saiu de sua boca foi:

– Meu envolvimento poderia atrapalhar os esforços atuais da polícia e isso seria ruim para todos.

– Sei.

Gurney não viu na expressão dela uma compreensão real ou uma aceitação de sua decisão. Encarou-a, esperando seu próximo passo.

– Entendo sua relutância – ponderou ela. – No seu lugar eu sentiria a mesma coisa. Só peço que não me dê uma resposta definitiva até assistir ao vídeo.

– Vídeo?

– Jack Hardwick não mencionou isso?

– Creio que não.

– Bom, está tudo nele, todo o... acontecimento.

– A senhora não está falando de um vídeo da festa em que aconteceu o assassinato, está?

– Estou falando exatamente disso. Foi tudo gravado. Cada minuto. Está tudo num DVD.

Capítulo 8

O vídeo do assassinato

Na espaçosa cozinha da casa de Gurney havia duas mesas para refeições, uma feita de cerejeira, com suporte de cavalete, usada principalmente em jantares para convidados, quando era espanada e enfeitada por Madeleine com velas e flores coloridas do jardim, e uma redonda, em forma de pedestal, com tampo de pinho e base pintada de creme, nas quais os dois, sozinhos ou juntos, faziam a maioria das refeições. Essa mesa menor ficava perto da porta dupla de vidro. Num dia claro era tocada pela luz do sol desde o início da manhã até o crepúsculo, o que a tornava um dos locais prediletos de leitura para ambos.

Naquele dia, às duas e meia da tarde eles estavam sentados nas cadeiras habituais quando Madeleine levantou o olhar de seu livro, uma biografia de John Adams. Adams era seu presidente favorito, em especial porque a solução dele para a maioria dos problemas emocionais e físicos era dar longas caminhadas na floresta. Ela franziu a testa, prestando atenção.

– Estou ouvindo um carro.

Gurney pôs a mão em concha junto ao ouvido, mas mesmo assim se passaram uns 10 segundos até ouvir também.

– É Jack Hardwick. Parece que há um registro completo em vídeo da festa em que a garota Perry foi morta. Ele disse que iria trazê-lo. Eu falei que daria uma olhada.

Ela fechou o livro e olhou em direção à porta de vidro.

– Ocorreu a você que sua possível cliente não é exatamente sã?

– Só vou ver os vídeos. Não prometi nada a ninguém. Você pode assistir comigo.

O sorriso rápido de Madeleine pareceu descartar o convite.

– Eu iria um pouco mais longe e diria que ela é uma psicopata venenosa que provavelmente se encaixa em pelo menos meia dúzia de códigos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – continuou ela. – E o que ela disse a você? Aposto que não é toda a verdade, nem de longe.

Enquanto falava, Madeleine puxava inconscientemente a cutícula do polegar com as unhas dos dedos da outra mão, um novo hábito que Gurney via com preocupação como uma espécie de abalo na estrutura em geral bastante estável dela.

Por menores e mais curtos que fossem esses momentos, eles o perturbavam, interrompiam sua fantasia sobre a resistência infinita de Madeleine, deixavam-no temporariamente sem aquele ponto seguro de referência, o farol que afasta a escuridão e os monstros. De uma forma absurda, esse minúsculo gesto de nervosismo teve o poder de provocar o sentimento de enjoo e aperto no peito que ele sentira na infância quando sua mãe começou a fumar. Lembrou-se dela soltando baforadas ansiosas, sugando os bocados de fumaça para dentro dos pulmões. *Controle-se, Gurney. Cresça, pelo amor de Deus.*

– Mas tenho certeza de que você já sabe tudo isso, não é?

Ele a encarou por um instante, procurando o fio da conversa que havia perdido.

Ela balançou a cabeça num desespero fingido.

– Vou ficar na sala de costura agora e depois vou fazer compras em Oneonta. Se você quiser alguma coisa, ponha na lista que está no aparador.

Hardwick chegou junto com um sopro de vento e um silenciador barulhento. Parou seu velho bebedor de gasolina – um GTO vermelho meio restaurado, com remendos em epóxi ainda sem pintar – perto do Subaru Outback verde de Gurney. O vento fez um redemoinho de folhas caídas se levantar em volta dos carros. A primeira coisa que Hardwick fez ao saltar do veículo foi tossir violentamente, juntar catarro na garganta e cuspir no chão.

– Nunca suportei o fedor de folhas mortas! Sempre me fazem lembrar de esterco de cavalo.

– Muito bem observado, Jack – disse Gurney enquanto se cumprimentavam com um aperto de mãos. – Você tem um jeito delicado com as palavras.

Encararam-se como estranhos. O cabelo rente e desgrenhado de Hardwick, a pele vermelha, o nariz com veias em forma de teias de aranha e os olhos azuis aquosos de husky siberiano davam ao policial a aparência de um homem que envelhecera mal, com uma ressaca eterna. Em contraste, o cabelo grisalho de Gurney era bem penteado – bem demais, costumava dizer Madeleine – e ele, aos 48 anos, ainda estava em forma: mantinha a barriga firme com um regime de abdominais antes da ducha matinal e parecia ter no máximo 40.

Enquanto Gurney o conduzia para dentro, Hardwick riu.

– Ela o impressionou, hein?

– Não sei o que você quer dizer, Jack.

– O que atraiu sua atenção? O amor pela verdade e a justiça? A chance de dar um chute no saco do Rodriguez? Ou a bunda fantástica dela?

– É difícil dizer, Jack. – Gurney se pegou articulando o nome do sujeito com uma ênfase peculiar, como se fosse um soco rápido de esquerda. – Neste momento estou apenas curioso com o vídeo.

– É mesmo? Não está morrendo de tédio com a aposentadoria? Nem desesperado para voltar à ativa? Ou louco para ajudar a dona gostosona?

– Só gostaria de assistir ao vídeo. Você trouxe o DVD?

– O filme do assassinato? Você nunca viu nada assim, Davey, meu garoto. DVD em alta definição feito na cena do crime em tempo real.

Hardwick estava parado no meio do grande cômodo que servia de cozinha, sala de jantar e de estar, com um velho fogão a lenha numa ponta e uma lareira de pedra a 12 metros de distância dele, no outro lado. Seu olhar absorveu tudo em alguns segundos.

– Porra, isso parece uma foto de revista sobre a vida no campo.

– O aparelho de DVD está no escritório – disse Gurney, mostrando o caminho.

O vídeo começou de forma interessante, com uma imagem aérea do campo, depois a câmera se movendo lentamente para

baixo até passar sobre as copas das árvores, o verde luminoso da primavera, e seguir o curso de uma estrada estreita e um riacho borbulhante – faixas paralelas de asfalto preto e água reluzente que ligavam uma série de casas bem cuidadas em meio a gramados amplos e construções externas pitorescas.

Uma propriedade um tanto maior e mais imponente do que as outras surgiu e a movimentação da câmera aérea ficou mais lenta. Quando o foco se posicionou diretamente acima de um vasto gramado cor de esmeralda com bordas de narcisos, desceu de forma suave até o chão.

– Meu Deus – disse Gurney. – Eles alugaram um helicóptero para gravar o vídeo do casamento?

– Como todo mundo, não? – respondeu Hardwick, com a voz rascante. – Na verdade, o helicóptero era só para a introdução. A partir desse ponto, o vídeo foi gravado por quatro câmeras fixas montadas no gramado de modo que cobrissem toda a propriedade. Portanto, há um arquivo completo de imagem e som de tudo o que aconteceu ao ar livre.

A casa de pedras cor de creme, com os pátios de pedra ao redor e os canteiros de flores em formas variadas, remeteu a uma primavera passada no bucólico campo inglês.

– Onde fica esse lugar? – perguntou Gurney enquanto ele e Hardwick se acomodavam no sofá do escritório diante do aparelho de DVD.

Hardwick fingiu surpresa.

– Você não reconhece o pequeno povoado chique de Tambury?

– Por que deveria?

– Tambury é um celeiro de gente importante, e você é um cara importante. Todo mundo que é alguém conhece alguém que mora em Tambury.

– Acho que não cheguei a esse ponto. Vai me dizer onde é?

– Uma hora a nordeste daqui, na metade do caminho para Albany. Vou lhe dar as orientações.

– Não vai ser necessário... – começou Gurney e parou, franzindo a testa. – Espere um segundo. Por acaso não fica dentro da jurisdição do Kline...

Hardwick interrompeu-o.

– Sheridan Kline? Pode apostar que sim. De modo que você terá a chance de trabalhar com seus velhos colegas. O promotor tem um lugarzinho no coração reservado para você.

– Meu Deus – murmurou Gurney.

– O cara acha que você é uma porra de um gênio. Claro que, sendo o político puxa-saco que é, ele recebeu o crédito por seu triunfo com o Mellery, mas bem lá no fundo ele sabe que deve tudo a você.

Gurney balançou a cabeça, olhando de volta para a tela enquanto falava:

– Bem lá no fundo de Sheridan Kline a única coisa que existe é um buraco vazio.

– Davey, Davey, Davey, você tem opiniões muito cruéis sobre os filhos de Deus. – Então, sem esperar resposta, ele se virou para a tela e começou a narrar o vídeo. – O pessoal do bufê – disse ele enquanto um grupo de rapazes e moças com cabelos espetados, calças pretas e túnicas brancas engomadas montava um bar e meia dúzia de mesas de comida. – O anfitrião – continuou, apontando para a tela quando um homem sorridente usando um terno azul-marinho com uma flor vermelha na lapela saiu por uma porta em arco nos fundos da casa e foi para o gramado. – Noivo, marido e viúvo num só dia.

– Scott Ashton?

– O próprio.

O sujeito andou com passos firmes junto à borda de um canteiro, seguindo para o lado direito da tela, mas logo antes de ele desaparecer o ângulo da imagem mudou, mostrando-o indo na direção do que parecia um pequeno chalé para hóspedes situado na beira do gramado, junto à floresta, a uns 30 metros da casa principal.

– Quantas câmeras você disse que gravaram isso? – perguntou Gurney.

– Quatro em tripés, além de uma no helicóptero.

– Quem editou?

– A divisão de vídeo do departamento.

Gurney viu Scott Ashton batendo à porta do chalé – viu e ouviu, mas o som não era tão nítido quanto a imagem. A porta e as costas

do médico estavam num ângulo de 45 graus em relação à câmera. Ele bateu de novo, gritando:

– Hector.

Então Gurney ouviu o que pareceu uma voz com sotaque hispânico, baixa demais para as palavras serem reconhecidas. Olhou interrogativamente para Hardwick.

– Fizemos um incremento de áudio no laboratório. "*Está abierta.*" Confirma o que Ashton acha que lembra ter ouvido Hector dizer.

Ashton abriu a porta, entrou e fechou-a.

Hardwick pegou o controle remoto e apertou o botão de avançar, explicando:

– Ele fica cinco ou seis minutos lá dentro. Depois abre a porta e dá para ouvi-lo dizer: "Se você mudar de ideia..." Em seguida ele sai, fecha a porta e vai embora. – Hardwick soltou o botão de avançar no momento em que Ashton saía do chalé, parecendo menos feliz do que quando entrou.

– Era assim que eles se comunicavam? – quis saber Gurney. – Ashton falando inglês e Flores, espanhol?

– Eu perguntei isso. Ashton disse que isso era recente, que até um ou dois meses antes os dois falavam inglês. Disse que acreditava ser uma forma de regressão hostil, que retornar ao espanhol nativo, recusando-se a usar a língua que Ashton havia lhe ensinado, era o modo de Hector de rejeitá-lo. Ou alguma psicobaboseira do tipo.

Na tela, quando Ashton já estava quase saindo do enquadramento, a visão mudou para outro ângulo, que o mostrou andando na direção de um caramanchão no jardim onde quatro homens de smoking arrumavam os instrumentos de som e as cadeiras dobráveis. Ashton falou brevemente com eles, mas nenhuma das vozes era audível.

– Um quarteto de cordas em vez do DJ básico? – perguntou Gurney.

– Isso é Tambury, não há nada de básico por lá. – Hardwick avançou o vídeo durante o resto da conversa de Ashton com os músicos, passando por planos em panorâmica do terreno nobre e da casa principal, com o pessoal do bufê acomodando pratos e

talheres em mesas com toalhas de linho branco, um par de garçonetes magras arrumando garrafas e copos, detalhes de petúnias vermelhas e brancas derramando-se de vasos de pedra esculpida.

– Isso foi exatamente há quatro meses? – perguntou Gurney.

Hardwick assentiu.

– No segundo domingo de maio. Ocasião perfeita para um casamento. A glória da primavera, brisa suave, época de construção de ninhos, pombos arrulhando.

O tom implacavelmente irônico estava irritando Gurney.

Quando Hardwick parou de avançar o vídeo e apertou o play, a câmera focalizava uma elaborada treliça com hera que servia de entrada para a parte principal do gramado. Uma fila de convidados passava por ela. Havia música ao fundo, algo animadamente barroco.

À medida que cada casal passava sob a treliça em arco, Hardwick o identificava, consultando uma lista amarrotada que tirara do bolso da calça.

– O chefe de polícia de Tambury, Burt Luntz, e sua esposa... A diretora do Dartwell College e seu marido... A agente literária de Ashton e seu marido... O presidente da Sociedade da Herança Britânica de Tambury e sua esposa... A congressista Liz Laughton e seu marido... O filantropo Angus Boyd e seu jovem sei lá o quê, que ele chama de “assistente”... O editor do *Jornal Internacional de Psicologia Clínica* e sua esposa... O vice-governador e sua esposa... O diretor da faculdade de medicina...

Gurney o interrompeu.

– São todos assim?

– Se você está perguntando se todos fedem a dinheiro, poder, contatos, a resposta é sim. Presidentes de empresas, políticos, editores de jornais, até uma porcaria de um bispo.

Nos 10 minutos seguintes o jorro de ricos privilegiados entrou no jardim botânico do quintal de Scott Ashton. Nenhum deles parecia deslocado no ambiente nobre. Mas ninguém parecia muito empolgado por estar ali.

– Estamos chegando ao fim da fila – informou Hardwick. – Em seguida temos os pais da noiva: o Dr. Withrow Perry, neurocirurgião

mundialmente famoso, e Val Perry, sua esposa troféu.

O médico parecia ter 60 e poucos anos. Sua boca era carnuda e ele tinha uma expressão de desprezo, com seu queixo duplo de glutão e seus olhos afiados. Movia-se com rapidez e graça surpreendentes – como um ex-instrutor de esgrima, pensou Gurney, lembrando-se das aulas que ele e Madeleine tiveram juntos no segundo ou terceiro ano de casamento, quando ainda procuravam coisas que pudessem gostar de fazer juntos.

A Val Perry que estava ao lado do doutor na tela, como uma Cleópatra de cinema, irradiava uma satisfação que não existia na Val Perry que visitara Gurney naquela manhã.

– E agora – anunciou Hardwick –, o noivo e sua futura noiva sem cabeça.

– Meu Deus – murmurou Gurney. Havia ocasiões em que a frieza de Hardwick parecia suplantar o cinismo rotineiro dos policiais a ponto de qualificá-lo como um psicopata limítrofe. Mas aquele não era o lugar nem a hora para... o quê? Para dizer ao cara que ele era um escroto doentio?

Gurney respirou fundo e focalizou a atenção de novo no vídeo – no Dr. Scott Ashton e em Jillian Perry Ashton, que andavam na direção da câmera, sorrindo. Houve aplausos esparsos, alguns gritos de “Bravo!” e um alegre crescendo barroco ao fundo.

Gurney olhava para a noiva, pasmo.

– Que diabo há de errado? – perguntou Hardwick.

– Ela não é bem o que eu esperava.

– Que diabo você esperava?

– Pelo que a mãe contou, eu não imaginava que ela parecesse uma modelo de capa da revista *Noivas*.

Hardwick examinou a figura da jovem beldade sorridente usando um vestido de cetim branco que ia até o chão, cujo decote recatado era salpicado de lantejoulas minúsculas. As mãos com luvas brancas seguravam um buquê de flores cor-de-rosa, o cabelo dourado encontrava-se preso num redemoinho encimado por uma tiara brilhante, os olhos castanhos estavam acentuados por um toque de delineador e a boca perfeita era destacada por um batom que combinava com a cor das flores.

Hardwick deu de ombros.

– Não é esse o objetivo de todas elas?

Gurney franziu a testa, perturbado pelo estilo convencional da aparência de Jillian.

– Está na porcaria dos genes delas – insistiu Hardwick.

– É, talvez – respondeu Gurney, sem se convencer.

Hardwick avançou por cenas dos noivos andando entre os convidados, o quarteto de cordas tocando os instrumentos com grande empenho, os funcionários do bufê deslizando em meio à turba que bebericava e mastigava.

– Vamos ao que interessa – disse ele. – Direto ao segmento em que tudo acontece.

– Quer dizer, o assassinato?

– Além de algumas coisas interessantes antes e depois.

Após alguns segundos, a tela se encheu com um plano médio de três pessoas conversando, posicionadas num triângulo. Algumas palavras eram mais audíveis do que outras, suplantadas em parte pelo zumbido de outras conversas, em parte pela exuberância de Vivaldi.

Hardwick tirou do bolso outro papel dobrado, abriu-o e o entregou a Gurney, que reconheceu o formato familiar: a transcrição de uma conversa gravada.

– Assista ao vídeo e ouça a trilha sonora – orientou Hardwick. – Vou dizer quando você pode começar a acompanhar pela transcrição, para o caso de não entender o áudio. Os três que estão participando da conversa são o chefe Luntz e sua esposa, Carol, ambos de frente para a câmera, e Ashton, de costas. – Os Luntz seguravam copos altos de bebida encimados por rodelas de limão. O chefe equilibrava alguns canapés na palma da mão livre. A bebida de Ashton, o que quer que fosse, estava à frente de seu corpo, fora da linha de visão da câmera fixa. Os trechos audíveis do diálogo pareciam totalmente sem graça e eram proferidos apenas pela Sra. Luntz.

– É, é... dia lindo para isso... por sorte a previsão do tempo, que foi muito... flores... a época do ano que faz valer a pena morar nas Catskills... música, muito diferente, perfeita para a ocasião... mosquitos, nenhum... a altitude torna impossível, graças a Deus, porque os mosquitos lá em Long Island... carrapatos, nenhum

carrapato, graças a Deus... teve doença de Lyme, absolutamente horrível... diagnóstico errado... náuseas, dores, um desespero absoluto, queria se matar, a dor...

Enquanto Gurney olhava de lado para Hardwick, que estava no sofá, com uma sobrancelha erguida questionando o sentido de tudo aquilo, escutou pela primeira vez a voz mais alta do chefe.

– Carol, não é hora de falar de carrapatos. É um dia feliz... Certo, doutor?

Hardwick apontou o indicador para a primeira linha da folha datilografada que estava no colo de Gurney.

Gurney olhou para o papel, achando que era um complemento útil para o burburinho da trilha sonora.

Scott Ashton: Muito feliz mesmo, chefe.

Carol Luntz: Eu só estava tentando dizer como tudo está perfeito hoje: sem insetos, sem chuva, sem nenhum problema. E que festa linda, a música, homens bonitos em todo canto...

Chefe Luntz: Como você está indo com seu gênio mexicano?

Scott Ashton: Gostaria de saber, chefe. Às vezes...

Carol Luntz: Ouvi dizer que houve coisas... estranhas... não sei, não gosto de repetir...

Scott Ashton: Hector está passando por alguma dificuldade emocional. Nos últimos tempos seu comportamento está diferente. Acho que deu para notar. Eu me interessaria por qualquer coisa que a senhora tenha testemunhado, qualquer coisa que tenha atraído sua atenção.

Carol Luntz: Bom, não foi testemunhado por mim, ao menos não diretamente, eu só... são boatos, mas tento não prestar atenção aos boatos.

Scott Ashton: Sei. Ah, só um segundo. Com licença um minuto. Acho que Jillian está acenando para mim.

Hardwick apertou o botão de pausa.

– Está vendo? – perguntou ele. – Do lado esquerdo da tela?

Jillian estava congelada no quadro em pausa. Ela olhava na direção de Ashton levantando o pulso esquerdo, que tinha um relógio de ouro, e apontando para ele. Hardwick apertou o play de

novo e a ação retornou. Enquanto Ashton atravessava o gramado, passando por alguns convidados e indo na direção de Jillian, os Luntz continuaram a conversa sem ele e boa parte dela ficou suficientemente clara para Gurney com apenas uma olhada ocasional para a transcrição.

Chefe Luntz: Você está pensando em contar a ele sobre aquele negócio com Kiki Muller?

Carol Luntz: Você não acha que ele tem o direito de saber?

Chefe Luntz: Você não sabe nem como o boato começou.

Carol Luntz: Acho que é mais do que um boato.

Chefe Luntz: Sim, você *acha*. Você não sabe. Só acha.

Carol Luntz: Se tivesse alguém morando na sua casa, comendo sua comida, que estivesse transando escondido com a mulher do seu vizinho, não ia querer saber?

Chefe Luntz: O que estou dizendo é que você não sabe.

Carol Luntz: De que mais eu preciso? Fotos?

Chefe Luntz: Fotos ajudariam.

Carol Luntz: Burt, você está sendo ridículo. Se algum mexicano esquisito estivesse morando na nossa casa e comendo a mulher do Charley Maxon, o que você faria? Esperaria ver fotos?

Chefe Luntz: Meu Deus, puta que pariu, Carol...

Carol Luntz: Burt, isso é palavrão. Eu já disse, Burt, não fale desse jeito.

Chefe Luntz: Tudo bem, sem palavrão. Escute só, o negócio é o seguinte: você ouviu alguma coisa dita por alguém que ouviu alguma coisa de alguém, que ouviu alguma coisa de alguém...

Carol Luntz: Ora, Burt, não me encha o saco!

Ficaram em silêncio. Depois de cerca de um minuto o chefe tentou colocar na boca um dos canapés que estavam na sua mão esquerda e finalmente conseguiu usando a base da taça como se fosse uma pá minúscula. Sua mulher fez uma careta, desviou o olhar, terminou de tomar sua bebida e começou a bater o pé no ritmo que emanava do caramanchão. A expressão dela ficou festiva, quase maníaca, e seu olhar escrutinou a multidão como se procurasse alguma celebridade prometida. Quando um dos garçons

apareceu com uma bandeja de bebidas, ela trocou seu copo vazio por outro cheio. Agora o chefe a observava com os lábios comprimidos numa linha dura.

Chefe Luntz: Você poderia maneirar um pouco.
Carol Luntz: O quê?
Chefe Luntz: Você ouviu.
Carol Luntz: Alguém tem de dizer a verdade.
Chefe Luntz: Que verdade?
Carol Luntz: A verdade sobre o mexicano sujo do Scott.
Chefe Luntz: A verdade? Ou só um boatozinho podre enfeitado por uma das suas amigas idiotas? Uma baboseira completa, uma calúnia que pode render um processo?

Enquanto o mau humor dos Luntz explodia, Ashton e Jillian eram vistos no fundo do quadro, à esquerda, e a distância que havia entre eles e a câmera fixa deixava a conversa fora do alcance do áudio. A cena terminou com Jillian se virando e indo na direção do chalé, cujos fundos davam para o bosque do lado oposto do gramado, e Ashton voltando para os Luntz com a testa franzida num ar de perturbação.

Quando Carol Luntz viu Ashton se aproximando, terminou de beber sua margarita em dois goles rápidos. O marido reagiu a isso com uma palavra inaudível sibilada entre os dentes trincados. (Gurney olhou para a transcrição do áudio, mas ela não oferecia nenhuma interpretação.)

Mudando de expressão enquanto Ashton se juntava de novo a eles, o chefe perguntou:

– E então, Scott, tudo certo?

– Espero que sim. Quer dizer, eu só gostaria que Jillian... – Ele balançou a cabeça, deixando o resto no ar.

– Ah, meu Deus – exclamou Carol Luntz, um tanto esperançosa demais –, não tem nada errado, tem?

Ashton balançou a cabeça.

– Jillian quer que o Hector se junte a nós para o brinde de casamento. Ele tinha nos dito antes que não queria e... bem... é isso aí. – Ele deu um sorriso sem jeito, olhando para a grama.

– Qual é o problema dele, afinal? – perguntou Carol, inclinando-se na direção de Ashton.

Hardwick apertou o botão de pausa, congelando Carol numa pose conspiradora. Em seguida se virou para Gurney com o ímpeto de alguém que compartilha uma revelação.

– Essa é uma vaca que adora encrenca, quer saborear cada detalhe, finge que está transbordando de solidariedade. Chora por sua dor e quer mais é que você morra, para ela chorar mais ainda e mostrar ao mundo como se importa.

Gurney concordou com a análise, mas achou difícil engolir o exagero de Hardwick.

– O que vem em seguida? – quis saber ele, virando-se, impaciente, para a tela.

– Relaxe. A coisa fica melhor. – Hardwick apertou o play, reanimando a conversa entre Carol Luntz e Scott Ashton.

– É uma coisa sem importância – dizia Ashton. – Não quero incomodar vocês com isso.

– Mas o que há de *errado* com aquele sujeito? – insistiu Carol, transformando o *errado* em um gemido.

Ashton deu de ombros, parecendo exausto demais para manter a questão em segredo por mais tempo.

– Hector tem uma atitude negativa com relação a Jillian. Por outro lado, Jillian está decidida a resolver qualquer questão indefinida que tenha surgido entre os dois. Por isso insistiu que eu o convidasse para a festa, o que tentei fazer em duas ocasiões: há uma semana e de novo hoje de manhã. Ele recusou nas duas vezes. Agora mesmo Jillian me chamou para informar que pretende arrancá-lo do chalé para o brinde nupcial. Na minha opinião, isso é perda de tempo e eu lhe disse isso.

– Por que ela iria se incomodar com... com... *ele*? – Ela empacou no final, como se tentasse usar um adjetivo maldoso e não encontrasse nenhum ao alcance.

– Boa pergunta, Carol, mas não sei a resposta.

Seu comentário foi seguido de um corte para o ponto de vista de outra câmera, posicionada para cobrir um espaço da propriedade que incluía o chalé, o roseiral e metade da casa principal. Jillian, a noiva de capa de revista, batia à porta do chalé.

Hardwick parou o vídeo de novo, fazendo com que três figuras se fragmentassem num padrão de mosaico na tela.

– Muito bem – disse ele. – Aqui estamos. Os 14 minutos críticos vão começar agora. Aqueles durante os quais Hector Flores mata Jillian Perry Ashton. Aqueles durante os quais ele corta a cabeça dela com um facão, sai pela janela dos fundos e escapa sem deixar rastro. Esses 14 minutos se iniciam quando ela entra e fecha a porta.

Hardwick soltou o botão de pausa e a ação voltou. Jillian abriu a porta do chalé, entrou e a fechou.

– É isso – continuou Hardwick, apontando para a tela. – A última visão da garota viva.

A câmera permaneceu direcionada para o chalé enquanto Gurney imaginava o assassinato que estaria ocorrendo atrás das janelas com cortinas florais.

– Você falou que Flores sai pela janela dos fundos e escapa sem deixar rastro depois de matá-la. Realmente sem deixar rastro?

– Bom – respondeu Hardwick, fazendo uma pausa dramática. – Tenho de dizer... sim e não.

Gurney suspirou e esperou.

– O negócio – seguiu Hardwick – é que o desaparecimento de Flores tem uma característica familiar. – Outra pausa, acentuada por um sorriso maroto. – Havia uma trilha de pegadas que começava na janela dos fundos do chalé e entrava na floresta.

– O que você quer dizer com isso, Jack?

– Com os rastros que entram na floresta? Eles param a 150 metros da casa.

– Como assim?

– Isso não faz você se lembrar de nada?

Gurney encarou-o, incrédulo.

– O caso Mellery?

– Não sei de muitos outros casos de assassinato em que o criminoso deixa rastros que se interrompem no meio da floresta sem uma explicação óbvia.

– Então você está dizendo... o quê?

– Nada específico. Só estou imaginando se você poderia ter deixado uma ponta solta quando resolveu a maluquice do caso

Mellery.

– Que tipo de ponta solta?

– A possibilidade de um cúmplice?

– *Cúmplice?* Está maluco? Você sabe tanto quanto eu que não havia nada no caso Mellery que sugerisse a mais remota possibilidade de outro criminoso.

– Estou vendo que você fica meio sensível com esse assunto.

– *Sensível?* Eu fico sensível com sugestões que são perda de tempo, baseadas em nada mais do que o seu senso de humor delirante.

– Então tudo não passa de coincidência? – Hardwick estava metendo o dedo bem na ferida de Gurney.

– *Tudo o quê*, Jack?

– As semelhanças no *modus operandi*.

– É melhor você explicar logo o que está dizendo.

Um dos lados da boca de Hardwick se contraiu – talvez fosse um riso, talvez uma careta.

– Assista ao vídeo. Só faltam poucos minutos.

Alguns instantes se passaram. Nada de significativo acontecia na tela. Vários convidados foram até os canteiros de flores que ficavam em volta do chalé e uma das mulheres do grupo, a que Hardwick identificara antes como a esposa do vice-governador, parecia conduzir uma espécie de visita botânica, falando energicamente enquanto apontava para várias flores. Seu grupo saiu aos poucos de cena, como se estivesse preso a ela por fios invisíveis. A câmera permaneceu focalizada no chalé. As janelas com cortinas não revelavam nada.

Quando Gurney se encontrava prestes a questionar o propósito desse trecho do vídeo, o ponto de vista mudou de novo para a câmera que mostrava Scott Ashton e os Luntz no primeiro plano e o chalé ao fundo.

– Hora do brinde – anunciava Ashton. Os três estavam observando o chalé.

O noivo olhou para seu relógio e levantou a mão para chamar uma funcionária do bufê. Ela se dirigiu a ele prontamente com um sorriso solícito.

– Sim, senhor?

Ele apontou para o chalé.

– Vá avisar à minha esposa que já passa das quatro horas.

– Ela está naquela casinha fofa ali, perto das árvores?

– Sim, por favor, diga a ela que está na hora do brinde.

Enquanto a jovem ia realizar a tarefa, Ashton se virou para os Luntz.

– Jillian costuma perder a noção do tempo, especialmente quando está tentando obrigar alguém a fazer o que ela quer.

O vídeo mostrava a jovem empregada atravessando o gramado, chegando à porta do chalé e batendo. Depois de alguns segundos ela bateu de novo e tentou girar a maçaneta, em vão. Olhou de volta para Ashton, do outro lado do gramado, virando as palmas das mãos para cima num gesto de frustração. Ele reagiu movimentando a mão numa imitação de batidas mais enérgicas. Ela franziu a testa mas repetiu o esforço mesmo assim. (Dessa vez o som foi suficientemente alto para ser registrado na trilha sonora da câmera, que Gurney achava que devia estar a uns 15 metros do chalé.) Quando não houve resposta à última tentativa, ela virou as mãos para cima de novo e balançou a cabeça.

Ashton murmurou alguma coisa, aparentemente mais para si mesmo do que para os Luntz, e partiu na direção do chalé. Foi até a porta, bateu com força, depois puxou e empurrou a maçaneta com violência, ao mesmo tempo que chamava:

– Jilli! Jilli, a porta está trancada! Jillian! – Ele ficou parado com uma careta em frente à porta, com a linguagem corporal indicando frustração e confusão, depois se virou e andou rápido até os fundos da casa principal.

Empoleirado no braço da poltrona de Gurney, Hardwick explicou:

– Ele foi pegar uma chave. Disse que sempre mantém uma cópia na copa.

Um instante depois, o vídeo mostrou Ashton saindo da casa principal. Voltou ao chalé, bateu de novo – aparentemente sem resposta –, enfiou uma chave na porta e a abriu para dentro. Da perspectiva da câmera, posicionada a cerca de 45 graus em relação ao chalé, muito pouco do interior da construção era visível e praticamente apenas as costas de Ashton estavam aparentes, mas

foi possível notar um enrijecimento abrupto em seu corpo. Após uma hesitação momentânea, ele entrou. Vários segundos depois, houve um som medonho, um uivo de choque e angústia, a palavra “SOCORRO” gritada em desespero uma, duas, três vezes, e em poucos instantes Scott Ashton saiu cambaleando pela porta, tropeçando nos próprios pés, caindo de lado num canteiro de flores, berrando “SOCORRO” de um modo tão primitivo e insistente que ela deixou de ser uma palavra.

Capítulo 9

A visão da porta

As quatro câmeras de vídeo imóveis posicionadas no gramado continuaram a rodar por mais 12 minutos depois do colapso de Ashton, criando um amplo registro do caos que se seguiu – até que elas foram desligadas e requisitadas pelo chefe Luntz devido a seu valor como prova.

Os 12 minutos de hiperatividade foram incluídos no DVD editado a que Gurney assistia com Hardwick: 12 minutos de ordens e perguntas gritadas, berros horrorizados, convidados correndo até Ashton e entrando no chalé, depois recuando, uma mulher caindo, outra tropeçando nela e desabando por cima de seu corpo estirado, convidados ajudando Ashton a se levantar do canteiro e o guiando para a porta dos fundos da casa principal, Luntz bloqueando a porta do chalé e falando freneticamente ao celular, convidados virando-se para um lado e outro com olhares enlouquecidos, os quatro músicos entrando em cena, um violinista com o instrumento ainda na mão, outro somente com o arco, três policiais de Tambury uniformizados correndo até Luntz enquanto ele vigiava a porta, o presidente da Sociedade da Herança Britânica vomitando no gramado.

No fim da gravação, após um último tremor digital, Gurney se recostou lentamente no sofá e olhou para Hardwick.

– Meu Deus.

– Então, o que você acha?

– Gostaria de saber um pouco mais.

– Por exemplo?

– Quando o Bureau de Investigação Criminal chegou ao local e o que vocês encontraram no chalé?

– Os patrulheiros uniformizados chegaram três minutos depois que Luntz desligou as câmeras, ou seja, 15 minutos após Ashton

encontrar o corpo. Enquanto Luntz chamava seus próprios policiais, os convidados entravam em contato com a emergência e as ligações eram repassadas para os patrulheiros e o departamento do xerife. Assim que os agentes uniformizados deram uma olhada no chalé, ligaram para o Bureau de Investigação Criminal, o telefonema foi transferido para mim e eu cheguei ao local cerca de meia hora depois. De modo que a confusão de sempre já estava armada em um instante.

– E?

– E a opinião prevalecente era que a batata quente deveria ser jogada assim que possível no colo do Bureau de Investigação Criminal, mais especificamente no colo do investigador Jack Hardwick, onde permaneceu por cerca de uma semana, até que tive o impulso de informar ao nosso amado capitão que a abordagem dele do caso, aquela que ele insistiu que eu seguisse, tinha algumas falhas lógicas.

Gurney sorriu.

– Você disse que ele era um completo idiota?

– Algo do tipo.

– E ele transferiu o caso para Arlo Blatt?

– Exatamente, e o negócio permanece atolado há quase quatro meses numa poça de lama burocrática, sem um centímetro de progresso real. Daí o interesse da linda mãe da linda noiva em explorar outro caminho para a solução do mistério.

Uma investigação que pode substituir a poça de lama burocrática por uma poça de merda formada pela luta por território, pensou Gurney.

Recue agora, antes que seja tarde demais, sussurrou a pequena voz da sabedoria.

Então outra voz disse com uma alegre confiança: *Você deveria ao menos saber o que eles descobriram no chalé. Mais informação é sempre bom.*

– Então você chegou ao local e alguém o levou até o corpo? – perguntou Gurney.

Um tique na boca de Hardwick sinalizou que ele se lembrara do que tinha acontecido.

– É, alguém me levou até o corpo. Tive consciência de como os escrotos me olhavam enquanto me guiavam até a porta. Lembro que pensei: “Eles estão esperando uma grande reação, o que significa que tem alguma coisa horrível aí dentro.” – Hardwick fez uma pausa. Seus lábios se repuxaram sobre os dentes por um segundo ou dois e em seguida ele continuou: – Bom, eu estava certo com relação a isso. Cem por cento certo. – Ele parecia verdadeiramente perturbado.

– O corpo era visível da porta?

– Ah, sim, era bem visível.

Capítulo 10

O único modo possível

Hardwick se levantou do sofá e esfregou o rosto com força usando as duas mãos, como se tentasse acordar totalmente depois de uma noite de pesadelos.

– Alguma chance de você ter uma cerveja gelada em casa?

– Não no momento – respondeu Gurney.

– Não no momento? Que diabo isso quer dizer? Não no momento, mas talvez em um ou dois minutos uma Heineken gelada poderia se materializar na minha frente?

Gurney notou que qualquer vestígio de vulnerabilidade que o sujeito tivesse deixado escapar com a lembrança do que tinha visto quatro meses antes havia sumido.

– Então – continuou, ignorando a distração da cerveja –, o corpo podia ser visto da porta?

Hardwick foi até a janela do escritório que dava para os fundos. Ao norte, o céu tinha um tom de cinza crepuscular. Enquanto falava, ele olhou na direção do morro alto que levava à velha pedreira de arenito.

– O corpo estava sentado numa cadeira junto de uma mesinha quadrada na sala, a 2 metros da porta de entrada. – Ele fez uma careta, como se sentisse algum fedor. – Como eu disse, o *corpo* estava sentado à mesa, mas a cabeça não se encontrava em cima do corpo, e sim na mesa, numa poça de sangue, virada para o corpo, ainda usando a tiara que você viu no vídeo.

Ele fez uma pausa, como se para garantir a ordem exata dos detalhes.

– O chalé tinha três cômodos: a sala e, atrás dela, uma cozinha e um quarto pequenos, além de um banheiro minúsculo e um closet ligado ao quarto. Piso de madeira, sem tapetes, paredes nuas. Além

da quantidade substancial de sangue no corpo e em volta dele, havia algumas gotas na parte de trás da sala, perto da porta do quarto, e outras próximo à janela do quarto, que estava aberta.

– Rota de fuga? – perguntou Gurney.

– Sem dúvida. Pegada parcial no chão do lado de fora da janela. – Hardwick deu as costas para a janela do escritório e lançou um de seus olhares irritantemente astutos para Gurney. – É aí que a coisa fica interessante.

– Os fatos, Jack, só os fatos. Poupe-me dos rodeios.

– Luntz havia ligado para o departamento do xerife, porque eles tinham a equipe com cão farejador mais próxima, que chegou à propriedade de Ashton uns cinco minutos depois de mim. O cachorro captou o cheiro de um par de botas de Flores e correu direto pelo mato, como se a trilha estivesse bem clara, mas parou de repente a uns 150 metros do chalé. Começou a farejar num círculo bem apertado, então parou e ficou latindo em cima da arma, que por acaso era um facão afiado como uma navalha. Mas a questão é que, depois que encontrou a arma, ele não conseguiu captar nenhum cheiro ao se afastar dela. O condutor o guiou num círculo pequeno, depois num círculo mais amplo, e continuou fazendo isso durante meia hora, mas não adiantou. A única trilha que o cão conseguiu encontrar foi a que levava da janela dos fundos do chalé até o facão, e nada mais.

– O facão estava simplesmente ali, caído no chão?

– Tinha algumas folhas e terra solta jogada sobre a lâmina, como se tivessem feito uma tentativa apressada de escondê-la.

Gurney pensou nisso durante alguns segundos.

– Não há dúvida de que foi a arma do crime?

Hardwick pareceu surpreso com a pergunta.

– Nenhuma dúvida. O sangue da vítima ainda estava no facão. O mesmo DNA. Além do mais, isso já foi confirmado pelo relatório do legista. – O tom de Hardwick mudou para o de uma repetição mecânica de algo que ele dissera muitas vezes antes. – Morte causada pelo corte das duas artérias carótidas e da coluna entre as vértebras cervicais C1 e C2 como resultado de um golpe dado por uma lâmina afiada e pesada, desferido com grande força. Os danos aos tecidos do pescoço e às vértebras são coerentes com o facão

descoberto na floresta adjacente ao local do crime. Portanto – concluiu ele, voltando ao seu tom normal –, nenhuma dúvida. DNA é DNA.

Gurney assentiu devagar, assimilando as informações.

Hardwick prosseguiu, acrescentando um familiar toque de provocação:

– A única questão em aberto quanto àquele local específico da floresta é: por que a trilha parava ali, assim como a trilha do local do crime do caso Mellery, que simplesmente...

– Espere um segundo, Jack. Existe uma grande diferença entre as marcas de bota visíveis que encontramos na propriedade do Mellery e uma trilha de cheiro impossível de se ver.

– O fato é que as duas terminavam do nada, sem explicação.

– Não, Jack – reagiu Gurney com rispidez –, o fato é que havia uma explicação perfeitamente coerente para as pegadas das botas, assim como haverá uma explicação perfeitamente coerente, só que diferente, para seu problema do cheiro.

– Ah, Davey, meu garoto, uma coisa que sempre me impressionou em você foi seu conhecimento infinito das coisas. Sabe, eu sempre achei que você fosse mais inteligente do que fingia ser. Agora não tenho tanta certeza.

O risinho de Hardwick revelava um sentimento de satisfação com a irritação de Gurney. Ele mudou para um tom novo, cheio de inocência e curiosidade sincera.

– Então, o que você acha que aconteceu? Como a trilha do cheiro de Flores pode ter acabado desse jeito?

Gurney deu de ombros.

– Ele trocou de sapato? Pôs sacos plásticos por cima dos pés?

– Por que diabo ele faria isso?

– Talvez para criar o problema que o cachorro acabou tendo. Para tornar impossível segui-lo aonde quer que ele fosse em seguida, aonde quer que ele estivesse indo se esconder.

– Como a casa de Kiki Muller?

– Ouvi esse nome na fita. Não é a mulher que...

– Que Flores supostamente estava comendo. Isso mesmo. Vizinha de Ashton. Esposa de Carl Muller, engenheiro naval que passa metade de seu tempo num navio. Kiki nunca mais foi vista

desde o dia em que Flores desapareceu, o que não deve ser coincidência.

Gurney se recostou no sofá, pensativo, tendo dificuldade com uma parte das informações.

– Eu entendi por que Flores tomaria precauções para não ser rastreado até a casa de uma vizinha, ou aonde quer que estivesse indo, mas por que não tomá-las antes de dar o fora do chalé? Por que ele só teve essa preocupação na floresta? Por que só depois de esconder o facão?

– Talvez ele quisesse sair do chalé o mais rápido possível, não?

– Pode ser. Ou talvez quisesse que a gente encontrasse o facão...

– Então, por que enterrá-lo?

– Enterrá-lo em parte, você quer dizer. Você não falou que só a lâmina estava coberta de terra?

Hardwick sorriu.

– Questões interessantes. Definitivamente, vale a pena investigá-las.

– E mais uma coisa: alguém verificou onde os dois Muller estavam na ocasião do assassinato?

– Sabemos que durante toda aquela semana Carl trabalhou como engenheiro chefe num barco de pesca comercial a cerca de 80 quilômetros de Montauk. Mas não conseguimos encontrar ninguém que tenha visto Kiki no dia do assassinato, ou no dia anterior, por sinal.

– Isso significa alguma coisa para você?

– Absolutamente nada. Aquela é uma comunidade muito privada, ao menos na parte da estrada onde fica a casa de Ashton. Cada propriedade tem no mínimo 10 hectares e as pessoas são discretas, com pouca probabilidade de ficar na cerca dos fundos jogando conversa fora. Até dizer olá sem ser convidado deve ser considerado uma grosseria por lá.

– Alguém a viu em algum momento depois que o marido partiu para Montauk?

– Parece que ninguém, mas... – Hardwick deu de ombros, reiterando que não ser visto pelos vizinhos em Tambury era a regra, não a exceção.

– E os convidados da festa? A localização de todos durante os “14 minutos críticos” que você citou foi determinada?

– Sim. No dia após o assassinato eu examinei o vídeo pessoalmente e determinei o paradeiro de todos os convidados durante todo o tempo em que a vítima ficou no chalé, com o nosso encorajador capitão dizendo que eu estava perdendo um tempo que deveria gastar revirando a floresta atrás de Hector Flores. Quem sabe, talvez o imbecil estivesse certo pela primeira vez na vida. Claro, se eu ignorasse o vídeo e mais tarde ficasse sabendo... Bom, você conhece muito bem aquele *merdinha*. – Ele pronunciou o palavrão com os lábios apertados. – Por que você está me olhando desse jeito?

– Que jeito?

– Como se eu fosse maluco?

– Você *é* maluco – respondeu Gurney num tom despreocupado. Estava pensando que por algum motivo, ao longo dos 10 meses desde que tinham se envolvido no caso Mellery, o desprezo de Hardwick com relação ao capitão Rod Rodriguez havia evoluído para uma atitude cheia de veneno.

– Talvez eu seja – afirmou Hardwick, tanto para si mesmo quanto para Gurney. – Parece ser o consenso geral. – Ele se virou e olhou de novo pela janela. Agora o dia estava mais escuro e o morro do norte parecia quase preto contra o céu cinzento.

Gurney pensou se Hardwick, a seu modo, estaria convidando-o a falar sobre sua vida pessoal. Será que ele tinha um problema sobre o qual poderia estar disposto a conversar?

Qualquer porta que pudesse ter se aberto fechou-se rapidamente. Hardwick girou nos calcanhares, com a fagulha irônica de volta no olhar.

– Existe uma questão sobre os 14 minutos. Pode não ter sido exatamente esse o tempo. Eu gostaria de contar com sua visão onisciente. – Ele se afastou da janela, sentou-se no braço do sofá mais distante de Gurney e falou dirigindo-se à mesinha de centro, como se ela fosse um canal de comunicação entre os dois.– Não há dúvida quanto ao ponto em que o relógio começa a marcar. Ao entrar no chalé, Jillian estava viva. Dezenove minutos depois, quando Ashton abriu a porta, ela estava sentada à mesa, em dois

pedaços. – Ele franziu o nariz e acrescentou: – Cada um deles em sua poça de sangue particular.

– Dezenove? Não foram 14?

– Aos 14 minutos a garota do bufê bateu à porta e não teve resposta. Uma suposição razoável seria que a vítima não respondeu porque já estava morta.

– Mas não necessariamente?

– Não necessariamente, porque nesse ponto ela poderia estar seguindo as ordens de Flores, com o facão na mão, mandando-a ficar de boca fechada.

Gurney pensou nisso, visualizando a cena.

– Você tem alguma preferência? – perguntou Hardwick.

– Preferência?

– Você acha que ela levou o grande talho antes ou depois da marca de 14 minutos?

O grande talho? Gurney suspirou, sabendo o que estava por vir: Hardwick sendo ultrajante e Gurney se retraindo. Provavelmente isso tinha acontecido durante toda a vida dele. O palhaço chocante: um estilo reforçado pelo cinismo característico do mundo policial e que se aprofundava à medida que ele envelhecia, intensificado por problemas de reconhecimento profissional e uma relação ruim com o chefe.

– E então? – cutucou Hardwick. – Qual é sua opinião?

– Acho que é quase certo que tenha sido antes da primeira batida à porta. Provavelmente bem antes, tipo um ou dois minutos depois que ela entrou no chalé.

– Por quê?

– Quanto mais rápido ele agisse, mais tempo teria para escapar até o corpo dela ser descoberto, para se livrar do facão e para fazer o que quer que tenha feito para impedir que os cães seguissem a trilha mais adiante e antes que a vizinhança fosse invadida por policiais.

Hardwick pareceu cético, mas não mais do que o normal – o ceticismo havia se tornado uma característica natural em suas feições.

– Você está presumindo que tudo isso tenha acontecido segundo um planejamento, que tudo foi premeditado?

– Seria a minha abordagem. Você vê de outro modo?

– Existem problemas com as duas possibilidades.

– Por exemplo?

Hardwick balançou a cabeça.

– Primeiro me diga por que você acha que o crime foi premeditado.

– Pela posição da cabeça.

A boca de Hardwick estremeceu.

– O que é que tem?

– O modo como você a descreveu: virada para o corpo, com a tiara intacta. Parece um arranjo deliberado que significava algo para o assassino ou deveria significar algo para outra pessoa. Não parece uma coisa de momento.

Hardwick fez uma cara de quem estava com azia.

– O problema com a teoria da premeditação é que entrar no chalé foi ideia da vítima. Como Flores saberia que ela faria isso?

– Como você sabe que ela não falou disso com ele antes?

– Ela disse a Ashton que só queria convencer Flores a participar do brinde.

Gurney sorriu e esperou que Hardwick pensasse no que estava dizendo.

Hardwick pigarreou, desconfortável.

– Você acha que foi papo furado? Que ela tinha algum outro motivo para entrar no chalé? Que Flores havia armado alguma merda para cima dela antes e que ela inventou a história do brinde para o noivo? Essas suposições são audaciosas, baseadas em nada.

– Se o assassinato foi premeditado, algo desse tipo deve ter acontecido.

– E se não foi?

– Não faz sentido, Jack. Esse crime não foi cometido num impulso. Foi uma mensagem. Não sei quem era o destinatário nem o que significa. Mas definitivamente foi uma mensagem.

Hardwick fez outra cara de azia, mas não discutiu.

– Por falar em mensagem, encontramos uma estranha no celular da vítima, um torpedo mandado uma hora antes de ela ser morta. Dizia: “Por todos os motivos que eu escrevi.” Segundo a

companhia telefônica, a mensagem veio do celular de Flores, mas era assinada por “Edward Vallory”. Esse nome significa alguma coisa para você?

– Absolutamente nada. – A sala tinha ficado escura e eles mal conseguiam se ver em lados opostos do sofá. Gurney acendeu o abajur da mesinha a seu lado.

Hardwick esfregou o rosto com força de novo, usando a palma das duas mãos.

– Antes que eu me esqueça, queria mencionar uma coisinha estranha que observei no local e que foi citada no relatório do legista. Pode não significar nada, mas... O sangue no corpo em si, no tronco, estava concentrado todo do outro lado.

– Do outro lado?

– É, o lado oposto àquele em que Flores estaria quando desferiu o golpe com o facão.

– O que você quer dizer com isso?

– Sabe quando a gente simplesmente assimila o que vê numa cena de homicídio e começa a visualizar o que aconteceu para que os elementos do local se encontrem na posição em que estão?

Gurney deu de ombros.

– Claro. É automático. É o que a gente faz.

– Então, eu fiquei observando como todo o sangue das carótidas desceu por um só lado do corpo, apesar de o tronco estar sentado ereto, meio sustentado pelos braços da cadeira, e fiquei pensando *por quê*. Quer dizer, há uma artéria de cada lado, então por que o sangue foi todo para um lado só?

– E o que você visualizou acontecendo?

Hardwick mostrou os dentes numa rápida expressão de nojo.

– Visualizei Flores agarrando-a pelo cabelo com uma das mãos e girando o facão com toda a força com a outra, atravessando o pescoço. O que é mais ou menos o que o legista disse que aconteceu.

– E?

– E então ele segura a cabeça decepada num ângulo contra o pescoço que pulsava. Em outras palavras, ele usa a cabeça para desviar o sangue. Para impedir que caia em cima dele.

Gurney começou a assentir devagar.

– O auge da psicopatia.

Hardwick fez uma pequena careta de concordância.

– Não que decepar a cabeça dela tenha deixado muita dúvida sobre o estado mental do assassino. Mas tem alguma coisa relacionada à questão *prática* do gesto que é meio chocante. Isso é que é ter gelo nas veias.

Gurney continuou assentindo. Podia ver e sentir aonde Hardwick queria chegar.

Os dois ficaram em silêncio, pensativos, por vários segundos.

– Tem algo me incomodando, também – disse Gurney. – Nada macabro, só meio perturbador.

– O que é?

– A lista de convidados da festa.

– Quer dizer, os figurões do norte do estado de Nova York?

– Quando você esteve na cena do crime, lembra-se de ter visto alguém com menos de 35 anos? Porque, assistindo a esse vídeo, eu não vi.

Hardwick piscou, fez um muxoxo e pareceu que estava folheando pastas na cabeça.

– Provavelmente não. E daí?

– Não viu ninguém com 20 e poucos anos?

– Além do pessoal do bufê, definitivamente não. E daí?

– Só estou imaginando por que nenhum amigo da noiva foi a seu casamento.

Capítulo 11

A prova sobre a mesa

Quando Hardwick foi embora, pouco antes do pôr do sol, recusando uma oferta pouco enfática para o jantar, deixou o DVD com Gurney, junto com uma cópia do dossiê do caso, que continha registros dos primeiros dias de investigação, quando ele era o detetive principal, e dos meses subsequentes, em que Arlo Blatt estava no comando. Era tudo o que Gurney poderia querer, e ele achou isso inquietante. Hardwick estava correndo um grande risco ao copiar dados de um arquivo da polícia e dá-los a um indivíduo que não fazia parte da investigação.

Por que ele faria isso?

A resposta básica – qualquer progresso maior que Gurney fizesse deixaria uma autoridade policial que Hardwick não respeitava em uma situação constrangedora – não justificava o tamanho do risco a que ele se submetia. O motivo completo talvez pudesse ser descoberto no próprio material. Gurney o havia espalhado sobre a mesa de jantar, embaixo do lustre. Esse era o lugar mais claro da casa.

Ele dividiu os volumosos relatórios e outros documentos em pilhas de acordo com o tipo de informação contida neles. Em cada uma, colocou os itens em ordem cronológica da melhor maneira possível.

No total havia uma quantidade espantosa de dados: relatórios do incidente, notas de campo, relatórios do progresso da investigação, 62 resumos e transcrições de entrevistas (cada um tendo até 14 páginas), registros de telefones fixos e celulares, fotos do local do crime tiradas pelo pessoal do departamento, imagens adicionais registradas pelas câmeras de vídeo do casamento, um documento de 36 páginas com a descrição detalhada minuto a

minuto do que o vídeo continha, um relatório de objetos roubados, um formulário de banco de dados com números de série, um retrato falado de Hector Flores gerado por computador, o relatório da autópsia, formulários de coleta de provas, relatórios de perícia, análises de DNA a partir de amostras de sangue, o relatório da equipe com o cão farejador, uma lista enorme de convidados do casamento com informações de contato e a natureza de seu relacionamento com a vítima e/ou com Scott Ashton, desenhos e fotos aéreas da propriedade de Ashton, desenhos do interior do chalé com medidas da sala de estar, fichas de dados biográficos e, claro, o DVD ao qual Gurney havia assistido.

Quando conseguiu separar tudo de forma que pudesse começar a trabalhar, eram quase sete da noite. A princípio ele estranhou o fato de o tempo ter passado tão rápido, mas depois não. As horas sempre voavam quando sua mente estava focada e infelizmente ele só atingia esse estado de concentração quando um quebra-cabeça era posto à sua frente. Uma vez Madeleine dissera que sua vida havia se reduzido a um objetivo obsessivo: desvendar os mistérios da morte dos outros. Nada mais, nada menos.

Estendeu a mão para a pasta de papel mais próxima. Eram os relatórios do local do crime redigidos pelos técnicos da perícia. O primeiro deles descrevia o local em volta do chalé. O documento seguinte registrava o primeiro inventário visual de seu interior e era de uma brevidade impressionante. O chalé não continha nenhum dos objetos que costumam ser submetidos à análise em busca de provas por um laboratório de criminologia: não havia nenhum móvel além da mesa em que a cabeça da vítima tinha sido encontrada, a cadeira estreita com braços de madeira na qual o corpo estava apoiado e uma semelhante do outro lado. Não havia espreguiçadeiras, poltronas, camas, cobertores ou tapetes. Estranhamente, também não havia roupas ou calçados nem no closet nem no restante do chalé. A única exceção era um par de galochas leves, do tipo em geral usado sobre sapatos comuns. Essas galochas foram encontradas no quarto, perto da janela pela qual o assassino evidentemente havia saído. Sem dúvida, tinha sido delas que o cão captara o cheiro para seguir a trilha.

Gurney virou a cadeira na direção da porta dupla de vidro e olhou para o pasto de forma reflexiva. As peculiaridades e as complicações do caso – o que Sherlock Holmes chamaria de “características únicas” – estavam se multiplicando e formando o campo magnético que atraía Gurney para problemas que em geral a maior parte das pessoas evitaria.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo guincho alto da porta lateral se abrindo – um ruído que havia um ano ele pretendia eliminar com uma gota de óleo.

– Madeleine?

– É. – Ela entrou na cozinha com três sacos plásticos de supermercado em cada mão, todos pesados, colocou-os no aparador e saiu de novo.

– Quer ajuda? – ofereceu ele.

Não houve resposta, só o som da porta lateral se abrindo e fechando. Um minuto depois o barulho se repetiu, seguido pelo retorno dela à cozinha com uma segunda carga de sacos, que também apoiou no aparador. Só então tirou o curioso gorro peruano colorido com protetores de ouvido pendurados que sempre dava um toque divertido a qualquer que fosse seu humor no momento.

Ele sentiu o espasmo na pálpebra esquerda, um puxão no nervo tão nítido que o fizera ir ao espelho diversas vezes nos últimos meses para se convencer de que não era visível. Queria perguntar aonde ela tinha ido além de ao supermercado, mas pensou que ela poderia já ter lhe dito antes e o fato de ele não se lembrar não seria nada bom. Madeleine achava que esquecer o que ela dizia, assim como não prestar atenção quando ela falava, significava falta de interesse. Talvez estivesse certa. Em 25 anos no Departamento de Polícia de Nova York ele jamais se esquecera de comparecer a uma entrevista com alguma testemunha, ou de uma data no tribunal, ou do que um suspeito dissera ou o modo como dissera. Ou seja: nunca esquecera um único detalhe necessário ao seu trabalho.

Será que alguma coisa já chegara a ter uma importância equivalente à sua carreira? Ou ao menos próximo disso? Seus pais? Esposas? Filhos?

Quando sua mãe morreu, ele não sentiu quase nada. Não, foi pior do que isso. Mais frio e mais egoísta do que isso. Ele experimentou uma espécie de alívio pela remoção de um fardo, uma simplificação em sua vida. Quando sua primeira esposa o deixou, mais uma complicação foi eliminada: o peso de ter de atender às necessidades de uma pessoa difícil. Liberdade.

Madeleine foi até a geladeira e começou a tirar lá de dentro recipientes de vidro com sobras de comida das duas noites anteriores. Colocou os cinco numa fileira sobre a bancada perto do micro-ondas e tirou as tampas. Ele observou-a do outro lado da cozinha.

– Já jantou? – perguntou ela.

– Não, estava esperando você – respondeu ele, o que não era inteiramente verdade.

Ela olhou para além dele, em direção aos papéis espalhados na mesa de jantar, e levantou uma sobrancelha.

– Coisas de Jack Hardwick – explicou Gurney, de forma casual demais. – Ele pediu que eu desse uma espiada. – Imaginou o olhar firme dela examinando seus pensamentos e acrescentou: – São do caso Jillian Perry. – Fez uma pausa. – Não sei exatamente o que devo fazer ou por que alguém acha que minhas observações ajudariam nas circunstâncias atuais, mas vou dar uma olhada e dizer a ele quais são as minhas impressões.

– E a ela?

– Ela?

– Val Perry. Vai dizer quais são suas impressões a ela também? – A voz de Madeleine havia assumido um tom leve, delicado, que mais evidenciava do que escondia sua preocupação.

Gurney olhou para a tigela de frutas na bancada de granito da pia e pousou as mãos na superfície fria. Várias moscas-das-frutas, perturbadas por sua presença, saíram de um cacho de bananas, voaram em zigue-zagues assimétricos acima da tigela e pousaram de novo nas frutas, camufladas pelas cascas cheias de pintas.

Tentou falar com delicadeza, mas o efeito foi condescendente.

– Acho que você está incomodada pelas suposições que está fazendo, não pelo que está acontecendo de fato.

– Quer dizer, a suposição de que você já decidiu mergulhar de cabeça na história?

– Maddie, quantas vezes preciso dizer? Ainda não assumi nenhum compromisso com ninguém para fazer nada. Não tomei absolutamente nenhuma decisão de me envolver nisso, além de ler o dossiê do caso.

Ela lhe lançou um olhar que ele não entendeu direito, um olhar que *penetrou* nele – consciente, gentil e estranhamente triste.

Começou a recolocar as tampas nos recipientes de vidro. Ele observou em silêncio até que ela colocou os potes de volta na geladeira.

– Não vai comer nada? – perguntou Gurney.

– Não estou com muita fome. Acho que vou tomar um banho. Se despertar, eu como. Se ficar com sono, vou para a cama cedo. – Enquanto passava pela mesa coberta de papéis, ela disse: – Antes que os convidados cheguem amanhã, você vai guardar tudo isso onde a gente não veja, certo? – E saiu da cozinha. Meio minuto depois ele ouviu a porta do banheiro se fechando.

Convidados? Amanhã? Meu Deus!

Ele teve uma vaga lembrança, algo que Madeleine mencionara sobre alguém aparecer para jantar – a sombra de uma lembrança armazenada num depósito inacessível, um lugar que continha objetos de pouca importância.

Que diabo está acontecendo com você? Não resta nenhum espaço na sua cabeça para a vida comum? Para uma vida simples, compartilhada com pessoas comuns? Ou talvez nunca tenha havido espaço para isso. Talvez as coisas sempre tenham sido assim. Talvez a vida aqui numa montanha isolada – desligada das exigências do trabalho, privada de desculpas convenientes para jamais estar presente na vida das pessoas que você diz amar – esteja tornando mais difícil esconder a verdade. Será que a verdade simples é que você realmente não se importa com ninguém?

Foi até o outro lado da cozinha e ligou a cafeteira. Como Madeleine, ele tinha perdido o apetite para jantar. Mas a ideia de um café era atraente. Seria uma noite longa.

Capítulo 12

Fatos peculiares

Fazia sentido começar pelo início, examinando o retrato falado de Hector Flores.

Gurney tinha sentimentos confusos com relação a retratos falados gerados por computador. Montadas a partir de informações de testemunhas, essas imagens espelhavam os pontos fortes e fracos de todos os depoimentos.

Mas no caso de Hector Flores havia bons motivos para acreditar na semelhança do retrato com o suspeito. Os detalhes tinham sido fornecidos por um homem com a capacidade de observação de um psiquiatra e que supostamente mantinha contato diário com o retratado havia quase três anos. Uma imagem de computador feita com informações dessa qualidade poderia ter o valor de uma boa fotografia.

A imagem era de um homem de provavelmente 30 e poucos anos, bonito de um modo pouco marcante. A estrutura óssea do rosto era normal, sem qualquer característica predominante. A pele era relativamente livre de rugas e os olhos, escuros e sem emoção. O cabelo era preto, bem cortado, penteado de modo casual. Havia apenas um traço distintivo que Gurney pôde identificar, uma marca estranhamente chocante num rosto tão comum: faltava o lóbulo direito da orelha.

Anexada ao retrato falado havia uma lista de dados físicos. Mais uma vez Gurney achou que eles deviam ter sido fornecidos principalmente por Ashton e que por isso teriam uma grande possibilidade de ser precisos. A altura informada era 1,75 metro; o peso, entre 65 e 69 quilos; a raça/nacionalidade, hispânica; a cor dos olhos, castanho-escura; a cor e o tipo de cabelo, preta e liso; a cor da pele, morena-clara; os dentes eram descritos como

desiguais, com o incisivo superior esquerdo de ouro. No item “Cicatrizes e outras marcas de identificação” havia duas anotações: o lóbulo da orelha faltando e cicatrizes sérias no joelho direito.

Gurney olhou a imagem de novo e procurou alguma fagulha de loucura, um vislumbre da mente do homem de gelo que decapitara uma mulher, usara a cabeça para desviar o jato de sangue para longe de si e depois a colocara em cima da mesa, virada para o corpo do qual fora separada. Nos olhos de alguns assassinos havia uma intensidade demoníaca, urgente e óbvia, mas a maioria dos homicidas que Gurney levara à justiça durante sua carreira era impelida por um distúrbio menos evidente. O rosto comum, pouco comunicativo, de Hector Flores – no qual Gurney não conseguia ver qualquer sugestão da violência hedionda do crime – o colocava nessa categoria.

Grampeada no formulário de características físicas havia uma página impressa com o título “Declaração suplementar fornecida pelo Dr. Scott Ashton em 11 de maio de 2009”. Era assinada por Ashton e testemunhada por Hardwick como investigador-chefe. O texto era breve, considerando o período de tempo e os acontecimentos que cobria.

Meu primeiro encontro com Hector Flores aconteceu no fim de abril de 2006, quando ele apareceu em minha casa se apresentando como trabalhador diarista e procurando emprego. A partir daí comecei a lhe dar tarefas no jardim – cortar a grama, varrer, preparar a terra, fertilizar etc. A princípio ele quase não falava inglês, mas aprendeu depressa, me impressionando com sua disposição e sua inteligência. Nas semanas seguintes, ao ver que Hector era um carpinteiro hábil, passei a contar com ele para vários projetos de manutenção e reparos fora e dentro de casa. Em meados de julho ele passou a trabalhar na propriedade sete dias por semana – acrescentando a limpeza periódica da casa à sua lista de funções. Ele estava se tornando o empregado doméstico perfeito, mostrando grande iniciativa e bom senso. No fim de agosto perguntou se, em vez de receber parte do dinheiro que eu lhe pagava, ele poderia ocupar o pequeno chalé não mobiliado que ficava atrás da casa. Concordei, mesmo com algumas reservas, e

pouco depois ele começou a passar aproximadamente quatro dias por semana lá. Comprou uma mesinha e duas cadeiras num brechó, e mais tarde um computador barato. Disse que era só isso que desejava. Dormia num saco de dormir, insistia que era como se sentia mais confortável. À medida que o tempo passava, começou a fazer vários cursos pela internet. Enquanto isso, seu apetite pelo trabalho só parecia crescer e ele se transformou numa espécie de secretário particular. No fim do ano eu já lhe confiava uma quantidade razoável de dinheiro e ele fazia compras de supermercado ocasionais e outras tarefas com grande eficiência. Seu inglês havia se tornado gramaticalmente impecável, se bem que ainda com um forte sotaque, e seu comportamento era encantador. Ele com frequência atendia o telefone para mim, anotava recados e até fornecia informações sutis sobre o tom ou o humor de algumas pessoas que ligavam. (Em retrospectiva isso parece bizarro – o fato de eu confiar desse modo num homem que pouco antes estivera procurando um trabalho para espalhar adubo –, mas o arranjo funcionou bem, sem um único problema que eu percebesse, durante quase dois anos.) As coisas começaram a mudar no outono de 2008, quando Jillian Perry entrou na minha vida. Logo Flores ficou mal-humorado e recluso, sempre achando motivos para ficar longe da casa quando Jillian estava lá. As mudanças ficaram mais perturbadoras no início de 2009, quando anunciamos nossos planos de casamento. Ele desapareceu durante vários dias. Quando retornou, disse que tinha descoberto coisas terríveis sobre Jillian e que eu arriscaria minha vida me casando com ela, mas se recusou a dar detalhes. Disse que não tinha como dizer mais nada sem revelar a fonte das informações, e que não podia fazer isso. Implorou que eu reconsiderasse a decisão de me casar. Quando ficou claro que eu não iria mudar de ideia sem saber exatamente sobre o que ele estava falando e que não toleraria acusações infundadas, ele pareceu aceitar a situação, mas continuou evitando Jillian. Pensando bem, claro, eu deveria tê-lo demitido quando surgiram esses indícios de instabilidade, mas com a arrogância da minha profissão presumi que poderia descobrir a natureza do problema e resolvê-lo. Eu me vi realizando uma experiência grandiosa em educação, jamais aceitando por completo

o fato de que estava lidando com uma personalidade perigosamente complexa e que tudo poderia fugir ao controle. Também devo admitir que ele havia tornado minha vida mais fácil e mais conveniente em tantos sentidos que relutei em deixá-lo ir embora. Preciso enfatizar mais uma vez o grau em que sua inteligência, a velocidade de seu autodidatismo e sua variedade de talentos haviam me impressionado – e agora tudo isso parece ilusório à luz do que ocorreu. Meu último contato com Hector Flores aconteceu na manhã do casamento. Jillian, que sabia muito bem do desprezo que Hector sentia por ela, estava obcecada em fazer com que ele aceitasse a realidade da nossa união e me convenceu a fazer um último esforço para persuadi-lo a ir à cerimônia. Naquela manhã, fui ao chalé e o encontrei sentado à mesa como um bloco de pedra. Fiz mais um convite, que ele recusou. Ele estava vestido totalmente de preto – camiseta, calça jeans, cinto e sapatos. Talvez isso devesse ter significado alguma coisa para mim. Foi a última vez que o vi.

Nesse ponto da transcrição, Hardwick anotara à mão na margem: “Depois da apresentação e da revisão da declaração anteriormente feita por Scott Ashton, ela foi suplementada pelas seguintes perguntas e respostas.”

J.H.: É correto afirmar que o senhor tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre o passado desse homem?

S.A.: É correto.

J.H.: Ele não deu praticamente nenhuma informação sobre si mesmo?

S.A.: Correto.

J.H.: No entanto, o senhor confiou nele a ponto de deixá-lo morar em sua propriedade, ter acesso à sua casa e atender o seu telefone?

S.A.: Sei que isso parece idiotice, mas eu considerava a recusa dele em falar sobre o passado uma forma de honestidade. Quero dizer: se ele quisesse esconder alguma coisa, seria mais convincente criar um passado fictício. Mas ele não fez isso. De um modo invertido, isso me impressionou. Portanto, sim, eu confiei nesse homem apesar de ele ter se recusado a falar do passado.

Gurney leu toda a declaração de novo, mais devagar, e depois uma terceira vez. Achou a narrativa extraordinária, tanto pelo que deixava de fora quanto pelo que incluía. Dentre os elementos que chamavam atenção estava uma singular carência de fúria. E uma ausência notável do horror visceral que no dia anterior a essa declaração fizera o sujeito sair cambaleando do chalé segundos depois de entrar, gritando e desmaiando em seguida.

Será que a mudança tinha sido resultado simplesmente de medicação? Um psiquiatra teria acesso fácil a sedativos apropriados. Ou seria algo mais que isso? Era impossível dizer baseado simplesmente em palavras no papel. Seria interessante conhecer o sujeito, olhar em seus olhos, ouvir sua voz.

Ao menos o trecho da declaração que se referia à falta de mobília no chalé e à insistência de Flores em mantê-lo desse modo explicava em parte o mistério do vazio do local no relatório de provas – em parte, mas não totalmente. Não esclarecia por que não havia roupas, sapatos ou artigos de higiene. Nem o que havia acontecido com o computador. Ou por que Flores havia optado por deixar para trás um par de galochas se removera todos os seus itens pessoais do lugar.

O olhar de Gurney foi até as pilhas de documentos arrumadas à sua frente. Lembrou-se de ter visto antes dois relatórios sobre o crime, não somente um, como seria de esperar, e imaginou por quê. Estendeu a mão para o outro lado da mesa e pegou o segundo, que estava embaixo do primeiro.

Tinha sido produzido pelo Departamento de Polícia de Tambury Village em resposta a um telefonema recebido às 16h15 no dia 17 de maio de 2009 – exatamente uma semana depois do assassinato. O declarante era citado como o Dr. Scott Ashton, morador da Badger Lane, 42, Tambury, Nova York. O documento fora redigido pelo sargento Keith Garbelly e continha uma observação de que uma cópia fora enviada ao Bureau de Investigação Criminal na Sede Regional da Polícia do Estado, aos cuidados do investigador-chefe J. Hardwick. Gurney presumiu que estivesse lendo uma cópia da cópia.

O declarante estava sentado no pátio da residência, voltado para o gramado principal, com uma xícara de chá sobre a mesa. Ele costumava fazer isso quando o tempo estava bom. Ouviu um único tiro e, ao mesmo tempo, testemunhou uma xícara de chá se despedaçar. Correu para dentro de casa pela porta dos fundos (do pátio) e ligou para o Departamento de Polícia de Tambury. Quando cheguei ao local (com apoio vindo em seguida), o declarante parecia tenso, ansioso. A entrevista inicial foi feita na sala de estar. O declarante não pôde identificar a fonte do tiro e supôs que fosse "de longa distância, daquela direção" (indicou a janela dos fundos, no sentido de uma colina coberta de árvores a pelo menos 300 metros de distância). O declarante afirmou que o acontecido estava "possivelmente conectado ao assassinato da minha mulher". Disse que não sabia que conexão poderia ser. Especulou que Hector Flores talvez tivesse tentado matá-lo, também, mas não conseguiu fornecer nenhuma motivação para isso.

Uma cópia de um relatório de apuração do Bureau de Investigação Criminal estava anexado ao relatório inicial do incidente, indicando que a questão fora repassada rapidamente, o que era coerente com a responsabilidade primária do departamento pelo caso. O documento tinha três anotações curtas e uma longa, todas com as iniciais "JH".

Busca na propriedade de Ashton, na floresta, nos morros: negativo. Entrevistas na área: negativo.

A reconstrução da xícara mostra que o ponto de impacto foi exatamente no centro, considerado de cima para baixo e da esquerda para a direita. Apoia a hipótese de que a xícara, e não Ashton, poderia ser o alvo do atirador.

Os fragmentos de bala recuperados no pátio são pequenos demais para uma análise balística conclusiva. Melhor hipótese: fuzil de alta potência e calibre pequeno a médio, equipado com mira telescópica sofisticada, nas mãos de um atirador experiente.

A avaliação da arma e a conclusão de que a xícara era o alvo foram compartilhadas com Scott Ashton, para saber se ele conhecia alguém com esse tipo de equipamento e essa habilidade como atirador. Ele pareceu perturbado. Quando pressionado, citou duas pessoas com um fuzil e uma mira consistentes com os citados: ele próprio e o pai de Jillian, o Dr. Withrow Perry. Disse que Perry gostava de fazer viagens de caça exóticas e era atirador experiente. Afirmou ainda que comprou o próprio fuzil (um sofisticado Weatherby .257) por sugestão de Perry. Quando pedi para ver a arma, ele descobriu que ela havia sumido da caixa de madeira em que era mantida trancada, no armário do escritório. Não soube dizer quando foi a última vez que viu o fuzil, mas informou que poderia ter sido dois ou três meses antes. Perguntado se Hector Flores sabia de sua existência e localização, respondeu que Flores o havia acompanhado a Kingston no dia em que ele o comprara e que também construíra a caixa de carvalho em que o fuzil era guardado.

Gurney virou o formulário, procurou uma página de continuação, folheou a pilha de onde ele viera, mas não encontrou nenhuma anotação sobre a entrevista que deveria ter sido feita depois com Withrow Perry. Ou talvez ela não tivesse sido conduzida. Talvez tivesse caído em um buraco negro, como às vezes acontecia com informações críticas durante a transferência de um caso de um investigador-chefe para outro – nesse caso, do espalhafatoso Hardwick para o desajeitado Blatt. Não era difícil imaginar isso.

Era hora de uma segunda xícara de café.

Capítulo 13

Mais esquisito e mais tortuoso ainda

Poderia ter sido qualquer coisa: o estímulo recente da cafeína, uma inquietação natural por estar sentado na mesma cadeira há muito tempo, a perspectiva opressiva de seguir sozinho noite adentro por aquela trilha de documentos sem ordem de prioridade, as questões aparentemente não investigadas com relação ao paradeiro de Withrow Perry e seu fuzil na tarde de 17 de maio. Ou talvez tenham sido todas essas forças juntas que o levaram a pegar o celular e ligar para Jack Hardwick. Todas elas além da ideia que lhe ocorrera sobre a xícara despedaçada.

O telefone só foi atendido depois de cinco toques, justo quando Gurney estava pensando no recado que deixaria.

– O que é?

– Que saudação charmosa, Jack!

– Se eu soubesse que era você, não teria me esforçado tanto. O que houve?

– Você me deu um dossiê bem grande.

– Tem alguma pergunta?

– Estou olhando para 500 folhas de papel. Só imaginei se você queria me sugerir alguma direção específica.

Hardwick soltou uma das suas típicas gargalhadas ásperas.

– Porra, Gurney, Holmes não deveria perguntar a Watson que direção seguir.

– Deixe-me colocar de outro modo – disse Gurney, pensando como era sempre um pé no saco conseguir uma simples resposta de Hardwick. – Existe algum documento nessa montanha de merda que você acha que eu consideraria especialmente interessante?

– Tipo fotos de mulher pelada?

Esses jogos com Hardwick podiam levar muito tempo. Gurney decidiu mudar as regras, mudar de assunto, pegá-lo desprevenido.

– Jillian Perry foi decapitada às 16h13 – anunciou. – Com margem de erro de 30 segundos a mais ou a menos.

Houve um breve silêncio.

– Como diabo...?

Gurney visualizou a mente de Hardwick sobrevoando o chalé, a floresta, o gramado, tentando localizar alguma pista que tivesse deixado passar. Depois que imaginou que o espanto e a frustração do outro já tivessem florescido totalmente, Gurney sussurrou:

– A resposta está nas folhas de chá. – E desligou.

Hardwick ligou de volta 10 minutos depois, mais rápido do que Gurney previra. A verdade surpreendente sobre Hardwick era: sob sua personalidade exasperante havia uma mente muito afiada. Até onde o sujeito poderia ter ido, pensava Gurney com frequência, e quão mais feliz poderia ter sido se não fosse tão atrapalhado pelas próprias atitudes? Claro, essa era uma pergunta que se aplicava a muita gente, inclusive a ele mesmo.

Gurney não se deu o trabalho nem de dizer alô.

– Concorda comigo, Jack?

– Não é uma coisa garantida.

– Nada é. Mas você entendeu a lógica, certo?

– Claro – afirmou Hardwick, insinuando que compreendera mas não ficara impressionado. – O Departamento de Polícia de Tambury recebeu o telefonema de Ashton falando sobre a xícara de chá às 16h15. Ashton disse que entrou correndo em casa assim que percebeu o que havia acontecido. Considerando o tempo que ele demoraria para ir do pátio até o telefone mais próximo dentro de casa, talvez olhando pela janela algumas vezes em busca de algum sinal do atirador, depois digitar o número da delegacia local em vez de simplesmente o 911 da emergência e esperar alguns toques antes que alguém atendesse... tudo isso situaria o tiro por volta de 16h13. Mas só o tiro, isoladamente. Para ligá-lo, como você está fazendo, à hora exata do assassinato da semana anterior, é preciso dar três saltos gigantescos. Um: o atirador da xícara de chá é o

mesmo cara que matou a noiva. Dois: ele sabia o instante exato em que a havia matado. Três: ele queria mandar uma mensagem estourando a xícara no mesmo minuto da mesma hora do mesmo dia da semana. É isso que você está dizendo?

– É por aí.

– Não é impossível. – A voz de Hardwick evocava a expressão habitualmente cética que havia formado rugas permanentes em seu rosto. – Mas e daí? Que diabo de diferença faz se foi isso que aconteceu ou não?

– Ainda não sei. Mas existe alguma ligação entre...

– Uma cabeça decepada e uma xícara despedaçada, ambas em cima de uma mesa, separadas por uma semana?

– Algo do tipo – disse Gurney, de repente em dúvida. O tom de Hardwick tinha a capacidade de fazer as ideias alheias parecerem absurdas. – Mas, voltando ao monte de merda que você jogou no meu colo, tem algum lugar por onde você prefira que eu comece?

– Comece por onde quiser, gênio. Você não vai se decepcionar. Praticamente todas as folhas de papel têm pelo menos uma reviravolta estranha. Nunca vi um caso mais esquisito e mais tortuoso. Ou um grupo de pessoas mais esquisitas e mais tortuosas. Quer saber o que estou sentindo lá no fundo? Que qualquer porra que esteja acontecendo não é o que parece ser.

– Mais uma pergunta, Jack. Por que não existe nenhum registro de entrevista com Withrow Perry com relação ao incidente da xícara?

Depois de um momento de silêncio, Hardwick emitiu um zurro áspero, que não se parecia em nada com uma gargalhada.

– Sagaz, Davey, muito sagaz. Sacou o furo rápido à beça. Não houve nenhuma entrevista oficial porque eu fui oficialmente retirado da investigação no mesmo dia em que descobrimos que o bom doutor por acaso tinha a arma perfeita para acertar uma bala numa xícara a 300 metros de distância. Eu diria que a falha em seguir essa pista foi um baita vacilo do novo investigador-chefe, não acha?

– Imagino que você não tenha se dado o trabalho de lembrá-lo, não é?

– Não tive permissão de chegar nem perto da nova investigação. Fui alertado por ninguém menos que nosso

reverenciado capitão.

– E você foi tirado do caso porque...

– Já lhe contei. Dirigi-me de modo inadequado ao meu superior. Informei-lhe sobre as limitações de sua abordagem. Também posso ter aludido às limitações de sua inteligência e à sua inadequação geral para o comando.

Longos 10 segundos se passaram sem que qualquer dos dois falasse.

– Parece que você odeia o cara, Jack.

– Odeio? Nãão. Não odeio. Não odeio ninguém. Eu amo a porra do mundo inteiro.

Capítulo 14

As características do terreno

Depois que liberou espaço suficiente apenas para seu laptop entre duas pilhas de documentos na mesa comprida, Gurney digitou o endereço de Ashton em Tambury no Google Earth. Centralizou o chalé e o bosque atrás dele na tela, ampliando até a resolução máxima disponível. Usando os dados de escala junto da imagem e as informações sobre direção e distância contidas no dossiê do caso, Gurney pôde reduzir o local da descoberta da arma do crime até uma área razoavelmente pequena no bosque, a cerca de 30 metros da Badger Lane. Isso queria dizer que, depois de sair do chalé pela janela dos fundos, Flores andou ou correu até lá, cobriu parcialmente a lâmina do facão ainda ensanguentado com um pouco de terra e folhas e então... o quê? Conseguiu chegar à estrada sem deixar mais nenhum cheiro para os cães seguirem? Desceu o morro até a casa de Kiki Muller? Ou ela estaria ali mesmo na estrada, de carro, esperando para ajudá-lo a escapar, esperando para fugir com ele em direção à vida nova que os dois tinham planejado juntos?

Ou será que Flores simplesmente voltara ao chalé? Seria por isso que a trilha de cheiro não ia mais longe do que o facão? Seria possível que Flores tivesse se escondido no próprio chalé ou perto dele tão bem que um enxame de patrulheiros, detetives e peritos não o tivesse descoberto? Parecia improvável.

Enquanto Gurney desviava os olhos da tela do laptop, ficou espantado ao ver Madeleine sentada na ponta da mesa, observando-o – tão espantado que pulou na cadeira.

– Meu Deus! Há quanto tempo você está aí?

Ela deu de ombros e não se deu o trabalho de responder.

– Que horas são? – indagou ele, e viu imediatamente como a pergunta era idiota. O relógio sobre o aparador estava em sua linha de visão, não na dela. As horas, 22h55, também apareciam na tela do computador à sua frente.

– O que você está fazendo? – quis saber ela. Parecia mais um desafio que uma pergunta.

Ele hesitou.

– Só tentando entender... isto.

– Hum. – Isso soou como uma nota de uma risada sem humor.

Ele tentou devolver o olhar firme dela, mas achou difícil.

– O que você está pensando? – interrogou.

Ela sorriu e franziu a testa quase ao mesmo tempo.

– Estou pensando em como a vida é curta – disse finalmente, como se tivesse chegado a uma triste conclusão.

– E por isso...

No instante em que ele achou que Madeleine não iria responder, ela falou.

– Por isso estamos ficando sem tempo. – Ela inclinou a cabeça (ou talvez tivesse sido um espasmo minúsculo, involuntário) e o olhou com curiosidade.

Ele ficou tentado a perguntar: “Tempo para quê?”, sentindo uma ânsia de transformar aquele diálogo sem pé nem cabeça numa discussão mais administrável, mas algo nos olhos dela o impediu. Em vez disso ele disse:

– Você quer conversar sobre isso?

Madeleine balançou a cabeça.

– A vida é curta. Só isso. É algo em que pensar.

Capítulo 15

Maniqueísmo

Por uma hora depois que Madeleine saíra da cozinha, Gurney esteve várias vezes a ponto de ir ao quarto investigar a importância do comentário dela.

De vez em quando, por breves períodos, Madeleine parecia ver as coisas de uma forma desanimadora. Era como se sua visão só focalizasse um ponto estéril na paisagem e ela o visse como se fosse o mundo inteiro. Mas esse fenômeno sempre fora temporário: de repente seu foco se alargava de novo e sua alegria e seu pragmatismo retornavam. Já tinha acontecido dessa forma antes, portanto sem dúvida aconteceria outra vez. Mas por enquanto sua atitude o desconcertava, criando um bolo de ansiedade em seu estômago – um sentimento do qual ele queria escapar. Foi até a copa, tirou um casaco leve do cabideiro e saiu pela porta lateral em direção à noite sem estrelas.

Em algum lugar acima do grosso manto de nuvens, a lua tornava o céu menos escuro. Assim que conseguiu discernir a trilha no chão em meio ao mato crescido, seguiu pela encosta suave do pasto até o banco gasto que ficava diante do laguinho. Sentou-se e após alguns segundos seus olhos perceberam lentamente algumas formas indistintas – pedaços de objetos, talvez partes de árvores, nada suficientemente claro para ser identificado com certeza. Então, do outro lado do lago, quase fora de sua linha de visão, sentiu um ligeiro movimento. Quando olhou diretamente para lá, as formas escuras – grandes arbustos, galhos baixos, montes de tábuas emaranhados na beira d'água – se fundiram umas às outras, indistinguíveis. Mas, ao virar a cabeça para o outro lado, sentiu o movimento de novo – provavelmente algum animal, talvez do

tamanho de um cervo pequeno ou um cachorro grande. Girou a cabeça rápido de volta e a forma desapareceu mais uma vez.

Conhecia o fenômeno óptico envolvido naquilo, o mesmo que possibilitava que se visse uma estrela fraca ao olhá-la meio de lado, não diretamente. E o animal, se é que tinha sido isso que ele vira e se é que vira mesmo algo, com certeza era inofensivo. Mesmo que fosse um pequeno urso, os ursos das Catskills não representavam perigo algum, menos ainda para alguém sentado em silêncio a 100 metros de distância. No entanto, em algum nível primitivo de percepção, havia algo fantasmagórico num movimento indefinível no escuro.

A noite não tinha vento nem sons, mas para Gurney ela não parecia nem um pouco pacífica. Ele percebeu que isso tinha mais a ver com sua própria mente do que com a atmosfera ao redor, devia-se mais à tensão em seu casamento do que a sombras na floresta.

A tensão no casamento. Seu casamento não era perfeito. Por duas vezes estivera à beira do fim. Quinze anos antes, quando seu filho de 4 anos morrera num acidente pelo qual Gurney se considerava responsável, ele havia se tornado um farrapo humano sem emoções, com quem era quase impossível conviver. E, apenas 10 meses atrás, sua entrega obsessiva ao caso Mellery chegara perto de acabar não somente com o casamento, mas com sua vida.

No entanto, gostava de pensar que a dificuldade entre ele e Madeleine era simples, ou ao menos que a entendia. Para começar, os dois tinham personalidades totalmente diferentes. Ele via as coisas de forma racional, enquanto ela as entendia com a emoção. Ele adorava a solidão e ela gostava de estar cercada de pessoas. Para ele, a observação era apenas um instrumento que permitia uma avaliação mais clara das coisas; para ela, a avaliação era apenas um instrumento que permitia uma observação mais clara das coisas.

Teoricamente, eles tinham muito pouco em comum. No entanto, havia uma centelha que com frequência passava entre eles quando compartilhavam o mesmo ponto de vista sobre qualquer coisa: um sentimento recíproco de que o outro era especial e mais importante do que qualquer pessoa. Uma centelha que Gurney, em seus momentos mais calorosos, acreditava ser a essência do amor.

Era essa contradição que caracterizava o relacionamento deles. Tinham diferenças sérias, controversas, porém eram unidos por poderosos momentos de percepção e afeto. O problema era que, desde a mudança para Walnut Crossing, esses momentos tinham sido raros. Fazia muito tempo que não se abraçavam, que não se abraçavam de verdade, como se cada um estivesse segurando o objeto mais precioso do Universo.

Sentado no escuro, perdido nesses pensamentos, ele havia se virado para dentro de si, distante do ambiente ao redor. O latido dos coiotes o trouxe de volta.

Era difícil identificar a localização dos gritos agudos e ferozes ou o número dos animais. Achou que era um grupo de três, quatro ou cinco, em algum lugar no alto do morro seguinte, cerca de 1,5 quilômetro a leste do lago. Quando os latidos pararam subitamente, o silêncio se aprofundou. Gurney puxou o zíper do casaco mais alguns centímetros para cima.

Logo sua mente estava preenchendo o vazio sensorial com mais pensamentos sobre seu casamento. Mas ele sabia que as generalizações, por mais que fosse viciado nelas, pouco serviam para solucionar problemas importantes. E o problema importante do momento era a necessidade de tomar uma decisão sobre a qual ele e Madeleine obviamente discordavam: Gurney aceitar ou não o caso Perry.

Sabia perfeitamente como sua mulher se sentia a respeito disso, não somente por causa de seus últimos comentários, mas também devido às graves preocupações que ela exprimia com relação a qualquer atividade ligada à polícia desde que ele se aposentara, dois anos antes. Gurney presumia que ela veria o caso Perry de uma forma maniqueísta. Se ele aceitasse participar, isso provaria que sua obsessão por resolver assassinatos, mesmo aposentado, era incurável e que o futuro dos dois juntos seria incerto. Se recusasse, por outro lado, sinalizaria uma mudança, o primeiro passo de sua transformação de um detetive viciado em trabalho em um entusiasta da natureza, observador de pássaros, remador de caiaque. Mas – argumentou ele em sua imaginação, como se Madeleine estivesse presente – as opções maniqueístas são pouco realistas e levam a decisões ruins, porque excluem

muitas soluções. Nesse caso, a saída mais lógica estaria no meio do caminho.

Seguindo esse raciocínio, percebeu como o meio-termo ideal poderia ser definido. Aceitaria o caso, mas com uma limitação de tempo rígida: uma semana, por exemplo. No máximo duas. Durante esse período ele mergulharia nas provas, perseguiria pontas soltas, poderia entrevistar de novo pessoas fundamentais, seguiria os fatos, descobriria o que pudesse, ofereceria suas conclusões e recomendações e...

Nesse ponto o latido dos coiotes recomeçou tão abruptamente quanto havia cessado, agora parecendo mais perto, talvez na metade da encosta coberta de árvores que descia na direção do celeiro. Os sons eram entrecortados, agudos, agitados. Gurney não sabia se estavam de fato se aproximando ou apenas ficando mais altos. Depois, nada. Nem sequer o menor ruído. Um silêncio penetrante. Dez segundos se passaram lentamente. Então, um a um, eles começaram a uivar. Arrepios percorreram as costas de Gurney e seus braços, até as costas das mãos. Mais uma vez pensou ter visto pelo canto do olho alguma sugestão de movimento no escuro.

Ouviu o ruído de uma porta de carro batendo. Depois viu faróis descendo pelo pasto, os fachos oscilando erráticos sobre a vegetação baixa, o carro seguindo rápido demais para a superfície irregular. O veículo se sacudiu e parou depois de uma curta derrapada a uns 3 metros do banco.

Da janela aberta do motorista veio a voz de Madeleine, num volume alto e pouco característico, quase em pânico.

– David! – Enquanto ele se levantava do banco e se dirigia ao carro na claridade periférica dos faróis, ela berrou de novo: – David!

Só quando ele se encontrava dentro do veículo e ela estava fechando a janela, Gurney notou que o coro de uivos medonhos havia parado. Madeleine apertou o botão que trancava as portas e pôs as mãos no volante. Agora os olhos dele estavam adaptados à escuridão o suficiente para ver – talvez em parte ver, em parte imaginar – a rigidez dos braços e da mão dela, a pele esticada sobre os nós dos dedos.

– Você... você não ouviu que eles estão chegando mais perto? – perguntou ela, parecendo sem fôlego.

– Ouvi. Achei que estivessem caçando alguma coisa, um coelho, talvez.

– Um coelho? – A voz dela estava rouca, incrédula.

Certamente ele não podia ter visto tantos detalhes, mas o rosto dela parecia tremer com uma emoção mal contida. Enfim Madeleine respirou fundo, trêmula, depois mais uma vez, então soltou as mãos do volante e flexionou os dedos.

– O que você estava fazendo aqui embaixo? – perguntou.

– Não sei. Só... pensando nas coisas, tentando... decidir o que fazer.

Depois de outro suspiro longo, mais firme, ela girou a chave, sem perceber que o motor já estava ligado, produzindo um guincho de protesto do mecanismo de partida e um jorro de irritação da própria garganta.

Fez a curva na frente do celeiro e dirigiu de volta subindo pelo pasto até a casa. Parou o carro mais perto da porta lateral do que faria normalmente.

– E o que você decidiu? – indagou quando ele estava prestes a sair.

– O quê? – Ele tinha ouvido a pergunta, mas queria adiar a resposta.

Ela pareceu perceber isso; apenas virou a cabeça parcialmente para ele e esperou.

– Eu estava tentando definir um modo... um modo justo de tratar as coisas.

– Justo. – Ela articulou a palavra num tom que parecia despi-la de qualquer significado.

– Acho que é melhor falarmos sobre isso em casa – ponderou ele, abrindo sua porta, querendo escapar ao menos por um minuto. Quando começou a sair, seu pé se prendeu em algo parecido com uma barra ou um pedaço de pau no piso do carro. Olhou para baixo e viu, na claridade amarelada da luz do teto, o pesado cabo de madeira do machado que eles normalmente deixavam no depósito de lenha junto à porta lateral.

– O que é isso? – perguntou.

– Um machado.

– Mas o que está fazendo no carro?

– Foi a primeira coisa que eu vi.

– Sabe, os coiotes realmente não...

– Como diabo você sabe? – interrompeu ela com fúria. – Como diabo você sabe disso? – E afastou o corpo bruscamente, como se ele tivesse tentado segurar seu braço. Saiu do carro numa pressa desajeitada, bateu a porta e correu para dentro de casa.

Capítulo 16

Um sentimento de ordem e objetividade

Durante as primeiras horas da manhã, as pesadas nuvens tinham sido sopradas por uma frente fria que se movia rapidamente, composta do ar seco outonal. Ao amanhecer o céu era de um azul pálido, e às nove, de um cobalto profundo. O dia prometia ser límpido e radiante, claro e tranquilizador, assim como a noite fora sombria e desanimadora.

Gurney sentou-se à mesa do café da manhã sob um retângulo formado pela luz do sol, olhando pela porta de vidro para os pés de aspargos verde-amarelados que oscilavam à brisa. Quando levou a xícara de café quente aos lábios, o mundo parecia um lugar que fazia total sentido para ele – um mundo em que seu plano de dedicar duas semanas ao caso Perry era perfeitamente lógico.

O fato de uma hora antes Madeleine ter ouvido sua ideia com um olhar de poucos amigos não o surpreendeu. Ele não esperava que ela ficasse empolgada. Uma mente maniqueísta resiste naturalmente ao meio-termo. Mas a realidade estava do seu lado e ele tinha certeza de que com o tempo ela reconheceria que sua abordagem do assunto tinha sido sensata.

Enquanto isso, não permitiria que as dúvidas dela o paralisassem.

Quando Madeleine foi à horta para fazer a última colheita de vagens, ele se dirigiu à gaveta central do aparador e pegou um bloco de papel amarelo, no qual começou a anotar uma lista de prioridades.

Ligar para Val Perry e falar sobre o compromisso de duas semanas.

Estabelecer o pagamento por hora. Outros gastos. Contatos por e-mail.

Informar Hardwick.

Entrevistar Scott Ashton – pedir a Val Perry para combinar.

Passado, círculo de conhecidos, amigos e inimigos de Ashton.

Passado, círculo de conhecidos, amigos e inimigos de Jillian.

Ocorreu a Gurney que combinar os termos do acordo com Val Perry era mais importante do que aumentar a lista de coisas a fazer. Pousou a caneta e pegou o celular. Caiu direto na caixa postal dela. Deixou seu número e um recado breve referindo-se a "possíveis próximos passos".

Ela telefonou de volta menos de dois minutos depois. Havia uma empolgação infantil em sua voz, além do tipo de intimidade que às vezes resulta de ter um grande fardo tirado dos ombros.

– Dave! É tão bom ouvir sua voz! Eu estava com medo de que você não quisesse falar comigo depois da forma como me comportei ontem. Desculpe. Espero não ter espantado você. Não espantei, não foi?

– Não se preocupe com isso. Eu só queria dar uma resposta e dizer o que estou disposto a fazer.

– Sei. – A apreensão havia diminuído um pouco sua empolgação.

– Ainda não sei até que ponto posso ser útil.

– Tenho certeza de que você pode ser *muito* útil.

– Agradeço sua confiança, mas o fato é...

– Aguarde só um segundo – interrompeu ela, depois falou para longe do telefone. – Pode esperar só um minuto? Estou ao telefone... O quê?... Ah, merda! Certo. Vou dar uma olhada. Onde está? Mostre... É isso?... Ótimo!... Sim, está ótimo. Sim! – Então, de volta ao aparelho, falando com Gurney: – Meu Deus! A gente contrata alguém para fazer uma coisa e acaba arrumando um trabalho em horário integral também. Será que as pessoas não percebem que o contrato é para *elas* fazerem o serviço? – Ela soltou um suspiro exasperado. – Desculpe. Não deveria estar

gastando seu tempo com isso. É que mandei reformar a cozinha com ladrilhos feitos sob medida na Provença e os problemas entre o instalador e o decorador parecem não ter fim, mas isso não tem nada a ver com você. Desculpe mesmo. Espere um instante. Vou fechar a porta. Talvez eles consigam entender uma porta fechada. Pronto. Você estava começando a dizer o que estaria disposto a fazer. Por favor, continue.

– Duas semanas – disse ele. – Vou trabalhar nisso por duas semanas. Vou examinar o caso e fazer o máximo de progresso possível nesse período de tempo.

– Por que só duas semanas? – A voz dela estava tensa, como se estivesse se esforçando muito para ser paciente.

Por que, afinal? Até ela fazer a pergunta óbvia, Gurney não havia pensado na dificuldade de dar uma resposta sensata. O motivo verdadeiro, claro, era seu desejo de aplacar a reação de Madeleine ao seu envolvimento no caso, não a natureza do caso propriamente dito.

– Porque em duas semanas ou terei feito um progresso significativo ou terei demonstrado que não sou a pessoa certa para o serviço.

– Sei.

– Vou manter um diário e as cobranças serão feitas semanalmente. Cem dólares por hora, além de despesas extras.

– Tudo bem.

– Qualquer despesa maior será decidida antes com a senhora: viagens aéreas, qualquer coisa que...

Ela o interrompeu:

– O que você precisa para começar? Um adiantamento? Quer que eu assine alguma coisa?

– Vou esboçar um contrato e mandar por e-mail. Basta imprimir, assinar, escanear e mandar de volta por e-mail. Não tenho licença de investigador particular, de modo que oficialmente a senhora me contratará não como detetive, mas como consultor para examinar as provas e avaliar o status da investigação. Não preciso de adiantamento. Vou lhe mandar uma fatura por semana, contando a partir de hoje.

– Está bem. O que mais?

– Uma pergunta. Pode não ter a ver com o caso, mas está na minha mente desde que assisti ao vídeo.

– O que é? – Havia um leve alarme na voz dela.

– Por que não havia nenhum amigo de Jillian no casamento?

Ela emitiu um risinho agudo.

– Não havia nenhum amigo de Jillian no casamento porque Jillian não tinha amigos.

– Nenhum?

– Eu descrevi minha filha para você ontem. Está chocado por ela não ter amigos? Deixe-me esclarecer totalmente uma coisa. Minha filha, Jillian Perry, era uma psicopata. Uma *psicopata*. – Ela repetiu a palavra como se estivesse ensinando um estrangeiro a falar sua língua. – O conceito de amizade não se encaixava no cérebro dela.

Gurney hesitou antes de continuar.

– Sra. Perry, estou tendo dificuldade...

– Val.

– Certo. Val, estou tendo dificuldade em juntar algumas peças. Estou imaginando...

Ela o interrompeu de novo:

– Você está imaginando por que diabo estou tão decidida a levar à justiça o assassino de uma filha que eu obviamente não suportava?

– Pode-se dizer que sim.

– Tenho duas respostas para você. Primeiro: eu sou assim. Segundo: não é da porra da sua conta! – Ela fez uma pausa. – E talvez haja uma terceira resposta. Eu fui uma péssima mãe, *realmente* péssima, quando Jilli era criança. E agora... Merda, deixe para lá. Vamos voltar a “Não é da porra da sua conta”.

Capítulo 17

À sombra daquela vaca

Nos últimos quatro meses ele mal havia pensado na outra – aquela que tinha vindo antes da vaca da Jillian Perry, aquela que era nada comparada com ela, aquela que fora eclipsada, aquela que ninguém havia descoberto ainda, aquela cuja fama ainda viria, aquela cuja eliminação era, em parte, uma questão de conveniência. Alguns poderiam dizer que era totalmente uma questão de conveniência, mas estariam errados. Seu fim tinha sido bem merecido, por todos os motivos que condenavam sua espécie:

a mancha de Eva,
coração podre,
coração no cio,
coração de puta,
uma puta no coração,
suor no lábio superior,
grunhidos de porca,
ofegos horrendos,
lábios se abrindo,
lábios lascivos,
lábios devoradores,
língua molhada,
serpente sinuosa,
pernas envolventes,
pele escorregadia,
líquidos desprezíveis,
gosma de lesma.
Limpa pela morte,
evaporada pela morte,

membros úmidos secos pela morte,
purificação pela dessecação,
seca como pó.
Inofensiva como uma múmia.
Vaya con Dios! *Vá com Deus!*

Sorriu. Precisava se lembrar de pensar nela com mais frequência – manter sua morte viva.

Capítulo 18

Os vizinhos de Ashton

Às dez da manhã, Gurney já havia mandado para Val Perry uma proposta de contrato e ligado para três números de Scott Ashton que ela lhe dera – o de casa, o do celular pessoal e o da Escola Residencial Mapleshade –, tentando marcar um encontro. Deixara mensagens na caixa postal dos dois primeiros e um recado no terceiro com uma secretária que só se identificou como Srta. Liston.

Às 10h30 Ashton ligou de volta e disse que recebera os três recados, além de um de Val Perry explicando quem era Gurney.

– Ela disse que o senhor queria falar comigo.

A voz de Ashton lhe era familiar por causa do vídeo, mas era mais sonora e suave ao telefone, calorosa de um modo impessoal, como em um comercial de um produto caro. *Bastante adequada para um psiquiatra de alto nível*, pensou Gurney.

– Isso mesmo, senhor – disse Gurney. – Assim que for conveniente para o senhor.

– Que tal hoje?

– Hoje seria ideal.

– Na Mapleshade ao meio-dia ou na minha casa às duas. O que for melhor para o senhor.

Gurney escolheu a segunda opção. Se partisse para Tambury imediatamente, teria tempo de dar uma volta de carro e sentir o clima das redondezas, em particular da estrada que levava à casa de Ashton, e talvez falar com um vizinho ou outro. Pegou em sua mesa a lista de entrevistas do Bureau de Investigação Criminal que Hardwick havia fornecido e fez uma marca a lápis ao lado do nome de cada pessoa que morava na Badger Lane. Pegou também a pasta “Resumos de entrevistas” e foi para seu carro.

O povoado de Tambury devia sua calma e seu isolamento em parte ao fato de ter crescido em torno do cruzamento de duas estradas do século XIX que caíram em desuso por causa do surgimento de rotas mais novas, uma circunstância que normalmente leva ao declínio econômico. Mas a localização de Tambury num alto vale aberto na borda setentrional das montanhas, com vistas exuberantes em todas as direções, a salvou. A combinação de sossego e beleza tornou-a um destino atraente para aposentados ricos e proprietários de casas de veraneio.

Mas nem toda a população se encaixava nessa descrição. Os restos repletos de ervas daninhas da antiga fazenda de gado de leite de Calvin Harlen ficavam na esquina da Higgles Road com a Badger Lane. Passava do meio-dia quando a voz do GPS de Gurney o levou à última parte de sua viagem de uma hora e quinze desde Walnut Crossing. Parou no acostamento da Higgles Road na direção norte e olhou a propriedade dilapidada, que se destacava na paisagem por um monte de esterco de 3 metros de altura coberto de ervas daninhas monstruosas, perto de um celeiro que se inclinava perigosamente na direção dele. Do outro lado do celeiro, afundando num matagal que chegava à altura da cintura, uma fila irregular de carros enferrujados era entremeada pela carcaça amarela de um ônibus escolar sem rodas.

Gurney abriu sua pasta de resumos de entrevistas e puxou o que procurava. Leu:

*Calvin Harlen. 39 anos. Divorciado. Autônomo, biscateador (reparos domésticos, corte de grama, retirada de neve, corte de cervos, empalhamento). Trabalho de manutenção geral para Scott Ashton até a chegada de Hector Flores, que o substituiu. Diz que tinha um "contrato verbal" com Ashton, que este violou. Diz (sem provas) que Flores era imigrante ilegal, gay, portador de HIV, viciado em crack. Referiu-se a Flores como "*cucaracha *sujo", a Ashton como "um merda mentiroso", a Jillian Perry como "uma putinha metida" e a Kiki Muller como "uma puta que dá para o* cucaracha*". Nenhum conhecimento sobre o homicídio, fatos relacionados, localização do suspeito. Diz que estava trabalhando sozinho em seu celeiro na tarde do crime.*

O entrevistado tem baixa credibilidade. É instável. Registros de várias prisões num período de 20 anos por cheques sem fundo, violência doméstica, bebedeira e desordem, assédio, ameaças, agressão. (Ver Ficha Criminal Unificada em anexo.)

Gurney fechou a pasta e a colocou no banco do carona. Aparentemente Calvin Harlen era o típico caipira vagabundo.

Saiu do carro, trancou-o e atravessou a estrada sem tráfego até um trecho de terra esburacado que servia como entrada para a propriedade. O caminho se dividia em duas direções mal delimitadas, separadas por um triângulo de grama atrofiada: a da direita levava à pilha de esterco e ao celeiro e a outra, à esquerda, conduzia a uma casa de fazenda de dois andares em ruínas, que havia sido pintada pela última vez tantas décadas antes que a tinta não tinha mais cor definida. O telhado da varanda era sustentado por algumas escoras de 10 por 10 centímetros bem mais recentes do que a casa, mas bastante velhas também. Numa delas havia uma placa de compensado que anunciava entalho cervos em letras vermelhas, pintadas à mão e com pingos escorridos.

De dentro da casa veio uma erupção de latidos frenéticos de no mínimo dois cães que pareciam grandes. Gurney esperou para ver se a agitação atrairia alguém à porta.

Vindo da direção do celeiro, apareceu um homem magro, malconservado, de cabeça raspada, segurando o que parecia ser uma chave de fenda muito fina ou um furador de gelo.

– Perdeu alguma coisa por aqui? – Ele deu um risinho, como se a pergunta fosse uma piada inteligente.

– O que poderia ter perdido? – devolveu Gurney.

– O quê? Você está perdido?

Gurney se perguntou que tipo de jogo o sujeito magro estava fazendo. Qualquer que fosse, ele parecia estar se divertindo.

Gurney decidiu então desestabilizá-lo falando algo sem sentido, para fazer com que *ele* se perguntasse qual seria o jogo.

– Conheço algumas pessoas que têm cachorros – disse. – Com o tipo certo de cachorro, você pode ganhar uma tremenda grana. Com o tipo errado, o azar é seu.

– Cala a boca, porra!

Foram necessários alguns segundos – e o súbito fim dos latidos na casa – para Gurney entender que não era com ele que o sujeito magro havia gritado.

A situação tinha tudo para ficar perigosa. Gurney sabia que ainda havia a opção de ir embora, mas queria ficar: sentia uma ânsia lunática de enfrentar aquele maluco. Começou a examinar o terreno em volta. Depois de um tempo, pegou uma pedrinha oval. Massageou-a lentamente nas palmas das mãos para aquecê-la, jogou-a para o alto como uma moeda, depois a segurou e a envolveu com a mão direita.

– Que porra é essa que você está fazendo? – perguntou o sujeito, dando um pequeno passo mais para perto.

– Shhh – disse Gurney, baixinho. Abriu a mão lentamente, dedo por dedo, depois examinou a pedra com atenção e a jogou por cima do ombro.

– Que porra...

– Desculpe, Calvin, eu não quis ignorar você. Mas é assim que eu tomo minhas decisões, e é preciso muita concentração.

Os olhos do sujeito se arregalaram.

– Como você sabe o meu nome?

– Todo mundo conhece você, Calvin. Ou prefere ser chamado de Sr. Pau Duro?

– O quê?

– Calvin é melhor. Mais simples. Mais legal.

– Quem é você, porra? O que você quer?

– Quero saber onde posso achar Hector Flores.

– Hec... O quê?

– Estou procurando por ele, Calvin. E vou achar. Imaginei que você talvez pudesse me dar uma ajuda.

– Como diabo...? Quem...? Você não é tira, é?

Gurney não disse nada, só fez sua melhor imitação de um assassino de sangue-frio. O homem de gelo pareceu fascinar Harlen, fazer seus olhos se arregalarem mais ainda.

– Flores, o *cucaracha*, é atrás dele que você está?

– Você pode me ajudar, Calvin?

– Não sei. Como?

– Talvez você possa me contar tudo o que sabe sobre nosso amigo em comum. – Gurney pronunciou as últimas três palavras com uma ironia tão grande que por um segundo sentiu medo de ter passado do ponto. Mas o riso imbecil de Harlen deixou claro que ele não corria o menor risco de passar do ponto com aquele cara.

– É, claro, por que não? Tipo, o que você quer saber?

– Para começar, você sabe de onde ele é?

– Sei que ele veio do ponto de ônibus na cidade onde todos os peões *cucarachas* ficam. Onde eles *ficam zanzando* – disse ele, fazendo com que "zanzar" soasse como o termo jurídico para "se masturbar em público".

– E antes de ficar zanzando nesse ponto de ônibus? Você sabe de onde ele veio?

– De algum lixão mexicano, algum lugar de onde todos eles vêm.

– Ele nunca lhe contou?

Harlen balançou a cabeça.

– Ele já lhe contou alguma coisa? Qualquer coisa?

– Tipo o quê?

– Qualquer coisa. Você chegou a falar com ele alguma vez na vida?

– Só uma. Pelo telefone. Mais um motivo para eu saber que ele é cheio de merda. Em outubro, talvez, ou novembro. Liguei para o Dr. Ashton para combinar o dia em que ia retirar a neve, mas o *cucaracha* atendeu e quis saber o que eu queria. Eu disse que queria falar com o doutor, por que iria falar com ele, porra? Ele falou que eu tinha de dizer a ele o assunto e que ele ia dar o recado ao doutor. Eu respondi que não tinha ligado para falar com ele e mandei ele se foder! Que porra ele acha que é? Essas porras desses vagabundos mexicanos chegam aqui, trazem a porra da gripe suína, da aids, da lepra, procuram a porra da assistência social, roubam as porras dos empregos, não pagam impostos nem nada, são umas porras de uns sacanas doentes e idiotas. Se algum dia eu vir aquele escrotinho de novo, atiro na porra da cabeça dele. Primeiro atiro na porra do saco!

No meio do discurso de Harlen, um dos cachorros da casa recomeçou a latir. O homem se virou para o lado, cuspiu no chão,

balançou a cabeça e gritou:

– Cala a boca, porra!

Os latidos pararam.

– Você disse que sabia de outro motivo para ele ser cheio de merda.

– O quê?

– Você disse que falar com Flores ao telefone foi mais um motivo para você saber que ele era cheio de merda.

– Isso.

– Cheio de merda como?

– O escroto chegou aqui e não sabia falar uma porra de uma palavra na nossa língua. Um ano depois estava falando que nem uma porra de... não sei, uma porra de... tipo como se soubesse tudo.

– Certo, então você achou... o quê, Calvin?

– Achei que talvez fosse tudo papo furado, sacou?

– Como assim?

– Porra, ninguém aprende outra língua tão rápido.

– Você está achando que na verdade ele não era mexicano?

– Estou dizendo que ele era cheio de merda, que estava aprontando alguma.

– Como assim?

– É óbvio, cara. Se ele era tão inteligente assim, porra, por que apareceu na casa do doutor perguntando se podia varrer folhas? Ele tinha uma porra de um *objetivo*, cara.

– Interessante, Calvin. Você é um cara esperto. Gosto da forma como você pensa.

Harlen assentiu, depois cuspiu no chão de novo como se quisesse enfatizar que concordava com o elogio.

– E tem outra coisa. – Ele baixou a voz em tom de conspiração. – O *cucaracha* nunca deixava a gente ver a cara dele. Estava sempre com um chapéu de caubói, a aba baixada na frente, com óculos escuros. Sabe o que eu acho? Que ele tinha medo de ser visto, sempre escondido na casa principal ou naquela porra de casa de boneca. Igual à piranha.

– Que piranha seria essa?

– A piranha que levou a facada. Ela passava pela gente e desviava os olhos, como se a gente fosse lixo, como se fosse um bicho morto na estrada, aquela piranha escrota. Por isso eu acho que talvez eles tivessem alguma coisa por fora, ela e a porra do Sr. Estrangeiro de Merda. Os dois eram culpados demais para olhar alguém nos olhos. E eu acho... ei, espere aí, talvez seja mais do que isso. Talvez o *cucaracha* tivesse medo de ser identificado. Já pensou nisso?

Quando Gurney finalmente encerrou a entrevista, agradecendo a Harlen e dizendo que manteria contato, não sabia quanto descobrira ou se isso tinha algum valor. Se Ashton tinha começado a usar Flores em vez de Harlen para serviços na propriedade, Harlen sem dúvida teria um ressentimento enorme e todo aquele ódio que ele pusera para fora poderia ser uma consequência direta do baque em sua carteira e em seu orgulho. Ou talvez houvesse mais alguma coisa. Talvez, como Hardwick afirmara, toda a situação tivesse camadas ocultas e não fosse nem um pouco o que parecia.

Gurney voltou ao carro no acostamento da Higgles Road e fez três anotações curtas para si mesmo, num caderninho em espiral.

Flores não era quem dizia que era? Não era mexicano?

Flores tinha medo de Harlen reconhecê-lo do passado? Ou de Harlen poder identificá-lo no futuro? Por quê, se Ashton podia identificá-lo?

Alguma prova de um caso entre Flores e Jillian? Alguma ligação anterior entre eles? Algum motivo pré-Tambury para o assassinato?

Olhou com ceticismo para as próprias perguntas, duvidando de que alguma delas levasse a uma descoberta útil. Calvin Harlen, raivoso e aparentemente paranoico, não era uma fonte confiável.

Olhou o relógio no painel do carro: uma da tarde. Se não almoçasse, teria tempo para mais uma entrevista antes do encontro com Ashton.

A propriedade dos Muller era a penúltima no final da Badger Lane. A última era o paraíso imaculado de Ashton. Ambas ficavam a um mundo de distância da espelunca de Harlen, na esquina da Higgles Road.

Gurney estacionou logo depois de uma caixa de correio no endereço de Carl Muller informado em sua folha principal de entrevistas. A casa era uma enorme construção colonial branca, com venezianas e acabamento pretos clássicos, bem afastada da estrada. Ao contrário das casas meticulosamente bem cuidadas que a precediam, tinha uma aura sutil de desleixo: um postigo meio torto, um galho quebrado largado no gramado da frente, grama ressecada, folhas caídas na entrada de veículos, uma cadeira dobrável virada de cabeça para baixo num caminho de tijolos junto à porta lateral.

Parado à porta da frente, Gurney ouviu uma música tocando baixo em algum lugar lá dentro. Não havia campainha, só uma antiga aldrava de latão que ele usou várias vezes com impacto crescente até que a porta enfim foi aberta.

O homem diante dele não parecia bem de saúde. Gurney achou que ele poderia ter qualquer idade entre 45 e 60 anos, dependendo da influência que a doença tinha em sua aparência. O cabelo escorrido combinava com o bege-acinzentado do casaco de malha frouxo.

– Olá – cumprimentou o sujeito, sem qualquer sugestão de boas-vindas ou curiosidade.

Gurney achou que era um modo estranho de falar com um desconhecido que batia à sua porta.

– Sr. Muller?

– Sim, eu me chamo Carl Muller. – Sua voz era tão inexpressiva quanto a cor de sua pele.

– Meu nome é Dave Gurney, senhor. Estou envolvido na busca a Hector Flores. Será que o senhor poderia me conceder um ou dois minutos do seu tempo?

Desta vez a resposta demorou mais a chegar.

– Agora?

– Se for possível, senhor. Seria muito útil.

Muller assentiu devagar. Deu um passo para trás, fazendo um gesto vago com a mão.

Gurney entrou no corredor central escuro de uma casa do século XIX bem conservada, com piso de tábuas largas e grande parte da estrutura feita em madeira original. A música baixa que

tinha ouvido antes de entrar estava agora mais clara. Era, estranhamente fora de época, o hino de Natal “Adeste Fideles”, e parecia vir do porão. Havia outro som, uma espécie de zumbido baixo e rítmico, que também era proveniente de algum lugar abaixo deles. À esquerda de Gurney, uma porta dupla se abria para uma sala de jantar com uma lareira enorme. À frente dele, o amplo corredor levava aos fundos da casa, onde havia uma porta de painéis de vidro que dava no que parecia ser um gramado interminável. No lado do corredor, uma escada larga com um elaborado corrimão levava ao segundo andar. À direita de Gurney havia uma sala de estar antiquada, mobiliada com sofás e poltronas estofados, mesas antigas e aparadores sobre os quais havia pinturas com temas marítimos. A impressão de Gurney era que o interior da casa estava mais bem cuidado do que o exterior. Muller deu um sorriso vazio, como se desejasse que lhe dissessem o que fazer em seguida.

– Linda casa – elogiou Gurney em tom agradável. – Parece muito confortável. Será que poderíamos nos sentar um momento e conversar?

De novo a demora para a resposta.

– Tudo bem.

Quando ele não se moveu, Gurney fez um gesto inquisitivo na direção da sala de estar.

– Ah, claro – disse Muller, piscando como se estivesse acordando. – Como o senhor disse que se chamava? – Sem esperar pela informação, seguiu até um par de poltronas viradas uma para a outra diante da lareira. – Então – falou casualmente quando os dois já estavam sentados –, de que se trata?

A pergunta, como tudo mais em Carl Muller, soou incrivelmente estranha, até porque Gurney não tivera tempo de responder à primeira indagação. A não ser que o sujeito tivesse alguma tendência inata para a confusão – o que era improvável na rigorosa profissão de engenheiro naval –, a explicação só podia ser alguma espécie de tratamento com remédios, até compreensível depois do desaparecimento de sua esposa com um assassino.

Talvez por causa da posição das aberturas de ventilação, Gurney notou que os acordes de “Adeste Fideles” e o leve zumbido

que aumentava e diminuía eram mais audíveis naquela sala do que no corredor. Ficou tentado a perguntar sobre isso, mas achou melhor permanecer concentrado no que realmente desejava saber.

– O senhor é detetive – começou Muller. Era uma declaração, não uma pergunta.

Gurney sorriu.

– Não vou ocupar muito seu tempo, senhor. Só quero fazer algumas perguntas.

– Carl.

– Como disse?

– Carl. – Ele estava olhando para a lareira, falando como se os últimos restos de cinzas tivessem sacudido sua memória. – Meu nome é Carl.

– Certo, Carl. Primeira pergunta: antes do desaparecimento da Sra. Muller, o senhor sabia de algum contato dela com Hector Flores?

– Kiki – falou ele. Outra revelação vinda das cinzas.

Gurney repetiu a questão, mudando o nome.

– Ela deve ter tido algum contato com ele, não é? Dadas as circunstâncias... – ponderou o homem.

– E as circunstâncias eram...

Os olhos de Muller se fecharam e se abriram, um processo lento demais para ser descrito como uma piscada.

– As sessões de terapia dela.

– Sessões de terapia? Com quem?

Muller olhou para Gurney pela primeira vez desde que tinham entrado na sala, agora piscando mais rapidamente.

– Com o Dr. Ashton.

– O doutor tem um consultório em casa? Aí ao lado?

– Tem.

– Há quanto tempo ela se consultava com ele?

– Seis meses, um ano, talvez menos, talvez mais. Não lembro.

– Quando foi a última sessão?

– Terça-feira. As consultas eram sempre às terças-feiras.

Por um momento Gurney ficou perplexo.

– Quer dizer, a terça-feira anterior ao desaparecimento dela?

– Isso mesmo, terça-feira.

– E o senhor está presumindo que a Sra. Muller, quer dizer, Kiki, tinha contato com Flores quando ia ao consultório de Ashton? Muller não respondeu. Seu olhar havia retornado à lareira.

– Ela falou sobre ele alguma vez?

– Sobre quem?

– Hector Flores.

– Ele não era o tipo de pessoa sobre quem falaríamos.

– Que tipo de pessoa ele era?

Muller soltou um risinho sem humor e balançou a cabeça.

– É óbvio, não é?

– Óbvio?

– Pelo nome dele – disse Muller com um desdém súbito, intenso. Ainda estava olhando para a lareira.

– Um nome hispânico?

– São todos iguais, você sabe. Nosso país está sendo esfaqueado pelas costas.

– Pelos mexicanos?

– Os mexicanos são apenas a ponta da faca.

– Hector era esse tipo de pessoa?

– Você já esteve nesses países?

– Países latinos?

– Países de clima quente.

– Devo dizer que não, Carl.

– Lugares imundos, todos eles. México, Nicarágua, Colômbia, Porto Rico. Todos imundos!

– Como o Hector?

– Imundos!

Muller olhou irritado para a grade de ferro coberta de cinzas, como se ela estivesse mostrando imagens enfurecedoras dessa imundície.

Gurney ficou sentado em silêncio por um minuto, esperando que a tempestade passasse. Viu os ombros do sujeito relaxando aos poucos, o aperto nos braços da cadeira se afrouxando, os olhos se fechando.

– Carl?

– O quê? – Os olhos dele se reabriram. Sua expressão havia se tornado espantosamente afável.

Gurney falou baixinho:

– Alguma vez você teve provas de que algo inadequado podia estar acontecendo entre sua esposa e Hector Flores?

Muller pareceu perplexo.

– Como mesmo você disse que era o seu nome?

– Meu nome? Dave. Dave Gurney.

– Dave? Que coincidência incrível! Sabia que esse é o meu segundo nome?

– Não, Carl, não sabia.

– Carl David Muller. – Ele ficou com o olhar distante. – Carl David. Minha mãe costumava dizer: “Carl David Muller, vá direto para o seu quarto.” “Carl David Muller, é melhor se comportar ou Papai Noel pode perder a sua cartinha.” “Escute o que estou dizendo, Carl David.”

Ele se levantou da poltrona, esticou as costas e entoou as palavras com um tom feminino – “Carl David Muller” –, como se o nome e a voz tivessem a capacidade de romper as fronteiras para outro mundo. Então saiu da sala.

Gurney ouviu a porta da frente se abrindo.

Encontrou Muller segurando-a escancarada.

– Foi um prazer recebê-lo – disse Muller, afável. – Agora você tem que ir. Às vezes esqueço que não deveria deixar ninguém entrar em casa.

– Muito obrigado pelo seu tempo, Carl. – Perplexo com o que parecia alguma forma de descompensação psicótica, Gurney achou melhor atender ao pedido de Muller para não criar um estresse adicional, depois dar alguns telefonemas de seu carro e esperar a chegada de ajuda.

Quando estava na metade do caminho até o carro, mudou de ideia. Talvez fosse melhor ficar de olho no sujeito. Voltou à porta da frente, achando que não teria nenhum problema para convencer Muller a recebê-lo pela segunda vez, mas a porta não estava totalmente fechada. Mesmo assim, bateu. Não houve resposta. Empurrou-a e olhou para dentro. Não viu Muller, porém uma porta no corredor que Gurney tinha certeza de que antes estava fechada agora se encontrava entreaberta. Entrando no corredor central, chamou do modo mais ameno e agradável que pôde:

– Sr. Muller? Carl? É o Dave. Você está aí, Carl?

Não houve resposta. Mas uma coisa era certa: o zumbido – agora que podia ouvir melhor, constatou que era mais um chiado metálico – e o hino de Natal “Adeste Fideles” vinham de algum lugar atrás daquela fresta no corredor. Foi até lá e empurrou a porta mais um pouco com o bico do sapato. Uma escada mal iluminada levava ao porão.

Gurney começou a descer com cuidado. Depois de alguns degraus, chamou de novo:

– Sr. Muller? Está aí embaixo?

Um coro de meninos sopranos começou a repetir o hino: “Ó, vinde, fiéis / Em júbilo e triunfo / Ó vinde, Ó vinde a Belém”.

A escada tinha paredes dos dois lados até embaixo, de modo que apenas uma pequena área do porão estava à vista de Gurney enquanto ele descia. O acabamento era de ladrilhos de vinil e painéis de pinho, típicos de inúmeros outros porões americanos. Por um breve momento a sensação de familiaridade foi estranhamente tranquilizadora, mas esse sentimento desapareceu quando ele chegou ao fim da escada e se virou para a fonte de luz.

No canto mais distante do cômodo havia uma árvore de Natal enorme, com o topo curvado de encontro ao teto com pé-direito de quase 3 metros de altura. Suas centenas de lâmpadas minúsculas eram a única iluminação no ambiente. Havia guirlandas coloridas, imitação de neve e incontáveis enfeites em todas as formas natalinas tradicionais, desde bolas simples até anjos de vidro soprado – tudo pendurado em ganchos prateados. O cômodo recendia a uma fragrância de pinho.

Ao lado da árvore, de pé atrás de uma enorme plataforma do tamanho de duas mesas de pingue-pongue enfileiradas, estava Carl Muller, hipnotizado. Suas mãos seguravam duas alavancas de controle ligadas a uma caixa de metal preta. Um trem em miniatura zumbia ao redor do perímetro da plataforma, fazia um oito no meio, subia e descia encostas suaves, rugia passando por túneis de montanhas, atravessava povoados e fazendas minúsculas, cruzava rios e florestas e girava, girava, girava sem parar.

Os olhos do homem – pontos reluzentes na palidez macilenta do rosto – brilhavam com todas as cores da árvore. Aquilo fez com

que Gurney se lembrasse de uma estranha doença chamada progéria, que acelera o envelhecimento e faz uma criança parecer um velho.

Após alguns instantes, Gurney voltou pelo mesmo lugar de onde tinha vindo. Decidiu ir à casa de Scott Ashton e ver o que o doutor sabia sobre o estado de Muller. Os trens e a árvore constituíam uma prova razoável de que a situação era contínua, não um colapso agudo que exigisse intervenção.

Gurney passou pela porta da frente e a fechou atrás de si com uma batida sólida. Enquanto começava a percorrer o caminho de tijolos até o lugar onde tinha estacionado, viu uma mulher idosa sair de um Land Rover antigo parado atrás do seu carro.

Ela abriu a porta traseira, falou algumas palavras com firmeza e logo depois um cachorro enorme da raça airedale saiu do veículo.

A mulher, assim como seu imponente cão, tinha algo que era ao mesmo tempo nobre e rijo. Sua pele indicava uma existência vivida ao ar livre, ao contrário da de Muller. Veio na direção de Gurney com um passo determinado, trazendo o cachorro numa coleira curta e carregando sua bengala mais como uma arma do que como um apoio. Na metade do caminho, parou com os pés separados, a bengala plantada com firmeza num dos lados de seu corpo e o cão no outro, bloqueando a passagem.

– Meu nome é Marian Eliot – anunciou, com uma segurança inigualável.

O nome era familiar para Gurney. Havia aparecido na lista dos vizinhos de Ashton entrevistados pelo Bureau de Investigação Criminal.

– Quem é o senhor? – indagou ela com veemência.

– Eu me chamo Gurney. Por quê?

Ela apertou mais a bengala comprida e retorcida, que era ao mesmo tempo um cetro e uma arma potencial. Aquela era uma mulher acostumada a perguntar, não a responder, mas seria um erro intimidar-se com ela. Tornaria impossível ganhar seu respeito.

Os olhos dela se estreitaram.

– O que o senhor está fazendo aqui?

– Eu poderia dizer que não é da sua conta, se sua preocupação com o Sr. Muller não fosse tão óbvia.

Ele não teve certeza se tinha conseguido falar com o tom certo de firmeza e sensibilidade até que, depois de lhe lançar um olhar penetrante, ela perguntou:

– Ele está bem?

– Depende do que a senhora entende por “bem”.

Algo na expressão dela sugeria que tinha entendido sua evasiva.

– Ele está no porão – acrescentou Gurney.

Ela franziu o rosto e assentiu de forma pensativa.

– Com os trens? – Sua voz imperativa havia se suavizado.

– É. Ele costuma fazer isso?

Ela examinou a extremidade superior de sua bengala como se esta pudesse ser uma fonte de informações úteis ou de indicação dos próximos passos. Não exibiu nenhum interesse em responder à pergunta de Gurney.

Ele decidiu instigar a conversa usando outro artifício.

– Estou envolvido na investigação do assassinato de Jillian Perry. Lembro-me do seu nome da lista de pessoas que foram entrevistadas em maio.

Ela emitiu um pequeno som de desprezo.

– Não foi de fato uma entrevista. Fui contatada inicialmente por... qual era mesmo o nome?... o investigador-chefe Hardpan, Hardscrabble, Hard-sei-lá-o-quê... um sujeito grosseiro, mas que não tinha nada de idiota. Era fascinante de certa forma, parecia um rinoceronte inteligente. Infelizmente ele sumiu do caso e foi substituído por alguém chamado Blatt, ou Splat, algo assim. Blatt-Splatt era um pouco menos grosseiro e muito menos inteligente. Só nos falamos brevemente, mas ainda bem, acredite. Sempre que encontro um homem assim, sinto pena dos professores que um dia tiveram de suportá-lo por um ano letivo inteiro no colégio.

O comentário o fez lembrar-se do que estava escrito ao lado do nome de Marian Eliot na capa da ficha de entrevistas: “Professora de filosofia aposentada (Princeton)”.

– De certa forma é por isso que estou aqui – disse Gurney. – Pediram que eu repassasse algumas entrevistas, conseguisse mais alguns detalhes para o quadro geral, talvez desenvolvesse uma compreensão melhor do que aconteceu de fato.

As sobrancelhas dela se levantaram.

– *O que aconteceu de fato?* O senhor tem dúvidas?

Gurney deu de ombros.

– Algumas peças do quebra-cabeça continuam faltando.

– Achei que as únicas coisas faltando fossem o mexicano assassino do facão e a mulher do Carl. – Ela pareceu intrigada e chateada porque a situação poderia não ser o que havia presumido. Os olhos afiados e interrogativos do cão pareciam captar tudo.

– Será que poderíamos conversar em outro lugar? – sugeriu Gurney.

Capítulo 19

Frankenstein

O local sugerido por Marian Eliot para continuar o assunto foi a casa dela, que ficava do outro lado da rua descendo o morro, a uns 100 metros da residência de Carl Muller. Mas eles acabaram conversando de fato não na casa dela, mas na entrada de veículos, onde ela convocou a ajuda de Gurney para descarregar sacos de musgo e palha da mala de seu Land Rover.

Ela havia trocado sua bengala por uma enxada e parou na beira de um roseiral a uns 10 metros do veículo. Enquanto Gurney carregava os sacos num carrinho de mão, ela perguntou sobre seu papel exato na investigação e sua posição na cadeia de comando da polícia estadual.

A explicação de que era um “consultor de provas” contratado pela mãe da vítima, fora do processo oficial do Bureau de Investigação Criminal, foi recebida com um olhar cético e lábios apertados.

– Que diabo isso significa?

Ele decidiu se arriscar e respondeu de forma bastante direta:

– Eu conto o que significa se a senhora mantiver segredo. O fato é que essa função me permite fazer uma investigação sem precisar esperar que o estado emita uma licença oficial de investigador particular. Se quiser verificar o meu passado como detetive de homicídios do Departamento de Polícia de Nova York, pode ligar para o rinoceronte inteligente. Aliás, o nome dele é Jack Hardwick.

– Sei. O senhor acha que consegue empurrar esse carrinho de mão até aqui?

Gurney interpretou isso como o modo dela de aceitá-lo, assim como à situação. Ele fez mais três viagens da traseira do Land

Rover até o roseiral. Quando terminou, a Sra. Eliot convidou-o a se sentar com ela num banco de ferro fundido esmaltado de branco sob uma macieira enorme.

Ela se virou para olhá-lo de frente.

– Que negócio de peças faltando é esse?

– Vamos chegar a elas, mas primeiro preciso lhe fazer algumas perguntas para me orientar. – Ele estava tentando alcançar o equilíbrio entre firmeza e boa vontade, observando a linguagem corporal dela em busca de pistas de que precisasse ajustar seu comportamento. – Primeira pergunta: em uma ou duas frases, como a senhora descreveria o Dr. Ashton?

– Eu nem tentaria fazer isso. Ele não é o tipo de pessoa que pode ser resumido em uma ou duas frases.

– É um homem complexo?

– Muito.

– Algum traço de personalidade predominante?

– Não sei.

Gurney suspeitou que o modo mais rápido de conseguir algo de Marian Eliot seria parar de cutucá-la. Recostou-se e examinou as formas dos galhos da macieira, retorcidos depois de uma série de podas.

Estava certo. Depois de um minuto ela começou a falar.

– Vou lhe contar algo que Scott fez, mas o senhor terá de formar sua própria opinião sobre o que significa e se isso compõe um “traço de personalidade”. – Ela articulou a expressão com desagrado, como se a achasse um conceito simplista demais para ser aplicado a seres humanos. – Quando Scott ainda estava na faculdade de medicina, escreveu o livro que o tornou famoso. Bom, famoso em certos círculos acadêmicos. Chamava-se *A armadilha da empatia*. O livro argumenta de modo bem convincente, baseado em dados biológicos e psicológicos, que a empatia é essencialmente uma falha nas fronteiras que delimitam a personalidade, que os sentimentos de empatia de um ser humano por outro são na verdade uma forma de confusão. O argumento é que nós nos importamos com os outros porque, em algum local no cérebro, deixamos de distinguir entre o *eu* e o *outro*. Ele fez uma experiência simples em que as pessoas observavam um homem descascando

uma maçã. Enquanto ele fazia isso, sua mão parecia escorregar e a faca acertava seu dedo. As pessoas estavam sendo gravadas em vídeo, para análise posterior de suas reações ao golpe da faca. Praticamente todos os participantes se encolhiam fisicamente. Apenas dois das centenas que foram testadas não reagiram, e quando estes dois passaram depois por testes psicológicos, revelaram as características mentais e emocionais comuns aos psicopatas. A afirmação de Scott era que nós nos encolhemos quando outra pessoa sofre um ferimento à faca porque numa fração de segundo deixamos de distinguir entre essa pessoa e nós mesmos. Em outras palavras, as fronteiras do ser humano normal são imperfeitas de certo modo, e as do psicopata são perfeitas. O psicopata jamais se confunde com outras pessoas, tampouco confunde suas necessidades com as alheias, portanto não tem sentimentos relativos ao bem-estar dos outros.

Gurney sorriu.

– Parece uma ideia polêmica.

– Ah, e era mesmo. Claro, boa parte das reações a ela tinha a ver com a escolha de palavras feita por Scott: *perfeita* e *imperfeita*. Sua linguagem foi interpretada por alguns de seus colegas como uma glorificação do psicopata. – Os olhos de Marian Eliot estavam reluzindo de empolgação. – Mas tudo isso fazia parte de um plano. O fato é que ele conseguiu a atenção que desejava. Aos 23 anos, era a figurinha mais carimbada da área.

– Então ele é inteligente e sabe como...

– Espere – interrompeu ela. – Esse não é o fim da história. Alguns meses depois de seu livro ter mexido nesse ninho de marimbondos, foi publicado um outro que, em essência, era um grande ataque à teoria da empatia de Scott. O título era *Coração e alma*. Era rigoroso e bem argumentado, mas seu tom era totalmente diferente. Sua mensagem era que tudo o que importa é o amor e que a “falha nas fronteiras que delimitam a personalidade”, como Scott havia descrito a empatia, era na verdade um salto evolucionário e podia ser vista como a própria essência dos relacionamentos humanos. Os profissionais da área estavam se dividindo em campos opostos. Montes de artigos foram publicados.

Cartas passionais foram escritas. – Ela se recostou no braço do banco, observando a expressão dele.

– Tenho a sensação de que a história não para por aí.

– De fato. Um ano mais tarde descobriu-se que Scott Ashton havia escrito os dois livros. – Ela fez uma pausa. – O que acha disso?

– Não sei bem o que acho. Como isso foi recebido na área dele?

– Com fúria total. Todos se sentiram enganados. E eles não estavam errados. Mas os livros em si eram impecáveis. Ambos eram contribuições perfeitamente legítimas.

– E a senhora acha que ele fez tudo isso para atrair a atenção para si?

– Não! – reagiu ela com rispidez. – Claro que não! O *tom* era para atrair a atenção. Posar como dois escritores em conflito era para atrair a atenção. Mas havia um objetivo mais profundo, uma mensagem mais profunda para cada leitor: *você precisa tomar suas próprias decisões, encontrar sua própria verdade*.

– Então a senhora diria que Ashton é um sujeito inteligente?

– Na verdade, brilhante. Não convencional e imprevisível. Um excelente ouvinte e um aprendiz sagaz. E uma figura estranhamente trágica.

Gurney teve a impressão de que, apesar de ter quase 70 anos, Marian Eliot sofria de algo que ela com certeza jamais admitiria: uma paixonite avassaladora por um homem quase três décadas mais novo.

– A senhora diz “trágica” pelo que aconteceu no dia do casamento?

– Vai muito além disso. O assassinato, claro, acabou fazendo parte do conjunto. Mas pense nos arquétipos míticos presentes em todos os momentos da história da humanidade. – Ela parou, dando-lhe tempo para pensar nisso.

– Acho que não entendi.

– Cinderela... Pigmalião... Frankenstein.

– Está falando do relacionamento de Scott Ashton com Hector Flores?

– Exatamente. – Ela lhe ofereceu um sorriso de aprovação como se ele fosse um bom aluno. – A história tem um início clássico: um estranho chega faminto ao povoado, procurando trabalho. Um rico proprietário local contrata-o, leva-o para casa, testa-o em várias tarefas, vê um grande potencial nele, lhe dá responsabilidades cada vez maiores e o ajuda a subir de posição. O pobre trabalhador, então, é magicamente elevado a uma nova vida, cheia de riquezas. Não é a história da Cinderela em seus detalhes de gênero, mas na essência com certeza é. Entretanto, no grande esquema da saga Ashton-Flores, a história da Cinderela é apenas o primeiro ato. Em seguida surge um novo paradigma, à medida que o Dr. Ashton fica fascinado com a oportunidade de moldar seu aluno em alguma coisa maior, levá-lo ao seu potencial mais elevado, esculpir a estátua chegando quase à perfeição, ou seja, trazer Hector Flores à vida no sentido mais amplo possível. Compra livros para ele, paga cursos pela internet, passa horas por dia supervisionando sua formação, direcionando-o a uma espécie de perfeição. Não é o mito de Pigmalião em seus detalhes gregos específicos, mas chega bem perto. Esse foi o segundo ato. O terceiro ato, claro, é a história de Frankenstein. Destinada a ser a melhor das criaturas, Flores acaba abrigando as piores falhas humanas e provoca destruição e horror na vida do gênio que o criou.

Assentindo devagar, com satisfação, Gurney captou tudo isso – fascinado não somente pelos paralelos entre a ficção e os acontecimentos da vida real, mas também pela insistência de Marian Eliot em seu significado expressivo. Os olhos dela ardiam de convicção e algo parecido com triunfo. A questão na mente de Gurney era: será que de algum modo esse triunfo estava relacionado à tragédia ou refletia simplesmente uma satisfação acadêmica com o alcance de sua própria compreensão?

Depois de um breve silêncio durante o qual a empolgação dela diminuiu, Marian perguntou:

– O que você esperava descobrir com o Carl?

– Não sei. Talvez saber por que o interior da casa dele é tão mais bem arrumado do que o lado de fora. – Gurney não falou totalmente a sério, mas ela respondeu como se tivesse falado.

– Eu cuido do Carl com bastante regularidade. Ele não é o mesmo desde que Kiki desapareceu. É compreensível. Quando estou lá, coloco as coisas onde parece ser o lugar delas. Nada de mais. – Ela olhou por cima do ombro de Gurney na direção da casa de Muller, escondida atrás de quase um hectare de árvores. – Ele cuida melhor de si mesmo do que você poderia imaginar.

– A senhora ouviu a opinião dele sobre os latino-americanos?

Ela soltou um suspiro curto e exasperado.

– A posição de Carl nessa questão não é muito diferente dos discursos de campanha de algumas figuras públicas.

Gurney lançou-lhe um olhar curioso.

– É, eu sei, ele é meio radical com relação a isso, mas considerando a situação ocorrida com a esposa... – Deixou a frase no ar.

– E a árvore de Natal em setembro? E as músicas natalinas? – continuou Gurney.

– Ele gosta. Acha que são relaxantes. – Ela se levantou, pegou com firmeza a enxada encostada no tronco da macieira e assentiu rapidamente para Gurney, comunicando o fim da conversa. Era óbvio que a loucura de Carl não estava entre seus temas prediletos. – Tenho trabalho a fazer. Boa sorte com suas inquirições, Sr. Gurney.

Ou ela havia esquecido ou optara de forma consciente por não tocar mais no assunto das peças que faltavam no quebra-cabeça da investigação. Gurney imaginou qual das duas opções seria a verdadeira.

O grande cão, aparentemente sentindo uma mudança na atmosfera, apareceu ao lado dela, vindo não se sabia de onde.

– Obrigado pelo seu tempo. E por suas ideias – disse Gurney. – Espero que me dê a oportunidade de conversarmos de novo.

– Veremos. Apesar da aposentadoria, eu levo uma vida agitada.

Ela se virou para o roseiral com sua enxada e começou a golpear ferozmente o solo duro, como se estivesse disciplinando um elemento indomável de sua própria natureza.

Capítulo 20

A mansão de Ashton

Muitas casas da Badger Lane, em especial as que ficavam na extremidade da estrada perto da residência de Ashton, eram grandes, antigas e tinham sido mantidas ou restauradas com uma enorme atenção aos detalhes. O resultado era uma elegância informal que despertou em Gurney um ressentimento que ele se negaria a classificar como inveja. Mesmo segundo os padrões elevados da Badger Lane, a propriedade de Ashton era impressionante: uma casa de dois andares de pedra amarelo-clara cercada por rosas silvestres, enormes canteiros em formas abstratas com bordas de plantas verdes e treliças de hera inglesa servindo como passagem entre as inúmeras áreas de um gramado suavemente inclinado. Gurney parou numa entrada de veículos com calçamento de blocos de granito rústico que levava a uma suntuosa garagem. Do outro lado do gramado ficava o caramanchão onde os músicos haviam tocado no casamento.

Gurney saiu do carro e ficou impressionado de imediato com o perfume no ar. Enquanto lutava para identificá-lo, um homem veio dos fundos da casa principal segurando uma serra para poda. Scott Ashton parecia familiar porém diferente, menos vívido em pessoa do que no vídeo. Usava uma vestimenta campestre cara: calças de lã de boa qualidade e camisa de flanela feita sob medida. Notou a presença de Gurney sem expressar nenhuma emoção.

– O senhor é pontual – disse ele. A voz era calma, afável, impessoal.

– Agradeço a disponibilidade em me receber, Dr. Ashton.

– Gostaria de entrar? – Era simplesmente uma pergunta, não um convite.

– Seria melhor eu ver primeiro a área atrás da casa, a localização do chalé. E também a mesa do pátio em que o senhor estava quando a bala acertou a xícara de chá.

Ashton fez um gesto com a mão indicando que Gurney deveria segui-lo. Enquanto passavam pela treliça que ligava a área da garagem e da entrada de veículos lateral até o gramado principal que ficava atrás – aquela por onde os convidados do casamento haviam se dirigido à festa de casamento –, Gurney teve uma sensação de reconhecimento e deslocamento combinados. O caramanchão, o chalé, os fundos da casa principal, o pátio de pedras, os canteiros, o bosque ao redor eram reconhecíveis, mas estavam estranhamente alterados pela mudança da estação, pelo vazio, pelo silêncio. O perfume estranho no ar, que tinha uma exótica nota herbácea, era mais forte ali. Gurney perguntou o que era.

Ashton fez um gesto vago na direção dos canteiros em volta do pátio.

– Camomila, anêmona, malva, bergamota, tanásia, buxo. A força relativa de cada componente muda de acordo com a direção do vento.

– O senhor contratou um novo jardineiro?

As feições de Ashton ficaram tensas.

– Para o lugar de Hector Flores?

– Pelo que sei, ele fazia a maior parte do trabalho em volta da casa.

– Não, ele não foi substituído. – Ashton notou a serra para poda que estava segurando e sorriu amargamente. – A não ser por mim. – Em seguida se virou na direção do pátio. – Aquela é a mesa que o senhor queria ver. – Levou Gurney por uma abertura no muro baixo de pedras até uma mesa de ferro com um par de cadeiras combinando, perto da porta dos fundos da casa.

– O senhor quer se sentar aqui? – Mais uma vez era uma pergunta, não um convite.

Gurney estava se acomodando numa cadeira que lhe dava a melhor visão das áreas que recordava do vídeo quando um ligeiro movimento atraiu sua atenção do lado oposto do pátio. Ali, num pequeno banco encostado na parede ensolarada da casa, estava

um homem idoso de blusa de lã marrom. Ele segurava um graveto e o balançava na mão de um lado para outro. Tinha cabelos grisalhos ralos, pele macilenta e o olhar atordoado.

– Meu pai – explicou Ashton, sentando-se na cadeira diante de Gurney.

– Está fazendo uma visita?

Ashton fez uma pausa.

– Pode-se dizer que sim.

Gurney reagiu com um olhar curioso.

– Ele está numa casa de repouso particular há uns dois anos, por causa da demência e da afasia progressiva.

– Ele não fala?

– Não, há quase um ano.

– Então o senhor o trouxe para passar um tempo aqui?

Os olhos de Ashton se estreitaram como se ele fosse dizer que isso não era da conta de Gurney, mas depois sua expressão se suavizou.

– A morte de Jillian criou uma espécie de... *solidão*. – Ele pareceu confuso com a palavra e hesitou. – Acho que foi uma ou duas semanas depois da morte dela que decidi trazer meu pai para passar um tempo aqui. Achei que ficando com ele, cuidando dele... – Ficou em silêncio de novo.

– Como o senhor consegue isso, se tem que ir à Mapleshade todo dia?

– Ele vai comigo. Surpreendentemente, isso não é um problema. Fisicamente, ele está bem. Não tem dificuldade para andar, nem para subir e descer escadas ou para comer. Ele consegue cuidar de sua higiene, também. Além da questão da fala, o déficit é principalmente de orientação. Em geral ele fica confuso com o lugar onde está, acha que se encontra no apartamento da Park Avenue em que nós morávamos quando eu era pequeno.

– Uma boa companhia. – Gurney olhou para o velho no banco do outro lado do pátio.

– Mais do que boa. Ele foi uma espécie de gênio financeiro. Hobart Ashton. Membro de confiança da elite.

Gurney deu-lhe um sorriso educado.

Ashton pigarreou.

– O senhor não veio aqui para perguntar sobre o meu pai e eu não tenho muito tempo. Então, o que posso fazer pelo senhor?

Gurney pôs as mãos na mesa.

– Era aqui que o senhor estava sentado no dia do tiro?

– Era.

– Não fica nervoso em se sentar no mesmo lugar?

– Muitas coisas me deixam nervoso.

– Olhando para o senhor, eu nunca diria.

Houve um longo silêncio, rompido por Gurney.

– O senhor acha que o atirador acertou no que estava mirando?

– Acho.

– O que lhe dá tanta certeza de que ele não estava mirando o senhor e errou?

– O senhor viu o filme *A lista de Schindler*? Tem uma cena em que Schindler tenta convencer o comandante do campo de concentração a poupar a vida de judeus que ele em geral mata a tiros por causa de pequenas ofensas. Schindler lhe diz que *poder* atirar neles e optar por poupá-los, como um deus, seria a maior prova de seu poder sobre eles.

– É o que o senhor acha que Flores estava fazendo? Provando, ao poupá-lo e despedaçar a xícara, que tinha o poder de matá-lo?

– É uma hipótese razoável.

– Presumindo que o atirador fosse Flores.

Ashton sustentou o olhar de Gurney.

– Quem mais o senhor tem em mente?

– O senhor disse ao primeiro detetive responsável pelo caso que Withrow Perry tinha um fuzil do mesmo calibre dos fragmentos de bala recolhidos neste pátio.

– O senhor se encontrou com ele ou falou com ele?

– Ainda não.

– Assim que falar, acho que descobrirá que a ideia de o Dr. Withrow Perry esgueirar-se naquele mato com uma mira telescópica é absolutamente ridícula.

– Mas não é tão ridícula para Hector Flores?

– Hector se mostrou capaz de qualquer coisa.

– Sobre a cena do filme que o senhor mencionou, pensando bem, acho que o comandante não seguiu o conselho por muito

tempo. Ele não tinha paciência para isso e voltou rapidamente a atirar em judeus que não se comportavam como ele queria.

Ashton não respondeu. Seu olhar foi na direção da colina arborizada atrás do caramanchão e parou ali.

A maioria das resoluções de Gurney era consciente e bem calculada, com uma clara exceção: decidir quando era hora de mudar o tom de uma entrevista. Isso era algo instintivo, e esse pareceu o momento certo. Recostou-se na cadeira de ferro e disse:

– Marian Eliot é uma grande fã sua.

Os sinais foram sutis. Talvez fossem fruto da imaginação de Gurney, mas ele teve a impressão, pelo olhar estranho que Ashton lhe lançou, que pela primeira vez na conversa o médico fora pego desprevenido. Mas o sujeito se recuperou rapidamente.

– É muito fácil encantar Marian – afirmou ele com sua voz calma de psiquiatra. – Desde que você não tente ser encantador.

Gurney pensou que essa havia sido exatamente a sua percepção.

– Ela acha o senhor um gênio.

– Ela tende a ser uma pessoa exagerada.

Gurney tentou outra reviravolta.

– Qual era a opinião de Kiki Muller a respeito do senhor?

– Não faço ideia.

– O senhor era psiquiatra dela?

– Fui por pouco tempo.

– Um ano não parece tão pouco tempo assim.

– Um ano? Foram só dois meses, nem isso.

– Quando os dois meses terminaram?

– Não posso dizer. Restrições de sigilo. Eu nem deveria ter mencionado que foram dois meses.

– O marido dela contou que Kiki tinha consultas com o senhor todas as terças-feiras até a semana em que desapareceu.

Como resposta, Ashton só franziu a testa, incrédulo, e balançou a cabeça.

– Deixe-me perguntar uma coisa, Dr. Ashton. Sem revelar de modo inadequado qualquer coisa que Kiki Muller possa ter lhe contado durante o tempo em que se consultou com o senhor, pode me dizer por que o tratamento terminou tão depressa?

Ele pensou nisso e pareceu desconfortável em responder.

– Eu o interrompi.

– Pode dizer o motivo?

Ele fechou os olhos durante alguns segundos, depois pareceu tomar uma decisão.

– Interrompi a terapia porque, na minha opinião, ela não estava interessada no tratamento. Era só um pretexto para vir aqui.

– Aqui? Na sua propriedade?

– Ela aparecia meia hora mais cedo para as consultas e depois demorava para ir embora, supostamente fascinada com a paisagem, as flores, qualquer coisa. O fato é que sua atenção estava sempre onde Hector se encontrava, não importava onde fosse. Mas ela não queria admitir, o que tornava os encontros comigo desonestos e sem sentido. Por isso parei de atendê-la depois de seis ou sete sessões. Estou me arriscando ao contar isso, mas, como ela mentiu sobre a duração do tratamento, parece um fato importante. A verdade é que ela deixou de ser minha paciente no mínimo nove meses antes de desaparecer.

– Será que ela poderia estar se encontrando em segredo com Hector o tempo todo e dizendo ao marido que vinha aqui para as consultas com o senhor?

Ashton respirou fundo e soltou o ar aos poucos.

– Eu odiaria pensar que algo tão acintoso estava acontecendo bem debaixo do meu nariz, naquela porcaria de chalé. Mas é coerente com o fato de os dois terem fugido juntos... depois.

– Esse tal de Hector Flores – disse Gurney de repente. – Que tipo de pessoa o senhor imaginava que ele era?

Ashton se retraiu.

– O senhor quer saber como eu podia, sendo psiquiatra, estar tão absurdamente errado com relação a alguém que observei todos os dias durante três anos? A resposta é constrangedora de tão simples: fiquei cego ao perseguir um objetivo que havia se tornado importante demais para mim.

– E que objetivo era esse?

– A educação e a prosperidade de Hector Flores. – Ashton parecia sentir um gosto amargo. – A notável evolução dele, de

jardineiro a homem culto, seria o tema do meu próximo livro: uma exposição do poder da educação sobre a natureza do ser.

– E depois desse – continuou Gurney com mais sarcasmo do que pretendia – o senhor escreveria outro livro com uma assinatura diferente, demolindo o argumento do primeiro?

Os lábios de Ashton se esticaram num sorriso frio, em câmera lenta.

– A conversa com Marian foi bastante informativa.

– O que me lembra de outra coisa que desejava perguntar. Sobre Carl Muller. O senhor sabe algo sobre o estado emocional dele?

– Não através de contato profissional.

– Como vizinho, então?

– O que o senhor quer saber?

– De forma bastante direta, gostaria de saber até que ponto ele é maluco.

De novo Ashton apresentou seu sorriso sem humor.

– Baseado no que se ouve por aí, acho que ele está se afastando por completo da realidade. Especificamente da realidade adulta. Da realidade sexual.

– O senhor chegou a essa conclusão pelo fato de que ele brinca com miniaturas de trens?

– Há uma pergunta fundamental que sempre temos de fazer com relação a comportamentos inadequados: existe uma faixa etária em que esse comportamento seria adequado?

– Acho que não entendi.

– O comportamento de Carl parece adequado a um garoto na pré-adolescência, o que sugere que pode ser uma forma de regressão em que o indivíduo retorna ao último período seguro e feliz de sua vida. Eu diria que Carl regrediu à época anterior à entrada de mulheres e sexo na sua vida, antes de sentir a dor de ser enganado por uma mulher.

– O senhor está dizendo que, de algum modo, ele descobriu o caso da mulher com Flores e que isso o levou a essa situação?

– É possível. Se ele fosse frágil, para início de conversa. É coerente com o comportamento atual.

Uma nuvem que havia se materializado do nada no céu azul passou aos poucos diante do sol, baixando a temperatura no pátio em pelo menos dez graus. Ashton pareceu não notar. Gurney enfiou as mãos nos bolsos.

– Uma descoberta assim poderia bastar para ele matá-la? Ou para matar Flores?

Ashton franziu a testa.

– Você tem motivos para acreditar que Kiki e Hector estão mortos?

– Não, a não ser o fato de que nenhum dos dois foi visto nos últimos quatro meses. Mas também não tenho prova de que estejam vivos.

Ashton olhou para o relógio, um Cartier antigo discretamente brilhante.

– O senhor está criando um enredo complicado, detetive.

Gurney deu de ombros.

– Complicado *demais*?

– Não compete a mim dizer. Não sou psicólogo forense.

– O que o senhor é?

Ashton piscou, talvez devido ao tom abrupto da pergunta.

– Como disse?

– O senhor é especializado em...?

– Comportamento sexual destrutivo, em particular abuso sexual.

Foi a vez de Gurney piscar.

– Achei que o senhor fosse diretor de uma escola para jovens problemáticas.

– Sim. A Mapleshade.

– A Mapleshade é para crianças que sofreram abuso sexual?

– Desculpe, detetive. O senhor está entrando num assunto que não pode ser discutido superficialmente sem o risco de mal-entendidos e não estou com tempo agora para falar sobre ele em detalhes. Talvez outro dia. Ele olhou de novo para o relógio. – O fato é que tenho dois compromissos esta tarde e preciso me preparar para eles. O senhor tem alguma pergunta mais simples?

– Duas. É possível que o senhor tenha se enganado quanto a Hector Flores ser mexicano?

– Me enganado?

Gurney esperou.

Ashton pareceu agitado e se moveu para a ponta da cadeira.

– Sim, posso ter me enganado nisso, assim como em relação a todo o resto que pensava saber sobre ele. Segunda pergunta?

– O nome Edward Vallory significa alguma coisa para o senhor?

– Está se referindo à mensagem de texto no telefone de Jillian?

– Sim. “Por todos os motivos pelos quais escrevi. Edward Vallory.”

– Não. O primeiro policial que cuidou do caso me perguntou a mesma coisa. Eu respondi que não era um nome familiar na época, e não é agora. Disseram-me que a companhia telefônica rastreou a mensagem e que ela vinha do celular de Hector.

– Mas o senhor não faz ideia do motivo para ele usar o nome Edward Vallory?

– Nenhuma. Sinto muito, detetive, mas preciso me preparar para os meus compromissos.

– Podemos nos encontrar amanhã?

– Estarei na Mapleshade o dia inteiro, com a agenda cheia.

– A que horas o senhor sai de manhã?

– Daqui? Nove e meia.

– Que tal oito e meia, então?

A expressão de Ashton ficou entre a consternação e a preocupação.

– Certo. Amanhã de manhã às oito e meia.

No caminho para o carro, Gurney olhou para o local mais distante do pátio. O sol já havia se posto, mas o graveto de Hobart Ashton continuava balançando para um lado e para outro num ritmo lento e monótono.

Capítulo 21

Quem avisa amigo é

Enquanto Gurney descia de carro a Badger Lane sob as nuvens que se juntavam, as casas que antes, banhadas pelo sol, tinham parecido pitorescas agora se mostravam sérias e reservadas. Ele estava ansioso para chegar aos espaços abertos da Higgles Road e dos vales bucólicos que ficavam entre Tambury e Walnut Crossing.

A decisão de Ashton de encerrar a entrevista, tornando necessário que Gurney fizesse outra viagem, não incomodou nem um pouco o ex-policial. Isso lhe daria tempo para digerir as primeiras impressões ao vivo sobre o sujeito, assim como as opiniões dadas por seus vizinhos extraordinários. Ter a oportunidade de organizar tudo isso na mente iria ajudá-lo a fazer conexões e pensar nas perguntas certas para o dia seguinte. Decidiu que iria direto ao Quick-Mart na Rota 10, para pegar o maior copo de café disponível e fazer algumas anotações.

Quando avistou o cruzamento junto à fazenda arruinada de Calvin Harlen, notou que um carro preto atravessava na estrada, bloqueando a passagem. Dois rapazes musculosos com cortes de cabelo à escovinha, óculos de sol, jeans escuros e agasalhos brilhosos estavam encostados na lateral do veículo, observando Gurney se aproximar. O carro era um Ford Crown Victoria, o que bastava para identificá-lo como uma viatura policial, portanto Gurney não estranhou quando viu os crachás da polícia do estado no casaco dos homens.

Eles se dirigiram até onde Gurney havia parado, um de cada lado de seu carro.

– Carteira de motorista e documentos do veículo – disse o que estava junto à janela de Gurney, num tom não muito amigável.

Gurney já tinha pegado a carteira, mas hesitou.

– Blatt?

A boca do sujeito estremeceu como se uma mosca tivesse pousado nela. Ele tirou lentamente os óculos, de modo ameaçador. Seus olhos eram pequenos e malévolos.

– De onde eu conheço você?

– Do caso Mellery.

Ele sorriu. Quanto mais o sorriso se alargava, mais desagradável ficava.

– Gurney, certo? O gênio da cidade da merda. Que diabo está fazendo aqui?

– Uma visita.

– A quem?

– Quando for adequado lhe dar essa informação, eu a darei.

– Adequado? *Adequado?* Saia do carro.

Gurney obedeceu calmamente. O outro policial estava posicionado na traseira do automóvel.

– Agora, como eu disse, carteira de motorista e documentos do veículo.

Gurney abriu sua carteira e entregou os dois itens a Blatt, que os examinou com muito cuidado. Blatt voltou ao seu carro, entrou e começou a digitar no computador. O outro policial vigiava Gurney como se ele fosse sair correndo pela rua para o meio dos espinheiros. Gurney deu um sorriso cansado e tentou ler o crachá do sujeito, mas o plástico estava refletindo a luz. Desistiu e em vez disso se apresentou:

– Sou Dave Gurney, detetive aposentado do Departamento de Polícia de Nova York.

O homem assentiu discretamente. Vários minutos se passaram. Gurney se encostou na porta de seu carro, cruzou os braços e fechou os olhos. Detestava ficar esperando por nada e estava exaurido pelos acontecimentos do dia. Sua famosa paciência chegava ao fim. Blatt voltou e lhe entregou seus documentos como se estivesse farto de segurá-los.

– O que veio fazer aqui?

– Você já perguntou isso.

– Certo, Gurney, deixe-me esclarecer uma coisa. Há uma investigação de assassinato acontecendo aqui. Entende o que estou

dizendo? Investigação de assassinato. Seria um grande equívoco você se intrometer. Obstrução da justiça, impedimento de investigação de crime e tal. Captou a mensagem? Então vou perguntar mais uma vez: o que você está fazendo na Badger Lane?

– Desculpe-me, Blatt, é assunto particular.

– Está dizendo que não veio aqui por causa do caso Perry?

– Não estou dizendo nada.

Blatt se virou para o outro policial, cuspiu no chão e apontou para Gurney com o polegar.

– Esse é o cara que quase fez todo mundo ser morto no desfecho do caso Mellery.

Essa acusação idiota chegou perigosamente perto de despertar uma fúria em Gurney que a maioria das pessoas não sabia que existia.

Talvez o outro policial tivesse sentido a vibração negativa, ou talvez já estivesse incomodado pelo comportamento de Blatt, ou talvez uma pequena luz houvesse enfim se acendido.

– Gurney? – quis saber ele. – Não é o cara com todas aquelas menções honrosas de Nova York?

Blatt não respondeu, mas alguma coisa na pergunta impediu que a situação tomasse proporções maiores. Ele olhou para Gurney com ar sinistro.

– Vou lhe dar um aviso: saia daqui. Saia daqui agora mesmo, porra. Se você chegar perto desse caso o mínimo que seja, garanto que será acusado de obstrução. – Ele levantou a mão e apontou o indicador para o ponto entre os olhos de Gurney, imitando uma arma.

Gurney assentiu.

– Entendi. Mas tenho uma pergunta: e se eu descobrir que todas as suas suposições sobre esse assassinato estão furadas? A quem devo contar?

Capítulo 22

O homem das aranhas

O café no caminho para casa fora um erro. O cigarro, um erro ainda maior.

A bebida que ele comprara no posto de gasolina virara após algum tempo um líquido cor de piche cheio de cafeína que não tinha nenhum gosto de café. Gurney bebeu mesmo assim, porque era um ritual reconfortante. Já o impacto da cafeína em seus nervos, que fez com que a primeira descarga de energia desse lugar a uma ansiedade que exigia um cigarro, não foi tão reconfortante assim. Mas isso também teve um lado positivo e um negativo: uma breve sensação de calma e liberdade, seguida por pensamentos sinistros. Ele se lembrou de algo que um terapeuta lhe dissera 15 anos antes: "David, você se comporta como se existissem duas pessoas dentro de você. Na vida profissional você tem energia, determinação, foco. No campo pessoal, é um navio sem leme." Às vezes ele tinha a ilusão de que estava progredindo – parando de fumar, levando a vida de uma forma mais extrovertida e menos voltado para dentro de sua mente, focalizando mais no aqui, no agora e em Madeleine. Mas inevitavelmente sofria recaídas e voltava a ser quem sempre fora.

Seu novo Subaru não tinha cinzeiro e ele estava se virando com a lata de sardinha que tinha lavado e mantinha no carro com esse objetivo. Enquanto apagava seu cigarro, de súbito lhe veio à mente outra situação de fracasso na vida pessoal, mais uma lembrança incômoda de uma mente desorientada: ele havia se esquecido do jantar.

Seu telefonema para Madeleine – em que ele omitiu seu lapso de memória e só perguntou se ela queria que ele comprasse algo no caminho para casa – não o fez se sentir melhor. Tinha a sensação

de que ela sabia que ele havia esquecido e que tentava disfarçar. Foi uma ligação curta com silêncios longos. O diálogo final foi:

– Você vai tirar os dossiês do assassinato da mesa quando chegar em casa? – perguntou ela.

– Vou. Eu disse que tiraria.

– Ah, bem.

Pelo restante da viagem, a mente inquieta de Gurney passeou por algumas perguntas incômodas: por que Arlo Blatt estava esperando no cruzamento da Badger Lane? Antes não havia carro de vigilância ali... Será que ele recebera a dica de que alguém andava pelas redondezas fazendo perguntas? Que Gurney, em particular, estava fazendo isso? Mas quem se importaria a ponto de ligar para Blatt? Por que o policial estava tão preocupado em mantê-lo fora do caso? Ele ainda se lembrou de outra dúvida não solucionada: por que Jack Hardwick fazia tanta questão de tê-lo na investigação?

Exatamente às cinco da tarde, sob um céu raivoso, Gurney entrou na estrada de terra e cascalho que subia a colina até sua casa. Após cerca de 1,5 quilômetro viu um carro à frente, um Prius verde-acinzentado. Enquanto seguiam pela mesma estrada poeirenta, ficou claro que as pessoas no carro eram os misteriosos convidados para o jantar.

O Prius diminuiu a velocidade até se arrastar com cuidado pela trilha esburacada do pasto até o estacionamento improvisado de grama emaranhada perto da casa. Um instante depois que os ocupantes saltaram do veículo, Gurney lembrou-se: George e Peggy Meeker. Ele era um professor de entomologia aposentado de 60 e poucos anos, um sujeito totalmente desengonçado, e ela, uma animada assistente social na casa do 50 que havia convencido Madeleine a aceitar o emprego atual em meio expediente. Enquanto Gurney estacionava, os Meeker tiraram do banco de trás um prato e uma tigela cobertos de papel-alumínio.

– Salada e sobremesa! – gritou Peggy. – Desculpe o atraso. George perdeu as chaves do carro! – Ela parecia achar isso ao mesmo tempo exasperante e divertido.

George levantou a mão num gesto de saudação, acompanhado por um olhar de aborrecimento da esposa. Gurney só conseguiu dar

um pequeno sorriso de boas-vindas. A dinâmica do casal era parecida demais com a dos pais dele, o que a tornava desconfortável.

Madeleine chegou à porta e sorriu para os Meeker.

– Salada e sobremesa – explicou Peggy, entregando os recipientes cobertos a Madeleine, que fez ruídos de prazer e levou todos para a enorme cozinha. – Adoro esta casa! – exclamou, com os olhos arregalados de admiração, a mesma reação que tivera nas duas visitas anteriores, e acrescentou, como sempre: – É perfeita para vocês dois. Você não acha que combina perfeitamente com a personalidade deles, George?

George assentiu, afável, olhando as pastas do caso em cima da mesa e inclinando a cabeça para ler as etiquetas nas capas.

– Achei que você estivesse aposentado – disse a Gurney.

– Estou. Isso é só um trabalho rápido de consultoria.

– Um convite para uma decapitação – observou Madeleine.

– Que tipo de trabalho de consultoria? – indagou Peggy com interesse genuíno.

– Pediram que eu revisse as provas num caso de assassinato e sugerisse alternativas viáveis para a investigação.

– Parece fascinante – afirmou Peggy. – O caso saiu no noticiário?

Ele hesitou por um momento antes de responder.

– Sim, há alguns meses. Os tabloides se referiram a ele como o caso da noiva trucidada.

– Não diga! Mas que incrível! Você está investigando aquele assassinato horrível? A moça que foi morta vestida de noiva? O que exatamente...

Madeleine interveio, com o volume da voz um pouco alto demais.

– O que vocês vão querer beber?

Peggy permaneceu com o olhar fixo em Gurney.

Madeleine continuou, falando alto e animadamente:

– Temos vários tipos de vinho, é só escolher!

– Tinto para mim – escolheu George.

– Quero ouvir a história desse assassinato – declarou Peggy, e depois acrescentou: – Qualquer vinho está bom para mim.

– Também quero um tinto, como o George – informou Gurney.

– Poderia liberar a mesa agora? – pediu Madeleine.

– Claro – respondeu Gurney. Em seguida se virou e começou a juntar em uma pilha todos os papéis espalhados. – Eu deveria ter feito isso de manhã. Hoje em dia não consigo me lembrar de nada.

Madeleine deu um sorriso perigoso, pegou duas garrafas na despensa e começou a tirar as rolhas.

– E então...? – insistiu Peggy, ainda olhando para Gurney cheia de expectativa.

– O que você se lembra do noticiário? – perguntou ele.

– Que uma moça lindíssima foi assassinada por um jardineiro mexicano maluco uns 10 minutos depois de se casar com ninguém menos que Scott Ashton.

– Parece que você sabe quem ele é.

– Sei quem ele é? Meu Deus, o mundo inteiro conhece Scott Ashton, ou ao menos sua reputação, seus livros, seus artigos. Ele é o terapeuta de abusos sexuais mais famoso que existe. Criou um monte de terapias de vanguarda. Mas tenho certeza de que Dave pode nos dizer muito mais do que isso. – Ela aceitou a taça oferecida por Madeleine, deu um golezinho e sorriu. – Delicioso. Obrigada.

– Então amanhã é o grande dia, certo? – perguntou Madeleine.

Peggy piscou, confusa com a mudança de assunto.

– Grande dia – ecoou George.

– Não é todo dia que o filho de alguém vai para Harvard – continuou Madeleine. – Ele vai fazer biologia, não é isso?

– O plano é esse – respondeu George, sempre o cientista cauteloso.

Nem George nem Peggy demonstraram muito interesse pelo assunto, talvez porque já fosse o terceiro filho que eles mandavam para a faculdade e tudo o que poderiam dizer já fora dito.

– Você ainda dá aulas? – perguntou Peggy a Gurney.

– Na academia de polícia?

– Isso. Você lecionava como professor convidado, não era?

– É, ainda faço isso de vez em quando. Um seminário especial sobre trabalho sob disfarce.

– Ele dá um seminário sobre como mentir – disse Madeleine.

Os Meeker riram sem graça. George tomou seu vinho de uma vez.

– Eu ensino aos mocinhos como mentir para os bandidos de modo que os bandidos contem aos mocinhos o que precisamos saber.

– Esse é um modo de colocar a coisa – observou Madeleine.

– Você deve ter histórias fantásticas – falou Peggy.

– George – interveio Madeleine, colocando-se entre Peggy e Gurney –, deixe-me encher sua taça. – Ele entregou-a e ela voltou à bancada da pia. – Deve ser uma sensação muito boa ter os filhos seguindo os nossos passos.

– Bom, eles não seguiram totalmente os meus passos. A biologia, sim, de modo genérico, mas até agora nenhum deles mostrou qualquer interesse por entomologia, menos ainda na minha especialidade, a aracnologia. Pelo contrário...

– Se não me falha a memória – interrompeu Peggy –, vocês têm um filho, não é?

– David tem um filho – respondeu Madeleine, ainda na bancada, servindo o vinho.

– Ah, sim. O nome dele está na ponta da minha língua. É alguma coisa com L, ou era K?

– Kyle – disse Gurney, como se fosse uma palavra que ele pronunciasse raramente.

– Ele trabalha em Wall Street, certo?

– *Trabalhava* em Wall Street. Agora está na faculdade de direito.

– Consequência do estouro da bolha? – quis saber George.

– Mais ou menos.

– O clássico desastre – entoou George com desdém intelectual. – Castelo de cartas. Hipotecas de milhões de dólares sendo distribuídas como pirulitos para crianças de 3 anos. Magnatas e figurões pulando das torres das altas finanças. Os desgraçados dos grandes banqueiros cavaram a própria sepultura. A única coisa ruim é que nosso governo, em sua infinita sabedoria, decidiu ressuscitar os idiotas: trazê-los de volta à vida com o dinheiro dos nossos impostos em vez de deixá-los apodrecer no inferno!

– Bravo, George! – concordou Madeleine levantando a taça.

Peggy lançou um olhar gelado para ele.

– Tenho certeza de que ele não está incluindo seu filho entre os malfeitores.

Madeleine sorriu para George.

– Você estava começando a dizer alguma coisa sobre a carreira dos seus filhos na biologia?

– Ah, sim. Bom, na verdade, não. Eu ia dizer que o mais velho não somente não tem qualquer interesse pela aracnologia como afirma sofrer de aracnofobia. – Ele contou isso como fosse um medo bobo. – E não é só isso, ele nem...

– Pelo amor de Deus, não deixem o George ficar falando sobre aranhas – implorou Peggy, interrompendo-o pela segunda vez. – Sei que são as criaturas mais fascinantes da Terra, infinitamente benéficas e assim por diante. Mas neste momento eu preferiria ouvir sobre o caso de assassinato do Dave do que sobre a aranha tecelã peruana.

– Meu voto solitário seria pela aranha tecelã peruana. Mas acho que isso pode esperar – lamentou Madeleine, tomando um grande gole de seu vinho. – Por que vocês não se sentam junto à lareira e exaurem o assunto das decapitações enquanto eu dou os últimos retoques no jantar? Serão só alguns minutos.

– Quer ajuda? – ofereceu Peggy. Parecia uma tentativa de avaliar o tom de Madeleine.

– Não, está quase tudo pronto. Mas obrigada mesmo assim.

– Tem certeza?

– Absoluta.

Depois de outro olhar interrogativo, ela foi com os dois homens até três poltronas estofadas na outra extremidade do cômodo.

– Então – disse a Gurney assim que se sentaram. – Pode contar a história.

Quando Madeleine os chamou para a mesa, eram quase seis da tarde e Gurney havia relatado a história quase completa do caso até o momento, inclusive as reviravoltas e as pontas soltas. Sua narrativa fora dramática sem ser sanguinolenta, sugerindo possíveis emaranhados sexuais sem implicar que eles eram a essência do caso, e tão coerente quanto os fatos permitiam. Os Meeker ouviram atentos, fascinados e em silêncio.

À mesa – na metade da salada de espinafre, nozes e gorgonzola –, os comentários e perguntas começaram a chegar, na maioria vindos de Peggy.

– Bom, se Flores fosse gay, o motivo para matar a noiva seria ciúme. Mas o método parece psicótico. Dá para acreditar que um dos maiores psiquiatras do mundo não tenha notado que o homem que morava em sua propriedade era doido de pedra, capaz de decepar a cabeça de alguém?

– E se Flores fosse hétero – completou Gurney –, o motivo do ciúme não existiria mais, só que ainda restariam a parte do "doido de pedra" e o problema de Ashton não notar.

Peggy se inclinou para a frente na cadeira, gesticulando com o garfo.

– Claro, o fato de ele ser hétero sustentaria a hipótese de ele ter um caso com a tal Muller e os dois terem fugido juntos, mas então o "doido de pedra" seria a única explicação para matar a noiva.

– Além disso – observou Gurney –, ainda restariam Scott Ashton e Kiki Muller não notando que Flores era pirado. E tem outro problema. Que mulher fugiria por livre e espontânea vontade com um homem que acabou de cortar a cabeça de outra mulher?

Peggy teve um leve tremor.

– Não consigo imaginar.

– As mulheres de Henrique VIII não se incomodaram com isso – comentou Madeleine com um suspiro entediado.

Houve um silêncio momentâneo, quebrado por outro risinho de George.

– Acho que existe uma certa diferença entre o rei da Inglaterra e um jardineiro mexicano – sugeriu Peggy.

Madeleine, examinando as nozes em sua salada, ficou calada.

George aproveitou o espaço aberto na conversa.

– E o cara dos trens de brinquedo, do "Adeste Fideles" e tal, de quem você falou? E se ele matou todo mundo?

Peggy fez uma careta.

– Do que você está falando, George? Todo mundo quem?

– É uma possibilidade, não é? E se a mulher dele fosse meio vagabunda e tivesse pulado na cama com o mexicano? E se a noiva

fosse meio vagabunda e também tivesse pulado na cama com o mexicano? Talvez o Sr. Muller tenha simplesmente decidido matar todos eles, para se livrar da escória: duas vagabundas e seu dom-juanzinho barato.

– Meu Deus, George! – exclamou Peggy. – Você parece feliz com o que aconteceu com as vítimas.

– Nem todas as vítimas são necessariamente inocentes.

– George...

– Por que ele deixou o facão na floresta? – interveio Madeleine.

Depois de uma pausa em que todo mundo olhou para ela, Gurney perguntou:

– É a pista que incomoda você? O fato de a pista do cheiro ir só até certo ponto e desaparecer?

– Me incomoda o fato de o facão ter sido deixado no mato sem motivo aparente. Não faz nenhum sentido.

– Pensando bem – disse Gurney –, esse é um argumento excelente. Vamos pensar nele com mais atenção.

– Não, não vamos. – A voz de Madeleine estava controlada, porém mais alta. – Me arrependi até de ter mencionado isso. Na verdade, toda esta discussão está me dando indigestão. Podemos falar de outra coisa, por favor? – Houve um silêncio constrangedor ao redor da mesa. – George, fale de sua aranha predileta. Aposto que você tem uma predileta.

– Hã... não sei... – Ele pareceu meio desorientado.

– Vamos lá, George.

– Fui alertado para não entrar nesse assunto.

Peggy olhou em volta, nervosa.

– Pode falar, George, não tem problema.

Agora todo mundo estava olhando para ele e a atenção parecia agradá-lo. Era fácil imaginar o sujeito diante de seus alunos na faculdade: o professor Meeker, respeitado entomologista, fonte de sabedoria e boas histórias.

Cuidado, Gurney, qualquer julgamento sobre ele pode se aplicar a você. O que você está fazendo naquela academia de polícia, afinal?

George levantou o queixo com orgulho.

– As saltadoras – disse ele.

Os olhos de Madeleine se arregalaram.

– Aranhas... saltadoras?

– É.

– Elas *saltam* mesmo?

– Saltam. Podem pular uma extensão equivalente a 50 vezes o comprimento de seu corpo. É o mesmo que um homem de 1,80 metro saltar a distância de um campo de futebol, e o incrível é que elas praticamente não têm músculos nas patas. Então você pode perguntar: como elas conseguem saltar uma distância tão grande? Com bombas hidráulicas! Válvulas nas pernas soltam jatos de sangue pressurizado, fazendo as patas se estenderem e as impelirem no ar. Imagine um predador mortal caindo sobre a presa vindo do nada, sem aviso. Não há esperança de fuga. – Os olhos de Meeker brilharam como os de um pai orgulhoso.

A ideia do pai orgulhoso deixou Gurney com náuseas.

– E, claro – continuou Meeker, cheio de empolgação –, há a viúva-negra, uma máquina de matar realmente elegante. Um animal mortífero para adversários mil vezes maiores.

– Uma criatura que se encaixa na definição de perfeição dada por Scott Ashton – disse Peggy.

Madeleine lançou-lhe um olhar interrogativo.

– Estou me referindo ao livro infame de Scott Ashton que trata a empatia, a preocupação pelo bem-estar e os sentimentos dos outros como um defeito, uma imperfeição do sistema de fronteiras da personalidade do ser humano. A aranha viúva-negra, com seu hábito maligno de matar e comer o parceiro depois do ato sexual, provavelmente seria a própria ideia de perfeição para ele. A perfeição do psicopata.

– Só que, como Ashton escreveu um segundo livro atacando o primeiro – ponderou Gurney –, é difícil saber o que ele realmente acha dos psicopatas ou das viúvas-negras. Ou de qualquer coisa, por sinal.

O olhar interrogativo de Madeleine para Peggy ficou mais acentuado.

– Esse é o homem que você disse ser uma grande autoridade no tratamento de vítimas de abuso sexual?

– É, mas não exatamente. Ele não trata das vítimas. Trata dos abusadores.

A expressão de Madeleine mudou, como se ela achasse que essa informação fosse muito importante.

Para Gurney isso só aumentou a lista de perguntas que queria fazer a Ashton na manhã seguinte. Nesse momento ele se lembrou de outra questão em aberto e resolveu levantar o assunto com os convidados:

– O nome Edward Vallory diz alguma coisa a algum de vocês?

Às 22h45, quando Gurney finalmente tinha conseguido pegar no sono, seu celular tocou na mesinha de cabeceira ao lado de Madeleine. Ele o ouviu tocar, ouviu-a atender e a ouviu dizer:

– Vou ver se ele está acordado.

Em seguida ela lhe deu um tapinha no braço e estendeu o telefone, esperando até ele se sentar e pegá-lo.

Era a voz suave de barítono de Ashton, ligeiramente tensa pela ansiedade.

– Desculpe incomodar, mas pode ser importante. Recebi uma mensagem de texto agora há pouco. O identificador de chamada indica que veio do telefone do Hector, um daqueles pré-pagos. Ele o comprou há cerca de um ano e me deu o número. Mas essa mensagem... acho que é a mesma que Jillian recebeu no dia do nosso casamento: “Por todos os motivos pelos quais escrevi. Edward Vallory.” Liguei para o Bureau de Investigação Criminal e informei, mas queria que o senhor também soubesse. – Ele fez uma pausa e depois pigarreou, nervoso. – O senhor acha que isso significa que Hector pode voltar?

Gurney não era um homem que acreditasse em coincidências. Mas nesse caso o surgimento do nome Edward Vallory tão pouco depois de ele próprio tê-lo trazido à tona provocou um arrepio desagradável.

Demorou mais de uma hora para pegar no sono de novo.

Capítulo 23

Possibilidade

– Só duas semanas – disse Gurney enquanto levava seu café para a mesa.

– Hmm. – Madeleine era muito articulada com os seus pequenos sons. Este revelava que ela entendia o que ele estava dizendo mas não queria discutir o assunto no momento. À luz da manhã, ela estava lendo *Crime e castigo* para uma reunião de seu clube de leitura.

– Só duas semanas. É o que estou concedendo ao caso.

– Foi o que você decidiu? – perguntou ela, sem levantar os olhos.

– Não sei por que isso é um problema tão grande.

Ela fechou parcialmente o livro, o dedo marcando a página em que estava, inclinou a cabeça um pouco de lado e olhou para ele.

– Exatamente de que *tamanho* você acha que é o problema?

– Meu Deus, não sou adivinho. Esqueça, apague isso, foi um comentário idiota. O que estou dizendo é que vou limitar meu envolvimento nesse negócio dos Perry a duas semanas, não importa o que aconteça. – Ele pousou a xícara de café na mesa e se sentou diante dela. – Olhe, eu posso não entender muita coisa, mas entendo sua preocupação, de verdade. Sei o que você passou há um ano.

– Sabe?

Ele fechou os olhos.

– Acho que sei. Acho mesmo. E não vai acontecer de novo.

O fato é que ele quase fora morto no fim da última investigação da qual participara voluntariamente. Um ano depois da aposentadoria, havia chegado mais perto da morte do que em 20 anos como detetive de homicídios do Departamento de Polícia de

Nova York. Achava que isso talvez tivesse sido o golpe mais forte em Madeleine – não somente o risco de morte, mas o fato de o perigo ter aumentado exatamente no ponto da vida em que ela imaginara que acabaria.

Um longo silêncio baixou entre eles.

Enfim ela suspirou, tirou o dedo que usava como marcador do livro e o empurrou para longe.

– Sabe, Dave, o que eu quero não é tão difícil assim. Ou talvez seja. Eu achava que quando nos aposentássemos iríamos descobrir um tipo de vida diferente juntos.

Ele deu um sorriso débil.

– Todos aqueles malditos aspargos são bem diferentes.

– E o seu trator é diferente. E meu jardim é diferente. Mas parece que nós temos dificuldade com a parte do "viver *juntos*".

– Você acha que não estamos mais juntos agora do que quando morávamos na cidade?

– Acho que ficamos na mesma casa ao mesmo tempo com mais frequência. Mas é óbvio que eu estava mais disposta a deixar aquela outra vida para trás do que você. Então o erro foi meu, achando que estávamos na mesma sintonia. O erro foi meu – repetiu ela em voz baixa, com raiva e tristeza nos olhos.

Ele se recostou na cadeira e olhou para o teto.

– Uma vez um terapeuta me disse que uma expectativa não passa de um ressentimento esperando para nascer. – Assim que falou isso ele desejou voltar atrás. *Meu Deus*, pensou, *se eu fosse tão desajeitado ao trabalhar infiltrado como sou ao falar com minha própria mulher, já teria sido retalhado há uns 10 anos*.

– Não passa de um ressentimento esperando para nascer? – reagiu Madeleine com rispidez. – Que lindo. E que tal a esperança? Ele tinha alguma coisa tão inteligente e maligna para dizer sobre a esperança? – A raiva passava dos olhos para a voz dela. – E sobre progredir? Ele tinha algo a dizer sobre progredir? Ou sobre a intimidade? O que ele dizia sobre isso?

– Desculpe. Foi só mais um comentário idiota que fiz. Parece que sou especialista nisso. Deixe-me tentar de novo. Eu só queria dizer que...

Ela o interrompeu:

– Que você decidiu assinar um contrato de duas semanas para trabalhar para uma mulher louca, procurando um assassino psicótico? – Ela o encarou, aparentemente o desafiando a tentar dizer isso de forma mais suave. – Certo, David. Ótimo. Duas semanas. O que posso dizer? Você já se decidiu. E, por sinal, sei que o que você faz exige ser incrivelmente forte, corajoso, honesto e inteligente. Sei do fundo do coração que você é um homem extraordinário como poucos. Sinto uma admiração enorme por você, David. Mas sabe de uma coisa? Eu gostaria de sentir um pouco menos de admiração e *estar mais* com você. Acha que isso seria possível? É só isso que eu quero saber. Você acha que poderíamos ficar um pouquinho mais próximos?

A mente dele ficou quase vazia.

Então murmurou baixinho:

– Meu Deus, Maddie, espero que sim.

Começou a chuviscar no caminho para Tambury. Gurney parou em Dillweed para uma segunda xícara de café. Não num posto de gasolina, mas no mercado de produtos orgânicos Abelard's, onde o café era moído e feito na hora e era delicioso.

Sentou-se com o copo no carro estacionado diante do mercado e folheou as anotações do caso até encontrar a página que desejava: um registro fornecido pela companhia telefônica das datas e dos horários das trocas de mensagens de texto entre os celulares de Jillian Perry e Hector Flores durante as três semanas anteriores ao assassinato – 13 de Flores para Perry e 12 de Perry para Flores. Numa folha separada, grampeada ao registro, havia um relatório do laboratório de informática da polícia estadual indicando que todas as mensagens tinham sido apagadas do telefone de Jillian, com exceção da última, de "Edward Vallory", recebida aproximadamente uma hora antes da lacuna de 14 minutos durante a qual o assassinato fora cometido. O relatório também informava que a companhia telefônica registrava a data, a duração, os números dos celulares de origem e destino e os dados das torres de transmissão de todos os telefonemas, mas nenhum conteúdo. Então, assim que esses textos foram apagados do telefone de Jillian, não havia como recuperá-los a não ser que Hector tivesse salvado as mensagens

em *seu* telefone e que a memória do aparelho pudesse ser acessada no futuro – possibilidades com as quais não dava para ser muito otimista.

Gurney guardou as folhas de volta na pasta, terminou de tomar o café e seguiu pela manhã cinza e molhada para se encontrar às oito e meia com Scott Ashton.

A porta se abriu antes que Gurney tivesse chance de bater. Ashton vestia-se como no dia anterior, com roupas caras e informais.

– Entre, vamos ao que interessa – disse ele com um sorriso superficial. – Não temos muito tempo. – Seguiu na frente, passando por um amplo corredor central até uma sala de estar à direita que parecia ter sido mobiliada em outro século. As poltronas e os sofás eram na maioria de estilo antigo. As mesas, o console da lareira, as pernas das poltronas e outras superfícies de madeira tinham uma pátina antiga, ligeiramente lustrosa.

Em meio aos objetos previsíveis de decoração de uma casa de campo da classe alta, havia algo que destoava por completo. Na parede acima do console de nogueira escura havia uma foto emoldurada enorme, do tamanho aproximado de duas páginas da revista de domingo do jornal *Times*.

Então Gurney percebeu por que essa comparação de tamanho específica lhe veio à mente: ele vira a foto naquela mesma publicação. Seguia o estilo dos anúncios de roupas caras em que os modelos olham uns para os outros ou para o mundo em geral com uma sensualidade arrogante e uma aparência de viciados em drogas. Mas, mesmo em comparação com outras do tipo, essa imagem específica comunicava com muita clareza algo profundamente doentio ao retratar duas mulheres muito jovens, por certo com menos de 20 anos, esparramadas no que parecia ser o chão de um quarto, uma olhando para o corpo da outra com um misto de exaustão e insaciável apetite sexual. Estavam nuas, apenas com duas echarpes de seda posicionadas de forma estratégica, presumivelmente produtos da loja que patrocinava o anúncio.

Quando Gurney olhou mais de perto, viu que era uma montagem: na verdade eram duas imagens da mesma modelo em poses diferentes, posicionadas e retocadas a fim de dar a entender que olhavam uma para a outra, o que acrescentava uma dose de narcisismo à patologia da cena, que já era grande. De certa forma, era uma obra de arte impressionante – uma representação da decadência digna do “Inferno” de Dante. Gurney se virou para Ashton, com a curiosidade evidente na expressão.

– Jillian – explicou Ashton com uma voz monótona. – Minha falecida esposa.

Gurney ficou sem fala.

A foto inspirava tantas perguntas que ele não sabia qual fazer primeiro.

Teve a sensação de que Ashton estava não somente observando sua confusão, mas também gostando dela. O que levantava mais questões. Enfim ele pensou em algo a dizer, algo de que havia se esquecido por completo durante o primeiro encontro.

– Lamento terrivelmente sua trágica perda. E desculpe não ter dito isso ontem.

Um peso, uma nuvem de depressão e cansaço, pareceu puxar todas as feições de Ashton para baixo.

– Obrigado.

– Fico surpreso ao ver que o senhor conseguiu permanecer nesta casa, vendo aquele chalé nos fundos todo dia, sabendo o que aconteceu lá.

– Ele vai ser demolido – respondeu Ashton de forma quase brutal. – Demolido, esmagado, queimado. Assim que a polícia autorizar. Eles ainda têm alguma jurisdição sobre ele, como local de crime. Mas o dia chegará. O chalé deixará de existir.

Ashton respirou fundo e a demonstração de emoção foi sumindo aos poucos.

– Por onde começamos? – Indicou um par de poltronas de veludo cor de vinho, com uma mesinha quadrada no meio. O tampo da mesa era um tabuleiro de xadrez marchetado, mas não havia peças do jogo à mostra.

Gurney decidiu falar logo sobre o elefante branco na sala: a foto espalhafatosa de Jillian.

– Eu jamais adivinharia que a garota daquela foto na parede era a noiva que vi no vídeo.

– Com o vestido branco esvoaçante, a maquiagem discreta e tudo mais? – Ashton parecia achar isso quase divertido.

– Nada daquilo parece combinar com isso – disse Gurney, olhando para a foto.

– Faria mais sentido se o senhor soubesse que se arrumar como uma noiva tradicional foi uma piada de Jillian?

– Uma piada?

– Isso pode lhe parecer grosseiro e desumano, detetive, mas não temos muito tempo, portanto me permita falar rapidamente sobre Jillian. Parte disso o senhor pode ter ouvido da mãe dela e parte não. Jillian era irritadiça, com uma personalidade bastante mutável, se entediava com facilidade, era egocêntrica, intolerante, impaciente e volúvel.

– Que baita perfil.

– Esse era o seu lado bom, a Jillian relativamente inofensiva, mimada e bipolar. Seu lado sombrio era outra história. – Ashton fez uma pausa e olhou de forma fixa a foto na parede, como se quisesse verificar a precisão de suas palavras.

Gurney esperou, imaginando onde esse comentário extraordinário iria dar.

– Jillian... – prosseguiu Ashton, ainda encarando a imagem, agora falando baixinho e mais devagar. – Na infância, Jillian era uma predadora sexual: abusava de outras crianças. Esse era o principal sintoma da patologia central que a levou à Mapleshade aos 13 anos. Seus problemas afetivos e comportamentais mais óbvios eram apenas o início da conversa.

Ele umedeceu os lábios com a ponta da língua, depois os esfregou com o polegar e o indicador como se quisesse secá-los de novo. Seu olhar foi da foto para o rosto de Gurney.

– Bom, quer fazer suas perguntas ou devo fazê-las pelo senhor?

Gurney ficou feliz em deixar que Ashton continuasse falando.

– Que pergunta o senhor acha que eu faria primeiro?

– Se sua mente não estivesse girando com uma dúzia delas? Acho que a primeira questão, que o senhor faria ao menos para si

mesmo, seria: Ashton é maluco? Porque, se eu fosse, isso explicaria muita coisa. Mas, não sendo, sua segunda pergunta seria: por que diabo ele iria querer se casar com uma mulher com um passado tão problemático? Para a primeira pergunta não tenho nenhuma resposta confiável. Ninguém pode atestar a própria sanidade. A segunda pergunta eu diria que é injusta, já que Jillian tinha outra qualidade que deixei de mencionar: a inteligência. Uma inteligência que superava o sentido comum do termo. Ela possuía a mente mais rápida e mais hábil que já vi. Sou um homem de inteligência excepcional, detetive. Não estou sendo arrogante, apenas sincero. Está vendo o tabuleiro incrustado nessa mesa? Não existem peças. Eu jogo sem elas. Considero um desafio mental estimulante jogar apenas imaginando as peças e me lembrando das posições delas. Às vezes jogo contra mim mesmo, visualizando o tabuleiro alternadamente do lado branco e do lado preto, para lá e para cá. A maioria das pessoas fica impressionada com essa capacidade. Mas acredite: a mente de Jillian era mais formidável do que a minha. Acho uma inteligência desse tipo muito atraente numa mulher, no sentido tanto do companheirismo quanto do erotismo.

Quanto mais Gurney ouvia, mais perguntas lhe vinham à mente.

– Ouvi dizer que os abusadores sexuais costumam ser vítimas de abusos também. Isso é verdade?

– É.

– Era verdade no caso de Jillian?

– Era.

– Quem foi o abusador?

– Não foi só uma pessoa.

– Quem *foram*, então?

– Segundo um relato não verificado, amigos de Val Perry viciados em crack, e o abuso, cometido por vários perpetradores, ocorreu diversas vezes entre os 3 e os 7 anos de Jillian.

– Meu Deus. Existe algum registro de intervenção legal, arquivos do serviço social?

– Nada disso foi informado na época.

– Mas quando ela enfim foi mandada para a Mapleshade, veio tudo à tona? E os registros do tratamento que ela recebeu, das

declarações que fez aos terapeutas?

– Não existe nenhum. Tenho que lhe explicar uma coisa com relação à Mapleshade. Em primeiro lugar, é uma escola, não uma instituição médica. É um colégio particular para jovens com problemas especiais. Nos últimos anos admitimos uma percentagem crescente de alunas cujos problemas são centrados em questões sexuais, em especial abusos.

– Ouvi dizer que a sua ênfase de tratamento é nos abusadores, não nas vítimas de abusos.

– Sim. Mas *tratamento* não é a palavra certa, já que, como disse, não somos uma instituição médica. E a linha entre o abusador e quem sofre os abusos nem sempre é tão clara quanto o senhor pensa. O que quero dizer é que a Mapleshade é eficaz porque é discreta. Nós não recebemos alunas indicadas por tribunais ou por assistentes sociais, não aceitamos plano de saúde nem auxílio do Estado, não fornecemos diagnósticos ou tratamentos médicos ou psiquiátricos e o mais importante: não mantemos registros de "pacientes".

– No entanto, a escola parece ter a reputação de oferecer tratamento de ponta, ou seja lá como o senhor queira chamar, dirigido pelo renomado Dr. Scott Ashton. – A voz de Gurney havia assumido um tom mais afiado, ao qual Ashton não demonstrou qualquer reação.

– O estigma ligado a esses distúrbios é maior do que qualquer outro. Saber que tudo aqui é confidencial, que não há fichas de casos, formulários de plano de saúde ou anotações feitas pelos terapeutas durante as sessões que possam ser furtados ou requisitados judicialmente é um benefício inestimável para nossos clientes. Em termos legais, somos apenas uma escola particular de ensino médio com funcionários muito competentes disponíveis para conversas informais sobre uma variedade de questões delicadas.

Gurney se recostou, pensando sobre a estrutura incomum da Mapleshade e suas implicações. Talvez sentindo sua inquietação, Ashton acrescentou:

– Considere o seguinte: a sensação de segurança que nosso sistema oferece possibilita que nossas alunas e suas famílias nos contem coisas que jamais sonhariam em revelar caso a informação

fosse fazer parte de um dossiê. Não há fonte de culpa, vergonha e medo mais profunda do que os distúrbios com os quais lidamos aqui.

– Por que o senhor não revelou o passado horrendo de Jillian à equipe de investigação?

– Não havia motivo.

– Não havia motivo?

– Minha mulher foi morta por meu jardineiro psicótico, que em seguida fugiu. A tarefa da polícia é encontrá-lo. O que eu deveria ter dito? "Ah, falando nisso, quando minha mulher tinha 3 anos era estuprada pelos amigos malucos da mãe, viciados em crack"? Como isso iria ajudá-los a prender Hector Flores?

– Quantos anos ela tinha quando se transformou de vítima em abusadora?

– Cinco.

– *Cinco?*

– Essa área de disfunção sempre deixa perplexas as pessoas que não são da área. O comportamento é incongruente demais em relação à inocência que associamos à infância. Infelizmente, crianças de 5 anos que abusam de outras menores que elas não são tão raras como o senhor pode pensar.

– Meu Deus. – Gurney olhou com preocupação crescente para a foto na parede. – Quem eram as vítimas?

– Não sei.

– Val Perry sabia de tudo isso?

– Sabia. Ela ainda não se sente confortável para conversar em detalhes sobre o assunto, caso o senhor esteja se perguntando por que ela não contou. Mas foi por isso que ela o procurou.

– Não estou entendendo.

Ashton respirou fundo.

– Val é movida pela culpa. Resumindo: aos 20 e poucos anos ela fazia parte de um grupo de drogados e não era nenhum exemplo de mãe. Seus amigos eram viciados ainda mais loucos do que ela, o que levou à situação de abusos que citei, o que por sua vez levou à agressão sexual cometida por Jillian que descrevi e a outros distúrbios de comportamento com os quais Val não conseguia lidar. Sua culpa dilacerou-a. É um grande clichê, mas é verdade. Ela se

sentia responsável por cada problema da vida da filha, e agora se sente responsável pela morte dela. Está frustrada com a ineficiência da investigação policial oficial. Acredito que ela tenha procurado o senhor como uma última tentativa de fazer algo por Jillian. Certamente é um pouco tarde, mas foi a única coisa em que ela conseguiu pensar. Ouviu um dos policiais do Bureau de Investigação Criminal falar sobre o senhor, sobre sua reputação como detetive de homicídios na cidade, leu alguns artigos sobre o senhor na revista *New York* e decidiu que o senhor representava sua melhor e última chance de se redimir por ter sido uma mãe terrível. É patético, mas é verdade.

– Como o senhor sabe de tudo isso?

– Depois do assassinato de Jillian, Val chegou à beira de um colapso nervoso, e ainda está nesse ponto. Falar sobre essas coisas era um modo de se manter sob controle.

– E o senhor?

– Eu?

– Como se manteve sob controle?

– O senhor está perguntando por curiosidade ou sarcasmo?

– Seu discurso sobre o acontecimento mais horrível de sua vida e sobre as pessoas envolvidas nele parece incrivelmente objetivo. Não sei o que pensar disso.

– Não? É difícil de acreditar.

– Como assim?

– Minha impressão, detetive, é que o senhor reagiria do mesmo modo à morte de alguma pessoa que lhe fosse próxima. – Ele olhou para Gurney com a neutralidade do terapeuta clássico. – Sugiro a comparação como um modo de ajudá-lo a entender minha situação. O senhor está se perguntando: “Ele está escondendo a emoção pela morte da mulher ou não existe nenhuma emoção a ser escondida?” Antes que eu responda, pense no que o senhor assistiu no vídeo.

– Sua reação ao que viu no chalé?

A voz de Ashton endureceu e ele falou com uma rispidez que parecia vibrar com o poder de uma fúria mal contida.

– Acredito que parte da motivação de Hector era me causar dor. E ele alcançou seu objetivo. Meu sofrimento foi registrado naquele

vídeo. É um fato que não posso mudar. Mas tomei a decisão de nunca demonstrar essa dor de novo. Para ninguém. Jamais.

O olhar de Gurney pousou na delicada marchetaria do tabuleiro de xadrez.

– O senhor não tem absolutamente nenhuma dúvida quanto à identidade do assassino?

Ashton pareceu não entender a pergunta.

– Como assim?

– O senhor tem certeza de que Hector Flores é a pessoa que matou sua mulher?

– Absoluta. Ontem pensei um pouco na sua sugestão de que Carl Muller poderia estar envolvido, mas francamente não acredito nisso.

– É possível que Hector fosse gay, que o motivo para o assassinato...

– Impossível.

– É uma das teorias que a polícia considerou.

– Eu sei algumas coisas sobre sexualidade. Acredite: Hector não era gay. – Ele olhou para o relógio.

Gurney se recostou e esperou que Ashton fizesse contato visual com ele.

– Deve ser preciso ser uma pessoa especial para trabalhar na área do senhor.

– Como assim?

– Deve ser deprimente. Ouvi dizer que os agressores sexuais são quase impossíveis de ser curados.

Ashton se recostou como Gurney, sustentou seu olhar e juntou as pontas dos dedos das mãos sob o queixo.

– Isso é uma generalização da imprensa. Metade verdade, metade bobagem.

– Mesmo assim, deve ser um trabalho difícil.

– Que tipo de dificuldade o senhor tem em mente?

– Todo o estresse, tudo o que está em risco, as consequências do fracasso.

– Igual ao trabalho policial. Igual à vida em geral. – Ashton olhou de novo para o relógio.

– Então, o que o prende ao campo do abuso sexual?

– Isso é relevante para encontrar Flores?

– Pode ser.

Ashton fechou os olhos e baixou a cabeça, ficando numa posição em que parecia rezar.

– O senhor está certo com relação aos riscos. Em termos gerais, a energia sexual tem um poder maior que o de qualquer outra coisa de atrair nossa atenção, de se tornar a única realidade, de distorcer nosso julgamento, de suprimir nossa dor e nossa percepção de risco. Enfim, tem o poder de tornar tudo mais irrelevante. Não existe força no mundo que chegue perto de sua capacidade de cegar e impelir o indivíduo. Quando a pessoa concentra essa energia num objeto inadequado, especificamente em uma pessoa mais fraca e de compreensão inferior, o potencial de danos é infinito. Isso porque, com a intensidade de seu poder e de sua excitação primitiva, com sua capacidade de distorcer a realidade, o comportamento sexual inadequado pode ser tão contagioso quanto um vírus. Ao buscar o poder mágico do abusador, a vítima de abuso pode se tornar um abusador também. Há raízes evolucionárias, neurológicas e psicológicas simples para a força avassaladora do impulso sexual. Seus desvios para canais destrutivos podem ser analisados, descritos, esboçados. Mas alterá-los é outra história. Entender a onda de um maremoto é uma coisa, mudar sua direção é outra. – Ele abriu os olhos e baixou as mãos, afastando-as do rosto.

– É esse desafio que o atrai?

– É essa *possibilidade*.

– A possibilidade de fazer a diferença?

– Isso! – Algum reator interno fez a luz nos olhos de Ashton aumentar. – A possibilidade de intervir na corrente interminável de sofrimento que, de outra forma, se alastraria do abusador para todas as pessoas que ele tocou e dessas para outras, seguindo pelas gerações futuras. Não é como a remoção de um tumor, que pode salvar apenas uma vida. As taxas de sucesso na área são discutíveis, mas um único sucesso é capaz de impedir a destruição de centenas de vidas.

Gurney sorriu, parecendo impressionado.

– Então essa é a missão da Mapleshade?

Ashton retribuiu o sorriso.

– Exato. – Outro olhar para o relógio. – Agora preciso ir. O senhor pode ficar, se quiser, para dar uma olhada no terreno e no chalé. A chave está embaixo da pedra preta à direita da soleira. Se quiser ver o lugar onde o facão foi encontrado, vá para os fundos do chalé, junto à janela do meio, depois entre direto na floresta e ande uns 150 metros, até encontrar uma estaca no chão. Havia uma fita amarela da polícia enrolada no topo, mas pode já ter sumido. Boa sorte, detetive.

Ele levou Gurney para fora, deixou-o parado na entrada de veículos com calçamento de tijolos e partiu num Jaguar sedã antigo. O ar úmido recendia a camomila.

Capítulo 24

Uma aranha paciente

Gurney sentiu uma necessidade urgente de separar e revisar os dados e as possibilidades que se acumulavam em sua mente, colocando-os em ordem. Ainda que a garoa tivesse enfim parado, não havia nenhum lugar fora da casa de Ashton suficientemente seco para que ele se sentasse, por isso foi para o carro. Pegou o caderninho em espiral com as anotações sobre Calvin Harlen, virou em uma página em branco, fechou os olhos e começou a repassar as lembranças de seu encontro com Ashton.

Logo descobriu que seu processo disciplinado não ajudava. Por mais que tentasse se lembrar dos detalhes na ordem em que tinham acontecido, examiná-los, combiná-los como peças de um quebra-cabeça, um dado gigantesco se sobrepunha aos outros: Jillian Perry tinha abusado sexualmente de outras crianças. Não era incomum que uma vítima desse tipo de agressão, ou um membro da família da vítima, buscasse vingança. A vingança já assumira a forma de assassinato em outras situações.

O impacto dessa possibilidade dominou sua mente. Ela se ajustava ao seu pensamento como nenhum outro aspecto do caso conseguira até agora. Enfim havia um motivo que fazia sentido, que não fazia surgirem dúvidas imediatamente, que não criava mais problemas do que solucionava. E esse raciocínio acarretava certas implicações. Por exemplo: a pergunta fundamental sobre Hector Flores poderia não ser “Para onde ele fugiu e como?”, mas “De onde tinha vindo e por quê?”; o foco precisava deixar de ser o que teria acontecido em Tambury que levara Flores a cometer assassinato para se tornar o que teria acontecido no passado que o levara a Tambury.

Agora Gurney estava agitado demais para ficar parado. Saiu de novo do carro e olhou em volta da casa, para a garagem com telhas de ardósia e a treliça em arco que levava ao gramado dos fundos.

Teria sido essa a primeira visão que Hector Flores tivera da mansão de Ashton, três anos e meio antes? Ou ele a havia observado durante algum tempo, espiando Ashton ir e vir? Quando bateu à porta pela primeira vez, em que pé estariam seus planos? Jillian seria seu alvo desde o início? Será que Ashton, diretor da escola que ela frequentava, seria um caminho para ela? Ou os planos dele seriam mais gerais, como um ataque violento a uma das agressoras sexuais que a Mapleshade abrigava? Ou será que o alvo original teria sido o próprio Ashton, o médico que acolhia e ajudava as abusadoras? Será que o crime cometido contra Jillian poderia ter oferecido um benefício duplo: a morte dela e o sofrimento de Ashton?

Quaisquer que fossem os detalhes, as perguntas eram as mesmas: quem era Hector Flores na realidade? Que transgressão horrível levara à porta de Ashton um assassino tão determinado, um criminoso com tamanha capacidade de iludir e tamanha previdência a ponto de ter tramado para receber o convite de viver num chalé no quintal de sua eventual vítima, uma teia em que ele havia esperado o momento perfeito?

Hector Flores. Uma aranha paciente.

Gurney foi ao chalé e destrancou a porta.

Por dentro, o lugar tinha a aparência vazia de um apartamento para alugar. Sem móveis, sem pertences, nada além de um leve odor de desinfetante. Era um lugar muito simples com uma sala ampla na frente e dois cômodos menores atrás: um quarto e uma cozinha, com um banheiro minúsculo e um closet enfiados no meio. Gurney parou no centro da sala e deixou o olhar vagar lentamente pelo piso, pelas paredes, pelo teto. Ele não acreditava na ideia de que os lugares têm uma aura, mas cada cena de homicídio que visitara ao longo dos anos o afetara de um modo estranho e familiar ao mesmo tempo.

Responder a um chamado da emergência e chegar a um local de crime violento repleto de sangue, gosma, ossos lascados e miolos espalhados jamais deixava de lhe provocar repulsa, pena, raiva. Mas ir ao lugar depois da limpeza e da remoção de todas as provas da chacina o afetava de modo igualmente profundo, embora num sentido diferente. Um cômodo encharcado de sangue era um

tapa na cara. Depois, limpo e desinfetado, o mesmo cômodo lhe causava uma frieza no coração, lembrando-o de que no centro do Universo existe um vazio sem limites, um vácuo com zero de temperatura.

Pigarreou alto, como se o som fosse capaz de transportá-lo desses pensamentos mórbidos para um raciocínio mais prático. Entrou na pequena cozinha e examinou as gavetas e os armários vazios. Depois foi para o quarto e se dirigiu à janela por onde o assassino havia fugido. Abriu-a, olhou para fora e depois pulou através dela.

O chão do lado de fora era apenas cerca de 30 centímetros mais baixo que o piso de dentro. Gurney parou de costas para o chalé, espiando o bosque sinistro. A atmosfera estava úmida, silenciosa, com o cheiro do jardim dando lugar a um perfume mais florestal. Avançou com passos longos e decididos, contando-os. Quando chegou a 140 viu uma fita amarela no topo de uma estaca de plástico enfiada no chão.

Foi até lá, olhando em todas as direções. À direita havia uma ravina íngreme. O chalé atrás dele encontrava-se escondido pela folhagem, assim como a estrada que, pelas fotos de satélite do Google Earth, ele sabia que ficava 50 metros à frente de onde estava. Examinou a área do terreno coberta de folhas onde o facão fora parcialmente escondido, imaginando o que poderia explicar a incapacidade da equipe de busca de seguir a trilha adiante. A ideia de que Flores tivesse trocado de sapato neste ponto ou que os tivesse coberto de plástico e seguido pela floresta até a estrada, ou até outra casa na mesma rua (a de Kiki Muller?), parecia improvável. A questão que antes incomodara Gurney continuava sem resposta: qual o sentido de deixar metade de uma trilha, uma trilha até a arma? Se o objetivo fosse a arma ser encontrada, por que esconder metade dela, enterrando-a? E havia o pequeno mistério das galochas que o cão farejador havia usado como fonte, o único item pessoal que Flores deixara para trás. Como elas se encaixavam na fuga do suspeito?

Como as galochas foram encontradas na casa, será que isso sugeria que a trilha até o facão poderia ser metade de uma viagem de ida e volta? Será que Flores poderia ter ido do chalé até ali, livrado-se da arma e retornado pelo mesmo caminho, entrando de volta pela janela? Isso resolvia parte do enigma da trilha de cheiro. Mas criava uma dificuldade nova e maior: colocava Flores de volta no chalé no momento em que o corpo fora descoberto, sem ter como sair de novo sem ser visto antes da chegada da polícia. Além disso, a hipótese de sair e voltar não respondia a outra pergunta: por que Flores deixaria uma trilha até o facão, para começo de conversa? A não ser que o objetivo fosse criar a impressão de que ele teria fugido pela floresta, escondendo o facão às pressas, quando na verdade estava de volta ao chalé. Mas em que lugar do chalé? Onde um homem poderia se esconder numa construção tão minúscula, que tinha sido examinada com pente fino durante seis horas por uma equipe de peritos cuja especialidade era justamente não deixar escapar nada?

Gurney voltou pela floresta, pulou a janela do chalé e explorou de novo os três cômodos, procurando pontos de acesso a locais acima do teto ou abaixo do piso. A inclinação do telhado era baixa, o que sugeria que havia uma área limitada no meio de sua estrutura onde um homem poderia ficar sentado ou agachado. No entanto, como acontecia com a maioria dessas extensões inúteis, não havia um ponto de entrada. O piso também parecia sem emendas, sem passagem para algum espaço que pudesse existir abaixo dele. Gurney foi de cômodo em cômodo verificando a posição de cada parede, para garantir que não havia espaços interiores não revelados.

A ideia de que Flores tivesse retornado da floresta usando aquelas galochas e se escondido naquela pequena construção de 7x7 metros estava se desfazendo tão depressa quanto fora concebida. Gurney trancou a porta, pôs a chave de volta embaixo da pedra preta e voltou ao carro. Remexeu na pasta do caso e localizou o número do celular de Scott Ashton.

A gravação no suave tom de barítono, a própria essência da tranquilidade, convidou-o a deixar uma mensagem que seria retornada o mais rápido possível, transmitindo a sensação de que

todos os problemas da vida de uma pessoa eram administráveis. Gurney se identificou e disse que tinha mais algumas perguntas sobre Flores.

Olhou para o relógio do painel. Eram 10h31. Poderia ser uma boa hora para falar com Val Perry, compartilhar suas ideias iniciais sobre o caso, ver se ela ainda estava ansiosa para que ele continuasse. Quando ia ligar, o telefone tocou em sua mão.

– Gurney – disse ele. Era um hábito difícil de abandonar, já que ele tinha atendido o telefone desse jeito durante muitos anos no Departamento de Polícia de Nova York.

– Aqui é Scott Ashton. Recebi seu recado.

– Eu gostaria de saber se senhor dava carona a Flores em seu carro de vez em quando.

– Às vezes. Quando ele tinha que comprar muita coisa, eu o levava a hortos, madeireiras, esse tipo de coisa. Por quê?

– Alguma vez o senhor o notou tentando evitar ser visto por seus vizinhos? Escondendo o rosto, algo assim?

– Bom... não sei. É difícil dizer. Ele costumava andar largado, usando um chapéu com a aba da frente curvada para baixo e óculos escuros. Acho que podia ser um modo de se esconder. Ou não. Como posso saber? Quero dizer, de vez em quando eu contratava outros diaristas nas folgas de Hector e eles talvez se comportassem de modo semelhante. Não é algo que tenha chamado minha atenção.

– Alguma vez o senhor levou Flores à Mapleshade?

– Sim, em algumas ocasiões. Ele havia se oferecido para construir um pequeno jardim atrás do meu escritório. Quando surgiram outros projetos, ele se colocou à disposição para ajudar, também.

– Ele tinha algum contato com as alunas?

– Aonde o senhor quer chegar?

– Não faço ideia – respondeu Gurney.

– Talvez ele tenha falado com algumas garotas, ou elas podem ter falado com ele. Eu não vi, mas é possível.

– Quando ele começou a fazer trabalhos na Mapleshade?

– Pouco depois de chegar à minha casa, então faz uns três anos, mais ou menos.

– E quanto tempo durou isso?

– As idas dele à escola? Até o fim. Existe alguma coisa que esteja me escapando?

Gurney ignorou a pergunta e fez outra:

– Há três anos, Jillian ainda era aluna lá, certo?

– Sim, mas aonde o senhor quer chegar com isso?

– Quem me dera saber, doutor. Só mais uma pergunta: alguma vez Jillian lhe contou sobre pessoas de quem poderia ter medo?

Depois de uma pausa longa o bastante para Gurney achar que a ligação havia caído, Ashton respondeu:

– Jillian não tinha medo de ninguém. Talvez isso a tenha matado.

Gurney ficou sentado em seu carro na entrada de veículos de Ashton olhando para além da treliça com hera, em direção ao local da festa de casamento fatal, tentando entender a noiva e o noivo como um casal. Os dois podiam ser parceiros em sua genialidade, se Ashton tivesse dito a verdade, porém apenas uma coincidência de QI não era suficiente para manter um casamento. Gurney se lembrou de Val afirmando que a filha sentia um interesse doentio por homens doentios. Será que isso incluía Ashton, supostamente o exemplo da estabilidade racional? Pouco provável. Será que Ashton poderia ser alguém tão interessado em cuidar dos outros a ponto de se sentir atraído por uma pessoa tão obviamente perturbada como Jillian? Não parecia. Certo, havia provas disso em sua especialização profissional, mas não havia, nele, vestígios daquela proteção paterna, intrometida, que caracteriza a personalidade das pessoas que cuidam de outras. Ou será que Jillian era apenas mais uma mulher-objeto vendendo seu corpo jovem para quem pagasse mais, nesse caso Ashton? Nada na situação levava a pensar isso.

Então que diabo era o fator misterioso que fizera esse casamento parecer uma boa ideia? Gurney concluiu que não descobriria sentado ali na entrada de veículos.

Deu marcha a ré, parando apenas por tempo suficiente para digitar no celular o número do telefone de Val Perry, depois seguiu devagar pela rua comprida e sombreada.

Ficou surpreso e satisfeito quando ela atendeu no segundo toque. Sua voz tinha uma sensualidade sutil, mesmo quando tudo o que dizia era:

– Alô?

– Aqui é Dave Gurney, Sra. Perry. Eu gostaria de colocá-la a par do que estou investigando e pensando.

– Eu disse para você me chamar de Val.

– Val. Desculpe. Você tem dois minutos?

– Se você estiver evoluindo, pode ter o tempo que quiser.

– Não sei se estou evoluindo, mas quero que saiba o que estou pensando. Não creio que a chegada de Hector Flores a Tambury, há três anos, tenha sido por acaso, e não creio que o que ele fez com sua filha tenha sido uma decisão de momento. Eu poderia apostar que o nome dele não é Flores, e duvido que ele seja mexicano. Quem quer que seja, acho que tinha um propósito e um plano. Acredito que ele tenha aparecido aqui por causa de alguma coisa que aconteceu no passado envolvendo sua filha ou Scott Ashton.

– Que tipo de coisa? – Ela parecia lutar para permanecer calma.

– Pode ter a ver com o motivo pelo qual você mandou Jillian à Mapleshade, para começo de conversa. Você sabe de algo que ela tenha feito que levaria alguém a querer matá-la?

– Quer dizer, se ela fodeu com a vida de algumas criancinhas? Se ela provocou pesadelos e dúvidas que elas terão pelo resto da vida? Se ela fez com que elas se sentissem com medo, culpadas e loucas? Talvez suficientemente loucas para fazer com alguém o que fizeram com elas? Talvez suficientemente loucas para se matar? Se alguém poderia querer vê-la apodrecer no inferno por causa disso? É isso que você quer dizer?

Ele ficou em silêncio.

Quando ela falou de novo, pareceu cansada.

– Sim, ela fez coisas que poderiam levar alguém a querer matá-la. Houve ocasiões em que eu mesma quis matá-la. É claro que foi exatamente isso que acabei fazendo, não foi?

Um clichê sobre perdoar a si mesma passou pela mente de Gurney. Em vez disso, ele disse:

– Se você quer se autoflagelar até a morte, vai ter de fazer isso outra hora. Neste momento estou trabalhando numa tarefa que você me deu. Liguei para informar o que estou pensando, que é o oposto da posição oficial da polícia. Essa colisão pode criar problemas. Preciso saber até que ponto você está disposta a levar isso.

– Siga a pista até onde ela for, custe o que custar. Quero chegar ao fundo disso. Quero chegar ao *fim* disso. Está claro?

– Uma última pergunta. Você pode achar que é de mau gosto, mas preciso fazer. É possível que Jillian tivesse um caso com Flores?

– Se ele era homem, bonito e perigoso, eu diria que é muito mais do que possível.

O humor de Gurney, junto com suas ideias sobre o caso, mudou mais de uma vez no caminho para casa.

A noção de que o assassinato de Jillian estivesse ligado ao seu passado caótico, um passado ao qual Hector Flores poderia estar conectado, dava a Gurney um sentimento de segurança e uma direção promissora em que investigar. A apresentação ritualística do cadáver – com a cabeça decepada posta no centro da mesa, virada para o corpo – dizia, de forma deturpada, que aquilo era mais que um simples homicídio. Chegou a lhe ocorrer que a cena do crime lembrava ironicamente a fotografia sobre a lareira de Ashton, as duas imagens de Jillian manipuladas para formar uma cena única: Jillian olhando faminta para Jillian.

Meu Deus. Terá sido uma piada? Será que o arranjo do corpo no chalé era uma paródia sutil da pose de Jillian Perry num anúncio de moda? O pensamento deixou-o nauseado, uma reação rara para um homem que em seus anos como policial de homicídios tinha visto praticamente tudo o que as pessoas podiam fazer umas com as outras.

Parou no acostamento diante de uma loja de produtos agrícolas e procurou o número do celular de Jack Hardwick entre os papéis no banco do carona. Enquanto o telefone chamava, seu olhar foi até a colina nos fundos da loja, salpicada de tratores grandes e pequenos, enfardadeiras, cortadeiras, colheitadeiras. Então notou algo se

movendo. Seria um cachorro? Não, era um coiote andando de forma determinada – quase pensativa, imaginou Gurney – na colina.

Hardwick atendeu no quinto toque, quando a ligação já ia cair na caixa postal.

– Davey, meu garoto, e aí?

Gurney fez uma careta – sua reação usual à ironia presente na voz rouca de Hardwick. O tom o fazia se lembrar de seu pai. Não o som áspero em si, mas o cinismo que o moldava.

– Tenho uma pergunta, Jack. Quando você me arrastou para esse negócio da Val Perry, achava que se tratava do quê?

– Eu não arrastei você, só ofereci uma oportunidade.

– Tá, tudo bem. E que "oportunidade" você achava que era essa?

– Não sei o suficiente para formar uma opinião sólida.

– Corta essa.

– Qualquer coisa que eu dissesse seria pura especulação, por isso não vou dizer nada.

– Não gosto de jogos, Jack. Por que você quis que eu me envolvesse? Enquanto pensa em como não responder a essa pergunta, aqui vai outra: por que Blatt está tão fora de si? Esbarrei com ele ontem e ele foi mais do que desagradável.

– Isso não tem importância. Veja só, nós tivemos uma pequena reviravolta aqui. Como eu disse, houve um ruído na comunicação entre mim e Rodriguez quanto à responsabilidade pela investigação. Portanto, estou fora e Blatt está dentro. Ele é um sacaninha ambicioso e incompetente, igual ao capitão Rod. Eu o chamo de Merdinha Júnior. Essa é a chance que ele tem para provar que é capaz, para mostrar que pode cuidar de um caso importante. Mas bem no fundo ele sabe que é um cagalhão inútil. Aí você aparece: um astro da cidade grande, o gênio que resolveu o caso Mellery etc. É claro que ele odeia você. Que diabo você esperava? Mas isso não tem importância. Porra, o que ele pode fazer? Continue o que você está fazendo, Sherlock, e não perca o sono por causa do Blatt.

– Foi por isso que você me envolveu? Para acabar com a imagem do Merdinha Júnior?

– Eu o chamei para que a justiça seja feita, descascando-se uma cebola com camadas muito interessantes.

– É isso que você acha?

– Você não?

– Pode ser. Você ficaria surpreso se descobríssemos que Flores veio a Tambury com um plano para matar alguém?

– Eu ficaria surpreso se ele não tivesse vindo para isso.

– Então me conte de novo por que foi chutado do caso.

– Eu já disse... – começou Hardwick com uma impaciência exagerada, mas Gurney o interrompeu.

– Sei, sei, você foi grosseiro com o capitão Rod. Por que eu tenho a impressão de que foi mais do que isso?

– Porque é isso que você pensa com relação a tudo. Não confia em ninguém, Davey. Olhe, preciso muito dar uma mijada. Falo com você mais tarde.

Gurney pensou que não existia nada que aquele sujeito gostasse mais do que uma saída teatral. Desligou o telefone e ligou o carro de novo. Uma fina camada de nuvens permanecia sobre o vale, mas o sol por trás delas estava brilhando e os postes telefônicos começavam a lançar sombras fracas na estrada deserta. Os tratores azuis à venda, ainda molhados por causa da chuva matinal, começaram a reluzir na colina verde.

Na metade final do caminho para casa, fragmentos do caso ocupavam sua mente: o comentário de Madeleine de que a localização do facão não fazia sentido, a decisão de um homem super-racional de se casar com uma mulher profundamente perturbada, o trem de Carl girando sem parar embaixo da árvore de Natal, a interpretação de *A lista de Schindler* para a bala atravessando a xícara, o pântano de distúrbios sexuais em que tudo parecia estar atolado.

Quando já tinha saído da estrada do condado e seguia pela trilha de terra que serpenteava a partir do vale do rio e subia a colina, seus pensamentos o haviam deixado exausto. Havia um CD se projetando para fora do aparelho no painel. Louco por uma distração, Gurney empurrou-o para dentro. A voz que emergiu dos alto-falantes, acompanhada por alguns acordes tristes num violão, tinha um ritmo gemido e melancólico. O cantor era um caipira de meia-idade e olhos tristes chamado Leighton Lake, a que ele e

Madeleine tinham ido assistir certa vez numa casa de shows da região. Durante o intervalo Madeleine comprara o CD dele. De todas as canções do disco, Gurney achava “No fim do meu tempo”, que estava ouvindo agora, de longe a mais deprimente.

Houve um tempo
Em que eu tinha todo o tempo
Do mundo. Que tempo ótimo
Aquele, quando eu tinha
Todo o tempo do mundo.

Mentia para minhas amantes,
Perseguia todas as outras,
Abandonava minhas amantes
Quando eu tinha todo o tempo
Do mundo.

Pegava tudo o que queria.
Nunca pensava duas vezes.
Foi a melhor época da minha vida
Quando eu tinha todo o tempo
Do mundo.

Mentia para minhas amantes,
Perseguia todas as outras,
Abandonava minhas amantes
Quando eu tinha todo o tempo
Do mundo.

Não resta a quem mentir,
Não resta quem abandonar,
Neste tempo da minha vida,
No fim do meu tempo
Neste mundo.

Mentia para minhas amantes,
Perseguia todas as outras,
Abandonava minhas amantes

Quando eu tinha todo o tempo
Do mundo.

Quando eu tinha todo o tempo
Do mundo.

Enquanto Lake cantava o último refrão piegas, Gurney passava entre seu celeiro e o laguinho, com a velha casa de fazenda à vista depois do trecho de arnicas-do-campo no topo do pasto. Quando apertou o botão para desligar o som, desejando ter feito isso antes, o celular tocou.

O identificador mostrava galeria reynolds.

Meu Deus. Que diabo ela quer?

– Gurney falando. – Sua voz era totalmente profissional, com um leve toque de desconfiança.

– Dave! Aqui é Sonya Reynolds. – A voz dela, como sempre, irradiava um magnetismo sexual que em alguns países poderia levá-la a ser apedrejada até a morte. – Tenho notícias fabulosas para você – ronronou ela. – Não simplesmente fabulosas. Fabulosas a ponto de mudar sua vida para sempre! A gente precisa se ver o mais rápido possível.

– Olá, Sonya.

– *Olá?* Estou ligando para lhe dar o maior presente que você já recebeu e é só isso que você diz?

– É bom ter notícias suas. Sobre o que estamos falando?

A resposta dela foi uma gargalhada deliciosa, musical, um som tão perturbadoramente sensual quanto todo o restante.

– Ah, esse é o meu Dave! O detetive Dave e seus olhos azuis penetrantes, sempre suspeitando de tudo. Como se eu fosse... como é mesmo que vocês chamam os bandidos?... “elementos”, não é? Como se eu fosse um *elemento* contando uma história que cheira mal. – Ela tinha um leve sotaque que o fazia se lembrar de um universo alternativo que descobrira nos filmes franceses e italianos de sua época de faculdade.

– Esqueça o “cheira mal”. Até agora você não me contou história *alguma*.

De novo aquele riso, trazendo à mente seus luminosos olhos verdes.

– E não vou contar até nos vermos ao vivo. Amanhã. Tem de ser amanhã. Mas você não precisa vir até Ithaca. Eu vou até aí. Café da manhã, almoço, jantar, o que você quiser. É só dizer a hora e nós escolhemos um lugar. Garanto que você não vai se arrepender.

Capítulo 25

Entra Salomé, dançando

Ele ainda não tinha um nome definitivo para a experiência. Sonho *não dava conta de todo o seu poder. Era verdade que na primeira vez em que acontecera ele estava quase caindo no sono, os sentidos desconectados de todas as exigências mesquinhas de um mundo nojento, sua mente livre para ver o que estava prestes a ver, mas a vaga semelhança com um sonho comum terminava aí.*

Visão *era uma palavra mais abrangente, mais apropriada, mas também não transmitia exatamente o impacto do que tinha acontecido.*

Luz guia *capturava uma certa faceta, uma faceta importante, mas a associação com algo típico de uma novela de TV maculava demais seu significado.*

Uma meditação guiada, então? Não. Isso parecia banal e enfadonho – o oposto da experiência propriamente dita.

Uma fábula viva? Ah, sim. Estava chegando mais perto. Afinal de contas, era a história de sua salvação, o novo padrão do objetivo de sua vida, a alegoria principal de sua cruzada. Sua inspiração.

Ele só precisava apagar as luzes, fechar os olhos, colocar-se no potencial infinito da escuridão e invocar a dançarina.

Ao vivenciar a experiência, a fábula viva, ele sabia quem era – muito mais claramente do que quando seus olhos e seu coração eram distraídos pelo lixo reluzente e pelas bocetas escorregadias do mundo, pelo ruído, pela sedução e pela imundície.

Ao vivenciar a experiência, em sua absoluta clareza e pureza, ele sabia exatamente quem era. Ainda que agora ele fosse um fugitivo, esse fato – assim como seu nome no mundo, o nome pelo qual as pessoas comuns o conheciam – era secundário para sua verdadeira identidade.

Sua verdadeira identidade era João Batista.

Só de pensar nisso, sentia arrepios.

Ele era João Batista.

E a dançarina era Salomé.

Desde a primeira vez que tivera a experiência, a história fora totalmente sua, fora sua para viver e para mudar. Não precisava terminar do modo idiota como tinha acontecido na Bíblia. Longe disso. Havia a beleza. E a empolgação.

Segunda parte

O carrasco de Salomé

Capítulo 26

A verossimilhança da incongruência

– Depois que eu apaguei aquele escroto idiota, vi que ele só estava usando um sapato. Aí eu pensei: que porra é essa? Olhei mais de perto e percebi que no pé calçado não tinha meia. Na parte de baixo do sapato notei um *M* pequeno, inclinado, o logotipo da loja Marconi, então aquele era um sapato de 2 mil dólares. O outro pé que não tinha sapato tinha meia. De caxemira. Aí eu pensei: quem faz isso, porra? Quem diabo calça uma meia de caxemira e um sapato de 2 mil dólares, uma coisa em cada pé? Vou dizer quem faz isso: uma porra de um bebum cheio da grana, uma porra de um ricaço bêbado.

Foi assim que Gurney abriu sua aula naquela manhã, indo direto ao ponto. E deu certo. Tinha a atenção de todos na sala com paredes de concreto da academia de polícia.

– No outro dia falamos sobre a ilusão do eureca: a tendência que as pessoas têm de acreditar mais em coisas que *descobriram* sobre alguém do que naquilo que a pessoa *contou*. Somos programados para acreditar que a verdade oculta é a verdade verdadeira. Infiltrados, podemos nos aproveitar dessa tendência, deixando o alvo "descobrir" aquilo em que nós queremos que ele acredite a nosso respeito. Não é uma técnica fácil, mas é muito poderosa. Hoje vamos examinar outro fator que gera credibilidade, outro modo de fazer o papo furado que você diz sob disfarce parecer verdadeiro: camadas de detalhes incomuns, marcantes, incongruentes.

Todas as pessoas na sala pareciam estar nos mesmos lugares que ocuparam dois dias antes, a não ser a atraente policial

hispânica com brilho labial, que havia passado para a primeira fila, substituindo o indigesto detetive Falcone, que agora estava na segunda fileira – uma mudança agradável do ponto de vista de Gurney.

– Originalmente, eu contei essa história sobre matar o cara com o logotipo da Marconi na sola do sapato numa situação sob disfarce. Os pequenos fatos estranhos estão todos ali por motivos específicos. Alguém pode dizer quais poderiam ser?

Uma mão se levantou no meio da sala.

– Fazer com que você parecesse frio e durão.

Outros comentários surgiram:

– Fazer parecer que você tinha algum problema com bêbados.

– Que talvez você fosse meio maluco.

– Distração – disse uma mulher magra e pálida na última fila.

– Fale sobre isso – pediu Gurney.

– A gente faz com que a pessoa se concentre num monte de bobagens esquisitas. Enquanto ela tenta deduzir por que o cara que você matou só estava usando um sapato, não se concentra tanto na questão principal, que é se você realmente matou alguém ou não, para começar.

– A gente atola o cara em papo furado! – entoou outra voz feminina.

– A ideia é essa – disse Gurney. – Bom, tem mais uma coisa...

A policial bonita de lábios brilhantes o interrompeu:

– O pequeno *M* na sola do sapato?

Gurney não pôde deixar de rir.

– Isso. O pequeno *M*. O que é que tem?

– Faz o assassinato parecer mais verossímil?

Falcone, atrás dela, revirou os olhos. Gurney sentiu vontade de colocá-lo para fora da sala, mas duvidou que tivesse autoridade para fazer isso e não queria entrar numa disputa por território na academia. Concentrou-se na brilhante aluna hispânica, uma tarefa muito mais fácil.

– Como?

– Pelo modo como a gente visualiza a cena na mente. A vítima levou um tiro e está caída no chão. É assim que a sola do sapato ficaria visível. Então, quando visualizo isso, pensando naquele

logotipo pequeno, já estou acreditando que o cara levou o tiro. Entendeu o que eu quero dizer? Assim que imagino os pés dele nessa posição, já não tenho mais dúvida de que você atirou nele. É como o outro detalhezinho que você jogou: que a meia no outro pé era de caxemira. O único modo de saber se uma coisa é de caxemira é tocando nela. Então estou visualizando o tal assassino curioso com a meia, passando a mão no pé do morto. É um cara muito frio. Assustador. Verossímil.

O restaurante onde Gurney havia concordado em se encontrar com Sonya Reynolds ficava num pequeno povoado perto de Bainbridge, na metade do caminho entre a Academia de Polícia em Albany e a galeria dela em Ithaca. Ele terminou a aula às onze horas e chegou ao Pato Galopante – escolha dela – às 12h45.

Havia uma curiosa incoerência entre a graciosidade campestre do nome do lugar, com a placa torta no gramado da frente mostrando um pato gigante, e a decoração clean e minimalista do interior.

Ele chegou primeiro e foi conduzido a uma mesa para dois perto de uma janela com vista para um laguinho, provavelmente o lar da ave que dera nome ao local, se é que ela existira. Uma garçonete adolescente gordinha e animada, com cabelo cor-de-rosa espetado e uma mistura indescritível de roupas em diversas cores fluorescentes, apareceu com dois cardápios e dois copos de água gelada e os colocou sobre a mesa.

Gurney contou um total de nove mesas no pequeno salão, apenas duas ocupadas, ambas em silêncio – uma por um jovem casal olhando atentamente para as telas de seus celulares de última geração e a outra por um casal de meia-idade, da era pré-eletrônica, concentrados de forma apática em seus próprios pensamentos.

O olhar de Gurney se desviou para o lago. Ele tomou um gole d'água e pensou em Sonya. Observando-o em retrospecto, o relacionamento dos dois – não um "relacionamento" no sentido romântico, apenas uma ligação profissional com muita luxúria reprimida da parte dele – pareceu-lhe um dos interlúdios mais estranhos de sua vida. Inspirado por um curso de apreciação de arte dado por Sonya que ele e Madeleine frequentaram pouco depois de

se mudar para o interior, ele começara a criar gravuras artísticas a partir de fotos de assassinos – iluminando suas personalidades violentas através da manipulação sutil das rígidas fotografias oficiais feitas no momento da prisão. O grande entusiasmo de Sonya pelo projeto e a venda de oito gravuras (a 2 mil dólares cada, em sua galeria em Ithaca) mantiveram Gurney envolvido por vários meses, apesar do desconforto de Madeleine com o tema mórbido e com a ansiedade dele para agradar Sonya. A tensão desse conflito retornara agora, junto com uma lembrança inquieta do quase desastre que o havia encerrado.

Além de quase levá-lo a ser morto, o caso Mellery o colocara frente a frente com seu retumbante fracasso como marido e pai. Durante a clareza inspiradora da experiência, ocorreu-lhe que o amor é a única coisa que importa no mundo. Vendo sua arte com as fotos de criminosos e o contato com Sonya como obstáculos ao seu relacionamento com a única pessoa que ele amava de fato, Gurney deu as costas para essas coisas e se voltou para Madeleine.

Mas agora, apenas um ano depois, a luz dessa percepção havia enfraquecido. Ele ainda sabia que o amor, de certo modo, era o que mais importava, mas não o via mais como a única coisa verdadeira no Universo. A diminuição gradual de seu caráter prioritário acontecera discretamente e não fora vista como uma perda. Parecia, em vez disso, o crescimento de uma perspectiva mais realista. Afinal de contas, não era possível viver por muito tempo no estado de intensidade emocional criada pelo caso Mellery, senão ele começaria até a se esquecer de cortar a grama e comprar comida – ou de ganhar o dinheiro necessário para comprar cortadores de grama e comida. Não estaria na própria natureza das experiências intensas se acomodar, permitindo que o ritmo habitual da vida fosse retomado? Então, Gurney não estava especialmente preocupado com o fato de que agora, de vez em quando, a ideia de que “o amor é tudo o que importa” parecesse um clichê sentimental, o nome de uma música brega.

O que não significava que sua guarda estivesse totalmente baixa. Havia em Sonya Reynolds um encantamento que só um homem muito idiota consideraria inofensivo. E quando a garota de

cabelo rosa conduziu a elegante mulher ao salão, esse encantamento se irradiou como uma onda de eletricidade.

– David, meu amor, você está exatamente o mesmo! – gritou ela, deslizando para ele ao som de uma música imaginária, oferecendo a bochecha para ser beijada. – Mas é claro que está! De que outro modo estaria? Você é uma tremenda rocha! Que *solidez*! – Essa última palavra foi pronunciada com um deleite incomum, como se fosse o termo perfeito em italiano, o idioma dela, para designar algo que a língua dele não conseguia.

Estava usando jeans de grife muito justos e uma camiseta de seda sob um paletó de linho tão casualmente despojado que devia ter custado uma fortuna. Não havia joias nem maquiagem para desviar a atenção de sua pele morena perfeita.

– O que você está olhando? – A voz dela era brincalhona e os olhos, brilhantes.

– Você. Você está ótima.

– Eu deveria estar furiosa com você, sabia?

– Porque parei de produzir fotos?

– Claro que é porque você parou de produzir fotos. Fotos maravilhosas. Fotos que eu adorava. Fotos que meus clientes adoravam. Fotos que eu podia vender por você. Fotos que eu *vendi* por você. Só que, sem qualquer aviso, você me ligou e disse que não podia fazer mais, por motivos pessoais. Não podia mais fazer fotos, não podia falar sobre isso. Fim da história. Não acha que eu deveria estar furiosa?

Sonya não parecia nem um pouco furiosa, por isso ele não respondeu, só ficou olhando para ela espantado com a quantidade de energia que ela conseguia canalizar para cada palavra. Fora a primeira coisa que atraíra sua atenção nas aulas dela. Isso e aqueles olhos verdes e bem separados.

– Mas perdoo você. Porque você vai fazer fotos de novo. Não balance a cabeça para mim. Acredite, quando eu explicar o que está acontecendo você não vai negar. – Ela fez uma pausa e olhou pela primeira vez o pequeno salão ao redor. – Estou com sede. Vamos beber alguma coisa.

Quando a garota de cabelo rosa reapareceu, Sonya pediu uma vodca com suco de laranja. Contra o próprio juízo, Gurney fez o

mesmo.

– Então, Sr. Policial Aposentado – disse ela depois que as bebidas chegaram e eles as provaram. – Antes de eu dizer como sua vida vai mudar, me conte como ela está agora.

– Minha vida?

– Você tem uma vida, não é?

Gurney teve a sensação desconcertante de que Sonya já sabia tudo sobre sua vida, inclusive suas limitações, suas dúvidas e seus conflitos. Mas não havia como ela *saber*. Mesmo quando ele estava envolvido com a galeria, nunca falava sobre essas coisas.

– Minha vida está boa.

– Ah, mas você diz isso de um modo que parece mentira, como se dissesse só por dizer.

– É isso que parece?

Ela deu outro gole em sua bebida.

– Você não quer me dizer a verdade?

– Que verdade você acha que eu estou escondendo?

Sonya inclinou a cabeça um pouco de lado, examinou o rosto dele e deu de ombros.

– Não é da minha conta, certo? – Ela olhou para o laguinho.

Gurney bebeu metade de seu drinque em dois goles.

– Acho que minha vida é como a de todo mundo: um pouco disso, um pouco daquilo e por aí vai.

– Você fala de um jeito que faz “isso” e “aquilo” parecerem uma combinação horrível.

Ele riu amargamente e durante algum tempo os dois ficaram em silêncio. Gurney foi o primeiro a falar.

– Descobri que não sou tão amante da natureza quanto esperava.

– Mas sua mulher é?

Ele assentiu.

– Não é que eu não ache isto aqui lindo, as montanhas e tal, mas...

Ela lhe lançou um olhar astuto.

– Mas você fica todo enrolado quando tenta explicar?

– Meus problemas são tão óbvios assim?

– O descontentamento é sempre óbvio, não é? O que foi? Não gosta da palavra?

– Descontentamento? Está mais para... é que aquilo em que eu sou bom, o modo como minha mente funciona, não é muito útil aqui. Quer dizer... eu analiso situações, separo os elementos de um problema, me concentro nas discrepâncias, resolvo charadas. Nada disso... – Sua voz ficou no ar.

– E é claro que sua mulher acha que você deveria estar adorando as margaridas, não as analisando. Você deveria estar dizendo “Que lindas!”, não “O que elas estão fazendo aqui?”. Acertei?

– É um modo de colocar a coisa.

– Bom – falou ela, mudando de assunto com um entusiasmo súbito –, tem um homem que você precisa conhecer. O mais rápido possível.

– Por quê?

– Ele quer tornar você rico e famoso.

Gurney fez uma careta.

– Eu sei, eu sei, você não está muito interessado em ficar rico e não está nem um pouco interessado em ficar famoso. Tenho certeza de que tem boas objeções teóricas. Mas suponha que eu lhe diga algo muito específico. – Ela olhou o salão ao redor. O casal mais velho estava se levantando devagar, como se sair da mesa fosse um projeto a ser realizado com cautela. O casal dos celulares de última geração continuava sentado, digitando rapidamente com as pontas dos polegares. A ideia estranha de que poderiam estar mandando torpedos um para o outro em lados opostos da mesa passou pela mente de Gurney. Sonya baixou a voz para um sussurro dramático. – E se eu lhe dissesse que ele quer comprar uma das suas gravuras por 100 mil dólares? O que você responderia?

– Que ele está maluco.

– Você acha?

– Como poderia não estar?

– No ano passado, num leilão na cidade, a cadeira do escritório de Yves Saint-Laurent foi vendida por 28 milhões de dólares. Isso pode ser um pouco insano. Mas 100 mil por um dos seus incríveis

retratos de assassinos em série? Não acho nem um pouco insano. Maravilhoso, sim. Insano, não. Na verdade, pelo que eu sei sobre esse homem e o modo como ele age, o preço dos seus retratos só vai subir.

– Você o conhece?

– Acabei de me encontrar com ele pela primeira vez. Mas sei *sobre* ele. É um recluso, um excêntrico que aparece muito raramente, sacode o mundo da arte com uma compra ou outra e desaparece de novo. Tem um nome meio holandês, mas ninguém sabe onde ele mora. Suíça? América do Sul? Parece que gosta de ser misterioso. É cheio de segredos, mas tem mais dinheiro do que Deus. Quando Jykynstyl demonstra interesse por um artista, o impacto financeiro é enorme. *Enorme.*

A bonitinha de cabelo rosa acrescentou uma echarpe verde-amarelada à sua roupa fluorescente e estava recolhendo pratos de sobremesa e xícaras de café da mesa que fora desocupada, mais adiante. Sonya a chamou.

– Querida, pode me trazer outro drinque? E acho que um para o meu amigo aqui também, certo?

Capítulo 27

Muito em que pensar

Gurney não sabia a que conclusão chegar. Na volta para casa, naquela tarde, estava tendo uma dificuldade enorme para se concentrar em alguma coisa.

O “mundo da arte” não era um ambiente que ele conhecesse, mas suspeitava que fosse formado por pessoas totalmente diferentes de policiais. Ele só tivera um breve contato com esse universo um ano antes, por causa de seus retratos de criminosos, mas não fora muito além das galerias da cidade universitária – que não eram exatamente lugares frequentados por colecionadores bilionários excêntricos nem o tipo de lugar onde a cadeira de um estilista seria vendida por 28 milhões de dólares ou onde uma celebridade misteriosa com o nome estranho de Jay Jykynstyl se ofereceria para comprar por 100 mil dólares uma foto de um assassino em série manipulada por computador.

Além disso – além do fantástico negócio que ela estava lhe dando de mão beijada –, a própria Sonya, toda sensual, jamais parecera mais disponível. Até havia insinuado que poderia alugar um quarto no Pato Galopante, que também era uma pousada, se acabasse bebendo demais para dirigir dentro dos limites da lei. Declinar daquele convite não muito sutil exigira um nível de integridade que a princípio ele não tinha certeza de possuir. Mas talvez *integridade* não definisse muito bem sua atitude. A verdade pura e simples é que ele jamais havia mentido para Madeleine e não se sentia confortável com a ideia de começar agora.

Então imaginou se queria mesmo recusar o convite de Sonya ou se estava simplesmente adiando o momento de aceitá-lo. Tinha concordado em conhecer o rico e excêntrico Sr. Jykynstyl num jantar no sábado seguinte em Manhattan e ouvir todos os detalhes da

oferta – que, caso fosse legítima, seria difícil de recusar –, com Sonya no papel de corretora em eventuais negociações futuras entre os dois. Então não se podia dizer que ele a estava excluindo de sua vida. Muito pelo contrário.

A situação toda ficava pulsando na sua cabeça de uma forma desagradável. Gurney procurou se concentrar no caso Perry em vez de pensar nela, reconhecendo a ironia de tentar se acalmar remexendo naquele balaio de gatos.

Sua mente acelerada finalmente alcançou o estágio da exaustão e com isso ele caiu no sono ao volante. Só escapou da morte por causa de uma série de pequenos buracos no acostamento da via expressa, que o lançaram de volta à consciência total. Alguns quilômetros adiante, parou num posto de gasolina e comprou um copo de café lamacento e amargo, cujo gosto ele tentou suavizar enchendo a bebida de leite e açúcar. Mesmo assim fez uma careta quando tomou o primeiro gole.

De volta ao carro, pegou uma lista de nomes e números de telefone que havia compilado a partir do dossiê do caso Perry. Ligou primeiro para Scott Ashton e depois para Withrow Perry. Caiu na caixa postal nas duas vezes. Deixou uma mensagem para Ashton, pedindo que ele retornasse a ligação a fim de discutirem uma nova linha de investigação, e outra para Perry, solicitando um encontro no local e no horário mais convenientes para o ocupado neurocirurgião, com um pequeno gancho no final: “Lembre-me de falar com o senhor sobre o fuzil Weatherby.”

Assim que ele desligou, seu celular tocou.

– Dave, é Val. Quero que você vá a uma reunião.

– Que reunião?

Ela explicou que havia ligado para Sheridan Kline, o promotor do condado, e contado tudo o que Gurney lhe dissera.

– O quê, por exemplo?

– O fato de que a situação toda é muito mais complicada do que os policiais acham, que talvez tenha sido algum tipo de vingança deturpada, que Hector Flores provavelmente não é Hector Flores, e que se eles continuarem procurando por um mexicano ilegal nunca vão encontrá-lo. Falei que eles estão desperdiçando o tempo de todo mundo, que são um bando de idiotas.

– Foi essa a palavra que você usou? *Idiotas?*

– Em quatro meses eles não descobriram metade do que você viu em dois dias. Então, sim, eu os chamei de idiotas. É o que eles são.

– Você realmente sabe como mexer numa casa de marimbondos.

– Se for necessário, eu sei.

– O que o Kline disse?

– Kline? Kline é um político. O meu marido, quer dizer, o dinheiro do meu marido, tem alguma influência na política do estado de Nova York. Então o promotor Kline demonstrou interesse em ouvir qualquer abordagem alternativa para o caso. Além disso, parece que ele conhece você bastante bem. Perguntou como você se envolveu na história e eu expliquei que o contratei como *consultor*. É uma palavra ridícula, mas ele ficou satisfeito.

– Você falou algo sobre uma reunião.

– No escritório dele amanhã às três da tarde. Você, ele e alguém da polícia do estado. Ele não disse quem. Você vai, certo?

– Vou.

Gurney saiu do carro para jogar o copo de café numa lata de lixo perto das bombas de gasolina. Um trator laranja antigo passou chacoalhando e puxando uma carroça com feno transbordando. Os cheiros de feno, esterco e óleo diesel se misturaram no ar. Quando voltou ao carro, seu celular estava tocando de novo.

Era Ashton.

– Que nova linha de investigação? – perguntou, referindo-se ao recado deixado por Gurney.

– Preciso de alguns nomes: das colegas de turma de Jillian de quando ela entrou na Mapleshade, de seus conselheiros e terapeutas e de qualquer pessoa que lidasse com ela regularmente. Também seria bom ter uma lista de inimigos possíveis: qualquer um que pudesse querer fazer mal ao senhor ou a Jillian.

– Acho que o senhor está entrando num beco sem saída. Não posso lhe dar nada do que está pedindo.

– Nem mesmo uma lista de colegas de turma? Nomes de funcionários com quem ela pode ter falado?

– Talvez eu não tenha explicado direito a política de privacidade absoluta da Mapleshade. Nós mantemos apenas o mínimo de registros acadêmicos que o estado exige, e apenas pelo prazo que os regulamentos estipulam, nem um dia a mais. Não temos obrigação legal, por exemplo, de guardar nomes e endereços de ex-funcionários além dos períodos especificados para os propósitos fiscais, portanto não os guardamos. Não mantemos registros de "diagnósticos" ou "tratamentos", porque oficialmente não fornecemos nada disso. Nossa política é não revelar nada a ninguém, e preferiríamos que a Mapleshade fosse fechada pelo estado a violarmos essa política. Nossos alunos e suas famílias confiam em nós de um modo muito raro e consideramos essa confiança especial inviolável.

– Muito eloquente, o seu discurso – disse Gurney.

– É um discurso que já fiz antes – admitiu Ashton. – E provavelmente farei de novo.

– Então, mesmo que uma lista das alunas que Jillian conhecia ou de funcionários com quem ela tivesse conversado pudesse nos ajudar a encontrar o assassino, isso não faria diferença para o senhor?

– Se o senhor quiser colocar desse modo...

– E se essas listas pudessem salvar a sua vida? Isso faria diferença?

– Nenhuma.

– O incidente da xícara não o incomoda?

– Incomoda, mas nem de longe tanto quanto dar um golpe fatal contra a Mapleshade. Se isso responde a todas as suas perguntas...

– E quanto a inimigos fora da escola?

– De Jillian, imagino que possa haver alguns, mas não sei seus nomes.

– E do senhor?

– Concorrentes acadêmicos, gente com inveja da minha carreira, pacientes com o ego abalado, idiotas que não foram tolerados... talvez umas poucas dezenas de nomes no total.

– Algum que o senhor estaria disposto a revelar?

– Infelizmente, não. Agora preciso ir para minha próxima reunião.

– O senhor tem muitas reuniões.

– Passar bem, detetive.

O celular de Gurney só tocou de novo quando ele estava parando na frente do Abelard's, em Dillweed, pensando que poderia tomar um copo de café decente para tirar o gosto medonho do outro.

O nome no identificador de chamadas o fez sorrir.

– Detetive Gurney, aqui é Agatha Smart, secretária do Dr. Perry. O senhor solicitou um encontro, além de informações sobre o fuzil de caça do Dr. Perry, certo?

– Sim. Eu estava imaginando quando eu poderia...

Ela o interrompeu:

– O senhor pode fazer as perguntas por escrito. O doutor decidirá se vale a pena terem um encontro.

– Não sei se deixei claro no recado, mas isto faz parte da investigação do assassinato da enteada dele.

– Sabemos disso, detetive. Como eu disse, o senhor pode fazer as perguntas por escrito. Gostaria de anotar o endereço?

– Não será necessário – respondeu Gurney, lutando para conter a irritação. – Tudo se resume a uma pergunta muito simples: o doutor pode afirmar com certeza onde o fuzil dele estava na tarde do dia 17 de maio?

– Como eu disse antes, detetive...

– Apenas repasse a pergunta, Sra. Smart. Obrigado.

Capítulo 28

Uma perspectiva diferente

Quase não a viu.

Enquanto se aproximava do ponto em que a estradinha de terra e cascalho chegava à sua propriedade e se fundia à trilha meio coberta de grama que subia pelo pasto até a casa, um falcão de cauda vermelha bateu as asas no topo de um morrinho à esquerda e voou por cima da estrada e do lago. Ao observar o pássaro desaparecer acima das árvores mais distantes, vislumbrou Madeleine sentada num velho banco à beira do lago, meio escondida por uma moita. Parou o carro perto do velho celeiro vermelho, saiu e acenou.

Ela reagiu com o que parecia ser um pequeno sorriso. Daquela distância não dava para ter certeza. Gurney queria falar com ela, sentiu que *precisava* falar com ela. Enquanto seguia em sua direção pela margem do lago, começou a sentir a quietude do lugar.

– Posso me sentar um pouquinho com você? – perguntou ele ao alcançar o banco.

Ela assentiu gentilmente, como se uma resposta mais ampla fosse perturbar a paz.

Gurney acomodou-se e olhou para a superfície calma do lago, vendo nela o reflexo invertido dos bordos do lado oposto, cujas folhas começavam aos poucos a amarelecer por causa do outono. Olhou para ela e foi dominado pela estranha sensação de que não era o ambiente que estava deixando Madeleine tranquila, mas sim, numa inversão fantástica, o contrário. Ele já tivera essa impressão antes, mas a parte racional de sua mente sempre a descartava.

– Preciso da sua ajuda para resolver algumas coisas – ouviu-se dizendo. – Quando ela não respondeu, ele foi em frente: – Tive um dia confuso. Mais do que confuso.

Ela lhe ofereceu um daqueles sorrisos que ou comunicavam uma mensagem clara – nesse caso, que um dia confuso seria uma consequência previsível por ter se envolvido no caso Perry – ou eram simplesmente uma folha em branco que a mente inquieta dele poderia preencher com essa ideia.

De qualquer modo, ele continuou falando:

– Acho que nunca me senti tão sobrecarregado. Viu o bilhete que deixei hoje cedo?

– Avisando que você ia se encontrar com a sua amiga de Ithaca?

– Ela não é exatamente minha amiga.

– Sua “conselheira”?

Ele resistiu à ânsia de discutir a terminologia, de defender sua inocência.

– A Galeria Reynolds foi procurada por um colecionador rico que está interessado nos retratos que eu fiz no ano passado.

Madeleine levantou uma sobrancelha zombeteira por ele ter substituído o nome da pessoa pelo nome da empresa.

Ele prosseguiu, soltando a bomba com calma:

– Ele vai me pagar 100 mil dólares por cada foto exclusiva.

– Não pode ser.

– Sonya insiste que o cara está falando sério.

– De que hospício ele fugiu?

Houve um som de água espirrando do outro lado da moita. Ela sorriu.

– Esse é dos grandes.

– Está falando de um sapo?

– Desculpe.

Gurney fechou os olhos, mais irritado do que gostaria de admitir com o aparente desinteresse de Madeleine por sua sorte inesperada.

– Pelo que sei, o mundo da arte é um hospício gigante, mas alguns pacientes têm rios de dinheiro. Parece que esse cara é um deles.

– O que ele quer em troca dos 100 mil dólares?

– Uma foto que só ele tenha. Eu teria de pegar as que fiz no ano passado e modificá-las de algum modo, colocar pelo menos uma variação em cada uma, tornando-as diferentes de tudo o que a galeria vendeu a outras pessoas.

– Esse cara existe mesmo?

– Foi o que ela me disse. Falou também que talvez ele queira mais de uma. Sonya está imaginando a possibilidade de uma venda que chegue aos sete dígitos. – Gurney se virou para ver a reação de Madeleine.

– Sete dígitos? Quer dizer, uma quantia acima de um milhão de dólares?

– É.

– Nossa, isso é certamente algo a se considerar.

Ele a encarou.

– Você está tentando não demonstrar reação alguma a isso de propósito?

– Que reação eu deveria ter?

– Mais curiosidade? Felicidade? Alguma ideia sobre o que poderíamos fazer com todo esse dinheiro?

Ela franziu a testa, pensativa, depois riu.

– Poderíamos passar um mês na Toscana.

– É isso que você faria com um milhão de dólares?

– Que milhão de dólares?

– Sete dígitos, lembra?

– Essa parte eu ouvi. Só resta saber se vou ver a parte em que ela se torna real.

– Segundo Sonya, já é real. Tenho um jantar marcado na cidade com o tal colecionador, Jay Jykynstyl, no sábado.

– Na *cidade*?

– Você fala como se eu fosse ter um encontro num esgoto.

– O que ele “coleciona”?

– Não faço ideia. Aparentemente, coisas pelas quais paga muito dinheiro.

– Você acredita mesmo que ele queira lhe pagar milhares de dólares por fotos enfeitadas de vagabundos criminosos? Você ao menos sabe quem ele é?

– Vou descobrir no sábado.

– Você está ouvindo o que está dizendo?

Gurney não estava totalmente confortável com o que tinha sido combinado, mas não se encontrava pronto para admitir isso.

– Como assim?

– Você é bom em encontrar furos nas coisas. Ninguém é melhor nisso do que você.

– Não entendi.

– Não mesmo? Você é capaz de esmiuçar as coisas até o menor pedacinho. Tem “olho para incoerências”, como costumava dizer. Bom, essa história está implorando para ser esmiuçada até o detalhe mais insignificante. Por que você não está fazendo isso?

– Talvez eu esteja esperando para descobrir mais, descobrir até que ponto é real, sentir quem é esse tal de Jykynstyl.

– Parece sensato. – Madeleine disse isso de modo tão razoável que ele sabia que ela queria dizer o oposto. – Aliás, que tipo de nome é esse?

– Jykynstyl? Para mim parece holandês.

Ela sorriu.

– Para mim parece um monstro de um conto de fadas.

Capítulo 29

Dentre os que faltam

Enquanto Madeleine preparava uma massa com camarão para o jantar, Gurney examinava no porão antigos exemplares do *Times* de domingo que tinham sido guardados para um projeto de jardinagem. (Um dos amigos de Madeleine havia lhe falado sobre um tipo de canteiro em que folhas de jornal criavam camadas de proteção para as plantas no inverno.) Ele estava olhando as revistas do jornal em busca do anúncio que se lembrava de ter visto, com a foto provocadora de Jillian. O que queria saber era o nome da empresa e o crédito da foto. Já ia desistir e ligar para Ashton a fim de pedir a informação quando encontrou a publicação mais recente do anúncio – que ele notou que havia aparecido, por uma coincidência macabra, no dia do assassinato.

Em vez de simplesmente anotar o crédito, “Karnala Fashion, foto de Alessandro”, decidiu levar a revista para o andar de cima. Abriu-a na mesa em que Madeleine estava pondo os pratos do jantar. Além do nome da empresa e do fotógrafo, só havia uma frase na página, em letras muito pequenas e elegantes: “Guarda-roupas sob medida a partir de US$100.000.”

Ela fez um muxoxo para a imagem.

– O que é isso?

– Um anúncio de roupas caras. Absurdamente caras. E também é uma foto da vítima.

– A vít... Você não está falando...?

– Jillian Perry.

– A noiva?

– A noiva.

Madeleine olhou para o anúncio com atenção.

– As duas mulheres da foto são ela – explicou Gurney.

Madeleine assentiu rapidamente, insinuando que isso já lhe ocorrera.

– Esse era o trabalho dela?

– Não sei ainda se era um trabalho ou só algo ocasional. Quando vi a foto pendurada na casa de Scott Ashton, fiquei pasmo demais para perguntar.

– Ele tem *essa* coisa pendurada em casa? Ele é viúvo e essa é a foto que ele... – Madeleine balançou a cabeça, com a voz sumindo.

– Ele e Val Perry se referem a ela do mesmo modo: como se fosse algum tipo de maníaca brilhante, doentia, sedutora. O problema é que todo o maldito caso é assim. Todo mundo ligado a ele ou é um gênio, ou um lunático, ou um mentiroso patológico ou não sei o quê. Meu Deus, o vizinho de Ashton, cuja mulher presumivelmente fugiu com o assassino, fica brincando com um trenzinho embaixo de uma árvore de Natal no porão. Acho que nunca me senti tão sem rumo. E ainda tem a trilha de cheiro que o cachorro seguiu e o levou à arma do crime na floresta mas não passava dali, o que sugere que o assassino voltou ao chalé e se escondeu lá dentro. Só que não existe lugar onde se esconder no chalé. Num minuto acho que sei o que está acontecendo, no outro percebo que não existem provas do que eu penso. Temos um monte de hipóteses interessantes, mas quando você começa a investigar elas não levam a nada.

– E o que isso quer dizer?

– Quer dizer que precisamos descobrir dados sólidos, observações de primeira mão por parte de testemunhas confiáveis. Até agora nenhuma narrativa tem qualquer fato verificável para sustentá-la. É fácil demais ser levado por uma boa história. A gente fica tão envolvido emocionalmente com uma certa visão do caso que não percebe que é tudo baseado no nosso desejo, não em fatos. Vamos jantar. Talvez a comida ajude o meu raciocínio.

Madeleine pôs uma tigela grande de camarão e massa com molho de tomate e alho no meio da mesa, junto com pequenas tigelas com queijo ralado e manjericão picado, e os dois começaram a comer.

Depois de algum tempo, Madeleine começou a brincar com um camarão.

– Filho de peixe, peixinho é.

– Hein?

– Mãe e filha têm muito em comum.

– No sentido de que as duas são meio instáveis?

– É um modo de dizer.

Houve outro silêncio enquanto Madeleine batia de leve no camarão com os dentes do garfo.

– Tem certeza de que não havia lugar para se esconder?

– Onde?

– No chalé.

– Por que está perguntando?

– Há muito tempo eu vi um filme aterrorizante, sobre um proprietário que tinha espaços secretos entre as paredes de seus apartamentos e ficava olhando os inquilinos através de buracos minúsculos.

O telefone fixo tocou.

– O chalé é bem pequeno, só tem três cômodos – disse Gurney enquanto se levantava para atender.

Ela deu de ombros.

– Foi só uma ideia. Aquele filme ainda me dá arrepios.

O telefone ficava na mesa do escritório. Ele atendeu no quarto toque.

– Gurney falando.

– Detetive Gurney? – A voz feminina era jovem, hesitante.

– Isso mesmo. Quem está falando? – Ele podia ouvir a respiração do outro lado, aparentemente perturbada. – Ainda está na linha?

– Estou. Eu não deveria estar ligando, mas queria falar com o senhor.

– Quem é?

A pessoa respondeu depois de mais uma hesitação.

– Savannah Liston.

– O que posso fazer por você?

– O senhor sabe quem eu sou?

– Deveria saber?

– Achei que ele podia ter falado o meu nome.

– Quem?

– O Dr. Ashton. Sou uma das secretárias dele.

– Sei.

– É por isso que estou ligando. Quer dizer, talvez seja por isso que eu *não* deveria ligar, mas... É verdade que o senhor é detetive particular?

– Savannah, você precisa dizer por que ligou para mim.

– Eu sei. Mas o senhor não vai contar a ninguém, vai? Eu perderia meu emprego.

– A não ser que você esteja planejando machucar alguém, não consigo pensar em nada que me obrigue legalmente a revelar qualquer coisa. – Essa resposta, que ele havia usado algumas centenas de vezes durante a carreira, era o mais vaga possível, mas pareceu satisfazê-la.

– Está bem, vou dizer logo: hoje ouvi o Dr. Ashton falando com o senhor pelo telefone. Parecia que o senhor queria os nomes de garotas da turma de Jillian com quem ela andava mas ele não podia dar, não é?

– Sim, é por aí.

– Por que o senhor quer os nomes?

– Me desculpe, Savannah, não tenho permissão de revelar isso. Mas gostaria de saber mais sobre o motivo para você ter me ligado.

– Eu poderia lhe dar dois nomes.

– De garotas com quem Jillian andava?

– É. Eu conheço as duas porque quando eu estudava aqui nós saíamos juntas de vez em quando, e é meio por isso que estou ligando para o senhor. Tem uma coisa esquisita acontecendo. – Sua voz estava ficando trêmula, como se ela fosse chorar.

– Que coisa esquisita, Savannah?

– Essas duas garotas com quem Jillian andava... elas desapareceram depois que se formaram.

– Como assim, “desapareceram”?

– Durante o verão, as duas saíram de casa e as famílias não tiveram mais notícias delas, ninguém sabe onde estão. E tem outra coisa horrível nisso. – Agora sua respiração estava tão irregular que mais parecia um soluço baixo.

– Que coisa horrível, Savannah?
– As duas falavam que queriam ficar com Hector Flores.

Capítulo 30

As modelos de Alessandro

Quando Gurney encerrou a ligação com Savannah Liston, havia feito uma dúzia de perguntas e recebido meia dúzia de respostas úteis, os nomes das duas garotas e um pedido ansioso: não contar ao Dr. Ashton sobre o telefonema.

Ela teria algum motivo para sentir medo do patrão? Não, claro que não, o Dr. Ashton era um santo, mas ela ficava mal em agir pelas suas costas e não gostaria que ele pensasse que ela não confiava plenamente no julgamento dele.

E ela confiava plenamente no julgamento dele? Claro que sim – só que talvez estivesse preocupada por ele *não estar* preocupado com as garotas desaparecidas.

Então ela havia contado a Ashton sobre os "desaparecimentos"? Sim, claro, mas ele tinha explicado que as garotas que se formavam na Mapleshade costumavam se afastar por bons motivos, e não seria incomum uma família não manter contato com uma filha adulta que quisesse ter o próprio espaço.

Como as jovens desaparecidas conheciam Hector? O Dr. Ashton o havia levado à Mapleshade algumas vezes para trabalhar nos canteiros de flores. Hector era realmente um gato, e algumas meninas ficaram interessadas nele.

Quando Jillian estudava lá, havia algum funcionário em particular a quem ela poderia ter feito confidências? Havia um tal de Dr. Simon Kale, que era encarregado de um monte de coisas, mas que agora estava aposentado e tinha se mudado para Cooperstown. Ela havia encontrado o número do telefone de Gurney pela internet e ele provavelmente poderia achar o contato de Kale do mesmo modo. Kale era um velho rabugento, mas talvez tivesse informações sobre Jillian.

Por que ela estava contando tudo isso a Gurney? Porque ele era detetive, e às vezes ela não conseguia dormir, assustada, pensando nas garotas desaparecidas. Quando amanhecia ela concluía que o Dr. Ashton provavelmente estava certo, que muitas alunas vinham de famílias doentias como a dela e que faria sentido sumir e não deixar nenhum endereço de contato, talvez até mudar de nome. Mas à noite, no escuro, outras possibilidades lhe vinham à mente. Possibilidades que lhe tiravam o sono.

E, por falar nisso, as garotas desaparecidas tinham outra coisa em comum além de seu grande interesse em ver Hector sem camisa, trabalhando nos canteiros.

O que era?

Depois de sua formatura na Mapleshade as duas tinham sido contratadas para posar, como Jillian, “para aqueles anúncios de moda chiquérrimos”.

Quando Gurney retornou à cozinha, onde estavam comendo quando o telefone tocara, Madeleine se encontrava à mesa com a revista do *Times* aberta à sua frente. Ao se juntar a ela e olhar para aquela representação inquietante de voracidade e autoabsorção, ele sentiu os pelos da nuca se arrepiarem.

Ela o olhou com curiosidade, coisa que Gurney interpretou como o modo dela de perguntar se ele queria lhe contar sobre o telefonema.

Sentindo-se grato pelo interesse, ele o narrou em detalhes.

A curiosidade dela se transformou em preocupação.

– Alguém precisa descobrir por que essas garotas desapareceram.

– Concordo.

– Os departamentos de polícia da cidade delas não deveriam ser notificados?

– Não é tão simples. Essas meninas eram da turma de Jillian e presumivelmente tinham a idade dela, de modo que agora estariam com pelo menos 19 anos, ou seja, ambas são adultas. Se os parentes ou outras pessoas que as viam com regularidade não informaram à polícia que elas estão desaparecidas, não há muito

que se possa fazer. No entanto... – Ele tirou o celular do bolso e digitou o número de Scott Ashton.

O aparelho tocou quatro vezes e já ia entrar na caixa postal quando o médico atendeu.

– Boa noite, detetive Gurney – falou, aparentemente tendo checado o identificador de chamadas na tela do celular.

– Me desculpe por incomodá-lo, Dr. Ashton, mas é urgente.

– Algum progresso na investigação?

– Não sei se chega a ser um progresso, mas é importante. Entendo a política de privacidade da Mapleshade, como o senhor explicou, mas temos uma situação que exige que se abra uma exceção. Precisamos acessar os registros de matrícula antigos.

– Achei que eu tinha sido claro com relação a isso. Uma política para a qual são feitas exceções não é uma política. Na Mapleshade a privacidade é *tudo*. Não existem exceções. Nunca.

Gurney sentiu a adrenalina subindo.

– Por acaso o senhor tem algum interesse em saber qual é a situação?

– Diga.

– Suponha que tenhamos motivos para achar que Jillian não foi a única vítima.

– Sobre o que o senhor está falando?

– Suponha que tenhamos motivos para acreditar que Jillian foi uma dentre várias jovens que estudaram na Mapleshade atacadas por Hector Flores.

– Não consigo entender...

– Existem indícios de que algumas ex-alunas que fizeram amizade com Hector Flores desapareceram. Nas circunstâncias atuais, temos que ver quantas colegas de Jillian conseguimos encontrar e quantas estão sumidas.

– Meu Deus, o senhor percebe o que está dizendo? De onde vieram esses tais “indícios”?

– A fonte não vem ao caso.

– Claro que vem. É uma questão de credibilidade.

– Também pode ser uma questão de salvar vidas. Pense nisso.

– Vou pensar.

– Sugiro que pense agora mesmo.

– Não estou gostando do seu tom, detetive.

– O senhor acha que o problema é o meu *tom*? Em vez disso, pense na possibilidade de algumas de suas ex-alunas morrerem por causa de sua preciosa política de privacidade. Pense em como explicar isso à polícia. E à imprensa. E aos pais das garotas. Depois que pensar, me ligue. Tenho outros telefonemas a fazer. – Ele desligou e respirou fundo.

Madeleine olhou para ele, deu um sorriso torto e disse:

– Bom, essa é uma maneira de lidar com o problema.

– Você tem outras?

– Na verdade eu acho que gostei da sua. Quer que esquente o jantar de novo?

– Sim, por favor. – Ele respirou fundo de novo, como se a adrenalina pudesse ser extravasada dessa forma. – Savannah me deu os nomes e os números de telefone das famílias das garotas que segundo ela estão desaparecidas. Das mulheres, melhor dizendo. Você acha que eu deveria telefonar agora?

– Seu trabalho é esse, não é? – Ela pegou os pratos de massa e os levou para o micro-ondas.

– Bem pensado – admitiu ele, sentando-se à mesa.

Algo na atitude de Ashton o havia irritado e o sugestionava a reagir com impulsividade. Mas se obrigou a pensar com calma: o modo de abordar a questão das ex-alunas “desaparecidas” da Mapleshade era tarefa da polícia. Havia algumas condições processuais para que uma pessoa pudesse ser designada como desaparecida e para o subsequente registro, nos bancos de dados estaduais e nacionais, das informações referentes à sua última aparição. Mais importante, era também uma questão de mão de obra disponível para cuidar do caso. De fato, se ficasse claro que havia várias pessoas desaparecidas com suspeita de sequestro ou coisa pior, um investigador sozinho não daria conta. A reunião do dia seguinte com o promotor e o representante do Bureau de Investigação Criminal seria o momento ideal para falar sobre o telefonema de Savannah e passar a questão adiante.

Mas, nesse meio-tempo, poderia ser interessante falar com Alessandro.

Gurney pegou seu laptop no escritório e o colocou à sua frente na mesa, onde antes estava seu prato.

Uma busca nas páginas amarelas on-line da cidade de Nova York revelou 12 indivíduos com esse sobrenome. É claro que era muito mais provável que “Alessandro” fosse um primeiro nome, ou um nome profissional, mas entre os resultados da pesquisa não apareceu nenhuma empresa que tivesse “Alessandro” associado a qualquer categoria relacionada a um anúncio de revista: fotografia, publicidade, marketing, projeto gráfico, design, moda.

Parecia estranho um fotógrafo comercial ser tão difícil de ser localizado – a não ser que ele fosse famoso a ponto de as pessoas do meio já saberem como entrar em contato com ele e que sua invisibilidade para as massas fizesse parte de seu apelo, como uma boate chique sem placa na porta.

Ocorreu a Gurney que, se Ashton havia adquirido a foto diretamente de Alessandro, ele teria o número de telefone do sujeito, mas este não era o melhor momento para pedir. Era possível que Val Perry soubesse alguma coisa, talvez até o nome inteiro do fotógrafo. De qualquer modo, seria melhor ver isso no dia seguinte. E o mais importante: ele precisava manter a mente aberta. O fato de as duas ex-alunas da Mapleshade que a secretária de Ashton não estava conseguindo encontrar terem posado para o mesmo fotógrafo de Jillian poderia ser uma simples coincidência, mesmo que as duas tivessem dado em cima de Hector. Gurney fechou o laptop e o colocou no chão ao lado da cadeira.

Madeleine voltou à mesa com os pratos fumegantes e se sentou diante dele.

Gurney pegou o garfo, depois o pousou outra vez. Virou-se para olhar pela porta dupla, mas a noite já tinha caído e os vidros, em vez de dar uma visão do pátio e do jardim, ofereciam apenas um reflexo dos dois à mesa. Sua atenção foi atraída para as acentuadas linhas de expressão do próprio rosto e o formato sério da boca, uma lembrança de seu pai.

Isso fez uma série de trechos de memória desconexos – imagens de um passado distante – passar por sua cabeça.

Madeleine o observava.

– Em que você está pensando?

– Em nada. Não sei. No meu pai, acho.

– O que tem ele?

Gurney piscou e olhou para ela.

– Já lhe contei a história do coelho?

– Acho que não.

Ele pigarreou.

– Quando eu tinha uns 5, 6, 7 anos, costumava pedir ao meu pai para contar histórias de sua infância. Eu sabia que ele tinha sido criado na Irlanda e fazia alguma ideia de como era o país por causa de um calendário que ganhamos de um vizinho que tinha passado as férias lá: tudo muito verde, pedregoso, meio deserto. Para mim era um lugar estranho e maravilhoso, provavelmente porque não se parecia em nada com o Bronx, onde a gente vivia. – A aversão de Gurney pelo bairro onde crescera, talvez até pela própria infância, apareceu em seu rosto. – Meu pai não era de falar muito, ao menos não comigo ou com a minha mãe, e fazer com que ele me contasse alguma coisa sobre seu tempo de menino era quase impossível. Até que enfim, um dia, talvez para se livrar de mim, ele me contou uma história: disse que havia um campo atrás da casa do pai dele, que era um modo estranho de se referir a ela, já que ele também morava lá. Enfim, existia um campo enorme, coberto de grama, com um muro baixo de pedras separando-o de um campo ainda maior, cortado por um riacho, e um morro ao longe. A casa era um chalé bege com teto de palha escura. Havia patos brancos e flores. Eu ficava deitado na cama toda noite visualizando os patos, os narcisos, o campo e o morro, desejando estar lá, decidido a *ir* lá algum dia. – Sua expressão era uma mistura de irritação e desejo.

– Qual era a história?

– Hein?

– Você disse que ele contou uma história.

– Ele contou que ele e seu amigo Liam costumavam caçar coelhos. Os dois tinham atiradeiras e se dirigiam aos campos atrás da casa do meu avô ao amanhecer, enquanto a grama ainda estava coberta de orvalho, para ir atrás deles. Os coelhos faziam caminhos estreitos no meio da grama alta, então ele e Liam seguiam essas trilhas, que às vezes levavam a montes de espinheiros e às vezes passavam por baixo do muro de pedras. Meu pai descreveu o

tamanho das entradas das tocas que os coelhos cavavam e como ele e seu amigo montavam armadilhas ao longo dos caminhos, na entrada das tocas ou nos buracos que os animais faziam embaixo do muro de pedras.

– Ele mencionou se os dois conseguiam pegar algum?

– Disse que, quando conseguiam, o soltavam.

– E as atiradeiras?

– Segundo ele, quase acertavam muitas vezes. – Gurney ficou em silêncio.

– Essa é a história?

– É. O negócio é que as imagens que ele pintou na minha mente ficaram muito reais, e eu pensava tanto nelas, passava tanto tempo me imaginando lá, seguindo aqueles caminhos estreitos no meio do capim, que de um modo curioso aquelas imagens viraram as lembranças mais nítidas da minha infância.

Madeleine franziu um pouco a testa.

– Todos nós fazemos isso, não é? Eu tenho lembranças nítidas de coisas que nunca vi de verdade, recordações de cenas que outra pessoa descreveu. Eu me lembro do que visualizei.

Gurney assentiu.

– Tem uma parte que ainda não contei – informou ele. – Décadas depois, quando eu estava com 30 e poucos anos e meu pai tinha 60 e tantos, por acaso falei com ele sobre isso pelo telefone. Perguntei: “Lembra a história que você me contou sobre ir com seu amigo Liam para o campo de manhã cedo com as atiradeiras?” Ele parecia não saber do que eu estava falando. Por isso acrescentei todos os outros detalhes: o muro, os espinheiros, o riacho, a colina, os caminhos dos coelhos. “Ah, sim”, disse ele. “Era tudo papo furado. Nada daquilo aconteceu.” E falou daquele jeito dele, meio dando a entender que eu era um idiota por ter acreditado. – Havia um tremor raro, quase imperceptível, na voz de Gurney. Ele tossiu alto, como se tentasse liberar qualquer obstrução que o houvesse causado.

– Ele inventou tudo?

– Tudo. Cada detalhezinho. E o que me dá mais raiva é que foi a única coisa que ele me contou sobre sua infância.

Capítulo 31

Ímãs de geladeira

Gurney estava recostado na cadeira, examinando suas mãos. Encontravam-se mais enrugadas e pálidas do que ele poderia imaginar se não estivesse olhando para elas. Eram as mãos de seu pai.

Enquanto Madeleine tirava a mesa, parecia pensativa. Quando os pratos e as panelas já estavam todos na pia cobertos com água quente e sabão, ela fechou a torneira e falou de um modo muito casual:

– Então acho que ele teve uma infância horrível.

Gurney olhou para ela.

– Acho que sim.

– Você percebe que até ele morrer, quando tínhamos 12 anos de casados, eu só o vi três vezes?

– Para você ver como nós éramos.

– Quer dizer, você e seu pai?

Ele assentiu vagamente, concentrado numa lembrança.

– O apartamento onde eu cresci no Bronx tinha quatro cômodos: uma cozinha pequena, onde também fazíamos as refeições, uma sala pequena e dois quartos pequenos. Éramos quatro: mamãe, papai, vovó e eu. E sabe de uma coisa? Quase sempre estávamos cada um em um cômodo, a não ser quando minha mãe e minha avó assistiam à televisão juntas na sala. Mesmo nessas ocasiões meu pai ficava na cozinha e eu, num dos quartos. – Ele riu, depois parou com uma sensação de vazio, tendo ouvido naquele som irônico um eco de seu pai.

Após algum tempo, retomou o assunto:

– Sabe aqueles pequenos ímãs de geladeira, comuns na nossa infância, que tinham a forma de cachorrinhos? Como todo ímã, se

você os colocasse de um determinado modo eles se atraíam e na posição contrária se repeliam. Nossa família era assim: quatro cachorrinhos posicionados de modo que nos repelíamos e íamos um para cada canto do apartamento. O mais longe possível uns dos outros.

Madeleine não disse nada, simplesmente abriu a torneira de novo e se ocupou lavando, enxaguando e empilhando a louça do jantar no secador ao lado da pia. Quando terminou, apagou a luz da cozinha e foi se sentar numa poltrona perto da lareira. Acendeu a lâmpada a seu lado e tirou de uma sacola no chão um gorro de lã vermelho que estava tricotando. De vez em quando olhava na direção de Gurney, mas permaneceu em silêncio.

Duas horas depois, foi para a cama.

Enquanto isso, Gurney pegara as pastas do caso Perry no escritório, onde se encontravam em pilhas desde que os Meeker tinham vindo jantar, e começara a ler os resumos das entrevistas de campo, assim como as versões integrais das que tinham sido feitas e gravadas na sede do Bureau de Investigação Criminal. Ficou impressionado ao ver que todo aquele material não conseguia fornecer um quadro coerente do caso.

Algumas coisas praticamente não faziam sentido. Havia, por exemplo, o incidente Nu no Caramanchão, narrado por cinco moradores de Tambury. Eles diziam que Flores fora visto um mês antes do assassinato no meio do caramanchão no gramado de Ashton, totalmente nu, numa espécie de postura de ioga: num pé só, com os olhos fechados e as mãos postas em oração diante do corpo. Em cada entrevista havia uma observação do policial de que a pessoa que descrevera o acontecido não o vira de fato, mas dissera que era algo de “conhecimento geral”. Todas as testemunhas falavam que ficaram sabendo da ocorrência por outra pessoa. Algumas se lembravam de quem contara a história para elas, outras não. Nenhuma conseguia recordar quando.

Outro incidente amplamente informado tinha sido uma discussão entre Ashton e Flores numa tarde de verão, na rua principal do povoado, só que mais uma vez nenhuma das testemunhas, inclusive duas que o descreviam em detalhes, estivera presente durante o fato.

As histórias eram abundantes, mas as testemunhas, raras.

Quase todas as pessoas entrevistadas viam o assassinato de forma diferente: o Monstro de Frankenstein, a Vingança de um Amante Abandonado, a Criminalidade Inerente aos Mexicanos, a Instabilidade Homossexual, o Envenenamento do País pela Violência na Imprensa.

Ninguém havia sugerido uma conexão com as alunas que tinham praticado abusos sexuais da Mapleshade ou a possibilidade de uma vingança pelo comportamento de Jillian no passado – acontecimentos em que Gurney acreditava que a chave para o assassinato acabaria sendo encontrada.

A Mapleshade e o passado de Jillian: dois assuntos sobre os quais ele tinha mais dúvidas do que fatos comprovados. Talvez o tal terapeuta aposentado que Savannah mencionara, Simon Kale, pudesse ajudar com as duas questões.

Foi à pia e jogou água fria no rosto. Tomar um café pareceu uma boa ideia, depois não. Voltou à mesa, pegou o laptop de novo e encontrou o número de telefone e o endereço de Kale em menos de um minuto fazendo uma busca na internet. O problema é que ficara absorvido pelos relatórios de entrevistas por mais tempo do que havia percebido e já eram 23h02. Ligar agora ou esperar até a manhã seguinte? Estava doido para falar com o sujeito e seguir uma pista concreta, algo que levasse a alguma parte da verdade. Se Kale já estivesse dormindo, o telefonema não seria bem-vindo. Por outro lado, a inconveniência de ligar tão tarde serviria para enfatizar a urgência do assunto. Ligou.

Depois de três ou quatro toques, uma voz andrógina atendeu.

– Sim?

– Simon Kale, por favor.

– Quem deseja? – A voz, ainda de sexo indefinido mas tendendo para o masculino, parecia ansiosa e irritada.

– David Gurney.

– Do que se trata?

– Com quem falo?

– Com a pessoa que atendeu o telefone. E é bastante tarde. Agora, por favor, poderia dizer por que... – Houve outra voz ao

fundo, depois uma pausa e em seguida o som do telefone sendo trocado de mãos.

Uma voz afetada e autoritária anunciou:

– Aqui é o Dr. Kale. Quem está falando?

– David Gurney, Dr. Kale. Desculpe incomodá-lo tão tarde, mas é urgente. Trabalho como consultor no caso do assassinato de Jillian Perry e preciso de algumas informações com relação à Mapleshade. Fiquei sabendo que o senhor talvez possa me ajudar. – Não houve reação. – Dr. Kale?

– *Consultor?* O que isso significa?

– Fui contratado pela família Perry para investigar o caso de forma independente da polícia.

– É mesmo?

– Eu esperava que o senhor pudesse me esclarecer alguns pontos sobre as alunas e a filosofia geral da Mapleshade.

– Imagino que Scott Ashton seria a fonte perfeita para esse tipo de esclarecimento. – Foi um comentário amargo, que ele suavizou acrescentando, num tom mais casual: – Não trabalho mais na Mapleshade.

Gurney procurou algo em que se segurar naquele enorme abismo entre os dois sujeitos.

– Acho que o senhor poderia ser mais imparcial do que alguém ainda envolvido com a escola.

– Este não é um assunto que eu gostaria de discutir ao telefone.

– Entendo. Eu moro em Walnut Crossing e ficaria feliz em ir a Cooperstown, se o senhor puder me conceder ao menos meia hora.

– Sei. Infelizmente, minhas férias começam depois de amanhã e vou passar um mês viajando. – Soou como se a viagem fosse realmente um contratempo, não uma desculpa esfarrapada. Gurney teve a sensação de que Kale estava não somente intrigado, mas que poderia ter algo interessante a dizer.

– Seria ótimo se eu pudesse encontrá-lo antes da viagem, doutor. Tenho uma reunião com o promotor do distrito amanhã à tarde e poderia fazer um desvio no caminho para me encontrar com o senhor.

– O senhor tem um encontro com Sheridan Kline?

– Sim, e seria ótimo poder conversar com o senhor antes disso.

– Bom, acho... Mesmo assim, eu precisaria saber mais sobre o senhor antes de discutir qualquer coisa. Suas credenciais, por exemplo.

Gurney respondeu com os pontos altos de seu currículo e o nome de um comissário do Departamento de Polícia de Nova York com quem Kale poderia falar. Até mencionou, meio envergonhado, o artigo da revista *New York* de cinco anos antes que glorificava suas contribuições para a solução de dois famosos casos de assassinos em série. A reportagem o retratava como uma mistura de Sherlock Holmes com um policial justiceiro, o que ele achava constrangedor. Mas tinha suas utilidades.

Kale concordou em se encontrar com ele às 12h45 do dia seguinte, sexta-feira.

Quando Gurney tentou colocar os pensamentos em ordem para esse encontro e fazer uma lista mental dos assuntos que desejava abordar, descobriu pela centésima vez que a empolgação e o cansaço eram uma péssima combinação para organizar qualquer coisa. Concluiu que dormir seria mais útil, mas, mal tirou as roupas e deitou na cama ao lado de Madeleine, o toque do celular o obrigou a voltar à cozinha, onde havia esquecido o aparelho.

A voz do outro lado soava a riqueza.

– Aqui é o Dr. Withrow Perry. O senhor me ligou. Posso lhe conceder exatamente três minutos.

Gurney levou um instante para entender do que se tratava.

– Obrigado por ter ligado de volta. Estou investigando o assassinato de...

Perry interrompeu-o com rispidez.

– Sei o que está fazendo. Sei quem o senhor é. O que deseja?

– Tenho algumas perguntas que podem me ajudar a...

– Vá em frente e as faça.

Gurney conteve um impulso de comentar a atitude do sujeito.

– O senhor tem alguma ideia do motivo para Hector Flores matar sua filha?

– Não, não tenho. E, aliás, Jillian era filha da minha esposa, não minha.

– O senhor sabe de alguém além de Flores que pudesse ter algum ressentimento contra ela, um motivo para feri-la ou matá-la?

– Não.

– Absolutamente ninguém?

– Ninguém e ao mesmo tempo todo mundo, eu acho.

– Como assim?

Perry gargalhou. Um som áspero, desagradável.

– Jillian era uma vaca mentirosa e manipuladora. Duvido que eu seja o primeiro a lhe dizer isso.

– Qual foi a pior coisa que ela fez com o senhor?

– Não estou disposto a discutir isso.

– Por que o senhor acha que o Dr. Ashton quis se casar com ela?

– Pergunte a ele.

– Estou perguntando ao senhor.

– Próxima pergunta.

– Alguma vez ela falou sobre Flores?

– Não comigo, com certeza. Nós não tínhamos relação alguma um com o outro. Deixe-me ser claro, detetive. Só estou falando com o senhor porque minha mulher decidiu seguir com esse inquérito não oficial e pediu que eu retornasse sua ligação. Realmente não tenho nada com que colaborar e, para ser honesto, considero o esforço dela um desperdício de tempo e dinheiro.

– Como o senhor se sente com relação ao Dr. Ashton?

– Como assim?

– O senhor gosta dele? Admira? Sente pena? Despreza?

– Nenhuma das opções anteriores.

– O quê, então?

Houve uma pausa, depois um suspiro.

– Não tenho interesse por ele. Acho que a vida dele não é da minha conta.

– Nenhum aspecto dela?

– Só fico me fazendo a pergunta óbvia. A que o senhor já fez, de certo modo.

– Qual?

– Por que um profissional tão competente se casaria com um desastre ambulante como Jillian?

– O senhor a odiava tanto assim?

– Eu não a odiava, Sr. Gurney, não mais do que odiaria uma víbora.

– O senhor mataria uma víbora?

– Essa é uma pergunta infantil.

– Seja condescendente comigo e responda.

– Eu mataria uma víbora se ela ameaçasse a minha vida, assim como o senhor faria.

– Alguma vez o senhor quis matar Jillian?

Ele deu um riso sem humor.

– Isso é algum tipo de brincadeira adolescente?

– É só uma pergunta.

– O senhor está desperdiçando o meu tempo.

– O senhor ainda possui um fuzil Weatherby .257?

– Que diabo isso tem a ver com o assunto?

– O senhor sabia que alguém com um fuzil desse disparou contra Scott Ashton uma semana depois do assassinato de Jillian?

– Com um Weatherby .257? Pelo amor de Deus, o senhor não está sugerindo... não está ousando sugerir que de algum modo... Que diabo o senhor *está* sugerindo?

– Só fiz uma pergunta.

– Uma pergunta com implicações ofensivas.

– Devo presumir que o senhor ainda possui o fuzil?

– Presuma o que quiser. Próxima pergunta.

– O senhor pode dizer com certeza onde esse fuzil estava no dia 17 de maio?

– Próxima pergunta.

– Jillian costumava receber amigos em casa?

– Não, graças a Deus. Infelizmente o seu tempo acabou, Sr. Gurney.

– Última pergunta: por acaso o senhor sabe o nome ou o endereço do pai biológico de Jillian?

Pela primeira vez, Perry hesitou.

– Era um nome meio hispânico. – Havia uma espécie de repulsa na voz dele. – Minha mulher mencionou uma vez e eu disse que nunca mais queria ouvir aquele nome. Cruz, talvez. Angel Cruz. Não sei o endereço. Talvez ele não tenha endereço. Considerando a

expectativa de vida dos viciados em metanfetamina, ele provavelmente já morreu há alguns anos.

Perry desligou o telefone sem dizer mais nada.

Foi difícil pegar no sono. Se a mente de Gurney fosse ligada depois da meia-noite, não era fácil desligá-la. Podia demorar horas até que ela se desconectasse de sua preocupação obsessiva com os problemas do dia.

Achou que estava na cama havia no mínimo 45 minutos pensando sem parar no caleidoscópio de imagens e perguntas do caso Perry quando notou que o ritmo da respiração de Madeleine havia mudado. Estava certo de que ela dormia quando ele fora para a cama, mas agora tinha a nítida sensação de que ela havia acordado.

Queria conversar com ela. Bom, na verdade não tinha certeza disso. E também não tinha certeza do assunto sobre o qual gostaria de conversar. Então percebeu que queria o conselho dela, uma orientação para sair do pântano em que estava se atolando – um pântano composto por um excesso de histórias confusas. Queria o conselho dela, mas não sabia como pedir.

Ela pigarreou baixinho.

– E então, o que você vai fazer com todo o seu dinheiro? – perguntou em tom casual, como se eles estivessem falando sobre isso. Não era um modo incomum de ela puxar algum assunto.

– Quer dizer, os 100 mil dólares?

Madeleine não respondeu, o que significava que tinha considerado a pergunta desnecessária.

– O dinheiro não é *meu* – disse ele. – É *nosso*. Mesmo que ainda seja só uma possibilidade.

– Não, definitivamente é *seu* dinheiro.

Gurney virou a cabeça para ela no travesseiro, mas era uma noite sem luar, escura demais para identificar sua expressão.

– Por que você diz isso?

– Porque é verdade. É o *seu* hobby, agora *seu* hobby muito lucrativo. E é o *seu* contato na galeria, ou *sua* representante, ou *sua* agente, sei lá o que ela é. E agora você vai conhecer *seu* novo fã, o

colecionador de arte, quem quer que ele seja. Portanto o dinheiro é seu.

– Não entendo por que você está falando assim.

– Estou falando assim porque é verdade.

– Não é, não. Tudo o que é *meu* é *seu*.

Ela deu um risinho pesaroso.

– Você não entende, não é?

– O quê?

Ela bocejou, parecendo muito cansada de repente.

– O projeto de arte é seu. Tudo o que eu já fiz foi reclamar do tempo que você gasta com ele, de quantos dias lindos você passou enfiado no escritório olhando para sua tela, para o rosto de assassinos em série. O dinheiro é seu. Você fez por merecê-lo. – Ela bocejou mais uma vez. – Vou voltar a dormir.

Capítulo 32

Uma loucura intratável

Gurney saiu para o encontro com Simon Kale às 11h30 do dia seguinte, calculando pouco mais de uma hora para a viagem até Cooperstown. No caminho, bebeu um copo grande de café do Abelard's e quando o lago Otsego apareceu na paisagem se sentiu desperto o suficiente para notar o clima clássico de setembro, com o céu azul e o friozinho no ar.

Seu GPS levou-o ao longo da costa oeste do lago, sombreada pelos morros baixos, até uma pequena casa colonial branca localizada numa península de 2 mil metros quadrados. A porta aberta da garagem revelava um conversível Miata verde brilhante e um Volvo preto. Estacionado na borda da entrada de veículos, longe da garagem, havia um fusca vermelho. Gurney parou atrás dele e estava saltando do carro quando um homem elegante e grisalho saiu da garagem segurando duas sacolas de lona.

– Detetive Gurney?

– Dr. Kale?

– Exato. – Ele deu um sorriso superficial e foi andando por um caminho calçado de pedras que ia da garagem à entrada lateral da casa. A porta estava aberta. Dentro, o lugar parecia bastante antigo mas muito bem cuidado, com o teto baixo para conservar o calor e vigas cortadas à mão típicas do século XVIII. Os dois pararam no meio de uma cozinha em que havia uma lareira enorme, além de um fogão a gás cromado e esmaltado dos anos 1930. De outro cômodo vinham as notas inconfundíveis de "Amazing Grace" tocadas numa flauta. Kale pôs suas sacolas na mesa. Tinham o logotipo da Orquestra Sinfônica de Adirondack impresso. Em uma delas era possível distinguir verduras folhosas e bisnagas e na outra, garrafas de vinho.

– Para o jantar. Fui mandado à caça e à coleta – comentou em tom malicioso. – Não sou eu quem cozinha. Meu companheiro, Adrian, é chefe de cozinha e flautista.

– Isso é...? – começou Gurney, inclinando a cabeça na direção da melodia fraca.

– Não, não, Adrian é muito melhor do que *isso*. Deve ser o aluno dele do meio-dia, o cara do fusca.

– Do...?

– Do carro estacionado na frente do seu lá fora, aquela coisinha vermelha bonitinha.

– Ah – disse Gurney. – Então o Volvo é seu e o Miata, do seu companheiro?

– Ou poderia ser o contrário.

– Acho que não.

– Interessante. O que o faz ter tanta certeza de que o Volvo é meu?

– Quando o senhor saiu da garagem, foi pelo lado onde estava o Volvo.

Kale emitiu um risinho agudo.

– Então o senhor não é adivinho?

– Longe disso.

– Gostaria de tomar um chá? Não? Então venha, vamos para a sala.

A sala era um cômodo minúsculo ao lado da cozinha. Duas poltronas com estampa floral, duas banquetas estofadas em tecido floral elaborado, uma mesinha de centro, uma estante e um pequeno aquecedor a lenha vermelho esmaltado praticamente enchiam o espaço. Kale indicou uma poltrona para Gurney e se sentou na outra.

– Bom, detetive, vamos ao objetivo de sua visita?

Gurney notou pela primeira vez que os olhos de Simon Kale, em contraste com seu jeito distraído, eram sóbrios e seguros. Esse homem não seria facilmente enganado ou bajulado – se bem que sua aversão por Ashton, revelada ao telefone, poderia ser útil se manobrada com cuidado.

– Não tenho certeza absoluta do objetivo. – Gurney deu de ombros. – Talvez eu esteja só atirando no escuro.

Kale examinou-o.

– Não se deprecie.

Gurney respondeu de forma afável:

– Francamente, é mais ignorância do que autodepreciação. Neste caso existe muita coisa que eu não sei. Que ninguém sabe.

– Ninguém a não ser o bandido? – Kale olhou para o relógio. – O senhor tem perguntas para mim?

– Gostaria de saber qualquer coisa que o senhor esteja disposto a contar sobre a Mapleshade: quem a frequenta, quem trabalha lá, o que é a escola, o que o senhor fazia, por que foi embora.

– A Mapleshade de antes ou depois da chegada de Scott Ashton?

– As duas coisas, mas principalmente do período em que Jillian Perry era aluna.

Kale umedeceu os lábios, pensativo, parecendo saborear a pergunta.

– Eu resumiria do seguinte modo: por 18 dos 20 anos durante os quais lecionei na Mapleshade, o lugar era um ambiente terapêutico eficaz para melhorar a vida das vítimas de uma ampla gama de problemas emocionais e comportamentais que iam de fracos a moderados. Scott Ashton chegou há cinco anos de forma espalhafatosa, uma celebridade, um teórico de ponta, a escolha certa para elevar a escola ao primeiro lugar no ramo. Mas assim que se consolidou na posição ele começou a mudar o foco da Mapleshade para adolescentes cada vez mais doentias: predadoras sexuais violentas, abusadoras manipuladoras de outras crianças, jovens altamente sexualizadas com histórias de incesto tanto como vítimas quanto como agentes. Scott Ashton transformou a escola, que tinha uma longa história de sucesso com jovens perturbadas, num depósito de viciadas em sexo e psicopatas.

Gurney achou que aquilo aparentava ser um discurso cuidadosamente construído e refinado através da repetição, mas a emoção parecia bastante real. O tom rebuscado e os modos de Kale tinham sido substituídos, ao menos naquele momento, por uma raiva inflexível e justificada.

Então, no silêncio que se seguiu à sua fala, a melodia fantasmagórica de “Danny Boy” fluiu da flauta na outra sala.

A música atacou Gurney lentamente, de modo debilitante. Pensou que teria de pedir licença, encontrar um pretexto para abandonar a entrevista e sair correndo dali. Fazia 15 anos e a canção ainda era insuportável. Mas então o instrumento parou. Ele sentou-se, mal conseguindo respirar, como um soldado em choque esperando a volta dos tiros da artilharia distante.

– Algum problema? – Kale estava olhando-o com curiosidade.

O primeiro impulso de Gurney foi mentir, esconder a ferida. Mas então pensou: por quê? A verdade era a verdade. Era o que era. Disse:

– Eu tive um filho com esse nome.

Kale pareceu confuso.

– Que nome?

– Danny.

– Não entendi.

– A flauta... Não importa. É uma lembrança antiga. Desculpe a interrupção. O senhor estava descrevendo a... a transição de um tipo de clientela para outro.

Kale franziu a testa.

– *Transição*. Uma palavra tão singela para uma mudança tão gigantesca.

– Mas a escola continua sendo bem-sucedida?

O sorriso de Kale brilhou.

– É muito lucrativo acolher os filhos loucos de pais cheios de culpa. Quanto mais horripilantes eles são, mais a família paga para se livrar deles.

– E não importa se eles estão ou não melhorando?

A gargalhada de Kale era tão fria quanto seu sorriso.

– Deixe-me ser totalmente claro sobre isso, detetive, para que não reste dúvida na sua mente com relação ao que estou falando. Se o senhor descobrisse que seu filho de 12 anos andou estuprando crianças de 5, talvez estivesse disposto a pagar qualquer quantia para que esse seu filho lunático desaparecesse durante alguns anos.

– Pessoas assim é que são mandadas à Mapleshade?

– Exatamente.

– Como Jillian Perry?

A expressão de Kale passou por uma série de tiques e franzidos.

– Mencionar nomes de alunas num contexto desse nos coloca em um campo minado jurídico. Não creio que eu possa lhe dar uma resposta específica.

– Já ouvi descrições confiáveis sobre o comportamento de Jillian. Só falei dela porque a cronologia dos fatos levanta uma questão. Ela não foi mandada à Mapleshade antes que o Dr. Ashton mudasse o foco da escola?

– É verdade. No entanto, sem mencionar qualquer coisa específica sobre Jillian Perry, posso dizer que a Mapleshade costumava aceitar alunas com problemas muito diversos e sempre havia as que eram muito mais doentes do que as outras. O que Ashton fez foi passar a aceitar apenas as mais problemáticas. Se déssemos a essas meninas um grama de cocaína, elas poderiam seduzir até um cavalo. Isso responde à sua pergunta?

O olhar de Gurney pousou pensativo no pequeno aquecedor vermelho.

– Entendo sua relutância em violar sua promessa de sigilo, mas Jillian Perry não pode mais ser prejudicada e encontrar o assassino dela talvez dependa de sabermos mais sobre seus contatos no passado. Se alguma vez Jillian confidenciou ao senhor...

– Pode parar por aí. O que quer que ela tenha me confidenciado permanece em sigilo.

– Há muita coisa em jogo aqui, doutor.

– Há, sim: a integridade. Não revelarei nada que me foi contado sob sigilo. Está claro?

– Infelizmente, sim.

– Se quiser saber sobre a Mapleshade e sua transformação de escola em um zoológico, podemos discutir isso em termos gerais. Mas não falaremos sobre os detalhes da vida particular das alunas. Nós vivemos em um mundo ardiloso, detetive, caso o senhor não tenha notado. Só podemos nos apoiar nos nossos princípios.

– Que princípio determinou sua saída da Mapleshade?

– A Mapleshade tornou-se um lar de psicopatas sexuais. A maioria delas não precisa de terapeutas, mas de exorcistas.

– Quando o senhor se demitiu, o Dr. Ashton contratou alguém para substituí-lo?

– Não, ele contratou alguém *para o mesmo cargo* – disse Kale, sublinhando a distinção com mordacidade na voz e algo parecido com ódio verdadeiro nos olhos.

– Quem?

– O nome dele é Lazarus. Isso diz tudo sobre ele.

– Como assim?

– O Dr. Lazarus é tão caloroso e animado quanto um cadáver. – Havia um tom definitivo e amargo na voz de Kale, o que sugeriu a Gurney que a entrevista estava terminada.

Como se aproveitasse a deixa, a flauta recomeçou e as notas lamentosas de “Danny Boy” impeliram Gurney para longe dali.

Capítulo 33

Uma reversão simples

A fábula viva, o sonho essencial, a visão que havia mudado tudo, era tão nítida para ele agora como na primeira vez em que lhe ocorrera.

Era como assistir a um filme e estar dentro dele ao mesmo tempo, depois esquecer que era um filme e vivê-lo, senti-lo – uma experiência mais real do que a suposta vida real jamais fora.

Era sempre igual.

João Batista encontrava-se descalço e nu a não ser por um pano marrom tecido em casa, que mal lhe cobria os genitais. O tecido estava preso ao seu corpo por um cinto de couro grosseiro de onde pendia um facão de caça primitivo. Ele encontrava-se de pé ao lado de uma cama desfeita num espaço que parecia ao mesmo tempo um quarto e uma cela de masmorra. Não havia amarras visíveis segurando-o, mas ele não conseguia mexer os braços nem as pernas. A sensação era claustrofóbica e ele temia sufocar se perdesse o equilíbrio e caísse na cama.

Na masmorra, descendo uma escura escada de pedra, entrou Salomé. Veio em sua direção em meio a um redemoinho de perfume e seda translúcida e parou diante dele oscilando, dançando, movendo-se mais como uma serpente do que como um ser humano. A seda escorregou, revelando a pele cremosa, seios surpreendentemente grandes para o corpo esguio, nádegas cheias e redondas, perfeitas a ponto de tirar o fôlego, mortais a ponto de tirar o fôlego. O corpo se retorcendo na expectativa do prazer.

O arquétipo da degradação.

Eva, o súcubo.

Transformação da serpente.

Essência do mal.

Encarnação da luxúria.

Retorcendo-se, dançando como uma serpente.

Dançando em volta dele, encostando-se nele. O suor formando-se nos seios oscilantes, gotas minúsculas de suor em volta da boca. Choque elétrico das pernas roçando nas dele, as pernas dela se abrindo, a aspereza dos pelos púbicos contra sua coxa, um grito de horror crescendo no peito, horror correndo no sangue. O grito em seu coração lutando para explodir. A princípio um minúsculo gemido contido, crescendo, fazendo força entre os dentes trincados. Os olhos dela ardendo, a virilha pressionada contra a dele, queimando, o grito dele subindo, explodindo, agora um rugido, uma torrente de som, o rugido de um ciclone arrasando o mundo, libertando seus braços e suas pernas da paralisia, seu facão de caça transformando-se agora numa espada, uma cimitarra bendita. Com toda a força do céu e da terra ele gira a grande cimitarra – gira num arco doce, perfeito –, praticamente não a sentindo passar pelo pescoço suado da mulher, a cabeça caindo, caindo solta. Enquanto ela cai, desaparecendo através do piso de pedras, o corpo úmido seca, virando pó cinzento, e some, soprado por um vento que aquece sua alma, enchendo-o de luz e paz, enchendo-o com o conhecimento de sua verdadeira identidade, enchendo-o com sua Missão e seu Método.

Dizem que Deus chega a alguns homens lentamente e a outros num clarão de luz que ilumina tudo. Foi assim com ele.

A força e a clareza daquilo o atordoaram na primeira vez, assim como acontecia sempre que ele se lembrava, sempre que ele revivia a Grande Verdade revelada no "sonho".

Como todas as ideias, era de uma simplicidade espantosa: Salomé não pode fazer com que João Batista seja decapitado por Herodes se João Batista atacar primeiro. João Batista vivo nele. João Batista, destruidor da Eva maligna. João Batista, vaso do batismo de sangue. João Batista, flagelo das serpentes escorregadias do mundo. Aquele que corta a cabeça da serpente Salomé.

Era uma ideia maravilhosa. Uma fonte de objetivo, serenidade e consolo. Sentia-se especialmente abençoado. Muitas pessoas no mundo moderno não faziam ideia de quem eram de verdade.

Ele sabia quem era. E o que precisava fazer.

Capítulo 34

Ashton inquieto

Enquanto Gurney entrava no estacionamento do prédio em que ficava o escritório do promotor, seu telefone tocou. Ficou surpreso ao ouvir a voz de Scott Ashton, e mais surpreso ainda com sua nova insegurança e informalidade.

– David, depois da sua ligação ontem à noite... seus comentários sobre pessoas que não podiam ser encontradas... sei o que eu disse sobre a questão da privacidade, mas achei que talvez eu mesmo pudesse dar alguns telefonemas discretos. Desse modo, eu não estaria revelando nomes ou números de telefone a terceiros.

– E então?

– Bom, eu dei alguns telefonemas e o fato é que... bem, não quero chegar a nenhuma conclusão precipitada, mas é possível que algo estranho esteja acontecendo.

Gurney parou na primeira vaga que encontrou.

– Estranho em que sentido?

– Eu dei um total de 14 telefonemas. Em quatro casos o número era da própria ex-aluna e nos outros 10, de um dos pais ou um tutor. Consegui falar com uma das alunas e deixei um recado na caixa postal de outra, mas a linha das duas restantes tinha sido cancelada. Dos 10 telefonemas que dei às famílias, consegui falar com duas e deixei recado para as outras oito, das quais duas me ligaram de volta. Assim, acabei tendo quatro conversas com parentes.

Gurney imaginou aonde toda aquela matemática iria dar.

– Em um dos casos não houve problema, mas nos outros três...

– Desculpe interromper, mas o que o senhor quer dizer com “não houve problema”?

– Quero dizer que eles sabiam o paradeiro da filha, disseram que estava na faculdade, que tinham falado com ela naquele dia mesmo. A complicação é com as outras três. Os pais não fazem ideia de onde elas estão, o que, em si, não tem muita importância. Na verdade, eu recomendo fortemente a algumas das nossas ex-alunas que se afastem dos pais quando o relacionamento entre eles é tóxico. A reintegração com a família de origem nem sempre é aconselhável. Tenho certeza de que o senhor pode entender o motivo.

Gurney quase deu com a língua nos dentes e contou que Savannah dissera isso, mas se conteve. Ashton continuou:

– O problema é o que os pais me contaram que aconteceu, o modo como as garotas saíram de casa.

– Como?

– O primeiro deles contou que a filha estava numa calma incomum, que tinha se comportado bem durante quatro semanas depois que voltou da Mapleshade para casa. Então, uma noite, durante o jantar, ela exigiu dinheiro para comprar um carro novo, especificamente um Miata conversível de 27 mil dólares. Os pais negaram, claro. Então ela os acusou de não se importarem com ela, ressuscitou de forma agressiva todos os traumas da infância e os encostou na parede, dizendo que ou eles lhe davam o dinheiro do carro ou ela nunca mais falaria com eles. Quando eles recusaram, ela fez as malas, chamou um táxi e foi embora. Depois ligou uma vez para dizer que estava dividindo um apartamento com uma amiga, que precisava de tempo para resolver suas “questões” e que qualquer esforço que eles fizessem para encontrá-la ou se comunicar com ela seria uma agressão intolerável à sua privacidade. E essa foi a última notícia que tiveram dela.

– O senhor obviamente sabe mais sobre suas ex-alunas do que eu, mas à primeira vista essa história não me soa tão inacreditável. Parece algo que uma garota mimada e emocionalmente instável poderia fazer. – Quando as palavras saíram, Gurney se perguntou se Ashton poderia questionar essa caracterização das alunas da Mapleshade, mas não foi isso que aconteceu.

– Parece exatamente isso – disse o médico. – Uma “garota mimada” batendo o pé, saindo da sala num rompante, castigando os

pais por rejeitá-la. Não é particularmente chocante, nem mesmo incomum.

– Não entendi por que o senhor ficou incomodado com a história, então.

– Porque as três famílias contaram exatamente a mesma coisa, a não ser pela marca e pelo preço do carro. Em vez de um Miata de 27 mil dólares, a segunda garota exigiu um BMW de 39 mil e a terceira quis um Corvette de 70 mil.

– Meu Deus.

– Entendeu por que estou preocupado?

– O que entendi é que existe um mistério sobre a natureza da ligação entre as três situações. Suas conversas com os pais deram alguma ideia a respeito?

– Bom, não pode ser coincidência, o que transforma isso numa espécie de conspiração.

Gurney podia ver duas possibilidades principais.

– Ou as garotas bolaram a estratégia entre si como um modo de sair de casa, apesar de não estar claro por que precisariam fazer isso, ou então cada uma seguia orientações de alguém, sem necessariamente saber que as outras estavam fazendo a mesma coisa. Mas, de novo, a verdadeira pergunta é: *por quê*?

– Você acha que poderia ser apenas um esquema louco para ver se elas conseguiriam obrigar os pais a comprar o carro de seus sonhos?

– Duvido.

– Se foi uma história que elas combinaram entre si, ou sob a orientação de alguém misterioso, por que cada uma pediu uma marca de carro diferente? Não entendo...

Uma resposta possível ocorreu a Gurney, mas ele queria mais tempo para pensar.

– Como o senhor decidiu que garotas tentaria encontrar?

– Nada sistemático. Eram apenas garotas da turma de Jillian no último ano.

– Então todas tinham aproximadamente a mesma idade? Cerca de 20 anos?

– Acho que sim.

– O senhor concorda que agora terá de entregar as fichas de matrícula da Mapleshade à polícia?

– Ainda não estou convencido disso, ao menos por enquanto. No momento só sei que três jovens maiores de idade saíram de casa depois de terem discussões semelhantes com os pais. Admito que há alguma coisa que parece peculiar, por isso estou lhe contando a história, mas até agora não há prova de nenhum crime, qualquer prova de algo errado.

– Foram mais de três.

– Como você sabe?

– Como expliquei antes, fiquei sabendo...

Ashton interrompeu:

– É, eu sei, alguma pessoa anônima disse que não conseguiu fazer contato com algumas de nossas ex-alunas, também anônimas. Isso não significa nada. Não vamos colocar o carro na frente dos bois, saltar a alguma conclusão horrível e usá-la como pretexto para destruir a garantia de privacidade da escola.

– Doutor, foi o senhor que me ligou. Parecia preocupado. Agora está dizendo que não há com que se preocupar. O senhor não está sendo muito coerente.

Gurney ouviu a respiração de Ashton um pouco entrecortada. Depois de longos cinco segundos, o sujeito falou com a voz mais calma.

– Só não quero derrubar toda a estrutura da escola sobre nossas cabeças. Olhe, minha proposta é a seguinte: vou continuar com os telefonemas. Vou tentar ligar para todos os números de contato de ex-alunas que eu tiver. Assim poderemos descobrir se há um padrão sério antes de causarmos um dano irreversível à Mapleshade. Acredite, não estou tentando obstruir a investigação de propósito. Se ficarmos sabendo de outros casos...

– Certo, doutor, prossiga com os telefonemas. Mas saiba que pretendo repassar ao departamento o que já sei.

– Faça o que for preciso. Mas, por favor, lembre-se de como os *fatos* que o senhor conhece são poucos. Não destrua um legado de confiança baseado em suposições.

– Entendo seu ponto de vista. O senhor foi bem claro. – Na verdade, a eloquência de Ashton estava começando a dar nos

nervos de Gurney. – Mas, por falar em legado, em missão, na reputação da escola ou seja lá como queira chamar, eu soube que o senhor fez algumas mudanças drásticas nessa área há alguns anos. Algumas pessoas poderiam dizer que foram mudanças arriscadas.

Ashton respondeu com simplicidade:

– Sim, fiz. Diga como as mudanças foram descritas e eu lhe direi o motivo delas.

– Vou citar: “Scott Ashton transformou a escola, que tinha uma longa história de sucesso com jovens perturbadas, num depósito de viciadas em sexo e psicopatas.” Acho que isso capta o sentido geral.

Ashton deu um pequeno suspiro.

– Acho que é assim que *certas pessoas* podem ver a história, em especial se sua carreira não se beneficiou com a mudança.

Gurney ignorou a aparente alfinetada em Simon Kale.

– Como *o senhor* a vê?

– Este país tem uma quantidade excessiva de internatos terapêuticos para neuróticos. O que não existe são ambientes residenciais onde os problemas de abuso sexual e obsessões sexuais destrutivas sejam abordados de modo criativo e eficiente. Eu estou tentando corrigir esse desequilíbrio.

– E está satisfeito com o modo como seu método está funcionando?

Ouviu o som de um suspiro mais longo.

– O tratamento de algumas desordens mentais é tão antiquado que fazer melhoras nesse contexto não é tão difícil quanto o senhor poderia pensar. Quando tiver um tempinho, posso lhe dar mais detalhes. Neste momento, prefiro continuar com os telefonemas.

Gurney olhou a hora no painel do carro.

– E eu já estou cinco minutos atrasado para uma reunião. Por favor, me dê notícias assim que puder. Ah, uma última coisa, doutor. Presumo que o senhor tenha o número de telefone e o endereço do fotógrafo Alessandro e da Karnala Fashion, não é?

– Como?

Gurney ficou em silêncio.

– Está falando do anúncio? Por que eu teria os contatos deles?

– Imaginei que o senhor tivesse conseguido aquela foto que está na sua parede com o fotógrafo ou com a empresa que o contratou.

– Não, na verdade foi Jillian que conseguiu. Ela me deu de presente de casamento. Naquela manhã mesmo. Na manhã do casamento.

Capítulo 35

Um monte de outras coisas

O prédio da promotoria tinha uma história incomum. Até 1935 fora conhecido como o Asilo para Doentes Mentais Bumblebee. O nome era uma homenagem ao excêntrico imigrante inglês Sir George Bumblebee, que em 1899 doara todo o seu espólio ao lugar e que, segundo diziam seus parentes deserdados, era tão louco quanto qualquer futuro residente. Essa história era uma fonte inesgotável para pilhérias locais sobre o funcionamento das agências governamentais que tinham sido instaladas ali depois da Grande Depressão, quando o condado se apropriou do prédio.

O edifício de tijolos escuros parecia um opressivo peso de papel sobre o lado norte da praça. Todos os anos a necessária limpeza com jato de areia para remover um século de sujeira era adiada, vítima da eterna crise orçamentária. Em meados dos anos 1960, o interior fora derrubado e refeito. Luzes fluorescentes e reboco de gesso tinham substituído os globos rachados e os lambris empenados. O elaborado aparato de segurança no saguão, de que Gurney se lembrava da época de suas visitas ao prédio durante o caso Mellery, ainda estava lá e continuava a ser de uma lentidão frustrante. Mas assim que a pessoa passava por essa complicação, a planta retangular do prédio era simples, e um minuto depois ele abria uma porta de vidro fosco em que estava escrito promotor distrital em letras pretas e elegantes.

Ele reconheceu a mulher com suéter de caxemira atrás da mesa da recepção: Ellen Rackoff , a secretária para lá de sensual mas nem um pouco jovem, do promotor. A expressão nos olhos dela era de uma tranquilidade e de uma competência impressionantes.

– O senhor está atrasado – constatou ela com sua voz delicada. O fato de não ter perguntado seu nome era a única evidência de que se lembrava dele. – Venha comigo. – Ao dizer isso, guiou-o pela porta de vidro e seguiram por um corredor até uma porta com uma placa preta de plástico em que estava escrito sala de reuniões.

– Boa sorte.

Ele abriu a porta e por um momento pensou que tinha sido levado à reunião errada. Havia várias pessoas na sala, mas a única que ele esperava ver, Sheridan Kline, não era uma delas. Percebeu que provavelmente estava no lugar certo, afinal de contas, quando viu o capitão Rodriguez, da polícia estadual, olhando-o irritado do lado oposto da grande mesa redonda que ocupava metade da sala sem janelas.

Rodriguez era um homem baixo e corpulento, com a cara fechada e uma massa de cabelos pretos e grossos penteados com capricho e obviamente tingidos. Usava um terno azul impecável, uma camisa alvíssima e uma gravata vermelho-sangue. Óculos com uma fina armação de aço enfatizavam seus olhos escuros e rancorosos. Sentado à sua esquerda estava Arlo Blatt, que espiava Gurney com olhos pequenos e hostis. O homem pálido à direita de Rodriguez não demonstrava qualquer emoção além de um desânimo que Gurney viu mais como uma característica dele do que como uma consequência das circunstâncias. Ele lançou a Gurney um olhar avaliador que os policiais dão automaticamente aos estranhos, olhou para o relógio e bocejou. Do outro lado desse trio, sentado a cerca de um metro da mesa, estava Jack Hardwick, com os olhos fechados e os braços cruzados diante do peito, como se o fato de estar na mesma sala que aquelas pessoas o tivesse feito pegar no sono.

– Olá, Dave. – A voz era forte, clara, feminina e familiar. Vinha de uma mulher alta e de cabelos castanhos, parecida com a Sigourney Weaver quando jovem. Ela se encontrava de pé junto a uma mesa localizada no canto mais distante da sala.

– Rebecca! Eu não sabia que você...

– Nem eu. Sheridan me ligou hoje cedo e perguntou se eu podia arranjar um tempo. Consegui, então estou aqui. Quer um café?

– Quero, obrigado.

– Puro?

– Isso. – Ele preferia com leite e açúcar, mas por algum motivo não quis dizer que ela havia chutado errado.

Rebecca Holdenfield era uma famosa perita em análise comportamental que Gurney conhecera e passara a respeitar, apesar de sua reticência com relação a outros profissionais dessa área, quando ambos trabalharam no caso Mellery. Ele se perguntou o que a presença dela poderia dizer sobre a visão que o promotor tinha do caso.

Nesse momento a porta se abriu e Sheridan Kline entrou na sala. Como sempre, ele irradiava uma espécie de energia reluzente. Seu olhar rápido assimilou a sala inteira em alguns segundos.

– Becca! Obrigado! Que bom que arranjou um tempo para vir. Detetive Dave, o homem que andou remexendo a panela! O motivo para estarmos todos aqui. E Rod! – Ele deu um sorriso brilhante para o rosto azedo de Rodriguez. – Que bom que você conseguiu vir tão em cima da hora. E que bom que trouxe o seu pessoal. – Ele olhou sem interesse para os homens ao lado do capitão, mostrando que sua satisfação era uma mentira transparente. Kline gostava de ter uma plateia, refletiu Gurney, mas também gostava que ela fosse composta de pessoas com substância.

Rebecca chegou à mesa com duas xícaras de café puro, deu uma a Gurney e se sentou ao lado dele.

– O investigador Hardwick não está ligado ao caso no momento – continuou Kline, dirigindo-se a ninguém em especial –, mas esteve envolvido no início e eu achei que seria útil ter todos os nossos recursos relevantes na sala ao mesmo tempo.

Outra mentira transparente, pensou Gurney. O que Kline achava “útil” era juntar cães e gatos e ver o que acontecia. Era fanático pelo processo de chegar à verdade e motivar as pessoas por meio do conflito – quanto mais furiosos os adversários, melhor. A vibração na sala era hostil, o que para Gurney explicava o alto nível de energia de Kline.

– Rod, enquanto eu pego um café, por que não resume a abordagem do Bureau de Investigação Criminal do caso até agora? Estamos aqui para ouvir e aprender.

Gurney pensou ter ouvido Hardwick, com o corpo frouxo na cadeira do outro lado de Rebecca Holdenfield, gemer.

– Vou ser breve – começou o capitão. – Na questão do assassinato de Jillian Perry, sabemos o que foi feito, quando foi feito, como foi feito e quem fez. Nossos esforços se concentraram em descobrir esse indivíduo e prendê-lo. Na busca desse objetivo, mobilizamos uma das maiores caçadas humanas da história deste departamento. A operação é sólida, meticulosa e está em andamento.

Outro som abafado emanou da direção de Hardwick.

Os cotovelos do capitão estavam apoiados na mesa, seu punho esquerdo, enterrado na mão direita. Ele lançou um olhar de advertência a Hardwick.

– Até agora realizamos mais de 300 entrevistas e continuamos a expandir o raio da investigação. O tenente Bill Anderson e o policial Arlo Blatt são responsáveis por guiar e monitorar o progresso diário.

Kline chegou à mesa com seu café, mas permaneceu de pé.

– Talvez o Bill possa nos dar uma ideia da situação atual. O que sabemos hoje que não sabíamos, digamos, uma semana depois da decapitação?

O tenente Anderson piscou e pigarreou.

– O que não sabíamos...? Bom, eu diria que eliminamos várias possibilidades. – Quando ficou aparente, pelos olhares fixos nele, que essa não era uma resposta adequada, ele tossiu de novo. – Havia muitas coisas que poderiam ter acontecido e que agora sabemos que não aconteceram. Descartamos um monte de possibilidades e desenvolvemos uma imagem mais nítida do suspeito. Um verdadeiro maluco.

– Que possibilidades vocês eliminaram? – perguntou Kline.

– Bom, sabemos que ninguém viu Flores saindo de Tambury. Não há registro de nenhuma ligação dele para uma empresa de táxis nem registro de aluguel de carro, e nenhum motorista de ônibus que passa no local se lembra de alguém parecido com ele. Na verdade, não conseguimos achar ninguém que o tenha visto em qualquer momento depois do assassinato.

Kline piscou, confuso.

– Certo, mas não entendi direito...

Anderson continuou:

– Às vezes o que não descobrimos é tão importante quanto o que descobrimos. Análises de laboratório mostraram que Flores limpou o chalé até eliminar qualquer evidência de sua presença ou de qualquer outra pessoa que não fosse a vítima. Ele teve um cuidado notável em apagar tudo o que pudesse conter a menor amostra de DNA. Até os ralos embaixo das pias do banheiro e da cozinha foram lavados. Também entrevistamos cada trabalhador latino num raio de 80 quilômetros ao redor de Tambury e nenhum deles nos deu qualquer informação sobre Flores. Sem digitais, DNA ou uma data de entrada no país, a imigração não pôde ajudar, assim como as autoridades no México. O retrato falado gerado por computador é genérico demais para ter alguma utilidade. Todo mundo que entrevistamos achou que ele se parecia com algum conhecido, mas não houve duas pessoas que o identificassem como o mesmo indivíduo. Quanto a Kiki Muller, a vizinha que desapareceu com ele, ninguém a viu desde o assassinato.

Kline pareceu exasperado.

– Parece que você está dizendo que a investigação não chegou a lugar algum.

Anderson olhou para Rodriguez e ele estudou o próprio punho.

Blatt fez seu primeiro comentário na reunião:

– É uma questão de tempo.

Todo mundo olhou para ele.

– Temos contatos naquela comunidade com os olhos e os ouvidos abertos. Em algum momento Flores vai aparecer e abrir a boca com a pessoa errada. Então nós o pegaremos.

Hardwick estava olhando para as próprias unhas como elas se fossem tumores suspeitos.

– Que “comunidade” seria essa, Arlo? – perguntou ele.

– A de imigrantes ilegais, que outra seria?

– E se ele não for mexicano?

– Então é guatemalteco, nicaraguense, sei lá. Temos pessoas de olho em todas essas comunidades. Em algum momento... – Ele deu de ombros.

A antena de Kline captou o conflito.

– Aonde você quer chegar, Jack?

Rodriguez interveio firmemente:

– Hardwick está fora do caso há algum tempo. Bill e Arlo são as melhores fontes para as informações atuais.

Kline agiu como se não tivesse escutado.

– Jack?

Hardwick sorriu.

– Vou lhe dizer uma coisa: por que não ouve o que o ás dos detetives, o Gurney, descobriu em menos de quatro dias, que é muito mais do que a gente conseguiu em quatro meses?

A voltagem de Kline estava aumentando.

– Dave? O que você descobriu?

– O que descobri – começou Gurney, devagar – são principalmente perguntas. Perguntas que sugerem novas direções para a investigação. – Ele pôs os antebraços na mesa e se inclinou para a frente. – Um elemento-chave que merece mais atenção é o passado da vítima. Jillian sofreu abusos sexuais na infância e passou a abusar de outras crianças. Ela era agressiva, manipuladora e supostamente tinha traços psicopatas. A possibilidade de um motivo de vingança por causa desse tipo de comportamento é significativa.

Blatt estava com o rosto franzido.

– Você está tentando dizer que Jillian Perry abusou sexualmente de Hector Flores quando ele era criança e que ele a matou por isso? Parece maluquice.

– Concordo. Até porque é provável que Flores tivesse 10 anos a mais que Jillian. Mas e se ele estivesse se vingando de alguma coisa feita com outra pessoa? E se ele foi abusado de modo tão sério, tão traumático, que isso afetou sua mente, fazendo-o direcionar sua fúria contra todos os abusadores? E se ele descobriu sobre a Mapleshade, sobre a natureza das alunas da escola, sobre o trabalho do Dr. Ashton? É possível que ele tenha aparecido na casa do médico, tentado conseguir uns bicos, caído nas graças dele e esperado a oportunidade para fazer um gesto dramático.

Kline falou, empolgado:

– O que você acha, Becca? É possível?

Os olhos dela se arregalaram.

– É possível, sim. Jillian pode ter sido escolhida como um alvo específico de vingança por suas ações contra algum indivíduo que Flores conhecesse ou como um alvo substituto que representasse os abusadores em geral. Vocês têm alguma prova que aponte nessas direções?

Kline olhou para Gurney.

– Os detalhes dramáticos do assassinato, como a decapitação, o posicionamento da cabeça, a opção pelo dia do casamento, têm um ar de ritual. Isso seria coerente com uma motivação de vingança. Mas com certeza ainda não sabemos o suficiente para dizer se Perry era um alvo específico ou substituto.

Kline terminou de tomar seu café e foi pegar mais, falando para ninguém específico:

– Se levarmos a sério essa abordagem da vingança, que ações investigativas deveriam ser empreendidas, Dave?

Para começar, Gurney achava que seria necessária uma revelação muito mais detalhada dos problemas do passado e dos contatos de Jillian na infância do que aquilo que a mãe dela ou Simon Kale tinham se disposto a informar até o momento, e precisava pensar como fazer para conseguir isso.

– Eu posso lhes dar uma recomendação por escrito com relação a isso nos próximos dois dias.

Kline pareceu satisfeito e prosseguiu:

– E o que mais? O investigador Hardwick lhe deu crédito por muitas descobertas.

– Podem não ser tantas assim, mas tem uma coisa que eu colocaria no topo da lista: várias garotas que estudaram na Mapleshade parecem estar desaparecidas.

Os três detetives do Bureau de Investigação Criminal se empertigaram mais ou menos ao mesmo tempo, como se tivessem sido despertados por um ruído alto.

Gurney continuou:

– Tanto Scott Ashton quanto outra pessoa ligada à escola tentaram entrar em contato com jovens que se formaram recentemente e não conseguiram.

– Isso não significa necessariamente... – começou o tenente Anderson.

– Em si isso não significaria muita coisa – interrompeu-o Gurney –, mas há uma estranha semelhança entre as situações. Todas as jovens em questão começaram o mesmo tipo de discussão com os pais: exigiram um carro novo e caro e usaram a recusa deles como pretexto para sair de casa.

– De quantas garotas estamos falando? – perguntou Blatt.

– Uma ex-aluna que tentou falar com algumas colegas me contou sobre dois casos em que os pais não tinham ideia do paradeiro da filha. Então Scott Ashton mencionou mais três jovens que ele tentou contatar e descobriu que tinham saído de casa depois de uma discussão sobre carros com os pais.

Kline balançou a cabeça.

– Não entendi. O que isso tudo quer dizer? E o que tem a ver com encontrar o assassino de Jillian Perry?

– As garotas desaparecidas tinham pelo menos uma coisa em comum além da mesma discussão com os pais: todas conheciam Flores.

Anderson estava parecendo mais desconfortável a cada minuto.

– Como?

– Flores se ofereceu para fazer alguns trabalhos para Ashton na Mapleshade. Parece que era um cara boa-pinta e atraiu a atenção de algumas garotas da escola. Aquelas que demonstraram interesse e que foram vistas conversando com ele por acaso são as que sumiram.

– Elas foram colocadas na lista de pessoas desaparecidas do Centro Nacional de Informações Criminais? – perguntou Anderson, no tom esperançoso de alguém que tenta transferir um problema para o colo de outra pessoa.

– Nenhuma delas – respondeu Gurney. – O problema é que todas têm mais de 18 anos e são livres para ir e vir como quiserem. Cada uma delas anunciou seu plano de sair de casa, sua intenção de manter o paradeiro em segredo e o desejo de ser deixada em paz. Tudo isso vai contra os critérios para que uma pessoa conste como desaparecida nos bancos de dados oficiais.

Kline estava andando de um lado para outro.

– Isso dá um novo direcionamento ao caso. O que acha, Rod?

O capitão pareceu sério.

– Gostaria de saber que diabo Gurney está dizendo realmente.

– Acho que ele está dizendo que pode haver mais coisas no caso Jillian Perry do que Jillian Perry – concluiu Kline.

– E que Hector Flores pode ser mais do que um jardineiro mexicano – acrescentou Hardwick, olhando diretamente para Rodriguez. – Uma possibilidade que me lembro de ter mencionado há algum tempo.

Ao ouvir isso, Kline levantou as sobrancelhas.

– Quando?

–Quando ainda estava no caso. A narrativa original sobre Flores me pareceu equivocada.

Gurney pensou que, se o maxilar de Rodriguez se apertasse mais um pouco, seus dentes começariam a se desintegrar.

– Equivocada em que sentido? – quis saber Kline.

– No sentido de que era uma porra normal demais.

Gurney sabia que Rodriguez estaria sentindo o deleite de Hardwick como um furador de gelo se cravando nas costelas – isso sem falar da questão delicada de revelar uma discordância interna diante do promotor.

– E isso quer dizer...? – perguntou Kline.

– Quer dizer que era muito certinha. O trabalhador analfabeto que é educado com uma rapidez impressionante pelo doutor arrogante, o caso com a vizinha rica, um provável caso com Jillian Perry, sentimentos que ele não conseguia controlar desmoronando sob tensão. Parece uma novela, uma porra de papo furado completo. – Ele fez essa avaliação com um olhar tão firme em Rodriguez que não restava dúvida sobre quem formulara a hipótese que ele estava atacando.

Pelo que Gurney sabia sobre Kline devido ao caso Mellery, tinha certeza de que o sujeito estava adorando o confronto, embora escondesse isso sob a testa franzida em concentração.

– Qual era a sua teoria sobre a história do Flores? – instigou Kline.

Hardwick se recostou na cadeira de forma desleixada.

– É mais fácil dizer o que não faz sentido nela do que o que faz. Quando a gente combina todas as informações, é difícil compreender o comportamento de Flores.

Kline se virou para Gurney.

– Essa também é a sua opinião?

Gurney respirou fundo.

– Alguns fatos parecem contraditórios, só que eles não se contradizem mutuamente, o que significa que falta uma grande peça do quebra-cabeça, aquela que acabará atribuindo sentido a todas as outras. Não espero que a história dele seja uma narrativa simples. Como disse o Jack uma vez, neste caso definitivamente há camadas ocultas. – Por um momento ele receou que esse comentário revelasse o papel de Hardwick na contratação dele por Val, mas ninguém percebeu. Blatt parecia um roedor tentando identificar algo através do faro, mas ele era sempre assim.

Kline tomou um gole de café, pensativo.

– Que fatos incomodam você, Dave?

– Para começar, a rápida transição de Flores de varredor de grama a administrador da casa.

– Você acha que Ashton está mentindo sobre isso?

– Talvez esteja mentindo para si mesmo. Ele mesmo explica isso como uma espécie de ilusão, algo que sustentava o conceito de um livro que estava escrevendo.

– Becca, isso faz sentido para você?

Ela deu um sorriso neutro, mais um franzido do rosto do que um sorriso de verdade.

– Jamais subestime a capacidade de alguém de enganar a si mesmo, especialmente alguém que esteja tentando provar um argumento.

Kline assentiu com ar sábio e se virou de novo para Gurney.

– Então sua ideia básica é que Flores estava montando uma fraude?

– Acho que ele estava representando um papel por algum motivo, sim.

– Que outras coisas incomodam você?

– A motivação. Se Flores chegou a Tambury com o objetivo de matar Jillian, por que esperou tanto? Mas, se veio com outro objetivo, qual era?

– Interessante. Continue.

– A decapitação em si parece ter sido metódica e bem planejada, mas também espontânea e oportunista.

– Não entendi.

– A arrumação do corpo foi precisa. O chalé tinha sido limpo recentemente, talvez naquela própria manhã, para eliminar qualquer traço do homem que morava ali. A rota de fuga havia sido planejada, assim como o modo de criar o problema da trilha de cheiro para a equipe com o cão farejador. Como quer que Flores tenha conseguido desaparecer, isso foi pensado com cuidado. Tem um ar de *Missão impossível*, que depende de uma sincronia de tempo perfeita. Mas as circunstâncias parecem desafiar qualquer tentativa de planejamento, e mais ainda uma cronometragem que funcionasse.

Kline inclinou a cabeça, curioso.

– Como assim?

– O vídeo indica que Jillian foi ao chalé por uma espécie de capricho. Um pouco antes do brinde programado, ela disse a Ashton que queria convencer Hector a se juntar a eles. Pelo que me lembro, Ashton contou ao casal Luntz, formado pelo chefe de polícia e por sua esposa, sobre as intenções de Jillian. Ninguém mais parecia ter adorado a ideia, mas tive a impressão de que Jillian fazia tudo o que queria. Assim, de um lado, temos um assassinato premeditado de forma meticulosa que dependia de uma sincronia de tempo perfeita, e de outro lado temos várias circunstâncias completamente fora do controle do assassino. Há algo errado nessa história.

– Não necessariamente – disse Blatt, com o nariz de roedor estremecendo. – Flores podia ter arrumado tudo com antecedência e então só esperou a oportunidade como uma cobra na toca. Esperou a vítima passar e... paf!

Gurney pareceu em dúvida.

– O problema, Arlo, é que isso exigiria que Flores mantivesse o chalé perfeitamente limpo, quase estéril, se preparasse e deixasse a rota de fuga pronta, estivesse usando as roupas que pretendia, tivesse à mão tudo o que desejava levar embora, deixasse Kiki Muller igualmente pronta e então... o quê? Ficasse sentado no chalé com um facão na mão torcendo para que Jillian aparecesse a fim de convidá-lo para o brinde?

– Você está fazendo parecer ridículo, como se isso não pudesse acontecer –disse Blatt com ódio nos olhos. – Mas acho que foi exatamente isso que ocorreu.

Anderson franziu os lábios. Rodriguez estreitou os olhos. Nenhum dos dois parecia disposto a endossar a visão do colega.

Kline rompeu o silêncio incômodo.

– Mais alguma coisa?

– Bom – prosseguiu Gurney –, há a questão do novo elefante branco na sala: as ex-alunas desaparecidas.

– O que pode nem mesmo ser verdade – reagiu Blatt. – Talvez elas só não queiram ser achadas. Essas garotas não são nenhum exemplo de estabilidade. E, mesmo que estejam realmente *desaparecidas*, não há nenhuma prova de sua ligação com o caso Perry.

Houve outro silêncio, dessa vez rompido por Hardwick.

– Arlo pode estar certo. Mas, se elas *estiverem* desaparecidas e se *existir* uma conexão, há uma boa chance de todas estarem mortas.

Ninguém disse nada. Sabia-se bem que, quando mulheres jovens sumiam em circunstâncias suspeitas sem qualquer contato posterior, as chances de seu retorno em segurança não eram grandes. E o fato de as jovens em questão terem todas iniciado a mesma discussão peculiar antes de desaparecerem definitivamente qualificava o fato como suspeito.

Rodriguez parecia furioso, como se estivesse prestes a fazer uma objeção, mas antes que qualquer palavra saísse o celular de Gurney tocou. Ao olhar para o identificador de chamadas, decidiu atender.

Era Scott Ashton.

– Desde que nos falamos pela última vez, dei mais seis telefonemas e falei com mais duas famílias. Vou continuar a fazer isso, mas queria que você soubesse que essas duas jovens saíram de casa depois da mesma discussão absurda. Uma exigiu um Suzuki de 20 mil dólares e a outra, um Mustang de 35 mil. Os pais recusaram e as duas se negaram a dizer aonde iam e insistiram que ninguém deveria tentar entrar em contato com elas. Não faço ideia do que isso significa, mas é óbvio que algo estranho está

acontecendo. E outra coincidência perturbadora: as duas posaram para aqueles anúncios da Karnala Fashion.

– Há quanto tempo elas estão desaparecidas?

– Uma há seis meses, a outra há nove.

– Deixe-me fazer uma pergunta, doutor. O senhor está pronto para nos dar os nomes ou temos de pedir imediatamente um mandado judicial para examinar seus registros?

Todos os olhares na sala encontravam-se fixados em Gurney. O café de Kline estava a centímetros de seus lábios, mas ele parecia ter esquecido que o segurava.

– Que nomes você quer? – perguntou Ashton, com a voz abalada.

– Vamos começar pelos das jovens sumidas, além dos de todas as garotas da mesma turma.

– Tudo bem.

– Mais uma pergunta: como Jillian conseguiu o trabalho de modelo?

– Não sei.

– Ela não contou? Mesmo tendo lhe dado a foto como presente de casamento?

– Não, não contou.

– O senhor não perguntou?

– Perguntei, mas Jillian não gostava de perguntas.

Gurney sentiu uma ânsia de gritar: *QUE DIABO ESTÁ ACONTECENDO? TODO MUNDO LIGADO A ESSE CASO É COMPLETAMENTE MALUCO?*

Em vez disso, falou apenas:

– Obrigado, doutor. Por enquanto é só. O senhor será contatado pelo Bureau de Investigação Criminal para dar os nomes e os endereços relevantes.

Enquanto Gurney enfiava o telefone de volta no bolso, Kline latiu:

– Que diabo foi isso?

– Mais duas garotas desapareceram depois de terem a mesma discussão com os pais: uma exigiu que eles lhe comprassem um Suzuki e a outra, um Mustang. – Ele se virou para Anderson. – Ashton vai fornecer ao departamento os nomes das jovens desaparecidas, além dos nomes das colegas de turma de Jillian. Diga a ele em que formato você quer a lista e como mandar.

– Ótimo, mas estamos ignorando o fato de que nenhuma delas está *legalmente desaparecida*, o que significa que não podemos usar recursos da polícia para encontrá-las. São mulheres com mais de 18 anos que aparentemente tomaram a decisão de sair de casa. O fato de terem dito às famílias para não procurá-las não nos dá uma base legal para investigar.

Gurney teve a impressão de que o tenente Anderson já estava vislumbrando sua aposentadoria na Flórida e que tinha um gosto especial pela inércia. Era uma atitude para a qual o ex-policial, um homem enérgico em sua carreira, tinha pouca paciência.

– Então encontre uma base. Declare que todas são testemunhas essenciais do assassinato de Perry. Invente uma base. Faça o que for preciso. Esse é o menor dos seus problemas.

Anderson parecia irritado a ponto de transformar a discussão em algo desagradável, mas, antes que ele pudesse responder, Kline o interrompeu:

– Isso pode não ser a coisa mais importante, Dave, mas se você está dando a entender que essas jovens seguiram as orientações de outra pessoa, presumivelmente Flores, que as ensaiou na discussão que deveriam provocar com os pais, por que a marca do carro é diferente em cada caso? – A resposta mais simples é que talvez fossem necessárias marcas de automóvel diversas para obter o mesmo efeito em famílias de situações econômicas diferentes. Supondo que o objetivo da discussão fosse dar uma desculpa verossímil para a garota sair de casa de forma impulsiva, para desaparecer sem que isso virasse assunto de polícia, o pedido de um carro precisaria ter duas consequências. A primeira: teria de ser uma quantia de dinheiro alta o suficiente para ser recusada. A segunda: os pais teriam de acreditar que a filha falava sério. As marcas diferentes talvez não tenham importância em si; o ponto fundamental pode ser a diferença de preço. A exigência de um automóvel de 20 mil dólares numa família pode ter o mesmo impacto da exigência de um automóvel de 40 mil dólares em outra.

– Engenhoso – disse Kline, dando um sorriso de aprovação. – Se você estiver certo, Flores é um pensador. Um maníaco, talvez, mas definitivamente um pensador.

– Mas ele também fez coisas sem sentido. – Gurney se levantou para pegar mais café. – A porcaria da bala na xícara: que diabo ele queria com isso? Será que roubou o fuzil de Ashton para despedaçar a xícara dele? Por que correr um risco desses? Aliás – completou, dirigindo-se a Blatt –, vocês sabiam que Withrow Perry tinha uma arma do mesmo calibre?

– De que diabo você está falando?

– A bala que foi disparada na xícara de chá saiu de um fuzil Weatherby .257. Ashton possui um, que segundo ele foi roubado, mas Perry também tem um. Talvez vocês devessem investigar isso.

Houve um silêncio desconfortável enquanto Rodriguez e Blatt faziam anotações apressadamente.

Kline olhou com ar de acusação para os dois, depois voltou a atenção para Gurney.

– Certo, o que mais você sabe e nós não sabemos?

– É difícil dizer. Que informações vocês têm sobre o Carl Maluco?

– Quem?

– O marido de Kiki Muller.

– O que ele tem a ver com isso?

– Pode ser que nada, a não ser o fato de ter um motivo para matar Flores.

– Flores não foi morto.

– Como sabemos? Ele desapareceu sem deixar vestígio. Pode estar enterrado no quintal de alguém.

– Epa, epa, que negócio é esse? – Anderson estava consternado, supôs Gurney, com a perspectiva de mais trabalho: cavar quintais. – O que estamos fazendo aqui? Inventando assassinatos imaginários?

Kline pareceu confuso.

– Aonde você quer chegar com isso?

– A hipótese parece ser que Flores fugiu junto com Kiki Muller, talvez até tenha se escondido na casa dela durante alguns dias antes de desaparecer. E se Flores ainda estava por lá quando Carl chegou do trabalho? Presumo que a equipe de entrevistas tenha notado que Carl é pirado, não?

Kline deu um passo para trás, afastando-se da mesa, como se o panorama do caso fosse amplo demais para ser visto do lugar onde ele estava.

– Espere um segundo. Se Flores estiver morto, então não tem nada a ver com o desaparecimento dessas outras garotas. Ou com o tiro no quintal de Ashton. Ou com o torpedo que Ashton recebeu do celular de Flores.

Gurney deu de ombros.

Kline balançou a cabeça, frustrado.

– Parece que você acabou de pegar tudo o que estava começando a se encaixar e chutou de cima da mesa.

– Não estou chutando nada de cima da mesa. Na minha opinião, Carl não está envolvido. Não tenho certeza nem se a mulher dele estava envolvida. Só estou tentando abrir a mente um pouco. Não temos tantos fatos sólidos quanto vocês podem pensar. Meu argumento é que precisamos manter a cabeça aberta. – Ele pesou o risco de receber demonstrações de má vontade pelo que estava prestes a acrescentar e decidiu falar mesmo assim. – Comprometer-se com a hipótese errada cedo demais pode ter sido o motivo para a investigação não ter chegado a lugar algum.

Kline olhou para Rodriguez, que encarava a superfície da mesa como se ela fosse uma pintura do inferno.

– O que acha, Rod? Acha que precisamos ver as coisas com um outro olhar? Acha que talvez estivéssemos tentando resolver o quebra-cabeça de trás para a frente?

Rodriguez apenas balançou a cabeça devagar.

– Não, não é o que eu acho – disse com a voz rouca, tensa com emoções reprimidas.

A julgar pelas expressões ao redor da mesa, Gurney não foi o único que ficou perplexo quando o capitão, um homem obcecado por projetar uma imagem de controle, levantou-se desajeitado da cadeira e saiu da sala como se não suportasse ficar ali por mais nem um minuto.

Capítulo 36

No coração das trevas

Assim que o capitão partiu, a reunião perdeu o foco. Não que antes tivesse tido muito, mas a forma desconfortável como ele saiu pareceu enfatizar a incoerência da investigação e a discussão deixou de ter sentido. A perita em análise comportamental Rebecca Holdenfield, confusa em relação a seu papel ali, foi a próxima a ir embora. Anderson e Blatt estavam inquietos, gravitando entre a ausência de seu chefe, que tinha ido embora, e a presença do promotor na sala.

Gurney quis saber se fora feito algum progresso no sentido de descobrir o que o nome Edward Vallory significava para o caso, mas isso não acontecera. Anderson ficou impassível e Blatt descartou a pergunta com um gesto que deixava claro que ele considerava esse caminho inútil.

O promotor murmurou algumas frases sem sentido sobre como a reunião fora proveitosa para fazer as informações circularem. Gurney não concordava, mas ao menos ela servira para que todos reconsiderassem o rumo que a investigação tomara e levantara a questão das ex-alunas desaparecidas.

A contribuição final de Gurney para o encontro foi uma recomendação enfática de que o Bureau de Investigação Criminal vasculhasse o passado do fotógrafo Alessandro e da Karnala Fashion e conseguisse seu contato, já que constituíam um fator comum na vida das jovens desaparecidas e uma ligação entre elas e Jillian. No momento em que Kline endossava essa sugestão, Ellen Rackoff chegou à porta e apontou para o relógio. O promotor pareceu alarmado com o horário e anunciou de forma solene que estava atrasado para uma teleconferência com o governador. Enquanto partia, exprimiu a certeza de que todos poderiam

encontrar a solução sem ele. Anderson e Blatt saíram juntos, seguidos por Gurney e Hardwick.

Hardwick dirigia um daqueles imponentes Ford sedã pretos da polícia do estado de Nova York. No estacionamento, ele se encostou no porta-malas, acendeu um cigarro e, sem que fosse perguntado, disse a Gurney o que achava do capitão.

– O escrotinho está desmoronando. Você sabe o que dizem sobre os fanáticos por controle: que tentam controlar o exterior porque tudo dentro deles é uma bagunça completa. Assim é o capitão Rod, só que o sacana não está mais conseguindo esconder a loucura. – Ele deu uma longa tragada no cigarro e fez uma careta enquanto soprava a fumaça. – A filha dele é uma porra de uma viciada em cocaína, sabia?

Gurney assentiu.

– Você me contou durante o caso Mellery.

– Eu disse que ela esteve no Greystone? Aquele hospício lá em Jersey?

– Disse. – Gurney se lembrou de um dia úmido e triste em novembro do ano anterior em que Hardwick havia lhe contado sobre o vício da filha de Rodriguez e como isso atrapalhava o julgamento do pai em casos que pudessem ter o envolvimento de drogas.

– Bom, ela foi expulsa de lá porque contrabandeou bagulho para dentro e trepou com os colegas pacientes. A última notícia é que foi presa por vender crack numa reunião dos Narcóticos Anônimos.

Gurney imaginou aonde aquilo iria dar. Não parecia uma explicação compassiva para o comportamento do capitão.

Hardwick deu um trago tão profundo em seu cigarro que deve ter estabelecido algum tipo de recorde.

– Conheço esse seu olhar de “e daí, o que isso tem a ver?”. Certo?

– A pergunta me passou pela cabeça.

– A resposta é: nada. Não tem porra nenhuma a ver com nada. Só quer dizer que as decisões de Rodriguez não valem merda nenhuma hoje em dia. Ele é um risco para o caso. – Hardwick jogou fora o cigarro pela metade e pisou em cima dele, esmagando-o no asfalto.

Gurney tentou mudar de assunto.

– Faça-me um favor e investigue Alessandro e a Karnala Fashion. Tenho a impressão de que ninguém está particularmente interessado nisso.

Hardwick não respondeu. Ficou parado mais um minuto, olhando a guimba esmagada junto a seu pé.

– Hora de ir – disse Gurney finalmente. Em seguida, abriu a porta do carro e franziu o rosto como se tivesse acabado de sentir um cheiro ruim.

– Tome cuidado, Davey, meu garoto. O escrotinho é uma bomba-relógio e em algum momento vai explodir. Elas sempre explodem.

Capítulo 37

O cervo

A volta para casa foi sofrida de um modo que a princípio Gurney não pôde identificar. Estava ao mesmo tempo distraído e procurando uma distração, sem conseguir encontrar. Cada estação de rádio era mais insuportável do que a anterior. As músicas que não eram capazes de refletir seu humor pareciam idiotas, enquanto as que refletiam só o faziam sentir-se pior. Cada voz humana continha ou algo irritante, ou uma revelação de estupidez ou avareza, ou ambos. Todos os comerciais davam vontade de gritar: *Sacanas mentirosos!*

Desligar o rádio o fez se concentrar de novo na estrada, nos povoados sem graça, nas fazendas mortas ou agonizantes e nas iscas venenosas da economia usadas pela indústria de perfuração para encontrar gás com o objetivo de atrair as cidades pobres do interior.

Meu Deus, ele estava num humor péssimo.

Por quê?

Deixou a mente voltar à reunião, para ver em que ela se concentraria.

Ellen Rackoff, claro, em sua roupa de caxemira, sem qualquer fingimento de inocência. Quente e aconchegante como uma cobra. O perigo em si era uma parte perversa da atração.

O relatório original de provas encontradas na cena do crime citado pelo tenente Anderson, que fazia o assassinato parecer uma ação profissional: *Até os ralos embaixo das pias do banheiro e da cozinha foram lavados.*

Os fatos que uniam as ex-alunas desaparecidas: a discussão com os pais, a exigência extravagante que certamente seria

recusada, os contatos anteriores com Hector Flores, com a Karnala Fashion e com o esquivo fotógrafo Alessandro.

O frio prognóstico de Jack Hardwick: *Há uma boa chance de todas estarem mortas*.

A agonia pessoal de Rodriguez como pai de uma garota perturbada repercutida e ampliada pelos horrores potenciais do caso à sua frente.

Gurney podia ouvir a rouquidão na voz do sujeito com tanta clareza quanto se ele estivesse sentado ao seu lado no carro. Era o som de alguém pressionado até o limite, um homem que não tinha a estrutura necessária para lidar com as casualidades que aconteciam em sua vida.

O que fez Gurney pensar: será que realmente existe alguma *casualidade*? Será que nós, de algum modo inegável, não colocamos a nós mesmos nas situações em que nos encontramos? Será que nossas escolhas, nossas prioridades, não fazem toda a diferença? Sentiu-se enjoado e de repente soube o motivo. Estava se identificando com Rodriguez: o policial obcecado pela carreira, o pai que não tinha a menor ideia de como agir.

E então, como se a confusão causada por essa percepção não bastasse, como se algum deus maligno quisesse criar o desastre perfeito no mundo exterior para combinar com seu conflito de emoções internas, ele bateu no cervo.

Tinha acabado de passar pela placa que dizia brownville. O povoado não existia, só os restos cobertos de mato de uma fazenda abandonada havia muito tempo no vale do rio à esquerda e uma encosta florestal à direita. Uma corça de tamanho médio havia saído da floresta, hesitado, depois atravessado a estrada distante o bastante do carro para que ele nem precisasse reduzir a velocidade. Mas então o filhote a seguiu e era tarde demais para que Gurney freasse. Apesar de ter virado o volante ao máximo para a esquerda, ele ouviu e sentiu a pancada terrível.

Parou no acostamento. Olhou pelo retrovisor esperando não ver nada, torcendo para que tivesse sido uma daquelas colisões felizes em que o cervo notavelmente resistente corria para o mato com apenas alguns danos superficiais. Mas não era o caso. Trinta metros

atrás dele, um pequeno corpo marrom estava esparramado na beira da vala de drenagem da estrada.

Saiu do carro e voltou pelo acostamento, agarrando-se à leve esperança de que o filhote só estivesse atordoado e fosse se levantar cambaleando a qualquer momento. Quando se aproximou, a posição torta da cabeça e o olhar vazio do animal acabaram com esse sentimento. Parou e olhou em volta, desamparado. Viu a corça imóvel no campo da fazenda arruinada, olhando, esperando.

Não havia o que fazer.

Estava sentado em seu carro sem se lembrar de ter voltado até ele, com a respiração interrompida por pequenos soluços. Só pensou em verificar os danos à frente do carro na metade do caminho para Walnut Crossing, mas mesmo assim continuou, dilacerado pela tristeza, querendo apenas chegar em casa.

Capítulo 38

Os olhos de Peter Piggert

A casa emanava aquela sensação peculiar de vazio pela qual era tomada sempre que Madeleine não estava. Nas sextas-feiras ela costumava ir jantar com três amigas, para falar sobre tricô e costura, sobre as novidades, sobre a saúde de todo mundo, sobre os livros que estavam lendo.

Teve a ideia, formada no fundo do poço de emoções da viagem de Brownville até Walnut Crossing, de que seguiria a sugestão de Madeleine e ligaria para Kyle – teria uma conversa de verdade com seu filho, em vez de trocar com ele os e-mails cuidadosamente redigidos e impessoais de sempre, que davam aos dois a ilusão de comunicação. Ler as descrições editadas dos acontecimentos da vida na tela de um laptop era bem diferente de ouvi-las ao vivo, livres do processo de reescrever e cortar.

Entrou no escritório com boas intenções, mas decidiu checar a secretária eletrônica e os e-mails antes de ligar. Havia um recado e uma mensagem, ambos de Peggy Meeker, a assistente social esposa do aracnólogo.

Na caixa postal sua voz parecia empolgada, quase exultante: “Dave, aqui é Peggy Meeker. Depois que você mencionou Edward Vallory naquela noite, o nome ficou martelando na minha cabeça. Eu sabia que já o tinha visto em algum lugar. Bom, lembrei! Há algum tempo fiz um curso de literatura inglesa sobre o teatro elisabetano. Vallory era um dramaturgo, porém nenhuma de suas obras sobreviveu, por isso ninguém ouviu falar dele. Tudo o que restou foi o prólogo de uma peça. Mas veja só: parece que toda a produção dele era misógina. Ele odiava completamente as mulheres! De fato, supõe-se que a peça à qual esse prólogo pertence era sobre um homem que matou a própria mãe! Mandei o material por e-mail para

você. Fiquei me perguntando se isso teria alguma coisa a ver com o caso Perry, por tudo o que você falou naquela noite. O assunto me veio à cabeça quando li o prólogo de Vallory, fiquei até arrepiada. Dê uma olhada no e-mail e me diga se foi útil. E me avise se houver alguma outra coisa que eu possa fazer por você. Isso é empolgante demaaaais. A gente se fala. Tchau. Ah, e mande um beijo para Madeleine."

Gurney abriu o e-mail e o leu rapidamente até chegar à citação atribuída a Vallory:

Na terra não existe mulher casta. Não existe
pureza nela. Seu aspecto, sua fala
e seu coração jamais cantam como um só. Ela parece
isso e parece aquilo, e a aparência é tudo.
Com óleos escorregadios e pós brilhantes
ela colore seus desígnios sombrios e pinta
sobre si um retrato que podemos amar.
Mas onde está o coração honesto que com
uma única nota revela seu conteúdo real?
Vergonha! Não lhe peça música pura,
direta e honesta. A pureza não faz parte dela.
Da serpente do Éden ela sugou a maldade
para seu coração de serpente, para vomitar
sobre cada homem uma gosma de mentiras e traição.

Gurney leu o trecho várias vezes, tentando absorver o significado e o objetivo daquilo.

Era o prólogo de uma peça sobre um homem que matou a própria mãe, escrito séculos antes por um dramaturgo famoso pelo seu ódio contra as mulheres. Seu nome estava como o remetente da mensagem de texto enviada do celular de Hector para o de Jillian na manhã em que ela fora morta – e mandada de novo, apenas dois dias atrás, a Ashton. Uma mensagem de texto que dizia simplesmente: por todos os motivos pelos quais escrevi.

E os motivos aparentes em seu único texto existente pelo visto se resumiam ao seguinte: as mulheres são criaturas impuras, sedutoras, enganadoras e satânicas que vomitam, como monstros,

uma *gosma* de mentiras e traição. Quanto mais Gurney lia as palavras de Vallory, mais sentia nelas um deturpado pesadelo sexual.

Gurney se orgulhava de ser cauteloso e equilibrado, mas era difícil não concluir que a citação constituía uma justificativa doentia para o assassinato de Jillian Perry. E possivelmente para outros homicídios também.

Claro que não existia nenhuma certeza nisso. Não havia como provar que o Edward Vallory que supostamente odiava mulheres no século XVII era o mesmo Edward Vallory cujo nome fora apropriado para as mensagens de texto. Não havia como comprovar que Edward Vallory era um pseudônimo de Hector Flores – ainda que o fato de as mensagens terem saído do celular dele tornassem essa suposição justificável.

Tudo parecia se encaixar, formando uma espécie de sentido medonho. O prólogo de Vallory oferecia a primeira hipótese de motivação que não era baseada totalmente em especulação. Para Gurney, tinha o atrativo adicional de ser compatível com sua impressão cada vez mais forte de que o assassinato de Jillian fora uma vingança por abusos sexuais do passado – cometidos por ela ou pelas alunas da Mapleshade em geral. Além disso, o fato de Scott Ashton receber a mensagem de Vallory sustentava o ponto de vista do assassinato como parte de um empreendimento complexo, que parecia ainda estar em andamento.

Talvez Gurney estivesse deduzindo coisas de mais, porém subitamente lhe ocorreu que o fato de o pequeno trecho sobrevivente da peça de Vallory ser o *prólogo* poderia ser mais do que uma simples coincidência. Será que, além de ser o prólogo de um drama perdido, também seria visto como um prólogo de acontecimentos futuros, uma sugestão de assassinatos ainda por vir? Exatamente quanto Hector Flores estava contando a eles?

Clicou em “responder” no e-mail de Peggy Meeker e perguntou: “O que mais se sabe sobre a peça? Enredo? Personagens? Algum comentário feito pelos contemporâneos de Vallory sobreviveu?”

Pela primeira vez no caso, Gurney sentiu uma empolgação inegável – e uma ânsia irresistível de telefonar para Sheridan Kline, esperando que ele ainda estivesse no escritório.

Fez a ligação.

– Ele está em reunião – informou Ellen Rackoff com a confiança de um leão de chácara poderoso.

– Surgiu uma novidade no caso Perry que ele gostaria de saber.

– Seja mais específico.

– Pode estar se transformando num caso de assassinatos em série.

Trinta segundos depois Kline estava na linha – tenso, aflito e intrigado.

– Assassinatos em série? De que diabo você está falando?

Gurney contou sobre a descoberta a respeito de Vallory, destacando a raiva sexual nas palavras do prólogo e explicando que ela poderia se relacionar não somente com Jillian, mas também com as jovens desaparecidas.

– Isso tudo não é só suposição? Não entendi em que sentido alguma coisa mudou de verdade. Quer dizer, esta tarde você disse que Hector Flores poderia estar no centro de tudo ou poderia não estar, que nós não tínhamos nenhum fato sólido, que precisávamos manter a mente aberta. Então o que aconteceu com a mente aberta? Como isso se transformou de repente em assassinatos em série? E, aliás, por que está ligando para mim, e não para a polícia, para falar isso?

– Talvez porque o foco só tenha ficado mais claro quando li o texto de Vallory e senti o ódio nele. Ou pode ter sido só a palavra: *prólogo*. Uma promessa de algo que virá. O fato de Flores ter mandado a mensagem para Jillian antes de ela ser morta e ter mandado a mesma mensagem para Ashton esta semana. Isso faz com que o assassinato de quatro meses atrás pareça parte de algo maior.

– Você acha honestamente que Flores estava convencendo garotas a sair de casa usando uma discussão como pretexto para poder matá-las sem que ninguém se incomodasse em procurá-las? – A voz de Kline revelava uma mistura de preocupação e incredulidade.

– Até que as encontremos vivas, acho que é uma possibilidade que precisamos encarar com seriedade.

Kline respondeu na defensiva:

– Eu não encararia de nenhum outro modo. – Em seguida acrescentou de modo enfático, como se estivesse dando uma entrevista: – Não consigo pensar em nada mais sério do que a possibilidade de uma conspiração de sequestro e assassinato. Se é que é isso que estamos enfrentamos, e Deus queira que não seja. – Ele fez uma pausa e, quando falou de novo, sua voz estava cheia de suspeita. – Voltando à questão do protocolo, por que eu, e não o departamento, estou sendo informado sobre isso?

– Porque para mim você é a única pessoa em posição de comando que tem alguma coerência.

– Por que está dizendo isso? – O apreço de Kline pelos elogios estava óbvio em sua voz.

– Aquela sala de reuniões hoje estava uma loucura. Sei que Rodriguez e Hardwick jamais gostaram muito um do outro, o que já tinha ficado óbvio no caso Mellery, mas o que quer que esteja acontecendo agora está virando algo nocivo. Os dois não têm objetividade nenhuma. Parecem estar em guerra e eu tenho a impressão de que eles vão avaliar cada informação nova baseados em quem ela vai favorecer. Você não parece fazer parte dessa confusão, por isso prefiro falar com você.

Kline fez uma pausa.

– Você não sabe o que aconteceu com seu camaradinha Hardwick?

– *Camaradinha?*

– Rodriguez o puniu por má conduta em serviço.

– O quê?

– Suspendeu-o por beber em serviço, ameaçou fichá-lo por dirigir bêbado, ameaçou fazê-lo perder a aposentadoria e o obrigou a se internar para um tratamento de desintoxicação como condição para interromper a suspensão. Estou surpreso por você não saber.

– Quando isso aconteceu?

– Acho que há um mês e meio. Vinte e oito dias de desintoxicação. Ele voltou ao serviço há uns 10 dias.

– Meu Deus. – Gurney havia deduzido que um dos motivos para Hardwick colocá-lo em contato com Val Perry tinha sido a esperança de que alguma nova descoberta prejudicasse a imagem

de Rodriguez, mas essa novidade explicava em muito a energia negativa que ricocheteava naquela sala de reuniões.

– Estou surpreso por você não saber – repetiu Kline, com descrença suficiente na voz para transformar a afirmação numa acusação.

– Se eu soubesse, jamais teria me envolvido. Porém esse é só mais um motivo para limitar meus contatos à minha cliente e a você, presumindo que a comunicação direta comigo não vá envenenar seu relacionamento com o departamento.

Kline demorou tanto tempo pensando nisso que Gurney imaginou se a calculadora de risco e recompensa do sujeito não estaria soltando fumaça por causa do excesso de informações.

– Certo, mas com uma condição: precisa ficar bem claro que você está trabalhando para a família Perry independentemente deste departamento. O que significa que em nenhuma circunstância você pode sugerir que está sob a proteção de nossa autoridade investigativa ou sob qualquer forma de imunidade. Prossiga como Dave Gurney, pessoa física, e ponto final. Tendo isso em mente, eu ficaria feliz em ouvir qualquer coisa que você tenha a dizer. Acredite, sinto o maior respeito por você. Baseado em sua ficha como detetive de homicídios do Departamento de Polícia de Nova York e em seu papel na solução do caso Mellery, como poderia não sentir? Só precisamos deixar clara sua posição *não oficial*. Alguma pergunta?

Gurney sorriu diante da previsibilidade de Kline. O sujeito jamais se afastava do único princípio que norteava sua vida: *Consiga o máximo possível dos outros ao mesmo tempo que protege seu rabo completamente.*

– Uma pergunta, Sheridan: como faço para entrar em contato com Rebecca Holdenfield?

A voz de Kline ficou tensa de ceticismo.

– O que você quer com ela?

– Estou começando a ter uma ideia de quem é o assassino. Tudo muito hipotético, nada muito exato, mas talvez seja útil contar com o olhar de alguém com a experiência dela.

– Há algum motivo para você não querer chamar o assassino pelo nome?

– Hector Flores?

– Você tem algum problema com isso?

– Dois. Primeiro: não sabemos se ele estava sozinho no chalé quando Jillian entrou, por isso não sabemos se ele é o assassino. Pensando bem, nem sabemos se ele estava no chalé. E se outra pessoa estivesse lá dentro esperando por ela? Sei que é improvável, só estou dizendo que *não sabemos*. Tudo é circunstancial, baseado em suposições, probabilidades. O segundo problema é o nome em si. Se o jardineiro cinderela é realmente um assassino frio e calculista, “Hector Flores” com certeza é um nome falso.

– Por que estou sentindo que todas as informações que eu achava que estivessem certas vão ser chutadas de cima da mesa outra vez?

– Isso não é nada. Pior sou eu, que me sinto como se estivesse sendo sugado para dentro de um ralo.

– E você quer sugar Rebecca junto?

Gurney optou por não reagir a qualquer sugestão maldosa que Kline estivesse fazendo.

– Quero que ela me ajude a manter a objetividade, que forneça limites para a imagem que estou formando em minha cabeça do homem que estou procurando.

Talvez sacudido pelo compromisso existente nas quatro últimas palavras de Gurney, talvez se lembrando do recorde sem paralelos do ex-policial na prisão de homicidas, o tom de Kline mudou.

– Vou pedir que ela telefone para você.

Uma hora depois Gurney estava sentado diante da tela de seu computador à mesa de seu escritório, observando os olhos pretos e sem emoção de Peter Piggert – um homem que poderia ter algo em comum com o assassino de Jillian Perry e muitas semelhanças com o vilão da peça perdida de Edward Vallory. Gurney não sabia direito se fora atraído de volta para o retrato que fizera um ano antes por causa da possível relevância psicológica para sua busca atual ou pelo novo potencial financeiro.

Cem mil dólares? Por isso? O abastado mundo da arte devia ser um lugar realmente estranho. Cem mil dólares pela imagem de

Peter Piggert. O preço era tão absurdo que não dava para acreditar. Precisava ligar para Sonya. Entraria em contato com ela de manhã cedo. Nesse momento, queria se concentrar não tanto no possível valor do retrato, mas no homem que ele representava.

Aos 15 anos, Piggert havia assassinado o pai para continuar sem obstáculos um relacionamento profundamente doentio com a própria mãe. Ele a engravidou duas vezes e teve duas filhas com ela. Quinze anos depois, aos 30, assassinou a progenitora para continuar sem obstáculos um relacionamento igualmente doentio com as filhas dos dois, na época com 13 e 14 anos.

Para um observador comum, Piggert aparentava ser o mais normal dos homens. Mas Gurney tinha a impressão de que sempre houvera algo esquisito nos olhos dele. Sua placidez lembrava um poço fantasmagórico sem fundo. Peter Piggert parecia ver o mundo de um modo que justificava e encorajava qualquer ação que o agradasse, independentemente de seu efeito sobre qualquer pessoa. Gurney imaginou se havia sido um homem parecido com Piggert que Scott Ashton tinha em mente quando divulgou sua teoria desafiadora de que um psicopata é uma criatura com “fronteiras de personalidade perfeitas”.

Enquanto encarava a imobilidade desconcertante daqueles olhos, teve mais certeza do que nunca de que o principal impulso do sujeito era uma necessidade avassaladora de controlar o ambiente ao seu redor. Sua visão da ordem correta das coisas era inviolável, seus caprichos eram absolutos. Fora isso que Gurney pretendera enfatizar na manipulação gráfica da foto original da polícia. O tirano implacável por trás das feições brandas. Satã na pele do homem comum.

Teria sido isso que fascinara Jay Jykynstyl? A maldade velada? Seria isso que ele valorizava, estando disposto a pagar uma pequena fortuna?

Claro, havia uma diferença crucial entre a realidade do assassino e o retrato do assassino. O objeto na tela tinha apelo em parte por causa da evocação do monstro e em parte, ironicamente, por sua aparência essencial de algo inofensivo. A serpente sem presas. O diabo paralisado e emoldurado.

Gurney se recostou na cadeira e a empurrou para longe da mesa e da tela do computador, cruzou os braços diante do peito e olhou pela janela. Estava introspectivo. Quando notou o vermelho do pôr do sol, a princípio ele lhe pareceu uma mancha de sangue no céu azul-piscina. Então percebeu que estava se lembrando da parede de um quarto no Bronx, uma parede turquesa em que uma vítima de tiro havia se apoiado, escorregando lentamente para o chão. Vinte e quatro anos antes, seu primeiro caso de assassinato.

Moscas. Era agosto e o corpo estava lá havia uma semana.

Capítulo 39

Real, irreal, louco, saudável

Durante 24 anos estivera mergulhado até o pescoço em assassinatos e mutilações. Metade de sua vida. Mesmo agora, depois de aposentado... O que Madeleine dissera durante a carnificina do caso Mellery mesmo? Que a morte parecia atraí-lo com mais força do que a vida?

Ele havia negado e entrado em uma discussão de sentido: não era a *morte* em si que atraía sua atenção e sua energia, mas o desafio de resolver o mistério do assassinato. Tinha a ver com justiça.

E, claro, ela lhe dera seu olhar enviesado. Madeleine não se impressionava com motivações inspiradas por princípios, ou ao menos com a invocação de princípios para vencer debates.

Assim que a conversa terminou, a verdade começou a ficar clara para ele: Gurney era *atraído* quase fisicamente para os mistérios policiais e o processo de descobrir as pessoas que estavam por trás deles. Era uma força muito mais primitiva e poderosa do que aquela que o fazia tirar as ervas daninhas do canteiro de aspargos. As investigações de assassinato atraíam sua atenção como nenhuma outra coisa conseguia.

Essa era a parte boa, mas também a ruim. Era boa por ser real, enquanto algumas pessoas passam pela vida sem nada além de suas fantasias para motivá-las. O lado ruim era que os casos agiam como uma correnteza que o atraía para longe de todas as outras coisas importantes, inclusive Madeleine.

Tentou se lembrar de onde ela estava naquele momento e descobriu que isso havia escapado de sua mente – deslocado sabia-se lá pelo quê. Por Jay Jykynstyl e sua isca de 100 mil dólares? Pelo rancor tóxico no Bureau de Investigação Criminal e

seu efeito nocivo à investigação? Pelo significado instigante da peça perdida de Edward Vallory? Pela ansiedade de Peggy, a mulher do aracnólogo, em participar da caçada? Pelo eco da voz temerosa de Savannah Liston informando o desaparecimento das ex-colegas de turma? A verdade é que qualquer coisa poderia facilmente ter afastado o paradeiro de Madeleine de seu pensamento.

Então ouviu um carro subindo pela trilha do pasto e lembrou: o encontro de sexta-feira com as amigas do tricô. Mas, se fosse ela, estava chegando em casa muito mais cedo do que o usual. Enquanto ia à janela da cozinha para verificar, o telefone tocou na mesa do escritório e Gurney voltou para atender.

– Dave, que bom que consegui falar com você. Tenho duas novidades. – Era Sonya Reynolds, com uma leve ansiedade alterando sua empolgação característica.

– Eu ia ligar para você... – começou Gurney. Queria fazer mais perguntas sobre Jykynstyl para ter uma melhor noção do que esperar do jantar com ele no dia seguinte.

Sonya interrompeu-o:

– Agora o jantar virou um almoço, porque Jay precisa pegar um avião para Roma. Espero que isso não seja um problema para você. Se for, você vai ter de dar um jeito. E a segunda notícia é que eu não vou estar lá. – Essa era a parte que obviamente a incomodava. – Ouviu o que eu disse? – perguntou ela quando Gurney não reagiu.

– Sem problema, pode ser um almoço. Você não pode ir?

– Com certeza eu *poderia* ir e *gostaria* de ir, mas... Bem, é melhor contar o que ele disse. Primeiro me deixe lembrar que ele ficou muito impressionado com seu trabalho. Falou que era extremamente *inspirador*. Está muito empolgado. Mas disse: “Quero ver com meus próprios olhos quem é esse tal de David Gurney, esse artista incrível que por acaso é detetive. Quero entender em quem estou investindo. Quero ser exposto à mente e à imaginação desse homem sem a interferência de uma terceira pessoa.” Respondi que era a primeira vez que alguém se referia a mim como uma interferência. Falei que não estava muito satisfeita com isso, de ouvir que não devo ir. Mas abri uma exceção para ele e vou ficar em casa. Você está muito calado, Dave. O que está pensando?

– Estou imaginando se o sujeito é algum maluco.

– O sujeito é Jay Jykynstyl. *Maluco* não é a palavra que eu usaria. Diria apenas que ele é bastante incomum.

Gurney ouviu a porta lateral se abrindo e fechando, e depois sons no lugar onde se penduravam os casacos.

– David, por que está tão calado? Ainda pensando?

– Não, eu só... não sei, o que ele quer dizer com “investir” em mim?

– Ah, essa é a parte boa de verdade. É o verdadeiro motivo para eu querer participar do encontro. Preste atenção, isso é algo capaz de mudar uma vida. Ele quer ser o dono de todas as suas obras. Não uma ou duas. Todas. E acha que o valor delas vai subir.

– Por que subiria?

– Tudo o que Jykynstyl compra aumenta de valor.

Gurney captou um movimento junto à porta do escritório com o canto do olho, virou-se e viu Madeleine. Ela estava franzindo a testa para ele, com uma expressão preocupada.

– David? – A voz de Sonya estava ao mesmo tempo exultante e incrédula. – Você fica sempre tão calado quando alguém lhe oferece um milhão de dólares? E isso é só o começo...

– Acho bizarro.

Um pequeno toque de irritação atravessou a expressão preocupada de Madeleine e ela voltou para a cozinha.

– Claro que é bizarro! – gritou Sonya. – O sucesso no mundo da arte é sempre bizarro. O bizarro é o normal. Sabe quanto valem os quadrados coloridos de Mark Rothko? Por que a bizarrice pode ser um problema?

– Deixe-me assimilar isso, certo? Posso ligar para você mais tarde?

– *Acho bom* você me ligar mais tarde, David, meu brinquedinho de um milhão de dólares. Amanhã é um grande dia e eu preciso preparar você. Sinto que você ainda está pensando. Meu Deus, David, o que se passa pela sua cabeça?

– Só estou tendo dificuldade para acreditar que isso seja real.

– David, David, David, sabe o que nos dizem quando a gente está aprendendo a nadar? Pare de lutar contra a água. Relaxe e flutue. Relaxe, respire e deixe a água segurar você. Com você é a mesma coisa. Pare de lutar com real, irreal, louco, saudável, tudo

isso. Simplesmente aceite a magia. O mágico Sr. Jykynstyl e seus milhões mágicos. Um beijo!

Magia? Não existia conceito tão estranho para Gurney quanto a magia. Nada tão sem sentido, tão absurdamente vazio.

Parou junto à mesa, olhando pela janela. O céu acima do morro, que havia pouco era de um vermelho-sangue, se transformara em uma mortalha escura violeta e cinzenta e a grama no pasto atrás da casa tinha apenas uma lembrança do verde.

Houve um estardalhaço na cozinha, o ruído de tampas de panela caindo do escorredor de pratos atulhado, depois o som de Madeleine empilhando-as de novo.

Gurney saiu do escritório escuro para a cozinha iluminada. Madeleine enxugava as mãos num pano de pratos.

– O que aconteceu com o carro? – perguntou ela.

– O quê? Ah. Atropelei um cervo. – A lembrança era nítida, repugnante.

Ela encarou-o, alarmada e triste.

Gurney continuou:

– Ele saiu correndo do mato bem na minha frente. Não tive como desviar.

Ela arregalou os olhos e soltou um pequeno som ofegante.

– O que aconteceu com o cervo?

– Morreu. Instantaneamente. Eu chequei. Não tinha nenhum sinal de vida.

– O que você fez?

– O que eu fiz? O que eu poderia...? – De repente sua mente foi invadida pela imagem do filhote de cervo no acostamento, a cabeça torcida, os olhos abertos sem enxergar: uma imagem cheia de emoções antigas causadas por outro acidente, sentimentos que apertaram seu coração tão forte que ele quase parou de bater.

Madeleine observou-o, parecendo ler seus pensamentos, estendeu o braço e tocou na mão dele de leve. Enquanto se recuperava aos poucos, ele a encarou e viu nos olhos dela uma tristeza que simplesmente era parte de tudo o que ela sentia, até mesmo de sua alegria. Sabia que muito tempo antes ela enfrentara a morte do filho de um modo que ele não fora capaz, de um modo a que ele jamais estaria disposto, de um modo que nunca conseguiria

fazer. Tinha consciência de que um dia teria de enfrentar a situação. Mas, por enquanto, não.

Talvez isso fosse parte do que o separava de Kyle, seu filho do primeiro casamento. Mas teorias desse tipo soavam como papo de terapeuta e para ele não serviam de nada.

Virou-se para a porta de vidro e olhou o crepúsculo, agora suficientemente escuro para que até o celeiro vermelho ficasse com a cor indistinguível.

Madeleine se virou para a pia e começou a enxugar as panelas empilhadas. Quando finalmente falou, a pergunta veio de uma direção inesperada:

– Então você planeja resolver tudo em mais uma semana e entregar o bandido em segurança aos mocinhos numa caixa com um laço de fita?

Gurney não precisou olhar para ver o sorriso interrogativo e sem humor dela.

– Se foi o que eu disse, então a intenção é essa.

Ela assentiu, sem esconder o ceticismo.

Houve um longo silêncio enquanto ela continuava a secar as panelas com uma atenção maior do que a usual e depois enfileirá-las no aparador de pinho com uma precisão que começou a dar nos nervos dele.

– Aliás – disse Gurney, com mais agressividade do que pretendia –, por que você está em casa?

– O quê?

– Não é o dia do tricô?

Ela assentiu.

– Decidimos terminar um pouco antes.

Ele achou ter ouvido algo estranho na voz dela.

– Por quê?

– Houve um probleminha.

– Ah, é?

– Bem, na verdade, Marjorie Ann vomitou.

Gurney piscou.

– O quê?

– Ela vomitou.

– Marjorie Ann Highsmith?

– Ela mesma.

Ele piscou de novo.

– Como assim, vomitou?

– Qual é a dificuldade de entender isso?

– Quero dizer, onde? Bem ali na mesa?

– Não, não *na mesa*. Ela se levantou, correu para o banheiro e...

– E?

– Não conseguiu chegar lá a tempo.

Gurney notou que uma luz quase imperceptível havia retornado aos olhos de Madeleine, um vislumbre do humor sutil com que ela via quase tudo e que equilibrava sua tristeza. Era uma luz que ultimamente andara sumida. Ele desejou com toda a sua força, naquele momento, aumentar a chama daquela luz, mas sabia que, caso se esforçasse muito, só conseguiria apagá-la.

– Imagino que tenha sido a maior sujeira.

– Ah, foi. E... hã... não ficou num lugar só.

– Não ficou... o quê?

– Bom, ela não vomitou direto no chão. Na verdade, vomitou em cima dos gatos.

– Gatos?

– Hoje a reunião foi na casa da Bonnie. Você lembra que ela tem dois gatos?

– Lembro vagamente.

– Eles estavam deitados juntos numa caminha que ela deixa no corredor, perto do banheiro.

Gurney começou a rir, uma diversão súbita tomando conta dele.

– Pois bem, Marjorie Ann só conseguiu chegar até os gatos.

– Ah, meu Deus. – Agora ele estava dobrado ao meio de tanto rir.

– E ela vomitou um bocado. Quer dizer, foi... substancial. Bom, os gatos saíram quase voando da caminha e entraram a toda na sala.

– Cobertos...

– Sim, sim, cobertos daquilo. Ficaram correndo feito doidos pela sala, por cima dos sofás, das poltronas. Foi realmente incrível.

– Meu Deus... – Gurney não conseguia se lembrar da última vez que tinha rido tanto.

– E é claro – concluiu ela – que depois disso ninguém conseguiu comer. E também não dava para ficar na sala. Naturalmente, oferecemos ajuda a Bonnie para limpar tudo, mas ela não aceitou.

Depois de um curto silêncio, ele perguntou:

– Quer comer alguma coisa agora?

– Não! – Ela estremeceu. – Nem fale em comida.

A imagem dos gatos o fez rir de novo.

No entanto, a sugestão de comer havia provocado na mente de Madeleine uma associação com o jantar de Gurney do dia seguinte e isso extinguiu o brilho de seus olhos.

Quando ele finalmente parou de rir, ela perguntou:

– Então amanhã à noite vão ser só você, Sonya e o colecionador maluco no jantar?

– Não – respondeu ele, feliz pela primeira vez porque Sonya não estaria presente. – Só o colecionador maluco e eu.

Madeleine ergueu uma sobrancelha interrogativa.

– Pensei que ela seria capaz de matar para estar nesse jantar.

– Na verdade, o jantar foi trocado por um almoço.

– *Almoço?* Você já está sendo rebaixado?

Gurney não demonstrou qualquer reação, mas, absurdamente, o comentário o feriu.

Capítulo 40

Um latido fraco

Assim que terminou com as panelas e os pratos, Madeleine preparou uma xícara de chá de ervas e se acomodou com a bolsa de tricô numa das poltronas estofadas na outra extremidade da sala. Gurney, segurando uma pasta do caso Perry, dirigiu-se logo depois à poltrona gêmea, do lado oposto da lareira. Os dois ficaram sentados num isolamento cheio de companheirismo, cada um à luz de um abajur.

Ele abriu a pasta e extraiu o relatório do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos. O documento de 36 páginas era bastante abrangente, mas só era útil se o policial que o preenchesse fosse exato e meticuloso. Um dos objetivos era revelar semelhanças em relação ao *modus operandi* com outros crimes arquivados, mas nesse caso não havia anotações de descobertas posteriores feitas pelo programa de análise comparativa. Gurney estava examinando as 36 páginas para garantir que não tinha deixado passar algo importante na primeira vez em que o lera.

Estava com dificuldade para se concentrar, pensando que deveria ligar para Kyle e procurando pretextos para adiar. A diferença de horário entre Nova York e Seattle servira como uma desculpa conveniente nos últimos três anos, mas agora Kyle estava de volta a Manhattan para cursar a faculdade de direito de Columbia e a protelação de Gurney havia perdido a razão. O que não quer dizer que tivesse acabado, ou mesmo que suas verdadeiras causas tivessem ficado claras para ele.

Às vezes ele dizia que isso era culpa de seus frios genes celtas, o que era cômodo porque tirava a responsabilidade pela situação dos ombros dele. Em outras ocasiões se convencia de que era um círculo vicioso de culpa: a culpa por não telefonar, que criava por

sua vez uma resistência cada vez maior a telefonar, que o deixava mais culpado ainda. Até onde se lembrava, tinha sido movido pela culpa na infância, o sentimento de responsabilidade de um filho único pelo casamento tenso e instável dos pais. Em outras ocasiões, ainda, ele suspeitava que o problema era que Kyle o fazia se lembrar demais de sua primeira esposa, assim como de uma quantidade excessiva de desentendimentos feios com ela.

E havia o fator da decepção. No meio da crise do mercado de ações, quando Kyle anunciou que trocaria o banco de investimentos pela faculdade de direito, Gurney por um momento tivera a ilusão de que o rapaz poderia se interessar em seguir os seus passos, entrando para o mundo da lei. Mas logo ficou claro que Kyle só estava pegando outro caminho para o velho objetivo do sucesso material.

– Por que você simplesmente não telefona para ele? – Madeleine o encarava, com as agulhas de tricô pousadas em cima de um cachecol laranja inacabado em seu colo.

Ele sustentou o olhar dela, um pouco espantado mas não totalmente perplexo com sua sensibilidade espantosa.

– Você fica com a mesma cara sempre que pensa nele – esclareceu ela, como se fosse algo óbvio. – Não é uma expressão de felicidade.

– Vou ligar.

Voltou a examinar o relatório com uma nova urgência, como se estivesse trancado numa sala procurando uma saída oculta. Não surgiu nada que parecesse novo ou diferente do que recordava. Folheou os outros documentos que estavam na pasta.

Uma das várias análises do DVD da festa do casamento terminava com o seguinte resumo: “A localização de todas as pessoas presentes na propriedade de Ashton durante a cronologia do homicídio foi verificada através de imagens de vídeo com marcação de tempo.” Gurney sabia bem o que isso significava, recordando o que Hardwick dissera na noite em que assistiram ao vídeo, mas, dada a sua importância fundamental, queria ter certeza.

Pegou seu celular e ligou para Hardwick. Foi transferido imediatamente para a caixa postal, que disse: “Aqui é Hardwick. Deixe seu recado.”

– É o Gurney. Tenho uma pergunta sobre o vídeo.

Menos de um minuto depois seu telefone tocou. Não se deu o trabalho de verificar o identificador de chamadas.

– Jack?

– Dave? – Era uma voz de mulher que lhe soou familiar, mas ele não a identificou imediatamente.

– Desculpe, eu imaginei que fosse outra pessoa. Aqui é o Dave.

– É Peggy Meeker quem está falando. Acabei de responder ao seu e-mail, aí achei melhor ligar, caso você demorasse a checar sua caixa de mensagens. – A voz dela estava acelerada de empolgação.

– O que aconteceu?

– Você queria saber sobre a peça de Edward Vallory: a trama, os personagens, qualquer informação disponível. Bom, você não vai acreditar, mas eu entrei em contato com o departamento de literatura inglesa na Universidade Wesleyan e adivinhe só quem ainda está lá: o professor Barkless, que deu aquele curso.

– Que curso?

– O curso sobre teatro elisabetano que eu fiz. Deixei um recado e ele retornou minha ligação. Não é incrível?

– O que ele lhe disse?

– Bom, essa é a parte espantosa de verdade. Está preparado?

Houve um bipe de ligação em espera no celular de Gurney, que ele ignorou.

– Pode falar.

– Bom, para começar, o nome da peça era *O jardineiro espanhol*. – Ela parou, esperando uma reação.

– O que mais?

– O nome do personagem central era Hector Flores.

– Está falando sério?

– E não para por aí. Vai ficando cada vez melhor. O enredo, descrito parcialmente por um crítico da época, é uma daquelas tramas complicadas em que os personagens usam disfarces e as pessoas da própria família não os reconhecem e todo tipo de esquisitice, mas a história central – houve outro bipe de chamada em espera –, que é bem louca, é que Hector Flores foi expulso de casa pela mãe, que matou o pai dele e seduziu seu irmão. Anos depois, Hector retorna, disfarçado de jardineiro, e, para resumir,

engana o irmão por meio de mais disfarces e identidades falsas, levando-o a cortar a cabeça da mãe. Era tudo muito dramático, e talvez por isso todas as cópias da peça tenham sido destruídas depois da primeira apresentação. Não está claro se a trama se baseava em alguma variação antiga do mito de Édipo ou se era apenas uma história grotesca imaginada por Vallory. Ou pode ter sido de algum modo influenciada pela *Tragédia espanhola*, de Thomas Kyd, que também é meio exagerada em termos emocionais, então quem sabe? Mas esses são os fatos básicos, vindos direto do professor Barkless.

O cérebro de Gurney estava mais acelerado do que a voz ofegante de Peggy Meeker.

Depois de um momento, ela perguntou:

– Quer que eu repita?

Outro bipe.

– Você disse que está tudo no e-mail que você me mandou?

– É, tudo detalhado. E eu coloquei o número do telefone do professor, caso você queira falar direto com ele. É tão empolgante, não é? Isso dá a você... tipo... uma visão totalmente nova do caso?

– Talvez seja mais um reforço de uma das visões existentes. Vamos ver no que isso vai dar.

– Certo. Tudo bem. Depois me conte.

Bipe.

– Peggy, tem alguém tentando ligar para mim. A gente se fala depois. E obrigado. Isso pode ajudar muito.

– Claro, fiquei feliz em ser útil. E me avise se houver mais alguma coisa que eu possa fazer.

– Pode deixar. Obrigado de novo.

Ele apertou uma tecla para atender a chamada em espera.

– Demorou muito para atender. A pergunta não deve ser tão urgente assim.

– Ah, oi, Jack. Obrigado por ligar de volta.

– E a pergunta é...

Gurney sorriu. Realmente, o passatempo predileto de Hardwick era ser grosseiro.

– Podemos confiar na localização de cada indivíduo na festa durante o tempo em que Jillian estava no chalé?

– Totalmente.

– Como você sabe?

– Pelo modo como as câmeras foram arrumadas, não havia pontos cegos.

Convidados, funcionários do bufê, músicos: todos estavam na gravação o tempo todo.

– A não ser Hector.

– A não ser Hector, que estava no chalé.

– Que você *acha* que estava no chalé.

– Aonde você quer chegar?

– Só estou tentando separar o que nós sabemos do que achamos que sabemos.

– Quem mais estaria lá, porra?

– Não sei, Jack. E você também não. Aliás, obrigado por ter me falado sobre sua internação para desintoxicação.

Houve um longo silêncio.

– Quem contou isso para você?

– Com certeza não foi você.

– E daí?

– Sou um cara que prefere tudo às claras, Jack.

– Tudo às claras? Vou deixar tudo às claras: o babaca do Rodriguez me tirou do caso Perry porque eu disse a ele que perseguir cada porra de mexicano ilegal no estado de Nova York era a maior perda de tempo que eu já tinha visto. Em primeiro lugar, ninguém iria admitir que trabalhava ilegalmente, sonegando impostos. E com certeza não iria dizer que tinha qualquer contato com alguém procurado por assassinato. Dois meses depois, no meu dia de folga, fui chamado de emergência para uma perseguição a dois idiotas que atiraram num frentista de posto de gasolina na estrada e alguém que estava lá disse ao capitão Marvel que eu fedia a álcool, por isso me ferrei. O escrotinho vivia sonhando com um jeito de me pegar desprevenido. Agora tinha a oportunidade. Então o que ele fez? O babaquinha me enfiou numa porra de uma espelunca de desintoxicação cheia de viciados em crack. Vinte e oito dias de sofrimento, porra. No meio dos vagabundos, Davey! Uma porra de um pesadelo! Vagabundos! Durante 28 dias eu só conseguia pensar em matar aquele imbecil do capitão Babaca e

arrancar a porra da cabeça dele! Está tudo às claras para você agora?

– Está, Jack. O problema é que a investigação saiu dos trilhos e precisa recomeçar do zero. E precisa ter pessoas mais interessadas em resolvê-la do que em sacanear umas às outras.

– Não diga. Bom, boa sorte, Sr. Voz da Razão.

A ligação foi interrompida.

Gurney pousou o telefone em cima da pasta do caso. Ouviu os estalos das agulhas de tricô de Madeleine e olhou para ela.

Ela sorriu sem levantar os olhos.

– Problemas?

Ele deu um riso sem humor.

– A investigação precisa ser completamente reorganizada e redirecionada e eu não tenho poder para fazer isso acontecer, só isso.

– Pense a respeito. Você vai encontrar um modo.

Ele considerou o que ela falou.

– Através do Kline, você quer dizer?

Ela deu de ombros.

– Durante o caso Mellery, você me disse que ele tinha grandes ambições.

– Eu não ficaria surpreso se ele se imaginasse presidente algum dia. Ou ao menos governador.

– Bom, aí está.

– Aí está o quê?

Ela se concentrou por um minuto numa mudança da técnica do tricô, depois levantou os olhos, aparentemente achando divertida a tentativa frustrada dele de captar o óbvio.

– Ajude-o a ver como isso se liga às grandes ambições dele.

Quanto mais Gurney pensava, mais perspicaz o comentário parecia. Como um animal político, Kline era supersensível à dimensão midiática em qualquer investigação. Esse era o caminho mais seguro para conseguir uma aliança com ele.

Gurney pegou o telefone e ligou para o promotor. A mensagem gravada oferecia três opções: ligar de novo de segunda a sexta entre oito da manhã e seis da tarde; deixar o nome e um número de telefone para que ele pudesse retornar no horário comercial; ligar

para seu número de emergência se fosse um caso que exigisse ajuda imediata.

Gurney digitou o número de emergência em seu celular, mas antes de apertar a tecla “ligar”, decidiu pensar melhor no que iria dizer – primeiro para a pessoa que atendesse e depois para Kline, se o telefonema fosse transferido –, porque sabia que era crucial pescar com a isca certa.

As agulhas de tricô pararam de estalar.

– Ouviu isso? – Madeleine inclinou a cabeça ligeiramente na direção da janela mais próxima.

– O quê?

– Preste atenção.

– Em quê?

– Shhh...

Justo quando ia insistir que não estava escutando nada, seus ouvidos reconheceram os latidos fracos dos coiotes a distância. Depois, silêncio, restando apenas a imagem que permanecia em sua mente de animais parecidos com lobos pequenos e magros correndo numa matilha espaçada, selvagens e impiedosos como o vento num campo enluarado, além da crista do morro ao norte.

O telefone, ainda em sua mão, tocou. Ele verificou o identificador de chamadas: Galeria Reynolds. Olhou para Madeleine. Nada na expressão dela sugeria que tivesse adivinhado quem estava ligando.

– Dave falando.

– Quero ir para a cama. Vamos acabar logo com isso. – Depois de um silêncio incômodo, ela soltou um riso suave, íntimo, na verdade mais uma espécie de ronronar do que um riso, e continuou: – Eu quis dizer que tenho a intenção de dormir cedo, e caso você estivesse planejando ligar mais tarde para conversar sobre amanhã, seria melhor falar agora.

– Boa ideia.

De novo o riso aveludado.

– O que estou pensando é bem simples. Não posso lhe dizer o que falar com Jykynstyl, porque não sei o que ele vai perguntar. Então você deve ser você mesmo: o sábio detetive de homicídios, o

sujeito reservado que já viu de tudo, o homem que está do lado dos anjos, que luta com os demônios e sempre vence.

– Nem sempre.

– Bom, você é humano, certo? Ser humano é importante. Isso o torna real, e não algum herói falso, entendeu? Então você só precisa agir naturalmente. Você é mais impressionante do que imagina, David Gurney.

Ele hesitou.

– Só isso?

Desta vez o riso foi mais melodioso, mais divertido.

– Para você, sim. Para mim, não. Você já leu nosso contrato alguma vez, aquele que assinou para a exposição do ano passado?

– Acho que li na época. Recentemente, não.

– Ele diz que a Galeria Reynolds tem direito a uma comissão de 40 por cento sobre as obras expostas, 30 por cento sobre as obras em catálogo e 20 por cento sobre todas as obras futuras criadas para clientes apresentados ao artista por intermédio da galeria. Isso parece familiar?

– Vagamente.

– Vagamente. Certo. Mas está tudo bem ou você tem algum problema com isso, pensando daqui para a frente?

– Tudo bem.

– Ótimo. Porque vamos nos divertir muito trabalhando juntos. Posso sentir isso, e você?

Madeleine, inescrutável, parecia fixada na borda ornamental de seu cachecol, que crescia lentamente, ponto após ponto.

Capítulo 41

O grande dia

A manhã estava gloriosa, uma foto do outono digna de um calendário. O céu era de um azul empolgante, sem sombra de qualquer nuvem. Madeleine já havia saído para um dos seus passeios de bicicleta pelo vale do rio que se estendia por quase 30 quilômetros a leste e a oeste de Walnut Crossing.

"O dia está perfeito", dissera antes de sair, insinuando pelo tom de voz que a decisão dele de ir à cidade para tratar da negociação de obras de arte tão horrendas o tornava tão louco quanto Jykynstyl. Ou talvez ele tivesse chegado a essa conclusão sozinho e estivesse culpando-a.

Gurney encontrava-se sentado à mesa do café da manhã, junto à porta dupla de vidro, olhando o celeiro do outro lado do pasto, um vermelho vivo à límpida luz matinal. Tomou o primeiro gole energizante de café, depois pegou o telefone e ligou para o número de emergência de Sheridan Kline.

Foi atendido por uma voz monótona e sem graça – que lhe trouxe à mente uma lembrança nítida do homem a quem ela pertencia.

– Stimmel. Gabinete da promotoria.

– Aqui é Dave Gurney. – Ele fez uma pausa, sabendo que Stimmel se lembraria dele do caso Mellery, mas não se surpreendeu nem um pouco quando o sujeito não admitiu isso. Stimmel tinha o calor e a eloquência, além do aspecto atarracado, de um sapo.

– Pois não?

– Preciso falar com Kline o mais rápido possível.

– É mesmo?

– Questão de vida ou morte.

– De quem?

– Dele.

O tom sombrio se tornou mais duro.

– O que isso quer dizer?

– Você está familiarizado com o caso Perry? – Gurney interpretou o silêncio dele como um sim. – Ele está prestes a explodir num circo midiático, talvez como o maior caso de assassinatos em série da história do estado. Achei que Sheridan poderia querer saber disso com antecedência.

– Sobre o que você está falando?

– Eu já lhe disse.

– Me dê os fatos, espertinho, e eu repasso para ele.

– Não tenho tempo para falar tudo duas vezes. Preciso falar com ele *agora*, mesmo que você tenha de arrancar a bunda dele do vaso. Diga que esse caso vai fazer o Mellery parecer uma simples contravenção.

– É melhor isso não ser papo furado.

Gurney achou que esse era o modo de Stimmel dizer: *Passar bem, entraremos em contato.* Pousou o telefone, pegou o café e tomou outro gole. Ainda estava bom e quente. Olhou para os aspargos inclinando-se à brisa suave. As questões sobre fertilização – se, quando, quanto – que haviam ocupado sua mente menos de uma semana antes pareciam agora infinitamente adiáveis. Esperava não ter pegado pesado demais com Stimmel.

Dois minutos depois, Kline estava ao telefone, empolgado como uma mosca sobre esterco fresco.

– Que negócio é esse? Explosão na mídia?

– É uma longa história. Você está com tempo?

– Que tal você me fazer um resumo em uma frase?

– Imagine a seguinte manchete: “Polícia e promotoria não têm nenhuma pista enquanto assassino em série sequestra ex-alunas da escola Mapleshade”.

– Nós não conversamos sobre isso ontem?

– Tenho informações novas.

– Onde você está?

– Em casa, mas vou para a cidade dentro de uma hora.

– Isso é sério? Não é uma teoria maluca?

– É bem real.

Houve uma pausa.

– A sua linha telefônica é segura?

– Não faço ideia.

– Você pode pegar a autoestrada para a cidade, não pode?

– Acho que sim.

– Então poderia dar uma passada no meu escritório, no caminho?

– Poderia.

– Você pode sair agora?

– Talvez em dez minutos.

– Esteja na minha sala às nove e meia. E, Gurney?

– Sim?

– É melhor que isso seja verdade.

– Sheridan?

– O quê?

– Se eu fosse você, rezaria para que não fosse.

Dez minutos depois Gurney estava na estrada indo para o leste, na direção do sol. Sua primeira parada foi no Abelard's, para um copo de café em substituição à xícara quase cheia que ele deixara na mesa da cozinha, na pressa de sair.

Sentou-se por um tempo na pequena área coberta de cascalho que servia de estacionamento, reclinou o banco e tentou relaxar concentrando-se apenas no sabor da bebida. Isso não costumava dar muito certo, e Gurney imaginou por que continuava tentando. A única coisa que conseguia era mudar o foco do pensamento, mas não necessariamente para algo menos preocupante. Nesse caso, em vez de pensar na confusão da investigação, começou a pensar na confusão de seu relacionamento com Kyle – e na urgência crescente que sentia de ligar para ele.

Na verdade, era ridículo. Só precisava parar de empurrar com a barriga e dar o telefonema. Sabia muito bem que adiar não passa de uma fuga de curto prazo que cria um problema de longo prazo que ocupa cada vez mais espaço no cérebro e causa um desconforto cada vez maior. Em termos racionais, não havia nem o que discutir. Em termos racionais, ele sabia que a maior parte do sofrimento em sua vida decorria de querer evitar o desconforto.

Tinha o número de Kyle na discagem rápida. *Meu Deus! Faça logo isso!*

Pegou o telefone, ligou para o número e foi atendido pela caixa postal: “Oi, é o Kyle. Não posso atender agora. Por favor, deixe seu recado.”

– Oi, Kyle, é o seu pai. Estou ligando para saber o que você está achando da Columbia. A divisão do apartamento está dando certo? – Ele hesitou, depois quase perguntou sobre Kate, a ex-mulher de Kyle, mas decidiu não fazer isso. – Não é nada urgente, só estava pensando em você. Dê uma ligada quando puder. A gente se fala. – Gurney apertou o botão para desligar.

Foi uma experiência curiosa. Meio confusa, como o restante de sua vida emocional. Sentiu-se aliviado por finalmente ter ligado. E também, para ser honesto, por ter caído na caixa postal. Mas talvez agora pudesse parar de pensar nisso, pelo menos por algum tempo. Tomou mais dois goles de café, olhou a hora –8h52 – e voltou à estrada.

Tirando um automóvel Audi reluzente e um punhado de Ford e Chevy menos reluzentes com placas oficiais, o estacionamento do prédio da promotoria estava vazio, como costumava acontecer nas manhãs de sábado. O edifício de tijolos sujos parecia frio e deserto, cada pedacinho lembrando a instituição medonha a que já pertencera.

Kline saltou do Audi enquanto Gurney parava numa vaga próxima. Outro carro, um Crown Victoria, entrou no estacionamento e parou do outro lado do Audi. Rodriguez saiu de trás do volante.

Gurney e Rodriguez se aproximaram de Kline vindo de direções opostas. Acenaram com a cabeça para o promotor, mas não um para o outro. Kline foi o primeiro a entrar no prédio, por uma porta lateral da qual ele tinha a chave, depois os três subiram um lance de escada. Nenhuma palavra foi dita até se encontrarem sentados nas poltronas de couro em volta da mesa de centro no escritório. Rodriguez cruzou os braços diante do peito. Seus olhos escuros estavam indecifráveis atrás dos óculos de armação de aço.

– Muito bem – disse Kline, inclinando-se à frente. – Vamos direto ao ponto. – Lançou a Gurney o mesmo olhar penetrante que

devia dar às testemunhas hostis no tribunal. – Estamos aqui por causa da bomba que você prometeu, meu amigo. Vamos lá.

Gurney assentiu.

– Certo. A bomba. Talvez você queira fazer anotações. – Um tremor sob um dos olhos do capitão disse a Gurney que ele via a sugestão como um insulto.

– Vá direto ao assunto – disse Kline.

– A bomba vem em partes. Vou jogá-las na mesa para vocês as encaixarem. Em primeiro lugar, Hector Flores é o nome de um personagem de uma peça de teatro, um personagem que finge ser um jardineiro espanhol. Bela coincidência, não?

Kline franziu a testa interrogativamente.

– Sobre o que é a peça?

– É aí que fica interessante. A trama envolve a violência de um grande tabu sexual, o incesto, que é um elemento comum na infância dos agressores sexuais.

O franzido na testa de Kline se intensificou.

– Então você está dizendo... o quê?

– Estou dizendo que é muito provável que o homem que morou no chalé de Ashton tenha tirado o nome Hector Flores da tal peça.

O capitão soltou uma pequena fungada de incredulidade.

– Acho que precisamos de mais detalhes – disse Kline.

– A peça é sobre incesto. O personagem Hector Flores aparece disfarçado de jardineiro. E... – Gurney não pôde resistir a uma pausa dramática – a personagem feminina, a culpada da história, acaba tendo a cabeça cortada.

Os olhos de Kline se arregalaram.

– O quê?

Rodriguez lançou um olhar incrédulo para Gurney.

– Onde diabo está essa peça?

Em vez de mergulhar na discussão que certamente aconteceria se revelasse que o texto integral da peça não existia mais, Gurney forneceu ao capitão o nome e o cargo do ex-professor de Peggy Meeker.

– Tenho certeza de que ele adoraria discutir a obra com você. Falando nisso, não há dúvida de que ela tem relação com o

assassinato de Jillian Perry. O nome do dramaturgo é Edward Vallory.

Kline demorou dois segundos para registrar isso.

– A assinatura da mensagem de texto?

– Isso. Então agora temos certeza de que a identidade de "trabalhador mexicano" era uma tramoia desde o início, uma tramoia em que todo mundo caiu.

O capitão parecia furioso a ponto de explodir.

Gurney continuou:

– Esse cara apareceu em Tambury com um plano de longo prazo e muita paciência. A obscuridade da referência literária significa que estamos lidando com um indivíduo bastante sofisticado. E o conteúdo da peça de Vallory indica que é quase certo que o histórico da vida sexual de Jillian Perry tenha sido o motivo para o assassinato.

Kline parecia estar tentando disfarçar seu atordoamento.

– Certo, então temos uma nova abordagem aqui.

– Infelizmente isso é só a ponta do iceberg.

O promotor arregalou os olhos.

– Que iceberg?

– As ex-alunas desaparecidas.

Rodriguez balançou a cabeça.

– Já foi dito e vou dizer de novo: não existe prova de que alguém esteja *desaparecido*.

– Desculpe – falou Gurney. – Não quis usar mal um termo jurídico. Você está certo: o nome de ninguém entrou em uma lista oficial de pessoas desaparecidas. Então vamos chamá-las de quê? Ex-alunas da Mapleshade com localização atual não verificável? Assim está melhor para você?

Rodriguez se inclinou para a frente, com a voz áspera.

– Não sou obrigado a aturar suas piadinhas!

Kline levantou a mão como um guarda de trânsito.

– Rod, Rod, vá com calma. Nós todos estamos meio... você sabe... Vá com calma. – Ele esperou até que o sujeito começasse a se acomodar de novo na poltrona para voltar a atenção a Gurney. – Vamos supor que uma ou mais dessas jovens estejam

desaparecidas, ou fora de localização, ou qualquer que seja o termo correto. Nesse caso, qual é a sua conclusão?

– Se elas foram sequestradas pelo sujeito que se autodenomina Hector Flores, minha conclusão é que estão mortas ou estarão em breve.

Rodriguez se inclinou à frente da poltrona de novo.

– Não existe prova! *Se, se, se, se*. É só uma suposição em cima da outra.

Kline respirou fundo.

– Esse realmente parece um grande salto, Dave. Você pode nos dar uma ajudinha com a lógica?

– O conteúdo da peça, além dos torpedos mandados por Vallory, sugere que o assassinato de Jillian Perry foi um ato de vingança por abuso sexual. Um histórico de abusos sexuais parece ser fator comum entre as alunas da Mapleshade, o que torna todas elas alvos em potencial. Isso transformaria a Mapleshade no local perfeito para um assassino motivado por esse tipo de questão encontrar suas vítimas.

– "Alvos em potencial", ouviu isso? "Potencial": foi o que ele falou. É isso que eu quero dizer. – Rodriguez balançou a cabeça. – Tudo isso é...

– Espere aí, Rod, por favor – interveio Kline. – Entendo o que você quer dizer. Acredite, estou do seu lado. Sou um sujeito ligado às provas, assim como você. Mas vamos ouvi-lo. Você sabe que não podemos deixar de considerar nada. Vamos ouvi-lo, certo?

Rodriguez se calou mas continuou balançando a cabeça de forma aparentemente involuntária. Kline fez um pequeno gesto de cabeça para Gurney prosseguir.

– Com relação às garotas desaparecidas, a semelhança entre as discussões que as levaram a sair de casa pode ser vista como uma evidência de conspiração até que se prove o contrário. É inconcebível que todas tivessem feito a exigência de um carro caro por pura coincidência. Uma explicação razoável é que foi uma maquinação criada para facilitar os sequestros.

Kline fez uma cara de quem sofre de azia.

– Você tem mais algum fato que sustente a hipótese do sequestro?

– Hector Flores tinha se oferecido para fazer alguns serviços na Mapleshade e as garotas que não podem ser localizadas foram vistas conversando com ele na escola.

Rodriguez ainda balançava a cabeça.

– É uma conexão bem frágil.

– Você tem razão, capitão – disse Gurney, cansado. – De fato, a maior parte do que sabemos é bastante frágil. Todas as jovens sumidas ou sequestradas tinham aparecido anteriormente em anúncios de teor sexual para a Karnala Fashion, assim como Jillian Perry, mas não temos nenhuma informação sobre essa empresa. Não foi determinado, nem mesmo investigado, como esses trabalhos de modelo aconteceram. No momento, o número total de jovens que podem estar sumidas ainda é desconhecido. Não sabemos se as garotas que não conseguimos contatar se encontram vivas ou mortas nem se enquanto estamos aqui conversando estão acontecendo sequestros. Tudo o que estou fazendo é dizer o que acho. O que temo. Talvez eu esteja completamente pirado, capitão. Aliás, espero estar, porque a outra opção é assustadora.

Kline engoliu em seco.

– Então você admite que há uma boa quantidade de suposições em seu ponto de vista.

– Sou um policial de homicídios, Sheridan. Sem algumas suposições... – Gurney deu de ombros, deixando o resto no ar.

Houve um longo silêncio.

Rodriguez pareceu desinflado, menor, como se metade da raiva tivesse ido embora mas não tivesse sido substituída por nada.

– Vamos supor – disse Kline – que você esteja totalmente correto. – Ele estendeu as duas mãos com as palmas para cima, como se indicasse que estava com a mente aberta até mesmo para a teoria mais absurda. – O que você faria?

– A tarefa crucial é descobrir o mais rápido possível quais garotas estão desaparecidas. Consigam todas aquelas listas da turma da Mapleshade que contêm os contatos das famílias. Peguem isso com Ashton agora de manhã, se possível. Entrevistem cada família, cada ex-aluna da turma de Jillian que vocês possam encontrar, depois todo mundo do ano anterior e do seguinte.

Obtenham das famílias das garotas desaparecidas todos os detalhes descritivos e circunstanciais para colocá-los nos bancos de dados do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos, do Sistema Nacional de Pessoas Desaparecidas e não Identificadas e do Centro Nacional de Informações Criminais, especialmente se o último contato com a família incluir a discussão da qual ouvimos falar.

Kline olhou para Rodriguez.

– Parece algo que poderíamos fazer independentemente de qualquer coisa.

O capitão assentiu.

– Certo, continue.

– Em qualquer caso em que a filha esteja fora de localização, coletem amostras de DNA de um parente em primeiro grau: mãe, pai, irmãos. Assim que o laboratório do Bureau de Investigação Criminal tiver o resultado, comparem-no com o perfil de cada mulher morta não identificada que esteja dentro da faixa etária em questão.

– Qual o alcance?

– Nacional.

– Meu Deus! Você sabe o que está pedindo? Todo esse material é separado por estado, às vezes por condado. Algumas jurisdições não mantêm um banco de dados. Algumas nem coletam as amostras.

– Eu sei que é um grande pé no saco. Custa dinheiro, leva tempo e a cobertura ainda é incompleta. Mas vai ser um pé no saco maior ainda se vocês tiverem de explicar depois por que não foi feito.

– Que ótimo. – A frase saiu da boca de Kline com uma exclamação de nojo. – E depois?

– Depois encontrem Alessandro e a Karnala Fashion. Os dois parecem esquivos demais para serem empresas comerciais normais. Em seguida, entrevistem todas as alunas atuais da Mapleshade e descubram tudo o que elas sabem sobre Hector, Alessandro, a Karnala ou qualquer uma das garotas desaparecidas. Finalmente, entrevistem todos os empregados da Mapleshade.

– Você tem ideia do tamanho da equipe que está pedindo?

– Sheridan, meu trabalho é esse. – Ele fez uma pausa diante do significado do ato falho. – Quer dizer, *era* esse. O Bureau de Investigação Criminal precisa designar uma dúzia de investigadores, até mais, se puder, para isso o mais rápido possível. Assim que o assunto chegar à imprensa, você vai ser comido vivo se não tiver tomado no mínimo essas medidas.

Os olhos de Kline se estreitaram.

– Pelo modo como você está falando, nós vamos ser comidos vivos de qualquer maneira.

– A imprensa vai dar o enfoque que atrair a maior audiência – disse Gurney. – O que se chama hoje de jornalismo é uma indústria sensacionalista. Dê a eles uma história espalhafatosa, de grande escala, e eles vão adorar. Não tem erro.

Kline olhou-o com cautela.

– Por exemplo...?

– Precisa ficar claro que você trabalhou com todas as possibilidades, que foi totalmente proativo. No instante em que você e sua equipe descobriram a dificuldade que alguns pais estavam tendo para contatar as filhas, você e Rod iniciaram uma enorme investigação de assassinatos em série de prioridade máxima, com todos a postos, todas as férias canceladas e por aí vai.

O disco rígido mental de Kline parecia estar disparando para avaliar os resultados possíveis.

– E se eles questionarem os custos?

– Simples. “Numa situação dessas, ser proativo custa dinheiro. A inatividade custa vidas.” É difícil argumentar contra isso. Faça-os engolir a “Mobilização Gigantesca” e talvez assim eles se mantenham afastados da “Investigação Atrapalhada”.

Kline estava abrindo e fechando os punhos, alongando os dedos, a incerteza nos olhos se transformando em empolgação.

– Certo – disse. – É melhor começarmos a pensar na coletiva de imprensa.

– Primeiro – argumentou Gurney – você precisa dar o pontapé inicial. Se a imprensa descobrir que é tudo papo furado, a narrativa muda instantaneamente, com vocês se transformando nos panacas do ano em vez de serem os heróis da vez. Neste momento vocês

precisam tratar isso como o caso potencialmente gigantesco que é ou dar adeus à carreira.

Talvez algo na expressão de Gurney tivesse perpassado Kline, ou talvez uma pequena noção do potencial horror do caso finalmente houvesse penetrado em seu egoísmo. Fosse lá por que razão, ele piscou, coçou os olhos, recostou-se na poltrona e lançou um olhar longo e desolado para Gurney.

– Você acha mesmo que estamos lidando com um tremendo psicopata, não é?

– Acho.

Rodriguez despertou de alguma preocupação sombria em que estava concentrado.

– O que lhe dá tanta certeza? Uma peça doentia escrita há 400 anos?

O que me dá tanta certeza? Gurney pensou sobre isso. Uma intuição? Ainda que fosse um dos clichês mais antigos do ramo, não deixava de ser verdadeiro. Mas também havia outra coisa.

– A cabeça.

Rodriguez o encarou.

Gurney respirou fundo para se situar.

– Alguma coisa com relação à cabeça. Arrumada daquele jeito, virada para o corpo.

Kline abriu a boca para dizer alguma coisa, mas permaneceu calado. Rodriguez ficou apenas encarando-o.

Gurney continuou:

– Acredito que quem fez isso desse modo específico estava anunciando que está numa missão.

Kline franziu a testa.

– Querendo dizer que pretende fazer de novo?

– Ou já fez. Acredito que ele seja movido por isso.

Capítulo 42

O mágico Sr. Jykynstyl

O tempo permaneceu perfeito no caminho para a cidade de Nova York. Enquanto Gurney acelerava pela estrada, o ar puro e o céu límpido energizaram seus pensamentos, deixando-o otimista com relação ao impacto que tivera sobre Kline e, em nível menor, sobre Rodriguez.

Queria continuar com Kline, encontrar um modo de garantir que seria mantido na investigação. E queria ligar para Val, a fim de atualizá-la. Mas também precisava, naquele momento específico, pensar um pouco no encontro para o qual estava indo: a reunião com o homem do "mundo da arte", que queria lhe pagar 100 mil dólares pelo retrato alterado graficamente de um maníaco. Um homem que poderia muito bem também ser um maníaco.

O endereço fornecido por Sonya o levara a uma construção de arenito localizada no meio de um quarteirão silencioso e arborizado em Manhattan's East Sixties. O bairro recendia a riqueza, um odor nobre que o isolava da agitação das avenidas ao redor.

Parou o carro exatamente em frente à residência, num lugar em que era proibido estacionar, seguindo a orientação de Sonya, que lhe informara que Jykynstyl tinha garantido que isso não causaria qualquer problema e que o veículo seria vigiado.

Uma enorme porta preta esmaltada levava a um vestíbulo com ladrilhos ornamentados e espelhos, que conduzia a uma segunda porta. Gurney já ia apertar a campainha quando a porta foi aberta por uma jovem de aspecto fascinante. Ao olhar bem, percebeu que era uma mulher bastante comum cuja aparência era valorizada, ou ao menos dominada, por olhos extraordinários. Agora ela o avaliava como alguém testando o caimento de um blazer ou checando a qualidade de uma torta numa prateleira de confeitaria.

– O senhor é o artista?

Ele captou algo volúvel no tom de voz dela, algo que não conseguiu identificar direito.

– Meu nome é Dave Gurney.

– Venha comigo.

Entraram num grande salão. Havia um lugar para casacos e outro para guarda-chuvas, várias portas fechadas e uma ampla escada de mogno que levava ao andar de cima. O brilho escuro do cabelo dela combinava com o tom da madeira. Ela o guiou passando direto pela escada e se dirigindo a uma porta que revelou, após aberta, um pequeno elevador com sua própria porta pantográfica.

– Venha – disse com um ligeiro sorriso que ele achou meio desconcertante.

Depois que entraram, a porta deslizou sem som e o elevador subiu praticamente sem qualquer sensação de movimento.

Gurney rompeu o silêncio.

– Quem é você?

Ela se virou para ele, com os olhos notáveis parecendo se divertir com alguma piada particular.

– Sou filha dele. – O elevador havia parado de forma tão suave que Gurney não sentiu. A porta deslizou e ela saiu. – Venha.

O ambiente era mobiliado no estilo de uma opulenta sala vitoriana. Havia, dos dois lados de uma lareira enorme, plantas tropicais de folhas grandes em vasos no chão. Várias outras ficavam perto de poltronas. Atrás de um amplo arco havia uma sala de jantar, com mesa, cadeiras, aparador e muitos objetos de madeira esculpida, tudo de mogno refinadíssimo. Cortinas de damasco verde-escuro cobriam as altas janelas nos dois lados do cômodo, obscurecendo a hora do dia e a época do ano e criando a ilusão de um mundo elegante onde coquetéis estavam sempre prestes a ser servidos.

– Bem-vindo, David Gurney. Que bom que você pôde vir tão depressa de tão longe.

Gurney seguiu a voz com sotaque estranho até a fonte: um pálido homenzinho que, sentado em sua enorme poltrona de couro

ao lado de uma gigantesca planta tropical, parecia um anão. Segurava um cálice minúsculo cheio de um licor verde-claro.

– Perdoe-me por não levantar para cumprimentá-lo. Minhas costas estão sempre doendo. De uma forma perversa, a dor fica pior quando o tempo está bom. Um mistério perturbador, não é? Por favor, sente-se.

O homenzinho indicou uma poltrona igual à sua, diante da dele, do outro lado de um pequeno tapete oriental. Usava jeans desbotados e um suéter cor de vinho. O cabelo era curto, ralo e grisalho, penteado de modo casual. Seus olhos fundos davam a impressão superficial de um calmo distanciamento.

– O senhor aceita beber alguma coisa? – Seu sotaque indefinido parecia ter múltiplas origens europeias. – Cometi outra vez o erro de escolher absinto. – Ele ergueu seu licor esverdeado e olhou para ele como se fosse um amigo desleal. – Não recomendo. Na minha opinião, desde que foi legalizado e ficou perfeitamente seguro, perdeu a alma. – Em seguida levou o cálice aos lábios e tomou cerca de metade do conteúdo. – Por que fico voltando a ele? Pergunta interessante. Talvez eu seja sentimentalista. Mas o senhor, obviamente, não é. O senhor é um grande detetive, um homem esclarecido, desligado de coisas desimportantes. Portanto nada de absinto para o senhor. Mas outra coisa. O que o senhor quiser.

– Um copo d'água, por favor.

– *L' acqua minerale? Ein Mineralwasser? L' eau gazéifiée?*

– Água filtrada.

– Claro. – Ele sorriu de forma afetada. – Eu deveria saber. – Levantou a voz apenas um pouco, como alguém acostumado a ter serviçais por perto. – Um copo d'água filtrada para nosso convidado. – A garota estranhamente sorridente que se dizia filha dele saiu da sala.

Gurney sentou-se com tranquilidade na poltrona que o homenzinho havia indicado.

– Por que o senhor deveria saber que eu ia querer água filtrada?

– Pelo que a Sra. Reynolds me contou sobre sua personalidade. O senhor acabou de franzir a testa. Eu também deveria ter previsto isso. Agora o senhor está me observando com

seus olhos de detetive e se perguntando: “Quanto esse tal de Jykynstyl sabe a meu respeito? Quanto a tal de Reynolds contou a ele?” Estou certo?

– O senhor está muito à minha frente. Eu só estava me perguntando o que a água filtrada tem a ver com a minha personalidade.

– Ela disse que o senhor é tão complicado por dentro que gosta de manter as coisas simples por fora. Concorda com isso?

– Plenamente.

– Ótimo – afirmou ele, como um especialista saboreando um vinho. – Ela também avisou que o senhor não para de pensar e que sempre sabe mais do que diz.

Gurney deu de ombros.

– Isso é um problema?

Uma música começou a soar ao fundo, tão baixo que as notas eram quase inaudíveis. Era uma composição instrumental triste, tocada num violoncelo. O sussurro da melodia na sala fez Gurney se lembrar do perfume floral que recendia sutilmente no interior da casa de Scott Ashton.

O homenzinho de cabelos finos sorriu e tomou um gole de seu absinto. Uma jovem de corpo impressionante, evidente em seus jeans de cintura baixa e em sua camiseta de decote acentuado, entrou na sala e se aproximou de Gurney com um copo de cristal cheio d’água numa bandeja de prata. Tinha os olhos e a boca de uma pessoa cínica com o dobro de sua idade. Quando Gurney pegou o copo, Jykynstyl respondeu à sua pergunta.

– Certamente não é um problema para mim. Adoro homens de substância, que pensam mais do que falam. O senhor é desse tipo, não é? – Diante do silêncio de Gurney, Jykynstyl gargalhou. Era um som seco, sem humor. – Vejo que também é um homem que gosta de ir direto ao ponto. Quer saber exatamente por que estamos aqui. Muito bem, David Gurney. O negócio é o seguinte: talvez eu seja o seu maior fã. Por quê? Por dois motivos. Primeiro, acredito que o senhor é um grande retratista. Segundo, pretendo ganhar muito dinheiro com seu trabalho. Por favor, preste atenção em qual motivo eu coloquei em primeiro lugar. Pelas obras que o senhor já fez, posso dizer que tem um talento raro para mostrar a mente do

homem através das linhas de seu rosto, para deixar que a alma dele apareça através dos olhos. Este é um talento que floresce na sinceridade, na transparência, não é o talento de alguém louco por dinheiro ou atenção, que luta para ser agradável, que fala demais. É a habilidade de uma pessoa que valoriza a verdade em tudo o que faz: nos negócios, na profissão, na arte. Eu suspeitava que o senhor fosse assim, mas queria ter certeza. – Ele sustentou o olhar firme de Gurney por um longo tempo e continuou: – O que o senhor gostaria de almoçar? – Citou uma série de pratos elaborados e de nome impronunciável antes de concluir: – Pode escolher qualquer coisa. Ou prefere um pouquinho de cada?

Enquanto falava, ele começou a se levantar devagar da poltrona. Parou, procurando um lugar onde pousar o cálice, deu de ombros e o colocou delicadamente no vaso da enorme planta a seu lado. Depois, apoiando-se nos braços da poltrona com as duas mãos, pôs-se de pé com um esforço considerável e atravessou a passagem em arco que dava na sala de jantar.

A característica mais notável do cômodo era um retrato em tamanho real em uma moldura dourada, pendurado no centro da longa parede de frente para o arco. O limitado conhecimento de história da arte fez Gurney situá-lo em algum ponto da Renascença holandesa.

– É incrível, não é? – perguntou Jykynstyl.

Gurney concordou.

– Que bom que o senhor gostou. Vou falar a respeito dele enquanto almoçamos.

Dois lugares estavam postos frente à frente na mesa. As entradas que Jykynstyl havia citado estavam posicionadas entre os dois em quatro bandejas de louça, junto com garrafas de Puligny-Montrachet e Château Latour, vinhos que até um não aficionado como Gurney sabia que eram caríssimos.

Gurney optou pelo Montrachet e peixe, Jykynstyl pelo Latour e *tartare*.

– As duas garotas são suas filhas?

– São, sim.

– E vocês todos moram juntos aqui?

– De tempos em tempos. Não somos uma família com residência fixa. Eu estou sempre viajando, é a natureza da minha vida. Minhas filhas ficam aqui quando não estão morando com outras pessoas. – Ele falou desse sistema num tom que pareceu a Gurney tão falsamente casual quanto o olhar sonolento do sujeito.

– Onde o senhor passa a maior parte do tempo?

Jykynstyl pousou o garfo na beira do prato como se estivesse se livrando de uma obstrução para se exprimir com clareza.

– Não penso desse modo, em estar *aqui* por um certo tempo e *ali* durante outro tempo. Eu estou... *em movimento*, entendeu?

– Sua resposta é mais filosófica do que a minha pergunta. Vou colocar de outro modo. O senhor tem casas como esta em outros lugares?

– Parentes em outros países às vezes me *hospedam*, ou me *aturam*. – Ele mostrou seu frio sorriso de marfim. – De modo que sou um sem-teto com muitas casas. – O sotaque indefinido, que parecia pertencer a vários lugares, deu a impressão de ficar mais forte para reforçar sua característica nômade. – Como diz o maravilhoso poeta William Wordsworth, eu perambulo solitário como uma nuvem. Estou sempre em busca de preciosidades e tenho um bom olho para elas. Mas ter um bom olho não basta. Também precisamos *procurar*. Este é o meu segredo duplo, David Gurney: *tenho um bom olho e estou sempre procurando*. Para mim isso é mais importante do que morar num local específico. Eu não vivo *aqui* ou *ali*. Vivo na atividade, no movimento. Não sou um residente. Sou alguém que procura. Talvez isso seja um pouco parecido com sua vida, com a sua profissão. Estou certo?

– Entendo seu ponto de vista.

– O senhor entende meu ponto de vista, mas não concorda com ele. – Jykynstyl parecia mais entretido do que ofendido. – E, como todos os policiais, quando se trata de perguntas, o senhor prefere fazê-las a respondê-las. É uma característica da sua profissão, não é?

– É, sim.

Ele emitiu um som que poderia ser um riso ou uma tosse, mas Gurney não conseguiu saber.

– Então me deixe responder em vez de perguntar. Estou achando que o senhor quer saber por que este homenzinho maluco de nome esquisito quer pagar tanto dinheiro por esses retratos que o senhor deve fazer com bastante rapidez e facilidade.

Gurney sentiu uma fagulha de irritação.

– Não com tanta rapidez e facilidade assim. – E então sentiu um lampejo de arrependimento por ter expressado sua objeção.

Jykynstyl piscou.

– Não, claro que não. Desculpe se me expressei mal. Eu acho que falo melhor do que realmente falo, mas me perco nas nuances do idioma. Devo tentar de novo ou o senhor entendeu o que eu quis dizer?

– Acho que entendi.

– Então, a pergunta básica: por que ofereço tanto dinheiro pela sua arte? – Ele fez uma pausa e mostrou o sorriso gelado. – Porque ela vale muito dinheiro. E porque eu a quero exclusivamente, sem competição. Por isso faço uma oferta antecipada por ela, uma oferta que o senhor possa aceitar sem questionamentos, sem rodeios, sem negociação. Entendeu?

– Acho que sim.

– Ótimo. Vi que o senhor notou a pintura na parede atrás de mim. O Holbein.

– É um Hans Holbein original?

– Original? Sim, claro. Não possuo reproduções. O que achou dele?

– Não sei as palavras corretas para descrevê-lo.

– Diga o que lhe vier à mente.

– Espantoso. Estonteante. Vivo. Irritante.

Jykynstyl examinou Gurney por um longo momento antes de voltar a falar.

– Deixe-me dizer duas coisas. Primeiro, essas palavras que o senhor afirma não serem as corretas chegam mais perto da verdade do que o papo furado dos críticos de arte profissionais. Segundo, são as mesmas palavras que me vieram à mente quando vi o seu retrato de Piggert, o assassino. Exatamente as mesmas palavras. Observei os olhos do seu criminoso e pude senti-lo na sala comigo. Espantoso. Estonteante. Vivo. Irritante. Tudo o que o senhor disse

sobre o retrato de Holbein, pelo qual eu paguei mais de 8 milhões de dólares. O preço exato é confidencial, mas vou dizer mesmo assim: 8 milhões e 150 mil dólares por essa preciosidade. Um dia talvez eu o venda pelo triplo desse valor. Então agora eu quero pagar 100 mil dólares por cada uma das poucas preciosidades de David Gurney e um dia talvez eu as venda por 10 vezes esse valor. Quem sabe? O senhor aceita brindar a esse futuro comigo? Um brinde à esperança de que ambos possamos obter com essa transação a satisfação que desejamos.

Jykynstyl pareceu sentir o ceticismo de Gurney.

– Só parece muito dinheiro porque o senhor não está acostumado com ele, não porque o seu trabalho não valha. Lembre-se disso. O senhor está sendo recompensado por sua percepção extraordinária e sua capacidade de revelar essa percepção, o que não é diferente do que Hans Holbein fez. O senhor é um investigador não somente da mente criminosa, mas da natureza humana. Por que não deveria ser pago de forma adequada?

Jykynstyl levantou sua taça. Gurney acompanhou o gesto, inseguro, com sua própria taça.

– À sua percepção e à sua obra, ao nosso acordo comercial e ao senhor, detetive David Gurney.

– E ao senhor, Sr. Jykynstyl.

Beberam. A experiência surpreendeu Gurney agradavelmente. Ainda que nem de longe fosse um especialista, achou que aquele era o melhor vinho que já havia provado – e um dos poucos que se lembrava de o terem feito desejar uma segunda taça de imediato. Enquanto terminava a primeira, a jovem que o conduzira ao elevador apareceu ao seu lado com um brilho estranho nos olhos para lhe oferecer mais uma dose.

Nos minutos seguintes, os dois homens comeram em silêncio. O peixe estava maravilhoso e o vinho só parecia torná-lo mais delicioso ainda. Dois dias antes, quando Sonya falara sobre o interesse de Jykynstyl, a mente de Gurney tivera breves fantasias sobre o que o dinheiro poderia comprar, fantasias que o levaram ao litoral: às praias de Seattle, ao estreito de Puget e às ilhas San Juan sob o sol de verão, com céu azul e água cristalina. Agora essa imagem retornara, aparentemente por causa da promessa financeira

do projeto Arte com Fotos Policiais e também por causa da segunda taça, mais saborosa, do vinho.

Jykynstyl estava falando de novo, elogiando a perspicácia de Gurney, sua sutileza psicológica, seu olho para os detalhes. Mas agora era o ritmo das palavras que captava a atenção de Gurney: mais do que o significado, era o ritmo que o estimulava, que o embalava de forma suave. Agora as jovens sorriam serenamente enquanto tiravam a mesa e Jykynstyl descrevia sobremesas exóticas. Algo cremoso com alecrim e cardamomo. Algo macio com açafrão, tomilho e canela. Gurney sorriu imaginando o sotaque estranho e complexo do sujeito como se também fosse um prato feito com temperos combinados de forma exótica.

Sentiu um jorro empolgante e inédito de liberdade, otimismo e orgulho por suas realizações. Era como ele sempre quisera se sentir: cheio de clareza e força. O sentimento se misturou aos gloriosos tons de azul da água e do céu, um barco avançando, veloz, com a vela branca enfunada nas asas de uma brisa que jamais cessaria.

E então não sentiu nada.

Terceira parte

Lapso fatal

Capítulo 43

Acordando

Nenhum osso se parte tão dolorosamente quanto a ilusão de invulnerabilidade.

Gurney não tinha ideia de quanto tempo fazia que estava sentado em seu carro, nem de como o veículo chegara aonde estava estacionado, nem de que horas eram. Só sabia que já era bastante tarde, porque estava escuro, que sentia uma dor de cabeça e uma tontura junto com uma sensação de ansiedade e náusea e que não tinha nenhuma lembrança de qualquer coisa que ocorrera depois da segunda taça de vinho durante o almoço. Olhou para o relógio e viu que eram 20h45. Nunca tivera uma reação tão devastadora a qualquer quantidade de álcool, menos ainda a apenas duas taças de vinho.

A primeira explicação que lhe veio à mente foi que tinha sido drogado.

Mas por quê?

O fato de não saber aumentou sua ansiedade. Olhar impotente para o espaço vazio que deveria estar cheio de lembranças da tarde tornou a sensação pior ainda. Então percebeu, perplexo, que não estava atrás do volante, mas no banco do carona. Ter levado um minuto inteiro para perceber isso transformou sua ansiedade em pânico.

Olhou pela janela da frente e pela traseira e descobriu que estava no meio de um quarteirão comprido – provavelmente uma rua transversal em algum lugar de Manhattan –, longe demais de qualquer esquina para ler as placas. A rua era razoavelmente movimentada, com tráfego normal, formado em sua maioria por táxis, mas não havia nenhum pedestre próximo. Abriu a porta e saiu com cuidado, rígido e dolorido. Sentia-se como se tivesse ficado

sentado por um longo tempo numa posição incômoda. Olhou para os dois lados procurando algo reconhecível.

A construção escura do outro lado da rua era algum tipo de edifício institucional, talvez uma escola, com largos degraus de pedra e portas enormes de pelo menos 3 metros de altura. A fachada, clássica, tinha colunas.

Então ele viu.

Acima das colunas gregas, no centro de uma espécie de friso que se estendia por toda a largura do prédio de quatro andares, logo abaixo da linha do telhado, havia um lema gravado, quase invisível: ad studium veritatis.

Ad Studium Veritatis? A Escola Preparatória Genesius? A escola onde cursara o ensino médio? Que diabo...?

Olhou, confuso, para o escuro edifício de pedra, tentando entender a situação. Estava no banco do carona do próprio automóvel, de modo que alguém devia tê-lo levado até ali. Quem? Não fazia ideia: não tinha lembrança de ter dirigido ou de outra pessoa ter guiado seu carro.

Por que aqui?

Certamente não era coincidência ter sido levado àquele local específico naquele quarteirão específico em meio a mil quarteirões em Manhattan, bem em frente à porta da escola onde ele havia feito o ensino médio 30 anos antes, a instituição de alta reputação para onde entrara com uma bolsa de estudos, a instituição que ele tinha odiado e que desde então nunca mais visitara, uma escola da qual jamais falava e que muito poucas pessoas sabiam que ele havia frequentado.

O que, pelo amor de Deus, está acontecendo?

Olhou mais uma vez para os dois lados da rua, como se alguém familiar pudesse surgir com uma explicação simples. Ninguém apareceu. Entrou de novo no carro, desta vez atrás do volante. Encontrar a chave na ignição foi um alívio momentâneo, certamente melhor do que não achar, mas de pouco serviu para acalmar seus pensamentos agitados.

Sonya. Sonya devia saber de alguma coisa. Ela devia estar em contato com Jykynstyl. Mas se Jykynstyl era responsável, se Jykynstyl o havia drogado...

Seria possível que Sonya fizesse parte daquilo? Será que havia tramado contra ele?

Tramado o quê? E por quê? Que sentido aquilo fazia? E por que levá-lo ali? Por que ter todo esse trabalho? Como Jykynstyl sabia que escola ele tinha frequentado? E qual seria o objetivo? Provar que os detalhes de sua vida pessoal não eram inacessíveis? Fazê-lo lembrar-se do passado? Recordá-lo de alguma coisa específica de sua adolescência, de alguma pessoa ou algum acontecimento daqueles malditos anos na St. Genesius? Provocar um ataque de pânico? Mas por que diabo o mundialmente famoso Jay Jykynstyl iria querer fazer alguma dessas coisas?

Era ridículo.

Por outro lado, aumentando o número de enigmas, haveria alguma prova de que o homem que ele conhecera no prédio de arenito era mesmo Jay Jykynstyl? Mas, se não era – se o sujeito era um impostor –, qual seria o sentido de criar uma mentira tão elaborada?

E se de fato ele fora drogado, qual seria a natureza da substância? Será que ela o derrubara como um sedativo ou anestésico poderoso ou seria algo mais problemático como Rohypnol, um amnésico que acaba com as inibições?

Ou haveria algo errado com seu organismo? A desidratação severa podia causar desorientação e até mesmo alguma confusão de memória. Mas não assim. Não um branco total de oito horas.

Poderia ser um tumor cerebral? Uma embolia? Um derrame?

Seria possível que ele tivesse saído da casa de Jykynstyl, entrado em seu carro, decidido por algum capricho nostálgico dar uma olhada em sua antiga escola, saído do carro, talvez até mesmo entrado no prédio e depois...?

Depois o quê? Tinha saído do prédio, entrado no carro pelo lado do carona para guardar alguma coisa no porta-luvas ou pegar algo lá de dentro e então sofrido algum tipo de ataque? Tinha apagado? Alguns derrames eram capazes de produzir amnésia retroativa, bloqueando as lembranças do período anterior e do imediatamente posterior à sua ocorrência. Seria isso? Alguma patologia cerebral aguda?

Perguntas e mais perguntas. E nenhuma resposta. Sentiu um peso no estômago, como se ele estivesse cheio de pedras.

Olhou no porta-luvas mas não achou nada incomum, apenas o manual do carro, alguns recibos antigos, uma lanterna pequena e uma tampa plástica de garrafa d'água.

Apalpou os bolsos do paletó e encontrou o celular. Havia sete mensagens de voz e um torpedo. Aparentemente o haviam procurado nas horas perdidas. Talvez nas mensagens houvesse a explicação que procurava.

O primeiro recado, recebido às 15h44, era de Sonya: "David, ainda está no almoço? Acho que é um bom sinal. Quero saber tudo. Ligue assim que puder. Beijo."

O segundo, de 16h01, era do promotor: "David, aqui é Sheridan Kline. Estou ligando só para dizer que investigamos a Karnala Fashion e que obtivemos informações interessantes. Você sabe alguma coisa sobre a família Skard? S-K-A-R-D. Ligue para mim assim que possível."

Skard? Nome curioso. Havia algo familiar nele, uma sensação de que já o vira antes. Talvez o tivesse visto impresso em algum lugar há pouco tempo.

O terceiro recado, de 16h32, era de Kyle: "Oi, pai. Tudo bem? Até agora a Columbia está ótima. Acho. Quer dizer, tenho milhões de coisas para ler e uma aula atrás da outra. Mas vai valer a pena. Mesmo. Você faz alguma ideia de quanto um bom advogado de tribunal pode ganhar? Uma grana preta! Agora tenho que desligar. Estou atrasado para outra aula. Vivo esquecendo que horas são. Ligo mais tarde."

O quarto, de 17h05, era de Sonya, de novo: "David? O que está acontecendo? É o almoço mais longo do mundo ou o quê? Me liga. Me liga!"

O quinto, o mais curto, de 17h07, era de Hardwick: "Ei, ás, estou de volta ao caso!" Ele parecia maligno, triunfante e bêbado.

O sexto, de 17h50, era da psicóloga forense predileta de Kline: "Oi, David, aqui é Rebecca Holdenfield. Sheridan disse que você queria falar comigo sobre o assassino do facão. Estou bem ocupada, mas para isso posso arranjar um tempo. De manhã é impossível para mim, mas podemos nos encontrar no fim do dia. Me

dê uma ligada para combinarmos. Pelo pouco que sei até agora, eu diria que você está perseguindo um homem muito doente.” A animação que borbulhava por baixo do tom profissional deixava claro que ela adorava perseguir um homem muito doente. Concluiu deixando um número com código de área de Albany.

O sétimo e último recado, recebido às 20h35, era de Sonya. “Que merda, David, você está vivo?”

Ele olhou seu relógio de novo. Eram 20h58.

Ouviu o último recado mais duas vezes, procurando algum significado sério na pergunta de Sonya. Parecia haver apenas a exasperação de alguém cujos telefonemas não tinham sido retornados. Quando estava ligando para ela, se lembrou de que também havia um torpedo e decidiu checá-lo primeiro.

Era curto, anônimo, ambíguo: que paixões! que segredos! que fotografias maravilhosas!

Ficou sentado olhando aquilo. Pensando bem, apesar de deixar muita coisa para a imaginação, não era nem um pouco ambíguo. De fato, o que era deixado para a imaginação estava bem claro.

Podia sentir o suposto conteúdo daquelas fotos explodindo na sua vida como uma bomba no meio de uma estrada.

Capítulo 44

Déjà-vu

Manter o equilíbrio, permanecer focado e submeter os fatos a uma análise imparcial haviam sido os pilares do sucesso de Gurney como investigador de homicídios.

No momento, estava tendo uma dificuldade tremenda para fazer qualquer uma dessas coisas. Sua mente borbulhava com possibilidades desconhecidas e terríveis.

Quem diabo era esse tal de Jykynstyl? Ou será que a pergunta correta seria: quem diabo era aquele cara que *fingia* ser Jykynstyl? Qual seria a natureza da ameaça, o objetivo dela? Era quase certo que a hipótese, qualquer que fosse, era criminosa. A esperança de que ele houvesse se embebedado inofensivamente ou que o torpedo tivesse um significado inofensivo parecia ilusória. Precisava encarar o fato de que fora drogado e que o pior panorama possível – implicando uma dose maciça de Rohypnol naquela primeira taça de vinho – era o mais provável.

Rohypnol com bebida alcoólica, o coquetel amnésico desinibidor. A droga do estupro, que dissolve o bom senso, os temores e as dúvidas. Que acaba com as inibições morais e práticas da mente, que bloqueia a ação da razão e da consciência, que tem o poder de reduzir a pessoa a seus desejos mais primitivos. A combinação capaz de converter os impulsos, por mais idiotas que sejam, em ações, por mais danosas que sejam. O elixir maligno que prioriza os desejos do cérebro primitivo e em seguida encobre a experiência – que pode durar de seis a 12 horas – com uma amnésia irreversível. Era como se a composição tivesse sido inventada para facilitar desastres do tipo que agora Gurney imaginava sentado em seu carro, impotente e devastado, tentando colocar a mente a par de fatos que se recusavam a fazer sentido.

Madeleine o fizera passar a acreditar em ações pequenas, simples, em dar um passo de cada vez, mas, quando nada fazia sentido e todos os caminhos continham uma ameaça sombria, não era fácil decidir por onde começar.

Mas lhe ocorreu que continuar parado naquele quarteirão escuro não daria em nada. Se fosse embora, mesmo que não tivesse decidido para onde, ao menos poderia descobrir se estava sendo vigiado ou seguido. Antes que sucumbisse aos motivos para não fazer isso, ligou o carro, aguardou o sinal abrir, esperou que três táxis seguidos passassem por ele, acendeu os faróis, pisou no acelerador e passou pelo cruzamento da Avenida Madison no sinal amarelo. Virou aleatoriamente numa série de cruzamentos até ter certeza de que ninguém o seguia, indo pelo lado leste de Manhattan.

Sem ter decidido de forma consciente fazer isso, chegou ao quarteirão onde ficava a residência de Jykynstyl. Percorreu-o uma vez, deu a volta e entrou nele de novo. Não havia luzes acesas nas janelas da grande construção. Parou na mesma vaga ilegal que havia ocupado nove horas antes.

Estava nervoso e inseguro quanto a seu próximo passo, mas fazer o que vinha fazendo até agora estava acalmando-o. Lembrou que tinha na carteira o número de Jykynstyl, que Sonya lhe dera para o caso de ele ficar preso no trânsito. Ligou sem se dar o trabalho de planejar o que diria. Talvez algo do tipo: “Que festão, Jay! Depois me mande as fotos.” Ou então seguir o estilo de Hardwick: “Ei, seu merda, se aprontar para cima de mim vai levar um balaço no meio da porra dos olhos.” Acabou não dizendo nada, porque o celular de Jykynstyl estava fora de serviço.

Teve uma ânsia de bater à porta até que alguém atendesse. Depois se lembrou de algo que Jykynstyl dissera sobre estar sempre em movimento, jamais permanecendo muito tempo no mesmo lugar, e de repente se convenceu de que o sujeito tinha ido embora, de que a residência estava vazia e que bater à porta seria absolutamente inútil.

Tinha que ligar para Madeleine e avisar que se atrasaria. Mas se atrasaria quanto tempo? Deveria contar sobre a amnésia? Que acordara na rua em frente à sua antiga escola? Deveria falar sobre

a ameaça das fotos? Ou tudo isso só iria deixá-la morta de preocupação sem motivo?

Talvez devesse falar primeiro com Sonya, para ver se ela tinha alguma ideia do que estava acontecendo. O que ela realmente sabia sobre Jay Jykynstyl? Será que a oferta de 100 mil dólares tinha sido real? Ou tudo aquilo fora apenas um ardil para fazê-lo ir à cidade para um almoço particular, para que ele pudesse ser drogado e... o quê?

Talvez devesse ir a um hospital para fazer um exame toxicológico e descobrir, antes que fossem metabolizadas, exatamente que substâncias químicas havia ingerido e substituir as suspeitas por provas. Por outro lado, o registro de um exame toxicológico poderia criar perguntas e complicações. Pegou-se numa situação paradoxal: ter de descobrir o que havia acontecido antes de dar qualquer passo oficial para descobrir o que havia acontecido.

Enquanto se sentia escorregando num poço de indecisão, um grande furgão branco parou a menos de 10 metros dele, exatamente em frente à residência de Jykynstyl. Leu o que estava escrito na lateral do furgão: WHITE STAR, LIMPEZA COMERCIAL.

Gurney ouviu uma porta de correr se abrir do outro lado do veículo, depois alguns comentários em espanhol e então a porta se fechando. O furgão foi embora, deixando um homem e uma mulher com uniformes gastos na semiescuridão junto à porta da casa. O sujeito a abriu com uma chave presa numa argola do cinto. Os dois entraram e instantes depois uma luz se acendeu no saguão. Alguns momentos após, outra luz se acendeu em uma janela do térreo. Posteriormente, as luzes de todas as janelas de cada um dos quatro andares da construção foram sendo acesas de forma gradual, a intervalos de aproximadamente dois minutos.

Gurney decidiu blefar para conseguir entrar. Tinha aparência de policial, falava como policial e sua carteira da associação dos detetives aposentados podia ser confundida com credenciais de um oficial na ativa.

Quando chegou à porta da frente, viu que ela ainda estava aberta. Entrou no vestíbulo e aguçou os ouvidos. Não havia sons de passos nem vozes. Tentou a porta que ligava o vestíbulo ao restante

da casa. Também se encontrava destrancada. Abriu-a e ficou atento. Não escutou nada além do ruído baixo de um aspirador de pó num dos andares de cima. Entrou e fechou a porta suavemente.

O pessoal da limpeza havia acendido todas as luzes, dando ao salão uma aparência mais fria e mais vazia do que ele recordava. A claridade diminuíra a opulência da escadaria de mogno, que era o principal elemento do cômodo. As paredes com lambris tinham ficado mais simples, também, como se a luz não valorizasse sua aparência de antiguidade.

Na parede mais distante havia duas portas. Uma delas, pelo que se lembrou, era a do pequeno elevador onde fora acompanhado pela filha de Jykynstyl – se é que ela era de fato filha dele, do que duvidava agora. A porta vizinha estava escancarada e o cômodo a que ela levava se achava tão iluminado quanto o salão onde ele se encontrava.

O aposento parecia ser o que os anúncios imobiliários chamam de sala de “imprensa”. Uma tela de vídeo plana e meia dúzia de poltronas arrumadas em vários ângulos, viradas para ela, dominavam o lugar. Havia um bar no canto de trás e junto a outra parede podia-se ver um aparador com uma fileira de taças diversas e uma pilha de pratos de sobremesa que poderiam acomodar tanto iguarias elegantes quanto carreiras de cocaína. Gurney verificou as gavetas do aparador e descobriu que estavam vazias. Os armários do bar e a pequena geladeira estavam trancados. Saiu da sala tão silenciosamente quanto havia entrado e se dirigiu à escada.

O tapete persa abafava seus passos rápidos enquanto ele subia de dois em dois degraus até o segundo andar, depois ao terceiro. Ali o som do aspirador era mais alto e ele imaginou que a qualquer momento os faxineiros poderiam descer do quarto andar, de modo que o tempo que ele tinha para fazer o reconhecimento de terreno era limitado. Uma passagem em arco levava a um corredor com cinco portas. Presumiu que a última seria a do elevador e que as outras dariam em quartos. Foi até a mais próxima e girou a maçaneta do modo mais silencioso que conseguiu. Ao fazer isso, ouviu o som abafado do elevador parando adiante, no fim do corredor, seguido pelo ruído suave da porta pantográfica.

Entrou rápido num cômodo escuro, que supôs ser um quarto, e fechou a porta, esperando que quem tivesse saído do elevador, provavelmente alguém da limpeza, estivesse olhando em outra direção.

Percebeu que se encontrava numa situação meio complicada: incapaz de se esconder, porque o cômodo estava escuro demais para que ele encontrasse um local adequado, e impossibilitado de acender a luz por medo de chamar a atenção. E se fosse apanhado escondido de forma patética atrás de uma porta de quarto, não poderia se safar com um blefe, mostrando uma credencial de detetive aposentado. Que diabo estava fazendo ali, afinal? O que esperava descobrir? A carteira de Jykynstyl, com uma pista para outra identidade? E-mails conspiratórios? As fotos citadas no torpedo? Algo que incriminasse Jykynstyl o suficiente para neutralizar qualquer ameaça? Essas possibilidades eram coisa de filmes policiais implausíveis. Então por que havia se colocado naquela situação ridícula, esgueirando-se no escuro como um ladrão idiota?

O aspirador foi ligado no corredor e Gurney viu a sombra dele passando para um lado e para o outro pelo centímetro de luz que se intrometia entre a base da porta e o carpete. Recuou cautelosamente, encostado na parede, tateando. Ouviu uma porta se abrir do outro lado do corredor e alguns segundos depois o rugido do aspirador diminuiu, sugerindo que a pessoa havia entrado no quarto do lado oposto.

Os olhos de Gurney estavam começando a se acostumar com a escuridão, que a fresta de luz embaixo da porta diluía apenas o suficiente para que ele identificasse algumas formas grandes: o pé de uma cama de casal, as laterais curvas de uma poltrona, um armário escuro contra uma parede mais clara.

Decidiu se arriscar. Tateou ao longo da parede procurando o interruptor e encontrou um botão regulador de luz. Girou-o até quase a metade, depois acendeu a luz e então a apagou quase de imediato. Apostava que o pessoal da limpeza estaria ocupado o bastante para que o meio segundo de claridade atrás da porta passasse despercebido.

O que viu no breve momento de iluminação foi um quarto espaçoso que continha, além dos móveis que ele havia discernido na semiescuridão, duas poltronas menores, uma cômoda baixa com um espelho elaborado em cima e um par de mesinhas de cabeceira com abajures ornamentados. Não havia nada inesperado ou estranho – a não ser sua própria reação. No instante em que o cômodo ficou aparente, ele teve um *déjà-vu*: a certeza de que já vira tudo exatamente como tinha aparecido naquele clarão de luz.

O sentimento visceral de familiaridade foi seguido alguns segundos mais tarde por uma pergunta arrepiante: será que ele estivera naquele quarto mais cedo? O arrepio se transformou em uma espécie de náusea. *Devia ter estado.* Por que outro motivo teria uma sensação tão vívida sobre o lugar, sobre a cama, a posição das poltronas, o topo ornamentado do armário?

E o mais importante: até que ponto o poder desinibidor da mistura de álcool com Rohypnol levaria alguém? Até que ponto as crenças de uma pessoa, seu verdadeiro sistema de valores, as coisas preciosas para ela poderiam ser varridos por aquela mistura química? Jamais, em toda a vida, se sentira tão vulnerável, tão estranho a si mesmo, tão inseguro com relação à própria identidade e ao que era capaz de fazer como naquele momento.

Então, aos poucos, a sensação vertiginosa de desamparo e incompreensão foi substituída por correntes alternadas de medo e fúria. De modo pouco característico, abraçou a fúria. O aço da fúria. A força e a vontade da fúria.

Abriu a porta e saiu à luz.

O som do aspirador vinha de um cômodo mais adiante no corredor. Gurney seguiu rapidamente na outra direção, voltando à grande escadaria. Ele lembrava que, quando estivera lá, a subida de elevador tinha sido breve, então imaginou que a sala de estar e a de jantar ficassem no segundo andar. Esperando que algo naqueles cômodos fornecesse um fio de memória que ele pudesse seguir, desceu as escadas.

Uma passagem em arco levava do patamar da escadaria até o restante do segundo andar. Passando por ela, chegou à sala vitoriana onde havia conhecido Jykynstyl. Como nos outros lugares da casa, todas as luzes tinham sido acesas pelos faxineiros,

gerando um efeito igualmente deserto. Até as gigantescas plantas nos vasos tinham perdido a exuberância. Passou pela área de estar e entrou na de jantar. Todos os pratos, taças e talheres tinham sido retirados. Assim como o retrato de Holbein. Ou a falsificação de Holbein.

Gurney percebeu que não tinha certeza de nada referente ao almoço daquele dia. O mais provável era que tudo fora uma invenção. Especialmente a extravagante oferta de compra de seus retratos de criminosos. A ideia de que tudo aquilo fora forjado, de que jamais houvera a possibilidade real de que ele fosse pago por sua arte e de que nunca fora admirado por sua percepção ou seu talento, provocou um choque surpreendente em seu ego – seguido por uma consternação ao perceber quanto a oferta e os elogios haviam significado para ele.

Lembrou-se de um terapeuta que lhe dissera que o único modo de avaliarmos a força de nossa ligação com alguma coisa é através do nível de dor causado por sua ausência. Agora parecia claro que as recompensas potenciais da fantasia de Jykynstyl tinham sido tão importantes para ele quanto acreditar que não tinham importância alguma. O que o fez sentir-se duplamente idiota.

Olhou para a sala de jantar. Lembrou-se com amargura de sua visão extasiada de um veleiro no estreito de Puget. Estudou a superfície recém-limpa da mesa. Nenhum indício de mancha ou impressão digital em lugar algum. Voltou à sala de estar. Sentiu um cheiro leve e insistente no ar, que já tinha percebido vagamente ao passar por ali, minutos antes. Tentou isolar os elementos. Álcool, fumaça rançosa, cinzas na lareira, couro, terra úmida das plantas, lustra-móveis, madeira antiga. Nada surpreendente. Nada incongruente.

Suspirou com um sentimento de frustração e fracasso, o risco inútil de ter entrado na casa. O local irradiava um vazio hostil – nenhuma evidência de que alguém morasse ali. Jykynstyl havia admitido isso com sua vaga descrição de um estilo de vida itinerante, e só Deus sabia onde as “filhas” dele passavam seu tempo. O som do aspirador no andar de cima ficou mais alto. Gurney deu uma última olhada ao redor, depois se dirigiu à escada.

Estava na metade do caminho para o andar de baixo quando uma lembrança nítida o fez parar.

O cheiro de álcool.

O cálice.

Meu Deus!

Subiu de novo a escada de dois em dois degraus, voltou à sala de estar, foi até a enorme poltrona de couro em que Jykynstyl o recebera – aquela da qual o sujeito aparentemente frágil tivera tanta dificuldade para se levantar, a ponto de precisar das duas mãos livres para se apoiar. E sem uma mesa por perto na qual colocar o cálice de absinto...

Gurney enfiou a mão na base da densa planta tropical. E ali estava ele, escondido de olhares casuais pela borda alta do vaso e pelas folhas escuras e caídas. Enrolou-o cuidadosamente em seu lenço e o enfiou no bolso do paletó.

A questão diante dele, de volta ao carro um minuto depois, era o que fazer com aquilo.

Capítulo 45

Uma cadela curiosa

O fato de o 19º Departamento de Polícia ficar a apenas alguns quarteirões dali, na Rua 67, fez Gurney elaborar uma lista mental dos contatos que possuía lá. Conhecia pelo menos meia dúzia de detetives daquele distrito e talvez pudesse pedir um favor complicado a dois deles com quem tinha alguma intimidade. Tirar as digitais do cálice de licor roubado e comparar com o banco de dados do FBI – uma ação que exigiria alguma habilidade para se evitar a necessidade de um número de protocolo – era definitivamente complicado. Não iria explicar seu interesse em saber mais sobre seu anfitrião do almoço, mas também não iria inventar uma mentira que mais tarde poderia estourar na sua cara.

Decidiu que teria de arranjar outro modo. Pôs o cálice no compartimento do painel com cuidado, colocou o celular no banco ao lado, ligou o carro e foi em direção à ponte George Washington.

O primeiro telefonema que deu no caminho foi para Sonya Reynolds.

– Onde diabo você andou? Que diabo você fez a tarde toda? – Ela parecia com raiva, ansiosa e completamente alheia aos acontecimentos do dia, o que ele achou tranquilizador.

– Ótimas perguntas. Não sei a resposta para nenhuma delas.

– O que aconteceu? Não estou entendendo.

– O que você sabe sobre Jay Jykynstyl?

– Que negócio é esse? Que diabo aconteceu?

– Não sei direito. Nada de bom.

– Não entendi.

– O que você sabe sobre Jay Jykynstyl?

– Sei o que é divulgado na imprensa especializada. Importante comprador de arte, muito seletivo. Tem enorme influência no

mercado. Prefere se manter no anonimato. Não permite que tirem fotografias suas. Gosta de deixar todo mundo em dúvida sobre sua vida pessoal, até mesmo com relação ao lugar onde mora e à sua orientação sexual. Quanto mais confusas as pessoas ficam, mais ele se satisfaz. É meio obcecado pela privacidade.

– Então você nunca esteve com ele, nunca viu uma foto dele, antes de ele aparecer na sua galeria um dia e dizer que queria comprar meu trabalho?

– Aonde você quer chegar?

– Como você sabe que o homem com quem você falou era Jay Jykynstyl? Porque ele disse?

– Não. Foi exatamente o oposto.

– Ele disse que *não* era Jay Jykynstyl?

– Disse que o nome dele era Jay. Só Jay.

– Então como...?

– Eu fiquei fazendo perguntas, disse que seria muito difícil negociar com ele sem saber seu nome todo, que era ridículo eu não saber com quem estava lidando quando havia tanto dinheiro envolvido.

– E ele disse o quê?

– Que o nome dele era Jay Javits, mas falou de um modo meio estranho, como se tivesse dito qualquer nome que lhe veio à mente só porque precisava dizer alguma coisa, já que eu estava fazendo tanta questão. Porra, Dave, por que você está falando sobre isso? Quero saber agora mesmo o que aconteceu hoje.

– O que aconteceu é que ficou claro que o negócio todo era papo furado. Acho que fui drogado e aquele almoço foi algum tipo de armação que não tinha nada a ver com meu trabalho artístico.

– Isso é ridículo.

– De volta à identidade do sujeito, ele disse que o nome dele era Jay Javits e a partir disso você concluiu que o nome dele era Jay Jykynstyl?

– Não, não foi assim. Não seja tolo. Durante nossa conversa, estávamos falando sobre como o lago era bonito e ele mencionou que dava para vê-lo do quarto dele, aí perguntei onde ele estava hospedado e ele só disse que era numa pousada linda, como se não quisesse que eu soubesse o nome. Então, mais tarde liguei

para a Huntington, a pousada mais exclusiva do lago, e perguntei se algum Jay Javits estava hospedado lá. A princípio o cara pareceu confuso, depois perguntou se eu não teria errado o nome. Falei: “Claro, estou ficando velha e às vezes entendo errado o que as pessoas dizem.” Tentei parecer imbecil.

– E acha que conseguiu?

– Devo ter conseguido, porque ele disse: “A pessoa com quem a senhora quer falar pode se chamar Jykynstyl?”

Pedi para ele soletrar o nome e quando ele obedeceu, pensei: *Meu Deus, será que essa porra é mesmo verdade?* Aí pedi que ele descrevesse o tal Jykynstyl e, quando ele terminou, vi que era obviamente o mesmo cara que tinha ido à galeria. Então foi isto: ele não queria que eu soubesse quem ele era, mas eu descobri.

Gurney ficou calado. Pensou que uma possibilidade muito mais provável era que Sonya tivesse sido muito bem manipulada para acreditar sem sombra de dúvida que o sujeito era Jykynstyl. A sutileza e a habilidade da tramoia eram quase tão perturbadoras quanto a própria tramoia.

– Ainda está aí, David?

– Preciso dar mais uns telefonemas e depois falo de novo com você.

– Você ainda não me contou o que aconteceu.

– Não faço ideia do que aconteceu além do fato de que mentiram para mim, de que fui drogado, levado de carro pela cidade ainda apagado e de que fui ameaçado. Por que e por quem, não faço ideia. Estou me esforçando para descobrir. E vou conseguir. – O otimismo dessas últimas três palavras não tinha nada a ver com a raiva, o medo e a confusão que sentia. Prometeu de novo que ligaria mais tarde.

O telefonema seguinte foi para Madeleine. Ligou sem pensar no que diria e sem olhar a hora. Só quando ela atendeu com a voz sonolenta ele olhou o relógio do painel e viu que eram 22h04.

– Eu estava imaginando quando você finalmente iria ligar – disse ela. – Está tudo bem?

– Mais ou menos. Desculpe não ter ligado antes. As coisas foram meio esquisitas esta tarde.

– Como assim, “mais ou menos”?

– Eu estou bem, só que agora estou no meio de um pequeno mistério.

– Como assim?

– É difícil dizer, mas parece que o negócio do Jykynstyl era algum tipo de tramoia. Estou rodando por aí, tentando descobrir.

– O que aconteceu? – Agora ela estava totalmente alerta, falando num tom tranquilo que ao mesmo tempo mascarava e expunha a preocupação.

Ele percebeu que tinha uma escolha: poderia relatar tudo o que sabia e temia, independentemente do efeito que isso causaria nela, ou poderia apresentar uma versão reduzida e menos perturbadora. Fez o que mais tarde consideraria uma espécie de fantasia autoilusória: escolheu a segunda opção *como um primeiro passo* e disse a si mesmo que contaria toda a história assim que a entendesse melhor.

– Comecei a me sentir estranho no almoço. Mais tarde, no carro, tive dificuldade para lembrar a conversa que tivemos. – Ele afirmou a si mesmo que isso era a verdade, ainda que um tanto minimizada.

– Parece que você ficou bêbado. – Era mais uma pergunta do que uma afirmação.

– Talvez. Mas não sei direito.

– Você acha que foi drogado?

– É uma das possibilidades que considerei. Ainda que não faça sentido. De qualquer modo, andei verificando o lugar e a única coisa de que tenho certeza é que há algo errado em toda a situação. E é praticamente certo que a oferta de 100 mil dólares é furada. Mas liguei na verdade para dizer que estou saindo de Manhattan agora e devo chegar em casa mais ou menos em duas horas e meia. Desculpe mesmo não ter ligado antes.

– Venha devagar.

– Até mais. Te amo.

Quase perdeu o último retorno da Harlem River Drive para a ponte George Washington. Com um olhar rápido à direita, pegou a pista de saída e subiu na rampa, provocando o berro de uma buzina indignada.

Era tarde demais para ligar para Kline. Mas se Hardwick estava mesmo de volta ao caso, talvez soubesse alguma coisa sobre a investigação da Karnala e a referência de Kline à família Skard. Com alguma sorte, ele estaria acordado, atenderia o telefone e se encontraria disposto a conversar.

Todas as três coisas se transformaram em realidade.

– O que houve, Sherlock? Não podia esperar até de manhã para dar os parabéns pela minha volta?

– Parabéns.

– Pelo jeito você fez todos acreditarem que as ex-alunas da Mapleshade estão sendo esmagadas feito insetos e que o mundo inteiro tem de ser entrevistado, o que criou uma enorme falta de mão de obra e obrigou Rodriguez a me colocar de volta no caso. Ele quase explodiu de raiva por causa disso.

– Fico feliz por você estar de volta. Tenho algumas perguntas.

– Sobre a cachorra?

– Cachorra?

– A que desenterrou Kiki.

– De que diabo você está falando, Jack?

– A terrier escocesa curiosa de Marian Eliot. Não soube?

– Não soube o quê?

– A Sra. Eliot estava cuidando das roseiras com a Melpomene amarrada numa árvore.

– Quem?

– O nome da cachorra é Melpomene. É uma cadela muito sofisticada. De algum modo Melpomene conseguiu soltar a coleira, perambulou até os fundos da casa dos Muller e começou a cavar atrás do galpão. Quando a Sra. Eliot foi até lá para pegá-la, Melpomene tinha feito um buraco bem grande. Alguma coisa atraiu a atenção da Sra. Eliot. Adivinha o que era?

– O quê, Jack, pelo amor de Deus?

– Ela achou que fosse uma das suas luvas de jardinagem.

– Pelo amor de Deus, Jack...

– Pense bem. O que poderia parecer uma luva?

– Jack...

– Era uma mão em decomposição.

– E essa mão estava ligada a Kiki Muller, a mulher que supostamente fugiu com Hector Flores?

– A própria.

Gurney ficou calado por uns bons cinco segundos.

– Está com as engrenagens girando, Sherlock? Está deduzindo, induzindo ou seja lá que diabo você faça?

– Como o marido de Kiki reagiu a isso?

– O Carl Maluco? O cara do trem embaixo da árvore de Natal? Não reagiu. Acho que o psiquiatra o encheu tanto de tranquilizantes que o cara não reage. É uma porra de um zumbi. Ou então é um grande ator.

– Existe alguma causa ou data aproximada da morte?

– Ela só foi desenterrada hoje cedo. Mas definitivamente estava ali há um bom tempo, talvez alguns meses, o que situaria sua morte na época do desaparecimento de Hector.

– E a causa?

– O legista ainda não fez o relatório, mas baseado na minha observação do corpo eu poderia tentar adivinhar.

Fez uma pausa. Gurney trincou os dentes. Sabia o que viria em seguida.

– Eu diria que a morte dela pode se relacionar ao fato de que teve a cabeça decepada.

Capítulo 46

Nada no papel

Tendo chegado em casa bem depois da meia-noite, Gurney dormiu tão pouco que pareceu que nem chegou a pegar no sono.

Na manhã seguinte, tomando café com Madeleine, atribuiu sua inquietação às suspeitas sobre “Jykynstyl” e à intensidade crescente do caso Perry. Não disse nada, mas também a atribuiu à metabolização de qualquer substância química que haviam lhe dado.

– Você devia ter ido ao hospital.

– Vou ficar bem.

– Talvez devesse voltar para a cama.

– Tem muita coisa acontecendo. Além disso, estou ligado demais para dormir.

– O que você vai fazer?

– Trabalhar.

– Você sabe que é domingo, não sabe?

– Sei. – Mas ele havia esquecido. Sua confusão o amedrontava. Tinha de fazer alguma coisa para focar a mente em algo concreto, um caminho para a clareza, um passo de cada vez.

– Por que você não liga para o consultório do Dichter e vê se ele pode encaixar você hoje?

Dichter era o médico da família. Gurney balançou a cabeça, descartando a ideia.

– Você disse que pode ter sido drogado. Acha mesmo isso? De que tipo de droga estamos falando?

Ele não iria se referir ao Rohypnol. As associações sexuais dessa droga dispariam uma explosão de perguntas e preocupações com que ele não se sentia capaz de lidar.

– Não sei... Acho que o efeito era parecido com uma amnésia alcoólica.

Ela lhe deu aquele olhar avaliador que o fazia sentir-se nu.

– O que quer que fosse – continuou –, está passando. – Ele sabia que falava de modo casual demais, ou ao menos ansioso demais para mudar de assunto.

– Talvez você devesse tomar alguma coisa para anular o efeito.

Ele balançou a cabeça.

– Tenho certeza de que o metabolismo normal do corpo vai cuidar disso. Enquanto isso, preciso de algo em que me concentrar. – Esse pensamento o levou direto ao caso Perry, que o levou ao telefonema que dera a Hardwick na noite anterior, que o levou à súbita percepção de que a discussão sobre Melpomene e a mão decomposta de Kiki Muller o fizera esquecer por que havia ligado para ele.

Um instante depois estava telefonando para Hardwick de novo.

– Skard? – disse Jack de modo nada amistoso, com a voz rouca. – É, esse nome apareceu ligado à Karnala Fashion. Aliás, é domingo de manhã, porra. Qual é a urgência disso?

Nada com Hardwick era fácil. Mas se você entrasse no jogo dele, podia tornar as coisas menos difíceis. Uma das táticas possíveis era aumentar o nível de vulgaridade.

– Que tal urgente para caralho?

Por alguns segundos Hardwick ficou calado, como se calculasse quantos pontos Gurney tinha marcado falando um palavrão.

– Acontece que a Karnala Fashion é um negócio complicado, difícil de identificar. A dona é outra corporação, que pertence a outra corporação, que pertence a outra corporação nas ilhas Cayman. É muito difícil dizer o que eles fazem. Mas parece que há uma conexão na Sardenha que supostamente está ligada à família Skard. Dizem que eles são gente muito ruim.

– *Dizem*?

– Não quero sugerir que exista alguma dúvida quanto a isso. Apenas não existe prova legal. Segundo nossos amigos da Interpol, nenhum membro da família Skard jamais foi condenado por

qualquer coisa. As testemunhas potenciais sempre mudam de ideia. Ou desaparecem.

– Eles são donos da Karnala Fashion?

– Provavelmente. Tudo relacionado a eles fica no campo da probabilidade. Eles não colocam muita coisa no papel.

– Então que diabo a Karnala Fashion faz?

– Ninguém sabe. Não conseguimos achar um único fornecedor de tecidos ou um varejista de roupas que já tenha feito negócios com eles. Eles publicam anúncios de roupas femininas caríssimas, mas não fomos capazes de encontrar provas de que vendam essas roupas.

– O que os representantes deles dizem sobre isso?

– Não encontramos nenhum representante.

– Meu Deus, Jack, quem publica os anúncios? Quem paga por eles?

– Tudo é feito por e-mail.

– E-mail de onde?

– Às vezes das ilhas Cayman, às vezes da Sardenha.

– Mas...

– Eu sei. Não faz sentido. Isso está sendo investigado. Estamos esperando mais informações da Interpol. E também da polícia italiana. E também das ilhas Cayman. É complicado, já que ninguém foi condenado por nada e as garotas desaparecidas não estão desaparecidas oficialmente. Mesmo que estivessem, sua ligação com a Karnala não provaria nada e não há nenhum documento que ligue a empresa aos Skard. Suposições são o máximo que conseguimos. Legalmente, estamos num campo minado no meio da neblina. Além disso, graças às observações que você repassou ao promotor, todas as autoridades ligadas à investigação estão agora desesperadas para resguardar o próprio rabo.

– E isso quer dizer...

– Quer dizer que, em vez de dois caras naquele campo minado, temos uma dúzia tropeçando uns nos outros.

– Admita, Jack, você está adorando isso.

– Vá se foder.

– Beleza. Então acho que essa não seria uma boa hora para lhe pedir um favor.

– Que favor?

De repente ele estava calmo. Hardwick era estranho. Suas reações eram invertidas, como uma criança hiperativa sendo acalmada por outra ainda mais agitada. O melhor momento para lhe pedir um favor era exatamente aquele que você poderia achar o pior e vice-versa. O mesmo princípio invertido governava sua reação ao risco. Ele tendia a ver o risco como fator positivo em qualquer equação. Ao contrário da maioria dos policiais, que por natureza tende a valorizar a hierarquia e ser conservadora, Hardwick possuía o verdadeiro gene da indisciplina. Tinha sorte de estar vivo.

– É um negócio que quebra algumas regras – disse Gurney, sentindo que estava em terreno confiável pela primeira vez em quase 24 horas. Por que não havia pensado antes em Hardwick? – Pode envolver uma pequena contravenção.

– O que é? – Parecia que tinham oferecido um prêmio para ele.

– Preciso tirar as digitais de um cálice e comparar com o banco de dados do FBI.

– Deixe-me adivinhar: você não quer que ninguém saiba por quê, nem que um número de protocolo seja gerado ou que a pesquisa seja rastreada até você.

– Isso aí.

– Onde e quando eu recebo o cálice?

– Que tal no Abelard's em 10 minutos?

– Gurney, você é um sacana presunçoso.

Capítulo 47

Uma situação impossível

Depois de entregar o cálice a Hardwick no estacionamento minúsculo diante do Abelard's, Gurney foi tomado pela ideia de seguir até Tambury. Afinal, o Abelard's ficava quase na metade do caminho para lá e o local do crime poderia ter mais coisas a lhe revelar. Também queria evitar ficar parado, impedir que a ansiedade da história com Jykynstyl o envolvesse.

Pensou naquelas aristocratas que adoravam o ar livre, Marian Eliot e Melpomene, pensou na cachorra cavando a terra atrás do galpão dos Muller, a mão de Kiki se projetando do chão como uma velha luva de jardinagem. E Carl. Carl, que adorava o Natal. Carl, que poderia muito bem acabar sendo acusado pelo assassinato da esposa. Claro, o fato de a cabeça dela ter sido decepada levaria a Hector. Mas se Carl fosse inteligente...

Será que descobrira o caso dela com o jardineiro e decidira matá-la do mesmo modo que Hector havia matado Jillian Perry? Era concebível, mas improvável. Se Carl fosse culpado, o assassinato de Kiki desviaria o foco da Mapleshade. Também significaria que Carl ficara furioso a ponto de matar a mulher, que tinha sido racional a ponto de imitar o *modus operandi* de Hector e que era idiota a ponto de enterrá-la numa cova rasa em seu próprio quintal. Gurney já vira sequências de eventos mais estranhas, mas isso não fazia essa hipótese parecer mais digna de crédito.

Suspeitava que haveria uma explicação melhor para o assassinato de Kiki Muller do que a fúria de um marido enciumado, algo que o ligaria mais diretamente ao mistério que envolvia a Mapleshade. Enquanto entrava na Badger Lane vindo da Higgles Road, começou a se sentir ele mesmo de novo. Estava longe de sair

por aí assobiando uma canção feliz, mas ao menos se sentia como um detetive. E não estava com vontade de vomitar.

Dois clones tatuados de Calvin Harlen estavam parados com ele perto da pilha de esterco que separava sua casa arruinada de seu celeiro arruinado. Os olhos opacos deles seguiram o carro de Gurney pela estradinha com uma malevolência indiferente.

Enquanto subia na direção da casa de Ashton, esperou ver Marian Eliot e Melpomene, a reveladora de pecados enterrados, fazendo uma pose austera na varanda da frente, mas não havia sinal de nenhuma das duas. Nem qualquer sinal de movimento na casa de Muller.

Quando saiu do carro na entrada de veículos pavimentada de tijolos diante da casa de Ashton, ficou de novo impressionado com a sutil evidência de riqueza e exclusividade discreta do lugar. Em vez de seguir direto até a porta da frente, dirigiu-se à treliça em arco que servia como entrada para o amplo gramado que se estendia atrás da casa. Apesar de os arbustos ao redor ainda estarem em sua maioria verdes, manchas outonais de amarelo e vermelho começavam a aparecer nas árvores.

– Detetive Gurney?

Ele se virou para a residência. Scott Ashton encontrava-se parado junto à porta lateral, aberta.

Gurney sorriu.

– Desculpe incomodá-lo numa manhã de domingo.

Ashton retribuiu seu sorriso.

– Eu não esperaria que alguém investigando um assassinato folgasse nos fins de semana. Há alguma coisa específica...?

– Na verdade eu imaginei se poderia dar mais uma olhada na área ao redor do chalé, se o senhor não se incomodar.

– Está procurando algo específico?

– Espero saber quando vir.

O sorriso tranquilo de Ashton era tão comedido quanto sua voz.

– Avise se precisar de alguma ajuda. Vou estar com meu pai na biblioteca.

Algumas pessoas têm "escritórios em casa", pensou Gurney, *e outras têm "bibliotecas"*. Quem disse que os Estados Unidos eram

uma sociedade sem classes? Certamente ninguém que morasse numa casa como aquela.

Caminhou da entrada de veículos até a área principal do gramado dos fundos, passando pelo gramado lateral e pela treliça. Estivera tão preocupado que não notara, até aquele momento, como o dia estava estranhamente perfeito, um daqueles dias de outono em que o sol, a cor das folhas e uma imobilidade absoluta no ar conspiravam para criar um mundo de paz atemporal, um mundo que não exigia nada dele, um mundo com uma quietude de tirar o fôlego.

Como em todos os momentos de serenidade na vida de Gurney, este durou pouco. Tinha ido ali para se concentrar num assassinato, para assimilar melhor a realidade do local onde ele havia acontecido, a localização em que o assassino fizera seu serviço.

Continuou rodeando os fundos da casa até o amplo pátio de pedras e chegou à mesinha redonda – aquela em que quatro meses antes uma bala de um fuzil Weatherby .257 havia despedaçado a xícara de Ashton. Imaginou onde Hector Flores estaria naquele momento. Poderia ser qualquer lugar. Poderia estar na floresta vigiando a casa, de olho em Ashton e em seu pai, de olho em Gurney.

A atenção de Gurney passou para o chalé, para o que havia acontecido no dia do assassinato, no dia do casamento. De onde estava parado, podia ver a frente e uma das laterais do chalé, além de parte da floresta pela qual Flores teria de passar para colocar o facão onde fora encontrado. Em maio as folhas estavam brotando e agora estavam rareando, o que tornava as condições de visibilidade no bosque na época do acontecido e no dia de hoje praticamente as mesmas.

Como fizera muitas vezes durante a semana anterior, Gurney visualizou um latino atlético saindo pela janela dos fundos do chalé, correndo com os passos evasivos de um jogador de futebol entre as árvores e os espinheiros por aproximadamente 150 metros e escondendo o facão ensanguentado sob algumas folhas. E depois? Será que enfiara sacos plásticos nos pés? Ou borrifara neles algum produto químico para interromper a trilha de cheiro e continuar sem ser seguido até algum outro destino no bosque ou na estrada além?

Fora se encontrar com Kiki Muller, que esperava em seu carro a fim de tirá-lo em segurança dos arredores antes da chegada da polícia ou para levá-lo para sua casa, onde ele a matara e enterrara? Mas por quê? Que sentido isso fazia? Ou essa era a pergunta errada, que presumia que a hipótese deveria ter algum sentido prático? E se uma grande parte da situação tivesse sido impelida por pura patologia, por alguma fantasia deturpada? Mas seguir por esse caminho não tinha nada de útil, porque se nada fizesse sentido não seria possível entender a situação. E ele tinha a sensação de que, sob a fúria e a loucura, de algum modo tudo *fazia* sentido.

Então por que o facão só estava parcialmente escondido? Parecia absurdo dar-se o trabalho de cobrir a lâmina e deixar o cabo à vista. Por algum motivo, essa pequena discrepância era a que mais o incomodava. Talvez *incomodava* fosse a palavra errada. Na verdade, ele gostava bastante de discrepâncias, porque sua experiência lhe dizia que elas acabavam fornecendo uma janela para a verdade.

Sentou-se à mesa e olhou para a floresta, imaginando do melhor modo possível o caminho do fugitivo. A visão daqueles 150 metros desde o chalé até o local do facão era quase totalmente obscurecida pela folhagem do próprio bosque e pela cerca de rododendros que separava a área selvagem do gramado e dos canteiros. Gurney tentou avaliar até que ponto da floresta alguém fora dela poderia enxergar e concluiu que esse ponto não era muito distante – o que tornava fácil alguém fazer o caminho que Flores evidentemente havia feito sem ser visto do gramado. De fato, o objeto mais distante que Gurney podia enxergar através da folhagem do lugar onde estava sentado era o tronco preto de uma cerejeira. E só podia ver uma fatia estreita, através de uma abertura nos arbustos que não deveria ter mais que alguns centímetros de largura.

Tudo bem que essa parte visível do tronco da cerejeira estava do lado mais distante da rota que Flores teria feito e, teoricamente, se alguém estivesse olhando para a floresta focado naquele ponto no momento certo, poderia captar um vislumbre numa fração de segundo de uma pessoa passando. Mas na ocasião isso não

significaria nada. E a chance de a atenção de alguém estar naquele ponto preciso naquela hora era quase tão provável quanto...

Meu Deus!

Os olhos de Gurney se arregalaram diante da coisa óbvia que ele quase havia deixado passar.

Fitou através da folhagem a casca preta e escamosa da cerejeira. Então, mantendo-a à vista, foi em sua direção, atravessando diretamente o pátio, o canteiro de flores em que Ashton havia desmaiado, a cerca de rododendros na extremidade do gramado e entrando no bosque. Sua direção era quase perpendicular à rota que achava que Flores teria seguido desde o chalé até o local do facão. Queria ter certeza de que o sujeito não poderia ter deixado de passar diante da cerejeira.

Quando chegou à beira da ravina que recordava da primeira vez que examinara o bosque, dois dias antes, sua suposição foi confirmada. A árvore estava do outro lado da ravina, que era longa e profunda, com barrancos íngremes. Qualquer caminho que saísse do chalé e passasse *atrás* da árvore implicaria atravessar a ravina pelo menos duas vezes – uma tarefa que consumiria tempo e seria impossível de ser realizada antes que a área estivesse apinhada de pessoas depois da descoberta do corpo –, isso sem mencionar o fato de que a trilha de cheiro seguia do lado mais próximo da ravina, e não o oposto. Isso significava que qualquer um que fosse do chalé ao local do facão teria de passar *na frente da árvore*. Simplesmente não havia como evitar.

Gurney percorreu o caminho de Tambury até Walnut Crossing em 55 minutos em vez de uma hora e 15, como costumava fazer. Estava louco para ver melhor o vídeo da festa do casamento. Percebeu que sua pressa decorria de uma necessidade de permanecer o mais envolvido possível no assassinato de Perry – um crime que, por mais horrendo que fosse, lhe causava muito menos ansiedade do que a situação com Jykynstyl.

O carro de Madeleine encontrava-se parado perto da casa e sua bicicleta, encostada no galpão. Ele achou que ela estaria na cozinha, mas quando entrou pela porta lateral e gritou que tinha chegado, não houve resposta.

Foi direto atrás de suas cópias do material do caso. No meio das pastas havia uma pilha de DVDs.

O de cima, ao qual ele havia assistido com Hardwick, tinha uma etiqueta que dizia: “Festa de Casamento Perry-Ashton, Edição Ampla, Bureau de Investigação Criminal”. Mas Gurney estava procurando outro DVD, um dos originais não editados. Havia cinco deles: o primeiro era intitulado “Helicóptero, Vista Aérea Geral e Descida” e os outros quatro, cada um contendo um vídeo captado por uma das câmeras fixas durante a festa, tinham etiquetas de acordo com a direção para onde estava apontada cada câmera.

Levou os quatro DVDs para o escritório, abriu seu laptop, entrou no Google Earth e digitou “Badger Lane, Tambury, Nova York”. Trinta segundos depois estava olhando uma foto de satélite da propriedade de Ashton, inclusive com altitude e pontos cardeais. Até a mesa de chá no pátio era identificável.

Escolheu o ponto aproximado na floresta onde achou que o tronco visível da árvore estaria. Usando os pontos cardeais do Google, calculou a direção da mesa até a árvore. Eram 85 graus, perto da direção leste.

Examinou os DVDs. O último intitulava-se “Nordeste-Leste”. Colocou-o no aparelho diante do sofá, localizou o ponto em que Jillian Perry havia entrado no chalé e se acomodou para dar atenção total aos 14 minutos seguintes de vídeo.

Assistiu uma vez, depois outra, com a perplexidade aumentando. Então viu de novo, agora deixando o vídeo correr até o ponto em que Luntz, o chefe de polícia, havia isolado o local e os policiais estavam chegando.

Havia algo errado. Mais do que errado. Era impossível.

Ligou para Hardwick, que, sem pressa, atendeu no sétimo toque.

– O que posso fazer por você, ás?

– Você tem certeza de que as gravações da festa do casamento estão completas?

– Como assim, “completas”?

– Uma das quatro câmeras fixas foi montada de modo que o chalé e um trecho grande da floresta à esquerda dele estivessem dentro do campo de visão. A parte da floresta inclui todo o espaço

por onde Flores teria de passar para esconder a arma do crime naquele lugar.

– E daí?

– Daí que tem um tronco de árvore naquela área que pode ser visto através de aberturas na folhagem do ângulo de visão do pátio, que também era o ângulo de uma das câmeras.

– E?

– E o tronco da árvore, repito, fica *atrás* da rota que Flores teria de percorrer para colocar o facão onde ele foi encontrado. Esse tronco de árvore é visível clara e continuamente no vídeo de alta definição gravado pela câmera.

– O que você quer dizer com isso?

– Eu assisti ao vídeo três vezes para ter certeza absoluta do que vou dizer. Jack, ninguém passou na frente daquela árvore.

Hardwick parecia perplexo.

– Não entendi.

– Nem eu. Existe alguma possibilidade de o facão da floresta não ser a arma do crime?

– Temos uma identificação de DNA perfeita. O sangue fresco no facão era de Jillian Perry. A margem de erro é de menos que uma em um milhão. Isso sem contar que o relatório do legista se refere a um golpe forte de uma lâmina pesada e afiada. E, de qualquer modo, qual é a alternativa? Flores ter escondido na floresta um segundo facão ensanguentado, a verdadeira arma do crime, depois de tirar um pouco de sangue do primeiro e passar nele? Mas ainda assim ele teria de ter chegado ao local onde nós encontramos a arma. Quer dizer, de que diabo estamos falando? Como não poderia ser a arma do crime?

Gurney suspirou.

– Então o que temos, basicamente, é uma situação impossível.

Capítulo 48

Lembranças perfeitas

Se os fatos se contradizem mutuamente, isso significa que alguns deles não são fatos.

Um dos seus instrutores na academia do Departamento de Polícia de Nova York fizera essa observação um dia na sala de aula. Gurney jamais a esqueceu.

Se iria basear alguma conclusão no conteúdo do vídeo, precisava ter certeza de que ele era confiável. No caso do DVD, havia o número de telefone da companhia responsável pelas gravações, a Lembranças Perfeitas.

Ligou, deixou um recado mencionando os nomes Ashton e Perry e mal havia desligado quando seu telefone tocou e o nome da empresa apareceu no identificador de chamadas.

Uma voz feminina profissional, agradável e solícita perguntou:

– Como posso ser útil?

Gurney explicou quem era, disse que estava tentando ajudar Val Perry, mãe da falecida noiva, e que acreditava que o material em vídeo produzido pela Lembranças Perfeitas seria importante para capturar o louco que havia matado Jillian e proporcionar uma solução para a família. Ele só precisava de uma resposta absolutamente confiável para uma pergunta, mas tinha que ouvi-la da pessoa que supervisionara o projeto.

– Fui eu.

– E você é...

– Jennifer Stillman. Sou a diretora administrativa da empresa.

Diretora administrativa. O título soava pomposo. Um belo toque para o mercado de luxo.

– O que preciso saber, Jennifer, é se houve alguma edição em qualquer uma das gravações originais.

– Com toda a certeza, não. – Sua resposta foi incisiva e imediata.

– Nem mesmo uma ínfima edição?

– Com toda a certeza, não.

– Você parece absolutamente convencida disso. Já lhe perguntaram isso antes?

– Não, mas me fizeram esse pedido específico.

– Que pedido?

– Estava escrito no contrato de produção que o vídeo precisava cobrir o local inteiro durante toda a festa, do começo ao fim, sem que absolutamente nada fosse deixado de fora. Parece que a noiva queria que *tudo* fosse gravado.

O tom de Jennifer Stillman sugeria a Gurney que esse não era exatamente um pedido comum, ou ao menos não era comum os clientes darem tanta importância a isso. Ele perguntou, só para ter certeza.

– Bom... – Ela hesitou. – Eu diria que isso era de uma importância incomum para eles. Ou ao menos para ela. Quando o Dr. Ashton nos repassou o pedido, ele parecia meio... – Ela hesitou mais uma vez. – Eu não deveria dizer isso. Não sou leitora de mentes.

– Jennifer, é importante. Como você sabe, esse é um caso de assassinato. Minha preocupação principal é ter certeza de que o DVD contém uma gravação ininterrupta, sem quadros pulados.

– Certamente não houve quadros pulados. Os buracos criariam saltos na marcação de tempo e o computador indicaria isso.

– Certo. Bom saber. Obrigado. Só mais uma coisa: você estava começando a dizer algo sobre o Dr. Ashton...

– Não era nada de mais, só que ele parecia meio sem graça com a obsessão da noiva pela gravação de cada instante da festa. Ele podia estar desconfortável com o sentimentalismo romântico daquilo, ou talvez achasse infantil, realmente não sei. Não estou aqui para julgar os pedidos das pessoas. O cliente tem sempre razão, certo?

– Obrigado, Jennifer. Você foi muito útil.

Julgar os pedidos das pessoas podia não fazer parte do trabalho de Jennifer, mas com certeza era importante para o de

Gurney. Entender motivações poderia fazer toda a diferença, e nesse caso uma motivação estranha lhe veio à mente: uma das razões para alguém desejar a gravação total em vídeo de um evento poderia ser sua segurança. Ou então a crença de que o efeito de múltiplas câmeras gravando continuamente poderia impedir algum acontecimento temido. Ou, ainda, o desejo de ter um registro inquestionável de qualquer coisa que ocorresse.

E havia a questão de quem desejava todas aquelas câmeras funcionando. Gurney não deixou de perceber que o pedido fora apresentado à Srta. Stillman como uma exigência de Jillian, embora a própria Jillian não tenha estado presente, sendo Ashton o portador da solicitação. Portanto, podia ter sido ideia dele, que optara por dizer que fora da noiva. Mas por que ele faria isso? Que diferença fazia?

A possibilidade de que o fator da segurança tivesse sido a motivação, ou seja, de que pelo menos um deles, talvez ambos, tivesse motivos para estar apreensivo com o que poderia acontecer naquele dia, era intrigante.

A fonte de preocupação mais provável dos dois seria Flores, que supostamente vinha agindo de modo estranho. Talvez a ênfase nas câmeras tivesse vindo de Jillian, como Ashton dissera. Talvez ela tivesse motivos para temer Flores. Afinal de contas, os registros de seu celular nas semanas anteriores ao assassinato indicavam várias mensagens de texto provenientes do celular dele – inclusive a última, a única que não havia sido apagada: por todos os motivos pelos quais escrevi. edward vallory. À luz do prólogo da peça de Vallory, esse torpedo certamente poderia ser interpretado como uma ameaça, de modo que talvez ela tivesse ido procurá-lo no chalé para discutir algo muito menos agradável do que um brinde de casamento.

Quando Gurney se concentrava em costurar os pedaços de provas, as interpretações, as declarações de testemunhas e os saltos lógicos que constituíam sua compreensão de um crime, o processo enchia sua mente por completo, obstruindo sua noção de tempo e espaço. Assim, quando olhou para o relógio na estante do escritório e viu que eram 17h05, isso não o surpreendeu, assim como a rigidez nas pernas quando se levantou.

Madeleine ainda não tinha chegado. Talvez ele devesse começar a preparar alguma coisa para o jantar, ou ao menos verificar se ela havia deixado algo na cozinha que precisasse ir ao forno. Quando estava indo ver isso, o telefone em sua mesa tocou e ele foi atender. Viu no identificador de chamadas que era Hardwick.

– Nossa, supertira, esse seu amigo é assustador até dizer chega!

– Como?

– Espero que você não tenha passado perto de nenhuma criança com esse cara.

Gurney teve uma sensação desanimadora em relação ao rumo daquela conversa.

– De que diabo você está falando, Jack?

– Ora, deixe de mau humor. Esse doce de coco é muito amigo seu?

– Chega de papo furado. Do que você está falando?

– Sabe o cavalheiro com quem você esteve bebendo? Do cálice que você pegou?

Das digitais que você me pediu para examinar?

– O que você descobriu?

– Bastante coisa.

– Jack...

– Descobri que o nome dele é Saul Steck. O nome profissional é Paul Starbuck...

– E o que ele faz para viver?

– No momento, nada. Ao menos nada registrado. Até 15 anos atrás ele era um ator em ascensão em Hollywood. Fez comerciais para a TV e uns dois filmes. – Hardwick dava uma pausa dramática após cada frase. – Até que teve um probleminha.

– Jack, dá para falar logo? Que probleminha?

– Foi acusado de estuprar uma garota menor de idade. Quando a imprensa divulgou a notícia, outras vítimas começaram a aparecer. Saul/Paul foi indiciado por um monte de acusações de estupro e de molestar menores. Gostava de drogar meninas de 14 anos e tirava fotos para lá de explícitas. Isso acabou com sua carreira de ator. Ele poderia ter ido para a prisão pelo resto da vida. Pena que não foi, porque era o melhor lugar para o escrotinho. Mas

o dinheiro da família comprou testemunhos médicos suficientes para colocá-lo num hospital psiquiátrico, de onde ele teve alta, discretamente, há cinco anos. Depois disso desapareceu de cena e ninguém sabe qual é seu endereço atual. A não ser você, talvez. Quer dizer, você conseguiu aquele calicezinho bonito em algum lugar, certo?

Capítulo 49

Garotinhos

Gurney ficou parado junto à porta dupla de vidro, olhando para os restos lilases de um pôr do sol espetacular que ele não havia notado realmente, tentando assimilar o abalo mais recente do terremoto de Jykynstyl.

Informações. Necessitava de informações. O que precisava descobrir primeiro? Tinha que pegar um bloco e começar a fazer uma lista de perguntas por ordem de prioridade. É claro que a que surgia de imediato na sua cabeça era: quem era o dono do prédio de arenito?

Já o modo de descobrir a resposta não era tão óbvio.

A velha questão paradoxal de novo: para sair da armadilha ele precisava primeiro saber de quem era a armadilha, mas tentar descobrir isso sem ter qualquer ideia de qual seria a resposta poderia fazê-lo se emaranhar mais ainda na armadilha. As perguntas não respondidas ameaçavam tornar outras questões impossíveis de responder.

– Olá! – Era a voz de Madeleine vindo da porta da rua e o puxando de volta à realidade.

Ela apareceu junto à porta da cozinha.

– Chegou agora? – disse ele.

– Não, fiquei parada na entrada a tarde toda. Que pergunta é essa?

– Não ouvi você entrar.

– Mesmo assim – reagiu ela, animada –, aqui estou eu.

– É, aqui está você.

– Está tudo bem?

– Está.

Ela levantou uma sobrancelha, em dúvida.

– Estou bem. Só com um pouco de fome.

Ela olhou para uma tigela no aparador da cozinha.

– Os bifes já devem ter descongelado. Quer começar a fritar enquanto eu fervo a água para o arroz?

– Claro. – Ele esperava que a tarefa simples lhe proporcionasse ao menos uma fuga parcial do redemoinho Saul/Paul que estava engolfando sua mente.

Fritou os bifes enquanto Madeleine fazia o arroz e uma salada de laranja, abacate e cebola-roxa. Ele estava tendo uma dificuldade enorme para se manter concentrado, para permanecer na cozinha, no presente. *Gostava de drogar meninas de 14 anos e tirava fotos para lá de explícitas.*

Na metade do jantar percebeu que Madeleine estava lhe contando sobre uma caminhada que fizera naquela tarde pelas trilhas sinuosas que ligavam seus 20 hectares de terra com os 140 do vizinho. Praticamente nenhuma palavra havia sido captada por ele. Gurney sorriu de modo afável e fez um esforço para ouvir.

– ... um verde intenso, mesmo à sombra. E por baixo do cobertor de samambaias havia as flores roxas mais delicadas que você pode imaginar. – Enquanto ela falava, havia uma luz em seus olhos mais forte do que a de qualquer lâmpada na cozinha. – Quase microscópicas. Como minúsculos flocos de neve azuis e roxos.

Flocos de neve azuis e roxos? Santa Mãe de Deus! A tensão, a incongruência, a distância que ele sentia entre a empolgação dela e sua ansiedade fizeram com que Gurney quase gritasse. O campo de esmeraldas perfeitas de Madeleine e seu pesadelo de espinhos venenosos. A animada honestidade dela e seu... seu o quê?

Seu encontro com o diabo?

Caia na real, Gurney. Caia na real. De que diabo você tem tanto medo?

A resposta só piorou a situação.

Você está com medo de si mesmo. Com medo do que pode ter feito.

Ficou sentado numa espécie de paralisia emocional pelo restante do jantar, tentando comer o suficiente para esconder o fato de que não estava comendo de verdade e fingindo apreciar as descrições do passeio de Madeleine. Porém, quanto mais ela se

entusiasmava com a beleza das margaridas, com o perfume no ar, com o azul das flores silvestres, mais isolado, deslocado e louco ele se sentia. Percebeu que Madeleine havia parado de falar e estava olhando para ele, preocupada. Gurney imaginou se ela teria perguntado alguma coisa e estaria esperando uma resposta. Não queria admitir quanto se encontrava distraído, ou por quê.

– Você falou com o Kyle? – A pergunta dela pareceu vir do nada. Ou será que ela já a havia feito enquanto ele estava imerso em seus pensamentos?

– Kyle?

– Seu filho.

Na verdade ele não havia feito uma pergunta, só repetira o nome como um modo de voltar à consciência, de estar presente. Era um processo complicado demais para explicar.

– Tentei. Nós ligamos um para o outro e deixamos recados algumas vezes.

– Você deveria tentar mais. Continuar tentando até conseguir.

Ele assentiu. Não queria discutir, não sabia o que dizer.

Ela sorriu.

– Seria bom para ele. Bom para vocês dois.

Gurney assentiu de novo.

– Você é o pai dele.

– Eu sei.

– Justamente. – Era uma declaração conclusiva. Ela começou a tirar os pratos.

Gurney viu-a fazer duas viagens até a pia. Quando Madeleine voltou com uma esponja úmida e papel-toalha para limpar a mesa, ele disse:

– Ele pensa demais em dinheiro.

Ela levantou o porta-guardanapos para limpar embaixo dele.

– E daí?

– Ele quer ser advogado de tribunal.

– O que não é necessariamente uma coisa ruim.

– Parece que tudo o que importa é ganhar rios de dinheiro, ter uma casa grande, um carro grande.

– Talvez ele queira ser notado.

– Notado?

– Garotinhos gostam de ser notados pelos pais.

– Kyle não é um garotinho.

– É claro que é – insistiu ela. – E se você se recusar a notá-lo, ele vai ter de se contentar em impressionar o resto do mundo.

– Não estou me *recusando* a nada. Isso é psicobaboseira.

– Talvez você esteja certo. Quem sabe? – Madeleine havia aperfeiçoado a arte de se desviar de um ataque, de permanecer intocada. Isso o deixava desamparado.

Gurney continuou sentado à mesa enquanto ela lavava a louça. Seus olhos começaram a se fechar. Como havia descoberto muitas vezes, uma das consequências da ansiedade intensa é a exaustão. Caiu numa espécie de cochilo.

Capítulo 50

Um cara descontrolado

– Você devia ir para a cama. – Era a voz de Madeleine.

Gurney abriu os olhos. Ela havia apagado todas as luzes, menos uma, e estava saindo da cozinha com um livro embaixo do braço. Ter ficado com a cabeça tombada sobre o peito produzira nele uma dor aguda na clavícula. Enquanto se endireitava, ele descobriu uma dor parecida na nuca. Em vez de deixá-lo descansado, o cochilo à mesa havia alimentado suas preocupações.

Ele estava tão agitado que não conseguiria pegar no sono de verdade, mas precisava fazer alguma coisa para não se entregar aos pensamentos horrorosos sobre Saul Steck.

Poderia retornar a ligação de Sheridan Kline. O promotor deixara aquele recado vago para ele, sobre a família Skard. Já havia falado sobre o assunto com Hardwick, mas talvez Kline soubesse mais do que ele. Só que era domingo à noite e o gabinete da promotoria estava fechado.

Ele tinha o número pessoal de Kline, mas como o promotor o fornecera na época do caso Mellery, não parecia apropriado usá-lo sem autorização prévia para tratar do assunto atual. Porém, neste momento, manter a sanidade parecia mais importante do que seguir o protocolo.

Foi ao escritório, pegou o número e ligou. Estava preparado para deixar um recado e receber uma ligação de volta mais tarde, imaginando que um fanático por controle como Kline iria querer que suas conversas telefônicas ocorressem segundo sua própria programação. Ficou surpreso quando ele atendeu.

– Gurney?

– Desculpe ligar tão tarde.

– Achei que você fosse telefonar para o escritório hoje à tarde, já que investigar a Karnala foi ideia sua.

– Desculpe, fiquei meio enrolado. Na sua mensagem você perguntou se eu tinha ouvido falar da família Skard.

– Foi aonde a pista da Karnala nos levou. O nome é familiar para você?

– Sim e não.

– Como assim?

– É que o nome me pareceu familiar, mas não sei por quê. Jack Hardwick me disse que os Skard são bandidos com raízes na Sardenha, mas ainda não consigo me lembrar de onde conheço esse nome. Só sei que o ouvi muito recentemente.

– Foi só isso que Harwick disse?

– Também falou que ninguém da família jamais foi condenado por nada. E que qualquer que seja o negócio da Karnala, não tem a ver com moda.

– Então você sabe tanto quanto eu. Foi só por isso que você me ligou?

– Não, na verdade eu queria dizer que gostaria de me envolver com o caso em termos mais oficiais.

– Como assim?

– Ser informado sobre as novidades, ser chamado para as reuniões etc.

– Por quê?

– Fiquei meio ligado ao caso e até agora meus instintos têm sido muito bons.

– Não posso prometer nada.

– Olhe, Sheridan, só estou dizendo que nós podemos nos ajudar mutuamente. Quanto mais eu souber e quanto mais rápido souber, mais poderei ajudar.

Houve um longo silêncio. A intuição de Gurney dizia que Kline não ter concordado de imediato com seu pedido era mais técnica do que indecisão. Esperou.

O promotor emitiu um riso sem humor. Gurney continuou aguardando.

– Você sabe que o Rodriguez não o suporta, certo?

– Sei.

– E que o Blatt também não o suporta, certo?

– Sem dúvida.

– E que nem mesmo Bill Anderson gosta muito de você.

– Sei.

– Então você vai ser tão bem-vindo no Bureau de Investigação Criminal quanto um peido num elevador. Percebe isso?

– Claramente.

Houve outro silêncio, seguido por mais um risinho gelado de Kline.

– Vou fazer o seguinte: vou dizer a todo mundo que temos um problema com o Gurney. Gurney é um cara descontrolado. E o melhor modo de conter um cara descontrolado é ficar de olho nele, mantê-lo na rédea curta, ao alcance dos olhos. E o modo como planejo ficar de olho nele é tê-lo sempre por perto, compartilhando seus pensamentos descontrolados conosco. Que tal?

Tentar manter um sujeito descontrolado na rédea curta parecia maluquice para Gurney.

– Parece que pode funcionar, senhor.

– Ótimo. Vai ter uma reunião no departamento amanhã às dez da manhã. Esteja lá. – Kline desligou sem se despedir.

Capítulo 51

Confusão total

Durante o resto da noite Gurney sentiu-se energizado e sossegado pela conversa e pela promessa de envolvimento contínuo com o caso.

Ficou satisfeito e um tanto surpreso por se sentir do mesmo modo ao acordar no dia seguinte. Num esforço para alimentar essa sensação, para permanecer dentro dos limites seguros e sólidos daquele mundo em que ele era o caçador e não a caça, revisou o dossiê do caso Perry pela décima vez enquanto tomava o café da manhã. Depois ligou para Rebecca Holdenfield e deixou um recado perguntando se poderia passar no escritório dela em Albany naquela tarde, depois da reunião.

Telefonar, retornar ligações, marcar compromissos... Todas essas atividades lhe deram a sensação de que ele estava evoluindo. Ligou para o número de Val Perry e caiu direto na secretária eletrônica. Mal dissera “Aqui é o Dave Gurney” quando ela atendeu, surpreendendo-o. Não achava que ela fosse do tipo que acordava cedo.

– O que aconteceu? – perguntou Val.

– Só estava querendo dar uma palavrinha com você.

– Ah, é? Sobre o quê? – Ela parecia tensa, mas talvez não mais do que o normal.

– O nome Skard significa alguma coisa para você?

– Não. Deveria?

– Jillian mencionou esse nome alguma vez?

– Jillian nunca mencionava nada. Não me *contava* coisas. Achei que tinha deixado isso claro.

– Perfeitamente claro, várias vezes. Mas algumas perguntas precisam ser feitas, mesmo que eu tenha 99 por cento de certeza da

resposta.

– Tudo bem. Mais alguma coisa?

– Alguma vez Jillian pediu a você ou ao seu marido para comprar um carro caro para ela?

– Não havia quase nada que Jillian já não tivesse exigido em algum momento, então acho que deve ter pedido. Por outro lado, ela deixou claro desde que tinha 12 anos que Withrow e eu éramos irrelevantes para sua felicidade, que ela sempre poderia encontrar um homem rico para lhe dar qualquer coisa que ela quisesse, de modo que, por ela, a gente podia ir se foder. – Val fez uma pausa, talvez saboreando a possível perplexidade que suas observações poderiam causar. – Estou de saída. Mais alguma pergunta?

– Por enquanto é só, Sra. Perry. Obrigado pela sua atenção.

Como Sheridan Kline na noite anterior, Val Perry desligou sem se dar o trabalho de se despedir. Como quer que Gurney estivesse contribuindo para a investigação do assassinato da filha, claramente não era o que ela esperara.

Às 9h50 ele entrou no estacionamento do prédio da polícia estadual, que parecia uma fortaleza. A reunião das dez horas seria ali. Ficou procurando vaga por cerca de um minuto, durante o qual seu telefone tocou duas vezes. O primeiro toque tinha sido uma ligação e o segundo, uma mensagem de texto. Ele torcia para que pelo menos um deles fosse de Rebecca Holdenfield.

Assim que estacionou, pegou o telefone e verificou primeiro a mensagem de texto. Vinha de um celular com código de área de Manhattan.

Enquanto lia o texto, uma onda de medo subiu de suas entranhas para o peito.

está pensando nas minhas garotas? elas estão pensando em você.

Leu o torpedo mais duas vezes. Verificou o número do telefone. O fato de a pessoa não ter se dado o trabalho de bloqueá-lo com certeza significava que era de um aparelho pré-pago impossível de ser rastreado. Mas também significava que ele podia mandar uma resposta.

Depois de descartar as expressões de fúria e bravata que lhe vieram à mente, decidiu-se por duas palavras sem emoção: diga mais.

Ao apertar a tecla “enviar”, notou que eram 9h59. Entrou correndo no prédio.

Quando chegou à sala de reuniões institucional e sem graça, as seis cadeiras em volta da mesa oval já estavam ocupadas. A coisa mais próxima de uma saudação que recebeu foi Hardwick apontando para um punhado de cadeiras dobráveis encostadas numa parede perto do bule de café. Rodriguez, Anderson e Blatt o ignoraram. Gurney podia imaginar o desânimo deles diante da história absurda do promotor sobre conter o cara descontrolado convidando-o para as reuniões.

A sargento Wigg, uma ruiva magra de quem Gurney se lembrava como a eficiente coordenadora da equipe de coleta de provas do caso Mellery, encontrava-se sentada na outra extremidade da mesa observando a tela de seu laptop, exatamente como ele recordava. Sua função principal seria buscar a certeza factual e a coerência lógica. Gurney abriu sua cadeira dobrável e a posicionou no fim da mesa, de frente para Wigg. Eram 10h05 no relógio de parede.

Sheridan Kline franziu a testa para o seu relógio.

– Bem, pessoal, estamos um pouquinho atrasados. Hoje minha agenda está apertada. Vamos tentar começar com qualquer coisa nova, qualquer progresso significativo, qualquer direção promissora, certo?

Rodriguez pigarreou.

– Dave tem algumas novidades – observou Hardwick. – Um negócio curioso na cena do crime. Seria um bom modo de dar o pontapé inicial na reunião.

Os olhos de Kline se arregalaram.

– O que é?

Gurney havia pretendido aguardar até mais tarde para levantar o problema, esperando que alguma informação ao longo do caminho lançasse luz sobre ele, mas agora que Hardwick tinha forçado o assunto, seria esquisito adiá-lo.

– Imaginamos que, depois de matar Jillian, Flores tenha saído pelo mato até o local onde encontramos o facão, certo? – disse Gurney.

Rodriguez ajeitou seus óculos de armação de aço.

– *Imaginamos?* Eu diria que temos provas conclusivas disso.

Gurney suspirou.

– O problema é que temos dados de vídeo que não apoiam essa hipótese.

Kline começou a piscar rapidamente.

– Dados de vídeo?

Gurney explicou em detalhes como a visibilidade contínua do tronco da árvore no vídeo da festa provava que Flores não poderia ter seguido a rota necessária pela floresta, já que qualquer um que fizesse esse caminho teria de passar entre a câmera naquele canto da propriedade e a árvore, e que teria de aparecer na imagem, ainda que rapidamente.

Rodriguez estava com a testa franzida como alguém que suspeita que está sendo enganado mas não sabe de que forma. Anderson também estava com a testa franzida, só que como alguém que luta para se manter acordado. Wigg olhou por cima da tela de seu laptop, o que Gurney interpretou como um sinal de grande interesse.

– Então ele deu a volta pelo caminho mais longo, por trás da árvore – concluiu Blatt. – Não vejo qual é o problema.

– O problema, Arlo, é o terreno. Tenho certeza de que você o verificou, não foi?

– E qual é o problema com o terreno?

– A ravina. Para ir do chalé até o lugar onde o facão foi encontrado, sem passar na frente daquela árvore, seria necessário descer um barranco longo e íngreme com um monte de pedras soltas e depois andar 150 metros no fundo rochoso e irregular da ravina para chegar ao primeiro lugar onde há alguma possibilidade de subir de volta. E mesmo assim as pedras soltas e a terra iriam dificultar a tarefa. Isso sem contar que o ponto em que a pessoa poderia voltar para o terreno plano não fica nem um pouco perto de onde o facão foi achado.

Blatt suspirou como se já soubesse disso e achasse que não fazia a menor diferença.

– Só porque não é fácil não significa que ele não tenha feito.

– Outro problema é o tempo que isso levaria.

– Como assim? – perguntou Kline.

– Verifiquei aquela área com bastante cuidado. Ir pelo caminho da ravina até o local do facão demoraria demais. Não creio que ele estivesse disposto a ficar zanzando por ali quando o corpo fosse descoberto e as pessoas começassem a procurar em todo canto. Além disso, há duas questões maiores. A primeira: por que fazer algo tão difícil quando ele poderia ter largado o facão em qualquer lugar? A segunda, e este é o argumento definitivo: a trilha de cheiro segue a rota pela frente da árvore, e não por trás.

– Espere aí – interrompeu Rodriguez. – Você não está se contradizendo? Você diz que todos esses fatores provam que Flores pegou a rota pela frente da árvore, mas o vídeo prova que não. Que diabo isso significa?

– Uma equação com uma falha séria – respondeu Gurney –, mas não consigo ver qual é de jeito nenhum.

Durante uma hora e meia o grupo o questionou sobre a confiabilidade da marcação de tempo do vídeo, sobre o potencial de quadros saltados, sobre a posição da árvore em relação ao chalé, ao facão e à ravina. Pegaram os desenhos do local do crime no dossiê do caso, passaram-nos pela sala, estudaram-nos. Fizeram alguns breves parênteses para falar sobre os fabulosos talentos e realizações da equipe como cão farejador. Debateram as hipóteses alternativas para o desaparecimento de Flores depois de ter se livrado da arma do crime, para o possível envolvimento de Kiki Muller como coadjuvante depois do fato e quando e por que ela fora morta. Fizeram algumas especulações sobre a psicopatologia de decapitar a vítima. E, no entanto, no fim de toda essa discussão, não pareciam mais próximos de uma solução.

– Então – disse Rodriguez, resumindo o enigma central do modo mais simples possível –, segundo Dave Gurney, podemos ter certeza absoluta de duas coisas. Primeiro, que Hector Flores tinha de passar na frente da árvore. Segundo, que ele não poderia ter passado.

– Uma situação muito interessante – observou Gurney, diante da contradição.

– Talvez seja um bom momento para fazermos uma pausa rápida para o almoço – concluiu o capitão, frustrado.

Capítulo 52

O fator Flores

O almoço não foi uma ocasião social, o que não incomodou Gurney, que não era nada sociável. Em vez de se dirigirem para o refeitório, todos se espalharam e se concentraram em seus smartphones e laptops durante a meia hora seguinte.

Mas ele poderia ter ficado mais satisfeito com 30 minutos de camaradagem forçada do que se sentia agora, sentado sozinho em seu banco gelado do lado de fora da fortaleza da polícia estadual, assimilando o último torpedo que encontrara em seu celular – evidentemente uma tréplica ao que tinha respondido.

O texto dizia: VOCÊ É UM HOMEM TÃO INTERESSANTE! EU DEVERIA SABER QUE MINHAS FILHAS IRIAM ADORÁ-LO. FOI BOM DEMAIS VOCÊ TER VINDO À CIDADE. NA PRÓXIMA VEZ ELAS IRÃO ATÉ VOCÊ. QUANDO? QUEM SABE? ELAS QUEREM QUE SEJA SURPRESA.

Gurney olhou para as palavras enquanto elas levavam sua mente de volta aos sorrisos inquietantes daquelas jovens, de volta à taça de vinho erguida num brinde, de volta ao muro de sua amnésia.

Brincou com a ideia de mandar uma mensagem que começava com “Caro Saul...”, mas decidiu guardar seu conhecimento sobre a identidade do sujeito que se fazia passar por Jykynstyl, ao menos por enquanto. Não sabia quanto essa carta valia e não queria usá-la antes de entender qual era o jogo. Além disso, tê-la na mão lhe dava um minúsculo sentimento de poder. Era como carregar um canivete num bairro violento.

Quando voltou à sala de reuniões, estava desesperado para se focar de novo no caso Perry. Kline, Rodriguez e Wigg já se encontravam sentados. Anderson se aproximava da mesa,

totalmente concentrado num copo de café tão cheio que tornava um desafio caminhar. Blatt tinha o bule na mão, inclinando-o para extrair lá de dentro o último filete preto. Hardwick ainda não havia chegado.

Rodriguez olhou para seu relógio.

– Está na hora, pessoal. Alguns ainda não voltaram, mas isso é problema deles. Está na hora de fazermos um relatório da situação das entrevistas com as famílias. Bill, é com você.

Anderson pousou seu café na mesa com a concentração de alguém que estivesse desmontando uma bomba.

– Certo – disse ele. Em seguida se empertigou, abriu uma pasta de papel e começou a examinar e reorganizar o conteúdo. – Bem, estamos no seguinte ponto: começamos com uma lista principal de todas as ex-alunas dos 20 anos de existência da Mapleshade e depois a reduzimos às que se formaram nos últimos cinco anos. Foi há cinco anos que o foco da escola mudou de uma clientela de adolescentes com problemas de comportamento em geral para abusadoras sexuais adolescentes.

– Alguma condenada? – perguntou Kline.

– Não. Todas as internações foram privadas, através de membros das famílias, terapeutas, médicos. A população da Mapleshade é composta basicamente por garotas doentes que as famílias tentam manter fora do sistema judiciário juvenil ou simplesmente tirar da cidade, de casa, antes que elas sejam pegas no flagra. Os pais as mandam para a Mapleshade, pagam a anuidade e esperam que Ashton resolva o problema.

– E ele resolve?

– É difícil dizer. As famílias não querem falar sobre isso, de modo que temos de fazer um cruzamento do nome das ex-alunas com o banco de dados nacional de agressores sexuais, para ver se alguma passou a fazer parte do sistema depois da maioridade, após sair da Mapleshade. Até agora não apareceu muita coisa. Duas mulheres das turmas de quatro e cinco anos atrás, nenhuma dos últimos três anos. É difícil dizer o que isso significa.

Kline deu de ombros.

– Pode significar que Ashton sabe o que está fazendo. Ou pode apenas refletir o fato de que o abuso perpetrado por mulheres quase

não é denunciado à polícia e praticamente nenhum processo é aberto.

– Qual é a taxa? – perguntou Blatt.

– Que taxa?

– A porcentagem de denúncias e aberturas de processo.

Kline se recostou na cadeira, irritado pelo que obviamente considerava uma distração. Seu tom era rígido, acadêmico, impaciente.

– Alguns dados sugerem que cerca de 20 por cento de todas as mulheres e 10 por cento de todos os homens foram abusados sexualmente na infância e que em aproximadamente 10 por cento dos casos totais o perpetrador era uma mulher. Resumindo: estamos falando de milhões de situações de abuso sexual e centenas de milhares em que o abusador era do sexo feminino. Mas vocês sabem, tanto quanto eu, que sempre houve um padrão triplo: a relutância por parte das famílias em denunciar mães, irmãs e babás à polícia, a relutância dos agentes da lei em levar a sério as acusações de abuso sexual cometido por mulheres jovens e a relutância dos tribunais em condená-las. A sociedade parece não aceitar que existem predadoras sexuais do mesmo modo que aceita que existem predadores do sexo masculino. Mas alguns estudos sugerem que muitos homens condenados por estupro foram abusados sexualmente por mulheres quando crianças. – Kline balançou a cabeça e hesitou. – Meu Deus, eu poderia contar histórias aqui deste mesmo condado, casos que chegam às varas de família através do serviço social. Vocês conhecem esse tipo de coisa: mães prostituindo os próprios filhos, vendendo vídeos pornôs que os mostram fazendo sexo uns com os outros. Meu Deus... E o que finalmente acaba chegando ao sistema jurídico é só uma fração do que acontece. Mas vocês sabem o que eu quero dizer. Já chega, certo? Vamos retornar à pauta.

Blatt deu de ombros. Rodriguez assentiu.

– Certo, Bill, vamos em frente com o relatório dos telefonemas – disse ele.

Anderson folheou de novo seus papéis, que estavam se espalhando por uma área maior da mesa.

– Endereços, números de telefone e outras informações de contato que usamos eram os mais recentes nos arquivos. O número de ex-alunas no período de cinco anos que nos interessa é de 152. A média é de cerca de 30 por ano. Das 152, achamos que temos informações de contato válidas para 126. Os telefonemas iniciais foram dados para todas essas. Desses telefonemas, 40 resultaram em contato imediato por parte da própria ex-aluna ou de algum parente. Das 86 para quem deixamos recados, 12 ligaram de volta até as 9h45 de hoje.

– Com isso são 52 contatos efetivos – disse Kline rapidamente. – Qual é o resultado?

– É difícil saber. – Anderson falava como se tudo na sua vida fosse difícil.

– Meu Deus, tenente...

– O que quero dizer é que os resultados são variados. – Ele pescou outra folha no meio da pilha. – Das 52, falamos diretamente com a própria ex-aluna em 11 casos. Nenhum problema até aí, certo? Quer dizer, se falamos com elas, elas não estão desaparecidas.

– E as outras 41?

– Em 29 casos, a pessoa com quem falamos, pai ou mãe, cônjuge, irmão ou irmã, colega de quarto, companheiro, dizia saber da localização da ex-aluna e que mantinha contato com ela.

Kline anotava os números em seu bloco.

– E as outras 12?

– Uma pessoa disse que a filha morreu num acidente de automóvel. Outra foi bastante vaga, provavelmente estava doidona, não parecia saber muita coisa. Uma terceira pessoa disse que sabia o paradeiro exato da jovem mas se recusou a dar mais informações.

Kline anotou alguma coisa em seu bloco.

– E as outras nove?

– Com relação às outras nove, todos eram pais ou pais adotivos e disseram que não tinham ideia de onde as filhas estavam.

Houve um silêncio especulativo na sala, rompido por Gurney.

– Quantos desses desaparecimentos começaram com uma briga sobre um carro?

Anderson consultou seus escritos, franzindo a testa como se eles fossem a causa de seu cansaço.

– Seis.

– Uau – disse Kline com um assobio baixo. – E isso sem contar as garotas sobre as quais Ashton e a tal de Liston já haviam contado a Gurney?

– Isso.

– Meu Deus. Então o total é quase uma dúzia. E ainda há um monte de famílias com que não falamos. Uau. Algum comentário?

– Acho que devemos um agradecimento a Dave Gurney! – sugeriu Hardwick, que havia entrado na sala sem ser notado. Ele olhou para Rodriguez. – Se ele não tivesse chamado nossa atenção para isso...

– Que bom que você arranjou tempo para se juntar a nós – comentou o capitão.

– Não vamos nos deixar levar por teorias malucas – observou Anderson, mal-humorado. – Ainda não há provas de sequestro e nenhum outro crime relacionado. Talvez estejamos exagerando. Tudo isso pode não passar de algumas garotas rebeldes aprontando algo juntas.

– Dave? – disse Kline, ignorando Anderson. – Quer falar alguma coisa?

– Tenho uma pergunta para o Bill. Qual é o padrão de distribuição das garotas desaparecidas nas cinco turmas de formandas que você checou?

Anderson balançou a cabeça de leve, como se não tivesse escutado direito.

– O quê?

– As garotas que desapareceram. De que turmas de formandas elas eram?

Anderson suspirou e voltou a folhear sua pilha de papéis.

– Tudo o que a gente precisa está sempre embaixo da pilha – murmurou ele, dirigindo-se a ninguém em particular. Em seguida remexeu em pelo menos uma dúzia de pedaços de papel antes de se fixar num deles. – Certo, parece que foram... 2009... 2008... 2007... 2006. E é isso. Nenhuma que tenha se formado em 2005.

Os desaparecimentos mais antigos, se você quiser chamar assim, foram da turma que se formou em maio de 2006.

– Então todas são dos últimos quatro anos – concluiu Kline. – Ou, na verdade, dos últimos três anos e meio.

– E daí? – questionou Blatt, dando de ombros. – O que isso significa?

– Para começar – sugeriu Gurney –, significa que os desaparecimentos começaram a ocorrer pouco depois que Hector Flores entrou em cena.

Capítulo 53

Mudando o jogo

Kline se virou para Gurney.

– Isso combina com o que a secretária de Ashton disse a você. Ela não falou que as duas ex-alunas com quem não conseguia fazer contato tinham se interessado por Flores quando ele trabalhou na Mapleshade?

– Falou.

– Isso é o mais incrível – continuou Kline, empolgado. – Vamos presumir, por um minuto, que Flores seja a chave para tudo, que assim que descobrirmos o que o trouxe aqui vamos entender todo o resto: o assassinato de Jillian Perry, o assassinato de Kiki Muller, como e por que ele escondeu o facão naquele lugar, por que a câmera não o captou, o desaparecimento de Deus sabe quantas ex-alunas da Mapleshade...

– Esse último item poderia ter alguma coisa a ver com a formação de uma comunidade – sugeriu Blatt.

– O quê? – perguntou Kline.

– Tipo o grupo formado por Charles Manson, só que exclusivamente com mulheres.

– Está dizendo que ele podia estar procurando seguidoras? Jovens impressionáveis?

– Maníacas sexuais. É isso que tem na Mapleshade, não é?

Gurney olhou para Rodriguez a fim de ver como ele reagiria ao comentário de Blatt à luz da situação de sua filha, mas, se sentiu alguma coisa, escondeu sob uma carranca pensativa.

O computador mental de Kline começou a acelerar de novo, enquanto ele presumivelmente avaliava os benefícios midiáticos de levar a julgamento e condenar seu próprio Charles Manson. Tentou ir mais fundo na ideia de Blatt.

– Então você está imaginando que Flores tinha uma pequena comunidade enfiada em algum lugar por aí e que convencia essas mulheres a sair de casa encobrindo os rastros e indo para lá.

Virou-se para o capitão, pareceu intimidado pela carranca dele e se dirigiu a Hardwick:

– Você tem alguma ideia sobre isso?

Hardwick respondeu com um risinho irônico.

– Eu estava pensando em Jim Jones: um líder carismático com uma congregação de seguidoras prontas para casar.

– Quem diabo é Jim Jones? – quis saber Blatt.

– Aquele que fundou Jonestown – respondeu Kline. – O negócio do suicídio em massa. Cianureto no refresco em pó. Morreram mais de 900 pessoas.

– Ah, é, o refresco em pó. – Blatt riu. – Isso aí, Jonestown. Uma merda completa.

A carranca do capitão estava chegando a uma intensidade tempestuosa.

– Dave? – interrompeu Kline. – Alguma ideia sobre o plano grandioso de Flores?

– O problema com essa teoria de ele estar formando uma comunidade é que Flores morava na propriedade de Ashton. Se ele estava juntando essas mulheres e escondendo-as em algum lugar, teria de ser aqui perto. Não creio que fosse isso.

– O que seria, então?

– Acho que é o que ele disse: “Por todos os motivos pelos quais escrevi.”

– E quais seriam esses motivos?

– Vingança.

– Pelo quê?

– Se levarmos a sério o prólogo de Edward Vallory, por algum grande crime sexual.

Estava claro que Kline adorava conflitos. Por isso Gurney não se surpreendeu ao ver que a próxima opinião que ele pediu foi a de Anderson.

– Bill?

O sujeito balançou a cabeça.

– Em geral a vingança assume a forma de um ataque físico: ossos quebrados, assassinato. Em todos esses supostos desaparecimentos não há sequer uma sugestão disso. – Ele se recostou na cadeira. – Nem ao menos uma única *sugestão*. Acho que precisamos de uma abordagem mais baseada em provas. – Ele sorriu, parecendo satisfeito com seu resumo benfeito.

O olhar de Kline pousou na sargento Wigg, que estava, como sempre, observando a tela de seu computador.

– Robin, quer acrescentar alguma coisa?

Ela respondeu de imediato, sem levantar os olhos.

– Há muitas coisas que não fazem sentido. Há dados incompletos em todas as partes da equação.

– Que tipo de dados incompletos?

Antes que ela pudesse responder, a porta da sala se abriu e uma mulher magra entrou. Seus olhos cinzentos se viraram para o capitão.

– Desculpe interromper, senhor. – A voz tinha a mesma frieza de sua expressão. – Temos uma novidade significativa.

– Entre – ordenou Rodriguez. – E feche a porta.

Ela obedeceu, depois ficou de pé rigidamente como um soldado do exército esperando permissão para falar.

Rodriguez pareceu satisfeito com a formalidade.

– Certo, Gerson, o que é?

– Fomos informados que uma das jovens de nossa lista foi vítima de homicídio há três meses.

– *Há três meses?*

– Sim, senhor.

– Você tem os detalhes?

– Sim, senhor.

– Vá em frente.

A expressão dela estava tão rígida quanto a gola engomada de sua blusa.

– Nome: Melanie Strum. Idade: 18 anos. Formou-se em 1º de maio deste ano na Escola Residencial Mapleshade. Foi vista pela última vez pela mãe e pelo padrasto em Scarsdale, Nova York, em 6 de maio. O corpo foi encontrado no porão de uma mansão em Palm Beach, na Flórida, em 12 de junho.

Rodriguez fez uma careta.

– Causa da morte?

Os lábios da Sra. Gerson se apertaram.

– Causa da morte? – repetiu ele.

– A cabeça foi decepada, senhor.

Rodriguez encarou-a.

– Como essa informação chegou até nós?

– Pelo processo de telefonemas. O nome de Melanie Strum estava na lista que foi designada a mim. Eu liguei para a família.

– Com quem você falou?

Ela hesitou.

– Posso pegar minhas anotações, senhor?

– O mais rápido possível, por favor.

Durante o minuto em que ela esteve fora da sala, a única pessoa que falou foi Kline.

– Pode ser isso – disse ele com um sorriso empolgado. – Pode ser o caminho para a solução.

Anderson torceu os lábios. Hardwick pareceu bastante interessado. Wigg era insondável. Gurney ficou menos perturbado do que gostaria de admitir. Disse a si mesmo que sua tranquilidade ou ausência de consternação devia-se ao fato de que, desde o início, presumira que as jovens desaparecidas estavam mortas. Às vezes, quando se encontrava sozinho e exausto, algum sistema de defesa interno se rompia e ele se via como um homem tão desconectado emocionalmente da vida dos outros, dedicado de uma forma tão deturpada ao seu objetivo de resolver enigmas, que praticamente não se qualificava como um ser humano. No entanto, essa visão perturbadora passava com uma boa noite de sono, depois da qual ele racionalizava a falta de sentimento como uma consequência normal de uma carreira na polícia.

A policial Gerson voltou à sala segurando um bloco de anotações. Seu cabelo castanho estava puxado para trás e preso num rabo de cavalo apertado que imobilizava suas feições.

– Capitão, tenho as informações sobre o telefonema para Strum.

– Prossiga.

Ela consultou o bloco.

– A ligação foi atendida por Roger Strum, padrasto de Melanie. Quando expliquei o objetivo do contato, ele expressou confusão, depois raiva pelo fato de já não sabermos que Melanie estava morta. Sua esposa, Dana Strum, entrou na conversa pela extensão. Os dois encontravam-se perturbados. Forneceram os seguintes fatos: a partir de uma denúncia, a polícia de Palm Beach entrou na casa de Jordan Ballston e descobriu o corpo de Melanie num freezer no porão. A polícia...

Kline interrompeu-a:

– Jordan Ballston, o cara dos fundos de investimento?

– Não houve menção específica a um fundo de investimento, mas no telefonema que dei em seguida para o Departamento de Polícia de Palm Beach eles disseram que Ballston vivia numa mansão de muitos milhões de dólares.

– Na porra do freezer? – murmurou Blatt, como se preocupações com a contaminação da comida estivessem deixando-o enjoado.

– Certo – disse Rodriguez. – Continue.

– Na maior parte do tempo o Sr. e a Sra. Strum ficaram falando como se sentiam ultrajados por Ballston ter sido libertado depois de pagar fiança. Quem ele estava subornando? Será que tinha comprado o juiz? Coisas assim. O Sr. Strum sugeriu que, se Ballston conseguisse pagar para se livrar disso, ele “enfiaria pessoalmente uma bala na cabeça do sujeito”. Repetiu isso várias vezes. Consegui descobrir que eles tiveram uma discussão com Melanie no dia 6 de maio, a data em que ela foi embora de casa, sobre um carro que ela queria que eles comprassem: um Porsche Boxster que custa 47 mil dólares. Falaram que ela ficou furiosa quando recusaram, disse que os odiava, que não queria mais morar com eles, que não queria mais nem falar com eles. Disse que ia morar com uma amiga e na manhã seguinte já tinha ido embora. A próxima vez que a viram foi quando identificaram o corpo no necrotério em Palm Beach.

– Você disse que os policiais de lá descobriram o corpo a partir de uma denúncia – disse Gurney. – Temos mais alguma informação sobre isso?

Ela olhou para Rodriguez, aparentemente querendo confirmar o direito de Gurney de fazer perguntas.

– Prossiga – respondeu o capitão, com óbvios sentimentos dúbios.

Ela hesitou.

– Eu disse ao investigador-chefe em Palm Beach que tínhamos interesse no caso e que gostaríamos de ter o máximo de informações possível. Ele respondeu que poderia falar com a pessoa encarregada do caso aqui e que estaria disponível durante a próxima meia hora.

Depois de alguns minutos avaliando os prós e os contras, o promotor e o capitão concordaram que o telefonema, com qualquer troca de informações que fosse ocorrer, seria vantajoso para todos. O telefone fixo da sala de reuniões foi colocado no centro da mesa e a policial Gerson digitou o número que o detetive em Palm Beach lhe dera. Ela explicou a ele brevemente quem queria falar com ele e depois apertou o botão do viva-voz.

Rodriguez cedeu a vez a Kline, que informou os nomes e os cargos das pessoas presentes e descreveu o caso como uma possível investigação em estágio inicial de pessoas desaparecidas.

O homem do outro lado da linha tinha um leve sotaque sulista, algo incomum em Palm Beach.

– Estou em desvantagem numérica, sozinho aqui na minha sala. Sou o tenente detetive Darryl Becker. A policial com quem falei antes me disse que vocês gostariam de saber mais sobre o assassinato de Melanie Strum.

– Ficaremos gratos por qualquer informação que você possa nos dar, Darryl – respondeu Kline, que parecia estar tentando absorver o sotaque de Becker e refletir sobre ele. – A primeira pergunta que temos é: que tipo de denúncia levou vocês ao corpo?

– Não posso dizer que tenha sido voluntária.

– Como assim?

– O cavalheiro que nos deu a informação não era exatamente um indivíduo com espírito de cidadania ajudando as forças do bem. Ele conseguiu essa pista de modo um tanto comprometedor.

– De que diabo ele está falando? – murmurou Blatt, não muito baixo.

– Como assim? – repetiu Kline.

– O sujeito é um ladrão de residências. Ladrão profissional. É o que ele faz para viver.

– Ele foi apanhado na casa de Ballston?

– Não, senhor. Foi preso saindo de outra casa uma semana depois de ter invadido a de Ballston. O nome do ladrão por acaso é Edgar Rodriguez, mas tenho certeza de que não tem nenhum parentesco com o seu capitão aí.

Um pequeno riso fungado saltou de Blatt.

O capitão ficou transtornado. A observação de Becker foi proferida de modo tão inocente que sua raiva pareceu exagerada.

– Deixe-me adivinhar – disse Kline. – Edgar estava diante da possibilidade de anos de prisão e se ofereceu para trocar uma informação sobre algo que ele tinha visto no porão de Ballston por um tratamento mais suave da sua situação?

– Em resumo seria isso, Sr. Kline. Por sinal, como se soletra isso?

– Perdão?

– O seu nome. Como se soletra o seu nome?

– K-L-I-N-E.

– Ah, é com *K*. – Becker soou decepcionado. – Achei que fosse com *C*. Bom, isso não é importante. Desculpe a distração. Continuem com as perguntas.

Kline demorou um momento para voltar aos trilhos.

– E o que ele contou foi suficiente para vocês conseguirem um mandado?

– Foi, sim.

– E o que descobriram durante a busca?

– Melanie Strum, cortada em dois pedaços e enrolada em papel-alumínio no fundo de um freezer horizontal, embaixo de 50 quilos de peito de frango e de uma boa quantidade de brócolis congelado.

Hardwick produziu um riso fungado, mais alto do que o de Blatt.

Kline pareceu perplexo.

– Por que o seu ladrão estava desenrolando embrulhos de papel-alumínio no fundo de um freezer?

– Ele disse que é o primeiro lugar da casa em que sempre procura algo de valor, que as pessoas acham que o freezer é o *último* lugar em que um ladrão olharia, por isso colocam as coisas valiosas ali. Segundo ele, se você quiser encontrar diamantes, procure no freezer. Contou que achava isso muito engraçado, todas aquelas pessoas acreditando que tinham tido uma ideia brilhante, imaginando que iriam enganá-lo, que eram mais espertas do que ele. Ele riu um bocado disso.

– Então ele foi ao freezer e começou a desembrulhar o corpo e...

– Na verdade – interrompeu Becker –, ele começou desenrolando a cabeça.

Várias exclamações guturais de nojo ao redor da mesa foram seguidas por um silêncio.

– Vocês ainda estão aí, cavalheiros? – Havia um toque divertido na voz de Becker.

– Estamos – respondeu Rodriguez com frieza. Houve outro silêncio.

– E querem saber mais alguma coisa ou isso resolve o seu caso de desaparecimento?

– Tenho uma pergunta – disse Gurney. – Como vocês fizeram a identificação do corpo?

– Tínhamos uma amostra de DNA praticamente igual na lista de agressores sexuais do banco de dados do Centro Nacional de Informações Criminais.

– Quer dizer, algum parente próximo?

– É. Por acaso era o pai biológico de Melanie, Damian Clark, que era viciado em heroína e há cerca de 10 anos tinha sido condenado por estupro, agressão sexual com agravantes, abuso sexual de menor e vários outros crimes desprezíveis. Encontramos a mãe dela, que havia se divorciado do marido estuprador e se casado de novo com um homem chamado Roger Strum. Ela veio e identificou o corpo. Também pegamos uma amostra de DNA dela e tivemos uma confirmação de parente em primeiro grau, como fizemos com o pai biológico. Portanto temos certeza da identidade da garota assassinada. Mais alguma coisa?

– Vocês têm alguma dúvida quanto à identidade do assassino? – perguntou Gurney.

– Na verdade, não. Tem alguma coisa no Sr. Ballston que não se encaixa...

– Os Strum parecem muito incomodados por ele ter saído sob fiança.

– Não tão incomodados quanto eu – afirmou Becker.

– Ele conseguiu convencer o juiz de que não há risco de fuga?

– O que ele conseguiu foi pagar uma fiança de 10 milhões de dólares e concordar com a prisão domiciliar. Ele precisa permanecer nos limites de sua propriedade aqui em Palm Beach.

– Você não parece muito feliz com isso.

– Feliz? Eu mencionei que o legista concluiu que, antes de ser decapitada, Melanie Strum foi estuprada de forma cruel pelo menos uma dúzia de vezes e que praticamente cada centímetro de seu corpo tinha sido cortado com uma navalha? Como posso ficar feliz sabendo que o homem que fez isso está sentado à beira de sua piscina de um milhão de dólares usando óculos escuros de grife enquanto os advogados mais caros do estado da Flórida e a melhor empresa de relações públicas da cidade de Nova York fazem todo o possível para apresentá-lo como uma vítima inocente de um departamento de polícia corrupto e incompetente?

– Então seria um eufemismo dizer que ele não está cooperando com a investigação? – questionou Gurney.

– Sim, senhor, seria um eufemismo. Os advogados do Sr. Ballston deixaram claro que seu cliente não dirá uma palavra a ninguém da polícia sobre o processo fajuto aberto contra ele.

– Antes que decidisse se calar, ele deu alguma explicação para a presença de uma mulher assassinada no seu freezer?

– Só disse que sua casa entra em obras com frequência, que ele tem muitos empregados domésticos e só Deus sabe quantas pessoas podiam ter acesso ao seu porão, isso sem mencionar o próprio ladrão.

Kline olhou em volta, as mãos levantadas num gesto interrogativo, mas ninguém tinha nada a acrescentar.

– Certo – disse Gurney. – Detetive Becker, quero agradecer sua ajuda e sua boa vontade. E boa sorte com o caso.

Houve uma pausa e em seguida o leve sotaque sulista de novo:

– Estava aqui pensando... será que os senhores sabem alguma coisa sobre esse caso aí do seu lado que possa ser útil para nós aqui?

Kline e Rodriguez se entreolharam. Gurney podia ver as engrenagens girando enquanto eles avaliavam os riscos e as recompensas potenciais de serem sinceros. O capitão enfim deu de ombros, carrancudo, cedendo à decisão ao promotor.

– Bom – disse Kline, soando mais em dúvida do que de fato estava –, pode ser que estejamos procurando mais de uma pessoa desaparecida.

– Ah, é? – Houve um silêncio, sugerindo que Becker estava demorando para assimilar a informação ou imaginando por que ela não fora mencionada antes. Quando ele falou de novo, sua voz havia perdido a suavidade. – Exatamente de quantas estamos falando?

Capítulo 54

Histórias desagradáveis

Na longa viagem para casa Gurney sentiu-se obcecado com a situação em Palm Beach, com a imagem de Jordan Ballston ao lado da piscina, com o desejo de falar com o sujeito e chegar ao fundo daquele caso bizarro. Mas não seria fácil entrar em contato com ele. Isolado atrás de um muro de advogados e porta-vozes, Ballston certamente não iria se sentar com ele para um bate-papo amigável sobre o corpo encontrado no seu porão.

Perto do pequeno povoado de Musgrave, Gurney parou numa loja de conveniência Stewart's para tomar um café. Eram quase três da tarde e ele estava à beira de uma crise de abstinência de cafeína.

Enquanto voltava ao carro com um grande copo fumegante, seu telefone tocou.

Era Hardwick.

– E aí, Davey, o que você acha? É uma situação totalmente nova?

– É a mesma situação, só que de um novo ângulo.

– Está vendo alguma coisa que não viu antes?

– Uma oportunidade. Só não sei bem como aproveitá-la.

– Ballston? Acha que ele vai lhe contar alguma coisa? Boa sorte!

– É a única chave que a gente possui, Jack. Precisamos achar um modo de usá-la.

– Você acha que de alguma maneira ele está por trás dessa coisa?

– Ainda não sei o suficiente para achar nada, só que não consigo imaginar um modo de ele ter matado Jillian Perry. Mas vou dizer de novo: ele é a única chave que a gente tem. Tem um nome

verdadeiro, um trabalho verdadeiro, um passado que podemos verificar e um endereço verdadeiro. Comparado com ele, Hector Flores é um fantasma.

– Certo, ás, avise quando esse seu cérebro de gênio pensar em um modo de girar a chave. Mas não foi por isso que eu liguei. Descobrimos mais algumas coisas sobre a Karnala e os donos.

– Kline disse que vocês chegaram à conclusão de que na verdade não é uma empresa de roupas.

Hardwick pigarreou.

– Isso é só a ponta do iceberg. Ou, melhor dizendo, a ponta de um hospício. Ainda não sabemos com certeza qual é o negócio da Karnala, mas consegui alguns dados sobre os Skard. Definitivamente não são pessoas que você vai querer sacanear.

– Espere um segundo, Jack. – Gurney destampou o copo de café e tomou um grande gole. – Pronto, pode falar.

– As informações estão chegando aos poucos. Antes de eles se mudarem para os Estados Unidos e começarem a atuar internacionalmente, os Skard tinham suas operações baseadas na Sardenha, que fica na Itália. O país tem três agências policiais independentes umas das outras, cada qual com seus próprios registros, e ainda existe a Interpol, que tem acesso a parte do material delas, mas não a tudo. Além disso, estou recebendo algumas informações que não estão em nenhum dossiê, como antigos boatos, suposições etc., de um cara da Interpol para quem fiz alguns favores. Então o que tenho são pedaços desconectados. Alguns são únicos, outros se repetem e há aqueles que são contraditórios. Parte é confiável, parte não é, mas não há como separar.

Gurney esperou. Não adiantava dizer a Hardwick para ir direto ao assunto.

– Aparentemente, os Skard são investidores internacionais de alto nível. Possuem resorts, cassinos, hotéis de mil dólares a diária, empresas que constroem iates de milhões de dólares, coisas do tipo. Mas a crença geral é que o dinheiro que eles usam para adquirir esses bens legais vem de outro lugar.

– De um empreendimento mais sujo, que eles estão escondendo?

– Isso, e os Skard são muito bons em esconder. Em toda a sangrenta história da família houve apenas uma prisão, há 10 anos, por causa de uma violenta agressão, e nenhuma condenação. Portanto não há fichas criminais, quase nada registrado em papel. Vivem surgindo boatos de que eles lidam com prostituição de altíssimo nível, escravidão sexual, pornografia sadomasoquista radical, extorsão. Mas nada disso pode ser verificado. Eles também têm representantes legais muito agressivos, que partem para um processo de calúnia instantâneo quando algo minimamente crítico aparece na imprensa. Não existem nem fotografias deles.

– O que aconteceu com a foto da pessoa que foi presa por agressão?

– Desapareceu misteriosamente.

– Ninguém nunca testemunhou contra esses caras?

– As pessoas que poderiam saber alguma coisa, inclusive aquelas que por acaso estiveram por perto em momentos de tensão, têm uma enorme dificuldade para permanecer vivas. As poucas que cooperaram com a imprensa contando histórias sobre os Skard, mesmo que de forma anônima, desapareceram em poucos dias. Os membros da família só reagem de uma forma aos problemas: eles os apagam por completo, sem remorso e sem a mínima preocupação com danos colaterais. Um exemplo perfeito: segundo meu contato na Interpol, há cerca de 10 anos Giotto Skard, supostamente chefe da família, teve um desentendimento comercial com um empreendedor imobiliário israelense. Depois de um encontro numa pequena boate em Tel Aviv, durante o qual Giotto pareceu concordar com os termos do israelense, ele se despediu, saiu do estabelecimento, trancou as saídas e incendiou o lugar. Conseguiu matar o empresário, mas 52 outras pessoas que por acaso estavam ali também morreram.

– Ninguém nunca se infiltrou na organização deles?

– Nunca.

– Por quê?

– Eles não têm organização no sentido usual do termo.

– Como assim?

– Os Skard são os Skard, uma família biológica. O único modo de entrar é por nascimento ou casamento, e assim de supetão não

consigo pensar em uma policial suficientemente dedicada ao serviço para se casar com alguém que pertença a um bando de assassinos em massa.

– A família é grande?

Hardwick pigarreou de novo.

– É surpreendentemente pequena. Da geração mais antiga, acredita-se que só um de três irmãos ainda esteja vivo, Giotto Skard. Ele pode ter matado os outros dois, mas ninguém dirá isso, nem mesmo em voz baixa. Nem como piada. Giotto tem, ou talvez tenha tido, três filhos. Ninguém sabe ao certo quantos deles continuam vivos, ou quantos anos eles têm, ou onde podem estar. Como eu disse, por menor que seja o número deles, os Skard operam em nível internacional, portanto se presume que os filhos estejam sempre em vários lugares do mundo onde os interesses da família precisem ser defendidos.

– Espere um segundo. Se só membros da família estão envolvidos, quem coloca a mão na massa na hora de “eliminar” os problemas?

– O que dizem é que eles mesmos cuidam disso, que são muito rápidos e eficientes e que ao longo dos anos acabaram pessoalmente com pelo menos 200 obstáculos humanos aos objetivos empresariais da família, sem contar o massacre da boate.

– Gente boa. Com três filhos, presumivelmente Giotto teve uma mulher, não é?

– Ah, teve. Tirana Magdalena, o único membro da corja dos Skard sobre quem se sabe alguma coisa. E talvez a única pessoa no mundo que tenha criado inconvenientes sérios para Giotto e sobrevivido para contar.

– Como ela conseguiu isso?

– Era filha do chefe de uma família da máfia albanesa. Na verdade, ela *é* a filha. Ainda está viva, com 60 e poucos anos, numa instituição para loucos criminosos. O mafioso albanês deve ter uns 90. Não é que Giotto tenha tido medo de um chefão mafioso. O que se diz é que o fato de ele ter deixado a mulher viver foi puramente uma decisão empresarial. Ele não queria perder tempo e dinheiro matando os albaneses furiosos que tentariam vingar a morte dela.

– Como diabo você sabe tudo isso?

– Na verdade, não sei. Como eu disse, são na maior parte boatos que o cara da Interpol me contou. Talvez seja tudo papo furado. Mas para mim faz sentido.

– Espere aí. Há um segundo você disse que ela era o único membro da família Skard sobre quem se sabe alguma coisa. *Sabe*, foi o que você disse.

– Ah, mas eu ainda não cheguei à parte que se *sabe*. Estava guardando para o final.

Capítulo 55

Tirana Magdalena Skard

– Tirana Magdalena Skard era filha única de Adnan Zog.

– E Zog é o chefão?

– Zog é o chefão, ou seja lá como chamam esse cargo importante na Albânia. De qualquer modo, a filha dele era linda de morrer.

– Como você sabe disso?

– A beleza dela era lendária. Ao menos nos subterrâneos da Europa Oriental. Ao menos segundo meu contato na Interpol. Além disso, existem fotos, muitas fotos. Ao contrário dos Skard, os Zog, em especial Tirana Magdalena, não tinham problema com a fama. Além de ser linda, ela também era obcecada por virar dançarina. Papai Zog cagava e andava para o que ela queria. Só a via como algo que tinha valor potencial. Assim, quando o jovem e ambicioso Giotto Skard se interessou pela jovem Tirana, na época com 16 anos, durante a negociação de uma aliança comercial com Zog, o pai dela incluiu-a como parte do acordo. Provavelmente achou que todos sairiam ganhando. Zog deu a Skard algo que ele queria e que não custaria nada para ele mesmo e ainda se livrou de sua filha maluquete que vivia dando dor de cabeça. Isso fez com que ele e Giotto virassem irmãos de sangue sem ao menos ter de furar os dedos.

– Muito eficiente – disse Gurney.

– Muito. Então a garota doida de 16 anos que tinha sido criada por um assassino albanês lunático se viu casada com um assassino sardo lunático. Agora tudo o que ela queria era dançar, só que tudo o que Giotto queria eram filhos, um monte de filhos, o que era bom para os negócios. Daí ela começou a ter os bebês de Giotto, que por acaso nasceram todos homens, exatamente como ele desejava.

Ticiano, Rafael, Leonardo. Isso o deixou muito feliz. Mas Tirana continuou querendo dançar, e cada filho a deixava um pouquinho mais louca. Quando teve o terceiro, estava pronta para ser internada em um hospício. Então ela fez sua grande descoberta: cocaína! Viu que cheirar era quase tão bom quanto dançar e começou a cheirar horrores. Quando não conseguiu roubar mais dinheiro de Giotto, o que era bastante perigoso, por sinal, começou a trepar com o traficante local. Quando Giotto descobriu, fez picadinho dele.

– Picadinho?

– É. Literalmente. Cortou-o em mil pedacinhos, para dar um recado.

– Impressionante.

– Demais. Então Giotto decidiu levar a família para os Estados Unidos. Disse que seria melhor para todo mundo. O que realmente queria dizer era que seria melhor para os negócios. Ele só se importava com os negócios. Assim que chegaram ao novo país, Tirana começou a trepar com traficantes de cocaína americanos. Giotto fez picadinho deles. Todo mundo com quem ela trepava virava picadinho. Ela trepava com tantos caras que ele mal conseguia acompanhar. Por fim ele a chutou, junto com o terceiro filho, Leonardo, que na época tinha uns 10 anos e era ou gay ou esquizofrênico ou só esquisito demais para Giotto. Ela pegou o dinheiro que o marido lhe deu como presente de "despedida" e abriu uma agência de modelos infantis para pais que queriam ver os filhos em comerciais, programas de TV, qualquer coisa. Oferecia aulas de interpretação e dança para incrementar o início da carreira das crianças. Enquanto isso, Giotto se estabelecia com os dois filhos mais velhos para se concentrar no seu império de sexo e extorsão. Parecia um final feliz para todos os envolvidos. Mas havia uma falha no plano.

– Que falha?

– Tirana molestava as crianças. Além de continuar trepando com traficantes, agora estava trepando com cada garoto de 10, 11, 12 anos em que conseguia pôr as mãos.

– Meu Deus. Como isso terminou?

– Terminou com ela sendo presa e acusada de mais de 20 ocorrências de abuso sexual, agressão, estupro, como você quiser

chamar. Acabou internada num hospício do estado, onde permanece até hoje.

– E o filho?

– Quando ela foi presa ele tinha sumido.

– Sumido?

– Ou fugiu, ou foi resgatado pelo pai, ou foi adotado através de algum processo particular. Ou, conhecendo os Skard, pode muito bem estar morto. Giotto jamais deixaria que o sentimentalismo o impedisse de amarrar uma ponta solta.

Capítulo 56

Uma questão de controle

Na metade do caminho entre a parada no Stewart's e Walnut Crossing, o telefone de Gurney tocou de novo. A voz de Rebecca Holdenfield era elegante e nítida e, assim como sua aparência, lembrava a da jovem Sigourney Weaver.

– Então você não vem?

– Como?

– Você não ouve seus recados?

Então ele se lembrou. Mais cedo naquele dia, no intervalo para o almoço durante a reunião de que tinha participado, vira que tinha recebido uma mensagem de texto e um recado de voz. Checou o torpedo primeiro, aquele que o havia lançado num mundo de especulações sobre o tempo em que ficara apagado depois do almoço com Jykynstyl. Não chegou a ouvir o recado de voz.

– Meu Deus, desculpe, Rebecca. Ando muito enrolado. Marquei de encontrar com você hoje?

– Foi o que você sugeriu no recado que me deixou e eu disse que tudo bem.

– Será que eu posso ir amanhã? Que dia é amanhã, afinal?

– Terça-feira. E eu vou estar atolada o dia inteiro. Que tal na quinta? É meu próximo tempo livre.

– Longe demais. Podemos conversar agora, então?

– Estou liberada até as cinco, o que significa que temos uns 10 minutos. Qual é o assunto?

– É mais de um, na verdade: queria que você me falasse sobre os efeitos de ser criado por uma mãe promíscua, o tipo de mente das mulheres que abusam sexualmente de crianças, as fraquezas psicológicas dos assassinos do sexo masculino com motivações

sexuais... e o comportamento de homens adultos sob a influência de um coquetel de Rohypnol com álcool.

Depois de um silêncio de dois segundos, ela caiu na gargalhada.

– Claro. E no tempo que sobrar podemos discutir as causas do divórcio, como acabar com as guerras e...

– Certo, certo, entendi. Escolha o assunto que você acha que dá tempo de discutir, então.

– Você está planejando batizar seu próximo martíni com Rohypnol?

– Longe disso.

– Então é só uma pergunta acadêmica?

– Mais ou menos.

– Sei. Bom, não existe um tipo de comportamento padrão para a intoxicação em geral. Tipos diferentes de substâncias químicas motivam tipos diferentes de comportamento. A cocaína, por exemplo, tende a produzir um intenso impulso sexual. Mas se o que você está perguntando é se existe algum limite para o comportamento provocado por um desinibidor não alucinógeno, a resposta é sim e não. Não existe um limite específico que se aplique a todo mundo, mas há limites individuais.

– Que tipos de limite?

– Não há como saber. Nosso comportamento é regulado pelas nossas percepções, pela força de nossos desejos instintivos e pela força de nossos medos. Se a droga é um desinibidor que anula nosso medo das consequências, nosso comportamento vai refletir nossos desejos e ser limitado principalmente pela dor, pela satisfação ou pela exaustão. Faremos qualquer coisa que faríamos num mundo em que não houvesse consequências, mas não faremos nada que previamente não tivéssemos vontade de fazer. Os desinibidores soltam as rédeas dos impulsos existentes, mas não criam impulsos incoerentes com a estrutura psíquica subjacente do indivíduo. Está acompanhando?

– Resumindo, sob o efeito de uma droga dessas a pessoa é capaz de realizar suas fantasias?

– Pode até fazer coisas com as quais tinha medo de fantasiar.

– Sei – disse ele, ficando enjoado. – Agora, mudando totalmente de assunto, uma jovem que se formou há pouco tempo na Mapleshade apareceu morta. Foi um crime sexual ocorrido na Flórida. Estupro, tortura, decapitação. O corpo estava no freezer do suspeito.

– Há quanto tempo? – Como sempre, Holdenfield não se abalava com os detalhes macabros, ou ao menos gostava de aparentar isso.

– Quanto tempo o quê?

– Há quanto tempo o corpo estava no freezer?

– Os legistas acham que uns dois dias, talvez. Por quê?

– Só estou imaginando por que o assassino o estava guardando. Quem é o suspeito?

– Jordan Ballston, um figurão do mercado financeiro.

– Ballston, aquele cara milionário? Lembro que li sobre isso. Acusado de assassinato em primeiro grau. Mas isso foi há meses.

– Foi, mas a identidade da vítima não foi originalmente divulgada na mídia e a conexão com as outras alunas da Mapleshade desaparecidas só foi descoberta agora.

– Tem certeza de que *há* uma conexão?

– Se não houver, é uma tremenda coincidência.

– Vocês podem falar com Ballston?

– Não. Ele está totalmente protegido pelos advogados.

– Imagine que eu consiga entrar em contato com ele.

– Como?

– Ainda não sei. Só imagine que eu consiga.

– Certo. E aí?

– Do que ele teria mais medo?

– Cercado de advogados? – Ela pensou. – Não muita coisa... A não ser...

– O quê?

– A não ser que ele pense que outra pessoa sabe o que ele fez, alguém que poderia ter um objetivo em conflito com o dele. Esse tipo de situação criaria uma falha no campo do controle dele. Os assassinos sexuais sádicos são fanáticos por controle, e uma coisa que desestabiliza totalmente um cara desses é estar à mercê de

outra pessoa. – Ela parou um momento. – Você tem um modo de contatar Ballston?

– Ainda não.

– Por que eu tenho a sensação de que você vai descobrir um?

– Agradeço sua confiança.

– Agora preciso desligar. Desculpe não poder lhe dar mais atenção. Só se lembre, Dave, de que quanto mais poder ele acreditar que você tem sobre ele, mais rápido ele vai desmoronar.

– Obrigado, Becca, você ajudou muito.

– Espero não ter dado a impressão de que vai ser fácil.

– Não se preocupe. A última coisa que penso é que vai ser fácil.

– Ótimo. Mantenha-me informada, certo? E boa sorte!

A mesma sobrecarga mental que de manhã o fizera negligenciar o recado telefônico de Holdenfield o impediu de perceber outro espetacular pôr do sol nas montanhas pelo restante da viagem até em casa. Quando saiu da via expressa do condado e subiu a estradinha sinuosa até sua propriedade, tudo o que ainda havia dele era um fraco borrão rosa no céu, e mesmo isso ele praticamente não notou.

Parou o carro diante da caixa de correspondência e, quando estava prestes a abri-la, um pequeno ponto amarelo em movimento na colina adiante atraiu seu olhar. O pontinho locomovia-se devagar em uma curva acima do pasto alto. Reconheceu-o como o agasalho de Madeleine.

Por causa da vegetação no meio da trilha, ela só era visível da cintura para cima, mas Gurney imaginou o ritmo suave de seus passos. Sentou-se e a observou até que ela saiu gradualmente de vista, uma figura solitária deslocando-se calmamente em meio ao capim alto.

Permaneceu ali mais um pouco, olhando a colina deserta, até que toda a cor do céu foi embora, substituída por um cinza tão monótono quanto o bipe que registra a ausência de batimentos num monitor cardíaco. Piscou, secou a umidade dos olhos com os nós dos dedos e dirigiu pelo restante do caminho até em casa.

Decidiu tomar um banho na esperança de recuperar parte de seu senso de normalidade. Parado embaixo do pesado jato de água

quente do chuveiro, que massageava seu pescoço e seus ombros, relaxando-os, deixou a mente ser levada pelo som da água, imaginando o rugido suave de uma tempestade de verão. Durante um ou dois segundos estranhos, seu cérebro foi preenchido pelo cheiro puro e pacífico de chuva. Esfregou-se com sabonete e uma esponja áspera, enxaguou-se, saiu e se enxugou com a toalha.

Com o corpo ainda quente pela ducha, sentia-se entorpecido demais para se vestir, então puxou a colcha de retalhos da cama e se deitou no lençol fresco. Durante alguns maravilhosos instantes o mundo todo se resumiu àquele lençol fresco, com o ar perfumado de capim pairando sobre ele vindo de uma janela aberta e a imagem em sua mente da luz do sol se refletindo nas folhas de árvores gigantes. Enquanto ele descia a escada de associações aleatórias dos sonhos, caiu em um sono profundo.

Acordou no escuro, sem noção de que horas eram. Um travesseiro fora posto sob sua cabeça e a colcha de retalhos, puxada até seu pescoço. Levantou-se, acendeu o abajur ao lado da cama e olhou o relógio. Eram 19h49. Vestiu as roupas que estava usando antes do banho e foi para a cozinha. Do aparelho de som saíam notas elaboradas e levemente audíveis. Madeleine estava sentada à mesa menor com uma tigela de sopa cor de laranja e meia baguete à sua frente e lendo um livro. Levantou os olhos quando ele entrou e disse:

– Achei que você fosse dormir até amanhã.

– Pelo jeito, não – murmurou ele. Descobrindo que a voz estava rouca, tossiu para limpá-la.

Os olhos dela retornaram ao livro.

– Se quiser comer, tem sopa de cenoura na panela e um negócio de frango frito na frigideira.

Ele bocejou.

– O que você está lendo?

– *A história natural das mariposas.* – Virou a página. – Tinha alguma carta?

– Carta? Eu... não sei. Acho... Ah, sim, eu ia pegar, aí vi você no morro e me distraí.

– Já faz um tempo que você anda distraído.

– Não diga. – Ele lamentou imediatamente o tom defensivo, mas não o suficiente para admitir. Suspirou, nervoso, em seguida foi até a panela no fogão e pôs a sopa numa tigela.

– Está precisando conversar sobre alguma coisa? – perguntou ela.

Ele só respondeu quando estava sentado diante dela com a sopa e a outra metade da baguete à sua frente.

– Houve uma grande novidade no caso: uma ex-aluna da Mapleshade foi descoberta morta na Flórida, vítima de estupro.

Madeleine fechou o livro e o encarou.

– E o que você está pensando?

– Que é possível que as outras garotas que desapareceram tenham terminado do mesmo modo.

– Assassinadas pela mesma pessoa?

– É possível.

Madeleine estudou o rosto dele como se ali houvesse informações não verbais.

– O que foi? – perguntou Gurney.

– É isso que está passando pela sua cabeça?

Um jorro de inquietação passou pelo estômago dele.

– Em parte, sim. Mas também estou pensando que a polícia não conseguiu uma única palavra do suspeito do assassinato, nada além de uma negação categórica. Enquanto isso, os advogados e os porta-vozes dele estão criando alternativas para fornecer à imprensa: um monte de motivos inocentes para o corpo de uma mulher estuprada, torturada e decapitada estar no freezer dele.

– E você acha que, se ao menos pudesse se sentar e falar com esse monstro...

– Não estou dizendo que conseguiria uma confissão, mas...

– Mas que você faria um serviço melhor do que a polícia local?

– Isso não seria muito difícil. – Ele se retraiu diante da própria arrogância.

Madeleine franziu a testa.

– Não seria a primeira vez que o astro dos detetives aceitaria o desafio e decifraria o mistério.

Ele a encarou, desconfortável.

De novo ela parecia examinar a mensagem codificada na expressão de Gurney.

– Que foi? – perguntou ele.

– Não falei nada.

– Mas pensou. O que é? Diga.

Ela hesitou.

– Estava pensando que você gosta de quebra-cabeças.

– Admito que sim. E daí?

– Então por que está com uma aparência tão arrasada?

A pergunta o desestabilizou.

– Talvez eu só esteja exausto. Não sei.

Mas sabia. O motivo para se sentir tão mal era não conseguir dizer a ela por que se sentia tão mal. Sua relutância em revelar a consternação de ter sido enganado e o tamanho de sua preocupação com o que poderia ter acontecido durante o período de amnésia o isolaram de um modo terrível.

Balançou a cabeça, como se recusasse os pedidos do anjinho em seu ombro, aquela vozinha que implorava que ele abrisse o jogo com essa mulher que o amava. Seu medo era tão grande que bloqueava a própria ação que poderia acabar com ele.

Capítulo 57

O plano

Por mais tenso que costumasse ser, o relacionamento de Gurney com Madeleine sempre fora o principal pilar da estabilidade dele. Mas a relação deles dependia de um grau de sinceridade do qual ele se sentia incapaz no momento.

Com o desespero de alguém se afogando, abraçou seu outro pilar, sua identidade de detetive, e tentou canalizar todas as energias para a solução do crime.

Estava convencido de que o passo mais produtivo no sentido de resolver o mistério seria ter uma conversa com Jordan Ballston. Precisava descobrir um modo de conseguir isso. Rebecca havia insistido na ideia de que o medo seria a chave para romper a casca do psicopata rico, e Gurney não tinha motivo para discordar dela. Também não tinha motivo para discordar do aviso dela de que não seria fácil.

Medo.

Era um assunto com o qual Gurney tinha uma familiaridade crua, atual, íntima. Talvez a experiência pela qual havia passado tivesse alguma utilidade. O que exatamente o amedrontava tanto? Pegou as três alarmantes mensagens de texto e as releu com cuidado.

que paixões! que segredos! que fotografias maravilhosas!

está pensando nas minhas garotas? elas estão pensando em você.

você é um homem tão interessante! eu deveria saber que minhas filhas iriam adorá-lo. foi bom demais você ter vindo à cidade. na próxima vez elas irão até você. quando? quem sabe? elas querem que seja surpresa.

As palavras geraram um sentimento doentio, oco, em seu peito.

Ameaças tão malignas embrulhadas em banalidades tão etéreas! Tão pouco específicas, mas ao mesmo tempo tão nocivas...

Tão pouco específicas. Isso lhe trouxe à mente seu professor de inglês predileto falando do poder emocional dos livros do Nobel de literatura Harold Pinter: “Os perigos que nos provocam maior pavor *não são os que* são verbalizados, mas os que nossa imaginação invoca. Ficamos aterrorizados *não* pelo discurso de um homem furioso, mas pela ameaça feita numa voz plácida.”

Lembrou-se disso porque a verdade contida nessa explicação o impressionou imediatamente e a experiência só a havia reforçado no decorrer dos anos. Os frutos da nossa imaginação são sempre piores do que aquilo que acontece na vida real. Nosso maior medo com certeza é daquilo que nos espreita no escuro.

Então talvez o melhor modo de causar pânico em Ballston fosse dar-lhe a oportunidade de entrar em pânico sozinho. Um ataque direto seria contido por seu exército de advogados. Gurney precisava entrar nessa fortaleza pela porta dos fundos.

A estratégia de defesa atual de Ballston era a negação categórica de qualquer conhecimento sobre a existência de Melanie Strum, além da criação de uma hipótese alternativa implicando o acesso de outros indivíduos à sua casa para explicar a presença do corpo no freezer. Essa estratégia desmoronaria desastrosamente se uma ligação anterior de Ballstron com a garota pudesse ser estabelecida. No melhor dos panoramas, a natureza dessa conexão também explicaria como os assassinatos de Melanie Strum, Jillian Perry e Kiki Muller, além do desaparecimento de outras alunas da Mapleshade, estariam ligados. Mas, ainda que não explicasse tudo, Gurney tinha certeza de que descobrir o caminho de Melanie até o freezer no porão de Ballston seria um passo gigantesco para a solução final. E a possível revelação dessa ligação seria o maior temor de Ballston.

A questão era como acionar esse medo, como usá-lo para entrar na mente de Ballston ultrapassando as muralhas vigiadas por seus advogados. Haveria uma pessoa, um lugar ou uma coisa cuja menção disparasse um gatilho? Mapleshade? Jillian Perry? Kiki Muller? Hector Flores? Edward Vallory? Alessandro? Karnala Fashion? Giotto Skard?

Mas, por mais difícil que fosse escolher o nome mágico, a parte mais complicada seria administrar qualquer diálogo que ele suscitaria. Gurney precisaria usar a técnica de sugerir sem especificar, incomodar sem fornecer detalhes. O desafio seria criar um ambiente propício para que Ballston pudesse imaginar o pior, dar a corda para ele se enforcar.

Madeleine tinha ido se deitar. Mas Gurney estava totalmente acordado, andando de um lado para outro da cozinha enorme, a mente em polvorosa com possibilidades, riscos, avaliações, logística. Reduziu as palavras-chave potenciais a três que achava mais promissoras: Mapleshade, Flores e Karnala.

Enfim escolheu a Karnala para ocupar o topo da lista. Primeiro porque todas as garotas da Mapleshade que haviam desaparecido figuraram em anúncios quase pornográficos da empresa, segundo porque a Karnala não parecia atuar no ramo em que alegava e terceiro porque a empresa era ligada aos Skard, que supostamente estavam envolvidos em empreendimentos sexuais criminosos, e o assassinato de Melanie Strum tinha sido um crime sexual. De fato, o prólogo de Edward Vallory e a clientela da Mapleshade sugeriam que até agora tudo o que de alguma maneira se ligava ao caso era, de certa forma, um crime sexual ou o resultado de um crime sexual.

Gurney tinha consciência de que a corrente lógica que levava à Karnala não era perfeita, mas exigir a perfeição, por mais que esse conceito o atraísse, não levava a soluções, e sim à estagnação. Tinha aprendido que a pergunta fundamental no trabalho da polícia, assim como na vida, não era “Tenho *certeza absoluta* daquilo em que acredito?”, mas “Tenho *certeza suficiente* para agir a partir dessa crença?”.

Nesse caso, a resposta de Gurney era sim. Estava disposto a apostar que havia algo na Karnala que mexeria com Jordan Ballston. Segundo o relógio antigo acima do aparador, era pouco mais de dez da noite quando telefonou para o Departamento de Polícia de Palm Beach para conseguir o número de Ballston, que não constava da lista telefônica.

Ninguém designado para o caso Strum estava de serviço naquela noite, mas o sargento de plantão lhe deu o número do celular de Darryl Becker.

Surpreendentemente, Becker atendeu ao primeiro toque e Gurney explicou o que desejava.

– Ballston não aceita falar com ninguém – afirmou Becker. – As comunicações acontecem através da Markham, Mull & Sternberg, firma dos advogados dele. Achei que tinha deixado isso claro.

– Talvez eu tenha um modo de chegar a ele.

– Como?

– Vou jogar uma bomba pela janela dele.

– Que tipo de bomba?

– Do tipo que vai fazê-lo querer falar comigo a respeito.

– Isso é alguma brincadeira, Gurney? Meu dia foi bastante longo. Eu gostaria de alguns fatos.

– Tem certeza?

Becker ficou em silêncio.

– Olhe, se eu conseguir desestabilizar esse desgraçado, vai ser bom para todo mundo. Na pior das hipóteses, a gente talvez retorne ao ponto de partida. Tudo o que você precisa fazer é me dar o número de telefone dele. Não precisa me conceder autorização oficial para fazer nada, então, se houver algum problema, e não creio que vá haver, não será para você. Na verdade eu já até esqueci, antecipadamente, onde consegui o número.

Houve outro silêncio curto, seguido por alguns cliques num teclado, seguidos pela voz de Becker lendo um número que começava com o código de área de Palm Beach. Então a ligação foi encerrada.

Gurney passou os próximos minutos se concentrando e depois mergulhou numa visualização do tipo de personagem cheio de camadas sobre o qual ele falava em suas aulas na Academia de Polícia. Neste caso, ele interpretaria um homem insensível, cuja frieza era encoberta por um fino verniz de civilidade.

Uma vez satisfeito com a atitude e o tom a que havia chegado, ativou o bloqueador de identificação de chamadas no telefone e ligou para o número de Palm Beach. Caiu direto numa secretária eletrônica.

Uma voz mimada e imperiosa anunciou: “Aqui é Jordan. Se quiser que eu retorne sua ligação, por favor deixe uma mensagem significativa sobre o assunto do telefonema.” Ele conseguiu imbuir o

“por favor” com uma condescendência que anulava o significado da palavra.

Gurney falou com cuidado e de um modo um pouco desajeitado, como se estivesse tendo uma grande dificuldade para ser educado. Também acrescentou um ligeiro sotaque do sul da Europa.

– O assunto do meu telefonema é o seu relacionamento com a Karnala Fashion, que preciso discutir com o senhor o mais rápido possível. Vou ligar de novo em aproximadamente 30 minutos. Por favor, esteja disponível para atender ao telefone e eu serei mais... *significativo*.

Gurney tinha feito algumas suposições importantes: que Ballston estava em casa, como estipulava seu acordo de fiança; que um homem em uma posição arriscada como a sua verificaria os telefonemas e as mensagens a todo momento; e que o modo como ele reagiria à ligação prometida para 30 minutos depois revelaria a natureza de seu envolvimento com a Karnala.

Fazer uma suposição era arriscado. Fazer três era loucura.

Capítulo 58

Entrando em ação

Às 22h58 Gurney deu o segundo telefonema. Foi atendido depois do terceiro toque.

– Aqui é Jordan. – A voz ao vivo parecia mais tensa e mais velha do que a da gravação.

Gurney riu. Parecia que “Karnala” era de fato a palavra mágica. Ter acertado o primeiro tiro lhe deu uma descarga de adrenalina. Sentiu que havia conseguido entrar num jogo de pôquer de apostas altíssimas. Fechou os olhos e entrou no personagem “cara insensível fingindo ser inofensivo”.

– Olá, Jordan. Como vai?

– Bem.

Gurney não disse nada.

– Que... que negócio é esse?

– O que você acha?

– Com quem estou falando?

– Sou policial, Jordan.

– Não tenho nada a dizer à polícia. Isso já foi deixado claro por...

Gurney interrompeu-o:

– Nem sobre a Karnala?

Houve uma pausa.

– Não sei do que você está falando.

Gurney suspirou e emitiu um pequeno som entediado.

– Não faço ideia do que você está falando – reiterou Ballston.

Se não fizesse mesmo, pensou Gurney, *já teria desligado. Ou não teria nem atendido.*

– Bom, Jordan, o negócio é o seguinte: se você tiver alguma informação que esteja disposto a dar, talvez eu possa fazer algo a

seu favor.

Ballston hesitou.

– Olhe... hã, por que não me diz o seu nome, policial?

– Não é uma boa ideia.

– Como? Eu não...

– Veja bem, Jordan, isto aqui é um contato preliminar. Entende o que estou dizendo?

– Não sei bem.

Gurney suspirou de novo, como se falar fosse um grande fardo.

– Nenhuma oferta formal pode ser feita sem alguma indicação de que será considerada seriamente. A disposição de fornecer informações úteis sobre a Karnala Fashion poderia fazer com que seu caso fosse tratado de forma bastante diferente, mas teríamos de estar certos da sua cooperação antes de discutirmos as possibilidades. Tenho certeza de que você entende.

– Não, realmente não entendo. – A voz de Ballston vacilava.

– *Não?*

– Não sei do que você está falando. Nunca ouvi falar da Caramel Fashion, ou seja lá qual é o nome, então é impossível dizer qualquer coisa a respeito.

Gurney deu um riso baixinho.

– Muito boa, Jordan. Essa foi muito boa.

– Estou falando sério. Não sei nada sobre essa empresa, esse nome, o que quer que seja.

– É bom saber disso. – Gurney deixou que um vestígio do cara insensível soasse em sua voz. – Bom para você. Bom para todo mundo.

A estratégia pareceu ter um efeito espantoso. Ballston ficou em silêncio absoluto.

– Ainda está aí, Jordan?

– Estou.

– Então resolvemos essa parte. Mas temos mais coisas para falar.

Houve uma pausa.

– Você não é policial de verdade, é? – perguntou ele.

– Claro que sou. Por que eu diria que sou policial se não fosse?

– Quem é você de verdade e o que deseja?

– Desejo me encontrar com você.

– Se encontrar comigo?

– Não gosto muito de telefone.

– Não entendi o que você quer.

– Só bater um papinho com você.

– Sobre o quê?

– Chega de conversa mole. Você é um cara inteligente. Não me trate como se eu fosse idiota.

De novo Ballston ficou atordoado e em silêncio. Gurney achou que ouviu um tremor na respiração do sujeito. Quando falou de novo, sua voz havia baixado até um sussurro amedrontado.

– Olhe, não sei quem você é, mas... está tudo sob controle.

– Ótimo. Todo mundo vai ficar satisfeito em saber disso.

– É verdade, estou falando sério. *Está... tudo... sob... controle.*

– Ótimo.

– Então o que mais...

– Um papinho. Cara a cara. Só queremos ter certeza.

– *Certeza?* Mas por quê? Quero dizer...

– Como eu disse, Jordan... *Não gosto da porra do telefone!*

Outro silêncio. Dessa vez Ballston parecia nem estar respirando.

Gurney baixou o tom para uma calma aveludada.

– Certo, não há com que se preocupar. Então vamos fazer o seguinte: eu vou até sua casa e nós conversamos um pouquinho. Só isso. Está vendo? Sem problema. Fácil.

– Quando você quer fazer isso?

– Que tal daqui a meia hora?

– Hoje? – A voz de Ballston estava à beira de falhar.

– É, Jordan, hoje. Quando seria daqui a meia hora, porra?

No silêncio de Ballston, Gurney sentiu o pavor do sujeito. Era o momento ideal para encerrar o telefonema. Desligou e pôs o aparelho na mesa da cozinha.

À luz fraca que ficava do outro lado da mesa, Madeleine estava de pé junto à porta da cozinha, de pijama. A parte de cima não combinava com a de baixo.

– O que está acontecendo? – perguntou ela, piscando sonolenta.

– Acho que um peixe acabou de morder a isca.

– Peixe?

Com uma pontada de irritação, ele tentou de novo:

– Parece que o peixe em Palm Beach foi fisgado, ao menos por enquanto.

Ela assentiu, pensativa.

– E agora?

– Vou enrolar a linha. O que mais poderia fazer?

– E com quem você vai se encontrar?

– Me encontrar?

– Em meia hora.

– Ah, você ouviu? Na verdade não vou me encontrar com ninguém. Eu só queria dar ao Sr. Ballston a ideia de que estou perto da casa dele, causar uma inquietação nele.

– E quando você não aparecer?

– Ele vai ficar preocupado. Vai ter dificuldade para dormir.

Madeleine parecia cética.

– E depois?

– Ainda não pensei nisso.

Apesar de isso ser parcialmente verdade, a antena de Madeleine pareceu captar a desonestidade que havia por trás.

– Então você tem um plano ou não tem?

– Tenho uma espécie de plano.

Ela esperou, olhando-o com expectativa.

Ele não conseguiu visualizar um modo de sair da berlinda em que estava a não ser falando a verdade.

– Preciso chegar mais perto dele. É óbvio que ele tem alguma ligação com a Karnala Fashion e que a conexão é perigosa, e isso o deixa com medo. Mas preciso descobrir muito mais. Tenho que saber exatamente qual é essa ligação, qual é a da Karnala, como a Karnala e Jordan Ballston se encaixam nas outras peças do caso. Não dá para fazer tudo isso por telefone. Preciso olhar nos olhos dele, ler suas expressões, observar sua linguagem corporal. Também preciso aproveitar o momento, enquanto o filho da puta está com a isca na boca, enquanto o medo dele está trabalhando a meu favor. Mas isso não vai durar.

– Então você vai à Flórida?

– Hoje, não. Talvez amanhã.

– *Talvez* amanhã?

– É.

– Quinta-feira.

– Isso. – Ele imaginou se teria esquecido alguma coisa. – Temos algum outro compromisso?

– Que diferença faria?

– Bom, nós temos?

– Como eu disse, que diferença faria?

Era uma pergunta simples, mas como era difícil de responder! Talvez porque Gurney a tivesse interpretado como um substituto das perguntas maiores que ultimamente pareciam estar sempre na mente de Madeleine: *Alguma coisa que a gente planeje fazer junto vai fazer diferença algum dia? Alguma parte da nossa vida como um casal algum dia será mais importante do que o próximo passo de alguma investigação? Algum dia estarmos juntos será mais importante do que você ser um detetive? Ou perseguir o que quer que você esteja perseguindo será sempre a prioridade da sua vida?*

Mas, afinal de contas, talvez ele estivesse lendo coisas de mais num comentário irritado, num humor passageiro no meio da noite.

– Olhe, me diga se fiquei de fazer alguma coisa amanhã que eu esqueci – pediu ele com seriedade – e eu decido se faz diferença.

– Você é um homem tão conciliador! – disse ela, zombando de sua seriedade. – Vou voltar para a cama.

Durante algum tempo depois que ela saiu as prioridades dele ficaram confusas. Foi se sentar em sua poltrona de couro escuro e se deixou afundar nela. Sentia-se inquieto, à deriva. Um homem sem porto.

Caiu no sono.

Acordou às duas da madrugada. Levantou-se da poltrona e esticou os braços e as costas para se alongar.

Seus pensamentos haviam se reorganizado e aparentemente solucionado qualquer dúvida que ele pudesse ter tido com relação aos planos do dia seguinte. Pegou o cartão de crédito na carteira, foi até o computador no escritório e digitou num site de busca: “Voos de Albany, Nova York, para Palm Beach, Flórida”.

Deixou os bilhetes eletrônicos de ida e volta sendo impressos junto com um guia turístico de Palm Beach e foi para o chuveiro. Quarenta e cinco minutos depois, escreveu um bilhete para Madeleine prometendo que estaria em casa por volta das sete da noite e foi para o aeroporto levando apenas a carteira, o celular, as passagens e o guia.

Durante a viagem de 90 quilômetros pela I-88, deu quatro telefonemas. O primeiro foi para um serviço 24 horas de automóveis de alto nível, a fim de contratar o tipo certo de carro que iria recebê-lo em Palm Beach.

O segundo foi para Val Perry, porque ia gastar o dinheiro dela em compras caras mas necessárias e queria que isso ficasse registrado, nem que fosse pela secretária eletrônica a altas horas da madrugada.

O terceiro telefonema, às 4h20, foi para Darryl Becker. Incrivelmente, ele não somente atendeu como pareceu totalmente acordado.

– Estou indo malhar – disse o policial. – O que aconteceu?

– Tenho uma boa notícia e preciso de um grande favor.

– Quão boa e quão grande?

– Liguei para o Ballston, joguei verde e ele caiu na minha história. Estou indo falar com ele para ver o que acontece se eu continuar blefando.

– Ele não fala com policiais. Que diabo você disse para convencê-lo?

– É uma longa história, mas o filho da puta está cedendo. – Gurney parecia muito mais confiante do que se sentia de fato.

– Estou impressionado. E qual é o favor?

– Preciso de um ou dois caras grandes, os brutamontes de aparência mais cruel que você conhecer, para ficar parados perto do meu carro enquanto eu estiver na casa dele.

Becker pareceu incrédulo.

– Está com medo de que alguém vá roubá-lo?

– Tenho que criar uma certa impressão.

– E para quando você precisa disso?

– Para hoje mais ou menos ao meio-dia. O pagamento é bem bom, aliás. Quinhentas pratas para cada um por uma hora de

trabalho.

– Para ficar parado perto do seu carro?

– Para ficar parado perto do meu carro e parecer um capanga mafioso.

– Por 500 pratas a hora isso pode ser arranjado. Pode passar para pegá-los na minha academia em West Palm. Vou dar o endereço.

Capítulo 59

Infiltrado

O avião de Gurney partiu de Albany no horário programado, às 5h05. Ele fez uma conexão em cima da hora em Washington e chegou ao Aeroporto Internacional de Palm Beach às 9h55.

Na área vip do estacionamento, em meio a cerca de uma dúzia de motoristas que esperavam passageiros, havia um com uma placa que tinha o nome de Gurney.

Era um jovem latino com traços indígenas, cabelo preto como piche e um brinco de diamante numa das orelhas. A princípio pareceu confuso, até mesmo irritado, com a ausência de bagagem, até que Gurney lhe deu o endereço da primeira parada: o Empório Giacomo, na Avenida Worth. Então ele se animou, talvez imaginando que um homem que viaja sem malas por conveniência e compra o que precisa depois em uma loja cara talvez desse gorjetas generosas.

– O carro está ali fora, senhor – disse ele, com um sotaque que Gurney supôs que fosse da América Central. – É um automóvel muito bom.

Uma porta giratória levou-os do clima controlado e atemporal comum a aeroportos para uma sauna tropical, lembrando a Gurney que mesmo naquela época do ano a Flórida era quente.

– Está bem ali, senhor – continuou o motorista, com o sorriso revelando dentes surpreendentemente malcuidados para um jovem. – É o primeiro.

O carro, como Gurney havia especificado em seu telefonema de madrugada, era um Mercedes sedã S600, o tipo de veículo caríssimo que podia ser visto quando muito uma vez por ano em Walnut Crossing. Em Palm Beach era tão comum quanto óculos escuros de 500 dólares. Gurney entrou no banco de trás, um casulo

silencioso e refrigerado de couro macio, carpete aveludado e janelas levemente escuras.

O motorista fechou a porta para ele, entrou no banco da frente e o carro deslizou em silêncio em meio ao jorro de táxis e ônibus do aeroporto.

– A temperatura está boa?

– Está.

– Quer que ligue o som?

– Não, obrigado.

O motorista fungou, tossiu e diminuiu a velocidade ao mínimo enquanto o carro passava por uma poça gigantesca.

– Andou chovendo pra cacete.

Gurney não respondeu. Nunca fora adepto de jogar conversa fora e na companhia de estranhos ficava mais confortável com o silêncio. Nenhuma outra palavra foi dita até que o carro parou na entrada do pequeno shopping center chique onde ficava o Empório Giacomo.

O motorista olhou-o pelo retrovisor.

– O senhor sabe quanto tempo vai demorar?

– Não muito. No máximo 15 minutos.

– Então vou parar aqui. Se os guardas aparecerem, vou dar voltas no quarteirão até o senhor aparecer, tudo bem?

– Tudo bem.

O choque de voltar para a atmosfera quente e úmida da rua foi intensificado pelo impacto visual de sair de trás dos vidros escuros do carro para a claridade plena do sol da Flórida no meio da manhã. A praça do shopping tinha canteiros de palmeiras, samambaias e lírios asiáticos em vasos. O ar tinha o cheiro de flores.

Gurney entrou rapidamente na loja, onde o ar recendia mais a dinheiro do que a flores. As clientes, mulheres louras dos 30 aos 60 anos, deslizavam entre os mostruários de roupas e acessórios meticulosamente organizados. Os vendedores, moças e rapazes anoréxicos de 20 e poucos anos, tentavam parecer as moças e os rapazes anoréxicos de 20 e poucos anos dos anúncios da Giacomo.

A ansiedade de Gurney para fugir daquele ambiente o fez voltar à rua em 10 minutos. Jamais havia gastado tanto dinheiro em tão pouco tempo: inacreditáveis 1.879,42 dólares por uma calça jeans,

um par de mocassins, uma camisa polo e um par de óculos escuros escolhidos com a ajuda de um dos funcionários.

Num dos provadores, Gurney havia trocado seus jeans velhos, a camiseta, os tênis e as meias pelas roupas novas. Tirou as etiquetas e as entregou ao vendedor junto com as roupas velhas, que ele pediu para serem embrulhadas numa caixa da loja.

Foi então que o vendedor ofereceu o primeiro sorrisinho que Gurney vira desde que havia entrado naquele lugar. “O senhor parece um Transformer”, disse ele, referindo-se ao brinquedo popular que tem o poder de se converter instantaneamente de uma coisa em outra.

O Mercedes estava esperando. Gurney entrou, verificou seu guia turístico e deu ao motorista o novo endereço, a menos de 1,5 quilômetro de distância.

O salão Unhas Delicadas era um local minúsculo, com quatro manicures de penteados elaboradíssimos que pareciam oscilar na linha tênue que separa as modelos de alta-costura das prostitutas de luxo. Ninguém pareceu se importar com o fato de Gurney ser o único cliente do sexo masculino. A profissional a quem ele foi designado parecia sonolenta. Além de ter se desculpado várias vezes por bocejar na frente dele, ela quase não abriu a boca para dizer nada até estar quase no fim do processo, quando aplicou base em suas unhas.

– O senhor tem mãos bonitas – observou ela. – Deveria cuidar melhor delas. – Sua voz era ao mesmo tempo jovem e cansada e combinava com a tristeza que aparecia em seus olhos.

Na saída, enquanto pagava, ele escolheu uma pequena embalagem de gel para cabelos no mostruário de cosméticos sobre o balcão. Abriu o tubo, espremeu um pouco do produto nas palmas das mãos e esfregou nos cabelos, tentando ficar com a aparência desgrenhada tão em moda no momento.

– Que tal? – perguntou à jovem de beleza vazia encarregada da caixa.

Ela se concentrou tanto na pergunta que o surpreendeu. Piscou várias vezes, como se estivesse acordando de um sonho, deu a volta até a frente do balcão e analisou a cabeça dele de vários ângulos.

– Posso...? – perguntou ela.

– Claro.

Ela passou os dedos pelos seus cabelos em zigue-zagues rápidos, jogando-os para um lado e para outro e puxando algumas mechas para torná-lo mais espetado. Depois de um ou dois minutos ela recuou, com os olhos iluminados de prazer.

– Pronto! – declarou. – Este é o verdadeiro você!

Gurney explodiu numa gargalhada, o que pareceu confundi-la. Ainda rindo, segurou a mão dela e, num impulso, beijou-a sem qualquer motivo sensato em que pudesse pensar, o que também pareceu confundi-la, mas de modo mais agradável. Em seguida ele saiu à sauna da Flórida, voltou para o Mercedes e deu ao motorista o endereço da academia de Darryl Becker.

– Precisamos pegar uns caras em West Palm – explicou. – Depois vamos visitar uma pessoa no Bulevar South Ocean.

Capítulo 60

Dançando com o diabo

Como qualquer aluno que frequentava suas aulas na Academia de Polícia logo percebia, Gurney tratava o trabalho sob disfarce de um modo mais complexo do que os detetives comuns. Não era só uma questão de mergulhar nos modos, nas atitudes e na história pregressa de uma identidade inventada. Era algo mais profundo, portanto mais difícil de administrar. Sua abordagem implicava criar um personagem complexo para ir sendo descoberto pelo alvo, como um código a ser decifrado, um caminho que o alvo poderia seguir para descobrir as coisas em que Gurney queria que ele acreditasse.

Mas a situação atual tinha uma dimensão extra de dificuldade. Em situações anteriores ele sempre soubera exatamente o que queria que o alvo descobrisse sobre ele. Mas desta vez não tinha ideia, porque a identidade adequada dependeria da natureza exata das operações da Karnala e da ligação de Ballston com ela, ambas ainda incógnitas na equação. Isso obrigava Gurney a ir tateando no escuro, sabendo que um passo em falso poderia ser fatal.

Quando o carro entrou no Bulevar South Ocean, a cerca de 3 quilômetros do endereço de Ballston, a dificuldade absurda do que Gurney tentava fazer começou a ficar clara. Ele estava entrando desarmado na casa de um assassino sexual psicopata. Sua única defesa e a única chance de sucesso era a criação de um personagem que ele teria de ir inventando aos poucos, acompanhando as reações de Ballston. Era um enorme desafio. Um homem são provavelmente daria meia-volta. Um homem são com uma esposa e um filho *certamente* daria meia-volta.

Percebeu que estava indo rápido demais, que a adrenalina governava suas decisões. Era um erro que poderia facilmente levar a mais erros. Pior ainda: isso comprometia sua melhor qualidade.

Era pensando de forma racional que ele se destacava, não sob o efeito da adrenalina. Precisava *pensar*. Perguntou-se o que sabia com certeza, se havia algo que parecesse um ponto de partida seguro para a conversa com Ballston.

Tinha consciência de que o sujeito estava com medo e que esse temor era relacionado à Karnala Fashion. Sabia que a organização era supostamente controlada pela família Skard e que, dentre outras coisas horríveis, era composta por cafetões de alto nível. Também parecia que Melanie Strum fora mandada a Ballston para satisfazer às necessidades sexuais dele. Não era um salto grande demais imaginar a Karnala envolvida no processo. Se ele conseguisse provas que ligassem a empresa a Ballston e a Strum, a condenação de Ballston seria garantida. Isso poderia explicar seu medo. Só que Gurney tivera a impressão de que o temor do sujeito não era devido apenas à sua menção à Karnala e ao conhecimento de Gurney sobre alguma ligação entre eles, mas à própria Karnala.

E qual era o significado da estranha insistência de Ballston de que tudo estava “sob controle”? Isso não faria sentido se ele acreditasse que Gurney era algum tipo de detetive legítimo, mas poderia fazer se ele pensasse que Gurney era um representante da Karnala ou de alguma outra organização perigosa com que ele estivesse negociando.

Essa era a lógica que levara à presença dos dois brutamontes que ele havia acabado de pegar na frente da academia de Darryl Becker. Além de se identificarem apenas como Dan e Frank e informarem a Gurney que Becker os colocara a par do trabalho e que eles “conheciam o processo”, não tinham dito mais nada. Pareciam jogadores de algum time de futebol de uma prisão, que só sabiam se comunicar na base da porrada, de preferência em outro ser humano.

Enquanto o carro parava diante do endereço de Ballston, Gurney percebeu com uma sensação desanimadora que suas suposições eram, na realidade, fracas demais para sustentar a ação que estava prestes a iniciar. No entanto, era só isso que possuía. E precisava fazer alguma coisa.

A seu pedido, os dois grandalhões saíram do automóvel e um deles abriu a porta para ele. Gurney olhou o relógio. Eram 11h45.

Colocou os óculos escuros de 500 dólares do Empório Giacomo e saltou do carro diante de um portão de ferro ornamentado no fim de uma entrada de veículos calçada de pedrinhas amarelas. O portão era a única abertura no alto muro de pedras que cercava a propriedade, que ficava de frente para o mar. Como as residências vizinhas naquele trecho de litoral luxuoso, esta fora convertida de um banco de areia cheio de capim áspero e outros tipos de vegetação nativos da Flórida num jardim botânico luxuriante de jasmins, hibiscos, magnólias e gardênias.

Para Gurney aquilo tinha cheiro de velório de gângster.

Deixando seus dois guarda-costas parados junto ao carro irradiando sua violência mal contida, ele se aproximou do interfone ao lado do portão. Além da câmera no interfone, havia duas outras que ficavam em postes ladeando a entrada, cobrindo não só a chegada ao portão como um amplo trecho do bulevar adjacente. A entrada também podia ser observada diretamente de pelo menos uma das janelas do segundo andar da mansão em estilo espanhol. Num ambiente com tantas flores, o fato de não haver qualquer folha ou pétala caída no chão deixava clara a obsessão do dono.

Quando Gurney apertou o botão do interfone, a reação foi imediata, o tom mecanicamente educado:

– *Bom dia. Por favor, identifique-se e diga o que deseja.*

– Avise ao Jordan que eu cheguei.

Houve uma pausa breve.

– *Por favor, identifique-se e diga o que deseja.*

Gurney sorriu, depois deixou o sorriso morrer em seu rosto.

– Apenas avise a ele.

Outra pausa.

– *Preciso informar um nome ao Sr. Ballston.*

– Claro – disse Gurney, sorrindo de novo.

Ele reconheceu que estava numa encruzilhada. Avaliou suas opções e escolheu a mais arriscada mas que oferecia a maior recompensa.

Deixou o sorriso sumir.

– Meu nome é Vai se Foder.

Nada aconteceu durante vários segundos, então houve um estalo metálico baixo e o portão se abriu silenciosa e lentamente.

Uma coisa que na correria Gurney se esquecera de fazer tinha sido procurar fotos de Ballston na internet. Mas quando a porta da mansão se abriu para recebê-lo, não teve nenhuma dúvida sobre a identidade do homem parado ali.

Sua aparência era tudo o que se poderia esperar de um bilionário criminoso e decadente. Seu cabelo, sua pele e suas roupas lembravam alguém que havia sido muito mimado, sua boca tinha uma expressão de desdém, como se o mundo em geral estivesse muito abaixo dos seus padrões, e em seus olhos existia um egoísmo cruel. Também parecia haver um tremor em seu nariz, sugerindo um vício em cocaína. Estava bastante claro que Jordan Ballston era um homem para quem a única coisa que importava era conseguir o que queria a qualquer custo.

Ele examinou Gurney com uma ansiedade mal disfarçada. Seu nariz estremeceu.

– Não estou entendendo que negócio é esse. – Ele olhou para além de Gurney, em direção à entrada de veículos onde estava o Mercedes com os capangas, os olhos se arregalando só um pouquinho.

Gurney deu de ombros e ofereceu um sorriso cortante.

– Quer conversar aqui fora?

Ballston aparentemente entendeu isso como uma ameaça. Piscou e balançou a cabeça, nervoso.

– Entre.

– Pedrinhas legais – disse Gurney, passando por Ballston e entrando na casa.

– O quê?

– As pedrinhas amarelas da sua entrada de veículos. Legais.

– Ah. – Ballston assentiu, parecendo confuso.

Gurney parou no meio do grandioso vestíbulo, assumindo um olhar penetrante. Na parede em frente a ele havia uma pintura gigantesca mostrando uma espreguiçadeira, que ele reconheceu do curso de apreciação de arte dado por Sonya Reynolds que havia feito com Madeleine um ano e meio antes, aquele que o levara ao seu fatídico “hobby” de manipular artisticamente fotos de criminosos.

– Gosto disso – anunciou Gurney, apontando para o quadro como se sua aprovação atestasse a qualidade da obra.

Ballston pareceu vagamente aliviado pelo elogio, mas não menos confuso.

– O cara é uma porra de uma bicha – explicou Gurney –, mas essa merda vale uma grana preta.

Ballston fez uma tentativa horrenda de rir. Pigarreou e depois pareceu não conseguir pensar no que dizer.

Gurney se virou para ele, ajeitando os óculos escuros.

– E aí, Jordan, você coleciona muitas obras de arte de veados?

Ballston engoliu em seco, fungou e tremeu o nariz.

– Na verdade, não.

– Na verdade, não? Isso é muito interessante. Então podemos nos sentar e bater um papinho? – Pela experiência de incontáveis interrogatórios, Gurney passara a apreciar o efeito inquietante de observações casuais e sem sentido.

– Hã... – Ballston olhou ao redor como se estivesse na casa de outra pessoa e estendeu o braço com cautela em direção a uma elegante sala de estar decorada com móveis antigos. – Podemos nos sentar ali.

– Onde você preferir, Jordan. Vamos relaxar e conversar.

Ballston foi andando rigidamente até um par de poltronas de brocado branco que ficavam de lados opostos de uma mesa de jogos barroca.

– Aqui está bom?

– Claro. Que mesa bonita. – A expressão de Gurney contradizia seu elogio. Ele sentou-se e observou Ballston fazer o mesmo.

O sujeito cruzou as pernas todo desajeitado, hesitou, descruzou-as, fungou.

Gurney sorriu.

– O pó pegou você de jeito, hein?

– Como?

– Não é da minha conta.

Um longo silêncio se instalou entre os dois.

Ballston pigarreou. Pareceu um som seco.

– Então você... você disse ao telefone que era policial?

– Isso. Disse. Você tem boa memória. Ter boa memória é uma coisa muito importante.

– Aquele carro lá fora não parece de um policial.

– Claro que não. Estou trabalhando sob disfarce, sacou? Na verdade, estou aposentado.

– Você anda sempre com guarda-costas?

– Guarda-costas? Que guarda-costas? Por que eu precisaria de guarda-costas? Uns amigos me deram carona, só isso.

– Amigos?

– É, amigos. – Gurney se recostou, deixando o olhar percorrer toda a sala. O cômodo poderia estar na capa de qualquer revista de arquitetura. Esperou que Ballston falasse.

Enfim o sujeito perguntou, em voz baixa:

– Existe algum problema em particular?

– Você é que tem que me dizer.

– Algo deve ter acontecido para que você aparecesse aqui... alguma preocupação específica.

– Você está sob uma enorme pressão. Isso é estresse, sabia?

O rosto de Ballston se enrijeceu.

– Não é nada que eu não possa resolver.

Gurney deu de ombros.

– O estresse é uma coisa terrível. Deixa as pessoas... imprevisíveis.

A tensão no rosto de Ballston se espalhou pelo corpo.

– Garanto que a situação aqui será resolvida.

– Há muitos modos de resolver as coisas.

– Garanto que vou resolver tudo de modo satisfatório.

– Satisfatório para quem?

– Para... todos os interessados.

– Suponha que nem todos tenham o mesmo interesse.

– Garanto que isso não será um problema.

– Fico feliz em ouvir isso. – Gurney olhou preguiçosamente para o porco mimado à sua frente, permitindo que apenas um pouco de seu nojo aparecesse. – Veja bem, Jordan, eu sou um solucionador de problemas, mas já tenho problemas suficientes para resolver. Não quero ser distraído por um novo. Tenho certeza que você sabe disso.

A voz de Ballston estava falhando.

– Não... haverá... nenhum... problema... novo.

– Como você pode estar tão certo?

– O que aconteceu dessa vez foi algo que só acontece uma vez em um milhão!

“Dessa vez?” Meu Deus, é isso! Peguei o sacana! Mas, por favor, Gurney, não deixe isso transparecer. Relaxe. Vá com calma. Fique tranquilo.

Gurney deu de ombros.

– Então quer dizer que é isso que você acha...

– Uma porra de um ladrão, pelo amor de Deus! Uma porra de um ladrão que por acaso entrou aqui exatamente na porra da noite errada, a única porra de noite em que aquela cadela estava na porra do freezer!

– Então foi... uma coincidência?

– Claro que foi uma porra de uma coincidência! O que mais poderia ser?

– Não sei, Jordan. Foi a única vez que alguma coisa deu errado, é? A única vez? Tem certeza?

– Absoluta!

Gurney voltou a avaliar todo o aposento, olhando de um lado para outro.

– Esse negócio é estressante demais. Você já tentou ioga?

– O quê?

– Sabe o Maharishi, aquele guru indiano?

– Quem?

– Não é do seu tempo. Esqueço que você é novo. Então diga, Jordan, como a gente vai saber que não vai ser pego de surpresa por nada?

Ballston piscou, fungou e começou a sorrir com pequenos espasmos dos lábios.

– Perguntei alguma coisa engraçada?

A respiração de Ballston ficou tão espasmódica quanto seus tiques faciais. Então todo o seu tronco começou a se sacudir e uma série de sons agudos irromperam de sua garganta.

Ele estava gargalhando. Horrivelmente.

Gurney esperou que o ataque bizarro acabasse.

– Qual foi a piada?

– *Emergir* – disse Ballston, e a palavra lhe provocou outro acesso de riso.

Gurney esperou, não sabendo o que dizer ou fazer. Lembrou-se da pérola de sabedoria que um colega que trabalhava infiltrado compartilhou com ele: “Na dúvida, fique calado.”

– Desculpe – falou Ballston. – Não queria ofender. Mas é uma imagem engraçada. Emergir! Dois corpos sem cabeça emergindo da porra do oceano na metade do caminho até as Bahamas! Caraca, isso é que é imagem!

Missão cumprida! Provavelmente. Talvez. Mantenha a credibilidade. Continue em seu papel. Paciência. Veja aonde isso vai dar.

Gurney examinou as unhas da mão direita, depois esfregou a superfície brilhante nos jeans.

A empolgação de Ballston foi sumindo.

– Então você está dizendo que está tudo sob controle? – perguntou Gurney, ainda polindo as unhas.

– Completamente.

Gurney assentiu devagar.

– Então por que ainda estou preocupado? – Quando Ballston se limitou a encará-lo, ele prosseguiu: – Duas perguntinhas. Tenho certeza de que você tem boas respostas para elas. Primeiro: suponha que eu fosse mesmo um policial ou que estivesse trabalhando para a polícia. Como diabo você saberia que eu não estou com um gravador?

Ballston sorriu, parecendo aliviado.

– Está vendo aquela coisa no aparador igual a um aparelho de DVD, com aquela luzinha verde? Se houvesse algum tipo de equipamento de gravação ou transmissão operando em qualquer lugar desta sala, a luz ficaria vermelha. É muito confiável.

– Ótimo. Gosto de coisas confiáveis. De pessoas confiáveis.

– Está sugerindo que eu não sou confiável?

– Como diabo você pode ter certeza que eu não sou um policial que veio aqui para descobrir exatamente o que você me contou enquanto ficava tendo ataques de riso, seu imbecil?

Ballston pareceu um garotinho travesso que tivesse levado um tapa na cara. Sua horrível expressão de perplexidade foi substituída por um riso mais feio ainda.

– Apesar de sua opinião sobre mim, sou um excelente avaliador de caráter. Ninguém fica tão rico como eu avaliando mal as pessoas. Então me deixe dizer uma coisa: as chances de você ser um policial são quase as mesmas de a polícia descobrir aquelas putas sem cabeça. Não vou perder o sono com nenhuma dessas possibilidades.

Gurney retribuiu o riso de Ballston.

– Confiança. Ótimo. Muito bom. Gosto de confiança. – Gurney se levantou de repente. Ballston se encolheu. – Boa sorte, Sr. Ballston. Faremos contato se houver algum imprevisto.

Enquanto Gurney passava pela porta da frente, Ballston acrescentou uma pequena reviravolta.

– Sabe, se eu achasse mesmo que você é policial, tudo o que eu contei teria sido papo furado.

Capítulo 61

A caminho de casa

– Talvez fosse exatamente isso – disse Becker com seu sotaque sulista.

Enquanto Gurney saía do ar fresco do Mercedes para a calçada fervente em frente ao terminal do aeroporto, dava a Darryl Becker, pelo telefone, o relatório mais detalhado possível sobre o encontro com Jordan Ballston.

– Não acho que fosse papo furado – afirmou Gurney. – Já tive algumas experiências com psicopatas descompensados e posso apostar que aquele riso maluco e a descrição das mulheres decapitadas eram verdadeiros. Mas não temos tempo para ficar debatendo isso. Recomendo fortemente que você considere que o que ele disse é verdade e tome a atitude apropriada agora mesmo.

– Acho que você não está sugerindo que revistemos o oceano Atlântico, então o que você está sugerindo?

– O filho da puta tem um barco, certo? Ele tem de ter um barco. Encontre a porra do barco e mande todos os técnicos que vocês tiverem para analisá-lo. Imagine que ele tenha transportado pelo menos dois corpos no tal barco e que ainda exista algum traço de prova lá, em alguma rachadura, fenda, canto etc. Não pare de procurar até achar.

– Entendi. Mas vamos também nos lembrar de que nem sabemos com certeza se Ballston tem um barco. Não...

Gurney interrompeu-o:

– Estou falando que ele tem um barco. Se alguém na porra deste estado tem um barco, é ele.

– Como eu estava dizendo – continuou Becker em sua voz monótona –, não temos prova de que ele possui um barco e não temos a menor ideia de que tipo de barco pode ser, onde ele pode

estar, quando essas supostas desovas de corpos aconteceram, de quem eram os corpos ou mesmo se havia algum corpo, para começar. Está entendendo o que quero dizer?

– Darryl, tenho outros telefonemas para dar. Vou falar pela última vez: ele tem um barco. Os corpos de pelo menos duas vítimas estiveram nesse barco. Encontre o barco. Encontre a prova. Faça isso agora. Precisamos obrigar esse escroto a abrir o bico. Temos que descobrir que diabo está acontecendo. Esse negócio vai muito além do Ballston e eu estou com uma sensação muito ruim. – Houve um silêncio longo demais na opinião de Gurney. – Está aí, Darryl?

– Não prometo nada. Vamos fazer o que pudermos.

Enquanto seguia por um saguão interminável até o portão de embarque do seu voo, ele telefonou para Sheridan Kline. Foi atendido por Ellen Rackoff .

– Ele vai ficar no tribunal a tarde toda – informou ela. – Não pode ser interrompido de jeito nenhum.

– E o Stimmel?

– Acho que está na sala dele. Você prefere falar com ele?

– É uma necessidade prática, não uma preferência pessoal. – Gurney não podia imaginar um *desejo* de falar com o sempre desagradável assessor de Kline. – Tem umas medidas superurgentes que ele vai ter que tomar se o Sheridan estiver enrolado.

– Está bem, vou transferir a ligação.

Trinta segundos depois, Stimmel estava na linha, a voz charmosa como uma lata de lixo.

Gurney relatou o suficiente da história para transmitir sua visão atual do caso: que provavelmente era gigantesco, que combinava a grande eficiência dos criminosos com elementos de insanidade sexual, que Hector Flores, Jordan Ballston e as mulheres mortas conhecidas até agora eram apenas as partes visíveis de algo muito maior e que, se pelo menos 15 ou 20 ex-alunas da Mapleshade estavam sumidas, era provável que todas elas fossem terminar estupradas, torturadas e decapitadas.

– Você ou Kline precisa telefonar para o promotor de Palm Beach o mais rápido possível para conseguir duas coisas – concluiu

ele. – Primeiro, garantir que o Departamento de Polícia de Palm Beach direcione quanto antes recursos suficientes para que o barco de Ballston seja encontrado e analisado nos mínimos detalhes. Segundo, vocês têm que convencer o promotor de Palm Beach de que a cooperação total é a única opção possível. Precisam ser persuasivos, dizendo que o estado de Nova York está segurando a ponta maior do caso e que um acordo com Ballston é fundamental para chegarmos à Karnala Fashion ou a qualquer organização que esteja na raiz do que quer que esteja acontecendo.

– Você acha que o promotor da Flórida vai livrar a cara de Ballston para tornar a vida de Sheridan mais fácil? – Seu tom deixava claro que ele considerava essa ideia absurda.

– Não estou falando de livrar a cara de ninguém. Estou falando de Ballston ser obrigado a entender que, se não cooperar totalmente, vai ser condenado à pena de morte. E logo.

– E se ele cooperar?

– Se isso acontecer, talvez outros resultados possam ser considerados.

– Vai ser difícil vender esse peixe. – Parecia que, se Stimmel fosse o promotor da Flórida, seria *impossível* vender esse peixe.

– O fato é que fazer Ballston falar pode ser nossa única chance.

– Nossa única chance de quê?

– Estamos com dezenas de garotas desaparecidas. Se não conseguirmos dobrar o Ballston, duvido que encontremos ao menos uma delas viva.

As intensas pressões do dia venceram Gurney no segundo trecho do voo para casa e seu cérebro começou a pifar. Com os motores do jato zumbindo nos ouvidos e a mente perdendo a ligação com o presente, ele começou a se lembrar de cenas desagradáveis e acontecimentos desconexos que não lhe vinham à cabeça havia mais de uma década: as visitas à Flórida depois que seus pais se mudaram do Bronx para um bangalô alugado em Magnolia, uma cidadezinha que parecia ser o ápice da monotonia e da decadência; um inseto do tamanho de um camundongo correndo para baixo das folhas varridas na varanda do bangalô; água com gosto de esgoto que seus pais insistiam que era insípida; as ocasiões em que sua

mãe reclamava em seu ouvido, com amargura, do casamento, de seu pai e seu egoísmo, das enxaquecas, da falta de satisfação sexual.

Os sonhos perturbadores, as lembranças sombrias e uma desidratação cada vez maior durante o restante do voo deixaram Gurney num estado de depressão ansiosa. Assim que saiu do avião, em Albany, comprou um litro d'água por uma fortuna no aeroporto e bebeu metade no caminho para o banheiro. No cubículo relativamente aconchegante reservado a cadeirantes, tirou os jeans caros, a camisa polo e os mocassins. Abriu a caixa do Empório Giacomo em que tinha guardado as próprias roupas e as vestiu. Colocou as peças novas na caixa e, quando saiu do cubículo, a jogou na lixeira. Foi até a pia e lavou o gel do cabelo. Enxugou-se rapidamente com uma toalha de papel e se olhou no espelho, certificando-se de que tinha voltado a ser ele mesmo.

Eram exatamente seis da tarde, segundo o relógio da cabine do estacionamento, quando pagou os 12 dólares e a cancela listrada de amarelo subiu para deixá-lo passar. Pegou a I-99 em direção a sua casa com o sol do fim da tarde atravessando o para-brisa.

Ao chegar à saída para a estrada do condado, uma hora havia se passado. Ele terminara sua garrafa d'água e estava sentindo-se melhor. Sempre se surpreendia ao ver que algo tão simples – não existia nada mais simples do que água – poderia ter um poder tão grande para acalmar seus pensamentos. A restauração emocional continuou aos poucos, e quando ele chegou à estradinha que serpenteava morro acima até sua propriedade estava se sentindo quase normal.

Entrou na cozinha no momento em que Madeleine estava tirando uma assadeira do forno. Ela colocou-a em cima do fogão, olhou para ele com as sobrancelhas erguidas e disse sarcasticamente:

– Mas que surpresa!

– É um prazer ver você também.

– Quer jantar?

– Eu disse no bilhete que deixei hoje cedo que chegaria em casa para o jantar e aqui estou.

– Parabéns – disse ela, tirando mais um prato de um armário alto e o colocando ao lado do que já estava na bancada.

Ele estreitou os olhos para ela.

– Vamos começar de novo? Será que eu devo sair e entrar outra vez?

Ela lançou-lhe um olhar que era uma imitação debochada do dele, depois suavizou sua atitude.

– Não, você tem razão. Você está aqui. Pegue outra faca e um garfo e vamos comer. Estou com fome.

Os dois encheram os pratos com legumes assados e coxas de frango e os levaram até a mesa redonda perto da porta de vidro.

Gurney abriu a porta a pedido de Madeleine e, enquanto eles se sentavam, um doce perfume os encobriu. Madeleine fechou os olhos, com um sorriso em câmera lenta franzindo suas bochechas. No silêncio, Gurney pensou que podia ouvir os arrulhos suaves de pombos nas árvores do outro lado do pasto.

– Lindo, lindo, lindo – comentou Madeleine num sussurro. Depois deu um suspiro feliz, abriu os olhos e começou a comer.

Pelo menos um minuto se passou antes que ela falasse de novo.

– Como foi o seu dia? – perguntou ela, olhando para um legume na ponta do garfo.

Ele pensou, franzindo a testa, enquanto ela esperava, observando-o. Pôs os cotovelos na mesa e entrelaçou os dedos na frente do queixo.

– Meu dia? Bem, o ponto alto foi o momento em que o psicopata teve um ataque de riso por causa de uma imagem engraçada que veio à cabeça dele, das duas mulheres que ele havia estuprado, torturado e decapitado.

Ela examinou seu rosto com os lábios se apertando.

Depois de um tempo, Gurney acrescentou:

– Para você ver o tipo de dia que eu tive.

– Você conseguiu fazer o que tinha se proposto?

Ele esfregou o nó do dedo indicador lentamente nos lábios.

– Acho que sim.

– Isso significa que solucionou o caso Perry?

– Acho que tenho parte da solução.

– Bom para você.

Um longo silêncio se instalou entre os dois.

Madeleine se levantou, pegou os pratos e em seguida as facas e os garfos.

– Ela ligou hoje.

– Quem?

– Sua cliente.

– Val Perry? Você falou com ela?

– Ela disse que estava retornando uma ligação sua, que tinha seu número de casa mas não o do celular.

– E o que ela queria?

– Que você soubesse que 3 mil dólares não são uma quantia suficiente para que você precise incomodá-la. “Ele deve gastar qualquer merda que precise para achar Hector Flores.” Palavras dela. Parece uma ótima cliente. – Madeleine deixou os pratos baterem com ruído na pia. – O que mais você poderia pedir? Ah, aliás, falando em decapitação...

– Falando em quê?

– No cara da Flórida que você mencionou que decapita pessoas... isso acabou de me lembrar de perguntar a você sobre a tal boneca.

– Boneca?

– A que está lá em cima.

– Lá em cima?

– Estamos brincando do jogo do eco agora?

– Não sei do que você está falando.

– Da boneca em cima da cama no meu quarto de costura.

Ele balançou a cabeça e virou as palmas das mãos para cima, confuso.

Um vislumbre de preocupação atravessou os olhos dela.

– A boneca. A boneca quebrada. Na cama. Você não sabe nada sobre isso?

– Quer dizer, uma boneca de brinquedo?

A voz dela aumentou de volume, alarmada.

– É, David! Uma boneca de brinquedo!

Ele se levantou e foi rapidamente até a escada, subiu-a de dois em dois degraus e em segundos estava parado junto à porta do

cômodo que Madeleine usava como quarto de costura. O fim do pôr do sol lançava apenas uma fraca luz cinzenta na cama de casal. Gurney acendeu um abajur e ele forneceu toda a iluminação necessária.

Encostada num travesseiro estava uma boneca comum, sentada, sem roupas. Comum a não ser pelo fato de que a cabeça fora removida e estava posta na colcha, a cerca de um metro do corpo, virada para ele.

Capítulo 62

Tremores

O sonho estava se despedaçando como uma caixa de papelão incapaz de manter o conteúdo rebelde no lugar.

A cada noite sua vitória com a cimitarra sobre Salomé era menos clara, menos certa. Era como uma transmissão antiga de TV sofrendo a interferência de outra emissora próxima. Vozes irrompiam competindo umas com as outras. Imagens de Salomé eram substituídas em clarões vívidos pelas de outra dançarina.

No lugar da forte e tranquilizadora Visão de Sua Missão e Seu Método – a coragem e a convicção de João Batista – havia fragmentos de lembranças, súbitas peças afiadas das quais ele tentava se afastar, momentos de uma familiaridade avassaladora, nauseante.

Uma mulher dançando, o vestido de seda subindo e mostrando as pernas longas, ensinando as menininhas a dançar como Salomé, a dançar na frente dos menininhos.

Salomé sambando num tapete cor de pêssego em meio a plantas tropicais, enormes folhas úmidas pingando. Mostrando aos meninos como sambar. Como segurá-la.

O tapete cor de pêssego e as plantas tropicais ficavam no quarto dela. Ela estava mostrando a ele e ao seu melhor amigo da escola como sambar. Como segurá-la.

A serpente movendo-se da boca de Salomé para a dele, procurando, deslizando.

Mais tarde ele vomitou e ela riu. Vomitou no tapete cor de pêssego embaixo das plantas tropicais gigantescas, suando, ofegando. O mundo girando, seu estômago arfando.

Ela o levou para o chuveiro, as pernas pressionando-o.

Ela se arrastava pelo tapete cor de pêssego na direção de um menino e uma menina, exausta e incansável. “Espere no corredor, querido.” Ofegando. “Estarei com você em um minuto.” O rosto dela brilhando de suor, vermelho. Mordendo o lábio. Olhos selvagens.

Capítulo 63

Exatamente como o chalé de Ashton

A equipe do Bureau de Investigação Criminal chegou em duas levas: Jack Hardwick à meia-noite e o grupo de perícia, uma hora depois.

Os técnicos, com suas roupas brancas estéreis, estavam inicialmente céticos em relação a um local de crime em que o único "crime" era a presença inexplicável de uma boneca quebrada. Estavam acostumados com carnificina, com os restos sangrentos de assassinatos. Portanto, podia ser compreensível que as primeiras reações fossem sobrancelhas erguidas e olhares enviesados.

As sugestões de que a boneca tivesse sido posta ali por uma criança de visita ou que pudesse ser uma brincadeira talvez também fossem compreensíveis, mas isso não as tornava toleráveis para Madeleine.

– Eles estão bêbados ou são só idiotas? – perguntou ela diretamente a Hardwick. Os técnicos deviam ter ouvido, a julgar pelas expressões em seus rostos.

Mas assim que Hardwick os puxou de lado e explicou a semelhança espantosa da posição da boneca com a do corpo de Jillian Perry, eles fizeram um serviço tão meticuloso e profissional quanto se o lugar estivesse cravejado de balas.

Os resultados, infelizmente, não deram em nada. Todo o processo de pente fino, a busca de digitais e a aspiração de fibras e do solo não produziram nada de interessante. O quarto continha as digitais de uma pessoa, sem dúvida Madeleine. Havia alguns fios de cabelo nas costas da poltrona perto da janela em que Madeleine se sentava para fazer tricô que com certeza também pertenciam a ela.

A parte interna do caixilho da outra janela, que Gurney era sempre chamado para abrir quando ficava emperrada, tinha outros fios de cabelo, certamente dele. Não havia digitais no corpo nem na cabeça da boneca. A marca era popular, vendida em qualquer loja de departamentos. As portas do andar de baixo tinham digitais múltiplas idênticas às encontradas no quarto. Nenhuma porta ou janela mostrava qualquer sinal de ter sido forçada. Não havia digitais no lado externo das janelas. Um exame do piso com luz infravermelha não mostrou pegadas nítidas que não combinassem com o tamanho dos sapatos de Dave ou de Madeleine. A análise de portas, corrimãos, bancadas, torneiras e válvulas de descarga sanitária em busca de digitais teve o mesmo resultado.

Quando os peritos finalmente guardaram os equipamentos e partiram em seu furgão, por volta das quatro da manhã, levaram a boneca, a colcha e os tapetes que tinham removido do chão dos dois lados da cama.

– Vamos fazer todos os testes – Gurney ouviu-os dizer a Hardwick enquanto saíam –, mas podemos apostar que está tudo limpo. – Eles pareciam cansados e frustrados.

Quando Hardwick voltou à cozinha e se sentou à mesa diante dele e Madeleine, Gurney comentou:

– Exatamente igual ao chalé de Ashton.

– É – concordou Hardwick com um distanciamento exausto.

– Como assim? – perguntou Madeleine, parecendo hostil.

– A qualidade antisséptica de tudo – respondeu Gurney. – Nenhuma digital, nada.

Ela fez um sonzinho quase agonizante na garganta. Respirou fundo várias vezes.

– Então o que devemos fazer agora? Quer dizer, não podemos simplesmente...

– Vai chegar uma viatura agora, antes de eu ir embora – informou Hardwick. – Vocês terão proteção durante pelo menos 48 horas, fiquem tranquilos.

– Tranquilos? – Madeleine encarou-o, sem compreender. – Como você pode...? – Ela não terminou a frase, apenas balançou a cabeça, levantou-se e saiu do cômodo.

Gurney observou-a se afastar sem conseguir pensar em nada reconfortante para dizer, tão abalado pelas emoções dela quanto pelo acontecimento que as havia causado.

O caderno de Hardwick estava na mesa. Ele abriu-o, encontrou a página que queria e pegou uma caneta no bolso da camisa. Não escreveu nada, só bateu preguiçosamente na folha aberta. Parecia exausto e um pouco perturbado.

– Bem... – começou. Em seguida pigarreou. Precisava fazer um esforço enorme para falar. – Segundo o que anotei antes... você esteve fora o dia inteiro.

– Isso. Na Flórida. Extraindo praticamente uma confissão de Jordan Ballston. Que espero que esteja sendo investigado enquanto conversamos.

Hardwick pousou a caneta, fechou os olhos e os massageou com os dedos. Quando os abriu de novo, olhou de volta para o caderno.

– E sua mulher disse que ficou fora de casa a tarde toda, desde cerca de uma hora até por volta das 17h30, andando de bicicleta, depois caminhando pela floresta. Ela faz muito isso?

– Faz.

– Então é uma suposição razoável que a boneca tenha sido... instalada, digamos assim, durante esse período.

– É o que eu diria – respondeu Gurney, ficando irritado com a reiteração do óbvio.

– Certo, então assim que o pessoal do turno da manhã chegar, vou mandar alguém falar com seus vizinhos. Qualquer carro que passe por aqui deve ser um grande acontecimento.

– Ter vizinhos é um grande acontecimento. Só há seis casas na estrada e quatro delas são de pessoas que moram na cidade e só aparecem nos fins de semana.

– Mesmo assim, nunca se sabe. Vou mandar alguém.

– Ótimo.

– Você não parece otimista.

– Por que diabo eu deveria estar otimista?

– Tem razão. – Ele pegou a caneta e começou a bater de novo no caderno. – Ela disse que tem certeza de que trancou as portas quando saiu. Isso parece verdade para você?

– Como assim, *parece verdade*?

– O que eu quis dizer foi: ela normalmente tranca as portas?

– O que ela normalmente faz é dizer a verdade. Se ela disse que trancou as portas, então ela trancou as portas.

Hardwick encarou-o, prestes a reagir, depois mudou de ideia. Voltou a bater a caneta no caderno.

– Então... se as portas estavam trancadas e não há sinal de entrada à força, isso significa que o invasor tinha as chaves. Você deu as chaves a alguém?

– Não.

– Existe alguma situação em que você possa pensar na qual suas chaves tenham ficado fora de sua posse por tempo suficiente para alguém fazer cópias?

– Não.

– Tem certeza? Em 20 segundos se faz uma chave.

– Eu sei em quanto tempo se faz uma chave.

Hardwick assentiu com gravidade.

– Bom, é provável que alguém tenha conseguido uma cópia. Talvez seja bom você trocar as fechaduras.

– Jack, com quem você acha que está falando, porra? Isto aqui não é um programa de TV sobre segurança doméstica.

Hardwick sorriu e se recostou na cadeira.

– Certo. Estou falando com a porra do Sherlock Gurney. Então diga, Sr. Detetive Brilhante, tem alguma ideia brilhante sobre isso?

– Sobre a boneca?

– É, sobre a boneca.

– Nada que já não deva ser óbvio para você.

– Que alguém está tentando amedrontar você para afastá-lo do caso?

– Você tem alguma ideia melhor?

Hardwick deu de ombros. Parou de bater no caderno e começou a estudar a caneta como se fosse uma prova complexa.

– Aconteceu mais alguma coisa?

– Como o quê?

– Algo estranho. Houve alguma outra esquisicite na sua vida nos últimos tempos?

Gurney soltou um riso curto e sem humor.

– Tirando cada aspecto desse caso estranhíssimo e todas as pessoas estranhíssimas envolvidas nele, está tudo perfeitamente normal. – Na verdade isso não era uma resposta e ele suspeitava que Hardwick soubesse disso. Apesar de toda a fanfarrice e a vulgaridade do sujeito, Hardwick tinha uma das mentes mais afiadas que Gurney vira em todos os seus anos como policial. Poderia ter sido capitão aos 35 anos se levasse minimamente a sério as coisas com as quais um capitão precisa se importar.

Hardwick olhou para cima, como se o teto fosse o assunto sobre o qual falavam.

– Você se lembra do cara que tinha as digitais naquele cálice de licor?

Uma sensação ruim fez o estômago de Gurney se contrair.

– Saul Steck, vulgo Paul Starbuck? – perguntou ele.

– Isso. Lembra o que eu disse sobre ele? – falou Hardwick.

– Que ele era um ator de sucesso com um sórdido interesse em menininhas, que foi internado num manicômio e acabou saindo. O que é que tem?

– O cara que me ajudou a tirar as digitais e comparar com o sistema me ligou ontem à noite com um pequeno acréscimo interessante.

– Ah, é?

Hardwick estava franzindo os olhos para o canto mais distante do teto.

– Parece que, antes de ser preso, Steck tinha um site pornô e Starbuck não era seu único apelido. O site, onde apareciam meninas menores de idade, chamava-se Covil de Sandy.

Gurney esperou que Hardwick olhasse para ele antes de responder.

– E você está pensando na possibilidade de “Sandy” ser apelido de Alessandro?

Hardwick sorriu.

– Exatamente.

– O mundo é cheio de coincidências sem sentido, Jack.

Hardwick assentiu. Em seguida se levantou da mesa e olhou pela janela.

– A viatura chegou. Como eu disse, cobertura total por no mínimo dois períodos de 24 horas. Depois disso a gente vê. Você está bem?

– Estou – disse Gurney.

– Ela vai ficar bem?

– Vai.

– Preciso ir para casa, dormir um pouco. Ligo para você mais tarde.

– Está bem. Obrigado, Jack.

Hardwick hesitou.

– Ainda tem sua arma?

– Não. Nunca gostei de andar armado. Não gostava nem de ficar com ela por perto.

– Bem, considerando a situação, talvez seja bom arranjar uma espingarda.

Durante um longo tempo depois que o carro de Hardwick se afastou pela trilha do pasto, Gurney ficou sentado sozinho na cozinha assimilando o choque da boneca e pensando nos desdobramentos do caso.

Era possível, claro, que os nomes Sandy e Alessandro tivessem surgido apenas por coincidência, mas esse era um exemplo perfeito de uma esperança ilusória. Um sujeito realista teria que aceitar que Sandy, o ex-fotógrafo do site pornográfico, poderia muito bem ser Alessandro, o atual fotógrafo dos anúncios quase pornográficos da Karnala, e que os dois nomes eram apelidos do criminoso sexual Saul Steck.

Mas quem era Hector Flores?

E por que Jillian Perry tinha sido decapitada? E Kiki Muller?

Será que as mulheres haviam descoberto alguma coisa sobre a Karnala? Sobre Steck? Sobre o próprio Flores?

E por que Steck o havia drogado? Para fotografá-lo com suas “filhas”? Para ameaçar constrangê-lo publicamente ou coisa ainda pior? Para poder controlar sua participação na investigação? Para chantageá-lo com o objetivo de receber informações sobre o progresso dos detetives?

Ou será que o propósito de drogá-lo, assim como o de colocar a boneca decapitada em sua casa, seria demonstrar a vulnerabilidade de Gurney? Amedrontá-lo e fazê-lo recuar?

Ou os dois acontecimentos teriam sido provocados por algo ainda mais doentio? Seriam ambos parte do jogo de um fanático por controle, um modo de demonstrar poder e domínio? Algo que ele fazia apenas para provar que podia? Pela empolgação?

As mãos de Gurney estavam frias. Ele esfregou-as com força nas coxas para esquentá-las, mas não adiantou e ele começou a tremer. Levantou-se e esfregou as mãos no peito e nos braços, depois ficou andando de um lado para outro. Foi até a outra extremidade da cozinha, onde às vezes o fogão de ferro guardava algum calor residual de um uso anterior, mas o metal preto e poeirento estava mais frio do que a sua mão e tocá-lo o fez tremer de novo.

Ouviu o estalo do interruptor no quarto, seguido pouco depois pelo rangido da porta do banheiro. Falaria com Madeleine para tentar acalmar os nervos dela depois que conseguisse acalmar os próprios. Olhou pela janela e foi tranquilizado pela luz da viatura perto da porta lateral.

Inspirou o ar o mais fundo que pôde e expirou devagar diversas vezes, até controlar a respiração e conseguir raciocinar direito. Procurou ocupar a mente com pensamentos positivos.

Lembrou a si mesmo que a digital que levara a Steck só havia sido descoberta devido à sua iniciativa de se arriscar para resgatar o cálice.

Essa revelação também ligara o enigma da droga de “Jykynstyl” aos enigmas dos assassinatos e desaparecimentos das ex-alunas da Mapleshade. E como ele estava conectado aos dois mistérios, encontrava-se na posição especial de poder usar uma situação para iluminar a outra.

Suas ideias e sondagens originais haviam tirado a investigação do poço de areia movediça em que estivera atolada, com a busca a um trabalhador mexicano maluco, e colocado num novo caminho.

Seu pedido urgente para que todas as ex-alunas da Mapleshade fossem contatadas levara não somente à descoberta

de que o paradeiro de inúmeras delas era ignorado como também ao conhecimento do que tinha acontecido com Melanie Strum.

Seu julgamento com relação ao provável significado da Karnala havia provocado uma grande revelação da parte de Jordan Ballston, que poderia muito bem levar a uma solução final.

Até mesmo a dedicação do assassino em termos de tempo, energia e recursos com o objetivo aparente de atrapalhar seus esforços provava que Gurney seguia a trilha certa.

Ouviu a dobradiça da porta do banheiro ranger de novo e 20 segundos depois o estalo da lâmpada sendo desligada. Talvez agora que tinha colocado a cabeça no lugar e que o frio estava abandonando seus dedos, pudesse falar com Madeleine. Mas primeiro tomou a precaução de trancar a porta lateral não somente com a chave, mas também com o trinco que eles jamais usavam. Depois passou a chave em todas as janelas do térreo.

Entrou no quarto com o que considerava uma atitude mental boa. Aproximou-se da cama no escuro.

– Maddie?

– Seu desgraçado!

Ele esperava que ela fosse estar na cama diante dele, mas a voz de Madeleine, com uma raiva chocante, vinha do canto mais distante do quarto.

– Eu?

– O que você fez? – A voz dela, pouco acima de um sussurro, estava furiosa.

– O que eu fiz? O que...?

– Esta é a minha casa. Este é o meu santuário.

– Eu sei.

– *Sabe? Sabe?* Como você pôde? Como pôde trazer este horror para a minha casa?

Gurney ficou sem fala diante da pergunta e de sua intensidade. Tateou pela beira da cama e acendeu o abajur.

A antiga cadeira de balanço que em geral ficava perto do pé da cama fora empurrada para o canto perto de uma das janelas. Madeleine estava sentada nela, com as pernas encolhidas na frente do corpo. Gurney ficou espantado primeiro com a emoção crua nos

olhos dela, depois pelas duas tesouras que ela segurava apertadas em suas mãos.

Ele tivera muito treinamento e prática na técnica de acalmar pessoas sob forte tensão, mas nenhum dos procedimentos que conhecia parecia adequado naquele momento. Sentou-se no canto da cama mais perto dela.

– Alguém invadiu minha casa. Por que, David? Por que fizeram isso?

– Não sei.

– Claro que sabe! Você sabe exatamente o que está acontecendo.

Gurney olhou para ela e depois para as tesouras. Os nós dos dedos de Madeleine estavam brancos.

– Você deveria nos proteger – continuou ela num sussurro trêmulo. – Proteger nossa casa, torná-la segura. Mas fez o oposto. O oposto. Deixou pessoas horríveis entrarem na nossa vida, na nossa casa. Na MINHA CASA! – gritou ela, com a voz embargada. – VOCÊ DEIXOU MONSTROS INVADIREM A MINHA CASA!

Gurney jamais tinha visto esse tipo de fúria nela. Não disse nada. Não tinha nada para falar. Praticamente não se mexeu. Mal respirava. A explosão emocional pareceu excluir qualquer outra realidade do quarto, do mundo. Esperou. Nenhuma outra opção lhe ocorreu.

Depois de algum tempo, ela disse:

– Não acredito no que você fez.

– Não era a minha intenção. – Sua voz lhe parecia estranha. Baixa.

Ela emitiu um som que poderia ser confundido com um riso, mas que para ele pareceu um breve espasmo nos pulmões.

– Aquelas fotos horrorosas de criminosos... aquilo foi o começo. Fotos dos monstros mais nojentos que existem... Mas isso não bastava. Não era suficiente ter as fotos no seu computador, encarando a gente.

– Maddie, eu prometo: vou encontrar quem quer que tenha entrado na nossa casa. Vou pôr um fim nisso. Nunca mais vai acontecer.

Ela balançou a cabeça.

– É tarde demais. Você não vê o que fez?

– Vejo que uma guerra foi declarada. Nós fomos atacados.

– Não! *Você!* Não vê o que *você* fez?

– O que fiz foi mexer em um ninho de marimbondos.

– Você trouxe isso para a nossa vida.

Ele não disse nada, apenas baixou a cabeça.

– Nós nos mudamos para o campo, para um lugar lindo, cheio de flores e com um lago.

– Maddie, eu prometo, vou resolver isso.

Ela parecia não escutar.

– Você não vê o que fez? – Ela apontou com a tesoura para uma das janelas escuras. – Essa floresta... a floresta onde eu caminho... ele estava escondido lá, me vigiando.

– O que faz você pensar que estava sendo vigiada?

– Meu Deus, é óbvio! Ele pôs aquela coisa medonha no quarto onde eu costuro, onde eu leio, onde tem minha janela predileta, onde eu me sento para fazer tricô, o quarto que dá para a floresta. Ele sabia que era um quarto que eu usava. Se ele pusesse aquela coisa no quarto de hóspedes, eu poderia passar um mês sem encontrar. Então ele *sabia*. Ele me viu na janela. E o único modo de me ver na janela era da floresta. – Ela fez uma pausa e o olhou de forma acusadora. – Entendeu o que eu quero dizer, David? Você destruiu minha floresta. Como eu posso caminhar lá de novo?

– Eu vou resolver isso. Vai ficar tudo bem.

– Até você mexer em outro ninho de marimbondos. – Ela balançou a cabeça e suspirou. – Não acredito no que você fez com o lugar mais lindo do mundo.

Às vezes Gurney tinha a impressão de que de uma hora para outra os elementos do Universo resolviam conspirar para produzir nele um calafrio macabro. Naquele momento, por exemplo, os coiotes começaram a uivar no morro depois do pasto alto, atrás da casa.

Madeleine fechou os olhos e abaixou as pernas. Pousou as mãos com as tesouras no colo e as afrouxou o suficiente para o sangue voltar a correr nos dedos. Encostou a cabeça nas costas da cadeira de balanço. Sua boca relaxou. Era como se o uivo dos

coiotes, estranho e inquietante para ela em outros momentos, a tocasse naquela noite de modo totalmente diferente.

Enquanto a primeira luz do amanhecer aparecia na janela do quarto voltada para o leste, ela caiu no sono. Depois de algum tempo, Gurney tirou as tesouras de suas mãos e apagou a luz.

Capítulo 64

Um dia muito estranho

Enquanto os raios amarelos do sol nascente batiam inclinados no pasto, Gurney sentou-se à mesa para tomar uma segunda xícara de café. Alguns minutos antes tinha testemunhado a mudança de turno, quando a viatura diurna chegou para substituir a que fora chamada por Hardwick de madrugada. Ele havia saído para oferecer o café da manhã ao novo guarda, mas o rapaz recusou com educação rígida e militar.

– Obrigado, senhor, já tomei.

Uma dor ciática havia se alojado na perna esquerda de Gurney enquanto ele pensava em questões cujas respostas lhe escapavam como um peixe escorregadio.

Será que deveria pedir a Hardwick que conseguisse uma cópia da foto que devia ter sido tirada na época da prisão de Saul Steck, para ter certeza de que não houvera algum erro com relação às digitais, ou será que a trilha de formulários que seria gerada entre o Bureau de Investigação Criminal e a jurisdição original do processo acarretaria muitas perguntas?

Será que deveria pedir a Hardwick, ou talvez a algum dos seus antigos parceiros no Departamento de Polícia de Nova York, para verificar os registros de arrecadação de impostos da cidade com o objetivo de saber quem era o dono da casa de Jykynstyl, ou isso provocaria uma série de perguntas indesejadas?

Haveria algum motivo para duvidar de que Sonya fora tão completamente enganada pela história do “amante da arte” quanto ele, apesar de ela não lhe parecer o tipo de mulher que seria ludibriada por alguém?

Será que deveria trazer uma espingarda para deixar em casa ou Madeleine ficaria mais perturbada do que tranquilizada com a

presença da arma?

Será que eles deveriam se mudar para um hotel até a solução do caso? Mas e se ele não fosse resolvido depois de semanas, ou meses, ou nunca chegasse ao fim?

Será que deveria ligar para Darryl Becker, a fim de saber como andava a busca ao barco de Ballston, e para o Bureau de Investigação Criminal, para perguntar sobre o progresso dos telefonemas dados às ex-alunas da Mapleshade e suas famílias?

Será que tudo o que havia acontecido – desde a chegada de Hector Flores a Tambury, passando pelo assassinato de Jillian e Kiki e pelo desaparecimento de todas aquelas garotas e chegando ao complexo ardil da casa de Jykynstyl, aos assassinatos sexuais de Ballston e à boneca decapitada – seria produto de uma única mente? E, se fosse, será que essa mente era impelida por um empreendimento criminoso prático ou por uma mania psicótica?

E o mais perturbador para Gurney: por que ele estava achando esses nós tão difíceis de desatar?

Sentia-se incapaz de tomar até as decisões mais simples: deveria continuar pesando as alternativas, voltar para a cama e tentar esvaziar a cabeça ou se ocupar fisicamente? Não conseguia nem se levantar e ir até o quarto pegar o frasco de analgésicos para a dor ciática.

Olhou para os pés de aspargo, imóveis na calma mortal da manhã. Sentia-se desconectado, como se sua ligação costumeira com o mundo tivesse sido rompida. Era a mesma sensação de desamparo que tivera quando sua primeira esposa anunciou a intenção de se divorciar e quando, anos depois, o pequeno Danny se fora, e de novo quando seu pai morreu. E agora...

E agora que Madeleine...

Seus olhos se encheram de lágrimas. Enquanto sua vista ficava turva, ele teve o primeiro pensamento claro em muito tempo. Era muito simples: abandonaria o caso.

A clareza da decisão se refletiu num sentimento de liberdade imediato, num impulso instantâneo à ação.

Dirigiu-se ao escritório e ligou para Val Perry.

Foi atendido pela secretária eletrônica e se sentiu tentado a deixar uma mensagem se demitindo, mas achou que isso seria

impessoal e irresponsável demais. Então deixou um recado dizendo somente que precisava falar com ela quanto antes. Depois pegou um copo d'água, foi para o quarto e tomou três analgésicos.

Madeleine havia se levantado da cadeira de balanço e ido para a cama. Ainda estava vestida e deitada por cima das cobertas, mas dormia pacificamente. Ele deitou-se ao lado dela.

Quando acordou, ao meio-dia, ela não estava mais lá.

Sentiu uma pontada de medo, atenuada um instante depois pelo som da torneira da cozinha aberta. Foi ao banheiro e jogou água no rosto, escovou os dentes e trocou de roupa, coisas que lhe dariam a sensação de que um dia novo estava começando.

Quando foi para a cozinha, Madeleine estava transferindo os restos de sopa de uma panela grande para um vasilhame de plástico. Ela colocou o recipiente na geladeira e a panela na pia e enxugou as mãos no pano de pratos. Sua expressão estava indecifrável.

– Tomei uma decisão – disse ele.

Ela lhe lançou um olhar que revelava que sabia o que ele ia dizer.

– Vou sair do caso.

Ela dobrou o pano e o pendurou na beira do escorredor de pratos.

– Por quê?

– Por tudo o que aconteceu.

Ela o examinou por alguns segundos, depois se virou e olhou pensativamente pela janela mais perto da pia.

– Deixei um recado para Val Perry – informou ele.

Ela se virou em sua direção. Seu sorriso insondável apareceu e sumiu como um clarão de luz.

– Está um dia lindo – falou ela. – Quer caminhar um pouco?

– Claro. – Normalmente ele teria resistido à sugestão ou, na melhor das hipóteses, acompanhado-a com relutância, mas naquele momento não sentiu qualquer resistência.

Era um daqueles dias suaves de outono. A única diferença que ele sentiu entre o ar dentro da casa e a atmosfera fora dela, quando os dois saíram na varandinha lateral, foi o cheiro das folhas. O

policial sentado na viatura perto do canteiro de aspargos baixou a janela e os olhou interrogativamente.

– Só estamos esticando as pernas – esclareceu Gurney. – Vamos ficar à vista.

O rapaz assentiu.

Seguiram pelo trecho de grama aparada ao longo da extremidade da floresta. Desceram lentamente até o banco perto do laguinho, no qual se sentaram em silêncio.

Tudo estava calmo ao redor do lago, ao contrário de dois meses antes, quando o ar era preenchido pelo som de sapos coaxando e melros gritando.

Madeleine segurou a mão dele.

Gurney perdeu a noção do tempo, tomado pela emoção.

Em algum momento Madeleine disse baixinho:

– Desculpe.

– Pelo quê?

– Minha expectativa de que tudo seja sempre exatamente como eu quero.

– Talvez seja assim que tudo deveria ser. Talvez o modo como você quer as coisas seja o certo.

– Eu gostaria de pensar que sim, mas duvido que seja verdade. E não acho que você deveria abandonar o trabalho que concordou em fazer.

– Já tomei minha decisão.

– Então deveria mudar de ideia.

– Por quê?

– Porque você é um detetive e eu não tenho o direito de exigir que se transforme em outra coisa em um passe de mágica.

– Não sei muito sobre magia, mas você tem todo o direito do mundo de me pedir que veja as coisas de outro modo. E Deus sabe que não tenho absolutamente nenhum direito de colocar qualquer coisa à frente da sua segurança e sua felicidade. Às vezes eu olho para as coisas que fiz, para as situações que criei, para os perigos aos quais não prestei atenção suficiente e acho que devo ser louco.

– Talvez só um pouquinho, algumas vezes. – Ela olhou para o lago com um sorriso triste e apertou a mão dele. O ar estava totalmente parado. Até os topos das árvores se encontravam

imóveis como numa foto. Madeleine fechou os olhos, mas sua expressão ficou mais intensa. – Eu não deveria ter atacado você daquele jeito, não deveria ter dito o que disse, não deveria ter chamado você de desgraçado. Essa é a última coisa de que alguém deveria chamar você. – Ela abriu os olhos e o encarou. – Você é um homem bom, David. É honesto, brilhante, incrivelmente talentoso, talvez o melhor detetive do mundo.

Um riso nervoso irrompeu da garganta dele.

– Meu Deus!

– Estou falando sério. Talvez você seja o melhor detetive do mundo. Então como posso dizer para você parar, para se transformar em outra coisa? Não é justo. Não é certo.

Ele olhou para a superfície do lago, para os reflexos invertidos dos bordos que cresciam do lado oposto.

– Não vejo a coisa nesses termos.

Ela ignorou sua resposta.

– Então o que você deve fazer é o seguinte: você concordou em trabalhar no caso Perry por duas semanas. Hoje é quarta-feira. Seu prazo acaba no sábado. Só faltam três dias. Termine o trabalho.

– Não há necessidade de eu fazer isso.

– Eu sei. Sei que você está disposto a desistir. É exatamente por isso que acho que não deve.

– Pode repetir?

Ela riu, ignorando a pergunta.

– Onde eles estariam sem você?

Ele balançou a cabeça.

– Espero que você esteja brincando.

– Por quê?

– A última coisa de que eu preciso neste mundo é que minha arrogância seja reforçada.

– A última coisa de que você precisa neste mundo é uma mulher que acha que você deveria ser outra coisa.

Depois de um tempo os dois voltaram pelo pasto de mãos dadas, assentiram de forma afável para o policial de serviço e entraram em casa.

Madeleine acendeu a grande lareira de pedra e abriu a janela ao lado para que a sala não ficasse quente demais.

Pelo resto da tarde fizeram algo que quase nunca faziam: absolutamente nada. Ficaram no sofá, deixando-se hipnotizar preguiçosamente pelo fogo. Mais tarde Madeleine pensou em voz alta sobre possíveis mudanças de plantas no jardim na primavera seguinte. Mais tarde ainda, talvez para manter a torrente de preocupações a distância, ela leu um capítulo de *Moby Dick* em voz alta para ele. Ambos ficaram perplexos pelo modo como ela continuava a considerá-lo “o livro mais peculiar” que já tinha lido.

Ela cuidou do fogo enquanto ele lhe mostrava fotos de caramanchões numa revista que havia apanhado meses antes em uma loja de decoração e os dois falaram sobre construir um no verão seguinte, talvez perto do lago. Cochilaram algumas vezes e a tarde passou. Jantaram cedo, sopa e salada, enquanto o crepúsculo ainda estava claro no céu, iluminando os bordos da colina oposta. Foram para a cama ao anoitecer, fizeram amor com uma espécie de ternura que logo se transformou em uma urgência desesperada, dormiram por mais de 10 horas e acordaram juntos à primeira luz do amanhecer.

Capítulo 65

Mensagem do monstro

Gurney havia terminado de comer seus ovos mexidos com torradas e já ia levar o prato para a pia. Madeleine levantou o olhar de sua tigela de cereais e disse:

– Suponho que você já tenha esquecido aonde eu vou hoje.

Durante o jantar na noite anterior, ele a havia convencido com alguma dificuldade a passar os dois dias seguintes com sua irmã em Nova Jérsei – uma precaução prudente, dadas as circunstâncias – enquanto ele encerrava o envolvimento com o caso. Mas agora Gurney franziu o rosto em uma expressão fingida de concentração. Ela riu de seu exagero.

– Sua técnica de interpretação sob disfarce devia ser muito mais convincente do que isso. Ou então você estava lidando com idiotas.

Depois que terminou os cereais e uma segunda xícara de café, ela tomou uma ducha e se vestiu. Às 8h30 deu-lhe um abraço apertado e um beijo, lançou-lhe um olhar preocupado, depois lhe deu outro beijo e partiu para o palacete da irmã em Ridgewood.

Quando seu carro estava bem longe na estrada, Gurney pegou o dele e a seguiu. Como sabia o caminho que ela faria, pôde ficar a distância, mantendo-a apenas ocasionalmente à vista. Seu objetivo não era segui-la, mas garantir que ninguém a seguisse.

Depois de alguns quilômetros desertos teve certeza de que estava tudo bem e voltou para casa.

Enquanto estacionava junto à viatura, trocou uma pequena saudação amigável com o guarda.

Antes de entrar em casa, parou junto à porta lateral e olhou ao redor. Por um momento teve uma sensação de infinitude, como se fizesse parte de uma pintura. Quando entrou em casa seu

sentimento de paz foi perturbado pelo toque curto do celular, que sinalizava a chegada de um torpedo, e ele foi absolutamente devastado pelo texto: foi uma pena não ter encontrado você no outro dia. vou tentar de novo. espero que tenha gostado da boneca.

Gurney sentiu um impulso irracional de partir em direção à floresta para gritar palavrões contra o inimigo invisível, como se a mensagem tivesse sido mandada por alguém que estivesse naquele momento espreitando atrás de um tronco de árvore, vigiando-o. Em vez disso, leu o texto de novo. Como os outros, este tinha sido mandado de um número não bloqueado, então era praticamente certo que o aparelho era do tipo pré-pago, impossível de ser rastreado.

Poderia ser útil saber o local da torre de celular que originara a chamada, mas o processo necessário para isso tinha alguns detalhes delicados.

Desde que a invasão da casa fora denunciada, a ocorrência estava sendo investigada. Nesse contexto, uma mensagem de texto anônima referindo-se à boneca que fora colocada no quarto era uma prova que deveria ser informada. No entanto, um mandado para registros de celular, com a busca de dados que se seguiria, revelaria que outras mensagens de texto já tinham sido enviadas do mesmo telefone para o número de Gurney e que ele as havia respondido. Sentiu-se preso num labirinto que ele próprio construíra, em que cada solução criaria um problema maior.

Amaldiçoou seu egoísmo, que o levara a assumir outro caso de assassinato que mais ninguém poderia solucionar, a ter deixado Sonya Reynolds entrar de novo em sua vida, a não desconfiar da tramoia de Jykynstyl, a esconder de Madeleine as consequências de seu encontro com ele e as possíveis fotos tiradas nessa ocasião. Por causa de seu egoísmo, ele se via agora de mãos atadas, preso a uma situação de grande perigo.

Mas praguejar contra as próprias falhas não o levaria a lugar algum. Tinha de *fazer* alguma coisa. Mas o quê?

O telefone, que tocou no aparador da cozinha, respondeu à sua pergunta.

Era Sheridan Kline, explodindo de entusiasmo.

– Dave! Que bom que você atendeu. Pegue seu cavalo, amigo. Precisamos de você agora mesmo!

– O que aconteceu?

– O que aconteceu foi que Darryl Becker, de Palm Beach, encontrou o barco de Ballston, como você disse que aconteceria. Adivinhe o que mais ele achou.

– Não sou adivinho.

– Rá! O fato é que você fez uma suposição espetacular sobre o tal barco e a possibilidade de que os peritos de Palm Beach encontrariam algo nele. Bom, você estava certo. Eles acharam uma mancha de sangue minúscula, que gerou uma amostra de DNA, que resultou numa correspondência quase exata no banco de dados do FBI, que produziu uma mudança de ânimo da parte do Sr. Ballston. Ou ao menos uma mudança na sua estratégia legal. Agora ele e os advogados estão cooperando totalmente para evitar a pena de morte.

– Espere um segundo – disse Gurney. – Que nome apareceu na amostra quase idêntica de DNA?

– Foi o mesmo que aconteceu com Melanie Strum: a amostra acusou um relacionamento familiar em primeiro grau. Nesse caso, quem apareceu na correspondência foi um molestador de crianças condenado chamado Wayne Dawker, que tem o mesmo sobrenome de uma garota da Mapleshade, Kim Dawker, desaparecida três meses antes de Melanie. Wayne é o irmão mais velho de Kim. Os advogados de Ballston podem conseguir se virar com uma garota morta nas mãos, mas não com duas.

– Como eles conseguiram a resposta do FBI tão depressa?

– A expressão “conspiração para assassinatos em série” pode ter sido um motivador. Ou então alguém em Palm Beach tem os contatos certos. – Kline pareceu estar com inveja.

– O que importa é que deu certo – afirmou Gurney. – E agora?

– Ballston concordou em ser interrogado e hoje à tarde Becker vai fazer isso formalmente. Fomos convidados a participar do interrogatório por videoconferência, o que significa que podemos também transmitir as perguntas que quisermos que sejam feitas. Eu insisti para que você fosse incluído.

– Qual é o meu papel?

– Fazer a pergunta certa na hora certa, deduzir se ele está sendo sincero ou não etc. Você é a pessoa que melhor conhece esse sacana. Aliás, por falar em sacana, ouvi dizer que você teve um pequeno incidente de invasão de domicílio.

– É, pode-se chamar assim. Foi meio desconcertante a princípio, mas tenho certeza de que vamos descobrir quem foi.

– Parece que alguém não quer você no caso... Você acha que é isso?

– Não sei o que mais poderia ser.

– Bom, podemos falar a respeito quando você chegar aqui.

– Certo.

Na verdade, Gurney não tinha nenhuma vontade de falar sobre isso. Sempre evitara discutir qualquer coisa que estivesse minimamente ligada à sua vulnerabilidade. Era a mesma forma distorcida de controle de danos que o impedia de ser honesto com Madeleine sobre seus temores com relação ao Rohypnol.

O equipamento de vídeo da Academia de Polícia era mais moderno do que o do Bureau de Investigação Criminal, então a reunião aconteceu lá, no centro de teleconferências, pouco antes das duas da tarde. O “centro” era uma sala de reuniões que contava com um monitor de tela plana em uma das paredes e tinha uma mesa semicircular com uma dúzia de cadeiras viradas para ele. Todos os presentes eram conhecidos de Gurney. Ficou mais feliz em ver alguns deles, como Rebecca Holdenfield, do que outros.

Sentiu-se aliviado ao ver que todos pareciam tão absorvidos pensando no que aconteceria no interrogatório que não começaram a perguntar imediatamente sobre a boneca e suas implicações.

A sargento Robin Wigg estava sentada num canto da sala, diante de uma mesinha à parte, com dois laptops abertos, um celular e um teclado com o qual parecia controlar o monitor preso à parede. Enquanto digitava, a tela mostrou uma série de códigos digitais, depois saltou para a vida em alta definição e rapidamente se tornou o foco da atenção de todos.

Mostrava uma sala-padrão de interrogatórios, com paredes de blocos de concreto. No centro havia uma mesa de metal cinza, à qual estava sentado o detetive Darryl Becker. Diante dele, do outro

lado, encontravam-se dois homens: um advogado extremamente bem vestido e Jordan Ballston, que havia passado por uma transformação devastadora. Parecia suado e amarrotado. Seu corpo estava largado, a boca, ligeiramente aberta, e seu olhar vazio permanecia fixo na mesa.

Becker se virou rigidamente para a câmera.

– Vamos começar daqui a pouco. Espero que o som e a imagem estejam nítidos para a locação remota. Por favor, confirmem isso. – Ele olhou para a tela de um laptop virado em sua direção na mesa.

Gurney ouviu Wigg digitando no teclado.

Alguns instantes depois, Becker sorriu para sua tela e fez um sinal feliz com o polegar para cima.

Rodriguez, que estivera cochichando com Kline, foi até a frente da sala.

– Bem, pessoal, estamos aqui para testemunhar um interrogatório no qual fomos convidados a colaborar. Em razão da descoberta de uma nova prova em sua propriedade...

– Manchas de sangue no barco, encontradas como resultado da sugestão feita por Gurney – interrompeu Kline. Ele adorava manter as animosidades fervendo.

Rodriguez piscou e continuou:

– Por causa dessa prova, o réu mudou sua história. Num esforço para escapar da pena de morte, ele vai não somente confessar o assassinato de Melanie Strum, como fornecer detalhes relativos a uma conspiração criminosa maior, que pode ter relação com o suposto desaparecimento de outras ex-alunas da Mapleshade. Vocês devem observar que o réu está dando essa declaração para salvar sua vida e pode ser motivado a dizer mais do que realmente sabe sobre essa conspiração hipotética.

Como se para compensar a cautela do capitão, Hardwick gritou para Gurney, que estava sentado na ponta oposta da mesa em forma de meia-lua:

– Parabéns, Sherlock! Você deveria pensar em seguir carreira na área. Precisamos de mais cérebros como o seu.

Uma voz saída do monitor na parede redirecionou a atenção de todo mundo.

Capítulo 66

A verdade monstruosa segundo Ballston

– São 14h03 do dia 20 de setembro. Aqui é o tenente detetive Darryl Becker, do Departamento de Polícia de Palm Beach. Comigo, na Sala de Interrogatório Número Um, estão Jordan Ballston e seu advogado Stanford Mull. Este interrogatório está sendo gravado. – Becker afastou o olhar da câmera e se virou para Ballston. – Seu nome é Jordan Ballston, residente no Bulevar South Ocean, em Palm Beach?

Ballston respondeu sem levantar o olhar da mesa:

– Sim.

– O senhor concordou, depois de consultar seu advogado, em dar uma declaração completa e honesta com relação ao assassinato de Melanie Strum?

Stanford Mull pôs a mão no antebraço de Ballston.

– Jordan, eu devo...

– Sim, concordei – respondeu Ballston.

Becker prosseguiu:

– O senhor concorda em responder completa e honestamente a todas as perguntas que lhe sejam feitas com relação a esse assunto?

– Sim, concordo.

– Por favor, descreva em detalhes como conheceu Melanie Strum e tudo o que ocorreu em seguida, inclusive como e por que a matou.

Mull parecia agonizar.

– Pelo amor de Deus, Jordan...

Ballston levantou a cabeça pela primeira vez.

– Chega, Stan, chega! Já tomei a decisão. Você não vai me impedir. Só quero que você tenha pleno conhecimento de tudo o que eu disser.

Mull balançou a cabeça.

Ballston aparentou alívio com o silêncio do advogado. Em seguida, olhou para a câmera.

– Qual é o tamanho da minha plateia?

Becker pareceu enojado.

– Isso tem alguma importância?

– As coisas mais incríveis vão parar no YouTube.

– Isto não vai.

– Que pena. – Ballston deu um sorriso horrível. – Por onde devo começar?

– Pelo início.

– Quer dizer, a vez em que eu vi meu tio comendo a minha mãe, quando eu tinha 6 anos?

Becker hesitou.

– Por que não começa dizendo como conheceu Melanie Strum?

Ballston se recostou na cadeira, dirigindo a resposta a um ponto no alto da parede atrás de Becker, em um tom quase sonhador.

– Contratei Melanie através do processo especial da Karnala, que implica entrar em uma série de portais. Bom, cada um desses portais...

– Espere aí. O senhor precisa descrever isso em linguagem comum. Que diabo é um portal?

Gurney queria dizer para Becker relaxar, deixar que o sujeito falasse e fazer as perguntas mais tarde. Porém, orientar o detetive nesse ponto poderia tirá-lo dos trilhos completamente.

– Estou falando de sites da internet que oferecem links para outros sites, salas de bate-papo que levam a outras salas de bate-papo, sempre com o objetivo de explorar interesses mais específicos e mais intensos, levando enfim a uma correspondência direta por e-mail ou mensagens de texto entre o cliente e o fornecedor. – Considerando a situação, o tom professoral de Ballston pareceu surreal a Gurney.

– Quer dizer que você informa que tipo de garota quer e eles a entregam?

– Não, não, não é nada tão abrupto ou grosseiro assim. Como eu disse, o processo da Karnala é *especial*. O preço é alto, mas a metodologia é diferenciada. Assim que a correspondência direta se mostra satisfatória para ambos os lados...

– Satisfatória? Em que sentido?

– No sentido da credibilidade. O pessoal da Karnala se convence da seriedade das intenções do cliente e o cliente se convence da legitimidade da Karnala.

– *Legitimidade?*

– Sim, *legitimidade* no sentido de ser quem você afirma que é e não, por exemplo, o agente de alguma organização patética tentando pegar os imprudentes com a boca na botija.

Gurney ficou fascinado com a dinâmica do interrogatório. Ballston, que estava confessando um crime e negociando para receber uma sentença mais branda do que a pena de morte, parecia obter um sentimento de controle a partir da própria narrativa. Becker, supostamente no comando, era quem estava abalado.

– Certo – disse Becker. – Presumindo que um lado confie na legitimidade do outro, o que vem em seguida?

– Então – respondeu Ballston, fazendo uma pausa dramática e olhando Becker nos olhos pela primeira vez – vem o toque de classe: a Karnala publica um anúncio na revista de domingo do *Times*.

– Pode repetir?

– Karnala Fashion, que tem os valores mais altos do mundo para suas roupas: modelitos exclusivos, feitos sob medida por um preço mínimo de 100 mil dólares. Anúncios lindos e garotas maravilhosas usando apenas algumas echarpes diáfanas. Muito estimulante.

– Qual é a relevância desses anúncios?

– Pense bem.

A afabilidade horrorizante de Ballston estava incomodando Becker.

– Que merda, Ballston, não tenho tempo para jogos.

Ballston suspirou.

– Eu pensaria que era óbvio, tenente. Os anúncios não são de roupas. São das garotas.

– O senhor está dizendo que as garotas dos anúncios estão à venda?

– Exatamente.

Becker piscou, parecendo incrédulo.

– Por 100 mil dólares?

– No mínimo.

– E depois? Você manda um cheque de 100 mil e eles enviam a puta mais cara do mundo pelo correio?

– Nada disso, tenente. Você não encomenda um Rolls-Royce a partir de um anúncio de revista.

– Então o quê? Você visita a exposição da Karnala?

– Pode-se dizer que sim. Na verdade a exposição é uma sala de projeção. Cada uma das garotas disponíveis, inclusive a que aparece no anúncio, se apresenta em seu próprio vídeo íntimo.

– Está falando de filmes pornôs individuais?

– Algo muito melhor do que isso. A Karnala atua na parte mais sofisticada desse negócio. Essas garotas e os vídeos têm uma inteligência e uma sutileza notáveis e são pré-selecionados com todo o cuidado para atender às necessidades emocionais do cliente. – A língua de Ballston passou preguiçosamente sobre seu lábio superior. Becker estava a ponto de saltar da cadeira. – Acho que o que o senhor não está conseguindo captar, tenente, é que essas garotas têm histórias sexuais *muito* interessantes, são jovens com apetites sexuais *intensos*. Não são prostitutas, são mulheres muito especiais.

– É isso que faz com que valham 100 mil dólares?

– No mínimo.

Becker assentiu com uma expressão vazia. Para Gurney o sujeito parecia perdido.

– Cem mil... por ninfomania... sofisticação...? – tentou articular ele.

Ballston deu um sorriso suave.

– Por ser exatamente o que os clientes querem. Por ser a luva que se encaixa na sua mão.

– Conte mais.

– Existem alguns vinhos muito bons, que alcançam 90 por cento de perfeição, vendidos a 50 dólares a garrafa. Um número

muito menor, disponível por 500 dólares a garrafa, chega a 99 por cento de perfeição. Mas por aquele um por cento final, de perfeição absoluta, você paga 5 mil dólares por garrafa. Algumas pessoas não percebem a diferença. Outras, sim.

– Porra, aqui estou eu, um cara comum, achando que uma puta cara não passa de uma puta cara.

– Para o senhor, tenente, tenho certeza de que essa é a verdade definitiva.

Becker ficou rígido na cadeira, o rosto inexpressivo. Gurney tinha visto essa cara muitas vezes em sua profissão. O que vinha em seguida em geral era algo desastroso, em alguns casos levando a um fim de carreira. Esperava que a câmera e a presença do nobre advogado Stanford Mull servissem como uma contenção eficaz para o tenente.

Aparentemente serviram. Becker relaxou aos poucos, olhando ao redor durante um longo minuto, observando todos os lugares, menos Ballston.

Gurney imaginou qual seria o jogo de Ballston. Estaria tentando, de forma calculista, provocar uma reação violenta de Becker em troca de alguma vantagem legal? Ou aquela condescendência seria um esforço para demonstrar superioridade enquanto sua vida desmoronava?

Quando Becker falou, sua voz saiu num tom de casualidade pouco natural.

– Então me fale sobre a tal sala de projeção, *Jordan*. – Ele articulou o nome de um modo que parecia estranhamente insultuoso.

Se Ballston percebeu, preferiu ignorar.

– Pequena, confortável, tinha um tapete lindo...

– Onde fica?

– Não sei. Quando me apanharam no aeroporto de Newark, fui vendado com uma máscara para dormir. O motorista me disse para colocá-la e não tirar até que fosse informado de que estava na sala de projeção.

– E você não trapaceou?

– A Karnala não é uma organização que encoraje trapaças.

Becker assentiu, sorrindo.

– Você acha que eles podem considerar o que está nos dizendo hoje como uma forma de trapaça?

– Infelizmente, podem.

– Então você assiste aos tais... vídeos... e vê alguma coisa de que gosta. E então?

– Você aceita verbalmente os termos da compra, recoloca a venda nos olhos e é levado de volta ao aeroporto. Faz uma transferência no valor combinado para uma conta nas ilhas Cayman e alguns dias depois a garota dos seus sonhos toca sua campainha.

– E aí?

– Aí, o que você quiser que aconteça... acontece.

– E a garota dos seus sonhos acaba morta.

Ballston sorriu.

– Claro.

– Claro?

– É disso que se trata a transação. Você não sabia?

– Trata-se de... matá-las?

– As garotas fornecidas pela Karnala são muito más, fizeram coisas terríveis no passado. Nos vídeos elas descrevem em detalhes tudo isso. Coisas horrorosas, inacreditáveis.

Becker se moveu um pouco para trás na cadeira. Estava visivelmente abalado. Até mesmo o rosto indecifrável de Stanford Mull havia assumido uma certa rigidez. Essas reações pareciam energizar Ballston. A vida parecia estar fluindo de volta para dentro dele. Seus olhos se iluminaram.

– Coisas terríveis que exigem castigos terríveis.

Houve uma espécie de pausa geral, talvez dois ou três segundos durante os quais parecia que ninguém na sala de interrogatório de Palm Beach ou na sala de videoconferência do Bureau de Investigação Criminal respirava.

Darryl Becker quebrou o silêncio com uma pergunta prática, num tom de voz rotineiro.

– Vamos ser perfeitamente claros: você matou Melanie Strum?

– Sim.

– E a Karnala havia mandado outras jovens para você?

– Sim.

– Quantas?

– Duas antes de Melanie.

– O que você sabia sobre elas?

– Sobre os detalhes tediosos da vida cotidiana, nada. Sobre suas paixões e suas transgressões, tudo.

– Você sabia de onde elas vinham?

– Não.

– Sabia como a Karnala as havia recrutado?

– Não.

– Alguma vez tentou descobrir?

– Isso foi especificamente desencorajado.

Becker se recostou, afastando-se da mesa, e examinou o rosto de Ballston.

Enquanto Gurney observava Becker na tela, pareceu que o sujeito estava pifando, sobrecarregado pelo contato com um nível de perversidade que não havia previsto, tentando pensar para onde conduziria o interrogatório.

Gurney se virou para Rodriguez. O capitão parecia tão perplexo quanto o tenente com as revelações e a indiferença de Ballston.

– Senhor? – A princípio Rodriguez não pareceu ouvi-lo. – Senhor, eu gostaria de mandar um pedido para Palm Beach.

– Que tipo de pedido?

– Quero que Becker pergunte a Ballston por que ele decepou a cabeça de Melanie.

O rosto do capitão estremeceu de repulsa.

– Obviamente porque ele é um sacana doente, sádico e assassino.

– Acho que poderia ser útil fazer a pergunta.

Rodriguez fez uma careta.

– O que mais poderia ser, além de parte de seu ritual nojento?

– Assim como cortar a cabeça de Jillian fazia parte do ritual de Hector?

– Aonde você quer chegar?

O tom de Gurney endureceu.

– É uma pergunta simples *e tem de ser feita*. Estamos ficando sem tempo. – Ele sabia que as terríveis dificuldades de Rodriguez com sua filha viciada em crack estavam comprometendo sua

capacidade de lidar diretamente com um caso tão próximo, mas essa não era a maior preocupação de Gurney.

O rosto de Rodriguez ficou vermelho, o que foi enfatizado pelo contraste com o colarinho branco engomado e o cabelo tingido de preto. Depois de um momento ele se virou para Wigg com um ar de rendição.

– O sujeito tem uma pergunta. “Por que Ballston cortou a cabeça dela?” Mande.

Os dedos de Wigg digitaram rapidamente no teclado.

No monitor da teleconferência, Becker estava pressionando Ballston para saber onde a Karnala conseguia as garotas e Ballston ficava repetindo que não sabia nada a respeito disso.

Becker parecia estar pensando em outro modo de fazê-lo falar quando sua atenção foi atraída para o laptop, aparentemente para a pergunta que Wigg acabara de transmitir. Ele olhou para a câmera e assentiu, antes de mudar de assunto.

– Então, Jordan, diga... por que você fez aquilo?

– O quê?

– Por que matou Melanie Strum daquele modo específico?

– Acho que é uma questão particular.

– Particular é o diabo. O trato foi que nós faríamos as perguntas e você as responderia.

– Bom... – A postura de desafio de Ballston se suavizou. – Eu diria que em parte era uma questão de preferência pessoal e... – Pela primeira vez durante o interrogatório ele pareceu levemente ansioso. – Preciso perguntar uma coisa, tenente. O senhor está se referindo ao... processo inteiro... ou simplesmente à remoção da cabeça?

Becker hesitou. O tom banal da conversa parecia estar distorcendo sua percepção da realidade.

– Por enquanto, digamos que estou preocupado principalmente com a remoção.

– Ok. Bom, a remoção foi, digamos, uma cortesia.

– Foi *o quê?*

– Uma cortesia. Um acordo de cavalheiros.

– Um acordo de... como assim?

Ballston balançou a cabeça, impaciente, como o tutor sofisticado de um aluno burro.

– Acho que o arranjo básico e a especialização da Karnala em abordar o fator psicológico e em fornecer um produto único ficaram claros. O senhor entendeu tudo isso, tenente?

– É, entendi bem.

– Eles são a fonte definitiva do produto definitivo.

– Sim, entendi.

– Como condição para a possibilidade de negociações futuras, eles têm uma pequena exigência.

– A exigência de que você corte a cabeça da vítima?

– Depois do processo. Como um complemento, por assim dizer.

– E o propósito desse “complemento” é...?

– Quem sabe? Todos temos nossas preferências.

– *Preferências?*

– Foi sugerido que isso era importante para alguém da Karnala.

– Meu Deus. Alguma vez você pediu que explicassem isso?

– Minha nossa, tenente! O senhor realmente não sabe nada sobre a Karnala, sabe? – O estranho nível de serenidade de Ballston crescia na mesma medida da consternação de Becker.

Capítulo 67

Amor de mãe

Com a conclusão do interrogatório inicial de Jordan Ballston – haveria ainda mais dois, para que as questões levantadas pelo primeiro fossem revistas, perguntas que tinham sido omitidas pudessem ser feitas e todo o âmbito dos negócios de Ballston com a Karnala pudesse ser sondado e documentado –, a videoconferência foi encerrada.

Quando o monitor ficou vazio, Blatt foi o primeiro a falar.

– Que filho da puta do mal!

Rodriguez pegou um lenço branquíssimo do bolso, tirou os óculos com armação de metal e começou a limpá-los distraidamente. Era a primeira vez que Gurney o via sem óculos e seus olhos pareciam menores e mais fracos, e a pele ao redor deles dava a impressão de ser mais velha.

Kline afastou sua cadeira da mesa.

– Meu Deus! Não acredito que testemunhei um interrogatório assim. O que você acha, Becca?

Rebecca Holdenfield arqueou as sobrancelhas.

– Poderia ser mais específico?

– Você engoliu essa história incrível?

– Se está perguntando se eu acho que ele estava contando a verdade como ele a vê, a resposta é sim.

– Um filho da puta desses não tem o menor compromisso com a verdade – disse Blatt.

Rebecca sorriu e se dirigiu a Blatt como se falasse com uma criança.

– Observação interessante, Arlo. Realmente, dizer a verdade não estaria entre os valores mais importantes do Sr. Ballston. A não ser que ele achasse que isso poderia salvar sua vida.

– Eu não confiaria nele nem para ir jogar o lixo fora – insistiu Blatt.

– Vou dizer qual é a minha impressão – anunciou Kline. Em seguida, esperou que todos lhe dessem a atenção devida. – Presumindo que o que ele disse seja verdadeiro, a Karnala pode ser o empreendimento criminoso mais pervertido já descoberto. A parte relacionada a Ballston, por mais horrível que seja, provavelmente é apenas a ponta do iceberg, um iceberg infernal.

O riso curto e áspero que Hardwick emitiu foi disfarçado apenas em parte como uma tosse, mas o ímpeto dramático de Kline o levou adiante.

– A Karnala parece uma operação grande, disciplinada e implacável. As autoridades da Flórida puseram as mãos em um pequeno apêndice: um cliente. Mas temos a oportunidade de expor e destruir o empreendimento todo. Nosso sucesso pode ser a diferença entre a vida e a morte de Deus sabe quantas jovens. Falando nisso, Rod, que tal nos atualizar sobre os telefonemas para as ex-alunas?

O capitão pôs os óculos, depois os tirou de novo. Era como se as reviravoltas do caso e seus ecos pessoais desafiassem sua capacidade de raciocínio.

– Bill – disse ele com algum esforço –, dê-nos os dados das entrevistas.

Anderson engoliu uma rosquinha com um gole de café.

– Dos 152 nomes da lista, em 112 casos foram completadas ou retornadas ligações de pelo menos uma pessoa da casa. – Ele folheou os papéis em sua pasta. – Desses 112, dividimos as respostas em algumas categorias. Por exemplo...

Kline pareceu inquieto.

– Podemos ir direto ao ponto? Diga só o número de garotas que não puderam ser localizadas, em especial se tiveram a discussão sobre o pedido do carro antes de sair de casa.

Anderson folheou mais alguns papéis meia dúzia de vezes e enfim anunciou que o paradeiro de 21 garotas era desconhecido das famílias e que 17 delas tinham tido a discussão, inclusive as mencionadas por Ashton e Savannah Liston.

– Então parece que o padrão está se mantendo – concluiu Kline. Voltou a atenção para Hardwick. – Alguma novidade com relação à Karnala?

– Nada de novo, só que não há dúvida de que os Skard comandam a organização e a Interpol acha que hoje em dia eles atuam principalmente com escravidão sexual.

Blatt pareceu interessado.

– Que tal ser um pouco mais específico sobre esse negócio de "escravidão sexual"?

Surpreendentemente, Rodriguez reagiu com a voz cheia de raiva:

– Acho que todos sabemos exatamente o que é: o negócio mais revoltante que existe. A escória do mundo vendendo e comprando sexo. Pense bem, Arlo. Você sabe que chegou à imagem certa quando ela lhe dá vontade de vomitar. – Sua intensidade gerou um silêncio incômodo na sala.

Kline pigarreou, o rosto franzido numa espécie de nojo exagerado.

– Quando se fala em tráfico sexual eu penso em camponesas da Tailândia sendo mandadas para árabes gordos. Estamos imaginando que algo assim acontece com as garotas da Mapleshade? Tenho dificuldade para ver isso. Alguém pode me ajudar, por favor? Dave, você tem algum comentário?

– Não sobre a questão árabe-tailandesa, mas tenho duas perguntas. Primeiro: nós acreditamos que Flores tem ligação com os Skard? E segundo: se tem, o que isso sugere? Quer dizer, como a organização dos Skard é um negócio de família, seria possível que Flores...

– Seja um Skard? – Kline bateu com a mão na mesa. – Droga, por que não?

Blatt coçou a cabeça, parecendo confuso.

– O que vocês estão dizendo? Quer Hector Flores é na verdade um daqueles garotos cuja mãe trepava com traficantes de cocaína?

– Uau! – disse Kline. – Isso definitivamente daria ao caso uma nova perspectiva.

– Duas perspectivas, na verdade – observou Gurney.

– Duas?

– Dinheiro e patologia sexual. Quer dizer, se isso fosse simplesmente um empreendimento financeiro, por que aquela esquisitice de Edward Vallory?

– Humm, boa pergunta. Becca?

Ela olhou para Gurney.

– Está sugerindo que há uma contradição?

– Não uma contradição, só uma pergunta: qual é a motivação mais importante no caso?

O interesse dela pareceu aumentar.

– O que você acha?

Gurney deu de ombros.

– Aprendi a nunca subestimar o poder da patologia.

Os lábios dela se moveram num ligeiro sorriso de concordância.

– O resumo da Interpol que eu recebi indicava que Giotto Skard teve três filhos: Ticiano, Rafael e Leonardo. Se Hector Flores é um deles, a questão é: qual?

Kline encarou-a.

– Você tem alguma opinião?

– É mais uma suposição do que uma opinião profissional, mas se estabelecermos que a patologia sexual tem uma grande importância nesse caso, eu diria que ele é Leonardo.

– Por quê?

– Foi ele que a mãe levou quando Giotto finalmente a chutou de casa. Foi ele que conviveu mais tempo com ela.

– Está dizendo que isso pode ter transformado o cara num maníaco homicida? – questionou Blatt. – Ficar com a mãe?

Rebecca deu de ombros.

– Depende de quem é a mãe. Viver com uma mãe normal é muito diferente de ser objeto de abuso prolongado por parte de uma psicopata viciada em drogas e predadora sexual como Tirana Zog.

– Entendi – afirmou Kline. – Mas como os efeitos desse tipo de criação, ou seja, a loucura, a fúria, a instabilidade, se encaixariam no que parece ser um empreendimento criminoso altamente organizado?

Rebecca sorriu.

– A insanidade nem sempre é um obstáculo para alcançarmos nossos objetivos. Joseph Stalin não foi o único esquizofrênico

paranoico que chegou ao topo. Às vezes há uma sinergia perversa entre a patologia e a busca de objetivos práticos, em especial em empreendimentos brutais como o tráfico sexual.

Blatt pareceu intrigado.

– Então você está dizendo que os pirados acabam sendo os melhores gângsteres?

– Nem sempre. Mas vamos presumir por um momento que o tal de Hector Flores seja mesmo Leonardo Skard. E que ser criado por uma mulher psicótica, promíscua e incestuosa o tenha deixado louco. Vamos presumir também que a organização Skard, através da Karnala, esteja tão envolvida na prostituição de alto nível e na escravidão sexual quanto os contatos do Bureau de Investigação Criminal na Interpol afirmam e como confirma a confissão de Jordan Ballston.

– São muitas suposições – disse Anderson, tentando soltar uma migalha de rosquinha das fibras de seu guardanapo.

– Na minha opinião, são boas suposições – observou Kline.

– E, se elas forem verdadeiras – completou Gurney –, Leonardo parece ter encontrado o emprego perfeito.

– Que emprego perfeito? – questionou Blatt.

– Um que combina muito bem o negócio da família com seu ódio pessoal contra as mulheres.

A expressão inicial de perplexidade de Kline deu lugar ao espanto.

– O emprego de recrutador!

– Exato – concordou Gurney. – Suponha que Leonardo Skard, vulgo Flores, tenha chegado à Mapleshade especificamente para identificar e recrutar jovens que poderiam ser convencidas a satisfazer as necessidades sexuais de homens ricos. Claro, ele descreveria o arranjo de um modo atraente às necessidades e às fantasias delas. Elas jamais saberiam, até ser tarde demais, que estavam sendo entregues nas mãos de sádicos sexuais que pretendiam matá-las, homens como Jordan Ballston.

Os olhos de Blatt se arregalaram.

– Isso é extremamente doentio.

– Lucro e patologia de mãos dadas – disse Gurney. – Conheci mais de um matador que pensava em si mesmo como um

empresário atuando em um negócio para o qual muitas pessoas não têm estômago. Como um embalsamador. Eles falavam sobre isso como se fosse em primeiro lugar uma fonte de rendimentos e apenas secundariamente como um empreendimento assassino. Claro, na verdade é o oposto. Matar é matar. Tem a ver com um tipo de ódio que o matador transforma num negócio. Talvez estejamos vendo isso aqui.

Anderson embolou seu guardanapo.

– Estamos cheios de teorias, não é?

– Acho que o Dave está totalmente certo – opinou Rebecca Holdenfield. – Patologia e questões práticas. Leonardo Skard, disfarçado de Hector Flores, pode estar ganhando a vida arranjando a tortura e a decapitação de mulheres que o fazem se lembrar da mãe.

Rodriguez se levantou devagar da cadeira.

– Acho que está na hora de fazer uma pausa, tudo bem? Dez minutos para ir ao banheiro, tomar um café etc.

– Só uma última observação – disse Rebecca. – Com toda a conversa sobre Jillian Perry sendo morta no dia do casamento, ocorreu a alguém que também era o Dia das Mães?

Capítulo 68

Estrada Buena Vista

Kline, Rodriguez, Anderson, Blatt, Hardwick e Wigg saíram da sala. Gurney já ia segui-los quando viu Rebecca, ainda sentada, tirar um conjunto de imagens de sua pasta, fotocópias de vários anúncios da Karnala, e espalhá-las à frente. Gurney rodeou a mesa até ficar ao lado dela e olhou para as fotos. Agora que Ballston revelara seu propósito, todas tinham um impacto diferente para ele, apresentando uma imagem mais cruel de doença e mentira.

– Não consigo entender – disse ele. – A Mapleshade supostamente fornece algum tipo de tratamento para fixações sexuais doentias. Meu Deus, se o que estou vendo no rosto dessas moças reflete o benefício da terapia, como diabo elas eram antes?

– Piores.

– Meu Deus.

– Eu li alguns artigos científicos de Ashton. Os objetivos dele são modestos. Na verdade, são mínimos. Seus críticos dizem que sua abordagem chega às raias da imoralidade. Os terapeutas cristãos não o suportam. Ele acredita em operar não grandes mudanças, mas as menores possíveis. Um comentário que ele fez certa vez num seminário profissional ficou famoso, ou infame. Ashton gosta de chocar seus colegas. Ele disse que, se pudesse convencer uma menina de 10 anos a fazer sexo oral no namorado de 12 anos em vez de no primo de 8, consideraria a terapia um sucesso completo. Em alguns círculos essa abordagem é um pouco controvertida.

– Progresso, não perfeição, certo?

– Certo.

– Mesmo assim, quando olho para essas expressões...

– Uma coisa que você precisa lembrar é que a taxa de sucesso nesse ramo não é alta. Tenho certeza de que até mesmo Ashton fracassa mais vezes do que é bem-sucedido. Isso é apenas um fato da vida. Quando lidamos com criminosos sexuais...

Mas Gurney tinha parado de ouvi-la.

Meu Deus, por que não registrei isso antes?

Rebecca o encarava.

– O que foi?

Ele não respondeu imediatamente. Havia implicações a considerar e decisões a tomar com relação a quanto deveria revelar. Decisões cruciais. Mas tomar qualquer resolução nesse momento estava além de sua capacidade. Sentiu-se quase paralisado ao perceber que *o quarto da foto era o quarto em que ele havia entrado para se esconder do pessoal da limpeza na noite em que pegara o cálice de absinto*. Tinha visto o lugar por apenas uma fração de segundo quando acendeu e apagou a luz para se orientar. Na ocasião isso havia lhe provocado um estranho sentimento de *déjà-vu* porque já vira o quarto na foto de Jillian na parede de Ashton, mas naquela noite, na casa de Jykynstyl, ele não juntara as duas imagens.

– O que foi? – perguntou Rebecca de novo.

– É difícil explicar. – Isso era, em grande parte, verdade. Sua voz estava tensa. Não conseguia parar de olhar o anúncio mais próximo dele. A garota estava agachada numa cama desarrumada, parecendo ao mesmo tempo exausta e insaciável, convidando, ameaçando, desafiando. Foi sacudido por uma lembrança súbita de um retiro religioso em seu primeiro ano na escola St. Genesius: um padre de olhos selvagens desfiando uma ladainha sobre o fogo do inferno. *Um fogo que arde por toda a eternidade, que come sua carne dolorida como uma fera que fica mais faminta a cada mordida.*

Hardwick foi o primeiro a retornar à sala de reuniões. Olhou para Gurney, para a foto do anúncio e para Rebecca Holdenfield e pareceu sentir imediatamente a tensão no ar. Wigg entrou logo após e ocupou o posto diante de seu laptop, seguida pelo carrancudo Anderson e o irritadiço Blatt. Kline voltou falando ao celular e depois dele Rodriguez apareceu. Hardwick sentou-se diante de Gurney, observando-o com curiosidade.

– Muito bem – disse Kline, de novo com um ar de importância. – De volta aos trilhos. Continuando com a questão da verdadeira identidade de Hector Flores: Rod, acho que havia o plano de fazer algumas entrevistas com os vizinhos de Ashton, para garantir que nenhum detalhe sobre Flores tenha escapado na primeira vez. Em que pé está isto?

Por um momento pareceu que Rodriguez ia dizer que tudo aquilo era uma perda de tempo. Em vez disso, virou-se para Anderson.

– Alguma novidade relacionada a esse assunto?

Anderson cruzou os braços diante do peito.

– Nenhum fato novo significativo.

Kline lançou um olhar de desafio a Gurney, já que a ideia de fazer novas entrevistas fora dele.

Gurney forçou a mente a voltar à discussão e se virou para Anderson.

– Você conseguiu separar o material de testemunhas oculares verdadeiras, que é escasso, do material de segunda mão, que é interminável?

– Sim, fizemos isso.

– E...?

– Temos um problema com os dados das testemunhas oculares.

– Que problema? – perguntou Kline.

– A maioria delas está morta.

Kline piscou, confuso.

– O que você disse?

– A maioria das testemunhas oculares está morta.

– Meu Deus, achei que tivesse entendido errado. Como assim, a maioria está morta?

– Quem falou de verdade, cara a cara, com Hector Flores, ou com Leonardo Skard, ou sei lá como diabo vamos chamá-lo agora? Jillian Perry, e ela está morta. Kiki Muller, e ela está morta. As garotas que Savannah Liston viu conversando com ele, e elas estão todas desaparecidas, possivelmente mortas, se foram parar nas mãos de caras como Ballston.

Kline pareceu cético.

– Achei que as pessoas o tinham visto no carro com Ashton, ou na cidade.

– Viram alguém com chapéu de caubói e óculos escuros – explicou Anderson. – Ninguém pode dar uma descrição física que valha alguma merda, com o perdão da palavra. Temos um monte de histórias curiosas, mas só isso. Parece que todo mundo só repete os casos que ouviu de outras pessoas.

Kline assentiu.

– Isso combina perfeitamente com a reputação dos Skard.

Anderson lançou-lhe um olhar enviesado.

– Os Skard são supostamente implacáveis em eliminar testemunhas. Parece que qualquer um que possa identificar alguém da família acaba morto. O que acha, Dave?

– Desculpe, o quê?

Kline o olhou de modo curioso.

– Estou perguntando se o número cada vez menor de pessoas que poderiam identificar Flores reforça a ideia de que ele poderia ser um dos Skard.

– Para ser sincero, Sheridan, não sei o que acho disso. Fico imaginando se alguma coisa que me vem à cabeça neste caso é verdade. Meu medo é que eu esteja deixando escapar algo importante que explicaria tudo. Trabalhei em inúmeros casos de homicídio ao longo dos anos e nunca estive num que parecesse tão desconexo quanto esse. Passa a impressão que tem um elefante na sala e nenhum de nós consegue vê-lo.

Kline recostou-se na cadeira, pensativo.

– Pode não ser o elefante na sala, mas tenho uma pergunta que fica martelando na minha cabeça com relação às garotas desaparecidas. Eu entendo a história do carro, que todas as garotas são maiores de idade, que disseram aos pais para não tentarem encontrá-las, mas... vocês não acham curioso que nenhum parente tenha notificado a polícia?

– Acho que existe uma resposta simples e triste à sua pergunta – disse Rebecca devagar, depois de um longo silêncio. O tom estranhamente suavizado de sua voz atraiu a atenção de todos. – Com uma explicação plausível para a partida das filhas e a proibição de fazerem contato, suspeito que os pais ficaram, no fundo,

satisfeitos. Vários pais que têm filhos muito problemáticos sentem o medo terrível de serem obrigados a suportar o fardo de seus pequenos monstros para sempre e têm vergonha de admitir isso. Quando os monstros enfim vão embora, por qualquer motivo, acho que eles sentem *alívio*.

Rodriguez pareceu enjoado. Levantou-se em silêncio e foi para a porta, abatido. Gurney supôs que Rebecca havia tocado no nervo mais sensível do sujeito, um nervo que fora exposto e cutucado desde que o caso se transformara de uma caçada a um jardineiro mexicano na investigação de relacionamentos familiares disfuncionais e jovens doentias. Esse nervo fora tão machucado na última semana que talvez não fosse nenhuma surpresa que um homem que já era complicado estivesse perdendo o controle.

A porta se abriu antes que Rodriguez chegasse a ela. A policial Gerson entrou com uma leve expressão de alarme no rosto magro, bloqueando a passagem dele.

– Desculpe, senhor, é um telefonema urgente.

– Agora não – murmurou ele com ar vago. – Talvez Anderson... ou alguém...

– Senhor, é uma emergência. Outro homicídio relacionado com a Mapleshade.

Rodriguez encarou-a.

– O quê?

– Um homicídio...

– Quem?

– Uma moça chamada Savannah Liston.

Ele demorou alguns segundos para registrar a notícia.

– Certo – disse finalmente, e a seguiu para fora da sala.

Quando retornou, cinco minutos depois, as vagas especulações que vinham circulando pela mesa em sua ausência foram substituídas por uma atenção ansiosa.

– Muito bem, todos os que importam estão aqui – anunciou ele. – Só vou falar uma vez, portanto sugiro que anotem.

Anderson e Blatt pegaram caderninhos idênticos e canetas. Os dedos de Wigg estavam posicionados sobre as teclas do laptop.

– Era Burt Luntz, chefe de polícia de Tambury. Ele está no bangalô alugado por Savannah Liston, funcionária da Mapleshade. –

Havia força e objetividade na voz do capitão, como se a tarefa de passar as informações o tivesse posto no prumo, ao menos por ora.
– Aproximadamente às cinco da manhã de hoje o chefe Luntz recebeu um telefonema em casa. A pessoa disse apenas: “Buena Vista, 78, por todos os motivos pelos quais escrevi”, com o que pareceu a ele um sotaque espanhol. Quando Luntz perguntou o nome do sujeito, ele respondeu “Edward Vallory me chama de jardineiro espanhol” e desligou.

Anderson franziu a testa, olhando para o relógio.

– Isso foi às cinco da manhã, há 10 horas, e só estamos sabendo agora?

– Infelizmente, o chefe Luntz não deu nenhuma atenção ao telefonema. Ele só presumiu que fosse engano ou que o sujeito estivesse bêbado, ou as duas coisas. Ele não está a par dos detalhes da investigação, por isso a referência a Edward Vallory não significa nada para ele. Então, há cerca de meia hora, um tal de Dr. Lazarus, da Mapleshade, ligou para Luntz dizendo que uma funcionária normalmente responsável não tinha aparecido para trabalhar hoje e não estava atendendo ao telefone. O sujeito perguntou, considerando todas as coisas loucas que vinham acontecendo, se Luntz poderia mandar uma das suas viaturas passar pela casa dela e ver se estava tudo bem. Deu o endereço Estrada Buena Vista, 78, que chamou a atenção de Luntz, por isso ele foi até lá pessoalmente.

Kline estava inclinado para a frente na cadeira, como um corredor na linha de partida.

– E encontrou Savannah Liston morta?

– Encontrou a porta de trás destrancada, com Liston à mesa da cozinha. A mesma configuração de Jillian Perry.

– Exatamente a mesma? – perguntou Gurney.

– Parece que sim.

– Onde Luntz está agora? – quis saber Kline.

– Na cozinha, e alguns policiais de Tambury estão a caminho para estabelecer um perímetro e isolar o local. Ele já examinou a casa por alto, só para verificar se não havia mais ninguém. Não tocou em nada.

– Ele comentou se notou algo estranho? – indagou Gurney.

– Sim, um par de galochas junto à porta. Parece familiar?

– As botas de novo. Meu Deus, essas botas querem dizer alguma coisa. – O tom de Gurney atraiu a atenção de Rodriguez. – Capitão, sei que não tenho o direito de... tentar influenciar sua alocação de recursos, mas... posso fazer uma sugestão?

– Vá em frente.

– Eu recomendo que o senhor leve as botas imediatamente para o pessoal do laboratório e os mande passar a noite lá, se for preciso, até que façam todos os testes de reconhecimento químico que puderem.

– Procurando o quê?

– Não sei.

Rodriguez fez uma careta, mas não tão horrível quanto Gurney havia temido.

– E baseado em nada. Isso é um tremendo tiro no escuro, Gurney.

– As botas apareceram duas vezes. Antes que apareçam de novo, eu gostaria de saber por quê.

Capítulo 69

Becos sem saída

Anderson, Hardwick e Blatt foram despachados para a Estrada Buena Vista junto com um grupo de perícia escolhido pela sargento Wigg e uma equipe com cão farejador. O Departamento de Medicina Legal foi notificado. Gurney perguntou se poderia acompanhar o pessoal do Bureau de Investigação Criminal e Rodriguez recusou, como era de se esperar, mas encarregou Wigg de coordenar e acelerar as análises de laboratório das botas. Kline concordou em assumir uma estratégia de controle de danos em uma coletiva de imprensa que estava marcada, e ele e o capitão foram falar sobre isso em particular, deixando Gurney e Holdenfield sozinhos na sala de reuniões.

– E então? – disse ela de uma forma divertida.

– E então? – repetiu ele.

Ela deu de ombros e olhou para sua pasta, onde havia guardado as cópias dos anúncios da Karnala.

Gurney achou que ela continuava querendo saber por que ele havia agido estranhamente antes, mas já tinha lhe dito que era difícil explicar. Ele não estava pronto para falar a respeito, porque não havia pensado nas implicações de dizer toda a verdade e também não havia bolado as opções de controle de danos.

– É uma longa história – falou.

– Eu adoraria ouvi-la.

– E eu adoraria contar, mas... é complicado. – A primeira parte era menos verdadeira do que a segunda. – Talvez outra hora.

– Certo. – Ela sorriu para ele. – Outra hora.

Sem chance de acesso direto aos peritos e sem qualquer motivo que justificasse sua permanência na sede da polícia do estado, Gurney foi para casa, com os acontecimentos do dia girando

na cabeça: a confissão surreal de Ballston, sua voz educada contando o que se passava em sua mente infernal e descrevendo sua obediência ao pedido de decapitação feito pela Karnala como uma *cortesia*, a decapitação de Savannah Liston, que era um eco da boneca decapitada na cama, que por sua vez era um eco da noiva decapitada à mesa. E as botas de borracha. De novo as botas. Ele achava mesmo que os testes de laboratório dariam em alguma coisa? Estava desgastado demais para saber o que esperava de fato.

Sheridan Kline ligou enquanto ele terminava uma tigela de sobras de espaguete, mas não disse nada que representasse um progresso na investigação. Além de repetir tudo o que Rodriguez já havia informado sobre o telefonema de Luntz, Kline revelou que um facão ensanguentado tinha sido descoberto por um cão farejador na floresta atrás do bangalô de Savannah Liston e que o legista estimara que a morte dela acontecera num espaço de tempo de aproximadamente três horas antes do telefonema que Luntz recebera às cinco da manhã.

Em sua carreira houvera muitas ocasiões em que Gurney se sentira desafiado. Houve vezes, como o recente caso Mellery, em que ele acreditou que o criminoso venceria. Mas jamais se sentira tão superado em termos de estratégia. Sim, ele tinha uma teoria geral sobre o que poderia estar acontecendo e sobre quem poderia estar por trás de tudo – toda a operação dos Skard, com “Hector Flores” recrutando “garotas más” para o prazer assassino dos homens mais doentios que existiam –, mas era só uma teoria. E, mesmo que fosse válida, ainda não chegava nem perto de explicar o mecanismo tortuoso dos assassinatos. Não explicava a impossível desova do facão atrás do chalé de Ashton, a função das botas e a escolha das vítimas locais. Por que exatamente Jillian Perry, Kiki Muller e Savannah Liston tiveram de morrer? Pior: sem saber por que essas três mulheres tinham sido mortas, como seria possível proteger quem mais estivesse correndo perigo?

Depois de se exaurir explorando repetidamente os mesmos becos sem saída, Gurney caiu no sono por volta de meia-noite.

Quando acordou, sete horas depois, um vento forte lançava pingos grossos de chuva contra as janelas do quarto. A janela perto de sua cama, a única que ele deixara destrancada, estava 5 centímetros aberta no topo, o que não deixava a chuva entrar mas permitia que um vento úmido fizesse seus lençóis e o travesseiro parecerem pegajosos.

A atmosfera desanimadora e a falta de luz e cor no mundo provocaram-lhe a tentação de ficar na cama, por mais desconfortável que estivesse, mas ele sabia que isso seria um erro, então se obrigou a levantar e entrar no banheiro. Seus pés estavam frios quando ele abriu o chuveiro.

Graças a Deus pela magia primitiva da água, pensou.

O líquido tinha a capacidade de limpar, revigorar, simplificar. Enquanto o jorro quente e forte massageava suas costas, os músculos de seu pescoço e de seus ombros relaxaram. Seus pensamentos confusos e vertiginosos começaram a se dissolver no jorro calmante da água. Como ondas batendo na areia, como um opiáceo benigno, os pingos batendo em sua pele faziam a vida parecer simples e boa.

Capítulo 70

Bem à vista

Depois de um café da manhã com dois ovos e duas torradas, Gurney decidiu analisar de novo os fatos originais do caso, por mais tedioso que isso fosse.

Espalhou os elementos do dossiê na mesa de jantar e, com alguma contrariedade, pegou o documento no qual tivera mais dificuldade de se concentrar quando examinara tudo originalmente. Era um impresso de 57 páginas que citava as centenas de sites que Jillian havia visitado na internet e as centenas de termos de busca que ela havia digitado nos navegadores do celular e do laptop nos últimos seis meses de vida, relacionados em sua maioria com destinos de viagem chiques, hotéis supercaros, carros, joias etc.

Porém, depois que esses dados haviam sido obtidos pelo Bureau de Investigação Criminal, nenhuma análise fora feita. Gurney suspeitava que esta era apenas mais uma lacuna aberta na investigação entre a passagem do caso de Hardwick para Blatt. A única indicação de que alguém além do próprio Gurney tivesse ao menos visto aquilo era um comentário escrito à mão num adesivo fixado à primeira página: “Perda total de tempo e recursos”.

Perversamente, a suspeita de Gurney de que o comentário tinha sido feito pelo capitão havia intensificado sua atenção em cada linha daquelas 57 páginas, e sem esse estímulo ele poderia muito bem ter deixado passar uma palavrinha de cinco letras na metade da página 37.

Skard.

O nome apareceu de novo na página seguinte e mais duas vezes algumas folhas depois.

Essa revelação deu a Gurney ânimo para ler o resto do documento e depois a repassar as 57 páginas mais uma vez. Foi

durante essa segunda leitura que ele fez mais uma descoberta.

As marcas de carro espalhadas nos termos de busca, que a princípio haviam se misturado em sua mente com nomes de resorts, butiques e joalherias, agora formavam um padrão especial próprio.

Percebeu que eram as marcas que tinham sido assunto das discussões das jovens com os pais.

Seria coincidência?

Que diabo Jillian estivera aprontando?

O que ela precisava saber sobre esses carros? E por quê?

Mais importante: o que ela estaria tentando descobrir sobre os Skard?

Como tinha ficado sabendo da existência deles?

E que tipo de relacionamento ela mantinha com o homem que conhecera como Hector Flores?

Seriam negócios? Ou prazer? Ou algo muito mais doentio?

Um olhar mais atento aos endereços dos sites dos automóveis revelou que eles eram locais de publicidade mantidos pelas empresas com informações sobre modelos, características e preços.

O termo de busca “Skard” levou a um site com dados sobre uma cidadezinha na Noruega e também a vários outros sites sem qualquer conexão com os criminosos da Sardenha, o que significava que Jillian já sabia de algum outro modo da existência da família, ou ao menos do nome, e sua busca na internet fora uma tentativa de descobrir mais.

Gurney voltou à lista principal e anotou as datas das buscas do nome Skard e dos carros. Descobriu que ela visitara os sites dos veículos meses antes de procurar o nome da família italiana. De fato, as pesquisas sobre os automóveis apareciam desde o início do período de seis meses que tinha sido documentado e Gurney imaginou quanto tempo faria que ela procurava esse tipo de informação. Fez uma anotação para sugerir ao Bureau de Investigação Criminal que conseguisse um mandado expandido para obter os registros de busca de Jillian de pelo menos dois anos antes de sua morte.

Olhou para a paisagem chuvosa. Uma hipótese intrigante, ainda que altamente especulativa, estava começando a tomar forma em

sua cabeça: a possibilidade de que Jillian poderia ter representado um papel muito mais ativo...

Um ronco grave, vindo da estrada que subia em direção ao celeiro, interrompeu seus pensamentos. Foi até a janela da cozinha e notou que a viatura tinha ido embora. Olhou para o relógio e viu que as 48 horas de proteção prometidas haviam expirado. Mas outro veículo, a fonte do rugido gutural de motor, agora nitidamente mais alto, surgiu no ponto em que a estrada da cidade se fundia à sua entrada de veículos.

Era um Pontiac GTO vermelho, um clássico dos anos 1970, e Gurney só conhecia uma pessoa que possuía um desses: Jack Hardwick. O fato de ele aparecer em seu próprio carro significava que não estava de serviço.

Gurney foi até a porta lateral e esperou. Hardwick saltou do carro usando uma calça jeans velha e uma camiseta branca sob uma jaqueta de motoqueiro surrada. Parecia um machão retrô saído de uma máquina do tempo.

– Que surpresa! – disse Gurney.

– Pensei em dar uma passadinha para ver se você não tinha recebido mais nenhuma boneca de presente.

– Muita gentileza. Entre.

Lá dentro Hardwick não disse nada, só deixou o olhar percorrer a casa.

– Você fez uma longa viagem na chuva – observou Gurney.

– A chuva parou há uma hora.

– Sério? Nem notei.

– Parece que você está com a cabeça em outro planeta.

– Estou mesmo, e daí? – respondeu Gurney de forma mais ríspida do que havia pretendido.

Hardwick não demonstrou qualquer reação.

– Aquele fogão a lenha é econômico?

– O quê?

– Aquele fogão a lenha, ele é mais econômico do que um a gás?

– Como é que eu vou saber? O que você veio fazer aqui, Jack?

– Não se pode dar uma passadinha na casa de um amigo? Só para jogar conversa fora?

– Nenhum de nós é do tipo que dá uma passadinha na casa de ninguém. E nenhum de nós tem interesse em jogar conversa fora. Então por que você está aqui?

– O cara quer ir direto ao ponto. Certo, respeito isso. Sem perda de tempo. Que tal você fazer um café e me convidar para sentar?

– Tudo bem, vou fazer um café. Sente-se onde quiser.

Hardwick foi até o outro lado da enorme cozinha e examinou as pedras da antiga lareira enquanto Gurney ligava a cafeteira. Alguns minutos mais tarde, os dois estavam frente a frente nas duas poltronas perto da lareira.

– Nada mau – comentou Hardwick depois de um gole na bebida quente.

– É, meu café é muito bom. Que diabo você quer, Jack?

Ele tomou outro gole antes de responder.

– Achei que a gente poderia trocar informações.

– Não creio que eu tenha alguma coisa que valha a pena trocar.

– Ah, tem sim, não tenho dúvida. Então, o que me diz?

Gurney sentiu um jorro de raiva surpreendente.

– Certo, Jack, por que não? Você primeiro.

– Falei de novo com meu amigo da Interpol. Pressionei um pouco sobre o negócio do Covil de Sandy. Adivinhe só: o nome do site também é Covil do Alessandro. Às vezes aparece um nome, às vezes outro. Está chocado?

– Por que estaria chocado?

– Na última vez em que falamos sobre isso você parecia ter quase certeza de que era coincidência. Não acha mais isso, acha?

– Não, realmente não deve haver muitos Alessandros no negócio de fotos sensuais.

– Isso. Então você conseguiu seu calicezinho de absinto de Saul Steck, que por acaso trabalha para a Karnala Fashion com o nome de Alessandro tirando fotos de garotas da Mapleshade que desaparecem pouco tempo depois. Então me diga, ás, que diabo você está aprontando? E, por sinal, já que estamos falando nisso, que tal explicar sua cara ontem à tarde quando estava olhando aquele anúncio da Karnala por cima do ombro da Rebecca?

Gurney se recostou na poltrona, fechou os olhos e levou a xícara de café devagar aos lábios. Tomou alguns goles

preguiçosamente antes de abrir os olhos. Ainda segurando a xícara na frente da boca, encarou Hardwick. O sujeito estava em posição idêntica à sua, com a xícara levantada, observando-o. Os dois trocaram sorrisinhos irônicos e baixaram as xícaras até o braço das poltronas.

– Bom – começou Gurney –, quando nada mais dá certo, a honestidade é a única saída. – Afastando da mente as potenciais consequências, contou a Hardwick toda a história da amnésia que envolvia Sonya, as fotos de criminosos manipuladas graficamente e Jykynstyl. Falou inclusive sobre as mensagens de texto e sobre o quarto da casa que ele reconheceu nos anúncios da Karnala. Quando terminou, descobriu que seu café tinha esfriado, mas mesmo assim terminou de bebê-lo.

– Puta que o pariu – disse Hardwick. – Você percebe o que fez comigo?

– Como assim?

– Ao me contar toda essa merda, você me colocou na mesma porra de posição em que está.

Gurney sentiu um alívio enorme mas não achou que seria boa ideia dizer isso em voz alta. Em vez disso, falou:

– E o que você acha que nós devemos fazer?

– O que *eu* acho? Você é a porra do gênio que não revelou provas novas e significativas numa investigação criminal, o que é crime. E ao me contar tudo isso você me obriga a... adivinhe só!... esconder provas novas e significativas numa investigação criminal, o que é crime. A não ser, claro, que eu vá imediatamente procurar o Rodriguez e coloque o seu rabo na reta. Meu Deus, Gurney! Agora você me pergunta o que *eu* acho que a gente deve fazer? E não pense que eu não percebi essa merda de “nós” que você colocou na discussão. Você é a porra do gênio que criou essa bagunça. O que *você* acha que precisa ser feito?

Quanto mais agitado Hardwick ficava, mais aliviado Gurney se sentia, porque isso significava que ele estava comprometido em manter sua confissão em sigilo, ao menos por enquanto.

– Acho que, se resolvermos o caso – disse Gurney calmamente –, a confusão vai acabar sozinha.

– Nossa, mas é claro! Por que não pensei nisso? É só revolver o caso! Que ideia fantástica!

– Vamos ao menos conversar sobre os detalhes, Jack, ver em que pontos concordamos e em quais discordamos, pensar em todas as possibilidades. Podemos estar mais perto de uma solução do que pensamos. – Assim que terminou de falar, ele percebeu que não acreditava nisso, mas recuar nesse ponto faria parecer que estava perdendo a cabeça. Talvez estivesse.

Hardwick lançou-lhe um olhar de dúvida.

– Vá em frente, Sherlock. Sou todo ouvidos. Só espero que a droga que lhe deram não tenha fritado o seu cérebro.

Gurney desejou que Hardwick não tivesse dito isso. Pegou outra xícara de café e se acomodou de novo na poltrona.

– Certo, eu vejo a situação assim: de um lado temos o negócio da família Skard, que é, em termos básicos, a venda mundial de formas de gratificação sexual ilegais e caras. De acordo com o seu contato na Interpol, os Skard são criminosos especialmente cruéis e predatórios. Através da Karnala, segundo Jordan Ballston, eles atuam nos segmentos de sadomasoquismo mais doentios e ilegais existentes no comércio do sexo, vendendo jovens cuidadosamente escolhidas para psicopatas sexuais ricos.

Hardwick assentiu.

– Do outro lado, temos a Escola Residencial Mapleshade – prosseguiu Gurney. – A Mapleshade trata de garotas com obsessões sexuais extremamente disfuncionais, que levam a um comportamento predatório sem limites. Há poucos anos a instituição começou a se concentrar com exclusividade nessa clientela e se tornou bastante conhecida no ramo devido à enorme reputação acadêmica de Scott Ashton, que é uma estrela no campo da psicopatologia. Imagine que os Skard ficaram sabendo da Mapleshade e viram seu potencial.

– O potencial para eles?

– Isso. A Mapleshade continha uma população concentrada de vítimas altamente sexualizadas e abusadoras sexuais. Para os Skard isso seria o paraíso.

Os olhos azul-claros de Hardwick pareciam procurar falhas possíveis na lógica de Gurney. Depois de alguns segundos, ele

disse:

– Certo, consigo visualizar isso.

– No meio disso tudo, ligando os Skard à Mapleshade, temos o homem que dizia se chamar Hector Flores. Parece que seu modo de entrar na Mapleshade foi se tornar útil para Ashton, ganhar sua confiança e se oferecer para fazer pequenos serviços na escola.

– Mas lembre-se de que nenhuma garota desapareceu enquanto ainda era aluna de lá.

– Não, porque isso dispararia um alarme instantâneo. Existe uma enorme diferença entre uma "criança" desaparecer de um internato e uma "adulta" optar por sair de casa. Imagino que ele abordava as garotas que estavam para se formar e as sondava de um modo geral, cautelosamente, fazendo ofertas específicas só para as que ele sabia que iriam aceitar. Depois as instruía sobre como sair de casa sem levantar suspeitas. Podia até arranjar o transporte. Ou isso poderia ser feito por outra pessoa da organização, talvez a mesma que produzia os vídeos das garotas falando sobre suas obsessões sexuais – explicou Gurney.

– Que devia ser seu coleguinha, Saul Steck, vulgo Alessandro, vulgo Jay Jykynstyl.

– É totalmente possível.

– Como Flores teria justificado a necessidade da discussão sobre os carros para as garotas? – questionou Hardwick.

– Ele pode ter dito a elas que era uma precaução necessária para garantir que ninguém denunciasse seu desaparecimento à polícia e elas fossem localizadas com seu benfeitor atual, criando embaraços para todos e arruinando o negócio.

Hardwick assentiu.

– Então Flores arma o grande trambique com essas garotas piradas como se comandasse um serviço de encontros. Claro, assim que a jovem dama entra na casa do cavalheiro sem ter deixado qualquer pista de para onde foi, descobre que o arranjo não é o que havia imaginado. Mas nesse ponto é tarde demais para recuar, porque o desgraçado que a comprou não tem intenção de permitir que ela veja a luz do dia outra vez, o que é ótimo para os Skard. Mais do que ótimo, se levarmos a sério a história de Ballston

sobre o “acordo de cavalheiros” para encerrar o processo com uma deliciosa decapitação.

– Acho que isso resume a situação – disse Gurney. – A teoria é que Hector Flores, ou Leonardo Skard, se essa for a sua verdadeira identidade, era o facilitador inicial de uma espécie de serviço de encontros homicidas para perigosos maníacos sexuais. Claro, ainda é só uma teoria.

– É uma boa teoria. Mas não explica por que Jillian Perry foi morta no dia do casamento.

– Acho que ela pode ter se envolvido com Hector Flores e descoberto em algum momento quem ele realmente era. Talvez tenha descoberto que o nome verdadeiro dele era Skard.

– Ter se envolvido com ele como? Por quê?

– Talvez Hector precisasse de uma ajudante e tenha usado Jillian para isso, por ela provavelmente ter sido seu primeiro contato ao chegar à Mapleshade, há três anos, quando ela ainda era aluna. Ele pode ter feito promessas a ela, que passou a atuar como sua informante entre as outras alunas, ajudando-o a selecionar possíveis candidatas. Em algum momento ela talvez tenha deixado de ser útil, ou podia até ser louca a ponto de tentar chantageá-lo depois de descobrir quem ele era. A mãe dela disse que ela adorava viver no limite, e não dá para chegar mais perto do limite do que ameaçando alguém da família Skard.

Hardwick parecia incrédulo.

– Então ele cortou a cabeça dela no dia do casamento?

– Ou no Dia das Mães, como Becca observou.

– *Becca?* – Hardwick levantou uma sobrancelha com zombaria.

– Não seja escroto – pediu Gurney.

– E Savannah Liston? Outra infiltrada de Flores que deixou de ser útil?

– É uma hipótese possível.

– Mas por que ela ligaria para você e falaria sobre duas garotas com quem não conseguia fazer contato se estivesse trabalhando para Flores?

– Talvez ele tenha mandado, de repente para me dar a ideia de que eu podia confiar nela e lhe contar coisas da investigação. Ele pode ter percebido que estávamos avançando rápido e que isso

significaria que falaríamos com ex-alunas da Mapleshade. Por isso seria apenas questão de tempo, e pouco tempo, até descobrirmos que um número significativo dessas ex-alunas não podia ser encontrado. Ele pode ter deixado que Savannah me revelasse isso dois dias antes de descobrirmos sozinhos, para criar a impressão de que ela estava do lado dos mocinhos.

– Você acha que ela sabia... que ela e Jillian sabiam...?

– Sabiam o que estava acontecendo com as garotas que ajudavam Flores a recrutar? Duvido. Elas provavelmente caíram na lábia de Hector, que deve ter dito que simplesmente apresentava jovens com interesses especiais a homens com interesses especiais e ganhava uma bela comissão em troca dos esforços. Claro que não sei nada disso com certeza. É possível que todo esse caso seja um grande alçapão para o inferno e eu não tenha a mínima ideia do que está acontecendo.

– Porra, Gurney, sua falta de fé em suas próprias teorias é realmente encorajadora. O que sugere como próximo passo?

O toque do celular salvou Gurney do desconforto de não ter uma resposta.

Era Robin Wigg. Ela começou, como sempre, sem qualquer preâmbulo.

– Tenho resultados preliminares dos testes com as botas encontradas na casa de Liston. O capitão Rodriguez me autorizou a discuti-los com você, já que foi você que os sugeriu. Está podendo falar?

– Claro. O que vocês descobriram?

– Muita coisa que já era de se esperar e uma coisa que não imaginávamos. Posso começar por ela? – Havia algo na voz calma e profissional de Wigg que sempre agradara Gurney. Independentemente do significado das palavras, o tom dela sempre dava a entender que a ordem poderia suplantar o caos.

– Por favor. As soluções em geral estão nas surpresas.

– Concordo. A surpresa nesse caso foi a presença de um feromônio específico nas botas: metil p-hidroxibenzoato. Você entende alguma coisa sobre o assunto?

– Faltei às aulas de química no ensino médio. É melhor começar do começo.

– Na verdade, é bem simples. Os feromônios são secreções glandulares que servem para transmitir informações de um animal para outro. Feromônios específicos secretados por um animal podem atrair, prevenir, acalmar ou excitar outro animal. O metil p-hidroxibenzoato é um poderoso feromônio de atração canina e foi identificado em alta concentração nas duas botas.

– E o efeito seria...?

– Qualquer cão, mas em especial um cão farejador, seguiria facilmente uma trilha criada por uma pessoa que usasse essas botas.

– Como é possível ter acesso a essa substância?

– Alguns feromônios caninos são vendidos para uso em abrigos de animais e em adestramento de cães. Ele pode ter sido comprado ou adquirido a partir de contato direto com uma cadela no cio.

– Interessante. Você consegue pensar em algum modo que não tenha sido proposital para uma substância química como essa ir parar nas botas de alguém?

– Nas concentrações em que foi encontrada? Só se houve uma explosão de algum caminhão de transporte de feromônios.

– Muito interessante. Obrigado, sargento. Vou passar a ligação para Jack Hardwick. Gostaria que você repetisse para ele o que me contou, caso ele tenha alguma dúvida que eu não saiba responder.

Hardwick tinha uma pergunta.

– Quando você fala de feromônio de atração secretado por uma cadela no cio, está se referindo a um cheiro sexual feminino que nenhum cachorro poderia ignorar, certo?

Ele ouviu a resposta breve, desligou o telefone e o devolveu a Gurney parecendo empolgado.

– Caramba, o cheiro irresistível de uma cadela no cio. O que acha disso, Sherlock?

– É óbvio que Flores queria ter certeza absoluta de que o cão farejador seguiria aquela trilha como uma flecha. Pode até ter feito uma pesquisa e descoberto que todos os cães rastreadores da polícia estadual são machos.

– O que obviamente significa que ele queria que nós encontrássemos o facão.

– Sem dúvida. E rápido. Nas duas vezes.

– Então qual é a hipótese? Ele corta a cabeça delas, calça as botas com o feromônio, corre para a floresta, esconde o facão, volta ao local do crime, tira as botas e... e o quê?

– No caso de Savannah, ele simplesmente deve ter ido embora de carro, nada de mais. A situação de Jillian é que é impossível.

– Por causa do problema do vídeo?

– Isso mais a questão de para onde ele poderia ter ido depois de voltar ao chalé.

– E temos também um ponto mais básico: por que se dar o trabalho de voltar?

Gurney sorriu.

– Essa é uma peça que eu acho que entendi. Ele voltou para deixar as botas à vista, para que o cão rastreador ficasse empolgado com o cheiro no chalé e o seguisse imediatamente até a arma do crime. Ele queria que a gente descobrisse depressa.

– O que nos leva de volta ao grande *por quê*.

– Também nos leva de volta ao facão em si. Estou dizendo, Jack: descubra como ele foi parar onde vocês o encontraram sem que a pessoa que o deixou fosse captada pela câmera e todo o resto vai se encaixar.

– Você acha mesmo isso?

– Você não?

Hardwick deu de ombros.

– Algumas pessoas dizem que a resposta está sempre ligada ao dinheiro. Você, por outro lado, gosta do que chama de “discrepâncias”, então diz que a parte que não faz sentido é que vai levar à solução.

– E você, o que diz?

– Digo que devemos seguir o rastro do que fica aparecendo repetidamente. Nesse caso, é o sexo. De fato, parece que tudo nesse caso esquisito tem a ver com sexo de um modo ou de outro. Edward Vallory, Tirana Zog, Jordan Ballston, Saul Steck. Todo o empreendimento criminoso dos Skard. A especialidade psiquiátrica de Scott Ashton. As possíveis fotos que deixaram você se cagando de medo. Até a porra da trilha até o facão tem a ver com sexo, o poder sexual avassalador de uma cadela no cio. Sabe o que eu

acho, ás? Que é hora de você e eu visitarmos o epicentro desse terremoto sexual: a Escola Residencial Mapleshade.

Capítulo 71

Por todos os motivos pelos quais escrevi

Ele estava insatisfeito com os detalhes da resolução final, por ela ter se afastado de forma grosseira da elegante simplicidade de uma lâmina afiada como navalha, uma lâmina que penetrava com precisão. Mas não conseguia ver um caminho mais claro para a conclusão. Estava pasmo com a imprecisão daquilo tudo, com o abandono das distinções delicadas que eram seu ponto forte, mas passara a ver isso como inevitável. As baixas colaterais simplesmente seriam um mal necessário. Podia se consolar lembrando-se de que a ação que planejara era a própria definição – o coração e a alma – de uma guerra justa. O que estava para fazer era inegavelmente necessário, e se uma ação era necessária, suas consequências inevitáveis eram justificadas. A morte de crianças inocentes podia ser considerada lamentável. Mas quem disse que elas eram inocentes? Ninguém na Mapleshade era totalmente inocente. Era possível argumentar que nem mesmo eram crianças. Podiam não ser adultas aos olhos da lei, mas também não eram crianças. Em nenhum sentido normal do termo.

Portanto o dia havia chegado; o evento estava prestes a acontecer; a oportunidade, se não fosse aproveitada, não se repetiria. Disciplina e objetividade deviam ser seu lema. Não era hora de ter dúvidas. Ele deveria se agarrar à realidade da coisa.

Edward Vallory tinha visto essa realidade com clareza perfeita.

O herói de O jardineiro espanhol *não hesitava.*

Agora era sua vez de dar o golpe final contra as prostitutas mentirosas, aquelas coisas do diabo.

Voz da serpente. Boca deslizante. Suor nos lábios.

“Sobre a cabeça dessas serpentes descerei minha espada de fogo e nenhuma escapará.

Na gosma de seus corações cravarei minha estaca de fogo e nenhum continuará a bater.

Assim a prole doentia de Eva será morta e suas abominações terão fim.

Por todos os motivos pelos quais escrevi.”

Capítulo 72

Mais uma camada

– E a quele negócio zen que você vive dizendo, que o problema não é dar as respostas erradas, mas fazer as perguntas erradas?

Gurney e Hardwick estavam indo em direção a Tambury e Hardwick estivera em silêncio por um tempo, mas agora seu tom de voz sugeria que ele tinha mais coisas a dizer.

– Talvez a gente não devesse perguntar como Hector levou a arma do crime do chalé para a floresta, porque segundo o vídeo ele não fez isso. Então talvez a gente precise aceitar esse fato.

Gurney sentiu uma estranha pontada de expectativa na nuca.

– E que pergunta você acha que devemos fazer?

– Simplesmente “Como o facão pode ter chegado onde foi encontrado?”.

– Certo, concordo que temos que manter a mente aberta, mas não vejo...

– E como o sangue foi parar nela?

– O quê?

Hardwick parou para assoar o nariz com o entusiasmo costumeiro. Só falou depois de recolocar o lenço no bolso.

– Estamos presumindo que o facão seja a arma do crime porque o sangue de Jillian estava nele, mas podemos ter certeza disso? Existe algum outro modo...

– Já falamos sobre isso antes e não chegamos a lugar algum.

Hardwick deu de ombros, sem se convencer.

Gurney olhou para ele.

– De que outro modo o sangue de Jillian poderia ter ido parar no facão? E, se a arma não veio do chalé, de onde pode ter vindo?

– E quando?

– *Quando?*

Hardwick fungou, pegou o lenço de novo e limpou o nariz.

– Você confia no vídeo?

– Falei com a empresa e com o pessoal do laboratório que analisou as imagens. Eles dizem que o vídeo é totalmente confiável.

– Se isso for verdade, o facão não pode ter sido tirado do chalé entre a hora do crime e o momento em que o achamos. Ponto final. Portanto ele não foi a arma do crime. Ponto final. E a porcaria do sangue deve ter ido parar nele de outro modo.

Gurney sentiu uma reorganização quase física dos pensamentos acontecendo.

Sabia que Hardwick estava certo.

– Se o assassino se deu o trabalho de *pôr* o sangue no facão – disse, meio para si mesmo –, isso criaria um novo conjunto de perguntas: não somente como e quando, mas o mais importante: *por quê?*

Por que, de fato, o assassino se daria o trabalho de construir uma mentira tão complexa? Em teoria, o objetivo de cada ação passada, se acontecesse de acordo com o plano, poderia ser decifrado a partir de seus resultados. Então quais, perguntou-se Gurney, tinham sido as consequências de o facão ter sido posto onde estivera, com o sangue de Jillian?

Respondeu à própria pergunta em voz alta:

– Para começar, ele foi encontrado de forma rápida e fácil e todo mundo chegou à conclusão imediata de que tinha sido usado no crime, o que cancelou qualquer outra busca que pudesse ser feita a uma arma possível. A trilha de cheiro ligando o chalé ao facão parecia conclusiva, provando que Flores havia escapado por aquele caminho. O desaparecimento de Kiki Muller reforçava a ideia de que Flores havia saído da área, presumivelmente na companhia dela.

– E agora...? – perguntou Hardwick.

– E agora não há motivo para acreditar em nada disso. De fato, toda a hipótese do crime adotada pelo Bureau de Investigação Criminal parece ter sido criada por Flores. – Ele fez uma pausa, pensando numa implicação final. – Meu Deus.

– O que foi?

– O motivo para Flores ter assassinado Kiki e enterrado no próprio quintal dela...

– Dar a entender que ela havia fugido com ele?

– É. Considerando que isso seja verdade, a morte de Kiki parece a execução mais fria e pragmática que se pode imaginar.

Hardwick pareceu perturbado.

– Se foi tão pragmática, por que usar um método tão cruel?

– Talvez esse seja outro exemplo da motivação dupla do assassino: vantagem prática e patologia excessiva.

– Além do talento para criar historinhas para as pessoas espalharem pela vizinhança.

– Que tipo de historinhas?

Hardwick estava obviamente empolgado.

– Pense bem: desde o início todo o caso esteve permeado de narrativas interessantes. Você se lembra da vizinha idosa, Miriam, Marian, sei lá, a da cachorra chamada Melpomene?

– Marian Eliot.

– Isso, Marian Eliot, com todas as histórias sobre Flores. Hector, o astro do conto da Cinderela. Hector, a estrela da história de Frankenstein. E, se você leu as transcrições das entrevistas dos vizinhos, viu a história de Hector, o Amante Latino, e Hector, a Bicha Ciumenta. Ao longo da investigação você até acrescentou a sua: Hector, o Vingador de Erros do Passado.

– O que você quer dizer?

– Não quero dizer nada. Quero perguntar.

– O quê?

– De onde diabo todas essas histórias vieram? São fascinantes, mas...

– Mas o quê?

– Não existe qualquer prova sólida para nenhuma delas.

Hardwick ficou em silêncio, mas Gurney sentiu que o sujeito ainda não tinha acabado.

– E...? – instigou ele.

Hardwick balançou a cabeça, como se não quisesse falar mais nada, e então continuou assim mesmo:

– Eu acreditava que a minha primeira mulher era uma porra de uma santa. –Ele ficou num silêncio distante por um ou dois minutos,

olhando a paisagem de campos molhados e antigas casas de fazenda. – Nós inventamos histórias para nós mesmos. Ignoramos as provas da verdade. Esse é o problema, é assim que nossa mente funciona. Nós gostamos demais de histórias. Precisamos acreditar nelas. E sabe de uma coisa? A necessidade de acreditar pode sugar você pela porra do ralo.

Capítulo 73

O Portão do Paraíso

Assim que passaram pela saída para a Higgles Road, o GPS de Gurney indicou que chegariam à Mapleshade em 14 minutos. Tinham pegado o conservador Outback verde de Gurney, que parecia mais adequado do que o envenenado GTO vermelho de Hardwick, com seu cano de descarga trovejante. A névoa havia se agravado até começar a chuviscar e Gurney aumentou a velocidade do limpador de para-brisa. Semanas antes, uma das pás do limpador começara a emitir um guincho irritante, o que significava que já havia passado da hora de ser trocada.

– Como você visualiza o cara que chamamos de Hector Flores? – perguntou Hardwick.

– Quer dizer, o rosto dele?

– Ele todo. O que você o visualiza fazendo?

– Eu o imagino nu, de pé numa postura de ioga, no caramanchão do jardim de Scott Ashton.

– Está vendo o que eu quero dizer? – disse Hardwick. – Você leu sobre isso nos resumos das entrevistas, certo? Agora está visualizando a cena tão nitidamente como se a tivesse visto.

Gurney deu de ombros.

– Nós fazemos isso o tempo todo. Nossa mente não apenas conecta os pontos como cria pontos onde eles não existem. Como você falou, Jack, somos feitos para adorar histórias e a coerência por trás delas. – Um instante depois ele teve um pensamento súbito. – O sangue ainda estava úmido?

Hardwick piscou, confuso.

– Que sangue?

– O sangue no facão. O sangue que, pelo que você me disse há um minuto, não poderia ter vindo direto da cena do crime, porque

o facão não foi a arma usada pelo assassino.

– Claro que estava úmido. Quer dizer, ao menos parecia. Espere um instante, deixe-me pensar. Quando eu vi, parecia úmido, mas tinha terra e folhas grudadas nele.

– Meu Deus – interrompeu Gurney. – Esse pode ter sido o motivo para Flores ter enterrado só a lâmina, não o facão inteiro, embaixo de uma cobertura de folhas úmidas e terra.

– Para o sangue não secar?

– Ou não oxidar de um modo perceptivelmente diferente do sangue em volta do corpo no chalé. O ponto é o seguinte: se o sangue no facão aparentasse estar em estado mais avançado de oxidação do que o do vestido de noiva de Jillian, você ou os técnicos teriam notado. Se o sangue no facão fosse mais antigo do que o que estava na vítima...

– Nós saberíamos que não era a arma do crime.

– Exatamente. Mas a terra úmida na lâmina aumentaria o tempo de secagem do sangue e ainda esconderia qualquer evidência de oxidação, qualquer diferença visível entre a cor dele e a do sangue encontrado no chalé.

– E isso não é algo que o laboratório captaria.

– Claro que não, porque a análise do sangue só seria feita no dia seguinte, no mínimo, e nesse ponto a diferença de uma ou duas horas no tempo de origem das duas amostras seria impossível de ser detectada, a não ser que eles fizessem um teste sofisticado para examinar esse fator específico. Mas, a menos que você ou o legista chamasse atenção para isso, eles não teriam motivo para fazer.

Hardwick estava assentindo devagar, os olhos afiados e pensativos.

– Isso anula algumas suposições básicas que tínhamos, mas aonde nos leva?

– Rá. Boa pergunta – disse Gurney. – Talvez seja só mais uma indicação de que *todas* as suposições iniciais deste caso estavam erradas.

A eficiente voz feminina do GPS de Gurney o orientou a continuar por mais 800 metros e depois virar à esquerda.

Na curva havia uma placa simples, em preto e branco, num poste de madeira preta: entrada particular. O caminho estreito e

bem pavimentado passava por um bosque de pinheiros com galhos que pendiam dos dois lados da trilha, criando a sensação de um túnel vegetal esculpido. Depois de seguir por quase 1 quilômetro nesse bosque amplo, passaram por um portão aberto numa cerca alta de arame e pararam diante de uma cancela fechada. Ao lado dela havia uma bela guarita com telhas de cedro. Gurney leu em uma elegante placa em azul e dourado à sua frente: escola residencial mapleshade. visitas apenas com hora marcada. Um homem corpulento com cabelo grisalho ralo saiu da guarita. Sua calça preta e a camisa cinza davam a impressão de um uniforme informal e ele tinha os olhos neutros e avaliadores de um policial aposentado. Sorriu educadamente.

– Como posso ajudá-los?

– Meu nome é Dave Gurney e este é o investigador-chefe Jack Hardwick, da Polícia do Estado de Nova York. Viemos falar com o Dr. Ashton.

Hardwick pegou sua carteira e estendeu a identidade do Bureau de Investigação Criminal na direção da janela de Gurney.

O guarda olhou-a com atenção e fez uma careta.

– Certo, esperem aqui enquanto eu ligo para o Dr. Ashton. – Mantendo o olhar fixo nos visitantes, o sujeito digitou um código em seu telefone e começou a falar. – Senhor, um tal de detetive Hardwick e um tal de Sr. Gurney estão aqui para vê-lo. – Ele fez uma pausa. – Sim, senhor, estão aqui na minha frente. – O guarda lançou um olhar nervoso para eles, depois falou ao telefone: – Não, senhor, não há mais ninguém com eles... Sim, senhor, claro. – O guarda entregou o telefone a Gurney, que o encostou no ouvido.

Era Ashton.

– Infelizmente vocês me pegaram no meio de uma coisa importante, não sei se poderei recebê-los...

– Só precisamos fazer algumas perguntas, doutor. E será que alguém poderia nos mostrar o lugar depois? Gostaríamos de captar o clima daqui.

Ashton suspirou.

– Muito bem, vou liberar alguns minutos para os senhores. Alguém irá buscá-los daqui a pouco. Por favor, passe o telefone para o segurança.

Depois de confirmar a autorização de Ashton, o guarda apontou para uma pequena área de cascalho que se estendia na lateral do calçamento, logo depois da guarita.

– Podem estacionar ali. Nenhum carro pode passar daquele ponto. Esperem a pessoa que vai acompanhá-los.

Um instante depois a cancela subiu e Gurney foi até o pequeno estacionamento. Daquela posição podia ver um trecho mais longo da cerca. Ficou surpreso ao notar que, com exceção da parte junto à estrada e à guarita, a cerca era encimada por rolos de arame farpado.

Hardwick também havia percebido isso.

– Você acha que é para manter as garotas do lado de dentro ou os garotos do lado de fora?

– Eu não tinha pensado nos garotos – considerou Gurney –, mas você pode estar certo. Um colégio interno cheio de garotas obcecadas por sexo, mesmo que as obsessões sejam doentias, pode ser um tremendo ímã.

– Você quer dizer *especialmente* se forem doentias. Quanto mais quente, melhor. – Hardwick saiu do carro. – Vamos bater um papo com o cara do portão.

O guarda, ainda parado diante da guarita, lançou um olhar curioso aos dois – mais amigável agora que tinham sido autorizados a entrar.

– Isso é por causa da garota chamada Liston, que trabalhava aqui?

– Você a conhecia? – perguntou Hardwick.

– Não *conhecia*, só sabia quem ela era. Ela trabalhava para o Dr. Ashton.

– Você o conhece?

– Só de vista. Ele é meio... como posso dizer?... *distante*.

– É um cara na dele?

– É, eu diria que ele é na dele.

– Então não é a ele que você presta contas?

– Não. Na verdade o Dr. Ashton não fala com ninguém. É importante demais, sacou? A maioria dos funcionários aqui presta contas ao Dr. Lazarus.

Gurney detectou um nojo não totalmente oculto na voz do guarda e esperou que Hardwick aproveitasse a oportunidade. Como ele continuou calado, Gurney perguntou:

– Que tipo de cara é o tal de Lazarus?

O guarda hesitou, parecendo pensar em um modo de poder falar alguma coisa sem se meter em encrenca.

– Ouvi dizer que ele não faz o tipo simpático – observou Gurney, lembrando-se da descrição pouco lisonjeira de Simon Kale.

O leve encorajamento de Gurney bastou para que o guarda se soltasse.

– Simpático? Meu Deus, não... Quer dizer, acho que ele é legal, mas...

– Mas não é muito agradável? – provocou Gurney.

– É só... não sei, é como se ele vivesse em seu próprio mundo. Por exemplo, às vezes a gente fala com ele e tem a sensação de que a cabeça dele está em outro lugar. Lembro uma vez... – Ele se calou ao ouvir o som de pneus rodando lentamente sobre o cascalho.

Todos olharam na direção do pequeno estacionamento – e da minivan azul que parou perto do carro de Gurney.

– É o próprio – informou o guarda, baixinho.

O sujeito que saltou do carro não parecia ter uma idade definida, mas estava longe de ser jovem e suas feições harmoniosas faziam o rosto dele parecer mais artificial do que bonito. O cabelo era tão preto que só podia ser tingido, e o contraste com o rosto pálido era marcante. Ele apontou para a porta de trás de seu carro.

– Por favor, entrem, policiais – disse ele enquanto voltava para o banco do motorista e esperava. Sua tentativa de sorriso, se é que havia sido uma tentativa, parecia a expressão tensa de alguém incomodado com a luz do dia.

Gurney e Hardwick obedeceram e se sentaram atrás dele.

Lazarus dirigia devagar, olhando com atenção a estrada adiante. Depois de algumas centenas de metros eles fizeram uma curva e o bosque de pinheiros escuros deu lugar a uma área parecida com um estacionamento, com a grama bem aparada e bordos plantados com uma boa distância entre si. A entrada de

veículos se estreitava formando uma alameda clássica, no fim da qual havia uma mansão vitoriana neogótica com várias estruturas menores, de desenho semelhante, dos dois lados. Diante da mansão a estrada se dividia. Lazarus pegou a saída à direita da bifurcação, que os levou ao redor de canteiros de arbustos ornamentais até a parte de trás da construção. Ali as duas pistas se juntavam de novo numa segunda alameda que seguia, surpreendentemente, até uma grande capela de granito escuro. Num dia mais alegre, seus vitrais estreitos poderiam dar a impressão de lápis de cor vermelhos de 3 metros de altura, mas nesse momento pareciam a Gurney talhos sangrentos na pedra.

– A escola tem uma igreja própria? – perguntou Hardwick.

– Não, não é mais uma igreja. Foi desconsagrada há muito tempo. De certa forma, isso é uma pena – acrescentou ele, com um toque daquele distanciamento que o guarda havia mencionado.

– Como assim? – indagou Hardwick.

– As igrejas têm a ver com o bem e o mal – respondeu Lazarus, devagar. – Com culpa e castigo. – Ele deu de ombros, parando diante da capela e desligando o carro. – Mas, com ou sem igreja, todos pagamos nossos pecados de um modo ou de outro, não é?

– Onde está todo mundo? – perguntou Hardwick.

– Lá dentro.

Gurney olhou para a construção imponente, cuja fachada de pedra tinha a cor de sombras escuras.

– O Dr. Ashton está aí? – quis saber Gurney, apontando para a porta em arco da capela.

– Venham comigo. – Lazarus saiu do carro.

Eles o seguiram subindo os degraus de granito e, quando passaram pela porta, chegaram a um vestíbulo amplo e mal iluminado que, para Gurney, cheirava como a paróquia de sua infância no Bronx: uma combinação de pedra, madeira antiga, cera de velas queimadas. Era um odor que tinha o estranho poder de fazê-lo sentir a necessidade de sussurrar, de andar sem fazer barulho. Do outro lado de uma pesada porta dupla de carvalho, que presumivelmente levaria ao espaço principal da capela, vinha o murmúrio baixo de vozes.

Acima da porta, entalhadas num largo lintel de pedra, havia as palavras portão do paraíso.

Gurney fez um gesto na direção da porta.

– O Dr. Ashton está aí?

– Não, quem está aí são as garotas, se acalmando. Ficaram todas meio agitadas hoje, abaladas pelo que aconteceu com a jovem Liston. O Dr. Ashton está lá em cima, onde fica o órgão. Quer dizer, onde ficava. Agora o lugar foi convertido, claro. Num escritório. – Ele apontou para uma passagem estreita que levava ao pé de uma escada escura, na extremidade oposta do vestíbulo. – É a porta que fica no topo dessa escada.

Gurney sentiu um arrepio. Não sabia se tinha sido causado pela temperatura fria do granito ou por algo nos olhos de Lazarus, que ele teve certeza que estavam fixos nele e em Hardwick enquanto subiam a sombria escada de pedra.

Capítulo 74

Além de qualquer razão

No topo da escada apertada havia um pequeno patamar, estranhamente iluminado por um dos estreitos vitrais vermelhos da igreja. Gurney bateu na única porta que havia. Como a do vestíbulo, parecia pesada, sinistra, pouco convidativa.

– Pode entrar. – A voz melodiosa de Ashton estava tensa.

Apesar do peso e da promessa de rangidos, a porta se abriu com fluidez, em silêncio, dando numa sala de dimensões confortáveis que poderia ter servido como o escritório particular de um bispo. Estantes de castanheira marrom cobriam duas das paredes sem janelas. Havia uma pequena lareira de pedra coberta de fuligem com uma velha grade de latão. Um antigo tapete persa cobria quase o piso inteiro, deixando de fora apenas uma borda de cerejeira encerada de 60 centímetros de largura por todo o perímetro da sala. Alguns abajures grandes em cima de mesas espalhadas pelo cômodo conferiam um brilho âmbar aos tons escuros de madeira.

Scott Ashton estava sentado com a testa franzida em uma expressão de preocupação atrás de uma ornamentada mesa de carvalho preto posicionada perpendicularmente à porta. Atrás dele, num aparador de carvalho com pernas que tinham cabeças de leão esculpidas, havia o objeto mais moderno da sala: um grande monitor de computador com tela plana. Ele fez um gesto vago indicando que Gurney e Hardwick deviam se sentar diante dele, em um par de cadeiras de veludo vermelho com encosto alto. Eram o tipo de cadeira que se encontraria na sacristia de uma catedral.

– A situação só piora – disse Ashton.

Gurney presumiu que ele estivesse se referindo ao assassinato de Savannah Liston na noite anterior e já ia oferecer algumas

palavras vazias de solidariedade e pêsames.

– Francamente – continuou o médico, virando-se para o outro lado –, acho essa visão envolvendo o crime organizado quase incompreensível. – Nesse ponto, Gurney percebeu que ele estava usando um fone de ouvido Bluetooth e viu que ele estava no meio de um telefonema. – Sim, entendi... entendi... Eu só acho que cada informação nova torna o caso mais bizarro. Sim, tenente, amanhã de manhã... sim... sim, entendi. Obrigado por me avisar.

Ashton se virou para os visitantes, mas por um momento pareceu perdido em pensamentos sobre a conversa que acabara de ter.

– Novidades? – perguntou Gurney.

– Vocês estão sabendo sobre essa... teoria de conspiração criminosa? Esse grande esquema que pode envolver gângsteres da Sardenha? – O rosto de Ashton parecia tenso com uma combinação de ansiedade e incredulidade.

– Sei que isso está sendo discutido – respondeu Gurney.

– Acha que há alguma chance de ser verdade?

– Há uma chance, sim.

Ashton balançou a cabeça, olhou confuso para a mesa e depois de volta para os dois detetives.

– Posso perguntar por que estão aqui?

– Por causa de uma intuição – disse Hardwick.

– Intuição? Como assim?

– Em todo caso existe algum ponto comum para o qual todos os elementos convergem, de modo que o próprio lugar se torna uma chave. Poderia ser muito útil simplesmente darmos uma olhada por aí, para ver se encontramos alguma coisa.

– Não sei bem se eu...

– Tudo o que aconteceu parece ter alguma ligação com a Mapleshade. O senhor concorda com isso?

– Acho que sim. Talvez. Não sei.

– Está dizendo que até agora não pensou nisso? – Havia uma irritação na voz de Hardwick.

– Claro que pensei. – Ashton pareceu perplexo. – Apenas não consigo... ver isso com tanta clareza. Talvez eu esteja próximo demais de tudo.

– O nome Skard significa alguma coisa para o senhor? – perguntou Gurney.

– O detetive que telefonou me fez a mesma pergunta, se eu sabia alguma coisa sobre uma terrível família de mafiosos da Sardenha. A resposta é não.

– Tem certeza que Jillian nunca mencionou esse nome?

– Jillian? Não. Por que ela mencionaria?

Gurney deu de ombros.

– É possível que Skard seja o sobrenome verdadeiro de Hector Flores.

– Skard? Como Jillian saberia disso?

– Não sei, mas parece que ela fez uma busca na internet para descobrir mais sobre ele.

Ashton balançou a cabeça de novo, um gesto que lembrava um tremor involuntário.

– O que mais vai acontecer antes que este caso seja encerrado? – Era mais um gemido de protesto do que uma pergunta.

– O senhor disse alguma coisa ao telefone, agora mesmo, sobre amanhã de manhã.

– O quê? Ah, sim. Outra reviravolta. O seu tenente acha que essa possibilidade de conspiração torna tudo mais urgente, por isso está adiantando a programação para que nossas alunas sejam entrevistadas amanhã de manhã.

– E onde elas estão?

– Quem?

– Suas alunas. Onde estão?

– Ah, sim, desculpe minha distração, mas elas são parte do motivo para que eu me sinta assim. Estão todas lá embaixo, na área principal da capela. É um ambiente que acalma. Foi um dia louco. Oficialmente, as alunas da Mapleshade não têm comunicação com o mundo lá fora. Não têm TV, rádio, computador, iPod, celular, nada. Mas alguém sempre consegue trazer algum aparelho, então é claro que elas ouviram falar da morte de Savannah e aí os senhores podem imaginar. Por isso entramos em um estado que uma instituição mais séria poderia chamar de “isolamento”. É óbvio que

não chamamos assim. Tudo aqui é projetado para ter um tom mais suave.

– A não ser pelo arame farpado – comentou Hardwick.

– A cerca serve para manter os problemas do lado de fora, não as pessoas trancadas do lado de dentro.

– Nós estávamos nos perguntando sobre isso.

– Posso garantir que é pela segurança, não para transformar isto em uma prisão.

– Então neste momento estão todas lá embaixo, na capela? – perguntou Hardwick.

– Isso. Como eu disse, elas acham o lugar calmante.

– Eu não imaginaria que elas fossem religiosas – disse Gurney.

– Religiosas? – Ashton deu um sorriso amargo. – Nem um pouco. Simplesmente há alguma coisa nas igrejas de pedra, nos vitrais góticos, na luz fraca... Essas coisas acalmam o espírito de um modo que não tem nada a ver com teologia.

– Elas não acham que estão sendo castigadas? – indagou Hardwick. – E as que não estavam fazendo nada de mais?

– As agitadas se acalmam, sentem-se melhor, enquanto as que já estavam bem entendem que são a principal fonte de paz para as outras. O resultado é que as inquietas não se sentem injustiçadas e as calmas se sentem úteis.

Gurney sorriu.

– O senhor deve ter se esforçado muito para arquitetar essa visão da experiência.

– Faz parte do meu trabalho.

– O senhor oferece a elas um padrão de comportamento para que entendam o que está acontecendo?

– Pode-se dizer que sim.

– Como um mágico – observou Gurney. – Ou um político.

– Ou qualquer pregador, professor ou médico competente – argumentou Ashton, de modo afável.

– Aliás – disse Gurney, decidindo mudar bruscamente de assunto para ver como Ashton reagia –, Jillian se feriu nos dias anteriores ao casamento? Houve alguma coisa que a fizesse sangrar?

– Sangrar? Não que eu saiba. Por quê?

– Estamos em dúvida sobre como o sangue dela foi parar no facão.

– Dúvida? Como pode haver qualquer dúvida? Não estou entendendo.

– Quero dizer que o facão pode não ter sido a arma do crime.

– Não entendi.

– Ele pode ter sido posto na floresta antes do assassinato de sua esposa, não depois.

– Mas... me disseram... o sangue dela...

– Algumas conclusões podem ter sido precipitadas. Mas a questão é: se o facão foi colocado na floresta antes do assassinato, o sangue que havia nele deve ter vindo de Jillian antes do assassinato. O senhor tem alguma ideia de como isso possa ter acontecido?

Ashton ficou perplexo. Sua boca se abriu. Ele parecia a ponto de falar, depois desistiu e enfim disse:

– Bom, sim, tenho... ao menos em teoria. Como talvez os senhores saibam, Jillian estava fazendo um tratamento para distúrbio bipolar. Tinha que fazer exames de sangue periódicos para garantir que o medicamento que estava tomando permanecia dentro do âmbito terapêutico, não tóxico. O sangue dela era tirado uma vez por mês.

– Quem fazia isso?

– Uma técnica em enfermagem da região. Acho que ela trabalhava para uma empresa de serviços médicos perto de Cooperstown.

– E o que ela fazia com a amostra de sangue?

– Levava ao laboratório, onde o nível de lítio era testado e depois era feito um relatório.

– Ela o transportava imediatamente?

– Imagino que fizesse algumas paradas para atender outros clientes e entregasse as amostras no laboratório no fim do dia.

– O senhor sabe o nome dela, o da empresa de coleta e o do laboratório?

– Sei, sim. Eu reviso... quer dizer, revisava... uma cópia do relatório do laboratório todos os meses.

– O senhor tem um registro de quando foi tirada a última amostra?

– Não um registro específico, mas sei que era sempre na segunda sexta-feira do mês.

Gurney pensou por um momento.

– Isso seria dois dias antes de Jillian ser morta.

– O senhor está pensando que Flores pode ter interferido em algum ponto desse processo e pegado o sangue dela? Mas por quê? Acho que não entendi realmente o que o senhor está dizendo sobre o facão. Qual seria o sentido disso?

– Não tenho certeza, doutor, mas tenho a sensação de que a resposta a essa pergunta é a peça que falta nesse quebra-cabeça.

Ashton levantou as sobrancelhas em um sinal mais de perplexidade do que de ceticismo. Seus olhos pareciam examinar os pontos mais perturbadores de algo que se passava em sua mente. Enfim ele os fechou e se recostou em sua cadeira de encosto alto, as mãos apertando as extremidades dos braços esculpidos elaboradamente, a respiração profunda e consciente, como se ele tivesse se entregado a algum exercício mental tranquilizador. Mas, quando os abriu de novo, só parecia pior.

– Que pesadelo! – concluiu. Em seguida pigarreou, mas pareceu mais um gemido do que uma tosse. – Me respondam uma coisa, senhores: já se sentiram como um fracasso completo? É como me sinto neste momento. Cada achado terrível, cada morte, cada descoberta sobre Flores, Skard ou qualquer que seja o nome, cada revelação bizarra sobre o que está realmente acontecendo aqui na escola, tudo isso prova meu fracasso total. Que imbecil eu fui! – Ele balançou a cabeça devagar. – Que orgulho idiota, fatal! Pensar que eu poderia curar uma praga tão poderosa, tão primitiva...

– Praga?

– Não é o termo que minha profissão costuma aplicar ao incesto e aos danos que ele causa, mas acho que é bastante exato. Quanto mais tempo trabalho neste campo, mais acredito que, de todos os crimes que os seres humanos cometem uns contra os outros, o mais destrutivo é o abuso sexual de uma criança por parte de um adulto, principalmente um pai ou uma mãe.

– Por que diz isso?

– Por quê? É simples. Os dois principais modos de relacionamento humano são o parental, ou seja, com o pai e a mãe, e o intercurso sexual. O incesto destrói os padrões distintos dessas duas relações ao uni-las, maculando ambas em sua essência. Acredito que ocorre um dano traumático nas estruturas neurológicas que sustentam os comportamentos naturais a cada um desses tipos de relacionamento e que os mantêm separados. Entendem o que quero dizer?

– Acho que sim – afirmou Gurney.

– É um pouco demais para mim – comentou Hardwick, que estivera observando em silêncio a conversa entre Ashton e Gurney.

Ashton lançou-lhe um olhar de incredulidade.

– Uma terapia eficaz para curar esse tipo de trauma precisa reconstruir os limites do comportamento entre pais e filhos e também do comportamento relacionado ao sexo. A tragédia é que nenhuma terapia é tão forte quanto os efeitos da violação que ela busca reparar. É como tentar reconstruir com uma colher de chá uma parede derrubada por uma retroescavadeira.

– Mas não foi a isso que o senhor resolveu dedicar a sua carreira? – questionou Gurney.

– Sim. E agora está perfeitamente claro que fracassei. Totalmente, desgraçadamente.

– O senhor não tem como saber.

– Está dizendo que nem *todas* as ex-alunas da Mapleshade optaram por desaparecer em um submundo sexual doentio? Que nem *todas* foram mortas por prazer? Que nem *todas* tiveram filhos e os estupraram? Que nem *todas* saíram tão doentes e perturbadas como quando entraram? Como posso *saber* disso? A esta altura só sei que a Mapleshade sob meu controle, guiada por meus instintos e decisões, se transformou num ímã para o horror e o assassinato, um campo de caça para um monstro. Sob minha liderança, a Mapleshade foi absolutamente destruída. Isso é o que eu sei.

– E agora? – perguntou Hardwick incisivamente.

– Agora? Ah, a voz de uma mente prática. – Ashton fechou os olhos e não disse nada durante pelo menos um minuto. Quando falou de novo, foi com uma casualidade forçada. – E agora? O

próximo passo? O próximo passo para mim é descer à capela, mostrar a cara, fazer o que puder para acalmar os nervos delas. Já o próximo passo de vocês... não faço ideia. Os senhores disseram que vieram aqui por causa de uma intuição. É melhor perguntar à sua intuição o que devem fazer agora.

Ele se levantou da enorme cadeira estofada de veludo e pegou na gaveta da mesa algo que parecia um controle remoto para uma porta de garagem.

– As luzes e as trancas do andar de baixo são operadas de modo eletrônico – disse ele, justificando o objeto em suas mãos. Em seguida se dirigiu à porta, depois voltou e ligou o grande monitor de computador atrás da mesa, que mostrou a imagem do espaço principal da capela, com seu piso e paredes altas, ambos de pedra. A seriedade que a cor cinza conferia ao lugar era suavizada por cortinas cor de vinho e tapetes. Os bancos de madeira escura não estavam posicionados nas fileiras típicas de igrejas, tendo sido reorganizados em meia dúzia de grupos formados por três bancos arrumados em forma de triângulo, evidentemente para facilitar as discussões. Os bancos estavam cheios de garotas adolescentes, e pelas caixas de som do computador eles ouviram o burburinho de vozes femininas. – Tem uma câmera de alta definição e um microfone lá embaixo, transmitindo para este computador – explicou Ashton. – Vejam e ouçam e vão ter uma ideia da situação. – Em seguida ele se virou e saiu da sala.

Capítulo 75

Feche bem os olhos

A tela do computador mostrou Scott Ashton entrando pela porta dos fundos da capela, por trás dos bancos agrupados, e a fechando com uma pancada forte, ainda segurando o controle remoto. As garotas ocupavam a maior parte do espaço nos bancos, sentadas em posições diversas. Algumas aparentavam estar concentradas nos próprios pensamentos, mas a maioria estava conversando, algumas de forma mais audível do que outras.

A surpresa para Gurney foi o aspecto comum delas. À primeira vista pareciam simples adolescentes, e ninguém diria que eram internas de uma instituição cercada por arame farpado. À distância da câmera, não havia evidência do comportamento cruel que tinha feito com que fossem parar ali. Gurney presumiu que apenas cara a cara, com as expressões num foco mais nítido, ficaria óbvio que aquelas criaturas eram egoístas, inconsequentes e impelidas pelo sexo. Em última instância, como acontecia com suas fotos de assassinos, o sinal de perigo, o gelo, estaria nos olhos.

Então notou que elas não estavam sozinhas. Em cada um dos triângulos formados pelos bancos havia um ou dois indivíduos mais velhos, provavelmente professores, conselheiros ou seja lá como fosse que a Mapleshade chamava as pessoas que forneciam orientação e terapia às alunas. Num dos cantos de trás do ambiente, quase invisível nas sombras, estava o Dr. Lazarus, de braços cruzados, com a expressão indecifrável.

Instantes depois que Ashton entrou, as garotas foram gradativamente percebendo sua presença e as conversas começaram a diminuir. Uma das meninas de aparência mais velha e mais marcante se aproximou do médico no final do corredor central. Era alta, loura, de olhos castanhos.

Gurney olhou para Hardwick, que estava inclinado à frente na cadeira examinando a tela.

– Você viu se ele chamou a garota? – perguntou Gurney.

– Pode ter feito um gesto. Talvez um aceno discreto. Por quê?

– Só curiosidade.

Na tela de alta definição, os movimentos dos lábios de Ashton e da loura alta eram visíveis, mas era impossível distinguir suas vozes, que se fundiam com as de um grupo de alunas perto deles.

Gurney se inclinou para o monitor.

– Você faz alguma ideia do que eles estão dizendo?

Hardwick se concentrou atentamente nos rostos, girando a cabeça de lado como se isso pudesse aumentar sua audição.

No monitor, a garota disse alguma coisa e sorriu e Ashton falou algo e fez um gesto. Então ele andou decididamente pelo corredor central e subiu numa parte mais elevada do piso, presumivelmente a área que o altar ocupava quando o prédio era usado para fins religiosos. Em seguida se virou para as alunas reunidas, de costas para a câmera. O murmúrio parou e logo todas estavam em silêncio.

Gurney olhou para Hardwick de forma interrogativa.

– Você captou alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

– Não consegui entender nada por causa do ruído de vozes ao fundo. Ele pode ter dito qualquer coisa a ela.

Na tela, Ashton começou a falar com uma autoridade que soava natural, com sua voz tranquila e suave de barítono agora mais profunda do que o usual ressoando naquela nave gótica.

– Senhoritas – começou, pronunciando a palavra com uma nobreza quase reverente. – Aconteceram coisas terríveis e apavorantes, e todas vocês estão perturbadas. Estão com raiva, com medo, confusas. Algumas estão tendo problemas para dormir. Pesadelos e sintomas de ansiedade estão sendo comuns. Talvez o fato de não saber o que está acontecendo seja a pior parte. Queremos ter consciência do que estamos enfrentando e ninguém nos diz. – Ashton parecia também estar passando por todos os problemas aos quais se referia, mas ao mesmo tempo, talvez devido ao timbre profundo de sua voz, em algum nível inconsciente ele aparentava uma tranquilidade profunda.

– Nossa, esse cara é bom – comentou Hardwick, admirado.

– É definitivamente um profissional – concordou Gurney.

– Não tão bom quanto você, ás.

Gurney franziu o rosto numa expressão de interrogação.

– Aposto que ele poderia aprender uma ou duas coisas em suas aulas na Academia de Polícia.

– O que você sabe sobre minhas aul...

Hardwick apontou para a tela.

– Shhh. Vamos prestar atenção.

As palavras de Ashton fluíam livremente.

– Algumas de vocês me questionaram sobre o progresso da investigação criminal: o que a polícia sabe, o que ela está fazendo, se está perto de pegar o culpado. São perguntas lógicas, que muitos de nós estão fazendo. Acho que ajudaria se soubéssemos mais, se cada um de nós tivesse a oportunidade de compartilhar as preocupações, se pudéssemos perguntar o que quisermos. Foi por isso que convidei os principais detetives do caso para virem à Mapleshade amanhã de manhã e falarem conosco, informarem o que está acontecendo e o que pode vir a acontecer. Eles também terão perguntas, assim como nós. Acredito que será uma conversa muito útil para todos.

Hardwick riu.

– O que você acha disso?

– Acho que ele é...

– Escorregadio feito um sabonete?

Gurney deu de ombros.

– Eu diria que ele é bom em administrar o modo como as pessoas veem as coisas.

Hardwick apontou para a tela.

Ashton, agora de perfil em relação à câmera, estava tirando um celular de uma presilha no cinto. Olhou para ele, franziu a testa, apertou um botão e levou o aparelho ao ouvido. Disse alguma coisa, mas as garotas nos bancos tinham voltado a conversar e as palavras dele se perderam de novo nas vozes de fundo.

– Está conseguindo entender alguma coisa? – perguntou Gurney.

Hardwick balançou a cabeça.

– Nada.

O telefonema terminou e Ashton recolocou o celular no bolso. Uma garota nos fundos estava com a mão levantada para falar. Como não foi vista ou foi ignorada por Ashton, levantou-se e acenou de um lado para outro e isso pareceu atrair a atenção dele.

– Sim? Senhoritas... acho que alguém tem uma pergunta ou um comentário.

A jovem, que por acaso era a loura de olhos castanhos que tinha se dirigido a Ashton antes, falou:

– Ouvi um boato de que Hector Flores foi visto aqui na capela hoje. É verdade?

Ashton pareceu agitado de um modo pouco característico.

– O que... Quem lhe disse isso?

– Ouvi umas pessoas conversando na escada da casa principal. De onde eu estava não deu para ver quem eram, mas uma delas disse que viu o Hector. Se for verdade, é apavorante.

– Se fosse verdade, realmente seria apavorante – afirmou Ashton. – Talvez a pessoa que disse que o viu possa contar mais alguma coisa. Estamos todos aqui, então quem falou isso também deve estar. – Ele olhou para o grupo de alunas com um silêncio cheio de expectativa e esperou cerca de cinco segundos antes de acrescentar pacientemente: – Talvez algumas pessoas só gostem de espalhar boatos assustadores. – Mas ele não parecia totalmente à vontade. – Mais alguma pergunta?

Uma das garotas de aparência mais jovem levantou a mão e indagou:

– Quanto tempo a gente precisa ficar aqui?

Ashton sorriu como um pai amoroso.

– Enquanto o processo estiver sendo útil. Nem um minuto a mais. Espero que, em cada um dos grupos, vocês estejam compartilhando seus pensamentos, suas preocupações, seus sentimentos, especialmente aqueles que foram causados pela morte de Savannah. Quero que expressem tudo o que lhes vier à mente, que aproveitem o auxílio dos facilitadores dos grupos e a ajuda que uma pode dar à outra. Isso funciona, todos sabemos disso. É só confiar.

Ashton desceu da plataforma e começou a circular pela capela, parecendo oferecer uma palavra de encorajamento aqui e ali, mas acima de tudo observando as discussões dos grupos. Às vezes parecia estar ouvindo com atenção, em outras ocasiões se recolhendo nos próprios pensamentos.

Enquanto Gurney assistia a isso tudo, foi atraído de novo para a estranheza fundamental da cena. Ainda que o prédio tivesse sido desconsagrado, conservava a aparência, o som e o cheiro de uma igreja. A combinação dessas características com as energias loucas e deturpadas das residentes atuais da Mapleshade era desconcertante.

Na tela, Ashton continuava caminhando tranquilamente entre as alunas e seus "facilitadores", mas Gurney tinha parado de prestar atenção.

Ele fechou os olhos e pousou a cabeça no encosto de veludo da cadeira. Concentrou-se do melhor modo que pôde na simples sensação da respiração entrando e saindo pelas narinas. Estava tentando clarear a mente e quase conseguiu, mas um pequeno item parecia se recusar a ser varrido para longe.

Um pequeno item.

Era um comentário de Hardwick que estava se infiltrando em sua consciência: a resposta que ele dera quando Gurney perguntou se ele tinha entendido o que Ashton dissera à garota loura que fora falar com ele.

Hardwick respondera que não havia conseguido captar nada por causa do ruído ao fundo.

Ele pode ter dito qualquer coisa a ela.

Essa ideia estava incomodando Gurney, e agora ele sabia por quê: ela havia disparado uma lembrança a princípio no nível inconsciente mas que neste momento lhe vinha de forma nítida ao pensamento.

Outra ocasião, outro lugar. Scott Ashton conversando sério com uma jovem loura na vastidão de um gramado bem cuidado. Uma conversa que não podia ser ouvida. Um diálogo cujas palavras se perderam em meio ao burburinho de 200 outras vozes. Uma conversa em que Scott Ashton poderia ter dito qualquer coisa a Jillian Perry.

Ele poderia ter dito qualquer coisa. E esse simples fato podia mudar tudo.

Hardwick o observava.

– Você está bem?

Gurney assentiu ligeiramente, como se qualquer movimento mais drástico pudesse despedaçar a cadeia infinitamente delicada de possibilidades que estava considerando.

Ele poderia ter dito qualquer coisa. Realmente não há como saber o que ele disse, porque as vozes não podiam ser ouvidas. Então o que ele poderia ter dito?

E se o que ele disse foi: "Não importa o que acontecer, não diga uma palavra"?

E se foi: "Não importa o que acontecer, não abra a porta"?

E se foi: "Tenho uma surpresa para você. Feche bem os olhos"?

Meu Deus, e se foi exatamente isso que ele disse? "Feche bem os olhos para a maior surpresa da sua vida."

Capítulo 76

Outra camada

– O que foi? – perguntou Hardwick.

Gurney apenas balançou a cabeça, não se sentindo pronto para responder, enquanto seguia mentalmente a cadeia lógica de possibilidades com uma empolgação que o fez se levantar. Começou a andar de um lado para outro, a princípio devagar, sobre o tapete antigo diante da mesa de Ashton. O grande abajur de louça no canto mais próximo lançava um círculo de luz suave no cômodo, iluminando o intricado padrão floral do tapete.

Se eu estiver certo – e pode ser que eu esteja –, o que vai acontecer?

Na tela, Ashton estava parado perto de uma das cortinas cor de vinho que cobriam parte das paredes da capela, o olhar pairando benigno sobre o grupo reunido.

– O que foi? – perguntou Hardwick. – Que diabo está se passando na sua cabeça?

Gurney abaixou um pouco o som do monitor do computador, com o objetivo de se concentrar melhor em seu fluxo de pensamentos.

– Sabe o comentário que você fez agora há pouco? Que Ashton podia ter dito *qualquer coisa*?

– O que é que tem?

– Você pode ter demolido uma das suposições básicas que fizemos sobre o assassinato de Jillian.

– Que suposição?

– A maior de todas: a de que sabemos por que ela entrou no chalé.

– Bom, nós sabemos por que ela *disse* que entrou. No vídeo ela diz a Ashton que quer convencer Flores a sair para o brinde nupcial

e ele fala para ela não incomodar Flores. Mas ela entra assim mesmo.

Os olhos de Gurney brilhavam.

– Imagine que essa conversa nunca tenha acontecido.

– Estava no vídeo. – Hardwick parecia incomodado com a empolgação de Gurney e confuso pelo que ele estava dizendo.

Gurney falou devagar, como se cada palavra fosse preciosa:

– Essa conversa na verdade não está *no* vídeo da festa.

– Claro que está.

– Não. O que está gravado no vídeo é um encontro entre Scott Ashton e Jillian Perry no gramado, durante a festa, ao fundo da cena, longe demais para a câmera registrar as vozes. A "conversa" de que você se lembra, a de que todo mundo que assistiu ao vídeo se lembrou, é a *descrição* que Scott Ashton fez da conversa a Burt Luntz e sua esposa depois de ela ter ocorrido. O fato é que não temos como saber o que Jillian disse de fato a ele ou o que ele disse a ela, e até agora não tínhamos motivo para questionar isso. Mas tudo o que temos realmente é o que Ashton *afirma* que foi dito. E, como você comentou há um minuto sobre a conversa inaudível com a loura na capela, *ele pode ter dito qualquer coisa.*

– Certo – respondeu Hardwick, em dúvida. – Ashton pode ter dito qualquer coisa. Saquei. Mas o que você acha que ele *disse* a ela? Quer dizer, qual é o sentido disso? Por que ele mentiria sobre o motivo para Jillian ter entrado no chalé?

– Posso pensar em pelo menos uma péssima razão. Meu argumento é, de novo, que não sabemos o que achávamos que sabíamos. Tudo o que *sabemos* de fato é que eles falaram um com o outro e ela entrou no chalé depois disso.

Hardwick começou a bater com impaciência no braço esculpido de sua cadeira, que era parecida com um trono.

– Isso não é *tudo* o que sabemos. Não teve alguém que foi procurá-la? Alguém do bufê que bateu à porta do chalé? E nesse momento ela já não estava morta, ou ao menos incapaz de atender à porta? Não entendi aonde diabo você quer chegar com isso.

– Vamos começar pelo início. Se você olhar as provas visuais e esquecer o que nos disseram, a questão é: existe *outra* narrativa verossímil que seja coerente com o que vimos acontecer na tela?

– Tipo o quê?

– No vídeo parece que Jillian atrai a atenção de Ashton e aponta para o relógio. Certo. Suponha que ele tenha pedido para ela lembrar a ele quando fosse a hora do brinde nupcial. E suponha que, quando foi até ela, ele tenha dito que tinha uma grande surpresa para ela e queria que ela entrasse no chalé, porque era lá que ele iria entregá-la, logo antes do brinde. Ela deveria entrar no chalé, fechar a porta e ficar em silêncio lá dentro. Tudo fazia parte da grande surpresa e ela entenderia mais tarde.

Agora Hardwick estava prestando toda a atenção.

– Então você está dizendo que ela podia estar perfeitamente bem quando a pessoa do bufê bateu à porta?

– E então, quando o próprio Ashton abriu a porta do chalé com a chave, suponha que ele tenha dito algo como: “Feche bem os olhos. Feche bem os olhos para a maior surpresa da sua vida.”

– E então o quê?

Gurney fez uma pausa.

– Você se lembra de Jason Strunk?

Hardwick franziu a testa.

– O assassino em série? O que ele tem a ver com isso?

– Lembra-se de como ele matava suas vítimas?

– Não era ele que as retalhava e depois mandava os pedaços pelo correio para a polícia local?

– Isso mesmo, mas eu estava me referindo à arma que ele usava.

– Não era um cutelo de carne, um negócio japonês afiado como navalha?

– E ele o carregava numa bainha de plástico simples embaixo do paletó.

– Então o que você está dizendo? Ah, não, qual é! Você está sugerindo que... que Scott Ashton entrou no chalé, disse à sua esposa nova em folha para fechar os olhos e cortou a cabeça dela?

– Baseado nas provas visuais, é tão possível quanto a história que ele nos contou.

– Meu Deus, várias coisas são *possíveis*, mas... – Hardwick balançou a cabeça. – E aí? Depois de cortar a cabeça da noiva ele a colocou direitinho na mesa, começou a gritar, enfiou o cutelo

sangrento de volta no bolso forrado de plástico, saiu cambaleando do chalé e desmaiou?

– Isso mesmo – continuou Gurney. – Essa última parte está gravada no vídeo: ele gritando, cambaleando para fora, desmoronando no canteiro. Todo mundo vem correndo, olha para dentro do chalé e chega à conclusão óbvia naquelas circunstâncias. Exatamente a conclusão a que Ashton quer que as pessoas cheguem. Portanto não havia motivo para ninguém revistá-lo. Se ele tinha um cutelo ou algo semelhante escondido no paletó, ninguém jamais saberia. E assim que o cão farejador encontrou o facão sangrento no mato, tudo pareceu perfeitamente claro. A narrativa sobre Hector Flores estava estabelecida, só esperando que Rod Rodriguez assinasse embaixo.

– O facão com o sangue de Jillian... Mas como...?

– O sangue podia facilmente ter vindo da amostra tirada para testar o nível de lítio, dois dias antes. Ashton pode ter cancelado a vinda da técnica de sempre e colhido ele mesmo a amostra. Ou pode ter conseguido de outro modo, interferindo em algum ponto do processo, como estávamos começando a pensar que Flores podia ter feito. E pode ter colocado o facão na floresta naquela manhã, antes da festa. Pode ter espalhado o sangue nele e o carregado pela janela dos fundos do chalé, deixando uma ou duas gotas no parapeito e deixando aquela trilha de feromônio com as botas para os cachorros seguirem, voltando depois a entrar no chalé. Nesse ponto não haveria nenhuma câmera gravando, o que explicaria o fato de a arma ter saído do chalé e ido parar no lugar onde foi encontrada sem o registro no vídeo de qualquer pessoa passando na frente daquela porcaria de árvore.

– Espere um segundo, você esqueceu uma coisa. Como diabo ele cortou o pescoço dela com um cutelo, atravessando a carótida, sem se sujar de sangue?

Quer dizer, eu lembro o que o legista escreveu no relatório, que todo o sangue escorreu pelo lado oposto do corpo, e minha ideia de como o assassino pode ter usado a cabeça decepada para desviar o sangue. Mas mesmo assim haveria algum pingo.

– Talvez houvesse.

– E ninguém notou?

– Pense bem na cena no vídeo, Jack. Ashton estava usando terno escuro. Ele caiu num canteiro enlameado de rosas cheias de espinhos. Pelo que me lembro, alguns convidados solícitos o levaram para casa. Aposto minha aposentadoria que ele foi até um banheiro, o que ofereceria uma oportunidade perfeita para se livrar do cutelo e talvez até trocar o terno por outro que já estivesse com um pouco de lama. Então, quando saísse, ele ainda estaria todo enlameado, mas sem traços do sangue da vítima.

– Porra – murmurou Hardwick, pensativo. – Você acredita mesmo em tudo isso?

– Para ser honesto, Jack, não tenho motivo para acreditar em *nada* disso. Mas acho *possível*.

– Existem alguns problemas nisso, você não acha?

– Como a falta de credibilidade da hipótese de um psiquiatra famoso ser um assassino de sangue-frio?

– Na verdade essa é a parte que me agrada.

Gurney riu pela primeira vez naquele dia.

– Mais algum problema? – perguntou.

– Sim. Se Flores não estava no chalé quando Jillian foi morta, onde diabo ele estava?

– Talvez já estivesse morto – respondeu Gurney. – Talvez Ashton o tenha matado para parecer que ele era culpado e fugiu. Ou talvez toda a hipótese que eu acabei de criar esteja tão cheia de lacunas quanto todas as outras teorias deste caso.

– Então esse cara ou é um criminoso mundial ou é uma vítima inocente de um. – Hardwick olhou para o monitor atrás da mesa de Ashton. – Para um homem que supostamente está com o mundo desmoronando à sua volta, ele parece calmo demais. Onde foram parar todo o desespero e o desamparo?

– Parecem ter evaporado.

– Mas como?

– Resistência emocional? A necessidade de mostrar uma boa fachada?

Hardwick parecia cada vez mais pasmo.

– Por que ele iria querer que a gente assistisse a isso?

Ashton estava andando lentamente na capela, de forma quase imperiosa, como um guru entre os discípulos. O dono da situação.

Confiante. Imperturbável. Irradiando mais prazer e satisfação a cada minuto. Uma figura de poder e respeito. Um cardeal da renascença. Um presidente americano. Um astro do rock.

– Scott Ashton parece uma joia de muitas facetas – observou Gurney, fascinado.

– Ou um assassino desgraçado – contrapôs Hardwick.

– Precisamos decidir qual das duas opções.

– Mas como?

– Reduzindo a equação aos elementos essenciais.

– Que são...?

– Suponha que Ashton tenha mesmo matado Jillian.

– E que Hector não estivesse envolvido?

– Isso. O que seria deduzido depois desse ponto de partida?

– Que Ashton é um ótimo mentiroso.

– Então talvez ele tenha nos contado um monte de outras mentiras e nós não tenhamos notado.

– Mentiras sobre Hector Flores?

– Isso – concordou Gurney, franzindo a testa pensativamente. – Sobre... Hector... Flores.

– O que foi?

– Só estou pensando.

– Sobre o quê?

– Seria possível que...?

– Que o quê? – perguntou Hardwick.

– Só um minuto. Só quero... – A voz de Gurney foi calada pelos seus pensamentos acelerados.

– O quê?

– Só estou reduzindo... a equação. Reduzindo ao nível mais simples possível...

– Meu Deus, não fique parando no meio das frases! Desembuche!

Meu Deus, não pode ser mais simples, pode?

Mas talvez seja! Talvez seja perfeitamente, ridiculamente possível!

Por que não vi isso antes?

Gargalhou.

– Pelo amor de Deus, Gurney...

Não tinha visto antes porque estava procurando uma peça que faltava. E não conseguira encontrar. Claro que não conseguira, porque não faltava peça alguma. Nunca FALTOU peça alguma. Havia uma peça EXTRA. A peça que ficava se intrometendo no caminho de todo o resto. A peça que estava bloqueando o caminho da verdade desde o início. A peça projetada especificamente para bloquear o caminho para a verdade.

Hardwick o olhava com irritação e frustração.

Gurney se virou para ele com um sorriso desvairado.

– Sabe por que ninguém conseguiu encontrar Hector Flores depois do assassinato?

– Porque ele estava morto?

– Acho que não. Há três explicações possíveis. Uma: ele escapou da área, como todo mundo pensava. Duas: ele foi morto pelo verdadeiro assassino de Jillian Perry. Ou três: *ele nunca esteve vivo, para começo de conversa.*

– De que diabo você está falando?

– É possível que Hector Flores nunca tenha existido, que tenha sido um mito criado por Scott Ashton.

– Mas todas as histórias...

– Todas podem ter vindo do próprio Ashton.

– O quê?!

– Por que não? As histórias são começadas, espalham-se, ganham vida própria: um argumento que você levantou muitas vezes. Por que todas elas não podem ter tido o mesmo ponto de partida?

– Mas várias pessoas costumavam ver Flores no carro de Ashton.

– Viam um trabalhador mexicano com chapéu de caubói e óculos escuros que podia ser alguém que Ashton contratara naquele dia específico.

– Mas não entendo como...

– Você não vê? Ashton pode ter criado todas as histórias, todos os boatos. O combustível perfeito para fofocas. O novo jardineiro especial. O mexicano extremamente dedicado. O homem que aprendia tudo numa rapidez espantosa. O homem de grande potencial. O Cinderelo. O protegido. O secretário de confiança. O

gênio que começou a desenvolver pequenas manias. O homem que ficava nu, equilibrado num dos pés, no caramanchão do jardim. Tantas histórias tão interessantes, tão curiosas, tão chocantes, tão deliciosas, tão *repetíveis*. O combustível perfeito para fofocas. Meu Deus, você não vê? Ele deu aos vizinhos uma saga irresistível e eles foram fundo, contaram-na uns aos outros, enfeitaram-na, repetiram-na a estranhos. Ele criou Hector Flores do nada e o transformou numa lenda, um capítulo após o outro. Uma lenda sobre a qual Tambury não conseguia parar de falar. O homem ficou maior do que a vida, mais real do que a realidade.

– E o tiro na xícara de chá?

– A coisa mais fácil do mundo. Ashton pode ter disparado a bala, escondido a arma e dito que foi roubada. Era perfeitamente razoável que o mexicano louco e ingrato tivesse roubado o caro fuzil do doutor.

– Espere um segundo. Naquele vídeo, bem no início, antes do começo da festa, Ashton foi ao chalé falar com Flores. Quando ele bateu à porta, o áudio captou um "*Está abierta*" bem baixo. Se não havia um Hector Flores ali, quem disse isso?

– Obviamente o próprio Ashton poderia ter dito em voz abafada. Ele estava de costas para a câmera.

– Mas as garotas com quem Hector falou na Mapleshade...

– As garotas com quem se *supõe* que ele falou estão todas convenientemente mortas ou desaparecidas. Então como sabemos que ele falou com alguém? Não existe ninguém disponível que possa dizer que esteve com ele cara a cara. Isso não é muito estranho?

Os dois se entreolharam, depois observaram a tela do computador, onde Ashton podia ser visto falando de forma breve com duas outras garotas e apontando, como um professor, para várias partes da capela. Parecia relaxado e dominante como um general vitorioso no momento da rendição do inimigo.

Hardwick balançou a cabeça.

– Você acredita mesmo que Ashton bolou essa trama elaboradíssima, que inventou essa pessoa mítica e conseguiu alimentar a ficção durante três anos, só para ter alguém a quem

culpar no caso de decidir um dia se casar e assassinar a mulher? Não parece meio ridículo?

– Visto desse modo, parece totalmente ridículo. Mas e se ele tivesse outro motivo para ter inventado Hector?

– Que motivo?

– Não sei. Um motivo maior. Um motivo mais prático.

– É uma hipótese que parece muito frágil. E o negócio dos Skard? Tudo isso não era baseado na teoria de que um dos irmãos, provavelmente Leonardo, estava fingindo que era Hector e convencendo garotas incorrigíveis da Mapleshade a sair de casa para ganhar dinheiro e viver uma vida cheia de emoção depois da formatura? Se não existia nenhum Hector, o que acontece com toda a visão da escravidão sexual?

– Não sei.

Era uma pergunta crucial, pensou Gurney. Que sentido qualquer de suas teorias faria se dependessem da ideia de que Leonardo Skard atuava disfarçado de Hector Flores, já que jamais existira alguém chamado Hector Flores?

Capítulo 77

O último episódio

– Falando nisso – disse Gurney –, por acaso você está com sua arma?

– Estou sempre com ela. Meu tornozelo se sentiria nu sem o coldrezinho. Na minha humilde opinião, às vezes as balas têm tanto valor quanto o cérebro para solucionar problemas. Por quê? Você pretende fazer um gesto dramático?

– Por enquanto, não. Precisamos ter muito mais certeza do que está acontecendo.

– Você parecia ter bastante certeza há um minuto.

Gurney fez uma careta.

– Só tenho *certeza* de que minha visão do assassinato é *possível*. Ou que não é *impossível*. Scott Ashton poderia ter matado Jillian Perry. *Poderia*. Mas precisamos investigar mais, ter mais fatos. Neste momento não existe nenhuma prova e nenhum motivo. Não temos nada além de especulação da minha parte, um exercício de lógica.

– Mas e se...

A pergunta de Hardwick foi interrompida pelo som da pesada porta da capela no andar de baixo se abrindo e fechando, seguido por um forte estalo metálico. Os dois se inclinaram, num reflexo, na direção da escada escura do outro lado da porta do escritório e tentaram ouvir passos.

Um minuto depois, Scott Ashton emergiu do topo da escada de pedra e entrou no escritório, movendo-se com o mesmo ar de poder e controle que eles haviam testemunhado na tela. Deixou-se afundar na cadeira estofada atrás da mesa, tirou o fone de ouvido e o jogou na gaveta de cima. Depois, juntou as mãos sobre o enorme tampo preto da mesa, cruzou os dedos devagar e ficou olhando

para baixo, em direção a eles. Após sorrir por algum tempo para seus pensamentos particulares, separou as mãos, virando as palmas para cima com os dedos levemente abertos, num gesto afetado de despreocupação.

Em seguida, enfiou a mão no bolso e tirou uma pistola de calibre pequeno. A ação foi casual, tão semelhante a pegar um maço de cigarros, que, por um segundo, Gurney pensou que era isso que Ashton havia feito.

Com um movimento lento, ele apontou a pequena Beretta calibre 22 semiautomática para um ponto entre Gurney e Hardwick, mas seus olhos estavam fixos em Hardwick.

– Faça-me o favor de colocar as mãos nos braços da poltrona. Imediatamente, por gentileza. Obrigado. Agora permaneça sentado como está e tire os pés lentamente do chão. Obrigado. Agradeço muito sua cooperação. Levante mais alto. Obrigado. Agora, por favor, estique as pernas na direção da minha mesa. Continue estendendo até pousar os pés no tampo. Obrigado. Muito bem, isso é muito obsequioso.

Hardwick obedeceu a todas essas instruções com a seriedade relaxada de alguém que ouvisse um instrutor de ioga. Assim que ele apoiou os pés na mesa, Ashton se inclinou por cima dela, enfiou a mão embaixo da perna direita da calça de Hardwick e tirou uma Kel-Tec P-32 do coldre. Examinou-a, sentiu seu peso na mão e em seguida a colocou na gaveta de cima da mesa.

Depois se sentou de novo e sorriu.

– Assim está muito melhor. Pessoas de mais armadas numa sala é uma tragédia esperando para acontecer. Por favor, detetive, fique à vontade para baixar os pés. Acho que todos podemos relaxar, agora que a ordem das coisas está clara.

Ashton olhou para um e depois para o outro de um modo indiferente e ao mesmo tempo divertido.

– Devo dizer que este dia está ficando cada vez mais fascinante. Tantas... novidades. E o senhor, detetive Gurney, realmente estava com essa sua mentezinha em velocidade máxima. – A voz de Ashton ronronava cheia de um sarcasmo adocicado. – Que trama sinistra o senhor descreveu! Digna de um filme. Scott Ashton, psiquiatra famoso, assassina a própria esposa na presença

de 200 convidados do próprio casamento. E tudo o que precisou dizer foi “Feche bem os olhos”. Nunca houve um Hector Flores. O facão coberto de sangue foi um ardil inteligente. Havia um cutelo no bolso dele. Um mergulho pseudoacidental no canteiro de rosas. Uma esperta troca de ternos no banheiro e assim por diante. Uma engenhosa conspiração foi descoberta. Um sensacional caso de assassinato foi resolvido. Mercadores do sexo foram expostos. Os mortos têm seu dia de justiça. Os vivos são felizes para sempre. É mais ou menos isso?

Se esperava uma reação de choque ou medo diante de seu resumo da conversa de Gurney com Hardwick, Ashton ficou desapontado. Um dos pontos fortes de Gurney ao ser pego desprevenido era reagir com uma calma mais apropriada a circunstâncias menos perigosas. Foi o que ele fez nesse momento.

– Mais ou menos isso – disse apenas.

Não demonstrou surpresa por Ashton ter ouvido a conversa deles enquanto estava lá embaixo, provavelmente através de um microfone escondido ligado a seu fone de ouvido. Gurney censurou-se por não ter achado estranho Ashton falar em um celular que se encontrava em sua mão enquanto usava um fone de ouvido, o que indicava que ele estava sendo utilizado para outra coisa. Era doloroso que algo tão óbvio tivesse escapado à sua percepção, mas ele jamais demonstraria isso.

Gurney achou difícil avaliar o efeito de sua resposta indiferente. Esperava que tivesse o resultado provocador que desejava. Qualquer dúvida, por menor que fosse, que conseguisse suscitar em Ashton em relação ao modo como o médico estava conduzindo a situação seria uma vantagem.

Ashton desviou o olhar para Hardwick, que estava encarando a pistola. Balançou a cabeça como se censurasse uma criança bagunceira.

– Como dizem nos filmes, detetive, *nem pense nisso*. Antes que o senhor se levante da cadeira já terei posto três balas no seu peito.

Em seguida se dirigiu a Gurney no mesmo tom:

– E você é como uma mosquinha incômoda que conseguiu entrar em casa e ver tudo o que acontece. Fica zumbindo, sobrevoando todos os cômodos, tentando entender o que captou.

Então, de repente, PAF! Todo esse zumbido para nada. Toda essa busca, essa procura... tudo por nada. Porque você não consegue entender o que vê. Como poderia? Você não passa de uma mosca. – Ele começou a rir sem emitir qualquer som.

Gurney sabia que a coisa mais importante que podia fazer agora era ganhar tempo. Se Ashton era o assassino que aparentava ser, o jogo mental seria o que geralmente era nesses casos: uma disputa pelo controle emocional. Assim, o objetivo prático de Gurney seria prolongar esse jogo – atrair o oponente para ele e fazê-lo continuar até que uma oportunidade para encerrar a disputa aparecesse. Recostou-se na cadeira e sorriu.

– Mas nesse caso, Ashton, a mosca entendeu direitinho, não foi? Você não estaria com essa arma na mão se eu não tivesse sacado tudo.

Ashton parou de rir.

– *Sacado?* O gênio da dedução está querendo ser reconhecido por ter *sacado*? Depois que eu lhe dei todas aquelas pistas? Depois que contei que algumas ex-alunas estavam desaparecidas, que falei sobre as discussões a respeito dos carros e que as jovens damas em questão tinham todas aparecido em anúncios da Karnala? Se eu não me sentisse tentado a provocá-lo, a tornar a disputa interessante, você não teria chegado mais longe do que seus colegas imbecis.

Agora Gurney gargalhou.

– Tornar a disputa interessante não tinha nada a ver com isso. Você sabia que nosso próximo passo seria falar com as ex-alunas, então não estava dizendo nada que não teríamos descoberto sozinhos em mais um ou dois dias. Foi apenas um esforço patético para conquistar nossa confiança com informações que você não poderia manter em segredo. – A expressão de Ashton, uma tentativa malsucedida de parecer comedido, convenceu Gurney de que tinha acertado o alvo. Mas às vezes, ao administrar um confronto assim, havia o risco de estar certo *demais*, de acertar um tiro direto *demais*.

O que Ashton falou em seguida lhe deu a péssima sensação de que esse era um desses casos.

– Não faz sentido perdermos mais tempo. Quero que vocês vejam uma coisa. Quero que vejam como a história acaba. – Ele se levantou e, com a mão livre, puxou sua cadeira pesada para perto da porta aberta do escritório, de modo que ela formasse um triângulo com o monitor de computador na mesa atrás de sua escrivaninha e o par de cadeiras ocupadas por Gurney e Hardwick diante do móvel. Nessa posição ele podia observar a tela e os dois ao mesmo tempo e ficava de costas para a porta.

– Não olhem para *mim* – ordenou Ashton. – Olhem para a tela, para o reality show *Mapleshade: O último episódio*. Não é o final que eu tinha pretendido escrever, mas precisamos ser flexíveis. Muito bem, estamos todos nos nossos lugares. A câmera está ligada e a ação está acontecendo, mas acho que seria bom ter um pouco mais de luz lá embaixo. – Ele pegou o pequeno controle remoto no bolso e apertou um botão.

A nave da capela foi se iluminando à medida que fileiras de luminárias presas à parede se acendiam. Houve uma pausa breve no zumbido de conversas enquanto as garotas nos grupos de discussão olhavam as lâmpadas em volta.

– Assim está melhor – concluiu Ashton, sorrindo com satisfação para o monitor. – Considerando a sua colaboração, detetive, quero me certificar de que o senhor veja tudo claramente.

Que colaboração?, quis perguntar Gurney. Em vez disso, cobriu a boca com a mão e conteve um bocejo. Então relanceou seu relógio.

Ashton lhe lançou um olhar longo e frio.

– Logo você vai se animar. – Sua expressão foi tomada por uma série de tiques minúsculos. – Você é um homem instruído, detetive, então me diga uma coisa: sabe o que significa a expressão medieval *reparação condigna*?

Estranhamente, ele sabia. Tinha aprendido em uma aula de filosofia na faculdade. Castigo em perfeito equilíbrio com a ofensa. Castigo perfeitamente adequado.

– Sei – respondeu ele, provocando uma leve surpresa nos olhos de Ashton.

E então, com o canto do olho, Gurney detectou uma sombra movendo-se rapidamente. Ou seria a borda de uma peça de roupa,

uma manga, talvez? O que quer que fosse, havia desaparecido do lado de fora da porta do escritório, no patamar, onde mal havia espaço suficiente para uma pessoa ficar de pé.

– Então talvez possa apreciar o dano que sua ignorância causou.

– Fale sobre isso – pediu Gurney, com um olhar de interesse crescente que ele esperava que estivesse conseguindo disfarçar o medo que sentia melhor do que o bocejo fingido que tinha dado.

– Você tem conexões mentais excepcionais, detetive. Um cérebro muito eficiente. Uma calculadora notável de vetores e probabilidades.

Essa caracterização era exatamente o oposto de como Gurney avaliava suas capacidades no momento. Imaginou, com um arrepio nauseante, se a percepção de Ashton sobre seu estado mental era tão aguçada que a observação era na verdade uma piada.

Gurney sentia que seu cérebro, responsável por suas grandes vitórias profissionais, estava perdendo a habilidade de raciocínio com o esforço de juntar tantas informações ao mesmo tempo: o Hector irreal; o Jykynstyl irreal; Jillian Perry decapitada; Kiki Muller decapitada; Melanie Strum decapitada; Savannah Liston decapitada; a boneca decapitada no quarto de costura de Madeleine.

Onde estava o ponto de convergência de tudo isso, o lugar onde tudo se agrupava? Seria ali, na Mapleshade? Ou na casa de arenito cuidada pelas “filhas” de Steck? Ou em algum obscuro café na Sardenha onde Giotto Skard podia naquele momento estar tomando um *espresso* amargo e espreitando como uma aranha no centro da teia, para onde se dirigiam todos os fios de seus empreendimentos?

As perguntas sem resposta se acumulavam com rapidez, inclusive uma de ordem muito pessoal: por que ele, Gurney, não havia considerado a possibilidade de que a sala tivesse um microfone?

Sempre tivera a impressão de que o conceito “desejo de morte” fosse um grande clichê, mas agora se perguntou se não poderia ser a melhor explicação para o seu comportamento.

Ou sua mente estaria simplesmente cheia demais de detalhes não absorvidos por ele? Detalhes não processados, teorias frágeis e

assassinatos.

Quando todo o resto falha, o jeito é retornar ao presente.

Lembrou-se do conselho que Madeleine lhe dera certa vez: pense no aqui e no agora. Preste atenção.

Percepção do momento: o santo graal da mente consciente.

Ashton estava no meio de uma frase.

– ... a incompetência tragicômica do sistema de justiça criminal, que não é justo nem sistemático, mas com certeza é criminoso. Quando se trata de lidar com delinquentes sexuais, o sistema é político e ineficaz de uma forma ridícula e sem sentido. Dos criminosos que ele captura, não ajuda nenhum e torna a maioria pior. Liberta todos os que são suficientemente inteligentes para enganar os supostos profissionais que os avaliam. Divulga listas públicas de criminosos sexuais incompletas e inúteis. Sob a cobertura de esquemas fraudulentos, *solta os leões para devorar crianças*! – Ele olhou furioso para Gurney, para Hardwick e para Gurney de novo. – Esse é o sistema infeliz ao qual todas as suas belas conexões mentais, toda a sua lógica, toda a sua capacidade investigativa servem em última instância.

Era um discurso estranho e elegante, pensou Gurney, uma fala com o tom treinado de algo que já fora dito antes, talvez em conferências com seus pares, mas o sujeito estava animado por uma fúria palpável e nem um pouco fingida. Enquanto observava os olhos de Ashton, reconheceu essa fúria como uma emoção que já vira antes, nos olhos de vítimas de abuso sexual. De um modo mais nítido e mais marcante, tinha visto aquele sentimento nos olhos de uma mulher de 50 anos que confessara ter assassinado a machadadas seu padrasto de 75 anos que a havia estuprado quando ela tinha 5.

Seu argumento de defesa no tribunal foi que ela desejava ter certeza de que nem sua neta nem a de qualquer outra pessoa teriam algo a temer da parte dele. Seus olhos estavam cheios de uma fúria louca, protetora, e apesar dos esforços de seu advogado para silenciá-la ela continuou a falar, jurando que o único desejo que lhe restava era matar cada monstro, cada abusador, fazer picadinho de todos eles. Enquanto era retirada do tribunal, não parava de gritar que esperaria diante das portas das prisões e acabaria com

cada criminoso que fosse solto, cada um deles que fosse libertado no mundo. Usaria toda a força que Deus lhe dera para “fazer picadinho deles!”.

Foi então que Gurney captou nos olhos de Ashton um vislumbre da conexão possível, da equação simples que poderia explicar tudo.

Falou em tom casual, como se já estivessem falando disso havia horas:

– Não há chance alguma de Tirana ser solta para devorar ninguém.

A princípio Ashton não demonstrou reação, parecendo não ter ouvido as palavras de Gurney e menos ainda as acusações de assassinato que elas sugeriam.

Mas atrás do médico, no patamar escuro da escada, Gurney detectou outro movimento, desta vez mais visível como um braço vestido de marrom, e na extremidade dele um pequeno reflexo de algo metálico. Então, como antes, o vulto recuou para o outro lado da porta.

Até então a cabeça de Ashton estivera um pouco inclinada à esquerda. Agora girou lentamente para a direita. Ele trocou a arma da mão direita para a esquerda, que pousou em seu colo. Em seguida levou a mão livre, de forma hesitante, até a lateral da cabeça, de modo que as pontas de seus dedos tocaram levemente sua orelha e sua têmpora, permanecendo ali num gesto que era ao mesmo tempo delicado e desconcertante. Finalmente, seu olhar encontrou o de Gurney e ele baixou a mão para o braço da cadeira ao mesmo tempo que levantava a outra, que segurava a pistola. Um sorriso floresceu e sumiu em seu rosto, como uma flor grotesca e efêmera.

– Você é um homem muito, muito inteligente.

O murmúrio de vozes que emanava dos alto-falantes do monitor ficou mais alto, mais agudo. Ashton pareceu não notar.

– Tão inteligente, tão perspicaz, tão ansioso para impressionar. Impressionar quem?, eu me pergunto.

– Tem alguma coisa queimando – observou Hardwick em voz alta, de forma ansiosa.

– Você é uma criança – continuou Ashton, seguindo o próprio fluxo de pensamento. – Uma criança que aprendeu um truque de

baralho e fica mostrando às mesmas pessoas toda hora, tentando recriar a reação que elas tiveram da primeira vez.

– Tem alguma coisa queimando, porra! – repetiu Hardwick, apontando para o monitor.

Gurney alternava seu olhar entre a arma e os olhos enganadoramente calmos do homem que a segurava. O que quer que estivesse acontecendo na tela teria de esperar. Queria que Ashton continuasse falando.

Houve outro movimento no patamar e um homem pequeno, com um casaco de lã marrom, apareceu devagar e silenciosamente na porta do escritório. A mente de Gurney demorou um instante para registrar que era Hobart Ashton.

Gurney manteve o olhar na arma de Scott. Imaginou se o pai dele compreendia alguma coisa daquilo que estava acontecendo. O que ele pretendia fazer, se é que pretendia fazer algo? Por que a aproximação silenciosa? O que ele sabia, ou suspeitava, que o fizera subir cautelosamente a escada e se esconder no patamar? E o mais importante: será que, de onde estava, ele podia ver a arma do filho? Será que ao menos entendia o que ela significava? Quão fora da realidade ele se encontrava? Se o velho criasse, de propósito ou sem querer, alguma distração momentânea, será que isso daria a Gurney a chance de se lançar pela sala e chegar à arma antes que Ashton pudesse usá-la contra ele?

Esses pensamentos desesperados foram interrompidos por um grito súbito de Hardwick:

– Merda! A capela está pegando fogo!

Gurney olhou para a tela ao mesmo tempo que continuava observando, pela visão periférica, onde se encontravam Scott e seu pai. No monitor, o vídeo mostrava, com clareza, que estava saindo fumaça das luminárias presas às paredes da capela. As garotas corriam desordenadamente para longe da área dos bancos, juntando-se no corredor central e na plataforma elevada mais próxima à câmera.

Gurney se levantou num reflexo, seguido por Hardwick.

– Cuidado, detetive – alertou Ashton, passando a arma de novo para a mão direita e a apontando para o peito de Gurney.

– Destranque a porta – ordenou Gurney.

– Agora não.

– Que diabo você acha que está fazendo?

Do monitor veio uma erupção de gritos. Gurney olhou para a tela bem a tempo de ver uma das garotas usar um extintor de incêndio que havia se transformado num lança-chamas, soltando um jato de líquido incandescente por toda a extensão de um dos bancos de madeira. Uma segunda jovem apareceu correndo com outro extintor, que teve o mesmo resultado do primeiro, deixando claro que todos eles tinham sido adulterados. Isso fez Gurney se lembrar de um incêndio criminoso ocorrido no Bronx 20 anos antes: mais tarde fora descoberto que um dos extintores de uma pequena loja de ferramentas fora esvaziado e recarregado com gasolina gelificada, um napalm caseiro.

Agora a capela estava tomada pelo pânico.

– Destranque a porra das portas, seu desgraçado! – gritou Hardwick para Ashton.

O pai de Ashton enfiou a mão no bolso do suéter e tirou algo que tinha a ponta brilhante. Enquanto desdobrava a pequena lâmina de dentro do cabo, Gurney percebeu o que era: um canivete simples, do tipo que um escoteiro usaria. Segurou-o ao lado do corpo e ficou parado, inexpressivo, com o olhar fixo no encosto da cadeira do filho.

Scott estava encarando Gurney.

– Este não é o final que eu tinha planejado, mas é o que sua brilhante interferência exige. É a segunda melhor solução.

– Meu Deus, deixe que elas saiam daquele lugar, seu maníaco do inferno! –berrou Hardwick.

– Eu fiz o melhor que pude – afirmou Ashton calmamente. – Eu tinha esperanças. A cada ano algumas eram beneficiadas pelo tratamento, mas após algum tempo tive de admitir que a maioria continuava na mesma. A maior parte saía daqui tão perigosa quanto no dia em que tinha chegado, pronta para destruir outras vidas.

– Não havia nada que você pudesse fazer com relação a isso – respondeu Gurney.

– Eu também achava que não, até que recebi minha Missão e meu Método. Se as garotas optassem por levar uma vida destrutiva,

ao menos eu seria capaz de limitar seu alcance, diminuir o período em que elas poderiam prejudicar outras pessoas.

Os gritos vindos dos alto-falantes do monitor estavam ficando mais caóticos. Hardwick começou a se mover na direção de Ashton com uma expressão sinistra. Gurney estendeu a mão para contê-lo enquanto Ashton levantava sua arma calmamente, mirando no peito de Hardwick.

– Pelo amor de Deus, Jack – pediu Gurney –, não podemos fazer nada desarmados.

Hardwick parou e sua expressão endureceu.

Gurney deu um sorriso de admiração para Ashton.

– E o "acordo de cavalheiros"?

– Ah, o Sr. Ballston andou abrindo o bico.

– Ele falou sobre a Karnala, e eu gostaria de saber mais.

– Você já sabe muito.

– Conte o resto.

– É uma história simples, detetive. Eu venho de uma *família disfuncional*. – Deu um riso medonho, transmitindo os pesadelos contidos nessa expressão psicológica que era a mais batida de todas. Seus lábios foram tomados por tiques nervosos. – Finalmente, fui adotado por outros pais e recebi uma formação. Fui atraído por um certo tipo de trabalho e, na maior parte das vezes, fracassei: minhas pacientes continuaram a estuprar crianças. Eu não sabia o que fazer; até que me ocorreu que minhas conexões com minha família biológica proporcionavam um modo de juntar as piores garotas do mundo com os piores homens do mundo. – Ele riu de novo. – Reparação condigna, uma solução perfeita. – O riso sumiu. – Com sua inteligência fora do comum, Jillian descobriu um pouquinho mais do que deveria, ouviu parte de um telefonema que não deveria ter ouvido, ficou curiosa e se tornou uma possível ameaça para todo o processo. Claro, ela jamais captou a história inteira, mas imaginou que poderia aproveitar seu pouco conhecimento para obter alguma vantagem pessoal. Sua primeira exigência foi o casamento. Eu sabia que não seria a última, então tratei a situação de um modo que achei particularmente satisfatório. *Condignamente* satisfatório. Por um tempo tudo correu bem. Então você apareceu. – Ele apontou a pistola para o rosto de Gurney.

Na tela, o fogo já havia lambido dois bancos, assim como algumas cortinas, e as chamas subiam de metade das luminárias. A maioria das jovens estava no chão, algumas cobrindo o rosto, outras tentando respirar através de pedaços de tecido rasgados das próprias roupas. Elas choravam, tossiam, vomitavam.

Hardwick parecia à beira de explodir.

– Então você apareceu – repetiu Ashton. – O inteligentíssimo David Gurney. E este é o resultado. – Ele balançou a arma na direção do monitor. – Por que sua inteligência não lhe disse que era assim que terminaria? De que outro modo *poderia* terminar? Você achava mesmo que eu deixaria que elas escapassem? Você é tão idiota assim?

Hobart Ashton deu alguns passos em direção ao encosto da cadeira do filho.

– Essa é a sua solução, Ashton? – gritou Hardwick. – É isso, seu maluco desgraçado? Queimar 120 adolescentes até a morte? *Essa é a porra da sua solução?*

– Éééé, sim! – Agora a voz de Ashton estava ficando mais alta, fora de controle, vociferando selvagemente contra Gurney e Hardwick. – Vocês acharam que eu soltaria um ninho de cobras em cima de todos os bebezinhos do mundo? Essas coisas tóxicas, essas coisas nojentas, venenosas? Essas coisas dementes, podres, sugadoras, gosmentas? Essas serpen...

Aconteceu tão depressa que Gurney quase não viu. De repente houve o clarão súbito de um braço girando de trás da cadeira, um rápido movimento em curva, e a ladainha de Ashton foi interrompida no meio de uma palavra. Então o velho avançou rápido e com vigor para o lado da cadeira, agarrou o cano da arma de Ashton e a puxou bruscamente para longe, causando o estalo agudo e perturbador de um dedo. A cabeça de Ashton tombou sobre o peito e seu corpo começou a se inclinar para a frente, desmoronando no chão de lado, em posição fetal. Foi então que o sangue começou a se empoçar ao redor de seu pescoço, deixando claro o que tinha acontecido.

Hardwick ficou atônito.

O homenzinho de casaco de lã marrom limpou o canivete no encosto da cadeira em que Ashton estivera sentado, dobrou-o

habilmente com uma das mãos e o recolocou no bolso.

Então olhou para Ashton e, como se abençoasse a alma do filho que partia, disse baixinho:

– Você é um desgraçado.

Capítulo 78

Tudo o que lhe restava

A imensa repulsa que Gurney sentia pela violência quando era um policial novato, especialmente em relação ao sangue de um ferimento fatal, tinha sido algo que ele aprendera a conter durante os 20 anos em que trabalhara com homicídios. Quando necessário, era capaz de disfarçar seu horror absoluto com bastante eficácia, aparentando no máximo uma mera aversão. Foi o que fez neste momento.

Ao comentar o sangue que se espalhava pelo delicado tapete persa, disse de forma casual:

– Que sujeira horrível.

Hardwick estava pasmo. Olhou primeiro para Gurney, depois para o corpo no chão e em seguida para o tumulto generalizado na tela. Encarou o pai de Ashton, sem compreender.

– As portas. Por que não destranca a porra das portas?

Gurney e o velho se olharam com uma ausência lúgubre de qualquer forma de preocupação. No passado, a habilidade de aparentar serenidade fora bastante vantajosa a Gurney em situações difíceis, mas esse não parecia ser o caso agora. O velho irradiava uma confiança calma e brutal. Era como se ter matado Ashton tivesse lhe trazido uma paz e uma força profundas, como se um desequilíbrio houvesse enfim sido corrigido.

Aquele não era o tipo de homem que desviaria o olhar primeiro. Gurney decidiu aumentar a aposta e mudar as regras. E sabia que precisava ser ágil para que alguém saísse vivo daquele prédio. Era hora de dar um golpe louco.

– Isso me lembra Tel Aviv – disse, fazendo um gesto na direção da tela.

O velho Ashton piscou e esticou os lábios num sorriso sem sentido.

Gurney sentiu que estava no caminho certo, mas o que faria agora?

Hardwick olhava para eles com uma fúria perplexa.

Gurney continuou a se concentrar no homem que estava com a arma.

– Uma pena o senhor não ter chegado um pouquinho mais cedo.

– O quê?

– Uma pena o senhor não ter chegado mais cedo. Há cinco meses, por exemplo, em vez de três.

O homenzinho pareceu honestamente curioso.

– Como assim?

– O senhor poderia ter impedido aquela maluquice com Jillian.

– Ah. – Ele assentiu devagar, de uma forma quase agradecida.

– Claro, se o senhor tivesse intervindo antes, quando deveria, tudo estaria diferente agora. Acho que estaria melhor, concorda?

O homem continuou a assentir, mas de modo vago, sem qualquer significado aparente. Em seguida, franziu a testa.

– Não sei do que você está falando.

Gurney pensou, temeroso, que poderia estar no caminho errado. Mas não havia para onde ir a não ser para a frente, não restava tempo para pensar duas vezes. Então o jeito era ir com tudo.

– Talvez o senhor devesse tê-lo matado há muito tempo. Talvez devesse tê-lo estrangulado quando ele nasceu, antes que Tirana cravasse os dentes nele. O merdinha sempre foi doido como a mãe, não era um empresário como o senhor.

Gurney examinou o rosto do sujeito procurando qualquer reação, mas a expressão dele não dizia nada. Assim, de novo não havia para onde ir a não ser para a frente.

– Foi por isso que o senhor apareceu aqui depois do drama de Jillian, certo? Leonardo matá-la era uma coisa, poderia ser bom para os negócios, mas cortar a porra da cabeça dela no casamento foi mais do que cuidar de negócios. Imagino que o senhor tenha vindo para ficar de olho na situação, para garantir que as coisas

fossem feitas de modo mais... empresarial. O senhor não queria que o merdinha maluco fodesse com tudo. Mas justiça seja feita: Leonardo tinha alguns pontos fortes. Era inteligente, criativo... Certo?

Ainda não havia reação além de um olhar vazio.

Gurney continuou:

– O senhor tem de admitir que a ideia de criar o Hector foi muito boa. Era o bode expiatório perfeito para o caso de alguém perceber que todas aquelas ex-alunas da Mapleshade estavam fora de circulação. Assim, o mítico Hector entrou em cena logo antes que as garotas começassem a desaparecer. Isso mostra que Leonardo pensava adiante, tinha iniciativa e uma boa capacidade de planejamento. Mas isso tinha um preço. Ele era maluco demais, não era? Por isso, finalmente o senhor teve de tomar uma atitude para administrar a crise. – Gurney balançou a cabeça, olhando cheio de consternação para a enorme mancha de sangue no tapete entre eles. – Não adiantou muito, Giotto. Foi tarde demais.

– De que diabo você me chamou?

Gurney encarou o sujeito por um longo momento antes de responder:

– Não me faça perder o meu tempo. Tenho um trato para você. Você tem cinco minutos para pegar ou largar. – Ele pensou ter visto uma ínfima mudança de atitude, talvez por um quarto de segundo.

– De que diabo você me chamou?

– Entenda de uma vez por todas, Giotto: acabou. Os Skard estão ferrados. Os Skard estão ferrados, porra. Sacou? O relógio está correndo. O trato é o seguinte: você me dá o nome e o endereço de todos os clientes da Karnala, todos os malucos tipo Jordan Ballston com quem vocês fazem negócios. Quero saber principalmente onde as garotas desaparecidas da Mapleshade ainda vivas estão sendo mantidas. Você me dá tudo isso e eu lhe dou a garantia de que você vai sobreviver ao processo da prisão.

O homenzinho deu uma gargalhada cruel.

– Você tem colhões, Gurney. Você está na porra do negócio errado.

– É, eu sei. Você tem quatro minutos e meio. O tempo voa, Giotto. Se não me der os endereços que eu quero, o que vai

acontecer é o seguinte: vai haver uma tentativa cuidadosa de prender você seguindo o manual. Mas você vai tentar fugir, feito um idiota. Ao fazer isso, vai colocar a vida de um policial em perigo e vai ser preciso atirar em você. Você vai levar dois tiros. A primeira bala, uma nove milímetros de ponta oca, vai arrebentar o seu saco. A segunda vai partir sua medula espinhal entre a primeira e a segunda vértebras cervicais, resultando em uma paralisia irreversível e fazendo você vegetar em uma cadeira de rodas num hospital penitenciário pelo resto da porra da sua vida, com seus colegas presidiários mijando na sua cara sempre que sentirem vontade. Então, entendeu o trato?

Ele gargalhou mais uma vez, um som que faria o riso áspero e maligno de Hardwick parecer agradável.

– Sabe por que você ainda está vivo, Gurney? Porque mal posso esperar para ouvir qual é a próxima merda que você vai falar.

Gurney olhou para seu relógio.

– Faltam três minutos e 20 segundos.

Agora não vinham mais vozes do monitor, apenas gemidos, tosses, gritinhos agudos e choro.

– Que porra é essa? – perguntou Hardwick. – Meu Deus, que porra é essa?

Gurney olhou para a tela, ouviu os sons dignos de pena, virou-se para Hardwick e falou com clareza e tranquilidade deliberadas:

– Caso eu me esqueça, procure o controle remoto no bolso de Ashton. Para abrir as portas.

Hardwick olhou para ele de uma forma esquisita, parecendo tentar registrar o que ele tinha dito.

– O tempo está acabando – acrescentou Gurney, virando-se para Giotto Skard.

O velho riu de novo. Era impossível blefar com ele. Não haveria acordo.

O rosto de uma garota, meio obscurecido por uma mecha de cabelos louros, apareceu no monitor cheio de medo e fúria, distorcido pela proximidade com a câmera.

– Seu escroto! – gritou ela, com a voz embargada. – Seu escroto! Seu escroto! Seu escroto! – E começou a tossir violentamente, chiando e pigarreando.

O cadavérico Dr. Lazarus apareceu atrás de um banco virado, arrastando-se como um gigantesco besouro preto pelo chão coberto de fumaça.

Giotto Skard estava olhando para a tela. Parecia achar aquilo divertido.

Gurney concluiu que essa pequena distração seria o máximo que ele conseguiria. Esta última chance era tudo o que lhe restava.

Não havia ninguém para culpar. Ninguém para salvá-lo. Suas decisões o haviam levado àquele lugar, que era o mais perigoso em que já estivera em toda a sua vida. Aquele lugar estreito, oscilando à beira do inferno.

Portão do Paraíso.

Só havia uma coisa que poderia fazer.

Esperava que bastasse.

Se não fosse suficiente, esperava que um dia Madeleine pudesse perdoá-lo.

Capítulo 79

A última bala

Na Academia de Polícia, não havia um curso que preparasse a pessoa adequadamente para levar um tiro. Ouvir a descrição dos que haviam passado pela situação dava alguma ideia do que era, e vê-la acontecer acrescentava a essa ideia uma certa dimensão perturbadora, mas, como na maioria das experiências poderosas, a realidade era muito diferente da imaginação.

Seu plano, concebido em um ou dois segundos, era bastante simples, como pular pela janela. A ideia era se lançar diretamente contra o homem armado que estava a cerca de 4 metros dele, perto da cadeira vazia de Ashton e junto à porta aberta. Gurney esperava acertá-lo com força suficiente para jogá-lo para trás pela porta. O ímpeto levaria os dois para o pequeno patamar e pela escada abaixo. O preço era levar um tiro, provavelmente mais de um.

Enquanto Giotto Skard observava a loura gritando “Escroto!”, Gurney lançou-se contra ele com um rugido gutural, colocando um braço sobre a área do coração e o outro sobre a testa. A pistola calibre 25 de Skard não teria um grande poder para fazê-lo parar, a não ser que acertasse alguma dessas duas áreas, e Gurney estava resignado a absorver qualquer dano necessário que acontecesse em qualquer outro local.

Era loucura, provavelmente uma ação suicida, mas ele não via alternativa.

O estrondo ensurdecedor do primeiro tiro na sala pequena veio quase de imediato. Com um impacto chocante, a bala despedaçou o pulso direito de Gurney, apertado contra o lado do coração.

O segundo tiro foi um espeto de fogo atravessando seu estômago.

O terceiro foi o pior de todos.

Nem aqui nem ali.

Uma explosão de eletricidade. Uma fagulha verde ofuscante parecendo uma estrela em explosão. Grito. Um grito de terror e choque, grito crescendo até o ponto da fúria. A luz é o grito, o grito é a luz.

Não há nada. E há alguma coisa. A princípio é difícil distinguir.

Uma vastidão branca. Podia não ser nada. Podia ser um teto.

Em algum lugar abaixo da vastidão branca, em algum lugar acima dele, um gancho preto. Um pequeno gancho preto estendendo-se como um dedo que chama. Um gesto de vasto significado. Vasto demais para ser colocado em palavras. Agora tudo é vasto demais para as palavras. Ele não consegue pensar em nenhuma, absolutamente nenhuma. Esquece o que as palavras são. Pequenos objetos instáveis. Insetos de plástico preto. Desenhos. Pedaços de alguma coisa. Sopa de letrinhas.

Do gancho pende um saco transparente incolor. O saco está inchado com um líquido transparente incolor. Do saco desce um tubo transparente em sua direção. Como o tanque de gasolina de um avião de brinquedo no parque. Ele sente o cheiro de combustível do avião de brinquedo. Observa enquanto o peteleco hábil e treinado na hélice faz o motorzinho se ligar, tossindo. O volume e o tom do ruído aumentam, o motor grita, o grito cresce até um berro constante. Voltando do parque para casa, seguido pelo pai, pelo pai taciturno, ele cai numa pilha de pedras. Seu joelho está cortado e sangrando. O sangue escorre pela canela até a meia. Ele não chora. Seu pai parece feliz, parece orgulhoso, e mais tarde conta à mãe sobre seu grande feito. É uma coisa rara o pai olhá-lo com orgulho. A mãe diz: “Pelo amor de Deus, ele só tem 4 anos, tem o direito de chorar.” Seu pai não diz nada.

Ele se vê dirigindo seu carro. Uma estrada familiar nas Catskills. Um cervo cruzando à frente, uma corça atravessando para o outro lado.

E então o filhote vindo atrás dela, inesperadamente. A pancada. A imagem do corpo retorcido, a mãe olhando para trás, esperando no campo.

Danny caído no meio-fio, o BMW vermelho partindo a toda a velocidade. O pombo que o menino seguia para a rua voando para longe. Ele tinha apenas 4 anos.

Música de Nino Rota. Penetrante, irônica, vertiginosa. Como um circo triste. Sonya Reynolds dançando lentamente. As folhas de outono caindo.

Vozes.

– Ele pode ouvir agora?

– Talvez. A tomografia cerebral de ontem mostrou atividade significativa em todos os centros sensoriais.

– Significativa? Mas...?

– Os padrões continuam irregulares.

– O que isso quer dizer?

– O cérebro dele mostra evidências de funções normais, mas intermitentes, e há algumas evidências de alteração sensorial, que pode ser temporária. É um pouco parecido com algumas experiências com drogas, alucinógenos, quando se ouvem sons e se veem cores.

– E o prognóstico para isso é...?

– Sra. Gurney, quando há ferimentos traumáticos no cérebro...

– Eu sei que o senhor não *sabe*. Mas o que *acha*?

– Eu não ficaria surpreso se ele se recuperasse por completo. Já vi casos em que uma remissão súbita espontânea...

– E o senhor não ficaria surpreso se ele não se recuperasse também?

– Seu marido levou um tiro na cabeça. É notável que esteja vivo.

– É. Obrigada. Entendo. Ele pode melhorar. Ou pode piorar. E o senhor não tem a mínima ideia, não é?

– Estamos fazendo o melhor possível. Quando o inchaço cerebral diminuir, a situação pode ficar mais clara.

– Tem certeza que ele não está sentindo dor?

– Tenho certeza.

Céu.

Calor e frescor banhavam-no como o vaivém de uma onda ou uma brisa inconstante de verão.

Agora o frescor tinha o cheiro da grama úmida e o calor tinha o aroma sutil de tulipas ao sol.

O frescor era o do lençol e o calor era o de vozes femininas.

Calor e frescor combinados na pressão suave dos lábios em sua testa. Uma doçura e uma suavidade maravilhosas.

Julgamento.

Tribunal da Cidade de Nova York. Uma sala de tribunal de merda, sem graça, sem cor. O juiz é uma caricatura de exaustão, cinismo e audição ruim.

– Detetive Gurney, as acusações são abundantes. O senhor se declara culpado ou inocente?

Ele não consegue falar, não consegue reagir, não consegue nem se mexer.

– O réu está presente?

– Não! – grita um coro de vozes em uníssono.

Um pombo alça voo do chão, desaparece no ar enfumaçado.

Ele quer, tenta falar, provar que está ali, mas não consegue, não consegue pronunciar uma palavra ou mexer um dedo. Esforça-se para produzir ao menos uma sílaba, até mesmo um grito engasgado saindo da garganta.

A sala está pegando fogo. A toga do juiz está em chamas. Ele anuncia, ofegante:

– O réu será reenviado, por um período indefinalido, ao lugar onde está, que será reduzido em tamanho, até que o réu esteja morto ou insano.

Inferno.

Ele está de pé num quarto sem janelas, um quarto apertado com ar rançoso e a cama desfeita. Procura a porta, mas a única que existe dá para um armário com apenas alguns centímetros de profundidade, cujo fundo é uma parede de concreto. Ele está com dificuldade para respirar. Bate nas paredes, mas isso não produz nenhum som; é um clarão de fogo e fumaça. Então, junto à cama, vê uma fenda na parede e, na fenda, um par de olhos vigiando-o.

Então ele está no lugar atrás da parede, o espaço de onde os olhos o vigiavam, mas a fenda sumiu e o espaço é totalmente escuro. Ele tenta se acalmar. Tenta respirar devagar, com tranquilidade. Tenta se mover, mas o espaço é pequeno demais. Ele não consegue levantar os braços, não consegue dobrar os joelhos. E cai de lado, chocando-se com o chão, mas o choque não é um choque, é um grito. Ele não consegue mexer o braço embaixo do corpo, não consegue se levantar. O espaço é mais estreito ali, nada vai se mover. Um terror acelerado torna quase impossível respirar. Se ao menos pudesse produzir algum som, falar, dar um grito!

A distância os coiotes começam a uivar.

Vida.

– Tem certeza que ele pode me ouvir? – A voz dela era pura esperança.

– O que posso dizer com certeza é que o padrão de atividade que estou vendo na tomografia é coerente com a atividade neural da audição. – A voz dele era fria como gelo.

– É possível que ele esteja paralisado? – A voz dela estava na borda da escuridão.

– O centro motor não foi diretamente afetado, pelo que podemos ver. Mas com ferimentos desse tipo...

– É, eu sei.

– Certo, Sra. Gurney. Vou deixá-la com ele.

– David – disse ela baixinho.

Ele ainda não podia se mexer, mas o pânico estava se evaporando, de algum modo diluído e dispersado pelo som da voz da mulher. O recinto que o mantinha, o que quer que fosse, não o esmagava mais.

Ele conhecia a voz da mulher.

Com a voz veio a imagem do rosto.

Abriu os olhos. A princípio não viu nada além de luz.

Então a viu.

Ela estava olhando para ele, sorrindo.

Ele tentou se mexer, mas nada se moveu.

– Você está engessado – informou ela. – Relaxe.

De repente ele se lembrou da corrida louca pela sala em direção a Giotto Skard, o primeiro tiro ensurdecedor.

– Jack está bem? – perguntou em um sussurro, com a voz rouca.

– Está.

– Você está bem?

– Estou.

Lágrimas encheram os olhos dele, turvando o rosto dela.

Depois de um tempo sua memória se expandiu para trás.

– O incêndio...?

– Todo mundo escapou.

– Ah. Bom. Bom. Jack encontrou o...? – Ele não conseguia se lembrar da palavra.

– O negócio da tranca por controle remoto, encontrou. Você disse que ele procurasse no bolso de Ashton. – Ela deu um risinho estranho, um som engasgado, soluçante.

– O que foi isso?

– Só acabou de me passar pela cabeça que “Procure o controle remoto no bolso de Ashton” poderiam ter sido suas últimas palavras.

Ele começou a rir, mas gritou imediatamente por causa da dor no peito, depois começou a rir de novo e gritou outra vez.

– Ah, meu Deus, não, não, não me faça rir. – Lágrimas escorriam pelas suas bochechas. O peito doía pavorosamente. Ele

estava ficando exausto.

Ela se inclinou e enxugou seus olhos com um lenço de papel amarrotado.

– E Skard? – perguntou ele, agora com a voz praticamente inaudível.

– Giotto? Você o arrebentou inteiro. Tanto quanto ele arrebentou você.

– A escada?

– Ah, sim. Provavelmente foi a primeira vez que o sujeito foi jogado por uma escada por um homem em quem já havia dado três tiros.

Havia tanta coisa na voz dela, tantas emoções competindo entre si, mas Gurney detectou nessa intensa mistura um elemento de orgulho inocente. Isso o fez rir. As lágrimas voltaram.

– Agora descanse – disse ela. – As pessoas vão fazer fila para falar com você.

Hardwick já contou a todos no Bureau de Investigação Criminal tudo o que aconteceu, tudo o que você descobriu sobre quem era quem e o que era o que, como você foi um herói incrível e quantas vidas você salvou, mas eles estão ansiosos para ouvir tudo de você, pessoalmente.

Durante algum tempo ele não disse nada, tentando alcançar o máximo que a memória permitia.

– Quando você falou com eles?

– Hoje faz exatamente duas semanas. Falei com eles no dia em que tudo aconteceu, no dia em que eu voltei de Nova Jérsei.

– Meu Deus. Quer dizer...?

– Você andou meio apagado. – Ela fez uma pausa, os olhos se enchendo subitamente de lágrimas, a respiração trêmula e ofegante. – Quase perdi você – disse ela enquanto algo louco e desesperado passava por seu rosto, algo que ele nunca tinha visto.

Capítulo 80

A luz do mundo

– Ele está dormindo?

– Não, só cochilando. Está meio atordoado por causa do analgésico que puseram no soro para diminuir a dor. Se você falar, ele vai ouvir.

Era verdade. Gurney riu da verdade contida naquilo. Mas a droga fazia mais do que reduzir a dor. Ela a apagava numa onda de... de quê? Uma onda de... tudo bem. Ele sorriu daquele tudo bem.

– Não quero incomodá-lo.

– Só diga o que tiver para dizer. Ele vai ouvir perfeitamente e isso não vai incomodá-lo.

Ele conhecia as vozes: Val Perry e Madeleine. Vozes lindas.

A voz linda de Val Perry:

– David? Vim agradecer. – Houve um longo silêncio. O silêncio de um veleiro distante cruzando um horizonte azul. – Acho que é só isso que eu tenho para dizer. Estou deixando um envelope para você. Espero que seja suficiente. É 10 vezes a quantia que nós combinamos. Se não bastar, é só dizer. – Outro silêncio. Um pequeno suspiro. O suspiro de uma brisa sobre um campo de papoulas cor de abóbora. – Obrigada.

Ele não sabia onde seu corpo terminava e a cama começava. Não sabia nem se estava respirando.

Então acordou e olhou para Madeleine.

– É o Jack – estava dizendo ela. – Jack Hardwick, do Bureau de Investigação Criminal. Você pode falar com ele? Ou devo dizer para voltar amanhã?

Gurney olhou para além dela para a figura junto à porta e viu o cabelo grisalho cortado à escovinha e os olhos de um azul límpido, olhos de husky siberiano.

– Pode ser agora. – Algo na necessidade de se explicar com Hardwick, de se concentrar, começou a clarear seu processo mental.

Madeleine assentiu e deu um passo para o lado enquanto Hardwick vinha até a cama.

– Vou lá embaixo tomar um pouco de café horrível – disse ela. – Volto daqui a pouco.

– Sabe – começou Hardwick com sua voz rouca assim que ela saiu do quarto, levantando uma das mãos coberta por uma bandagem –, uma daquelas malditas balas atravessou você direto e me acertou.

Gurney olhou para a mão e não viu nada de mais. Lembrou-se de como Marian Eliot havia se referido a Hardwick: *um rinoceronte inteligente*. Começou a rir. Aparentemente a dose de analgésico no soro fora reduzida o suficiente para o ato de rir ser doloroso.

– Tem alguma notícia que poderia me interessar?

– Você é frio, Gurney, muito frio. – Hardwick balançou a cabeça em uma mágoa fingida. – Sabe que você partiu a coluna de Giotto Skard?

– Quando o empurrei pela escada?

– Você não o *empurrou* pela escada. Você *cavalgou* o sujeito escada abaixo, como se ele fosse uma porra de um trenó. O resultado foi que ele acabou na tal cadeira de rodas com que você o tinha ameaçado. E acho que então ele começou a pensar naquela outra coisinha desagradável que você mencionou: a possibilidade de os colegas presidiários mijarem na cara dele sempre que quisessem. Então, resumindo, ele fez um acordo com o promotor para prisão perpétua sem direito a condicional, com a condição de ficar em cela separada, por ordens médicas.

– Que tipo de acordo?

– Ele nos deu os endereços dos clientes especiais da Karnala. Os que gostavam de ir até o fim.

– E?

– E algumas garotas que achamos nesses lugares... ainda estavam vivas.

– Esse foi o acordo?

– Ele também tinha que entregar o resto da organização. Imediatamente.

– Ele entregou os outros dois filhos?

– Sem pensar duas vezes. Giotto Skard não é um homem sentimental.

Gurney sorriu daquele eufemismo.

Hardwick prosseguiu:

– Mas tenho uma pergunta para você. Sendo tão... prático como ele é com relação aos negócios, e dada a loucura de Leonardo, por que Giotto não acabou com ele na primeira vez em que ouviu sobre aqueles estranhos pedidos de decapitação que o filho fazia nas transações com os clientes da Karnala?

– Fácil. Ele não queria matar a galinha dos ovos de ouro. Ashton era importante em seu campo, dando as cartas na Mapleshade. Se Giotto o matasse, a escola poderia fechar, cortando o suprimento de jovens doentias. – Os olhos de Gurney se fecharam por um momento. – Não era algo que Giotto iria querer que acontecesse.

– Então por que matá-lo no fim?

– Porque, como tudo estava sendo descoberto, não existiriam mais... ovos de ouro – explicou Gurney, meio ofegante.

– Você está bem, figurão? Está parecendo meio tonto.

– Nunca me senti melhor. Sem os ovos de ouro, a galinha maluca se tornou um risco grande demais. Era uma questão de risco e recompensa. Na capela, Giotto enfim viu que Leonardo era apenas um risco, sem recompensa. O benefício de matá-lo era maior do que o de mantê-lo vivo.

Hardwick emitiu um grunhido pensativo.

– É um maluco muito prático.

– É. – Depois de um longo silêncio, Gurney perguntou: – Giotto entregou mais alguém?

– Saul Steck. Nós fomos à casa de arenito, em Manhattan, com um pessoal do Departamento de Polícia de Nova York e encontramos o cara lá. Infelizmente ele se matou com um tiro antes

que a gente colocasse as mãos nele. Aliás, uma coisa interessante com relação ao Steck: lembra que eu falei que há anos, depois que foi preso, ele passou um tempo num hospital psiquiátrico por causa de várias acusações de estupro? Adivinhe quem era o psiquiatra que dava consultoria no programa de reabilitação para criminosos sexuais do hospital.

– Ashton?

– O próprio. Acho que ele passou a conhecer Saul muito bem e decidiu que ele tinha potencial suficiente para ser uma exceção à regra dos Skard de só trabalhar com gente da família. Pensando bem, o sujeito era um excelente avaliador de caráter, capaz de identificar um psicopata a quilômetros de distância.

– Vocês descobriram quem eram as "filhas" de Saul?

– Talvez novas ex-alunas da Mapleshade fazendo estágio. Quem sabe? Quando chegamos lá, elas não estavam e eu ficaria muito surpreso se reaparecessem.

Isso pareceu dar a Gurney uma espécie de tranquilidade, mas, mesmo em sua suave névoa de analgésico, não o acalmou por completo. A sensação criou um silêncio incômodo. Enfim Gurney perguntou:

– Vocês encontraram alguma coisa interessante na casa?

– Interessante? Ah, sim, sem dúvida. Um monte de vídeos interessantes. Jovens damas descrevendo em detalhes suas atividades prediletas, merdas *muito* doentias.

Gurney assentiu.

– Mais alguma coisa?

Hardwick levantou os braços, dando de ombros de uma forma exagerada.

– Talvez. Quem sabe? A gente se esforça ao máximo para encontrar tudo, mas às vezes algumas coisas desaparecem. Nunca entram no inventário. São destruídas acidentalmente. Você sabe como é.

Durante alguns segundos nenhum dos dois disse nada.

Hardwick ficou pensativo, depois pareceu achar algo divertido.

– Sabe, Gurney, você tem a cabeça mais fodida do que a maioria das pessoas imagina.

– Não temos todos?

– É ruim, hein! A minha, por exemplo, parece totalmente fodida, mas por dentro é uma rocha. Uma máquina perfeitamente afinalada e equilibrada.

– Se a sua cabeça é equilibrada... – Em geral Gurney terminaria a frase com uma réplica inteligente, mas o analgésico interferiu e sua voz simplesmente ficou no ar.

Os dois se encararam por mais um instante e então Hardwick deu um passo em direção à porta.

– Bom, vejo você por aí, certo?

– Claro.

Ele começou a sair, depois voltou por um momento.

– Relaxe, Sherlock. Está tudo numa boa.

– Obrigado, Jack.

Algum tempo depois de Hardwick ter saído, Madeleine retornou ao quarto com um pequeno copo de café. Franzindo o nariz para o líquido, colocou o recipiente numa mesa de metal no canto.

Gurney sorriu.

– Não está bom?

Ela não respondeu. Em vez disso, foi até o lado da cama e segurou as duas mãos dele, apertando-as com força.

Ficou parada ali, desse jeito, por um longo tempo.

Poderia ter sido um minuto ou uma hora, ele não tinha certeza.

Só tinha certeza do sorriso firme, compreensivo, amoroso: o sorriso que só ela tinha.

O sorriso o envolveu, o aqueceu e o encantou mais do que qualquer coisa no mundo.

Ficou pasmo ao pensar que alguém que enxergava tudo com tanta clareza, que tinha toda a luz do Universo nos olhos, visse nele algo digno daquele sorriso.

Era um sorriso capaz de fazer a gente acreditar que a vida era boa.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

Para Naomi

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Você está sendo vigiado

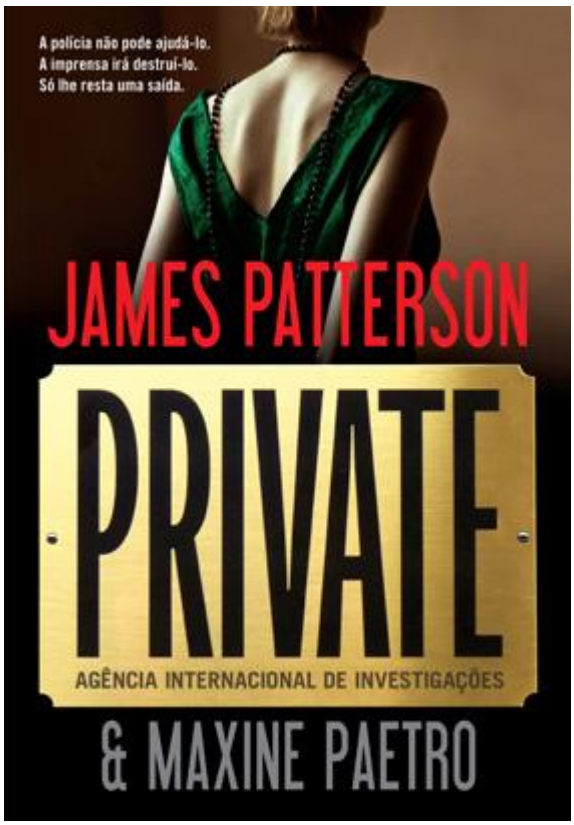
GREGG HURWITZ

Patrick Davis tinha um sonho: ver seu nome nos créditos de um filme. Mas não imaginava o preço que teria de pagar por isso. Logo depois de vender seu primeiro roteiro a um estúdio, sua vida entra em colapso. Ele não consegue se firmar como roteirista de Hollywood e, para piorar, seu casamento mergulha numa crise.

Misteriosamente, Patrick passa a receber DVDs com gravações dele e da esposa dentro de casa. Após descobrir câmeras escondidas, o casal procura a polícia. Dias depois começam as ligações e os e-mails anônimos propondo um acordo para que tudo volte ao normal. Desesperado, ele não hesita em aceitar a oferta.

Mas sua decisão se revela um erro. Logo ele se vê envolvido numa rede de intrigas que pode custar sua vida e a das pessoas que ama. Cada vez mais acuado, Patrick percebe que só há uma saída: superar seus inimigos ocultos no próprio jogo deles.

Eletrizante da primeira à última página, *Você está sendo vigiado* foi um enorme sucesso de crítica nos Estados Unidos, fazendo com que Gregg Hurwitz fosse apontado como uma das revelações do suspense, comparado a grandes mestres do gênero, como Harlan Coben.



Private

JAMES PATTERSON E MAXINE PAETRO

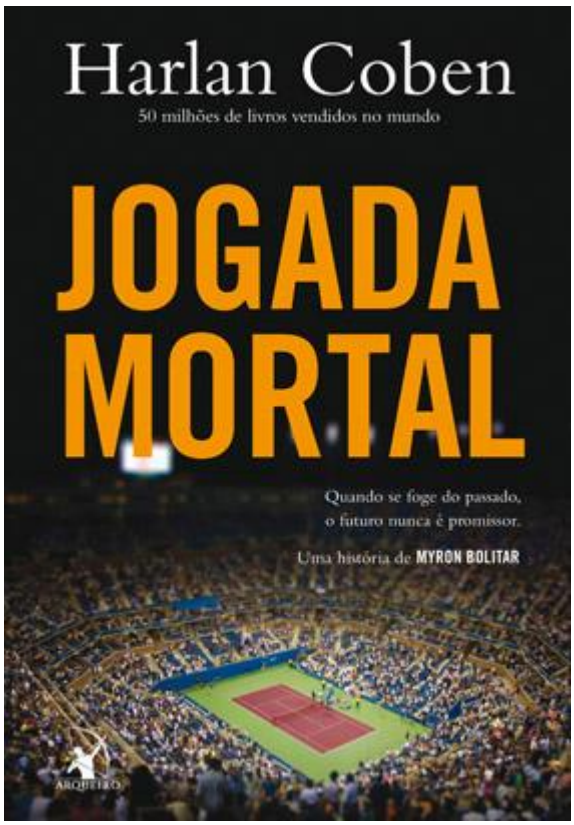
Anos após seu pai ter abandonado o negócio, Jack Morgan assumiu a Private. Sob sua direção, a empresa de Los Angeles se expandiu, abrindo filiais em Nova York, Londres e Paris.

Além de Jack, a agência reúne um seleto time de investigadores: a psiquiatra Justine Smith, o impulsivo ex-fuzileiro naval Rick Del Rio, o charmoso Emilio Cruz e os gênios do laboratório Dr. Sci e Mo-bot.

A equipe – Justine em especial – está completamente dedicada a pegar um criminoso que há dois anos vem matando colegiais a intervalos regulares. Às voltas com esse caso intrigante, a agência também é contratada para investigar possíveis manipulações nos resultados dos jogos da NFL – a liga profissional de futebol americano – e para encontrar o assassino da esposa do melhor amigo de Jack.

Juntos, esses três casos quase levarão Jack ao limite de sua energia.

Com um ritmo alucinante, *Private* é um dos livros mais envolventes de James Patterson.



Jogada mortal

HARLAN COBEN

Aos 16 anos, Valerie Simpson já era finalista do Aberto de Tênis da França. Depois de brilhar nos circuitos internacionais do esporte, de repente tudo mudou. A jovem ficou reclusa e deixou de lado as competições de alto nível.

Seis anos depois, ela está disposta a retomar a carreira e procura Myron Bolitar para ser seu agente. Para ele – que já agencia Duane Richwood, cotado para vencer seu primeiro Grand Slam –, essa é uma ótima oportunidade. Mas seus planos têm fim quando Valerie é morta e Duane se torna o principal suspeito do assassinato.

Apesar de o rapaz estar em quadra na hora do crime, algo parece não se encaixar na história que conta à polícia. Ele garante não conhecer Valerie, mas seu número de telefone estava na agenda da jovem.

Insatisfeito com o rumo das investigações policiais, Myron sai em busca da verdade. E descobre que, além de prováveis ligações que a moça fez para Duane de um telefone público, há um passado de dor e mentiras que talvez leve ao verdadeiro motivo do crime.

Agora, com a ajuda do excêntrico Windsor Horne Lockwood III e da ex-profissional de luta livre Esperanza Diaz, Myron enfrentará inimigos poderosos que tentam a todo custo impedir que a verdade venha à tona.



Toda a verdade
DAVID BALDACCI

Shaw trabalha para uma agência secreta de inteligência e sua vida se resume a viajar pelo mundo à caça de bandidos perigosos. Abandonado ainda bebê, sem laços afetivos e nem mesmo um nome próprio, ele nunca se importou com o fato de não saber se chegaria vivo ao fim do dia. Até agora.

Envolvido com a alemã Anna Fischer, especialista em assuntos internacionais que trabalha para o Phoenix Group, em Londres, tudo o que Shaw quer é deixar essa vida para trás e se estabelecer tranquilamente ao lado da mulher que ama. Mas seus planos estão prestes a ser frustrados.

Ao ver seus lucros diminuírem a cada mês, Nicholas Creel, dono da maior fornecedora de armamento militar do mundo, decide que é hora de provocar uma guerra. Para isso, contrata um especialista em manipular fatos e “criar a verdade”. Juntos, eles

lançam uma campanha de difamação contra o governo russo, cujos efeitos são bombásticos.

Quando todos os outros países já estão preocupados com a nova Ameaça Vermelha, um sangrento ataque ao prédio do Phoenix Group aumenta ainda mais a tensão mundial.

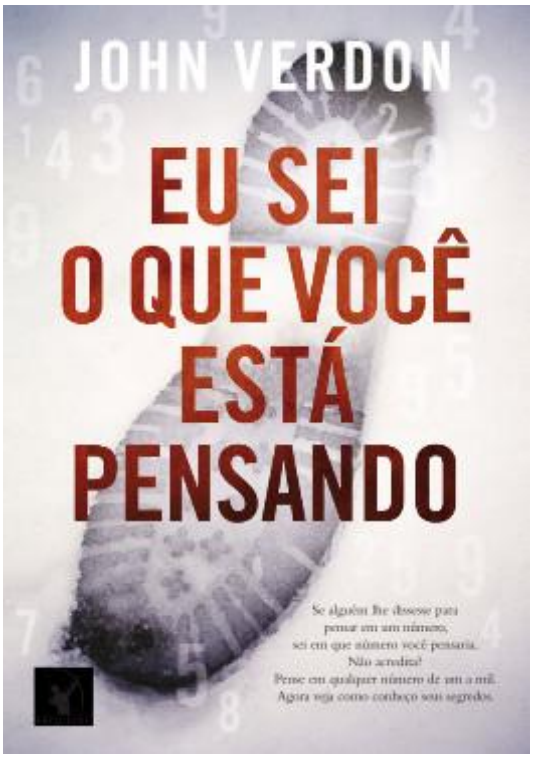
Em meio a tudo isso, Katie James, uma jornalista premiada que caiu em desgraça por causa do alcoolismo, tem acesso ao único sobrevivente do Massacre de Londres que pode lhe dar o furo capaz de mudar sua vida.

Enquanto as peças desse quebra-cabeça se juntam, Shaw parece ter pouco tempo para desarticular essa rede de intrigas e impedir que tenha início um conflito capaz de acabar com o mundo como o conhecemos.

Primeira parte

O jardineiro mexicano

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



Eu sei o que você está pensando

JOHN VERDON

Eu sei o que você está pensando propõe um enigma que parece insolúvel. Um homem recebe pelo correio uma carta provocadora que termina da seguinte forma: “Se alguém lhe dissesse para pensar em um número, sei em que número você pensaria. Não acredita? Vou provar. Pense em qualquer número de um a mil. Agora veja como conheço seus segredos.”

O destinatário, Mark Mellery, pensa no número 658 e, ao abrir um envelope que acompanha a mensagem, descobre que o autor da carta previu corretamente o número que ele acabara de escolher de modo aleatório. Como isso seria possível?

Desesperado com os bilhetes ameaçadores que se seguem à carta, Mark, um guru da autoajuda, procura um velho colega de

faculdade, o brilhante detetive David Gurney, recentemente aposentado do Departamento de Polícia de Nova York.

Aos 47 anos, 25 deles dedicados a desvendar terríveis casos de homicídio, David acaba de se mudar com a esposa, Madeleine, para uma fazenda no interior do estado e tenta se adaptar a um novo estilo de vida. Mas sua mente, extremamente lógica, é fisgada pelo quebra-cabeça apresentado por Mark.

O “superdetetive”, apelido que ganhou da imprensa no auge da carreira, percebe que encontrou um vilão à sua altura quando as estranhas ameaças terminam em morte. Tudo leva a crer que o assassino, além de ser clarividente, cometeu um crime impossível, deixando pistas sem sentido e desaparecendo no meio do nada.

Consumido pelo desafio de encontrar uma resposta lógica para o caso, David aceita trabalhar como consultor na investigação, colocando em risco seu já debilitado casamento e até mesmo sua vida.

Considerado uma revelação, John Verdon criou em seu livro de estreia um personagem denso, cerebral, capaz de resolver crimes dignos de Hercule Poirot e Sherlock Holmes. Aclamado pelo público e pela crítica, *Eu sei o que você está pensando* foi editado em 24 países.

Table of Contents

Capa
Créditos
Prólogo
Primeira parte
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25

Segunda parte
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Terceira parte
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64

Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Conheça outro título do autor
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos



BIBLIOTECA
DO EXILADO